

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

CAROLINA BORTOLETO FIRMINO

**GÊNERO E POSICIONAMENTO NO ESPORTE:
A NOTICIABILIDADE NO JORNALISMO ESPORTIVO FEMINISTA DO DIBRADORAS**

**BAURU
2021**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

CAROLINA BORTOLETO FIRMINO

**GÊNERO E POSICIONAMENTO NO ESPORTE:
A NOTICIABILIDADE NO JORNALISMO ESPORTIVO FEMINISTA DO DIBRADORAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Comunicação sob a orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura.

**BAURU
2021**

F525g

Firmino, Carolina Bortoleto

Gênero e posicionamento no esporte : a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista do Dibradoras / Carolina Bortoleto Firmino. -- Bauru, 2021

513 p. : tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientador: Mauro de Souza Ventura

1. Jornalismo esportivo feminista. 2. Esporte. 3. Feminismo.
4. Valores-notícia. 5. Mapa cultural. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE CAROLINA BORTOLETO FIRMINO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 24 dias do mês de setembro do ano de 2021, às 14:30 horas, no(a) via sistemas de videoconferência e outras ferramentas para comunicação a distância, realizou-se a DEESA DE TESE DE DOUTORADO de CAROLINA BORTOLETO FIRMINO, intitulada **Gênero e posicionamento no esporte: a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista do Dibradoras**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA, Orientador (Participação Virtual), do Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design de Bauru; Professora Doutora ANGELA MARIA GROSSI (Participação Virtual), do Departamento de Comunicação Social / Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru; Professora Doutora MARIA CRISTINA GOBBI (Participação Virtual), do Departamento de Comunicação Social / Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru; Professora Titular MONICA REBECCA FERRARI NUNES (Participação Virtual) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo / Escola Superior de Propaganda e Marketing; Professora Doutora TARCYANIE CAJUEIRO SANTOS (Participação Virtual) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura / Universidade de Sorocaba. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: **APROVADA**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo Presidente da Comissão Examinadora.

Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA

À minha avó **Ivete** (in memoriam), meu anjo da guarda.
Aos meus pais, **Celso** e **Gelcilene**,
e meu irmão, **Lucas**, minha maior torcida.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é resultado de amadurecimento. O último ano colocou à prova toda a força que acumulei chegando até aqui. Uma pandemia, uma cirurgia inesperada e um luto fizeram tudo mais difícil. Minha avó partiu em janeiro de 2021 e deixou um vazio com o qual estou lidando nos últimos meses. Por isso, não poderia iniciar estes agradecimentos sem falar sobre a saudade que sinto diariamente e como isso influenciou na conclusão da tese. Ivete é minha pessoa preferida. Agradeço pela vida que tive ao lado dela e pela forma como comemorou as minhas conquistas. Na sua simplicidade, valorizava a educação e sempre admirou a profissão que escolhi.

Jornalista, mestre e doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista. Desde 2008, todos os dias, a Unesp esteve comigo. Lugar que me inspirou sonhos e trouxe os melhores amigos. Na Unesp, eu aconteci. Agradeço à instituição e seus funcionários pelo acolhimento, assim como à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiar este trabalho. À confiança de meu orientador, Mauro de Souza Ventura, com quem dividi a trajetória acadêmica desde a graduação. À banca de qualificação, pelas sugestões valiosas, e aos membros da banca de defesa, por dedicarem tempo à leitura de tantas páginas.

Aos personagens que fizeram esta pesquisa possível: atletas, jornalistas e mulheres feministas com quem conversei, em especial às “dibras”, que estiveram dispostas a colaborar durante todo o processo.

Aos meus pais, de quem recebi apoio e amor incondicional. Ao meu irmão, pela escuta sem questionamentos. Aos meus familiares, que torcem pelo meu sucesso.

Aos amigos da pós-graduação, em especial a Dani, pelas conversas metodológicas, e Érika, pela parceria em tantos artigos. Aos amigos de Unesp e de Editora Alto Astral, minha família em Bauru. Às amigas da infância em Andradina, seguimos juntas. Aos amigos que permanecem, Jô, Vanessa, Lucas Rocha, Bruno, Ana e outros tantos.

Agradeço às minhas companheiras de luta que desejam uma sociedade mais igualitária e livre: mulheres diversas, guerreiras quase sempre cansadas e, ainda assim, admiráveis.

*“Esse crime, o crime sagrado de ser divergente,
nós o cometeremos sempre”*

Patrícia Rehder Galvão (Pagu)

RESUMO

A condição feminina no esporte continua travando lutas contra a desigualdade: salários, oportunidades, investimentos e credibilidade são amplamente definidos conforme o gênero. Já o imaginário social ainda indica que mulheres e homens atletas deveriam atuar sob esferas diferentes: para eles, esportes de performance e impacto corporal que simbolizam força e virilidade; para elas, estética, beleza e sensualidade surgem como fatores mais importantes na divisão das modalidades. A mídia, por sua vez, reforça invisibilidades com a predominância do futebol masculino nas coberturas esportivas. Na intenção de apontar essas e outras contradições, o blog Dibradoras surge em 2015, com uma atuação posicionada, engajada e que se ocupa de conferir protagonismo às mulheres no esporte. Segundo Stuart Hall (1998), todas as notícias são produzidas a partir de mapas culturais de significados do mundo social acionados pelos jornalistas. Assim, nesta tese, conceituamos a cobertura do Dibradoras como jornalismo esportivo feminista, que se apoia num mapa cultural do esporte ressignificado e em transformação, cujas características delimitamos ao final desta pesquisa. Com o objetivo de identificar aspectos desse novo mapa que fundamenta a produção social da notícia no blog, além de nos aprofundarmos nas discussões sobre gênero e esporte e imprensa feminista, analisamos o Dibradoras a partir das três instâncias de noticiabilidade propostas por Gislene Silva (2014). Elas estão na origem dos fatos, no tratamento dos fatos e na visão dos fatos: primeira diz respeito aos valores-notícia, a segunda está centrada na organização que produz o conteúdo, e a terceira se apoia em fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo. O corpus de análise é composto por textos publicados em 2018 – ano em que o Dibradoras passou a integrar a blogosfera do UOL e foi projetado nacionalmente –, além de entrevistas com profissionais do campo esportivo. Entre os resultados, concluímos que a noticiabilidade no Dibradoras se desenvolve ao mesmo tempo em que as jornalistas responsáveis por ele se reconhecem como mulheres feministas e fazem uma autocrítica a respeito do seu papel enquanto porta-vozes do debate da participação feminina no esporte. Além disso, em uma compreensão teórica e empírica do jornalismo esportivo feminista e do mapa cultural esportivo ressignificado e em transformação estabelecemos 20 princípios que podem servir como base para outras produções. Essas novas narrativa funcionam como parte do processo de mudança para conferir protagonismo e oportunidade às mulheres, e reforçar seu lugar no esporte.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo feminista; Esporte; Feminismo; Dibradoras

ABSTRACT

Women's situation in sports continues to struggle against inequality: wages, opportunities, investments and credibility are broadly defined by gender. But the social imagination still indicates that women and men athletes should act in different spheres: for men, performance and high impact sports that symbolize strength and virility; for women, aesthetics, beauty and sensuality emerge as the most important factors in the division of modalities. The media, also, reinforces invisibilities with the predominance of men's football in sports coverage. With the intention of pointing out these and other contradictions, the Dibradoras blog appears in 2015, with a well positioned, engaged action concerned with giving women visibility and prominence in sports. According to Stuart Hall (1998), all news are produced from cultural maps of meanings in the social world triggered by journalists. Thus, in this thesis, we define the coverage of Dibradoras as feminist sports journalism, which is supported by a cultural map of sports that is redefined and in transformation, whose characteristics we delimited at the end of this research. In order to identify aspects of this new map that underlies the social production of news on the blog, in addition to delving deeper into gender and sport and the feminist press, we analyzed Dibradoras from the three instances of newsworthiness proposed by Gislene Silva (2014). They are the origin of the facts, how the facts are treated and the view of these facts: the first one concerns news values, the second is centered on the organization that produces the content and the third is based on ethical, philosophical and epistemological journalism. The corpus of analysis is composed of texts published in 2018 – the year that Dibradoras became part of UOL's blogosphere and was nationally projected for a broader audience – as well with interviews with well-known names in the branch. Among the results, we conclude that newsworthiness in Dibradoras develops at the same time as it's journalists recognize themselves as feminist women and make a self-criticism about their role as spokespersons of the debate on women's participation in sports. Furthermore, in a theoretical and empirical understanding of feminist sports journalism and the cultural map of sports that is redefined and in transformation, we establish 20 principles that can be used as a basis for other productions. These new narratives work as part of the process of change to give women prominence, opportunity and reinforce their place in sport.

Keywords: Feminist sports journalism; Sport; Feminism; Dibradoras

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Justificativas de escolha dos entrevistados	149
Quadro 2: Descrição das categorias	181
Quadro 3: Proposta de tabela com valores-notícia	188
Quadro 4: Perguntas estabelecidas para análise na Etapa 3	219
Quadro 5: Análise da categoria Ação	220
Quadro 6: Análise da categoria Discussão	223
Quadro 7: Análise da categoria Personalidade	230
Quadro 8: Análise da categoria Pessoalidade	235
Quadro 9: Análise da categoria Poder.....	240
Quadro 10: Análise da categoria Reação	246
Quadro 11: Análise da categoria Técnica	257
Quadro 12: Análise da categoria Violência	265
Quadro 13: Mapa cultural do esporte ressignificado	282

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porcentagens de divisão das categorias	189
Gráfico 2: Porcentagens de divisão da produção do blog em 2018	198
Gráfico 3: Porcentagens de textos com e sem aspas	201

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Informações sobre as entrevistas realizadas	148
Tabela 2: Publicações no blog Dibradoras em 2018	150
Tabela 3: Publicações com meninas e mulheres protagonistas	158
Tabela 4: Publicações com homens protagonistas	164
Tabela 5: Publicações com protagonista não identificado	166
Tabela 6: Publicações sobre futebol feminino e outros recortes da modalidade	168
Tabela 7: Publicações da categoria Ação	182
Tabela 8: Publicações da categoria Discussão.....	183
Tabela 9: Publicações da categoria Heroínas	184
Tabela 10: Publicações da categoria Pessoaalidade	185
Tabela 11: Publicações da categoria Poder	185
Tabela 12: Publicações da categoria Reação	186
Tabela 13: Publicações da categoria Técnica	186
Tabela 14: Publicações da categoria Violência	187

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Anúncio da partida de futebol. A Gazeta, 1921.....	51
Figura 2: Fotografia do time de “jogadoras de picadeiro”. A Cigarra, 1926	53
Figura 3: Manchete de jogo no Pacaembu. O Radical, 1940	54
Figura 4: Equipe do S.C.Brasileiro. A Noite, 1940	54
Figura 5: Manchete O Imparcial, 1941.....	57
Figura 6: Manchete O Imparcial, 1941.....	57
Figura 7: Manchete O Imparcial, 1941	58
Figura 8 :Manchete sobre a equipe do Primavera A.C. A Gazeta, 1941	59
Figura 9: Exposição Contra-ataque!, 2019.....	61
Figura 10: Jogadoras da equipe do Vitória. Esporte Ilustrado, 1956	63
Figura 11: Capa do jornal Brasil Mulher, 1975	94
Figura 12: Poema no jornal Brasil Mulher, 1977	100
Figura 13: “Mulher na boca do gol”. Nós Mulheres, 1977	101
Figura 14: “Isto é coisa de menina”. Nós Mulheres, 1977	102
Figura 15: Nota publicada no jornal Mulherio, 1982	103
Figura 16: Nota publicada no jornal Mulherio, 1982	103
Figura 17: Nota publicada no jornal Mulherio, 1982	103
Figura 18: “De Atenas a Los Angeles”. Mulherio, 1984	104
Figura 19: “Angélica campeã”. Mulherio, 1984	105
Figura 20: “As novas mulheres de Atenas”. Mulherio, 1985	106
Figura 21: “Com a camisa do lado avesso” parte 1. Mulherio, 1986	107
Figura 22: “Com a camisa do lado avesso” parte 2. Mulherio, 1986	107
Figura 23: "Mulher ainda não entra". Mulherio, 1987	108
Figura 24: "Na marca do gol". Mulherio, 1988	109
Figura 25:"Hortência: drible na polêmica". Mulherio, 1988	110
Figura 26: Tweet da CBF com trecho do Manifesto #DeixaElaTrabalhar	113
Figura 27: Tweet do Cruzeiro com trecho do Manifesto #DeixaElaTrabalhar	114
Figura 28: Enquete Revista Placar, 1981	120
Figura 29: “A Bela... E as feras”, Revista Placar, 1983	121
Figura 30: Capa da Revista Placar, 1984	122
Figura 31: Capa da Revista Placar, 1995	123
Figura 32: “Corpo a corpo”. Revista Placar, 1995	124

Figura 33: "O melhor do jogo". Revista Placar, 1995	125
Figura 34: "A festa do terceiro tempo". Revista Placar, 1995	126
Figura 35: Capa da Revista Placar, 1996	127
Figura 36: Capa da Revista Placar, 2014	128
Figura 37: Capa da Revista Placar, 2019	129
Figura 38: Fundadoras do blog Dibradoras	141
Figura 39: O termo "dibras" é uma abreviação de Dibradoras	144
Figura 40: O posicionamento do blog está nos textos e na identidade visual	144
Figura 41: Esquema com a organização das etapas de análise	180
Figura 42: Esquema com o resultado da categorização	190
Figura 43: Tweet feito pelo perfil Dibradoras	193
Figura 44: Foto vencedora do concurso cultural da OTB Sports	214

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
PARTE I – PERCURSO TEÓRICO	24
2 SEXO, GÊNERO E DESIGUALDADES	25
2.1 GÊNERO E ESPORTE	30
2.1.1 Identificação	37
2.1.2 Representatividade	43
2.1.3 Resistência	49
2.2 EMPODERAMENTO PARA IGUALDADE NO ESPORTE	64
2.2.1 Esporte como desenvolvimento	66
2.2.2 Esporte como democracia	68
2.2.3 Esporte como pauta feminista	70
2.3 JORNALISMO DE ENGAJAMENTO	73
2.4 PRODUÇÃO SOCIAL DA NOTÍCIA NO JORNALISMO ESPORTIVO	77
PARTE II – CONTEXTUALIZAÇÃO	84
3 BREVE HISTÓRICO DA IMPRENSA FEMINISTA NO BRASIL	85
3.1 A IMPRENSA FEMINISTA A PARTIR DE 1975	89
3.1.1 Brasil Mulher	92
3.1.2 Outros exemplos	95
3.1.3 Esporte como pauta secundária	99
3.1.4 Reinvenção da imprensa feminista no Brasil	111
4 COBERTURA ESPORTIVA NO BRASIL: O ESPORTE COMO NOTÍCIA	116
4.1 REVISTA PLACAR	120
4.2 COMO A IMPRENSA ESPORTIVA SEMPRE FOI	130
PARTE III – OBJETO, OBJETIVOS E METODOLOGIAS	140
5 OBJETO: DIBRADORAS	141
5.1 OBJETIVOS	145
5.1.1 Geral	145
5.1.2 Específicos	146
5.2 METODOLOGIAS.....	146
5.2.1 Pesquisa bibliográfica	147
5.2.2 Entrevistas	147
5.2.3 Análise de conteúdo	149
PARTE IV – ANÁLISE	174

6 ETAPAS DA ANÁLISE	175
6.1 ETAPA 1 - CATEGORIZAÇÃO NA ORIGEM DOS FATOS	175
6.2 ETAPA 2 - PRODUÇÃO NO TRATAMENTO DOS FATOS	176
6.3 ETAPA 3: POSICIONAMENTO NA VISÃO DOS FATOS	177
7 CORPO DA ANÁLISE	180
7.1 CATEGORIZAÇÃO E VALORES-NOTÍCIA	180
7.2 DIAGNÓSTICO DA PRODUÇÃO	191
7.3 POSICIONAMENTO E VISÃO DOS FATOS	213
7.3.1 Quadros de análise	220
PARTE V – CONTRIBUIÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	279
8 JORNALISMO ESPORTIVO FEMINISTA	280
8.1 MAPA CULTURAL DO ESPORTE RESSIGNIFICADO	282
9 CONCLUSÃO	284
REFERÊNCIAS	287
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	296

INTRODUÇÃO

Esta tese nasce da urgência de uma produção científica feminista e com posicionamento. Por isso, iniciamos afirmando nosso pertencimento ao tema e a compreensão de que a Ciência não é neutra, porque não se separa de contextos sociais e políticos. Segundo Ann Gray (1997), a pesquisa feminista não é só aquela feita por mulheres, com mulheres e para mulheres. Ela requer um caminho “desenvolvido através de uma política e uma prática onde o político, o teórico e o epistemológico têm sido pensados juntos para entender, analisar, explicar e criticar a posição da mulher na sociedade” (GRAY, 1997, p.98). Isso permitiu que as questões relacionadas a gênero, poder, patriarcado, protagonismo feminino e outras pautassem as decisões tomadas ao longo do deste estudo.

Então, mais do que classificar este ou aquele método como feminista, é importante utilizá-lo sob uma perspectiva não sexista. Desde o início, seguimos o caminho contrário ao da Ciência androcêntrica – que utiliza o comportamento masculino como padrão universal – e positivista, que encoraja a imagem de um cientista isento de suas crenças, valores e ideologias. Nosso estudo possui gênero e propõe outro significado para a objetividade que aparece associada ao masculino. Defendemos o compromisso com a mudança, com a problematização, com a diversidade, com as vivências e subjetividades que possam contribuir para quebrar paradigmas, e dar novo sentido às experiências de mulheres no contexto esportivo. Para desenvolver a pesquisa, apoiamos-nos em decisões necessárias, que passam pela seleção do objeto de estudo, da bibliografia, das metodologias e da maneira de conduzir as discussões e análises.

O blog Dibradoras produz um conteúdo de gênero voltado para o esporte e é desenvolvido por jornalistas que se entendem feministas, fator determinante para sua escolha como objeto desta investigação. Na bibliografia, priorizamos obras e produções científicas de mulheres, com espaço para aquelas que estão fora do eixo eurocêntrico. Já o percurso metodológico caminha pela combinação de técnicas em uma tentativa de expandir os olhares sobre o tema da pesquisa, a fim de tornar as reflexões mais plurais e humanizadas. Isso se tornou possível por meio de entrevistas com atletas, ex-atletas, gestoras, jornalistas e comentaristas, que complementaram o aporte bibliográfico e serviram à análise. Destacamos ainda a opção de utilizar no texto o primeiro nome das autoras – em vez de apenas o

sobrenome – ao retomar citações anteriores, e lembrar nome e sobrenome sempre que necessário, a fim de oferecer protagonismo e personalidade a essas mulheres. É importante pontuar que nenhuma dessas escolhas prejudicou o desenvolvimento da tese, elas conferiram profundidade e perspectivas diferentes para o fazer Ciência. Apresentadas tais considerações, damos início à apresentação do caminho percorrido até a conclusão.

No livro *A Criação do Patriarcado* (1986/2019), a historiadora Gerda Lerner defende que homens e mulheres são artistas que estão em um palco da vida desempenhando papéis específicos e importantes. É como se a peça que é a vida não pudesse continuar sem que os dois estejam presentes. Nada é secundário ou dispensável, no entanto, o cenário é criado e definido por homens. São eles que escrevem, dirigem, interpretam e se auto escalam para representações heroicas e interessantes, restando às mulheres os papéis coadjuvantes.

Usamos a mesma analogia para afirmar que o palco da vida e o palco do esporte têm estruturas parecidas. Neles, os indivíduos se apresentam a fim de desempenhar seus melhores papéis, e assim são analisados, julgados, aceitos ou excluídos. No primeiro, as medalhas e os prêmios por boa performance nem sempre são literais, algo que acontece no segundo. Porém, em ambos, as diferenças – de oportunidade, desenvolvimento e reconhecimento – ficam visíveis. De predominância masculina desde as Olimpíadas da Grécia Antiga, a prática esportiva representava a exaltação ao corpo nu e ao comportamento de herói, que tinha como requisitos força física, tamanho corporal e habilidades. Da mulher, esperava-se fragilidade e delicadeza para maternar até que, em Paris (1900), houve a primeira participação feminina oficial em Olimpíadas – mas ainda com muitas restrições.

No palco da vida, Gerda explica que, conforme as mulheres entendem que há diferenças na maneira como se encaixam na peça, começam a pedir mais igualdade na distribuição dos papéis. O momento chega, mas aí surge a necessidade de se qualificar, em termos novamente definidos pelos homens. São eles que julgam, permitem ou negam o que elas precisam fazer. No geral, dão preferência às mulheres que se submetem ao que é imposto e, ainda que sejam perfeitas para o que vão fazer, são ridicularizadas por acreditarem nisso (LERNER, 1986/2019). A historiadora entende que observar a História como se fosse uma peça ajuda a perceber que a atuação de homens e mulheres foi registrada pelos homens, com a palavra de

homens, de maneira que pouco se observou o que mulheres viveram, conquistaram e transformaram.

O esporte faz parte dessa realidade e reproduz o mesmo processo. Mais uma vez e em suas diversas esferas, repete o roteiro da peça: seja no campo do jornalismo, do esporte de competição ou na gestão esportiva, a busca por igualdade é incessante e, enquanto avanços acontecem, novas barreiras surgem e precisam ser derrubadas. Nossa pesquisa faz contribuições sobre todos esses campos e se dedica a questionar o jornalismo que cobre esportes, cuja História mostra o que se determinou como prioridade: modalidades masculinas, sob a orientação de homens e com o objetivo de oferecer a eles esse conteúdo. Encontrar maneiras de superar esse panorama é uma luta que permeia décadas, e as tentativas de ocupar cada vez mais espaços não é nova. A novidade é o jornalismo esportivo feminista – que contempla pautas com posicionamento e recorte de gênero.

Em consonância com essa explicação, nossa tese é de que o jornalismo esportivo feminista se desenvolve a partir de um mapa cultural do esporte que está em constante transformação para acompanhar novas demandas de enfrentamento e exposição das desigualdades entre homens e mulheres nesse campo. Defendemos que, no Brasil, desde 2015, esse papel é desempenhado de forma pioneira pelo blog Dibradoras, que tem produção 100% feminina e independente. Ele incentiva o empoderamento daquelas que se distanciaram do esporte ao longo da História e se apoia em transformações pessoais a fim de contribuir com a evolução da cultura esportiva de mulheres. Para isso, o blog serve como canal de denúncia que aborda o descaso das instituições e o contraste de oportunidades, promove protagonismo de atletas, jornalistas, narradoras, gestoras e profissionais diversas inseridas no meio, assim como desconstrói ideias e afirmações baseadas em preconceitos.

O Dibradoras ganhou destaque nas redes sociais durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016), período em que o evento colocou a imprensa esportiva brasileira como vitrine para o mundo. Na época, tratava de questões como: por que elas ainda gostam e praticam menos esporte que os homens? Como a menstruação e a gravidez podem ser transformadas em vantagem para as atletas? Por que a ginástica artística é só para mulheres? O projeto se mantém ativo desde então, e passou a integrar a

seção de esporte do portal UOL em 2018¹, com reportagens de projeção nacional. Além disso, está presente no Facebook, no Instagram, no Twitter, no Youtube, e em formato de podcast semanal disponível no Spotify e outras plataformas.

Em setembro de 2020, entrou para o ranking mundial² da Federação Internacional de Futebol (FIFA) como um dos melhores blogs, podcasts e escritores que produzem conteúdo sobre futebol feminino. A lista foi disponibilizada no Twitter e tem 77 perfis, sendo que somente quatro são brasileiros: Sem Barreira – Futebol Feminino, Bola Mulher, Planeta Futebol Feminino e o Dibradoras, único a cobrir outras modalidades além do futebol e questões intrínsecas a elas. A noção desse pioneirismo se deu a partir da busca online sem resultados por formatos nacionais semelhantes, dos debates realizados em eventos acadêmicos, das entrevistas com profissionais envolvidos nesse contexto, da vivência com a pesquisa de jornalismo esportivo e questões de gênero, e do consumo de programas televisivos, revistas, sites e podcasts da mesma temática.

Nosso trajeto começa na Parte I - Percurso teórico. No capítulo 2, abordamos com profundidade conceitos essenciais que permearam toda a pesquisa: gênero (BUTLER, 1990/2003; LOURO, 1997; CARNEIRO, 2003; OGLESBY, 1981; RIBEIRO, 2018 e SCOTT, 1986/1995), empoderamento (BATLIWALA, 1997; BERTH, 2018; SARDENBERG, 2006), jornalismo de engajamento (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2012; BELL, 1998 e 2003; DORNELLES, 2008) e a produção social da notícia (HALL, CRITCHER, JEFFERSON, CLARKE e ROBERTS, 1978). Gênero, empoderamento, jornalismo de engajamento e produção social da notícia são conceitos que funcionam como pilares importantes na discussão sobre a relação da mulher com a prática esportiva. Precisamos entender o papel do gênero nas limitações e diferenças impostas às meninas e mulheres em seu pertencimento a qualquer esporte; a maneira como o empoderamento por meio da informação, da representatividade e da identificação podem ressignificar interpretações individuais e coletivas sobre essa condição; a relevância do jornalismo engajado, que não se esconde atrás da objetividade para sufocar temáticas necessárias que conflitam com interesses de grupos dominantes na sociedade; e, por fim, o que se entende por notícias construídas socialmente e por que isso pode influenciar na normalização de crenças limitantes e

¹ Desde junho de 2021, o Dibradoras não faz mais parte da blogosfera do UOL Esporte e mantém site próprio no domínio <https://dibradoras.com.br/>

² Disponível em: <https://twitter.com/i/lists/814900555613171712?s=20>

ideias reproduzidas ao longo da História. Discutimos esses dois últimos pontos para reafirmar nossa defesa a uma imprensa feminista e livre de preconceitos.

A parte II – Contextualização – trata historicamente da imprensa feminista (BUITONI, 1981/2009; DUARTE, 2017; ESCOSTEGUY, 2016; FREITAS, 2018; HOLLANDA, 2018; PINTO, 2003) e do jornalismo esportivo (BAHIA, 1990; CARAUTA, 2016; COAKLEY, 2017; COELHO, 2003; SOARES, 1994; RIBEIRO, 2007) com foco no Brasil. Resgatamos a origem dos folhetins, jornais e revistas produzidos por mulheres, com destaque para o período da ditadura militar (1964-1985). Na época, os movimentos sociais repercutiam suas causas e usavam a imprensa clandestina para se comunicar. No entanto, as mulheres que estavam proibidas de jogar futebol em função do decreto-lei instituído por Getúlio Vargas desde 1941 eram pouco lembradas ao se discutir machismo e desigualdades. A urgência estava na agenda dos direitos considerados essenciais e na sobrevivência às perversidades de um governo antidemocrático.

Para entender o esporte como notícia, passamos pela popularização do futebol, pelo radiojornalismo esportivo, pelos primeiros suplementos e jornais até chegar às transmissões na televisão. O futebol é o esporte mais popular no Brasil, foi ele o responsável por revelar o jornalismo esportivo e impulsionar mudanças significativas na área, além de dominar a mídia e os investimentos até os dias atuais. Por outro lado, a proibição da prática por mulheres durante quase 40 anos resultou no atraso de décadas para o desenvolvimento de atletas e equipes femininas. Retomar a trajetória da modalidade e destacar representações, oportunidades ou invisibilidades ajuda a desconstruir a ideia de que elas não se identificam com o futebol. Nos dedicamos ainda a buscar pesquisas que contribuíram para diagnosticar as bases masculinas do jornalismo esportivo (CHERYL COOKY, MESSNER e MUSTO, 2015; COAKLEY, 2018) e o mapa cultural no qual ele esteve se apoiando século após século (HALL, CRITCHER, JEFFERSON, CLARKE e ROBERTS, 1978).

Na Parte III – Objeto, objetivos e metodologias –, apresentamos o objeto, que é o blog Dibradoras, os nossos objetivos com a pesquisa e definimos as escolhas metodológicas. O objetivo geral é definir o jornalismo esportivo feminista como proposta pioneira na cobertura de esportes no Brasil e compreender as características de sua noticiabilidade. Diante disso, foram estabelecidos objetivos específicos:

- 1) Tratar teoricamente e historicamente das relações do esporte com gênero, feminismo e imprensa;
- 2) Caracterizar a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista a partir da análise da cobertura do blog Dibradoras;
- 3) Discutir o mapa cultural esportivo ressignificado no qual o Dibradoras fundamenta seu trabalho

A metodologia reúne revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas feitas com pessoas úteis à evolução da tese, técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e a compreensão proposta por Gislene Silva (2014) para identificar a noticiabilidade do jornalismo esportivo feminista do Dibradoras. Segundo Gislene (2014, p.67), essa discussão possibilita diferentes conceitos e abordagens, visto que não há uma fórmula universal para definir noticiabilidade, nem uma estrutura fixa ou consolidada. Por isso, não é nosso propósito esgotar o debate a respeito desse tipo de cobertura, mas fazê-lo a fim de caracterizar a prática e promover sua aplicabilidade em outros canais de comunicação. Constam neste capítulo o percurso até a definição do *corpus* final. Temos a tabela 3, com as 249 publicações do blog de março a dezembro de 2018 que, posteriormente, foram divididas nas tabelas 4 – Publicações com mulheres protagonistas (191 títulos), 5 – Publicações com homens protagonistas (nove títulos) e 6 – Publicações com protagonistas não identificados (49 títulos). Nesta última, reunimos os textos em que não está clara a referência a uma mulher ou uma equipe feminina, por exemplo. A partir desses dados, realizamos mais um recorte para excluir todas as publicações com referência a outra modalidade que não seja o futebol feminino; também mantivemos os títulos sobre mulheres inseridas no jornalismo esportivo, assim como personalidade do futebol, torcedoras. Com isso, chegamos à tabela 7 – Publicações sobre futebol feminino e outros recortes da modalidade. São 159 publicações nessa tabela principal.

Ainda na Parte III, explicamos quais serão as etapas de análise apoiadas nas instâncias que Gislene Silva (2014) utiliza para tratar da noticiabilidade que, segundo a autora, está na composição de três instâncias: a origem dos fatos, a seleção ou tratamento dos fatos e a visão dos fatos. Cada uma delas se refere a uma etapa de nossa análise, disposta na Parte IV. Na Etapa 1 é onde se definem os valores-notícia ou atributos próprios, que consideram as características típicas de um fato. Para

chegar até eles, apoiamo-nos na análise de conteúdo, que prevê uma categorização a partir da leitura preliminar dos textos. As categorias são: Ação, Discussão, Personalidade, Pessoalidade, Poder, Reação, Técnica e Violência. Cada uma delas estabeleceu um valor-notícia que se dá na seleção primária e abre caminho para a Etapa 2, centrada na seleção hierárquica, que considera fatores próprios da organização que produz o conteúdo. Essa etapa foi desenvolvida a partir da interpretação de informações obtidas com as entrevistas, na qual abordamos assuntos como divisão de pautas, relação com as fontes, escolha das imagens, *feedback* do público, diálogo com o UOL, decisões editoriais e outros temas que integram o trajeto da noticiabilidade. Já a Etapa 3 se apoia em fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, na qual buscamos observar a estrutura e o conteúdo dos textos para compreender tais fundamentos, o que fizemos a partir de 10 perguntas pré-estabelecidas igualmente para cada uma das categorias.

Por fim, na Parte V – Contribuições e Considerações finais – trazemos uma reflexão a partir da questão de pesquisa que guiou esta tese: como é o mapa cultural esportivo ressignificado no qual o Dibradoras se apoia e com o qual contribui para transformar o olhar que meninos e homens têm sobre as mulheres no esporte; que meninas e mulheres têm sobre mulheres no esporte; e que elas têm sobre si mesmas no esporte? Assim, reconhecemos o potencial inovador e singular dessa abordagem, e esperamos desmistificar conceitos de objetividade e ausência de posicionamento quando se trata de defender os direitos das mulheres e o seu pertencimento livre das amarras patriarcais. O jornalismo esportivo feminista possibilita protagonismo àquelas que tiveram suas conquistas minimizadas, compreensão das desigualdades e respeito às diferenças, além de ser uma via, entre as diversas necessárias, no processo de empoderamento de meninas e mulheres no campo do esporte.

PARTE I – PERCURSO TEÓRICO

2 SEXO, GÊNERO E DESIGUALDADES

De que maneira as desigualdades entre homens e mulheres dificultam o desenvolvimento delas em sociedade? Este capítulo se dedica a compreender como o gênero foi e ainda é um fator de argumentação para limitar a autonomia das mulheres e seu pertencimento a setores sociais diversos. No entanto, sabemos que o ser mulher não tem forma homogênea, e entendemos que as marcas de raça, classe, região, etnia, religião ou sexualidade promovem prejuízos em diferentes graus. Por isso, nos comprometemos a lembrar as diferenças e dar significado a elas em nossas discussões. No decorrer do capítulo, direcionamo-nos para o terreno de gênero e esporte, mas, para começar, os parágrafos seguintes se dedicam a inserir o conceito de gênero por meio de uma intersecção de ideais de Joan Scott (1986/1995) e Judith Butler (1990/2003).

Segundo Joan (1986/1995) o termo gênero foi utilizado através dos séculos em seu modo figurado, a fim de abordar traços sexuais ou de caráter. Nos anos 1990, entretanto, feministas começaram a usar a palavra para definir a organização social da relação entre os sexos. A historiadora explica que, entre aquelas que adotaram o termo em suas pesquisas, havia um grupo que sustentava os estudos sobre as mulheres como potencial transformador de paradigmas. Não apenas isso, enxergavam um meio de examinar premissas e critérios do próprio trabalho científico.

Pesquisadores sugeriram ainda colocar classe, raça e gênero em status de paridade, enquanto outros adotaram o termo gênero como sinônimo de mulheres, em uma tentativa de se fazer reconhecer o campo de pesquisa com mais seriedade. É refletindo sobre usos descritivos da palavra que Joan inicia o artigo Gênero: uma categoria útil de análise histórica (1986/1995) passando ainda por aplicações em teorias do patriarcado, psicanalíticas e outras. No entanto, o que é proposto por ela vai além: desconstruir e reformular essas conceitualizações de gênero. A pesquisadora explica que a preocupação em teorizar gênero como uma categoria de análise só emergiu no final do século 20, e que muitas feministas contemporâneas encontraram dificuldades em inserir o termo nas abordagens teóricas que já existiam. Por sua vez, a tentativa feminista de reivindicar essa definição seria uma maneira de expor a dificuldade dessas teorias em fundamentar explicações para as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens (SCOTT, 1986/1995).

Então, ela propõe que se articule o gênero como uma categoria analítica e, em vez de buscar origens únicas como fazem os historiadores, pensar em processos interconectados para entender como eles acontecem, ou seja, procurar explicações baseadas em significados. Diante disso, indica que sua definição de gênero passa por duas partes e seus subconjuntos, sendo que o núcleo disso se conecta por duas proposições: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma fonte primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1986/1995, p. 86). Isso significa que o primeiro ponto para pensar o gênero como categoria é entender que, apesar de ser diferente de sexo, são as relações desenvolvidas pelos atores sociais que constroem o gênero, e assim é possível identificar semelhanças e diferenças entre esses sujeitos. O outro ponto trata do reconhecimento dessas relações como determinantes nas relações de poder, ou seja, os sujeitos têm suas representações hierarquizadas e assimétricas em função das relações de gênero.

Diante disso, Joan apresenta esse núcleo dividido em quatro elementos que se relacionam: símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas; os conceitos normativos usados para interpretar esses símbolos e que limitam suas possibilidades metafóricas; a noção de fixidez, em que essas posições normativas aparecem como produto do consenso social; e identidade subjetiva do termo, que por vezes acaba negando a relevância de uma investigação histórica. A historiadora argumenta que os dois elementos constituem a parte histórica da definição proposta por ela. A teorização, no entanto, se dá nos terceiro e quarto elementos, quando ela define que gênero e poder se constroem reciprocamente, que “os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização simbólica de toda a vida social” (SCOTT, 1995, p. 89) e detém função legitimadora.

Na parte histórica da explicação temos contato com a influência das relações simbólicas e culturais nas relações de gênero. Isso significa que pensar o gênero tem ligação direta com o pensar as representações do que é o masculino e o feminino simbólica e culturalmente. Dessa maneira, quando chega aos dois últimos elementos, Joan desarticula a fixidez do conceito depois de mostrar as origens históricas da repressão, que resulta na noção política do gênero, que o compreende também por meio das instituições sociais. Para ela, é preciso reconhecer que homem e mulher são “categorias vazias e transbordantes” porque não possuem um significado definitivo e,

ao parecer que estão fixadas, surgem definições e compreensões alternativas, negadas ou suprimidas, nos permitimos acrescentar outra percepção ao cenário: a de que homens e mulheres são sujeitos de uma sociedade em constante transformação, com experiências cotidianas que mudam a todo tempo.

Conforme afirma Joan Scott (1986/1995), o conceito de gênero pode ainda mudar de acordo com o local e o tempo. Assim, é entendida a existência de feminilidades e masculinidades plurais, em que homens e mulheres não constituem grupos homogêneos, mas distintos, a considerar as relações sociais e de poder que os cercam. Seu conceito rejeita ainda o determinismo biológico, que reforça a oposição e as relações binárias entre os sexos. Na compreensão contemporânea – entre as feministas pós-estruturalistas – o sexo também é considerado uma construção histórica e cultural, o que faz do corpo um reflexo das formas sociais. A biologia passa a ser compreendida no campo social, onde se questiona se o sexo pertence somente ao corpo e à natureza ou se é possível interpretá-lo como cultural. Guacira Louro (1997) completa que

a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado (LOURO, 1997, p. 18).

E ao reconhecer esse processo como algo inacabado, a filósofa norte-americana Judith Butler (1990/2003) apareceu alguns anos após a publicação do artigo de Joan Scott para sugerir novas reflexões e fazer críticas a teorias existentes e outras em curso nos estudos de gênero. Em *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, ela expõe uma visão crítica à categorização que o movimento feminista faz sobre o sujeito mulher e à divisão entre gênero e sexo. Uma das perguntas que Judith (1990/2003, p. 26) faz é: “Quando teóricas feministas afirmam que o gênero é construído culturalmente, qual é o modo ou mecanismo dessa construção?”. E a partir desse questionamento a filósofa norte-americana continua suas indagações a respeito das formulações anteriores para o conceito. Ela defende que a separação entre sexo e gênero foi feita com o objetivo de abandonar interpretações biológicas sobre gênero, assim, gênero não seria consequência do sexo, mas da cultura. Segundo a autora, quando pensado dessa forma o “corpo aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou

então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma” (BUTLER, 1990/2003, p. 27).

Judith critica a compreensão do sexo como um elemento estável e do gênero como um elemento que está constantemente sendo construído e ressignificado, além da relação de separação estabelecida, em que o sexo cabe à biologia e o gênero à dimensão sociocultural. Para ela, não há distinção entre sexo e gênero, eles são igualmente produzidos:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “o sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 1990/2003, p. 25).

Quando Joan Scott possibilitou que os estudos de mulheres fossem compreendidos como estudos de gênero e abrissem as investigações acadêmicas para outros sujeitos, Judith Butler encontrou um terreno ainda mais acessível para discutir as categorias sexo e gênero fora dos binarismos. Em artigo no qual a filósofa norte-americana retoma algumas ideias de Foucault, ela afirma que o sexo é idealizado e materializado no corpo através do tempo e não deve ser entendido apenas como um fato. No ensaio *Bodies that matter* (Corpos que importam, tradução nossa), Judith (2000) indica que o sexo se dá como um processo em que normas sociais e regulatórias referentes a ele são materializadas. Por sua vez, os processos de construção do gênero emergem do interior das próprias relações de gênero e como matriz dessas relações (BUTLER, 2000, p. 157).

Isso quer dizer que o engendramento do gênero começa antes do nascimento do sujeito e não depois, tem início desde que se descobre a gravidez, quando se atribui um ele ou ela à criança, o gênero já é estabelecido, sendo que, ao longo do tempo, outros acontecimentos surgem para reforçar ou contestar algo que seria natural. Assim, “o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente

produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero” (BUTLER, 2000, p. 48).

Segundo Joan (1986/1995), ao tratarmos a oposição entre homem e mulher como problemática e não apenas contextualmente definida e repetidamente construída, é necessário ir além de colocar o gênero no centro do debate, mas observar suas compreensões implícitas e questionar por que elas continuam a acontecer:

Qual é a relação entre as leis sobre as mulheres e o poder de Estado? Por que o gênero legitimou a emergência de carreiras profissionais? Para citar o título de um artigo recente da feminista francesa Lucy Irigaray, o sujeito da ciência é sexuado? Qual a relação entre a política estatal e a descoberta do crime de homossexualidade? Como as instituições sociais incorporam o gênero nos seus pressupostos e nas suas organizações? Houve, em algum momento, conceitos de gênero verdadeiramente igualitários sobre os quais fossem projetados ou mesmo fundados sistemas políticos? (SCOTT, 1986/1995, p. 93).

A historiadora propõe aprofundamento para essas questões e exemplifica o que quis dizer com utilidade analítica do gênero, ou seja, transformar homens e mulheres em perguntas, e não os utilizar como categoria fixa. Com isso, é entendida a existência de feminilidades e masculinidades plurais, em que homens e mulheres não constituem grupos homogêneos, mas distintos, a considerar as relações sociais e de poder que os cercam. Diferente de colocar classe, raça e gênero em paridade, essas pluralidades devem considerar classe, raça e sexualidade como categorias interseccionais ao gênero – é o que defendem as feministas que pensam a interseccionalidade³ para tratar dos múltiplos sistemas de opressão, principalmente os raciais.

Para Sueli Carneiro (2003, p. 2), o feminismo negro, “construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em

³ O feminismo interseccional, que reconhece o fato de pessoas terem facetas múltiplas e camadas de vida diferentes com as quais lidar – como o racismo – só ganharia forma no final dos anos 1980. O termo interseccionalidade foi cunhado em 1989 pela professora norte-americana Kimberlé Crenshaw e depois ganhou notoriedade quando a socióloga Patricia Hill Collins reintroduziu a ideia na discussão sobre feminismo negro. É importante pontuar que o conceito de interseccionalidade é um marco da terceira onda do feminismo (1990), em que as pautas e reivindicações são expandidas para incluir mulheres diferentes e suas identidades variadas.

nossas sociedades”. Sueli explica que a unidade na luta de mulheres não depende só da superação das hegemonias masculinas, mas sim de ideologias complementares a desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. Djamilia Ribeiro (2018) indica que existe entre feministas brancas uma resistência em perceber essas especificidades, algo que distancia ainda mais mulheres entre si. Em uma sociedade regida pelo trabalho e pelo capital, Lélia Gonzalez (1982/2016) aponta o processo de tríplice discriminação (raça, classe e sexo) sofrido pela mulher negra. Isso porque o olhar que a sociedade tem sobre os corpos negros não é igual à sua interpretação sobre os corpos brancos: as invisibilidades são distintas, assim como o processo de sexualização, por mais que, juntas, elas possam lutar contra o sexismo e as imposições do patriarcado.

Sobre a noção de sexo, Joan e Judith não concordam, já que a primeira não problematiza o termo; e a segunda defende que o sexo também faz parte de um processo social e não é inato ao ser humano. Por outro lado, quando se trata da categoria gênero, ambas entendem como algo construído a partir de influências sociais e culturais e que deve ser analisada considerando espaço e tempo. Assim, esse seria um conceito aberto e passível de desconstruções, o que acentua a diversidade sobre as representações de homens e mulheres.

A fim de indicar que utilidade daremos aos termos sexo e gênero em nossa tese, retomamos os caminhos propostos por essas duas estudiosas e definimos que usaremos sexo para referenciar sua percepção biológica em estatísticas, pesquisas, teorias etc. Enquanto o gênero, categoria essencial para o desenvolvimento da pesquisa, abrangerá significados e identidades para abordar a construção do masculino e do feminino na sociedade. No próximo tópico deste capítulo, apresentaremos algumas das discussões que o termo gênero suscita no campo do esporte.

2.1 GÊNERO E ESPORTE

Características como virilidade, agressividade, força física e intelecto superior já foram qualidades associadas cientificamente ao hormônio da testosterona e, conseqüentemente, aos homens; enquanto às mulheres, reservava-se uma atitude mais emocional, passiva e menos racional sobre a vida. Segundo Angela Saini (2018,

p. 54), com a descoberta dos hormônios, os cientistas ganharam uma nova forma de explicar os estereótipos, pois acreditavam que eles influenciavam mais do que o comportamento reprodutivo, e tornavam homens mais masculinos e mulheres mais femininas. Por sua vez, a historiadora Michelle Perrot (2006/2017) retoma em seus estudos outro cenário, em que à mulher se reservava o espaço privado, dos lares, do cuidado, das mães e esposas, mas, aos homens, o espaço público, das ruas, da liberdade e da competitividade. Arriscaríamos dizer que esses são pensamentos que ficaram no século passado? E que se pudéssemos descrever a mulher dos anos 2020 escolheríamos substantivos como autonomia, individualidade, força e opinião?

A resposta é negativa, a considerar a existência de um ser plural, já que existem mulheres submetidas a realidades diferentes. Por exemplo: a mulher do cuidado não é a mulher negra. No passado, a escrava; hoje, a doméstica, que cuida do lar da patroa, mas não tem a oportunidade de cuidar do seu – e da qual nunca se espera passividade perante a vida.

O exemplo é simples, no entanto, um dos exercícios de feminismo e interseccionalidade necessários em qualquer pesquisa é questionar de que lugar partem nossas interpretações. Nessa dinâmica, é possível discutir diferentes pontos de vista ao observar um mesmo cenário. No entanto, Rebecca Solnit (2017) afirma que existe algo que une todas as mulheres, assim como os homens – ela argumenta que nossos papéis colam em nós desde a hora do nascimento:

Para as meninas, ser fofo, bonitinha, simpática e talvez passiva: cores quentes, gatinhos, flores, arabescos. Para os meninos, distância: cores frias e figuras ativas, geralmente ameaçadoras ou removidas do espaço da intimidade e da emotividade – figuras esportivas, bastões e bolas, foguetes, animais de sangue frio como répteis, dinossauros e tubarões, estranhas escolhas para mamíferos desamparados que dependem de cuidados (SOLNIT, 2017, p. 40).

Seja qual for a circunstância, da infância à vida adulta, inserir o gênero como categoria de análise é um passo para identificar as desigualdades entre homens e mulheres que persistem ao longo do tempo. Portanto, quando existe um determinismo biológico, que defende normas comportamentais e diferenças sociais – em especial de raça, classe e sexo – como herdadas e inatas, e sustenta que a ocupação de certos espaços se dá por meio disso, torna-se indispensável discutir o conceito de gênero no campo social. Conforme explica Guacira Louro (1997),

é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p.22).

E a busca por respostas demonstra ainda a necessidade de abrir esse debate para áreas de estudo que demoraram para ser aceitas nas Ciências Humanas e Sociais, como é o caso do esporte, visto que a cena esportiva – em seus diversos planos – apresenta histórica dificuldade para ascensão de mulheres. Oliveira, Cherem e Tubino (2008) explicam que, nos tempos primitivos, o esporte era confundido com a caça e os rituais religiosos – situações nas quais a mulher ajudava –, mas o seu nascimento na Grécia Antiga (776 a.C. a 393 d.C.) – que remete às Panateneias, as primeiras Olimpíadas – esteve diretamente ligado ao exercício da cidadania. Os competidores se reuniam nessas comemorações marcadas por jogos e lutas, e às mulheres era proibido até mesmo assistir. Isso porque ser um cidadão grego e participar das atividades implicava em ir para a guerra, algo que elas não podiam fazer.

Para examinar essas e outras realidades impostas a mulheres, o sociólogo Jay Coakley (2017, p. 171) usa o termo gênero ortodoxo. Ele discute que essa visão de gênero representa uma abordagem tradicional e ampla, de maneira que as pessoas se colocam a pensar sobre isso como verdade imutável ligada às suas crenças religiosas ou a um senso geral de certo e errado. Segundo Coakley (2017), por mais que se esteja desconstruindo a ideia de feminino e masculino, principalmente entre os mais jovens, as novas percepções a respeito de gênero ainda não estão integradas o suficiente à sociedade e, assim como Joan Scott e Judith Butler, acredita em um sistema cultural para compreender os corpos e suas expressões.

O gênero ortodoxo envolveria também a manutenção do *status quo*, já que os homens ocupam posições de poder, possuem mais privilégios e influência em relação às mulheres. É por isso que parte desse grupo não se interessa em fomentar o diálogo sobre uma sociedade comprometida com a igualdade, mas defende conservar essa divisão binária – coisas de homem e coisas de mulher – para legitimar cada vez mais seu espaço. Conforme afirma Coakley (2017),

quando meninos e homens aprendem a aceitar a ideologia do gênero ortodoxo, eles impõem normativas restritivas e limites para a masculinidade heterossexual. Além disso, para manter seu acesso a posições de poder e influência, eles também devem promover a crença de que o poder e a influência estão legitimamente ligados a características masculinas, e que os existentes limites de gênero são normais e naturais (COAKLEY, 2017, p. 173, tradução nossa).

Se considerarmos o que Judith Butler (2000) fala sobre o processo de engendramento do gênero, esse contato com a ideologia do gênero ortodoxo aparece antes mesmo do nascimento da criança. As divisões entre os lugares de poder e os de subordinação, ou do que é próprio e impróprio, começam a ser traçadas sem que ela tenha visto o mundo. Basta pensar na simples e automática atribuição do rosa para garotas e azul para garotos desde o momento em que o médico anuncia que o bebê tem uma vagina ou um pênis. Não é uma regra, mas esse tipo de associação pode se estender para as comemorações, a decoração do quarto, e começar a ditar o tipo de relação que a criança vai ter com o pai ou com a mãe. Relação esta que, sem dúvidas, passa pela identificação com as modalidades esportivas.

Para o sociólogo, o gênero ortodoxo tem muita força no campo do esporte, porque, quando os homens começaram essa trajetória na metade do século 19, com as Olimpíadas, as atividades, as regras e a criação dos comitês foram todas pensadas a partir dessa concepção de gênero. Então, Coakley (2017) defende que não existiu uma conspiração para as que mulheres fossem excluídas, mas os homens – presos no que entendiam como normalidade – nunca pensaram em uma alternativa a não ser estabelecer o campo esportivo como território masculino:

Nesses universos socialmente identificados como masculinos, os valores e experiências dos homens são assumidos como os padrões para todos. Portanto, mulheres em posições de autoridade estão “fora de lugar” e despertam suspeita sobre como obtiveram seu poder e como podem usá-lo. Se as mulheres tentam reduzir suspeitas para se encaixar ou agir como homens, podem ser vistas como falsas ou manipuladoras, portanto, indignas de sua posição. Isso facilita desacreditar mulheres líderes em esportes – as pessoas podem dizer que elas obtiveram suas posições ganhando injustamente um favor dos homens, sendo astutas, “feministas furtivas” ou lésbicas que não gostam de homens e querem minar as culturas esportivas tradicionais (COAKLEY, 2017, p. 174 e 175, tradução nossa).

Ele considera que essa dinâmica foi o que atrapalhou a relação das mulheres com o esporte. Por outro lado, acreditamos que usar como justificativa apenas a

percepção do gênero ortodoxo pode soar como “isenção de responsabilidade” ou maneira de normalizar algumas desigualdades. Por isso, por mais que a ideologia do gênero ortodoxo possa influenciar na replicação das desigualdades no esporte, as crenças que reafirmam o masculino como detentor do poder não surgiram prontas, nem estão estáticas. Elas são passíveis de transformação de acordo com o tempo, o espaço e a vida em sociedade. No entanto, a rapidez e a inteligência com que os homens se apropriam de justificativas que favorecem a sustentação dessas crenças parece muito maior que a dedicação em resignificá-las sob novos contextos sociais.

No esporte, as demarcações sobre o que é adequado ou permitido a homens e mulheres sempre assimilou a ideia de genereficação dos corpos, que se constroem a partir das práticas, dos discursos e do que se manifesta ao redor dele. Assim como engendramento do gênero se inicia desde a gravidez, as percepções binárias continuam a se repetir durante a infância e interferem no desenvolvimento da identidade. A escola é uma das instituições capazes de delimitar esses espaços, conforme afirma Guacira Louro (1997, p. 58): “Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”. Para a autora, o espaço e o tempo na escola não são percebidos igualmente por todas as pessoas, assim como acontece com o ócio e o trabalho ou a casa e a rua. Ainda assim, existem compreensões socialmente naturalizadas e interiorizadas na escola e nesses outros ambientes. Sobre os meninos, Guacira (1997) explica que resiste a ideia de que eles precisam de mais espaço e brincadeiras ao ar livre. Ou ainda que têm uma tendência a interromper as garotas e invadir suas atividades, coisas que, de algum modo, parecem naturais:

Talvez também pareça “natural” que algumas crianças possam usufruir de tempo livre, enquanto que outras tenham de trabalhar após o horário escolar; que algumas devam “poupar” enquanto que outras tenham direito a “matar” o tempo. Um longo aprendizado vai, afinal, “colocar cada qual em seu lugar”. Mas as divisões de raça, classe, etnia, sexualidade e gênero estão, sem dúvida, implicadas nessas construções e é somente na história dessas divisões que podemos encontrar uma explicação para a “lógica” que as rege (LOURO, 1997, p. 60).

Essa proposta de naturalização e interiorização foi utilizada ao longo da história para avaliar a relação de meninas com o esporte. Desde a infância, naturaliza-se uma

possível falta de interesse para justificar que eles gostam mais de atividades esportivas do que elas, quando, na verdade, essa naturalização é responsável por diminuir os estímulos que desde cedo as meninas deveriam receber para se envolver com esportes. Isso implica diretamente na maneira como essas meninas e futuras mulheres entendem seus corpos, suas habilidades (que talvez nem cheguem a ser desenvolvidas) e até mesmo julguem o real interesse que têm sobre o assunto.

Além de trazer as discussões sobre o esporte como espaço generificado, entendê-lo como local racializado requer outras problematizações. O sociólogo Antônio Guimarães (2003, p. 96) define raças como construção social, que “devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sociais, que trata das identidades sociais”, e destaca a inexistência de qualquer comprovação biológica. Dessa forma, quando falamos sobre atribuir raça a um campo de estudo ou grupo de pessoas, compreende-se esse processo como o ato de racializar, o que reúne características políticas, históricas, ideológicas e outras. Para Flávia Biroli e Luís Felipe Miguel (2015), discussões que priorizam variáveis como gênero, classe e raça não suspendem a importância de outras, mas as assimetrias que definem esse entrecruzamento não podem ser ignorados, pois “a dissociação dessas variáveis pode levar a análises parciais, mas principalmente a distorções na compreensão da dinâmica de dominação e dos padrões das desigualdades” (BIROLI e MIGUEL, 2015, p. 29).

Silvana Goellner, Sebastião Votre, Ludmila Mourão e Márcia Luiza Machado Figueira (2009) entendem que alguns marcadores identitários – homens, mulheres, brancos, pardos, negros e índios; crianças jovens, adultos e velhos, heterossexuais e homossexuais, deficientes físicos e não deficientes, ricos e pobres – fazem com que sujeitos sejam excluídos da prática de atividades esportivas. Assim, esse cenário se mostra como local de possíveis discriminações de gênero, orientação sexual, raça/etnia, classe social, habilidade, idade e padrão corporal, entre outros. Segundo os autores, ao trabalhar com políticas inclusivas é indispensável levar em conta que rejeições e exclusões são fruto de preconceitos de diferentes ordens, e que esses preconceitos podem limitar o acesso ao esporte e ao lazer.

No livro *Mulheres Negras no Esporte* (1981), Carole A. Oglesby explica que um grande passo para derrubar barreiras é assumir que elas existem, já que o preconceito pode passar despercebido de tão penetrante que é. Por mais que essa análise tenha

sido feita há 40 anos e considere o contexto estadunidense, muitas percepções continuam atuais e servem a diferentes partes do mundo:

A esportista negra tem lidado sucessivamente com as presunções de inferioridade em relação à sua identidade racial e sexual inerentes ao racismo e ao sexismo. Essas presunções chegaram a ela em três formas: no comportamento do indivíduo racista e sexista fanáticos; na interação com as várias redes sociais ou instituições que transmitem os valores do racismo e do sexismo; em formas culturais implícitas enfatizando o etnocentrismo (supremacia branca) e o androcentrismo (supremacia masculina) (OGLESBY in GREEN, OGLESBY, ALEXANDER e FRANKE, 1981, p. 8, tradução nossa).

Carole (1981) completa dizendo que tal conjuntura tem uma implicação importante, pois, uma vez que essa forma de preconceito seja institucionalizada e absorvida, a mudança acontece de forma incompleta, se reduz apenas o próprio comportamento discriminatório. Ou seja, “a menos que se esteja tomando medidas afirmativas explícitas para desinstitucionalizar crenças judiciais os, processos e padrões opressivos não estão sendo significativamente interrompidos” (OGLESBY in GREEN, OGLESBY, ALEXANDER e FRANKE 1981, p. 9, tradução nossa). A autora afirma que costumava-se proclamar que o esporte era um domínio além do preconceito e da pressão, em que todos os homens – já que durante muito tempo não havia o conceito de sexismo – competiam igualmente, mas isso não é real.

Na entrevista realizada com a ex-zagueira da seleção brasileira e atual coordenadora de competições femininas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) Aline Pellegrino, ela afirma que, no Brasil, existe dificuldade de uma articulação mais certa em busca de direitos ou posicionamento dentro do esporte, se compararmos à realidade dos Estados Unidos:

A gente não é um país que se une para lutar por nada. A gente tem visto mais isso agora nos últimos anos. Então, assim, qual é nosso histórico cultural, contexto, país, de ser engajado nessas lutas, nessas causas? É muito pequena, até porque a gente acredita que não tem racismo, que não tem machismo, que não tem um monte de “ismo”. A gente vive um país num contexto cultural, social, político, totalmente diferente dos Estados Unidos, que também é polarizado, mas que você olha para o passado e tem tudo muito claro, as lutas, as causas, as minorias. A gente até faz, só que aí eu sei que está tendo uma manifestação ou um ato, mas é tudo muito pequeno, porque é tudo muito dentro do nosso mundo (PELLEGRINO in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, 2019, p. 442).

Segundo Aline, as mudanças estão acontecendo mais lentamente porque faz parte da realidade histórica e cultural brasileira ser assim, e que isso não é exclusividade do esporte. A política é um exemplo disso, com minorias ocupando com muito diálogo e luta espaços que conferem representatividade. Existem três pilares importantes para fazer da relação de mulheres com o ambiente esportivo mais sólida e ilimitada. São eles: identificação, representatividade e resistência. Nos próximos tópicos, conduziremos as discussões sobre esses pilares como um desdobramento do que apresentamos até aqui. Assim, reunimos conceitos, resultados de pesquisas, dados oficiais de organizações esportivas e informações históricas que contribuam para a argumentação.

2.1.1 Identificação

Praticar esportes de forma confiante e livre desde criança não é comum entre as meninas. A bola e a boneca ainda são itens que parecem encontrar dificuldade para ocupar o mesmo espaço na vida delas. Ainda que com pais e mães que buscam uma educação mais livre e não-binária para os seus filhos, como explicar a todas as gerações anteriores (avós, tios) que aquela garota pode simplesmente preferir a bola?

De acordo com uma pesquisa⁴ realizada em 2016 pela marca de absorventes *Always* em parceria com a *MSLGROUP Research*, apenas 1/3 das meninas se sentem incentivadas pela sociedade a praticar esportes. Além disso, oito entre 10 garotas acreditam que não pertencem a esse ambiente. Outros dados do estudo mostraram que 64% delas teriam abandonado o esporte até o fim da puberdade, 61% acreditam que faltam mulheres apresentadas como referências, e 34% veem falta de respeito à participação feminina. A pesquisa reuniu aproximadamente 1000 meninas e adolescentes britânicas, e os resultados das mesmas entrevistas feitas nos Estados Unidos foram semelhantes, com variação de até 2% para mais ou menos.

Resumir esses números em uma frase significa dizer que meninas e mulheres se sentem pouco à vontade para praticar esportes. No entanto, parte dessa insegurança ou falta de identificação recebe forte influência tanto dos espaços disputados na escola – conforme abordamos a partir de Guacira Louro (1997), quanto

⁴ Disponível em: <https://www.pgnewsroom.co.uk/press-release/uk-news-releases/over-half-girls-64-quit-sport-end-puberty-new-always-likeagirl-video->. Acesso em 15 de agosto de 2020.

de todas as etapas da educação de uma garota. Na maioria dos lares, os meninos são educados para a vida, e por isso precisam ser fortes e destemidos; já as meninas são educadas para o lar, o que requer certa resignação. Elas passavam mais tempo dentro de casa, costumavam ser mais vigiadas que seus irmãos, e quando tinham um temperamento agitado, eram repreendidas e chamadas de “endiabradas”. Elas ainda eram colocadas para trabalhar mais cedo, requisitadas para todo tipo de tarefas domésticas e, às vezes, tornavam-se futuras mães, substituindo a mãe ausente – que precisa trabalhar – sendo mais educadas do que instruídas (PERROT, 2006/2017).

Perguntamos à ex-zagueira da seleção brasileira e atual coordenadora de competições femininas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) Aline Pellegrino sobre as suas atividades na infância e a compreensão pessoal do que é feminismo:

Meu pai estava ali falando que eu não podia e eu fui jogar. Cheguei na quadra, e os meninos não me deixavam jogar. Briguei por esse espaço, por jogar. Então, tudo aquilo para mim era muito natural: se são os mesmos meninos que eu brinco de um monte de coisa, por que eu não posso estar aqui nesse espaço jogando com eles? Sempre tive (sic) ali lutando para conseguir jogar, seja depois, com homens mais velhos e adultos, que viam a gente como pirralhos, eu e os meninos. E o cara: “Ah, não vai jogar”. E eu queria dividir a bola tão forte quanto o cara, e mostrar que eu queria jogar (PELLEGRINO in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS , 2019, p. 437).

Aline diz que sempre teve o ímpeto de questionar o que era contraditório em sua opinião. Por outro lado, acredita que muitas meninas precisam ouvir sobre feminismo – de uma maneira mais didática – e conhecer exemplos para que também possam despertar essa mesma percepção, de não aceitar tudo o que é dito. “O feminismo, na minha vida pelo menos, foi uma série de coisas. Desde os seis anos de idade, literalmente, o que veio entrando na minha frente como “não”, eu perguntava: ‘Por que não?’” (PELLEGRINO, 2019).

Nos poucos registros históricos que existem sobre a vida de meninas na Europa antes do século 20, elas são representadas junto a suas mães, com bonecas e fazendo as primeiras leituras, é uma situação reproduzida através dos tempos e que muda conforme as mulheres questionam. No Brasil, criou-se no período um discurso a respeito da noção de infância, em que as pessoas de zero a 18 anos passaram a ser consideradas seres em formação, tanto física como psicologicamente.

No início da República (1889), existia ainda a preocupação com a alta taxa de mortalidade materna – na primeira gestação – e infantil, fazendo com que o processo de socialização das meninas das famílias de elite e dos setores médios passasse por mudanças, conforme descreve a Sílvia Fávero Arend (2013). As brincadeiras, por exemplo, começaram a ser motivo de preocupação: elas foram desaconselhadas a subir em árvores, correr com cavalinho de pau entre as pernas ou brincar com os meninos em lugares mais tranquilos após os seis anos. Os manuais de educação infantil da época indicavam que as atividades saudáveis eram aquelas que não colocavam em risco o corpo das meninas, como bonecas ou réplicas de plástico dos utensílios de cozinha. Nada que exigisse muito movimento. Patricia explica que esse tipo de diversão contribuía no processo de educação de meninos e meninas de acordo com o que se esperava de homens e mulheres na idade adulta:

Docilidade, meiguice, serenidade e resignação eram características consideradas femininas ao passo que as esperadas dos varões eram a coragem, o poder de decisão e a competitividade – valores e práticas que também seriam aprendidos na escola, agora entendida como o local por excelência para a educação formal das crianças e jovens de ambos os sexos (ARENDA, 2013, p. 71).

Por mais que integrar a turma de um colégio tenha deixado de ser privilégio masculino entre as classes mais altas, até meados de 1950, muitas jovens não chegavam a concluir o curso secundário, enquanto eles continuavam seus estudos até a realização do diploma universitário, pontua a autora. Aquelas que conseguiam seguir em frente eram direcionadas às carreiras consideradas femininas, como o magistério e a enfermagem. E o dia a dia escolar das estudantes era caracterizado por uma rígida disciplina em relação ao corpo, com uniformes impecáveis, castigos, orações, lições de canto e posturas vigiadas nas aulas de educação física ou no refeitório (ARENDA, 2013).

Entre as meninas de famílias mais pobres e sem recursos, a situação era diferente. Para a maioria, restava o trabalho doméstico. Parte delas começava a trabalhar entre os nove e 10 anos e tornavam-se empregadas domésticas ao chegar na puberdade. Poucas conseguiam conciliar o trabalho com os estudos, sendo que, para muitas dessas famílias, suas filhas não precisavam estudar. Entendia-se que o conhecimento sobre o lar e a possibilidade de ajudar os pais na manutenção da casa já eram suficientes.

Essa noção de infância e sociabilidade que surgiu a partir do período republicano não incluía meninas negras. Fazia pouco mais de um ano que a Lei Áurea (13 de maio 1888) havia sido assinada, sem que nenhum projeto fosse pensado para que os escravos libertos tivessem uma vida digna, com reparo de tamanha desumanização e tortura sofridas. É necessário separar o que se esperava de uma menina branca e de uma menina negra: ao contrário da meiguice, docilidade e serenidade que descreveu Patricia (2013), a animalização, sexualização e perversidade que se atribuía aos corpos negros antes e após a abolição não excluía as crianças. Assim como suas mães, as meninas eram expostas a negligências e violências, o que interferia na sua existência nos mais diversos âmbitos – educação, família, trabalho e até mesmo no esporte.

No início do século 20, o esporte ganhava mais importância no cenário cultural das cidades e passava a integrar o plano nacional de educação com o objetivo de desenvolver virtudes e habilidades. Por outro lado, a ameaça da miscigenação era incorporada com intensidade à mentalidade da época, que idealizava um embranquecimento da população e tinha como referência étnica o branco europeu. Silvana Goellner (2008) explica que muitos dos discursos e práticas que circulavam no Brasil se baseavam na teorização darwinista de que a atividade física atuava no aprimoramento das espécies. Por isso, não se poupavam esforços para educar, fortalecer e aprimorar o corpo feminino branco, que seria responsável por facilitar a existência de uma raça branca representada como superior e perfeita (GOELLNER, 2008). Dessa forma, a adesão às práticas esportivas funcionava como uma preparação para a maternidade, com atividades controladas que não fugissem do que se entendia como natureza feminina. Por sua vez, os corpos de mulheres negras permaneciam invisíveis.

Essas percepções limitadas e conservadoras do esporte para mulheres atravessou gerações. Jay Coakley (2017) afirma que alguns mitos sobre o corpo da mulher foram superados depois de estudos exaustivos da Ciência, mas a maioria das pessoas não está em constante contato com esse tipo de literatura, e acaba mantendo sua concepção inicial sobre o assunto – que, muitas vezes, aceita mitos biológicos como reais. Com isso e com valores e normas sob os quais a sociedade acontece mulheres e meninas são desencorajadas:

Disseram às meninas que torcer pelos meninos nos esportes era mais apropriado do que praticá-los. Mulheres eram ensinadas que a nação dependia delas para se concentrar em atividades domésticas e ficar fora do mundo masculino dos esportes. Aquelas que desafiaram essas restrições durante o final da década de 1940 até a década de 1960, nos Estados Unidos, foram vistas como invasoras do território masculino, foram submetidas ao ridículo e à condenação por homens e mulheres que aceitaram ideologia ortodoxa de gênero como lei natural (COAKLEY, 2017, p. 176, tradução nossa).

Diante do cenário descrito por Coakley (2017), a Organização das Nações Unidas (ONU) faz contínuos alertas ao mundo sobre os benefícios que o esporte promove. O documento Esporte Para o Desenvolvimento e Paz (2003)⁵ definiu a prática esportiva como “um direito humano e essencial para que indivíduos de todas as idades conduzam uma vida saudável e plena” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2003, p. 6). Sobre as meninas, a ONU entende que elas têm menos oportunidades de interação social fora de casa, por isso se faz tão necessário que elas sejam incluídas, a fim de assegurar seu desenvolvimento. Declara ainda que, por meio do esporte:

as meninas têm a chance de serem líderes e de melhorar sua autoconfiança e autoestima. Quando as meninas começam a praticar esportes, também adquirem novas relações interpessoais e acesso a novas oportunidades, permitindo que se tornem mais envolvidas na escola e na vida da comunidade. O esporte fornece aos jovens um espaço próprio, tanto fisicamente como emocionalmente, o que é especialmente importante para as meninas. As equipes e ligas esportivas frequentemente oferecem para as meninas um fórum onde desenvolvem um sentido de camaradagem e compartilham tempo e valores com outras meninas. Fornecer acesso ao esporte para as meninas também pode contribuir para se conseguir um equilíbrio de gênero na educação. Dado que o esporte é um domínio tradicionalmente masculino, a participação das meninas no esporte desafia os estereótipos de meninas e mulheres, rompendo com atitudes preestabelecidas. E, quando as atletas do sexo feminino ganham reconhecimento, transformam-se em mentoras para outras (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2003, p. 17).

Políticas de incentivo tentam igualar o número de pessoas do sexo feminino e masculino em grandes competições ou eventos oficiais ao redor do globo, mas a relação das mulheres com o esporte não é a mesma em todos os países e varia de

⁵ Disponível em:

<http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/publicacoes/esporteParaDesenvolvimentoPaz.pdf>. Acesso em: 09.jun.2020

acordo com fatores culturais e socioeconômicos, o que também reflete na eficiência dessas ações. Por isso, é necessário haver o comprometimento de governos e instituições com uma política para o esporte, que trabalhe a sua democratização e reafirme seu potencial educativo. Alline Calandrini, que é ex-jogadora da seleção brasileira, do Corinthians e, atualmente, comentarista nos jogos transmitidos pela Band, descreve um cenário comum para muitas garotas brasileiras que desejam ser atletas, mas não recebem incentivo – emocional ou institucional – para que isso aconteça:

Uma menina que está com cinco, seis, sete, oito anos de idade e quer jogar futebol, o pai não deixa, a mãe não deixa, a família chama de sapatão, de mulher macho, no colégio é isso, no colégio é aquilo. Aí o que acontece? Ela desiste. Ou então ela não desiste, ela continua. Mas o que ela vai ganhar? Nem faculdade. Mas aonde eu vou atrás, qual é o clube que tem? Eu, quando comecei a jogar, não tinha noção de nada, não tinha noção de clube, não tinha clube nenhum. Onde vou fazer peneira, onde eu vou fazer aquilo? Fora o preconceito enraizado na sociedade, o preconceito que você tem em casa. Aí chega na hora que consegue alguma coisa, ela vive com o que? Com quinhentos reais, se for? Uma faculdade? E aí vem a pressão: tá, mas está aí jogando bola? Você está jogando bola? Que futuro você vai ter jogando bola? Você precisa ajudar em casa, vai trabalhar. Quem vai colocar arroz, feijão? (CALANDRINI in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, 2020, p. 453)

É na infância que as meninas começam a desenvolver suas habilidades, construir valores, descobrir sua identidade e o que gostam de fazer, assim como os meninos. Por essa razão, a importância de buscar elementos por trás da naturalização do discurso da ausência de identificação, quando, na verdade, a sensação de não pertencimento resulta de ecos de uma educação infantil baseada em binarismos, da banalização do esporte e da invisibilidade de grupos por meio da discriminação. Carole Oglesby (1981) entende que existem maneiras de capacitar as pessoas que atuam no campo esportivo para que elas contribuam nesse processo de identificação – principalmente quando se trata de meninas negras:

A existência de crenças generalizadas, negativas e estereotipadas sobre negros e mulheres leva a consequências identificáveis para a esportista negra, por isso é preciso examinar e tentar mudar o cenário. Descrições sobre como mulheres negras, no esporte e em outros campos, lidaram com seus problemas e desafios podem capacitar outros profissionais de educação física e esporte a fim de acelerar as

transformações (OGLESBY in GREEN, OGLESBY, ALEXANDER e FRANKE, 1981, p. 7, tradução nossa)

O que a autora quer dizer é que levar histórias de pessoas reais e humanizar cada vez mais a relação de crianças e adolescentes com o esporte e com aqueles responsáveis por inseri-las na prática esportiva é um caminho de fortalecimento desses pequenos indivíduos que estão se tornando adultos. Encorajar meninas a serem atletas pode influenciar o rompimento das lógicas masculinas de poder, assim como incentivar comportamentos livres de imposições sociais ou culturais, e o pertencimento dessas garotas a um lugar ao qual gerações anteriores foram proibidas de pertencer.

Dando continuidade à tese, no tópico 3.2.2, falaremos sobre representatividade: quanto mais mulheres se encontrarem em qualquer área do esporte e receberem atenção sobre seu desempenho – distantes da objetificação e do simples culto ao corpo – mais mulheres se sentirão representadas e sairão de uma zona de invisibilidade e insegurança.

2.1.2 Representatividade

O que é representatividade? Nos dicionários, é a qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, cujo embasamento na população faz com que ele possa exprimir-se verdadeiramente em seu nome. Uma definição, que parece não ser suficiente para qualificar seu impacto em contextos atuais. O termo não é novo, mas seu uso se tornou frequentemente associado à expressão política das chamadas minorias - negros, mulheres, índios, pessoas com deficiência e população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexual, Assexual e o + engloba outros grupos e variações de sexualidade e gênero) que requerem ser representados para ser vistos e terem seus direitos assistidos.

Por mais que a representatividade seja um conceito presente na política – quando falamos, por exemplo, em quantidade de negros ou mulheres participando ativamente na Câmara ou no Senado – se pensada socialmente, traz características mais palpáveis em outras instâncias. Pretende derrubar estereótipos, contestar

preconceitos, rever discursos incorporados na sociedade e promover a inclusão de pessoas nos campos sociais onde elas ainda não se veem representadas.

Perguntamos, então: o quanto meninas e mulheres possuem de representatividade no esporte? Ou seja, a maneira como são representadas agrega elementos que reforçam sua identidade? Elas têm em quem se espelhar? O histórico de proibições e restrições prejudica representações positivas? Não só qualitativamente, mas a quantidade de atletas bem-sucedidas e que recebem patrocínio é representativa? Conseguimos associar determinadas modalidades a exemplos femininos no esporte – por exemplo, em quem se pensa primeiro quando se fala em futebol? Por quê? Não existem respostas exatas ou definitivas. Por isso, nosso objetivo neste tópico é situar a discussão a partir de exemplos sobre a construção da imagem da mulher no esporte e dados que revelam a importância da representatividade.

No Brasil, a pesquisa mais recente realizada pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia em parceria com o Ministério do Esporte mostrou que, em 2015, entre as 38,8 milhões de pessoas entrevistadas, apenas 36,8% de mulheres (14,3 milhões) praticavam esporte, sendo que, no geral, dominavam as classes mais escolarizadas e com maior renda per capita. Sobre as modalidades, 94,5% das pessoas que jogavam futebol eram homens, enquanto a atividade na qual predominavam as mulheres era a dança ou ballet (85%). Os resultados não foram mais atualizados pelo IBGE, mas apresentam o último panorama nacional sobre a relação da população brasileira com o esporte.

Entendemos que o esporte como lazer antecede o esporte profissional e se reforça no contexto de identificação que tratamos anteriormente. Dessa maneira, se a prática esportiva aparece como algo distante do cotidiano de meninas, essa ausência pode refletir no futuro. Muitas vezes, essas atividades se confundem com a ida à academia e a busca por um corpo considerado ideal, situação à qual muitas garotas são expostas desde a infância.

Segundo estudo⁶ publicado em 2019 pelo Centro Educacional de Pesquisas da Universidade de Warwick, no Reino Unido, seis entre 10 garotas de 14 anos dizem estar completamente infelizes com sua imagem. As pressões de socialização por meio

⁶ Disponível em: <http://tandfonline.com/doi/full/10.1080/02671522.2019.1697734>. Acesso em 22 de setembro de 2020.

do controle da imagem sobre os corpos de meninas, a exposição sexual precoce, o assédio presente nas escolas e a influência de modelos presentes na cultura pop seriam algumas das causas para descontentamento. Por sua vez, a professora e pedagoga Dimitra Hartas (2019) afirma que os meninos estão menos sujeitos a terem a saúde mental afetada pelo mesmo motivo.

Como não associar a percepção que meninas e mulheres têm sobre seus corpos à dificuldade que elas encontram para se sentirem parte do ambiente esportivo? Essa percepção está relacionada aos modelos oferecidos pela mídia e pelas redes sociais. Jay Coakley (2018) lembra que o movimento resultante de pesquisas que alertavam para os benefícios de atividades físicas à saúde contribuiu de forma positiva, ao incentivar que muitas se arriscassem a jogar algumas modalidades. Porém, a maioria das propagandas que mostram personagens do sexo feminino se exercitando trazem mulheres e meninas em padrão aceito pela sociedade: brancas, magras, com performances perfeitas, atraentes, sem suar, em roupas justas e coloridas. Onde estão as gordas, negras, índias, ou simplesmente pessoas que suam, fazem caretas e são reais diante do esforço físico? Quem são os indivíduos motivados a praticar atividades físicas? Compreender as limitações desse movimento pró-saúde que apareceu em muitos países, incluindo o Brasil, permite identificar lacunas de representatividade que se perpetuam até hoje.

Segundo Helen LENSKYJ (2003), quando a tendência fitness chegou à população feminina nos anos 1970,

programas gratuitos de educação comunitária e escolar foram dirigidos a meninas e mulheres de todas as origens socioeconômicas, enquanto academias de ginástica particulares focavam nas necessidades e no poder de compra das mulheres de classe média. Embora a maioria das mulheres tenha experimentado benefícios à saúde, seu potencial libertador foi marcado pelo conservadorismo, pela questão da feminilidade e da sexualidade (LENSKYJ, 2003, p. 127, tradução nossa)

Helen explica que se buscava o novo ideal feminino comparecendo às atrações que ofereciam alguns clubes particulares nos Estados Unidos, como aulas de dança, moda fitness e serviços estéticos, que eram posicionados junto aos equipamentos de treino. O mercado se apropriou dessa tendência e influenciou diretamente na construção da imagem da mulher no esporte:

Não surpreende que a imagem da mulher fisicamente ativa tenha substituído o ideal mais sedentário e decorativo dos anos 1960 de glamour heterossexual. Mulheres ao andar de bicicleta, esquiar, patinar, natação, *snorkeling*, passeios a cavalo, jogar tênis e voleibol apareceram em anúncios de produtos tão diversos como cigarros, álcool, alimentos de conveniência, produtos dietéticos, seguros de vida, colchões, cosméticos, roupas e produtos de higiene “feminina” (LENSKYJ, 2003, p. 128, tradução nossa)

Essa imagem passou por mudanças ao longo do tempo – apareceram os estilos *bodybuilding*, *runner* e, mais recentemente, de adeptas do Crossfit. No entanto, indagações pautadas por preconceitos de gênero nunca deixaram de existir: mulheres fortes são masculinas demais? Mulheres bonitas e delicadas não se encaixam? A maquiagem que elas usam deixa o esporte menos sério? Os movimentos femininos são plásticos o suficiente para o jogo ser interessante?

Silvana Goellner (2005) lembra que a sociedade aceita o corpo de mulheres no espetáculo esportivo se ele estiver associado à beleza e sensualidade, mas estranha o seu desempenho sob outras circunstâncias. Por isso, perguntas assim são recorrentes e ocupam o lugar de questões que não recebem a importância necessária. Nosso papel enquanto pesquisadores é promover esses questionamentos e buscar respostas. Se para meninas e mulheres o esporte como lazer é contaminado por pressões estéticas, exposição sexual e modelos femininos de consumo, como fazê-las chegar em maior número ao esporte profissional? E se esse caminho exige que elas tenham, desde cedo, compreensão de que o próprio corpo está submetido a tudo isso, de que maneira melhorar as representações, criar mecanismos para combater essa lógica e ajudar com que elas se sintam seguras como atletas?

Parte da solução para tais conflitos passa pela desconstrução desses modelos que a mídia, o mercado e a sociedade idealizaram e absorveram. Se durante muito tempo foram os homens os responsáveis por definir quem deveria ser atleta ou praticante de atividades físicas, já que dominavam os possíveis ofícios do campo esportivo sob discursos que normalizavam a maioria masculina, a chegada de mulheres para ocupar seus espaços em igualdade pode promover transformações.

Segundo a pesquisa *Chasing Equality* (Perseguindo a Igualdade, em tradução nossa)⁷, que analisa triunfos, desafios e oportunidades para meninas e mulheres no

⁷ Disponível em: https://www.womenssportsfoundation.org/wp-content/uploads/2020/01/8_Chasing_Equity_QuickFacts.pdf. Acesso em 23 de setembro de 2020.

esporte, a consolidação de mulheres líderes no esporte feminino é uma perspectiva em ascensão. Em 2019, o estudo reuniu dados atualizados de mais de 500 documentos, e resultados de entrevistas realizadas com cerca de 2.300 dessas líderes no relatório *Mulheres Líderes na Pesquisa de Esporte* para saber como elas pensam. Entre os dados relacionados à representatividade, 77% relataram que a falta de treinadoras apresentadas como inspiração ou modelos a seguir limitam a participação esportiva das garotas. Assim como 70% acreditam que a falta de cobertura da mídia limita a participação e o envolvimento de meninas no esporte.

Desde 1996, ano da primeira *IOC World Conference on Women and Sport* (Conferência Mundial do Comitê Olímpico sobre Mulheres e Esportes), revisões têm sido feitas para oferecer mais representatividade às mulheres em todas as instâncias da competição, já esse número sempre foi inferior ao de homens. No ano seguinte às Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016), o COI anunciou mudanças mais expressivas no programa olímpico que começaria a valer a partir das Olimpíadas de Tóquio (2020), com ênfase no discurso da igualdade de gênero e nas mudanças em algumas modalidades – na natação, por exemplo, ambos nadarão a mesma quantidade de metros.

O documento *Factsheet Women In The Olympic Movement* (Dados das Mulheres no Movimento Olímpico), divulgado em outubro de 2018, trouxe números sobre a edição do Brasil. O relatório revelou que 45% do total de atletas participantes era do sexo feminino (5.176). As mulheres também ocuparam 30 posições a mais nas comissões do Comitê Olímpico Internacional do que em 2017, com um crescimento histórico de 42,7%. São elas: Mulheres no Esporte, Comissão de Atletas, Coordenação da 3ª Edição dos Jogos Olímpicos de Verão da Juventude em Buenos Aires (2018) e Coordenação para a 3ª Edição dos Jogos Olímpicos da Juventude de Inverno de Lausanne (2020). No entanto, em grandes cargos de gestão, os números eram discretos: dos 102 membros ativos do Comitê Olímpico Internacional, apenas 32 são mulheres – na diretoria executiva, somente quatro estavam presentes: Anita L. DeFrantz (vice-presidente), Gunilla Lindberg, Nicole Hovertsz e Kirsty Coventry. Entre 2018 e 2020, esses dados sofreram algumas alterações positivas.

Atualmente, 36 mulheres estão gerenciando esportes olímpicos no COI e ocupam 47,7% das comissões. No contexto da equiparação de gênero nas competições, a expectativa para Tóquio (2020) era de que a participação feminina

atingisse 48,8% em todas as modalidades, meta que se confirmou na edição que aconteceu em junho de 2021, com o atraso em função da pandemia global de Covid-19.

Para falar em representatividade é necessário considerar todos os envolvidos no cenário esportivo. Entre gestores, treinadores, investidores, atletas, jornalistas, equipe médica, fisioterapeutas, nutricionistas, a porcentagem de homens e mulheres é igual? Basta observar os grandes eventos, as equipes participantes, o *staff* delas e a presença feminina de maneira geral para saber que não. Precisamos questionar quantas garotas ou mulheres adultas se sentem representadas na narração de um jogo. Ou quantas jovens encontram referências a heroínas ou uma fala positiva sobre atletas em que elas se inspiram. Outro exercício é elencar os nomes de brasileiras que alcançaram o mesmo patamar profissional de Marta Viera da Silva. Existe dificuldade em saber quem são e dizer em quais times atuam, talvez porque a mídia não faz o trabalho de colocá-las em evidência. Quantas jogadoras são convidadas para participar de programas esportivos para um simples bate-papo?

Djamila Ribeiro (2018), no artigo Respeitem Serena Williams⁸, demonstra como trazer a negritude para o debate de representatividade no esporte denuncia ainda outras barreiras. Ela retoma aspectos da cobertura feita por canais esportivos na televisão sobre uma das maiores atletas do tênis mundial. O apelido dado pelos homens comentaristas à tenista é Serenão, “em uma nítida falta de respeito, como se, para uma mulher ser forte, precisasse ser colocada em um padrão masculino” (RIBEIRO, 2018, p. 53). A filósofa afirma que esse apelido põe mulher e força em lugares distintos, reproduzindo assim o mito da fragilidade feminina:

Por romper com os modelos impostos de feminilidade, ela é alvo de comentários preconceituosos. Costumavam ser feitas até observações desrespeitosas em relação a um suposto namoro dela com seu técnico, o francês Patrick Mouratoglou, dando a entender que ele era um homem “corajoso” por estar com ela. Quando se referiam ao namoro de Maria Sharapova com o tenista Grigor Dimitrov, diziam que ele era um homem de sorte por ter Sharapova esperando por ele em casa. Se as duas tenistas se enfrentam, chamam uma de bela e a outra de fera (RIBEIRO, 2018, p. 53-54)

⁸ Publicado originalmente em 2015 na revista Carta Capital e disponível no livro Quem Tem Medo do Feminismo Negro?

O racismo também está presente no olhar condicionado do que é belo e feminino, e somado ao machismo, produz discursos preconceituosos, que prejudicam a imagem de mulheres negras e colocam em xeque suas habilidades, talentos e esforços. No artigo de Grant Jarvie, *Sport, Racism and Ethnicity* (Esporte, Racismo e Etnia, tradução nossa) de 2010 – publicado no *Handbook Of Sports Studies* (Livro de Mão de Estudos sobre Esportes) organizado por Jay Coakley e Eric Dunning – o autor retoma um aspecto importante sobre as representatividades. Segundo ele, apesar dos esforços para retomar a história e a bibliografia de atletas negras de maneira geral, grupos dominantes se empenharam em diminuir e controlar esse conhecimento. No contexto dos Estados Unidos, ele explica que isso fez com que muitas das afro-americanas internalizassem padrões europeus de beleza e encontrassem dificuldades para gostar de sua cor de pele ou textura do cabelo, algo que poderia ser diferente se elas tivessem contato com outros exemplos.

Para Jarvie (2010), desenvolver uma tradição de escrita feminista e negra sobre esporte ajudaria a desafiar o pensamento eurocêntrico e masculino no qual ele esteve inserido durante muito tempo. Resistir para existir em todos os espaços: essa frase também pode descrever a resistência de mulheres-atletas cada vez que elas precisam defender que o esporte também é uma vocação feminina.

2.1.3 Resistência

Em 2019, uma iniciativa inédita determinou que todos os times participantes da série A do Campeonato Brasileiro precisavam se enquadrar no Licenciamento de Clubes da Federação Brasileira de Futebol e – por obrigação – manter um time de futebol feminino na base e no adulto. Algumas equipes já contavam com projetos estruturados, outras tinham demandas encaminhadas e uma parte delas ainda não havia começado a montagem desses grupos. Entre os times que estão na elite, apenas o Santos manteve sua equipe feminina em atividade e sem interrupção desde 2015, hoje sob o comando de Guilherme Giudice, mas anteriormente comandada por Emily Lima, a primeira mulher que esteve à frente da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, hoje novamente dirigida por uma mulher, a sueca Pia Mariane Sundhage.

No mesmo ano, determinou-se também que os clubes que não estivessem participando de disputas nacionais de futebol feminino não só ficariam de fora de

torneios realizados pela CBF, mas pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) e a Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA). Tais exigências refletem anos de atraso na ocupação de espaços e oportunidades que deveriam ter sido proporcionadas igualmente.

Outra conquista recente é a decisão da Confederação de Futebol Brasileiro (CBF) de equiparar diárias e premiações para as seleções principais de homens e mulheres que representam o Brasil nas competições. É uma ação histórica que demorou para acontecer e ainda não chegou em todos os países, inclusive nos Estados Unidos, onde a seleção de futebol feminino é mais vitoriosa que a masculina. Mais um avanço foi a nomeação da ex-jogadora da seleção brasileira de futebol feminino e ex-diretora da modalidade na Federação Paulista de Futebol (FPF) Aline Pellegrino para ocupar o cargo de coordenadora de competições femininas da CBF. Nesta pasta, criada com o objetivo de impulsionar o esporte no país, outra ex-atleta da seleção, Eduarda Luizelli, assume a coordenação das equipes de futebol feminino no Brasil, trabalho que foi dirigido por Marco Aurélio Cunha durante quatro anos.

Todas essas conquistas seriam ainda mais frutíferas para o futebol feminino no Brasil se não tivessem demorado mais de um século desde a provável primeira partida disputada por mulheres. Segundo José Sebastião Witter (1990), isso teria acontecido em 1913, entre times dos bairros Tremembé e Cantareira, na cidade de São Paulo. Não há um consenso, porém, sobre este ter sido realmente um jogo feminino. Em reportagem publicada pelo jornal Folha de São Paulo em 2003⁹, um trecho descreve que os meios de comunicação da época diziam que as jogadoras eram homens travestidos. Em outro trecho, o jornal diz que alguns historiadores acreditam que a primeira partida aconteceu antes disso ou até mesmo depois, em 1921, conforme indica o anúncio da Figura 1 (na página seguinte):

⁹ Consulta ao acervo digital do jornal Folha de São Paulo



Figura 1: Anúncio da partida de futebol que se realizaria entre as senhoritas Tremembeenses e Cantareirenses, em 1921. Fonte: *A Gazeta*, São Paulo, p. 2, 26 jun. 1921

Essas inconsistências são um retrato da falta de seriedade com que o esporte feminino era encarado desde as primeiras tentativas de fazê-lo parte da cultura esportiva do Brasil. Silvana Goellner (2005) explica que a modalidade acontecia em uma condição desafiadora:

Na fase de estruturação do esporte feminino no país, ideias progressistas e moralistas seduziam e desafiavam as mulheres, tanto para a exibição quanto para o ocultamento de seus corpos, ora forjando novas formas de cuidar de si, ora reforçando a ideia de que a exibição pública do seu corpo estava associada ao universo pagão das impurezas e obscenidades. Se por um lado, havia a crítica à indolência, à falta de exercícios físicos, ao excesso de roupas, ao confinamento no lar, por outro, ampliavam-se as restrições a uma efetiva inserção feminina em diferentes espaços públicos o que, de certa maneira, cerceava alguns possíveis atrevimentos. E o futebol era um deles (GOELLNER, 2005, p. 3).

Seguindo um roteiro de altos e baixos, Aira Bonfim (2018) afirma que o futebol surgiu para meninos e meninas como brincadeira lúdica, ainda que tangenciando ambientes esportivos promovidos pelos primeiros clubes de futebol no país, principalmente no Rio de Janeiro. A historiadora explica que o ritmo acelerado de

urbanização e a ampliação das possibilidades de divertimento colocava as mulheres cada vez mais dividindo os espaços públicos com os homens – no entanto, tais personagens não pertenciam a qualquer grupo, mas sim à burguesia da cidade. Esse movimento ficou conhecido como “festas esportivas”, que reuniam famílias, casais e amigos da alta sociedade carioca. Por outro lado, ainda que Rio de Janeiro e São Paulo tenham sido local de intensas manifestações do futebol de mulheres, outras regiões do país, como Norte e Nordeste, também têm seus registros históricos, ainda que escassos.

O “football feminino” – como era conhecido nos periódicos que tratavam dos eventos nas primeiras décadas do século 20 – mostram os caminhos particulares que a modalidade percorreu, ao contrário do futebol masculino:

Longe dos certames e das festas esportivas promovidas entre os principais clubes de futebol em ascensão da época, é aos picadeiros dos principais circos brasileiros que a manipulação dessas palavras remonta. Este deslocamento do campo esportivo para o campo das artes cênicas incide sobre os esforços de organização da historiografia do futebol de mulheres, uma modalidade que percorreu caminhos particulares quando comparado ao masculino, e por essa razão, foi constituída de manifestações do fenômeno em diferentes ambientes de sociabilidade pública (BONFIM, 2018, p. 95).

Isso significa que o futebol praticado por mulheres já foi um dia atração circense. O Circo Nerino, por exemplo, percorreu o país por 52 anos com o número Futebol Feminino, que também integrou o Circo Irmãos Queirolo. Na Figura 2 (na página seguinte), está a fotografia do time de “jogadoras de picadeiro” que atuavam com os Queirolo, publicada pela revista A Cigarra (1926). Elas estão trajadas com uniformes das equipes Palestra Itália e A.A. São Bento:



Figura 2: Imagem extraída de uma das páginas da Revista *A Cigarra*, de 1926, de Palestra x São Bento. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

Entre os anos 1930 e 1940, o Rio de Janeiro volta a ser palco efervescente da modalidade. De acordo com Aira Bonfim (2018), o subúrbio carioca esteve no centro da organização de equipes de futebol feminino e da regularidade e visibilidade da prática, além disso, a imprensa escrita ajudou a divulgar essas mulheres que estavam envolvidas diretamente com o esporte. O *Jornal dos Sports* era um desses incentivadores, que não só noticiava as partidas, como promovia festivais para que elas pudessem jogar. Entretanto,

houve um significativo intervalo de notícias sobre o futebol de mulheres depois de janeiro de 1932. Não foi possível precisar os motivos que causaram o hiato da produção desses registros nas fontes impressas do Rio de Janeiro, ou mesmo afirmar que o futebol deixou de ser jogado pelas equipes suburbanas femininas. No entanto, com base nos vestígios dos jornais, passaram-se 7 anos para que voltássemos a encontrar pistas sobre os “football de moças” (BONFIM, 2018, p. 192).

Em 1939, a equipe Casino do Realengo Football Clube organizou uma comemoração em função dos oito anos de existência do time, que nasceu como clube recreativo. O evento trouxe uma disputa entre o Casino e o Sport Clube Bemfica. Pouco tempo depois, o aniversariante estaria pisando em terras paulistanas, ao ser convidado, junto com o novato Sport Club Brasileiro, para um jogo preliminar à partida masculina entre São Paulo e Flamengo, semanas após a inauguração do Pacaembu. Nas Figuras 3 e 4, vemos uma manchete da época e uma foto do S.C Brasileiro, respectivamente;



Figura 3: Manchete sobre a partida de futebol de mulheres que aconteceu no Pacaembu. Fonte: O Radical, Rio de Janeiro, p. 6, 06 abr. 1940



Figura 4: Equipe do S.C. Brasileiro posada durante a festa do Ypiranga F.C. Fonte: A Noite, Rio de Janeiro, p. 30, 08 abr. 1940

Com o destaque dado pela imprensa ao evento, o debate sobre a moralidade da prática foi antecipado. Um homem conservador chamado José Fuzeira endereçou uma carta ao então presidente Getúlio Vargas sobre seu descontentamento com a prática do futebol feminino. Ele também era autor de livros sobre normas de conduta social e moral. O texto foi publicado no jornal Diário da Noite e alertava Getúlio sobre um “novo problema” ou “calamidade” que estava prestes a acabar com a juventude feminina do Brasil:

Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio psicológico das funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a “ser mãe”. É notória a violência com que, nesse jogo, as bolas atingem, às vezes, o corpo dos jogadores; e também diversos são os casos já ocorridos de consequências graves e fatais. Ora, a constituição orgânica da mulher impõe-lhe o atento cuidado de precaver certos órgãos contra toda a contundência traumática; sendo que, conforme opinião de alguns expoentes da medicina, as pancadas violentas contra os seios podem, até, dar origem ao câncer (FUZEIRA, 1940)¹⁰

O restante da carta é repleto de justificativas sobre a modalidade que, segundo ele, não tinha espaço em nenhum outro país. Fuzeira afirma que a prática e o envolvimento de mulheres em torneios ou Ligas seria responsável por não só submetê-las ao dever dos treinos como destruir a saúde de futuras mães. O autor pede, então, a proibição do futebol feminino. Na mesma semana, em 10 de maio de 1940, a resposta de Margarida Adyragram Pereira, que era jogadora e presidente do S. Club Brasileiro, foi publicada pelo Jornal dos Sports:

Refletindo, perguntei a mim mesma: quem será esse senhor José Fuzeira? Verifiquei desde logo que esse cavalheiro é desconhecido no esporte, faltando-lhe, portanto, autoridade para discutir o assunto (...) qualquer dia achará que a natação é prejudicial ao sexo feminino, porque a água poderá gripar as concorrentes e as roupas curtas e colantes estão em desacordo com o seu modo de pensar sobre as futuras mães. Senhor Fuzeira deve preocupar-se com os guris que jogam bola de meia na rua de sua residência, quebrando as vidraças da vizinhança. Nesse caso o missivista prestaria um grande serviço e

¹⁰ Trecho retirado de carta publicada no jornal Diário da Noite, em 7 de maio de 1940, e reproduzida na exposição Contra-ataque! As mulheres do futebol

não teria tempo de preocupar-se com coisas que só interessam ao sexo frágil (PEREIRA, 1940)¹¹

Nos dias que vieram, outra resposta à carta de José Fuzeira foi publicada, dessa vez em forma de poema. Por mais que as respostas demonstrassem a resistência de mulheres à mentalidade de homens como José Fuzeira, em abril 1941, por meio do Decreto-Lei 3.199, o presidente Getúlio Vargas estabeleceu as bases de organização dos desportos no Brasil. No Art. 54 constava a seguinte afirmação: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Dessa maneira, o futebol feminino passou a ser considerado modalidade proibida.

Em 1965, ano após o golpe que deu início à ditadura militar (1964-1985) no Brasil, houve uma reação mais enfática do governo, que considerava o futebol incompatível com o que reconheciam como “natureza feminina”. Na exposição Contra-ataque! As mulheres do futebol¹², organizada em 2019 pelo Museu do Futebol (SP) para contar a trajetória das mulheres na modalidade, foi possível entender qual era o cenário da época. Alguns jornais do início da década de 1940, que estavam alinhados à política conservadora de Getúlio Vargas, contribuíram para transmitir a ideia de que a modalidade era incompatível com elas, com destaque para O Imparcial, que entrou em circulação em 1926 no estado do Maranhão. Era comum ler manchetes como “Pé de mulher não foi feito p’ra se metter em shooteiras!”, “Football e remo não são sports para moças”, e “O football mata a graça da mulher”, conforme mostram as figuras 5, 6 e 7 (na página seguinte):

¹¹ Trecho retirado de carta publicada no Jornal dos Sports, em 10 de maio de 1940, e reproduzida na exposição Contra-ataque! As mulheres do futebol

¹² A exposição foi visitada em junho de 2019 e permitiu registros fotográficos



Figura 7: Reprodução Museu do Futebol - O Imparcial, 16 de janeiro de 1941

Por mais que houvesse a tentativa de desqualificar o futebol feminino e associá-lo a uma desqualificação na masculinidade, Aira Bonfim (2018) explica que muitas mulheres resistiram apesar das investidas policiais que se tornaram frequentes com a nova lei. Pouco antes de ela ser decretada, o time carioca Primavera F.C se preparava para uma excursão pela América Latina convidado por um empresário argentino chamado Afonso Doce. A viagem, porém, foi interrompida quando a polícia do Rio de Janeiro prendeu Carlota Alves Resende, a diretora do clube. Ela foi acusada de explorar garotas em regiões boêmias da cidade (BONFIM, 2018). O acontecimento só fomentou ainda os argumentos daqueles que eram contra a prática. Na figura 8 (na página seguinte), vemos o caráter sensacionalista conferido ao fato da prisão:



Figura 8: Manchete sobre a equipe do Primavera A.C. e a prisão de sua diretora.
Fonte: A Gazeta, São Paulo, p. 5, 16 jan. 1941.

Mesmo com a modalidade proibida a partir de 1941, o futebol feminino continuou acontecendo – algumas vezes à espreita e com mulheres se escondendo da polícia, mas, em outras, como atração de eventos beneficentes, apresentando, inclusive, vedetes. Na pesquisa da historiadora Giovana Capucim e Silva (2015), ela mostra que, até meados dos anos 1960, esses encontros eram bastante frequentes e acabaram chamando a atenção da Comissão de Desportos Nacional, que reagiram para freá-los. Segundo Giovana, uma das motivações da deliberação da CDN sobre o assunto teve relação com o posicionamento da Federação Internacional de Futebol (FIFA) de aconselhar as federações nacionais a não estimularem a prática (CAPUCIM E SILVA,

2015). Dessa maneira, em outubro de 1965, a deliberação nº 7 da CDN fazia as seguintes indicações¹³:

1. Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.
2. Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball.
3. As entidades máximas dirigentes dos desportos do país poderão estabelecer condições especiais para a prática de desportos pelas mulheres, tendo em vista a idade ou o número incipiente de praticantes em determinada modalidade, observadas, porém, as regras desportivas das entidades internacionais.
4. No caso de desporto que não seja dirigido por entidade internacional, a dirigente no Brasil deverá solicitar ao CND a devida autorização para que possa ser praticado pelas mulheres.

Giovana pontua que a década de 1960 terminou com o Brasil sob um governo repressivo e autoritário, algo que se refletia na maneira de lidar com o descumprimento do que foi estabelecido para regulamentação das atividades esportivas, mas

Ainda assim, sem conseguir banir totalmente a prática do futebol por mulheres no país. Nesse sentido, o resultado foi a inserção efetiva das delegacias de polícia com responsáveis por coibir práticas de lazer proibidas pelas normas do país e o reforço e cobrança do governo federal para que agissem em represálias aos desvios da norma da CDN de proibição ao futebol feminino. No entanto, permanecia a resistência de mulheres que, de maneira consciente ou não, continuavam a praticar o futebol, a despeito da insistência das autoridades brasileiras para coibirem (CAPUCIM E SILVA, 2015, p. 43)

Enquanto o futebol masculino representava poder e soberania nacional, o feminino sobreviveu 38 anos em meio a proibições. Os times não deixaram de existir e elas não pararam de jogar. Com o desgaste do regime militar, o decreto foi revogado em 1979, mas a modalidade ganhou regulamentação no país apenas em 1983 e com as seguintes determinações¹⁴:

¹³ Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>. Acesso em 30. jun. 2021

¹⁴ Informações presentes na exposição Contra-ataque! As mulheres do futebol

- 1) O tempo de partida era de 70 minutos, com intervalos de 15 a 20 minutos;
- 2) A bola tinha diâmetro entre 62 e 66 centímetros;
- 3) O peso máximo da bola era 390 gramas;
- 4) As jogadoras deviam usar chuteiras com travas metálicas ou pontiagudas;
- 5) Era proibido cobrar bilheteria nos jogos;
- 6) Jogadoras não podiam trocar de camisas com as adversárias após as partidas.

Desde então, mesmo incorporado legalmente, o futebol sofreu com a falta de investimento para a profissionalização e a escassez de políticas públicas que incentivassem o seu desenvolvimento. De 1988 – ano primeira convocação oficial – até a Copa da Alemanha (2011), as atletas precisaram usar os modelos de uniformes da seleção masculina. Elas não só usaram o modelo dos homens, como já chegaram a vestir as mesmas peças. Em 2015, as mulheres ganharam uma camisa feita especialmente para elas e, em 2019, o uniforme completo, que passou a ser comercializado pela primeira vez. Na figura 9, é possível ver o desenvolvimento dos trajes usados:



Figura 9: Exposição Contra-ataque! As mulheres do futebol em junho de 2019. Fonte: Arquivo Pessoal

É importante destacar que essa não é uma questão estética, mas de disponibilizar uniformes que se adequem ao corpo das atletas e colaborem com o desempenho delas. Todo o trajeto da mulher no futebol feminino aqui no Brasil – das peladas clandestinas à regulamentação – foi exemplo de resistência. Mesmo antes de o decreto de 1941 que proibia o futebol feminino no país ser derrubado, partidas clandestinas continuavam acontecendo.

Em 1956, um jogo de caráter amistoso entre Bahia e Vitória aconteceu em Salvador no que hoje é a Arena Fonte Nova. O confronto principal era o de Galícia e Guarany, pelo Campeonato Baiano, no entanto, diante da iniciativa que contrariava a proibição, os ingressos foram vendidos muito rápido, e pela metade do preço para mulheres. O Vitória foi o campeão e ganhou destaque, em texto e fotos de Carlos Maia, na edição 970 do jornal *Esporte Ilustrado*:

Cercado de invulgar expectativa, quer pelo seu caráter de ineditismo, quer pelas características de reunir moças em um jogo de futebol, o encontro feminino entre representações que envergaram as camisas do Bahia e do Vitória lotou as dependências do Estádio Otávio Mangabeira, num majestoso colorido onde avultou a presença do «sexo frágil» num notório contraste com os espetáculos masculinos realizados comumente. Apoiados pela imprensa local, uma turma de jovens levaram a termo sem êxito integral a cartada, encetada inicialmente sem maior vulto porém, posteriormente aureolada com o apoio integral do público que se afastou do Estádio satisfeito com o presenciado. Cerca de sessenta treinos realizaram as «girls» e decorrente desse aprimorado preparo souberam demonstrar àquela imensa e compacta massa humana (fotografias) algo de apresentável em futebol. Houve dribles, cortadas espetaculares, centros e chutes certos e bem endereçados. Houve vibração, minuto a minuto, com as torcidas divididas representando os dois mais tradicionais rivais desportivos do Estado (MAIA in ESPORTE ILUSTRADO, 1956, p. 4).

Na figura 10 (na página seguinte), conhecemos as vencedoras da partida, cercadas por uma arquibancada cheia ao fundo. Tanto no time do Vitória quanto no do Bahia, atletas negras eram maioria, visto que o futebol não era modalidade praticada por mulheres brancas e de classes sociais mais altas, que se concentravam em atividades como remo, equitação, entre outras.



Figura 10: Jogadoras da equipe do Vitória – Fonte: Jornal Esporte Ilustrado, 1956.

Neste ponto, é importante retomar algumas jogadoras negras que defenderam a camisa da seleção e que foram apagadas no período em que o futebol feminino se tornou esporte de competição e as “musas” começaram a chamar a atenção da imprensa. Entre elas, estão Delma Gonçalves (Pretinha), Mariléia dos Santos (Michael Jackson) e Miraildes Maciel Mota (Formiga). Pretinha jogou de 1991 a 2014 com a seleção brasileira e participou de quatro Olimpíadas e quatro Copas, medalha de ouro em 2007 nos Jogos Pan-Americanos. Michael Jackson esteve na equipe do Brasil por 12 temporadas, e foi a primeira jogadora brasileira a atuar fora do país, quando em 1995 foi levada pelo clube italiano Torino. Formiga atuou pela última vez com a seleção na Copa da França (2019) e ainda não teve novas convocações. Com 41 anos, nordestina e única atleta, entre homens e mulheres, a disputar sete Copas do Mundo, a volante fez sua estreia no Mundial de 1995, com 16 anos.

Relembrar os nomes e as conquistas dessas jogadoras – ainda que brevemente – é importante para identificar que elas existem e sempre protagonizaram episódios de resistência, como foi o caso do jogo entre Vitória e Bahia. A necessária desconstrução de barreiras morais e das estruturas que insistem em rejeitar a participação de mulheres em diferentes instâncias sociais acompanha o pensamento feminista de ocupar em igualdade. Para que identificação, representatividade e resistência – juntas – possibilitem que esse equilíbrio aconteça no esporte,

acreditamos que meninas e mulheres precisam ser incentivadas a buscar autonomia e transformação por meio do empoderamento coletivo, que permita reconhecer forças sistêmicas opressoras e desarticulá-las. O acesso à prática esportiva e a outras perspectivas de informação pode ser um caminho. No item 2.3, discutiremos sobre ele.

2.2 EMPODERAMENTO PARA IGUALDADE NO ESPORTE

Séculos de subordinação fizeram com que as mulheres buscassem suas próprias revoluções a fim de resistir a diferentes tipos de opressões. Por isso, entendemos que empoderamento não se faz só, se faz na união de pessoas que se articulam com o objetivo de viver em uma sociedade igualitária. O conceito também passa pela noção coletiva de transformação que questiona estruturas de poder para impulsionar mudanças. Neste tópico, discutiremos o que seriam ações de empoderamento no esporte e como elas podem ajudar a ressignificar a presença de mulheres.

Por mais que o termo apareça associado à palavra *empowerment*, cujo sentido foi dado pelo psicólogo norte-americano Julian Rappert, em 1977, para sair em defesa de que grupos oprimidos tivessem ferramentas para se desenvolver e encontrar autonomia, sua fonte original remonta da intersecção do feminismo com o conceito de educação popular que se desenvolveu na América Latina nos anos 1970. As questões de gênero como categoria de análise ainda começavam a aparecer, mas com a Teoria da Conscientização, de Paulo Freire, já se pensava o empoderamento associado à libertação do sujeito oprimido e a conquista da liberdade. Trazido para o contexto feminista, articula-se com a ideia de tomadas de decisões mais democráticas, que sejam efetivas para mudar as condições de mulheres em áreas múltiplas de dominação.

Segundo a ativista feminista e acadêmica indiana Srilatha Batliwala¹⁵ (1997), o conceito com enfoque em bem-estar, antipobreza e demandas empresariais começou a receber críticas de movimentos feministas a partir de 1980, pois eles não viam

¹⁵ Srilatha Batliwala é diretora de Construção de Conhecimento e Liderança Feminista do CREA (Criando Recursos para Empoderamento em Ação), uma organização não-governamental com sede em Nova Déli, na Índia. Suas ações e estudos se concentram no empoderamento e desenvolvimento de mulheres.

nessas questões um progresso significativo de atribuir poder, principalmente às mulheres negras e pobres. Srilatha (1994) identifica que poder é o controle de recursos materiais, intelectuais e ideológicos, e chama a atenção para o fato de que o domínio sobre eles é dos homens, ainda que mulheres nunca tenham sido completamente desempoderadas – na verdade, elas entendem o seu pertencimento e buscam expandir espaços na direção contrária ao patriarcado. Cecília Sardenberg (2006) completa esse raciocínio e afirma que empoderamento é o processo e o seu próprio resultado. No caso das mulheres, empoderar teria o objetivo de questionar ideologias dominantes, transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero e as desigualdades sociais, e criar condições para que as mulheres pobres também possam ter acesso e controle sobre recursos materiais e informacionais (SARDENBERG, 2006).

Dessa maneira, a discussão também passa por uma visão interseccional do feminismo, que considera mulheres de diferentes recortes sociais e raciais em diferentes locais de opressão. Sendo assim, Joice Berth (2018) se volta ao empoderamento negro para defender que os pensamentos individual e coletivo precisam estar juntos. Isso significa que, por mais que essas mulheres estejam em contextos distintos de luta e necessidades, a consciência individual do lugar ocupado age diretamente no pensamento coletivo, “uma vez que a coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento (BERTH, 2018, p. 40).

Diante dessas considerações iniciais sobre empoderamento, nosso objetivo é assimilá-las à participação de mulheres no campo do esporte. Importante destacar que pensar essa demanda como algo sempre em curso – em constante mudança e evolução – ajuda a compreender por que ainda não há uma interpretação definitiva ou única sobre o que seria o empoderamento no campo esportivo. Isso porque mulheres praticam esportes em realidades totalmente diferentes e necessitam de ferramentas diferentes para possibilitar esse processo: por exemplo, analisar a relação que as afegãs, as indianas ou as africanas têm com a prática esportiva não é o mesmo que olhar para as brasileiras. Ou seja, o ritmo e a intensidade dos avanços também são distintos.

Os cenários para compreender como a relação entre esporte e empoderamento funciona no Brasil são muitos, mas discutiremos aqui as contribuições de três deles: projetos institucionais que investem no desenvolvimento social por meio de atividades físicas; coletivos de mulheres que se organizam para ressignificar suas conexões com modalidades diversas; e os conteúdos esportivos que dialogam com pautas feministas.

2.2.1 Esporte como desenvolvimento

Atualmente, o Brasil conta com uma Secretaria Especial do Esporte integrada ao Ministério da Cidadania. Com a fusão dos ministérios após a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República, a pasta passou a ser responsável pelos projetos que envolvem as necessidades esportivas no país. Além da Lei de Incentivo ao Esporte (1.438/2006), que permite a pessoas físicas e empresas investirem parte do que pagariam de Imposto de Renda em iniciativas que passem pela aprovação da Secretaria, existem outros programas que visam o desenvolvimento social de crianças e adolescentes por meio do esporte – entre eles, Bolsa Atleta, Forças no Esporte, Segundo Tempo, Academia & Futebol, Projeto DELAS e outros. No entanto, no site¹⁶ do Ministério mantido pelo Governo Federal não é possível saber quais ainda estão acontecendo, já que só constam algumas descrições e as informações sobre editais e relatórios se confundem com os dados de assistência social.

No mesmo cenário institucional, existem outros projetos sendo desenvolvidos com incentivos da Organização das Nações Unidas (ONU), de organizações não governamentais e fundações – muitas vezes financiadas por grandes marcas – para aumentar o acesso à prática esportiva. Ainda que o esporte esteja acontecendo no Brasil, ele se dá de maneira desigual.

Segundo o relatório Movimento é Vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas, com dados da realidade brasileira e divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em 2017, o indivíduo que mais pratica atividades físicas é o homem branco, jovem, sem deficiência e com alto nível socioeconômico. Do outro lado, está a mulher negra de baixo nível socioeconômico

¹⁶ Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas>. Acesso em 28 de setembro de 2020.

como quem pratica menos atividades físicas. Dados mostram ainda que a adolescência é a fase em que mais há diferença na proporção de praticantes segundo o sexo, menos de 40% delas e quase 70% deles.

A pesquisa feita pelo PNUD associa esses e outros resultados a questões de empoderamento, que considera como o processo individual e coletivo de adquirir poder para ter capacidade de optar pelo que é valorizado, e entende que

as pessoas se empoderam quando adquirem capacidades por meio da educação, boa saúde, acesso a nutrição, emprego remunerado, desfrute do tempo livre, oportunidades de participar, de expressar suas crenças e pensamentos etc. Empoderadas, as pessoas podem ter uma participação cada vez maior nos mecanismos institucionais formais ou informais, a fim de tomar as decisões e escolher as opções que lhes permitam melhorar sua situação de vida (RELATÓRIO MOVIMENTO É VIDA, PNUD, 2017, p.53).

O relatório também afirma que governos, ONGs, associações comunitárias, sindicatos, grupos religiosos, associações de empresas e a sociedade civil em geral participam desse processo de escolher e implementar ações que ampliam o rol de oportunidades que cada pessoa tem, assim como são os responsáveis por validar o desenvolvimento humano como algo multidimensional e sistêmico. Por isso, avalia que o direito ao esporte e lazer deveria ser considerado no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a fim de garantir bem-estar, empoderamento, justiça e inclusão. Para justificar essa abordagem, um dos gráficos que constam no estudo responde à pergunta: “Praticar atividades físicas e esportivas melhora o desenvolvimento humano da população?”. Por meio da análise entre o percentual de pessoas praticando alguma atividade e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) das Unidades da Federação (UF), foram observadas variações positivas, ou seja, conforme aumenta o esse percentual nas UFs brasileiras, aumenta também o seu IDHM.

Sabemos que o contexto institucional da relação entre esporte e empoderamento é muito mais amplo. Além da leitura que considera gênero, raça e classe, existem demandas de grupos LGBTQIA+, de pessoas com deficiência, da população na terceira idade e mais. Aqui, decidimos trazer o exemplo da Fundação Gol de Letra, que desenvolve o projeto Esporte e Gênero¹⁷, cujo objetivo é

¹⁷ Disponível em: https://goldeletra.org.br/pdf/Projeto_Esporte_Genero_FGL.pdf. Acesso em: 29 de setembro de 2020.

compartilhar seus processos de sistematizações e metodologias que consideram a igualdade de gênero como base a fim de promover o debate, estimular iniciativas diferentes e contribuir com outras organizações de maneira prática. A Fundação Gol de Letra nasceu em 1998 e é uma ONG idealizada pelos ex-jogadores de futebol Leonardo e Raí. Ela atua por meio de programas contínuos na Vila Albertina, em São Paulo, e no Caju, no Rio de Janeiro, com mais de 4.500 crianças, adolescentes e adultos beneficiados anualmente. Entre suas crenças está o esporte como instrumento de transformação social, desenvolvimento pessoal e profissional.

De acordo com a organização, a proposta institucional da Gol de Letra está em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), agenda adotada pelas Nações Unidas até 2030. Entre eles, o objetivo 5 é alcançar a igualdade de gênero e empoderar mulheres e meninas. Para cumpri-lo, o Projeto Esporte e Gênero transita em todos os programas e prevê, principalmente: não reproduzir estereótipos de gênero, ampliar a participação das meninas nas atividades esportivas, realizar oficinas com profissionais de educação física e despertar o interesse da comunidade pelo assunto. De acordo com a fundação, os resultados repercutem nas narrativas de meninos e meninas sobre assuntos como corpo, saúde, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gênero, com reflexões sobre suas realidades.

Propostas com caráter multidisciplinar e que promovem a defesa da igualdade de gênero em cenários onde tratamentos diferentes se destacam são capazes de promover não só o desenvolvimento individual – que dá a oportunidade de olhar com mais segurança para o próprio corpo –, mas também permite uma noção mais ampla da participação feminina no esporte, em uma fase em que as garotas estão construindo a própria identidade. Esse primeiro cenário da relação entre a prática esportiva e o empoderamento deságua no segundo, no qual abordaremos exemplos de mulheres que se organizam em coletivos na tentativa de ressignificar suas vivências no esporte.

2.2.2 Esporte como democracia

Os coletivos feministas são grupos que reúnem mulheres que dividem os mesmos interesses, posicionamentos, pautas e lutas. Desde os anos 1960, quando o feminismo passou a ser reconhecido como movimento social, era comum que as

representantes se reunissem para discutir sobre ações, direitos e procurar respostas para as desigualdades. No Brasil, o mesmo acontecia, principalmente motivado pelas injustiças do regime militar, período em que muitas mulheres se mobilizaram com mais intensidade e resistência.

Atualmente, o ambiente universitário funciona como um dos polos agregadores de coletivos, que, apesar de possuírem pautas em comum, às vezes se ramificam por diferenças significativas – a exemplo dos coletivos de universitárias negras. No entanto, esses grupos não se limitam ao espaço da universidade, na verdade, chegam aos colégios, bairros, às periferias e outros lugares, em dinâmica parecida com a dos movimentos sociais urbanos, sobre os quais fala Regina dos Santos (2008):

Os protagonistas não são as classes sociais, mas grupos sociais, ora maiores, ora menores, com interesses coletivos e algumas vezes muito localizados. As formas de exclusão e de opressão contra as quais lutam não podem ser abolidas apenas com a concessão de direitos, pois suas exigências não se limitam aos direitos abstratos e universais. Podem lutar pela abertura de uma creche, ou escola, pela construção de uma usina nuclear. São movimentos que ocorrem na dimensão da sociedade civil. As relações com o poder público podem ocorrer ou não. Mas não são mais de subalternidade (SANTOS, 2008, p. 147).

Nos últimos 10 anos, muitas mulheres começaram a se articular por meio das redes sociais, com a possibilidade de reunir pessoas com ideias semelhantes para trocar experiências em tempo real, sem que precisassem estar no mesmo lugar fisicamente. Neste cenário, as experiências com os coletivos de esporte emergiram à medida que o combate às desigualdades se tornou uma demanda mais popular no ambiente esportivo, e muitas reivindicações que não tinham espaço no passado foram impulsionadas pelo movimento feminista contemporâneo. O mapeamento com dados mais recentes sobre eles foi feito pelo programa Esporte Espetacular¹⁸, que revelou 16 grupos de torcedoras atuantes entre as 27 unidades federativas do Brasil. Esses coletivos retomaram as agendas do racismo, da gordofobia e do assédio no campo esportivo, além de se mobilizarem para uma participação mais democrática dos estádios.

¹⁸ Disponível em <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/contra-o-machismo-no-estadios-coletivos-feministas-se-unem-pelo-brasil-e-dao-voz-as-arquibancadas.ghtml>. Acesso em: 29 de setembro de 2020.

Outra demanda recorrente entre essas mulheres é a da prática de esportes em lugares públicos – como quadras em praças, por exemplo – onde predominam os homens. A ocupação como forma de resistência e empoderamento está entre as iniciativas dos coletivos Jogue Como Uma Garota¹⁹ FC e Rachão Basquete Feminino²⁰. O primeiro foi idealizado pela influenciadora digital Letticia Muniz, e surgiu nas redes sociais em 2019. Letticia nunca havia jogado futebol, mas decidiu aprender a modalidade e compartilhar em seus perfis online suas impressões sobre a relação entre mulheres e esporte. Com isso, atraiu quem dividia as mesmas ideias, interação que saiu das redes e reuniu pessoas para praticar a modalidade por prazer. Os encontros continuaram até se tornarem permanentes, com jogadoras de diferentes corpos, idades e intimidade com a bola. O Jogue Como Uma Garota FC conta com quatro treinadoras voluntárias e realiza treinos duas vezes por mês em uma praça pública localizada na Vila Mariana, São Paulo.

Já a história do coletivo Rachão Basquete Feminino é mais antiga. Em 2014, Ellen Valias, Priscila Regina, Aline Inocêncio e Roberta Magalhães – quatro mulheres negras – também identificaram a ausência de mulheres praticando esportes nas praças públicas da cidade de São Paulo. Motivadas a mudar essa realidade, passaram a se encontrar todos os últimos domingo do mês, organizando as datas por meio das redes sociais e reunindo de 30 a 70 jogadoras. Uma das ideias difundidas pelo grupo é a de que qualquer uma que esteja jogando basquete em um espaço que antes não ocupava promove resistência e representatividade. O propósito é usar o Rachão como ferramenta de fortalecimento para mulheres com histórias diversas e que desejam se reencontrar na prática esportiva.

2.2.3 Esporte como pauta feminista

Na relação entre esporte e empoderamento apresentada nos dois panoramas iniciais, fica evidente a necessidade de possibilitar novos significados da prática esportiva para meninas e mulheres. Quando se minimiza a importância que o esporte tem para o desenvolvimento humano e ele passa a ser privilégio de grupos

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/joguecomoumagarotafc>

²⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/rachaobasquetefeminino/>

específicos, é preciso também identificar outras maneiras de democratizá-lo e torná-lo acessível para todos e todas.

Parte dessa busca e de outras apoiadas na igualdade de gênero se fortaleceu quando a produção de conteúdo independente se popularizou na internet. Rebecca Solnit (2018, p. 86) aponta 2014 como ano de insurreição. um divisor de águas e um tempo “ruidoso, discordante e talvez transformador, porque foram ditas coisas importantes – não necessariamente novas, mas faladas com mais ênfase, por um maior número de mulheres, e ouvidas como nunca”.

Assim, se os jornais clandestinos que circularam no Brasil foram determinantes para que as mulheres exigissem seus direitos, a internet revelou um ambiente potencialmente transformador, em que as informações não se limitavam mais ao jornalismo feito pelas mídias tradicionais. Em 2000, havia cerca de 20 blogs feministas atuantes no país, mas o e-mail era a única ferramenta interativa, o que dificultava os debates, fazendo com que muitos fossem desaparecendo. No entanto, 15 anos depois, a imprensa feminista brasileira ganhou status de renascimento com novos canais de conteúdo – AzMina, Não Me Kahlo, Lado M, Empodere Duas Mulheres, Think Olga, Blogueiras Feministas, Frida Diria, Capitolina – que, com a ajuda do Facebook, tiraram discussões da invisibilidade.

O Dibradoras – nosso objeto de estudo – surgiu nessa época, com pautas que debatiam as questões de gênero no esporte e a falta de reconhecimento às modalidades femininas. Segundo a jornalista e fundadora do blog Renata Mendonça, identificar situações machistas e os problemas na cobertura que já era feita foi um processo de descobertas: “Tudo foi rolando numa consciência que, nos primeiros três meses, a gente estava querendo gritar, sabe? Porque você começa a se conscientizar de tanta coisa, que fala: isso é um absurdo. Entendeu?” (MENDONÇA, 2018, in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p.307).

Renata explica que escrever uma reportagem, fazer uma entrevista ou decidir qualquer tema para ser aprofundado no blog exigia muita pesquisa, pois a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) não mantinha informações atualizadas, e os dados encontrados muitas vezes estavam errados ou eram limitados: “Você entra no Wikipedia e tem três linhas sobre a pessoa, sabe? Eu acho que isso foi o mais apaixonante e desesperador, ao mesmo tempo, porque, assim, ninguém sabe as

histórias dessas mulheres, como pode a gente?” (MENDONÇA, 2018, in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 313).

Até 2015, quando o Dibradoras iniciou seu percurso, não havia na cobertura esportiva do país conteúdos que dialogassem com pautas feministas e se posicionassem dessa maneira. Jorge Corrêa foi editor de Esportes²¹ do UOL até 2019 e participou da decisão que integrou a equipe ao catálogo de blogs do site a partir de 2018. Por mais que, pontualmente, tenha havido desbravadoras do jornalismo esportivo, ele entende que

com a frequência e a profundidade que elas fazem, são as pioneiras (...) Acho que o pulo do gato foi falar com propriedade, não é só mulher escrevendo para mulher, sabe? É mulher escrevendo para todo mundo e mostrando que ali também é o lugar delas, que elas podem ocupar esse espaço que sempre foi majoritariamente masculino (CORRÊA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 369).

Segundo Renata (2018), a essência de cada uma das responsáveis pelo Dibradoras sempre foi feminista. Por outro lado, elas também viveram a fase de se reconhecerem como tal para que esse posicionamento repercutisse no blog:

Sempre fomos feministas no sentido de que a gente não aceitava [algumas coisas]. Por trabalhar numa área esportiva, você tem que ser feminista pra trabalhar numa área assim, para aceitar que você vai ter que, porra (sic), lutar trinta vezes mais pra se fazer ali. E acho que a gente tinha a consciência de que defendia o espaço da mulher. Mas na época, bem na mesma época, o feminismo começou a se propagar (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 316)

O próprio processo de idealização do Dibradoras e a sua atuação como jornalismo esportivo feminista refletem o amadurecimento identitário das fundadoras e do conteúdo, situação que vai ao encontro do que Joyce Berth (2018) destacou sobre a coletividade empoderada por meio de individualidades e subjetividades conscientes.

Os exemplos citados e as reflexões feitas pelas jornalistas Renata Mendonça e Roberta (Nina) Cardoso, e o ex-editor de Esportes Jorge Corrêa, são o terceiro

²¹ Hoje, Jorge não está mais no portal

cenário da relação entre esporte e empoderamento que nos propusemos a apresentar. Percebemos que a possibilidade de ter uma interpretação feminista sobre a participação feminina no campo esportivo segue a mesma direção dos avanços sociais motivados por um desejo em comum: igualdade. Sendo assim, as atletas se transformam em protagonistas, as causas defendidas mudam e as notícias se tornam mais humanizadas e engajadas.

2.3 JORNALISMO DE ENGAJAMENTO

Durante muito tempo, a atividade jornalística esteve associada exclusivamente a valores de isenção, imparcialidade, equilíbrio e à ausência de posicionamento, todos considerados necessários para alcançar a suposta verdade ou objetividade que requer uma notícia. Nos anos 1990, porém, revelou-se um formato de cobertura que questionava a tradição da distância e da neutralidade: o jornalismo de engajamento²², termo cunhado pelo ex-correspondente da British Broadcasting Corporation (BBC), Martin Bell. Responsável por cobrir diversas zonas de conflito, ele defendia que o jornalista não podia atuar como um mero espectador, com notícias que serviriam apenas como um espelho do mundo. Era necessário tomar partido e resgatar a humanidade, principalmente nas coberturas de guerra. “A objetividade é desejável, ou mesmo possível? Deveria ser imperativo, em um mundo perigoso e turbulento, simplesmente não incomodar as pessoas?” (BELL, 1998b, p. 103 apud CAMPOS, 2018, p. 89). Ou seja, na compreensão de que o que é noticiado passa, necessariamente, por um filtro humano – que é o jornalista – como não ser tocado pela subjetividade?

Esse questionamento foi o bastante para que muitos críticos do pensamento de Bell aparecessem. Profissionais e acadêmicos do jornalismo demonstraram preocupação com o risco de esse envolvimento afetar a credibilidade do conteúdo transmitido. Se utilizarmos exemplos recentes, temos os ataques de 11 de setembro, que apareceram envoltos à emoção e ao patriotismo nos noticiários norte-americanos. Por outro lado, situações anteriores, como a Guerra da Iugoslávia – em que Bell esteve na linha de frente das coberturas e presenciou experiências brutais – fizeram com que muitos profissionais repensassem seu papel, ainda que Bell tivesse sido o

²² No inglês, *journalism of attachment*

maior dos defensores do jornalismo de engajamento (FRASER, 2006, tradução nossa). Por isso, ele o define como um jornalismo que reconhece a mídia como parte deste mundo e que está “ciente de suas responsabilidades, que não se manterão neutras entre o bem e o mal, certo e errado, a vítima e o opressor” (BELL, 2003, p. 16 apud FRASER, 2006, p. 10, tradução nossa).

O jornalismo de engajamento se aproxima de um jornalismo independente quando defende que se vá além da apresentação de diferentes lados, mas mostre o lado forte e o lado fraco de uma história. No entanto, é exatamente nesse ponto que se concentram algumas fragilidades indicadas pelos críticos, que veem essa divisão como uma oportunidade de limitar contextos ou fazer essa divisão entre os bons e os maus (HUME, 1997; RUIGROK, 2008; O’NEILL, 2012 apud CAMPOS, 2018). Segundo Fraser (2006), outra preocupação se deve ao status de celebridade das notícias que o jornalista pode receber ao se tornar mais importante do que a própria história reportada.

No entanto, quase três décadas após as reflexões de Bell sobre o jornalismo de engajamento, novas práticas do que seria um jornalismo pós-industrial²³ avançam nesse contexto no qual existe mais liberdade para se comunicar e produzir informações, sem que elas sejam ditadas pela grande imprensa e pelas empresas jornalísticas. Por mais que o termo engajamento tenha ganhado definições variadas ao longo da última década, com a chegada das redes sociais digitais, que o transformou em métrica que avalia a interação de perfis online com uma marca ou publicação, por exemplo, seu conceito figurativo inclui a preocupação inicialmente proposta por Bell (1998). No dicionário, engajar-se é participar ativamente de assuntos de relevância social, política, passível de manifestações públicas diversas, seja na arte, na no jornalismo, atividades de partidos políticos etc.

A atuação engajada no jornalismo ou o jornalismo de engajamento revela um cenário de defesa de causas sociais. Antes de o termo ser cunhado, Beatriz Dornelles (2008) observa que, nos anos 1970, houve uma tendência ao desenvolvimento de algo que se chamou de jornalismo participativo, o que na verdade recebeu diferentes nomes, como jornalismo comunitário, jornalismo cívico, jornalismo popular e jornalismo engajado. O ponto comum seria a dedicação a iniciativas que promovessem mais cidadania, a fim de melhorar o debate público e aperfeiçoar o

²³ Termo cunhado por Anderson, Bell e Shirky (2012)

exercício da democracia. A pesquisa de Beatriz (2008) usa o exemplo do projeto de jornalismo cívico proposto pelo jornal *Charlotte Observer*, da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, lançado em 1994 e aplicado em uma cidade com altos índices de criminalidade. Muitas reportagens sobre os bairros mais violentos foram desenvolvidas, além de encontros com moradores, o que resultou em uma aproximação com a comunidade e queda no número de crimes.

Esse jornalismo cívico ou alternativo, por sua vez, sempre esteve vinculado a práticas ativistas e demandas de movimentos sociais, mas pouco ganhava a atenção dos veículos de comunicação de massa. Então, por que a atuação engajada do jornalismo passou a ser uma preocupação também das grandes corporações? Isso se deve muito à derrocada dos velhos processos e modelos jornalísticos, assim como à necessidade de se adaptar a novas formas de organização e representatividade. Anderson, Bell e Shirky (2012) apontam que o papel do jornalista precisa mudar neste novo cenário:

Acreditamos que o papel do jornalista – como porta-voz da verdade, formador de opinião e intérprete – não pode ser reduzido a uma peça substituível para outro sistema social; jornalistas não são meros narradores de fatos. Precisamos, hoje e num futuro próximo, de um exército de profissionais que se dedique em tempo integral a relatar fatos que alguém, em algum lugar, não deseja ver divulgados, e que não se limite apenas a tornar disponível a informação (mercadoria pela qual somos hoje inundados), mas que contextualize a informação de modo que chegue ao público e nele repercuta (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2012, p. 33).

Para Jorge Ijuim (2009), o profissional de jornalismo não se limita apenas à execução de técnicas, mas ao desenvolvimento da habilidade de agir e refletir sobre a sociedade, no exercício de seu papel social. No desempenho de sua atividade, o jornalista busca versões diversas sobre um fato e se coloca disposto a ouvir o que a sociedade tem a falar (MEDINA, 1982 apud IJUIM, 2009), construindo uma realidade no objetivo de trazer luz aos acontecimentos, sem permitir que eles permaneçam no limbo (IJUIM, 2009). Ele explica que esse estado de desenvolvimento está relacionado ao processo de humanização, tanto de si mesmo como de outros homens, que, no que lhe concerne, incorpora a responsabilidade histórica e o engajamento, conforme elucida Paulo Freire (1979/1983), pois “o compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas ‘águas’ os homens

verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’, ensopados” (FREIRE, 1979/1983, p. 19 apud IJUIM, 2009, p. 36).

A cobertura proposta por Bell ganhou recortes para além do jornalismo de guerra, contexto na qual foi idealizada em 1990. Conforme afirma Mariana Campos (2018), quando se trata de pautas ambientais, alguns acadêmicos defendem que a neutralidade jornalística é incompatível devido à urgência das discussões sobre mudanças climáticas na sociedade. Isso porque crescem os movimentos que negam o avanço do aquecimento global, e diminuem a preocupação a respeito do uso de combustíveis fósseis ou da aceleração do desmatamento. Então, segundo Wilson Bueno (2007), o jornalismo ambiental precisa ser revolucionário, se comprometer com a mudança de paradigmas, enxergar além das aparências e não ser complacente com quem se apropria da temática ambiental para formar ou reforçar a própria imagem.

Para Beatriz Dornelles (2008), o conceito também se aplicaria às editorias de política, economia e às pautas sociais como um redirecionamento do fazer jornalístico. A autora aponta que o engajamento pode corresponder a um sentimento de justiça e que o fim da neutralidade é crucial ao abordar algumas questões:

Uma reportagem representa um compromisso exercido a partir de uma visão particular do mundo e deve ser planejada e executada em função disso. Se a pauta, as fontes, o foco da entrevista não estiverem respaldados em um olhar multi e interdisciplinar, politicamente engajado, planetariamente comprometido, teremos uma reportagem que falseia os interesses da maioria, despossuída de poderes políticos e econômicos. A pauta jornalística deve estar comprometida com a visão de que alguma coisa precisa ser feita, há problemas e desafios a serem enfrentados, há interesses em jogo, e o jornalismo e o jornalista podem desempenhar um papel fundamental na sua explicitação. Os fatos, em geral, não podem ser vistos de um ângulo meramente técnico ou científico, pois estão atrelados a questões econômicas, vontade política, componente sociocultural, entre outros (DORNELLES, 2008, p. 129).

Importante dizer que isso não significa abandonar o compromisso com a verdade e a seriedade que exige a cobertura de qualquer pauta. Mas o jornalista precisa “estar aberto a ver a democracia como algo que temos de criar, de reinventar, de re-imaginar” (DORNELLES, 2008, p. 130). Sabemos que substituir a neutralidade pelo engajamento exige responsabilidade, e isso implica em distinguir quando ser objetivo, e não agir em função de interesses próprios, mas coletivos. O Dibradoras, em seu posicionamento pela igualdade de gênero, se engaja em causas coletivas. As

pautas que discutem raça, gênero, classe ou feminismo são compatíveis com o posicionamento e a defesa de justiça social. Por isso, falar sobre preconceitos, padrões limitantes, desigualdades e outros temas, mas se isentar sobre eles, pode significar o não comprometimento com causas urgentes e que, durante décadas, estavam escondidas sob o manto da objetividade. Segundo Júlia Belas, mestre em jornalismo esportivo pela St. Mary's University, no Reino Unido, e agora colaboradora do blog, no jornalismo esportivo sob uma perspectiva feminista,

não quer dizer, por exemplo, que você só vai entrevistar mulheres, é que você vai prestar atenção nas suas matérias, nos conteúdos que você produz, você sempre vai tentar manter uma igualdade. Igualdade de fontes, igualdade de pessoas que você vai ouvir, igualdade de equipe mesmo que você vai utilizar para produzir conteúdo. É, eu imagino que é muito isso. E justamente porque esses espaços são tão pouco diversos, a gente acaba tendo que criar veículos que sejam voltados para cobertura de mulheres (BELAS, 2020 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 472)

Diante das considerações feitas sobre a importância de ressignificar a neutralidade do jornalismo, seguimos para o próximo tópico, em que nos voltaremos às percepções do sociólogo Stuart Hall (1978) e seus colegas sobre a notícia como produção social, discussão que ajuda a concluir o referencial teórico da tese. Nele, também articulamos sobre os mapas culturais de significados que participam dessa construção noticiosa, a maneira como o jornalismo esportivo absorve esse sistema e as possibilidades de reinvenção.

2.4 PRODUÇÃO SOCIAL DA NOTÍCIA NO JORNALISMO ESPORTIVO

Segundo Hall, Critcher, Jefferson, Clarke e Roberts (1978) são muitos fatores que influenciam na estruturação de uma notícia, o que impede o conteúdo de ser neutro. Dessa maneira, não há um relato simples e transparente de eventos naturalmente dignos de serem notados, assim, “as notícias são o produto final de um processo complexo que começa com uma classificação e seleção sistemática de eventos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas” (HALL, CRITCHER, JEFFERSON, CLARKE E ROBERTS, 1978, p. 53, tradução nossa).

Para os autores, os jornalistas são responsáveis por determinar os valores-notícia que operam a partir de critérios que possibilitam decidir o que é relativo ou insignificante para ser noticiado, e a maneira como tudo isso será interpretado. Assim, mapas culturais de significados do mundo social são acionados pelos jornalistas sempre que se começa a construir a notícia e isso envolve absorver percepções consensuais sobre a sociedade. Ou seja, esses mapas formam a base de nosso conhecimento cultural e são traduzidos para seus leitores e espectadores de maneira a se fazerem compreendidos:

Esse processo de tornar um evento inteligível é um processo social – constituído por várias práticas jornalísticas específicas, que incorporam (muitas vezes apenas implicitamente) suposições cruciais sobre o que é a sociedade e como funciona. Um desses pressupostos é a natureza consensual da sociedade: o processo de significação – atribuindo significados sociais aos eventos – assume e ajuda a construir a sociedade como um “consenso”. Existimos como membros de uma sociedade porque – supõe-se – compartilhamos um estoque comum de conhecimento cultural com nossos semelhantes: temos acesso aos mesmos “mapas de significados” (HALL, CRITCHER, JEFFERSON, CLARKE E ROBERTS, 1978, p. 55, tradução nossa).

No conceito de produção social da notícia, essas percepções consensuais nos unem como sociedade e funcionam como a base de toda comunicação, o que faz com que as interpretações dos eventos pela mídia se tornam iguais em diversos contextos. A crítica de Hall é que, nesse cenário, um “fato cultural básico” sobre a sociedade pode ser elevado a questões ideológicas extremas. Isso quer dizer que por pertencermos a uma mesma cultura, tratamos essa cultura como única possível e observamos a vida e seus acontecimentos a partir de uma única perspectiva. “Essa visão nega qualquer discrepância estrutural importante entre diferentes grupos ou entre os diferentes mapas de significado de uma sociedade” (HALL, CRITCHER, JEFFERSON, CLARKE E ROBERTS, 1978, p. 55, tradução nossa). Adotar esse ponto de vista de forma consensual tem importantes consequências políticas, quando usado como base de comunicação, conforme descreve Hall (1978) e seus colegas:

Carrega a suposição de que todos têm aproximadamente os mesmos interesses e uma parcela igual de poder na sociedade. Essa é a essência da ideia de consenso político. As visões “consensuais” da sociedade a representam como se não houvesse grandes rupturas culturais ou econômicas, nem grandes conflitos de interesses entre

turmas e grupos (HALL, CRITCHER, JEFFERSON, CLARKE E ROBERTS, 1978, p. 55, tradução nossa).

Eles defendem que a mídia mapeia eventos e estruturas assumindo o posicionamento de que todos nós possuímos e sabemos igual. Por outro lado, entendem que é necessário explicar a relação entre as ideias dominantes, ideologias e as próprias rotinas de produção, que muitas vezes influenciam na escolha das fontes utilizadas nas notícias. É fato que, na tentativa de mostrar uma cobertura imparcial, a mídia segue algumas regras que garantem declarações objetivas e credenciadas, e isso significa procurar para falar representantes igualmente credenciados nas instituições. Dessa forma, sua representatividade e autoridade garantiriam a qualidade da informação. No entanto, os teóricos indicam que essas decisões seguem a via contrária à neutralidade, já que as definições da realidade social são feitas pelo que essas fontes credenciam previamente, ignorando os conflitos de interesse existentes:

Esses dois aspectos da produção de notícias – as pressões práticas de trabalhar contra o relógio e as demandas profissionais de imparcialidade e objetividade – combinados produzem acesso excessivamente estruturado à mídia daqueles em posições institucionais poderosas e privilegiadas. A mídia tende, assim, fiel e imparcialmente, a reproduzir simbolicamente as estruturas de poder na ordem institucional da sociedade. Isto é o que Becker tem chamado “hierarquia de credibilidade” – a probabilidade de que aqueles com poder ou em posições de alto status na sociedade que oferecem opiniões sobre tópicos controversos terão suas definições aceitas. Porque entende-se que esses porta-vozes têm acesso a informações mais precisas ou mais especializadas sobre determinados tópicos do que a maioria da população (HALL, CRITCHER, JEFFERSON, CLARKE E ROBERTS, 1978, p. 58, tradução nossa).

De acordo com esse raciocínio, então, a mídia não cria a notícia ou simplesmente transmite uma ideologia da classe dominante em um cenário conspiratório. São as suas estruturas as responsáveis por desempenhar esse papel – secundário, de acordo com eles – de reproduzir definições daqueles que possuem um acesso privilegiado a essa mídia. Assim, as rotinas produtivas acabam subordinadas a essa estrutura que prioriza poderosos e grupos dominantes cultural ou socialmente.

Interpretações únicas ou pertencentes à mesma perspectiva consideram a existência de uma cultura nacional, em que Hall (2004) engloba as instituições culturais, os símbolos e as representações:

uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influência e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmo. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2004, p. 50-51).

Na cultura em geral, o esporte propagou características masculinas como padrão e principal condição para a boa performance. Por sua vez, a mídia esportiva acompanhou esse entendimento e se legitimou através dos tempos como lugar para homens. Em ambos – esporte e mídia esportiva –, a masculinidade costuma ser celebrada:

[Esporte] cria vantagens masculinas e valores masculinos que parecem tão normais e “naturais” que dificilmente podem ser questionados. Aí pode estar a chave do quebra-cabeça conectando homens e o mundo aparentemente inocente dos esportes: eles se encaixam tão firmemente, tão perfeitamente, que eles alcançam seus efeitos – aprendendo a ser homem, vínculo masculino, autoridade masculina e afins – sem que pareça fazer algo mais do que jogar uma bola ou assistir a um jogo de domingo à tarde (HARTMANN, 2003, p. 20 apud COAKLEY, 2018, p. 122, tradução nossa).

Essas situações que normalizam a agressividade excessiva, a violência, a superioridade de homens sobre mulheres e as adjetivações masculinas para relacionar sucesso e prática esportiva são constantemente apropriadas pela mídia. Então, quando Hall, Critcher, Jefferson, Clarke e Roberts (1978) discorrem sobre a construção social da notícia por meio dos mapas e sistemas culturais, entendemos que o jornalismo esportivo faz parte dessa dinâmica.

Segundo Jorge Corrêa, ex-editor de Esportes do UOL, que reúne parte expressiva do conteúdo esportivo produzido no Brasil, a linha editorial do segmento até 2015 era machista. Ele explica que a virada de chave para a mudança aconteceu em 2016. “A gente percebeu um: que a gente estava errado; dois: que a gente não precisava mais daquela audiência; e três: que a gente estava num caminho ruim, não era esse o caminho que a gente queria seguir, que precisava seguir. Aí a nossa virada foi a série ‘Quero treinar em paz’” (CORRÊA, 2018, p.). A série foi lançada em formato de vídeos antes das Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016) e revelava diversos problemas que a maioria das atletas enfrentava para poder treinar:

A gente fez e pensou, cara (sic), é o caminho que a gente quer seguir. E quando, eu e o Vinícius assumimos, e a gente falou: acabou, agora acabou. Trazer o Dibradoras foi muito parte dessa mudança de mentalidade do UOL Esporte, de mudança da linha editorial, do tipo: não, não vamos mais de jeito nenhum objetificar a mulher no esporte, mas, de forma alguma, e mais que isso, vamos problematizar quando as mulheres forem objetificadas de alguma maneira (CORRÊA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 364).

CORRÊA (2018) afirma que esse reposicionamento do conteúdo esportivo do UOL também fez parte de um processo de desconstrução coletivo: “(...) a chefia, a empresa. A gente percebeu que não cabia mais. A grande questão é que também as pessoas que estavam ali, que eram contra essa linha editorial machista, não necessariamente tinham a voz necessária pra conseguir se impor” (CORRÊA, 2018, p.). Para ele, essa foi uma evolução da sociedade, que chegou ao jornalismo e à redação. Diante dessa transição, o jornalista comenta sobre a repercussão inicial e os questionamentos do público:

Até ontem vocês faziam Belas da Torcida e agora tão nesse de Quero Treinar em Paz? (sic). Então, a gente sabia que ia acontecer mesmo. Até que a gente começou a focar, fazer muitas matérias com esse viés feminino, feminista, propositadamente, deliberadamente: sim, estamos fazendo matérias feministas. As pessoas começaram a entender que daqui para frente ia ser desse jeito. Ouvimos críticas assim, mas hoje em dia elas já se assentaram (CORRÊA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 367)

Questionar sobre o padrão de narrativas esportivas influencia o olhar mais atento aos mapas culturais por trás das coberturas noticiosas. Segundo relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2018, apenas 4% do conteúdo de mídia no mundo todo é dedicado ao esporte feminino. O documento *World Trends in Freedom of Expression and Media Development*²⁴ é referente ao período de 2012 a 2017, no qual identificou que somente 12% das mulheres apresentam noticiários esportivos. No Brasil, segundo dados²⁵ de jornais impressos e digitais líderes em seus estados de acordo com ranking feito pela Associação Nacional dos Jornalistas (ANJ), nas colunas esportivas de 2016, havia três mulheres e 37 homens.

²⁴ Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000265968>

²⁵ Disponível em: <http://www.generonumero.media/genero-nas-colunas-esportivas/>

No contexto dessas pesquisas, Jay Coakley (2018) afirma que cabe às mídias em geral e às pessoas responsáveis pela programação perceberem que os esportes com mulheres também podem atrair público rentável aos patrocinadores, o que levanta algumas questões, como

meninas e mulheres que consomem coberturas esportivas femininas preferem narrativas e imagens que desafiam a ideologia de gênero dominante ou essa cobertura as deixa desconfortáveis? Além disso, várias narrativas e imagens influenciam meninas e mulheres a participar de esportes ou a abandonar ideias e crenças que possam limitar sua escolha de modalidade. Quão seriamente elas os jogam e como integrar a participação esportiva em suas vidas? (COAKLEY, 2018, p. 188, tradução nossa)

Na época da entrevista com o ex-editor de Esportes do UOL, Jorge Corrêa, a Copa do Mundo de Futebol Feminino na França ainda não havia acontecido e as previsões sobre a cobertura do evento em 2019, mesmo que fossem sobre mais espaço, envolviam discussões sobre patrocínio:

A gente esbarra muito ainda em investimento. (...) Porque, por exemplo, na Copa do Mundo masculina, a gente mandou uma equipe gigantesca pra Rússia? Porque tivemos muito investimento de patrocinadores nessa cobertura. Então, pra mandar pra França, estamos esperando. (...) Não basta apenas vontade editorial e isso é o que a cobertura de esporte feminino, de futebol feminino, principalmente, em geral, barra muito nisso. (sic) Até tem algumas empresas que estão investindo, o Itaú investe porque o Itaú é patrocinador de todas as seleções brasileiras, mas o esporte olímpico ajuda muito a melhorar a cobertura de esporte feminino por conta disso, porque tá todo mundo, tá tudo ali, então a gente consegue (CORRÊA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 371)

Em análise feita por CORRÊA (2018), ele destaca a necessidade de ter mídias diferentes se preocupando com a diversidade de conteúdo esportivo em sua programação. Segundo o jornalista, por mais que o UOL ajude a dar esse espaço de vozes femininas falando sobre modalidades femininas, para que algo grande despertasse, era preciso contar com a televisão, em especial, a Globo. As previsões do ex-editor se comprovaram na Copa do Mundo de Futebol Feminino da França (2019): o futebol feminino viveu um momento de muito destaque, com sites e jornais impressos fazendo a cobertura, e a Globo transmitindo todos os jogos, inclusive com a estreia da comentarista Ana Thais Matos como comentarista em rede nacional. Os

dados oficiais da Fifa²⁶ também mostraram que a edição de 2019 foi a mais assistida e alcançou 993.5 milhões de indivíduos únicos por pelo menos um minuto em frente à tela.

Por mais que estejam em curso mudanças no mapa cultural utilizado pelo jornalismo esportivo, não há unanimidade. Muitos episódios de preconceito de gênero e raça ainda acontecem e, às vezes, são tratados com normalidade. As transformações só acontecem quando há um confronto com rotinas jornalísticas que priorizam grupos dominantes, detentores de poder, assim como o discurso e as representações dos poderosos. No caso do esporte, entendemos os homens como poderosos e dominantes. Nas instituições esportivas, nos programas televisivos ou canais de conteúdo que tratam sobre o assunto, nas áreas de lazer e na educação infantil, as raízes masculinas ainda persistem.

No próximo capítulo – Contextualização – resgatamos brevemente o histórico da imprensa feminista do Brasil para discutir os diferentes momentos do movimento de mulheres no país, e a maneira como se deu a adesão de novas pautas ao longo do tempo. Contextualizamos também o surgimento da imprensa esportiva, as representações dominantes sobre as mulheres no futebol e as desigualdades que o preconceito de gênero impõe no cenário.

²⁶ Disponível em: <https://img.fifa.com/image/upload/rvgxekduqpeo1ptbgcng.pdf>

PARTE II – CONTEXTUALIZAÇÃO

3 BREVE HISTÓRICO DA IMPRENSA FEMINISTA NO BRASIL

Nesta etapa da pesquisa, demarcaremos a importância da imprensa feminista para a conquista de direitos essenciais das mulheres brasileiras. No entanto, não é nosso objetivo analisar as ondas que documentam o movimento feminista no Brasil, mas entendê-las como contextos que impulsionaram a produções de conteúdos diferentes de acordo com o tempo, o espaço e a sociedade. Segundo Céli Pinto (2003), é possível identificar três vertentes bem claras do movimento feminista desde as primeiras décadas do século 20: a primeira tinha Bertha Lutz – ativista e bióloga – como sua principal líder e organizava-se justamente a favor do reconhecimento da mulher como sujeito portador de direitos políticos. No entanto, pouco se falava sobre a alteração das relações de gênero, discutia-se mais uma inclusão feminina no exercício da cidadania; a segunda é caracterizada como um feminismo difuso, que se manifestava por meio de uma imprensa feminista alternativa. Mulheres escritoras, cultas e jornalistas que defendiam a educação e falavam no interesse que os homens tinham em deixá-las de fora da vida pública, além de abordar temáticas como sexualidade e divórcio em seus textos; a terceira trata-se de trabalhadoras e intelectuais militantes de movimentos de esquerda que acreditavam em um feminismo radical, articulado a partir de ideais anarquistas e críticas à exploração do trabalho.

A necessidade de criar um discurso próprio, estabelecer novas representações e questionar estereótipos acompanhou a consolidação do movimento feminista e da imprensa feminista no Brasil. De acordo com Constância Duarte (2017), jornais e revistas foram os principais veículos que serviram a esse tipo de produção e, desde o início, eles se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência. Além da conquista do voto e da participação feminina no sistema eleitoral brasileiro a partir de 1932²⁷, a virada do século reuniu mulheres de diferentes grupos que buscavam desacelerar a dominação compulsória de homens em todos os segmentos sociais. À época, a primeira onda do movimento feminista – em aspectos mundiais –

²⁷ No chamado sufrágio à brasileira, desde os anos 1880 mulheres lutavam de maneira individual para garantir seus direitos políticos. Em 1881, a dentista gaúcha Isabel de Sousa Matos requereu a oportunidade de votar com base em uma lei destinada aos portadores de títulos científicos. Em 1910, inconformadas com a proibição, outras mulheres formaram o Partido Republicano Feminino, que pedia por emancipação e independência no exercício da cidadania. A primeira eleitora do Brasil foi Julia Alves Barbosa, professora de Mossoró, que obteve parecer favorável concedido pela justiça local em 1927 (PINTO, 2013)

se dava a partir das manifestações de mulheres em espaços públicos e às denúncias sobre desigualdades. Na luta contra as hierarquias excludentes, o jornalismo feminista estimulava opiniões mais vanguardistas quanto à participação de mulheres na sociedade.

No período que vai de 1850 a 1934, diversas publicações foram determinantes na construção da identidade e na formação cultural e política delas. As primeiras publicações do século 19 destinadas ao público feminino concentravam conteúdos de moda, mas logo outros temas começaram a aparecer. Os jornais *Belona* Irada contra os Sectários de Momo (1833-1834), *Idade d'Ouro* (1833), *A Filha Única da Mulher do Simplício* (1832) e *A Mineira do Rio de Janeiro* (1833) foram os quatro primeiros prováveis periódicos dirigidos por mulheres, seguido de o *Jornal das Senhoras* (1852-1855), que se tornaria conhecido como fundador do periodismo feminino – folha de Joana Paula Manso de Noronha, poetisa, dramaturga, romancista e jornalista argentina que residiu no Brasil durante o período em que ficou exilada da ditadura de Rosas. Impresso no Rio de Janeiro, apareceu com a promessa de levar às leitoras notícias sobre teatro, moda e literatura, mas assumiu também um discurso progressista, que incentivava a conscientização.

Contudo, o jornal *O Sexo Feminino* (1873-1889) pode ser considerado o primeiro a reproduzir de fato o que seriam as causas das mulheres. De acordo com Duarte (2017), o semanário tinha a proposta de “defender a educação, a instrução e a emancipação da mulher”, e foi idealizado por Francisca Senhorinha da Motta Diniz, que fundou também outros jornais no Rio de Janeiro – *A Primavera* (1880), *A Voz da Verdade* (1880) e *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* (1889-1890). Um trecho do editorial da edição de lançamento denota o caráter da publicação:

Zombem muito embora os pessimistas do aparecimento de um novo órgão na imprensa – *O Sexo Feminino*; tapem os olhos os indiferentes para não verem a luz do progresso, que, qual pedra desprendida do rochedo alcantilado, rola violentamente sem poder ser impedida em seu curso; riam os curiosos o seu riso sardônico de reprovação à ideia que ora surge brilhante no horizonte da cidade da Campanha; agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte do Sexo Feminino; persigam os retrógrados com seus ditérios de chufa e mofa nossas conterrâneas, chamando-as de utopistas: *O Sexo Feminino* aparece, há de lutar até morrer. Morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido (*O SEXO FEMININO*, 1873, p. 1)

Na época, além da preocupação com os direitos políticos das mulheres, o jornal defendia os direitos civis e pregava a importância da educação para garantir a emancipação feminina. Na verdade, essa foi uma das causas mais exploradas pelas publicações que militavam por igualdade, a exemplo do jornal *A Família* (1888 a 1897), que foi editado por Josephina Álvares de Azevedo e tratava do conhecimento como forma de libertação. Conforme evidencia Pinto (2003), as mulheres responsáveis por esses e outros jornais – que hoje reconhecemos como feministas – geralmente eram de família cuja bagagem cultural estava acima da média e tinham sido educadas de maneira sólida, na direção contrária de uma sociedade que limitava o sexo feminino ao trabalho doméstico e à vida privada.

Por outro lado, a autora questiona o espaço que tais lutas encontraram nesse cenário e aponta que “temos de ter em mente que essas manifestações ocupavam as franjas da sociedade. Ou seja, não se constituíam nos assuntos que pautavam as preocupações das elites políticas e culturais da época” (PINTO, 2003, p. 33). Diferentemente do que acontece hoje, momento em que as minorias conseguem dar visibilidade às suas pautas com mais rapidez e eficiência, a movimentação de mulheres pela ocupação das atividades públicas tinha um alcance menor no passado, mas foi importante na trajetória de reivindicações.

De modo geral, a imprensa feminina brasileira do final do século 19 e início do século 20 funcionava a partir de duas perspectivas: reforçar a vivência da mulher como mãe, esposa e dona de casa; ou defender seus direitos e o crescimento intelectual perante a sociedade. Entretanto, tais pontos de vista não justificam configurar um quadro dicotômico àquele tempo, pois até os discursos reformadores muitas vezes encontravam dificuldades em separar as mulheres de seus papéis preestabelecidos no contexto familiar. Muito menos podemos classificá-las como antagônicas.

Na interpretação de Évellyne Sullerot (1963 apud BUITONI, 1981/2009), a história dessa imprensa se desenvolveu em dois planos, cujas publicações estavam divididas entre tradicionais e feministas, que abrangiam deveres e direitos respectivamente. O primeiro fazia o recorte da mulher na vida privada e da valorização da feminilidade, enquanto o segundo promovia a discussão sobre a vida pública e a autonomia do sexo feminino – sem que se tornassem vias excludentes dentro do jornalismo, pois as mulheres estavam sujeitas ao contato com qualquer um dos conteúdos e poderiam possuir interesses que transitavam entre ambos.

O início dos anos 1900 trouxe à tona mais questões a serem debatidas: inserido principalmente na vertente do feminismo anarquista, o gênero como aspecto estruturador das desigualdades foi incorporado às problematizações feitas por operárias e intelectuais de esquerda. Elas anteciparam também a pauta sobre as diversas estruturas de opressão, que apontam oprimidos sendo afetados de formas diferentes. Isto é, “que ser mulher, ser negro ou pertencer a qualquer outra minoria traz uma carga a mais em relação a ser homem e ser branco. Essas anarquistas, na contramão dos movimentos libertários da época, chamavam atenção para as diferenças” (PINTO, 2003, p. 35). Assim, a relação de dominação dos homens sobre as mulheres e a questão do trabalho se tornaram outros ingredientes de luta na época. O nome da professora Maria Lacerda de Moura aparece como representante desse grupo de feministas que buscavam transformações mais profundas utilizavam a imprensa anarquista para se posicionar. No jornal *A Plebe* (1917-1951), a também militante Isabel Cerruti escreveu, no artigo *A Moral dos Lares*, em resposta às posições da *Revista Feminina*:

A *Revista Feminina* em seu programa propõe propugnar pela emancipação da mulher conseguindo para ela o direito de empenhar-se em lutas eleitorais. É isto que chamam de emancipação? (...) Qualquer reforma de leis vigentes que venha conferir-lhe direitos políticos iguais aos do homem não a põe a salvo das chacotas e humilhações, não a livra de ser espezinhada pelo sexo forte e prepotente, enquanto perdurar a moral social que constringe e protege a prostituição (CERRUTI, 1920, s.p)²⁸

A emancipação feminina era tratada a partir de uma ideia de revolução social, pois perpassava aspectos da organização das famílias, relações afetivas ou participação política, e adentrava a cultura libertária, contra a arbitrariedade e pela defesa de mulheres livres moral e economicamente. De maneiras diferentes e com ideologias que dialogavam ou não, as movimentações de mulheres no período de transição dos séculos 19 e 20 conferiram importância e sentido ao termo feminismo no Brasil. A imprensa cumpriu com sua função social e serviu de canal para denúncias, debates e provocações a respeito do papel da mulher. Em 1934, com o sufrágio estabelecido na Constituição, o voto feminino passou a ser a primeira conquista concreta até então. Por outro lado, novos ares de luta, enfrentamento de padrões e quebra de paradigmas só voltariam a ser sentidos no Brasil

²⁸ CERRUTI, I. *A Moral do Lares*, *A Plebe*, São Paulo, 20 nov. 1920.

a partir da segunda metade do século, por volta de 1970. Outra vez e com mais força, a imprensa serviria como espaço de resistência, conforme abordamos no tópico 3.1.1.

3.1 A IMPRENSA FEMINISTA A PARTIR DE 1975

A madrugada do dia 31 de março de 1964 ficou marcada pelo golpe militar que encerrou o governo do presidente eleito João Goulart e iniciou o regime autoritário e nacionalista que duraria até 1985. Naquele momento, diversos movimentos populares e sindicais foram desarticulados, com seus líderes submetidos à perseguições e prisões arbitrárias, enquanto surgiam grupos que, apesar de organizados por brancas, de classe média, donas de casa e esposas de militares, atraíam mulheres pobres e periféricas que, manipuladas por ondas conservadoras, religiosas e por uma suposta ameaça comunista, se posicionavam como sustentação popular do golpe. Inicialmente, no campo progressista, as mulheres de camadas mais populares não se organizavam de maneira autônoma, nem tinham plena consciência de seus direitos, o que facilitou essa aproximação.

No entanto, esses movimentos de mulheres de diferentes classes sociais e ideologias surgiam desde o final da década de 1940. Eles não tinham como pauta a luta pela mudança dos papéis atribuídos a elas na sociedade, mas se organizavam por melhorias em postos de saúde, creches, escolas e serviços públicos em geral (PINTO, 2003). O feminismo, em países como o Brasil,

não pode escapar dessa dupla face do problema: por um lado, se organiza a partir do reconhecimento de que ser mulher, tanto no espaço público como privado, acarreta consequências definitivas para a vida e que, portanto, há uma luta específica, a da transformação das relações de gênero. Por outro lado, há uma consciência muito clara por parte dos grupos organizados de que existe no Brasil uma grande questão: a fome, a miséria, enfim, a desigualdade social, e que este não é um problema que pode ficar de fora de qualquer luta específica. Principalmente na luta das mulheres e dos negros, a questão da desigualdade social é central (PINTO, 2003, p. 45).

A autora determina que essa circunstância é responsável por dois cenários diferentes: o primeiro tende a incluir tais problemáticas como parte do contexto da desigualdade como um todo – comum nos partidos de esquerda –, enquanto o outro reconhece as proporções que essa desigualdade no interior dos movimentos quando

se têm mulheres pobres, negras, sem-terra ao lado de ricas e intelectualizadas. Assim, Céli Pinto (2003) define o movimento feminista brasileiro como

a luta por autonomia em um espaço profundamente marcado pelo político; defende a especificidade da condição de dominada da mulher, numa sociedade em que a condição de dominado é comum a grandes parcelas da população; no qual há diferentes mulheres enfrentando uma gama de problemas diferenciados (PINTO, 2003, p. 46).

Conforme aponta Viviane Freitas (2018), foi durante a ditadura militar, nos anos 1970, que as manifestações do feminismo de segunda onda surgiram no Brasil e ampliaram as discussões dos direitos políticos para questões como sexualidade, direitos reprodutivos, mercado de trabalho e violência doméstica. Muitas pessoas que seguiram para o exílio em função da perseguição do regime estavam Paris, onde o contexto da luta por liberdades individuais exercia forte influência, além da revolução cultural que colocava em xeque padrões, hierarquias e velhos costumes naturalizados. A relação de mulheres exiladas com tais pensamentos ameaçava tanto a esquerda masculina e marxista – que defendia a unidade na luta do proletariado contra o capitalismo, com homens à frente dessas organizações – quanto os próprios militares ultradireitistas (PINTO, 2003).

Neste cenário, surgiu o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris (1975-1979), que foi uma das mais importantes representações do ideário feminista da época: um movimento que via a luta de classes e a luta pela autonomia das mulheres como duas questões distintas. De acordo com Pinto (2003), o Círculo se apresentava como um espaço público de reflexão e se organizava por meio de comissões e assembleias, para aumentar o número de participantes, entrar em contato com outros grupos e manter um intercâmbio político e cultural com o Brasil. Porém, as tensões entre aquelas que associavam o feminismo às propostas marxistas e as que o reconheciam como movimento libertário – em prol do corpo, da sexualidade e do prazer – continuavam acontecendo. No Brasil, havia ainda um olhar inquisidor sobre o que fugisse da busca pela redemocratização do país:

Entre nós, na virada para a década de 1970, o feminismo amalgamou um paradoxo: ao mesmo tempo em que se organizava em defesa da especificidade da condição da mulher, estabelecia uma profunda ligação com a luta contra a ditadura militar. Isso desembocou em um tensionamento permanente entre dois vetores: aquele associado às

lutas que davam ênfase à sexualidade, ao corpo e ao prazer versus aquele outro que priorizava a luta de classes e/ou a luta pela democracia (ESCOSTEGUY, 2016, p. 65).

Não obstante, 1975 foi decisivo para os avanços das pautas feministas – inclusive em território nacional. A Organização das Nações Unidas (ONU) institucionalizou que aquele seria o Ano Internacional da Mulher, e que 1975 a 1985 a Década da Mulher, durante a Primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres, na Cidade do México. Havia uma preocupação em dialogar e traçar estratégias para diminuir as desigualdades e a discriminação. Além disso, esperava-se conferir à mulher o protagonismo das discussões a respeito de saúde, papel como cidadã, emancipação, direitos reprodutivos, sexualidade e violência. Dessa forma, uma combinação de fatores tornou-se responsável pela retomada de movimentos sociais com diferentes agendas no Brasil. Era o marco incipiente – embora não seja compreensão unânime – de um feminismo mais plural no Brasil, que até então esteve restrito a determinados grupos e ambientes intelectualizados (PINTO, 2003).

Nas palavras de Viviane Freitas (2018, p. 84), “o contato com as discussões das francesas fez aflorar nas brasileiras o desejo de constituir seu próprio feminismo”. No entanto, é importante destacar que a mobilização feminista no Brasil tentava conversar com mulheres diferentes entre si, mas ainda era predominantemente branca e de classe média – ou seja, aquelas que estavam à margem da sociedade continuavam excluídas quanto ao seu lugar de fala. Negras, indígenas, periféricas, lésbicas e outras representantes de grupos marginalizados ainda não tinham suas pautas introduzidas nas agendas universais.

Entre as mulheres negras, Lélia Gonzalez (1985) aponta que, por mais que elas tivessem encontrado apoio em alguns setores do movimento de mulheres, havia negligência, inclusive do próprio movimento negro. Segundo a autora, elas eram acusadas de serem agressivas ou não feministas ao insistir que o racismo e suas práticas deveriam ser levados em conta nas lutas feministas, já que constituíam em formas estruturais de opressão e exploração em sociedade, assim como o sexismo. Esse cenário fez com que surgissem grupos exclusivos de mulheres negras, que se reuniam para debater questões específicas à sua realidade, mas sem deixar de militar por suas causas no interior de movimentos mistos dos quais participavam e atuar junto a seus companheiros – com quem ainda enfrentavam machismo na tomada de decisões (FREITAS, 2018).

3.1.1 Brasil Mulher

Em 1975, surge o Brasil Mulher (1975-1979), primeiro jornal feminista no Brasil, ainda que, em sua primeira edição, não trouxesse a palavra “feminismo”. A publicação bimestral foi lançada em Londrina (PR), com a ajuda do Movimento Feminino pela Anistia (MFA), que era articulado por Therezinha Zerbini²⁹, e por iniciativa de Joana Lopes, à época jornalista no jornal Folha de Londrina. No entanto, de acordo com a militante feminista Maria Amélia de Almeida Teles³⁰ (2019), que integrou o grupo responsável pela produção do jornal, desde o início, havia um desencontro de posicionamento entre Joana e Therezinha, que fez com que o Brasil Mulher se descolasse do MFA:

A Joana é feminista e ela já põe ali seu primeiro editorial [do jornal]. Agora, a Terezinha era antifeminista, o que vai causar o primeiro racha (sic). O Movimento [MFA] começa a discutir, tem as que se dizem femininas e as que se dizem antifeministas. Não havia esse consenso, mas a Joana, como era a editora do jornal, e até pela própria profissão, porque ela era a jornalista, vai puxar pro feminismo e a Terezinha não vai querer o feminismo (TELES in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, 2019, p 402.)

O jornal, mais tarde, foi transferido para São Paulo. No artigo “Girse, te espero na próxima assembleia”, a pesquisadora Dulcilia (1981/2009) reconhece o posicionamento das redatoras: “Representa um novo tipo de foco narrativo, em que entram dois elementos: o sexo (as emissoras se assumem como mulheres) e o grupo (no fundo, a ideia de união, de pensamento em comum”. Assim como a mídia alternativa manifestava o combate às situações de opressão da época, a imprensa feminista negava o status de redator invisível, “quem escreve é um grupo de mulheres que fala em ‘nós”” (BUITONI, 1981/2009, p. 125; 126). Sobre o funcionamento do

²⁹ Therezinha Zerbini foi assistente social, advogada e ativista de direitos humanos. Com a conquista da anistia, em 1979, atuou ao lado de Leonel Brizola na refundação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Ela faleceu em março de 2015.

³⁰ Maria Amélia de Almeida Teles é popularmente conhecida como Amelinha Teles, militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Ela foi presa em 1972 e levada à Operação Bandeirantes (Oban), onde sofreu sessões de tortura, ao lado do marido e acompanhadas por seus filhos de quatro e cinco anos, realizadas pessoalmente pelo major do exército Carlos Alberto Brilhante Ustra, que era comandante do DOI-Codi de São Paulo. Amelinha teve papel essencial durante a Comissão Nacional da Verdade no Brasil e, atualmente, é diretora da União de Mulheres de São Paulo.

jornal, Maria Amélia explica que os encontros funcionavam como rodas de debate e relembra a repercussão da primeira edição:

Com pouca divulgação, causou impacto. Porque é o primeiro jornal feminista. Brasil Mulher! Com esse nome, teve mulheres jornalistas que caíram matando (sic), eu falo aqui da Sheila Lobato, que dizia que a reivindicação das feministas é o direito de um lugar pra namorar. Porque as trabalhadoras domésticas, que eram acolhidas por nós, falavam: “Nem um lugar pra namorar, a gente tem”. Porque morava na casa dos patrões, no pior lugar da casa, você não pode transitar com outras pessoas dentro da casa (TELES in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, 2019, p. 403)

Amelinha (2019) conta que sua função não se limitava a participar desses encontros ou escrever, ela também vendia os jornais. Era dessa maneira que eles chegavam às periferias, aos sindicatos, assim como acontecia com as outras produções da chamada imprensa clandestina, que não passavam pelo sistema de monitoramento e distribuição dos jornais tradicionais:

Eu ia de porta em porta com um volume de jornais. (...) Aí às vezes o diretor do sindicato [dos trabalhadores] comprava alguns para distribuir na categoria e assim eu ia. Ia na porta de igreja também, porque a Igreja Católica³¹ é toda contraditória, né? Ela é contra nós, mas tinha a teologia de libertação que era a favor de nós. Então eu ia vender pra esses, eu vendia pra um padre aqui na Zona Sul cento e cinquenta exemplares (TELES in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, 2019, p. 404)

Ainda sobre a rotina de vendas a aceitação da sociedade em relação ao Brasil Mulher, ela diz que nas bancas havia críticas a respeito das escolhas editoriais, sob a percepção de que não acompanhavam o padrão de publicações femininas da época: “A primeira vez que eu levei o número zero com essa menina negra e descalça [conforme mostra a figura 11], o cara me disse: ‘Isso aqui não vende não, a capa é

³¹ O papel da Igreja Católica durante os anos anteriores e decorrentes do golpe de 1964 não é um consenso. Autoridades influentes da Igreja Católica se posicionaram a favor da ditadura, quando uma espécie de “manifesto de agradecimento” foi assinado por arcebispos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Por outro lado, havia resistência entre os próprios religiosos, que muitas vezes contribuíram para fuga e esconderijo de perseguidos pelo regime. Diante dos crimes cometidos pelo Estado, o posicionamento da CNBB mudou, e o órgão passou a atuar na campanha pela anistia e na articulação do movimento Diretas Já.

muito feia, vocês botam umas mulheres feias, não tem nada a ver” (TELES in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, 2019, p. 404).



Figura 11: Reprodução da capa do jornal Brasil Mulher, Ed. 0, 1975

As escolhas editoriais, segundo afirma Maria Amélia (2019), que também é autora do livro *Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980)*, visavam alcançar as trabalhadoras e os movimentos populares. Com suas próprias bagagens e visões políticas (pertencentes a algum segmento da esquerda clandestina), cada uma fazia a sua contribuição. Amelinha afirma que se preocupava em buscar a mulher rural, a pescadora da Paraíba, as castanheiras etc. (TELES, 2019)

Por outro lado, ela explica que a principal dificuldade estava em se colocar como feminista e argumentar a favor disso. Não apenas por haver uma censura externa para quem se posicionasse sobre qualquer coisa, mas pela autocensura e repressão com as quais estavam acostumadas. Importante destacar que as mulheres envolvidas com o jornal atuavam politicamente e estavam envolvidas com diferentes partidos. Elas tinham

um histórico de sofrimento e precisavam reconhecer sofrimentos diferentes dos seus para poderem dialogar. As reuniões do Brasil Mulher aconteciam, inicialmente, nas casas das militantes e, depois, passaram a ter sede fixa, na Vila Madalena, em São Paulo. O grupo tinha por volta de 30 mulheres que viabilizavam o jornal com dinheiro próprio e se organizava para ir até a periferia da cidade:

A maioria de nós já tinha passado no pau-de-arara do DOI-Codi. Nós tínhamos traumas até não querer mais. Nós fomos consideradas puta, fomos estupradas, mas não podíamos falar do estupro que sofremos, entendeu? Qualquer coisa a gente estava espetada e espetando, porque era muito dolorido, é como se a gente tivesse mesmo um corpo espinho (sic), sabe? E aquelas mulheres são mulheres sofridas, às vezes até passaram coisas piores, mas não por terem uma posição política, por serem mulheres pobres? Agora nós não, por posição política, nós decidimos ser feministas. Nós tínhamos esse lugar, né, que é um lugar terrível, marcado (TELES in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, 2019, p. 412)

Os temas discutidos no Brasil Mulher, que teve 16 edições regulares e outras quatro consideradas extras estavam divididos entre luta de classes e luta das mulheres:

Era luta geral e luta específica, porque não tinha esses termos, gênero (sic). Mesmo a categoria raça não estava incorporada na discussão política, no repertório político daquele feminismo ali. Mas a questão de classe estava muito forte. Então era classe e mulher. Então era mulher trabalhadora. E o que que difere uma feminista de qualquer outra mulher que é trabalhadora, que é da classe, é a questão do aborto, era isso que definia. Se ela defendia a legalização do aborto, então ela é feminista, se não defendia, não era (TELES in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, 2019, p. 416)

Na época, não havia uma compreensão predominante do que era ou não feminismo, nem se incorporava – conscientemente, com demarcações – outras categorias de luta. Os textos se voltavam para reflexões como: o que era ser mulher dentro de um contexto de ditadura? Não ter creche, ganhar um salário menor, sexualidade, carestia, buscar igualdade, conhecer a origem da opressão e outros.

3.1.2 Outros exemplos

Em 1976, criou-se o jornal brasileiro Nós Mulheres – que durou até 1978, com algumas interrupções – e foi inspirado no grupo latino-americano de discussões e

reflexões *Nosotras* (1972), liderado pela psicóloga Danda Prado. Dulcília Buitoni (1981/2009) reforça que o tabloide atuava ao lado de produtos industriais na tentativa de promover a mulher com humanidade e criar identificação com as classes populares. O *Nós Mulheres* (1976-1978) tinha condições financeiras precárias e reunia mulheres, jornalistas ou não, que editavam textos a respeito de problemas femininos em uma linguagem acessível. No primeiro editorial do *Nós Mulheres* (1976-1978), fica clara a existência de posicionamento na abordagem escolhida pelo jornal, na direção contrária da prerrogativa da imparcialidade jornalística e do padrão impessoal:

Desde que nascemos, Nós Mulheres, ouvimos em casa, na escola, no trabalho, na rua, em todos os lugares, que nossa função na vida é casar e ter filhos. Que Nós Mulheres não precisamos estudar nem trabalhar, pois isto é coisa para homem. Os próprios brinquedos da nossa infância já nos preparam para cumprir estas funções, que dizem ser a função natural da mulher: mãe e esposa. Nós meninas, devemos sempre andar limpinhas e brincar (de preferência dentro de casa) de boneca, de comidinha, de casinha. E os meninos podem andar sujos e brincar na rua, porque são moleques e porque devem ser preparar para tomar decisões, ganhar a vida e assumir a chefia da casa (NÓS MULHERES, 1976, p. 2).

Rompe-se com o tratamento que a imprensa feminina tradicional dava às mulheres, em que um editor dita as regras e oferece conselhos a uma leitora chamada de “você, mulher”. Segundo Rosalina da Cruz Leite (2003, p. 239), “nesse editorial a linguagem usada é pessoal, afetiva, e revela intimidade. Além disso, a sua leitura permite vislumbrar que o jornal é feito por um coletivo de mulheres com vivências comuns, ou melhor, feministas comprometidas com o que escrevem”. Elas denunciam a diferença entre a educação oferecida para meninos e meninas, as desigualdades do mercado de trabalho, os direitos da mulher no campo da reprodução e a superação de uma sociedade patriarcal como um todo (LEITE, 2003).

No geral, a imprensa alternativa destacava-se por seu caráter combativo na luta contra a repressão e a censura, e estimulava discussões necessárias sobre diferentes setores da sociedade. Segundo Bernardo Kucinski (2001, p. 6), a imprensa alternativa³² surgiu tanto do desejo da esquerda de colocar em prática as

³² Chamavam também de “imprensa nanica”, devido ao formato tabloide no qual os jornais circulavam, que contavam ainda com tiragem irregular e circulação restrita. Apesar da venda em banca, a maior parte era comercializada no âmbito da militância (LEITE, 2003)

transformações que estavam propondo, quanto da busca que jornalistas e intelectuais faziam por espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. O autor explica que “é na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos”.

Entre os jornais que configuravam na imprensa alternativa, o Pasquim (1969-1988) esteve entre os mais importantes. No entanto, Viviane Freitas (2018, p. 113) aponta que seu caráter libertário assumia postura misógina e de escárnio diante das pautas dos movimentos feministas. De acordo com Rachel Soihet (2005), havia uma tentativa de silenciar e desqualificar por meio da zombaria a luta das mulheres por seus direitos, com sátiras marcadas pela ideia de que as feministas adotavam atitudes inadequadas no que diz respeito à feminilidade e às relações estabelecida entre os gêneros. Kucinski (2001) afirma que o jornal adotava uma postura machista e frequentemente associava o feminismo à frustração sexual.

Elizabeth Cardoso (2004) encontrou em pesquisa de campo 75 periódicos feministas entre os 150 alternativos que circulava no período. Rosalinda Leite (2003, p. 236) os caracterizou a partir de seu olhar in loco:

A minha experiência como membro do Conselho Editorial de um desses jornais (o Brasil Mulher) permite observar que as pautas dos jornais alternativos feministas eram definidas em reuniões bem semelhantes às dos partidos clandestinos de esquerda, através de um acirrado debate político que envolvia a discussão de temas específicos e análises conjunturais e que podia durar dias (LEITE, 2003, p. 236)

As publicações feministas “discutiam aspectos e tendências do movimento a partir de temáticas como trabalho feminino, participação política, liberdade sexual, igualdade de direitos, aborto, políticas públicas para as mulheres, condições de trabalho, violência, entre outras”. No Encontro do Movimento das Mulheres no Brasil, realizado no Rio de Janeiro em 1981, a discussão sobre o papel educativo dos meios de comunicação também apareceu como pauta (WOITOWICZ, 2014, p. 107).

Era necessário criar cada vez mais espaços para incluir a discussão das demandas do movimento:

Mesmo diante de todas as limitações e impasses para o desenvolvimento de uma imprensa propriamente feminista, pode-se

dizer, ao observarmos os jornais publicados entre os anos 1970 e 1980, que as diversas experiências de comunicação que marcaram a história do movimento revelam a mídia alternativa como um lugar de resistência e construção de identidades, uma vez que o discurso projetado nos veículos constitui também um fazer/agir do feminismo, que conquista espaço na esfera pública a partir de suas estratégias de visibilidade. Em outros termos, percebe-se que a mídia alternativa traduz e participa do processo de legitimação do movimento no período da ditadura, produzindo discursos que passam a incorporar a luta pelos direitos das mulheres, seja nas ruas ou no espaço doméstico. São páginas de uma resistência que tenta fazer ecoar as mais diversas expressões de desigualdade, em meio a um contexto pautado por lutas políticas pela democracia (WOITOWICZ, 2014, p. 116).

O jornal *Mulherio* (1981-1989), sob a direção da jornalista Adélia Borges e com um extenso conselho editorial³³, teve sua edição inaugural lançada em maio-junho de 1981. De acordo com Dulcilia Buitoni (1981/2009), havia a tentativa de inovar no design, nas imagens – com fotos não convencionais, de mulheres marginalizadas pela sociedade, como boias-frias, negras e operárias – e reforçar a posição plural, emancipacionista e contra a ditadura dos modelos veiculados pela mídia.

A linguagem escolhida também abandonava a invisibilidade do interlocutor e se colocava como um diálogo entre mulheres. Na edição inaugural, a temática central aborda o problema do conceito de beleza ideal e explora a diversidade da mulher brasileira. Além disso, faz uma crítica a estereótipos e padrões moralmente instituídos, conforme mostra o trecho do artigo da jornalista e psicanalista Maria Rita Kehl, com o título *Beleza é Fundamental*, que reflete sobre o homem ser aquele que olha e a mulher ser aquela que é olhada: “A mulher não olha porque foi reprimida, ensinada e educada para não olhar. Na nossa cultura, a mulher que encara ostensivamente o homem é prostituta, e este signo todas nós fomos ensinadas a não portar em nenhuma situação” (BUIIONI, 1981/2009, p. 141).

Os anos que se seguiram durante o processo de redemocratização e até o final da ditadura militar em 1985 revelaram novos rumos para o movimento feminista, que passou a se dividir cada vez mais politicamente. Destacaram-se grupos envolvidos com temáticas até então não completamente legitimadas, como a violência contra a

³³ Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza CORRÊA e Ruth Cardoso representavam o jornal *Mulherio*

mulher e os cuidados com a sua saúde. Houve espaço ainda para o chamado feminismo acadêmico que se ancorava em pesquisas de ciências humanas e educação desenvolvidas nas universidades do país. Neste momento, surgiram também os jornais de segunda geração – que trabalhavam temas mais específicos de acordo com a agenda do coletivo feminista por eles responsáveis, como o ChanacomChana (1981-1987), o Nzinga Informativo (1985-1989) e o Fêmea (1992-2014). O primeiro foi fundado pelo Movimento Lésbico-Feminista e tratava principalmente de assuntos ligados às questões legalistas para lésbicas. O segundo derivou do Nzinga – Coletivo de Mulheres de Mulheres Negras, fundado em 1983 e com sede na Associação do Morro dos Cabritos, no Rio de Janeiro. Entre as preocupações do grupo, estava o resgate da história negra, por isso a escolha do nome, que homenageava uma rainha africana. Nzinga teve periodicidade irregular, trazia poucos textos assinados e abordava a dupla opressão da mulher negra. Já o terceiro foi um dos jornais feministas de maior duração e apresentava três características dessa imprensa de segunda geração: a) era editado por uma organização não governamental (ONG); tinha financiamento do Estado e de entidades internacionais; cobria as mulheres no Congresso Nacional, com uma perspectiva legislativa da questão de gênero (FREITAS, 2018).

3.1.3 Esporte como pauta secundária

Segundo a militante feminista e membro do jornal Brasil Mulher Maria Amélia de Almeida Teles (2019), discutir a prática esportiva – seja a proibição de mulheres no futebol, os preconceitos a respeito do tema ou simples presença nos estádios e vestiários – era algo restrito aos encontros realizados para a produção do jornal, mas não chegava até ele: “A pauta não cabe, não dá tempo, entendeu? É luxo. Então não era preocupação, embora seja uma necessidade vital, né? Porque isso é uma coisa vital, como se discutia a música” (TELES in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, 2019, p. 419).

Ou seja, por mais que se entendesse a importância de abordar a relação entre o feminino e o esporte, não havia espaço diante de todas as outras questões que precisavam ser resolvidas pelas “primeiras feministas”. Por outro lado, assuntos ligados à arte ainda conseguiam pequenas menções, até mesmo com páginas

reservadas para poemas. Para identificar essa limitação à temática esportiva, realizamos uma pesquisa nos três dos jornais que inauguraram a imprensa feminista brasileira – Brasil Mulher (edições 1 a 15)³⁴, Nós Mulheres (edições 1 a 8)³⁵ e Mulherio (edições 0 a 39)³⁶ – nos acervos digitalizados e disponibilizados pela Fundação Perseu Abramo, Fundação Carlos Chagas e Biblioteca Nacional. Depois de realizar uma leitura flutuante e procurar nos arquivos palavras-chave como esporte, football, futebol, atleta e prática esportiva, chegamos a algumas publicações (figuras de 12 a 25). Entre os três jornais, o que se destaca é o Mulherio, publicado a partir dos anos 80, quando as pautas sobre esporte ganharam mais espaço. Na figura 12, César Vieira tem seu poema publicado na sessão reservada às cartas de leitores no jornal Brasil Mulher.

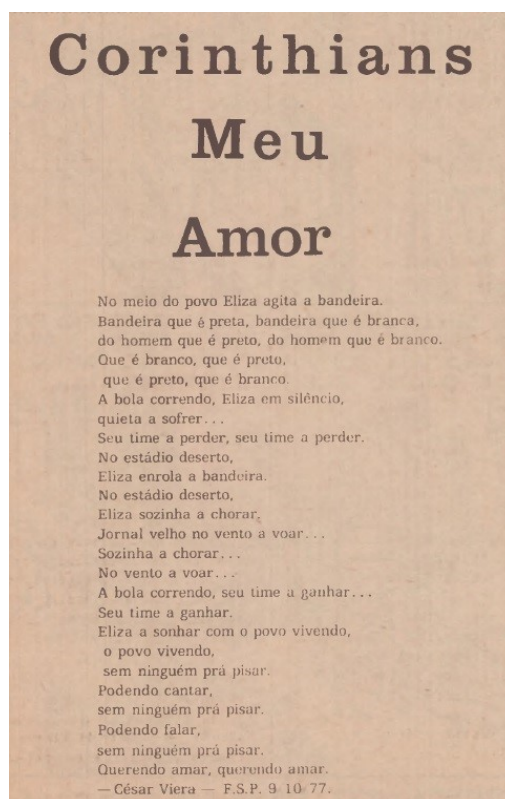


Figura 12: Poema publicado no jornal Brasil Mulher - Ed. 9, p. 15 - 1977

³⁴ Disponível em: <https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher>. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

³⁵ Disponível em: <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/nosmulheres/>. Acesso em 19 de outubro de 2020.

³⁶ Disponível em: <https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/> e <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

Ele fala de Eliza, torcedora símbolo do Corinthians que aparece com destaque no jornal *Nós Mulheres*, conforme mostra a figura 13 (na página seguinte). Na edição 4 da publicação, veiculada também em 1977, temos a reportagem “mulher na boca do gol”, que revela duas imagens de Elisa (neste caso, nome escrito com s): a primeira segurando uma bandeira corintiana entre homens na arquibancada, e a segunda passando roupas, com a mesma bandeira pendurada ao fundo. Na linha fina lemos: “O homem vai aos estádios. A mulher prepara sua marmitta. O homem torce por seus ídolos. A mulher costura a bandeira. Até quando?”.



Figura 13: “Mulher na boca do gol”, reportagem do jornal *Nós Mulheres* - Ed. 4, p. 12 – 1977

Também no *Nós Mulheres* (1976-1978), no mesmo ano, uma reportagem propõe reflexões às brincadeiras incentivadas na educação infantil, traz diálogos,

charge e faz uma crítica que continua atual, conforme mostra a figura 14. No título: “isto é coisa de menina”; na linha fina: “Meninas jogando futebol. Meninos brincando de boneca. Por que não?”.

“isto é coisa de menina”

Meninas jogando futebol. Meninos brincando de bonecas. Por que não?

«Mãe, compra este caminhão pra mim?»
«Você está louca, menina! Caminhão é brinquedo pro seu irmão!»

Toda criança gosta de jogar e brincar. Mas as regras dos jogos e os objetos com os quais se brinca variam de um grupo social para outro e de uma sociedade para outra. Assim, entre nós existe uma regra que é comum: meninas e meninos brincam de formas diferentes.

As crianças não aprendem sozinhas as brincadeiras. São os adultos ou as crianças mais velhas que geralmente ensinam os jogos. E ensinam desde cedo aos pequenos que as meninas devem brincar de um jeito e os meninos de outro. Chamar atenção para isso pode parecer perda de tempo; a diferenciação é óbvia. Está aí em todas as lojas, em todos as revistas, em todos os livros, para quem quiser ver. Porém, nós já estamos tão condicionadas a ver meninos e meninas como pessoas diferentes que muitas vezes praticamos a discriminação sem perceber. Quantas vezes a gente entra numa loja para comprar um presente e diz para a vendedora: «Eu quero um presente para uma menina».

Quando paramos para pensar nos jogos com os quais brincam as nossas crianças levamos um susto: percebemos a enorme diferença, dependendo do sexo. A maior parte dos brinquedos é concebida para meninos ou para meninas, sempre ligados aos papéis que se espera que estes venham a desempenhar quando adultos.

Os brinquedos são diferenciados desde a mais tenra idade: os bichos de pano e de borracha são oferecidos a ambos os sexos. Porém, as bonequinhas são reservadas exclusivamente para as meninas (bonecas sempre sem sexo, de preferência). Quando alguém dá uma bonequinha ou um bichinho a uma menina pequena, geralmente lhe mostra como se segura o neném, como se cuida e se alimenta. E muito comumente a gente aponta meninas de um ano que assim que recebem nas mãos uma boneca já a apertam no peito e começam a mamar. Essas meninas foram ensinadas a fazer isso. Os adultos, entre tanto, esquecendo-se de que esse comportamento é apenas resultado de suas instruções, exclamam: «tão pequenina e já tem instinto materno!»

Além das bonecas, os outros brinquedos geralmente destinados às meninas imitam os utensílios caseiros: cozinha, mobiliário, xícaras, panelinhas, cartões e leilões para bondar. Há também os brinquedos que ensinam a menina a se enfiar: penteadeiras com batom e espelho, rolos para o cabelo, contêineres para fazer pulseiras e colares. De vez em quando aparece um pianinho, que é para a menina ter algum «sentir» à arte quando crescer. Para os garotos, os brinquedos são completamente diferentes: carrinhos, papagaio para

empinar, navios, aviões, foguetes, luvas de box, capacetes, armas (aliás, existe um verdadeiro arsenal militar para os meninos). Entre esses dois grupos de brinquedos não existe lugar para concessões. Imaginem como se sentiria um pai se seu filho de quatro anos entrasse numa loja de brinquedos e pedisse de presente um aparelhinho de chá!

«Lucinha, não jogue futebol, você não pode!»

Os meninos e meninas não diferem apenas na escolha dos brinquedos. Eles brincam de maneiras diferentes. O menino é mais agressivo, mais ativo, usa esforço muscular nos seus jogos.

A menina, não. É mais calma, estável. Gosta de jogos repetitivos, que exigem habilidades sofisticadas (você já viu uma menina pulando corda? um salto com o pé esquerdo, outro com o direito, dois saltos de pé juntos e ao mesmo tempo cruza e corda por cima da cabeça. Uma verdadeira proeza em ser perfeita!).

* A menina geralmente não briga (quando o faz, é só xingando). Não briga em xingando, não brinca de guerra. A menina que é viva, cheia de energia e enfrenta os garotos na luta, sempre experimenta um sentimento de mal-estar e culpa. Ela sabe que ao agir assim estará decepcionando as expectativas das outras pessoas. Ninguém ficará contente se ela for combativa, corajosa, leal, independente; preferem que ela seja dócil, conformista, medrosa e hipócrita.

Cuidado com as revistas e livros
Você já leu «Luluzinha» e «Bolinha»? No clube do Bolinha ME-

NINAS NÃO ENTRAM. O grupo de amigos tem uma atividade muito intensa e as meninas só vão atrapalhar. Os garotos exploram cavernas, constroem barcos, lutam com lutrinhas sorridentes, são boas alunas, brincam com bonecas, lavam cachorrinhos, fazem bolos. Luluzinha até que é brigona. Tentou entrar no clube dos meninos, mas é sempre derrotada. A potra de Luluzinha não consegue atrair os olhares do menino que ela gosta - raposo - porque é feia. O grande amor dos meninos do clube do Bolinha é a Giônina: linda, perfeita, educada, quebra e bem vestida.

Esta imagem da mulher não aparece apenas nas histórias em quadrinhos. Elas são comuns também nos livros: as atividades interessantes são reservadas aos meninos, enquanto as meninas são apresentadas como criaturas delicadamente bobas ou nobres auxiliares. Atendem para estes dois passagens: «Luluzinha acabou de entrar as crianças em espiral sobre as orelhas e sorriu para a sua imagem, refletida no espelho. Estava tão contenta de sua formosura, de sua graça de mulherzinha sem bobagem, que se mirava e remirava, perdendo a conta do tempo de pensar-se». (*) Essa é a menina. Vejamos agora o menino: «Budião sabia pisar siri com isca de carne, assovar chamando a morinha.

Nadava como peixe [...], trepava em coqueiro como esquil, saltava pular o muro do sítio dos padres, todo enfiado de sacos de vidro, só pelo gosto de chupar um calu roubado» (*). A figura dos adultos também é estereotipada. O ho-

mem é o conquistador, o sedutor e aquele que trabalha para sustentar a família. A mulher é a mãe típica que trabalha na cozinha. Quando ela trabalha fora, as ocupações são subordinadas, de pouco valor e consideradas femininas por tradição: diatlogra, enfermeira, doméstica, professora. Às vezes, aparece uma cientista. Só que é ainda mais importante do que ela.

Esse bombardeio de discriminação é muito sério, porque os divertimentos e os livros são poderosos professores. Através deles as crianças aprendem modelos de comportamento e de sentimentos que procuram imitar. As diferentes formas de literatura infantil reforçam imagens tradicionais, fazendo com que os preceitos e tabus sejam cada vez mais arraigados entre as crianças. Embora existam meninas que sabem jogar futebol e meninos que apreciam brincar com bonecas, a literatura infantil faz questão de esquecê-los, lembrando-se somente das meninas frágeis e dos meninos corajosos.

Bonecas e carrinhos para todos

É claro que toda essa diferenciação não ocorre em vão. Os jogos e a literatura preparam as crianças para funções que deverão desempenhar na família e na sociedade e ensinam para escolhas mais ou menos coadunadas nos estudos, no trabalho, na vida futura. Trata-se de uma exatidão da nossa sociedade, que pretende conservar e transplantar determinados valores, entre os quais o mito de que a mulher é «naturalmente» inferior ao homem. Entretanto, não existem qualidades masculinas e femininas, mas sim qualidades humanas. E pena que não se permita à menina desenvolver a sua criatividade ou sua força. Como também a um grande erro não permitir aos meninos desenvolver uma relação de afeto e carinho.

Um garoto que pega uma boneca e faz carinho é violentamente reprimido. O afeto é visto como um sentimento «mal-riado». A nossa luta portanto, não é de fazer com que as meninas se comporte como os meninos, mas a de criar condições que deem a cada indivíduo, desde o seu nascimento, a possibilidade de se desenvolver do modo que mais lhe convenha. Independentemente do sexo ou grupo social ao qual pertença.

(*) Citado por Fúlvia Rosenberg em «A Discriminação contra a mulher e a Educação Informal», documento apresentado em 20/04/77 à COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO SOBRE A SITUAÇÃO DA MULHER.

Este material foi baseado no livro de Elvira O. Buzelli, O Descondicionamento da Mulher, Ed. Vozes, 1976. O objetivo da autora é o de mostrar que a diferença entre homem e mulher não se dá a fatores naturais, e sim aos condicionamentos e que as crianças são lançadas durante toda a sua desenvolvimento.

Figura 14: “Isto é coisa de menina”, reportagem do jornal Nós Mulheres - Ed. 6, p. 7 – 1977

O jornal Mulherio (1981-1989), divulgava questões relacionadas à proibição do futebol feminino e às dificuldades enfrentadas para que elas pudessem participar ativamente do campo esportivo. Na figura 15 (na página seguinte), o Mulherio (1981-1989), aborda o que também é recorrente até hoje: maioria masculina treinando times femininos; enquanto na figura 16 (na página seguinte), a sessão agenda divulga um evento sobre a mulher no esporte, que reuniria esportistas e pesquisadores. Na figura 17 (na página seguinte), o jornal denuncia a proibição que o Conselho Nacional de Desportos e a Confederação Brasileira de Futebol fez aos clubes oficiais da época por ceder seus campos para treinos e partidas entre mulheres. Apenas a partir de 1983,

elas puderam se reunir legalmente para a prática do futebol no país, com o fim da Lei 3.199, de 1941.

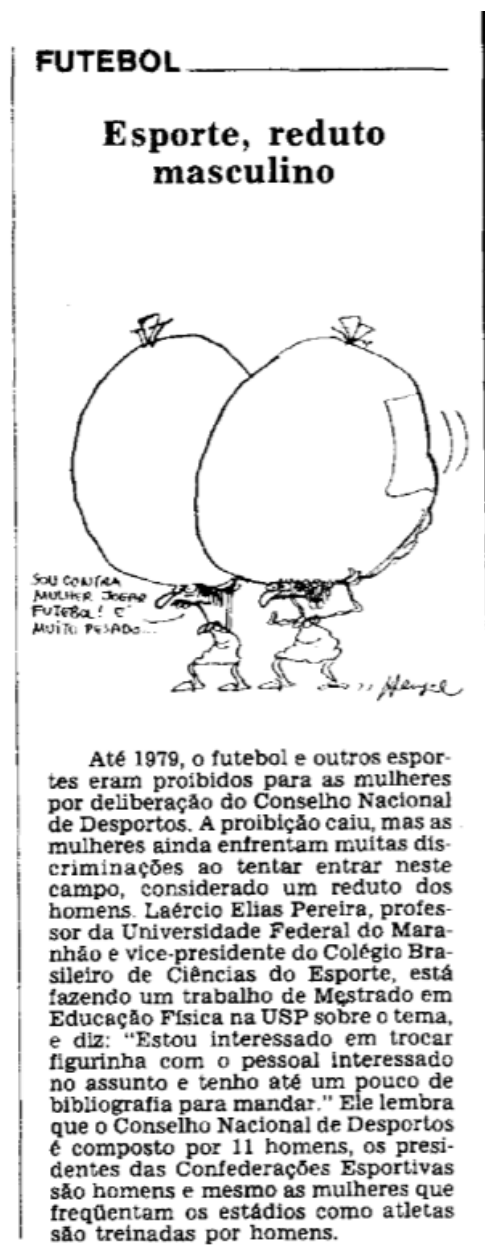


Figura 16: Nota publicada no jornal Mulherio – Ed. 10, p.23 - 1982

AGENDA

e "Família e Estado") e a uma sessão especial, sobre "Movimentos e Organizações Femininas". Para maiores informações, procure Fanny Tabak (rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, Casa XIX, CEP 22453, Rio de Janeiro).

● A mulher no esporte. Este é o tema central do X Simpósio de Ciências do Esporte, que será realizado de 3 a 6 de setembro no Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (av. Goiás 3400). O simpósio é promovido pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano, e dele participarão esportistas e pesquisadores.

● O Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM), da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, está

Figura 15: Nota publicada no jornal Mulherio – Ed. 8 - p. 23 - 1982

Fora de campo

Em lugar de homem, mulher não entra. Por ordem do Conselho Nacional de Desportos e da Confederação Brasileira de Futebol, todas as federações estaduais de futebol proibiram os clubes oficiais de ceder seus campos para partidas, treinos ou competições de jogadoras mulheres. A circular de proibição foi enviada dias após o jogo entre a seleção feminina do Rio e a de São Paulo, em pleno Mourmby, no encerramento do Festival Nacional de Mulheres nas Artes.

Inconformadas, jogadoras impetraram mandato de segurança contra a proibição. Afinal, mulher e futebol são coisas que já começam a aparecer juntas. No Rio, há mais de 200 times femininos de futebol, que promovem competições acirradíssimas, com torcida organizada e tudo, diz a capitã do Beija-Flor, Rose do Rio, 29 anos, que joga futebol desde criança.

Figura 17: Nota publicada no jornal Mulherio – Ed. 4, p.23 - 1982

Na edição de 1984, aparece apenas uma nota, já nas seguintes, os textos sobre o assunto ganham mais espaço:



Figura 19: “Angélica campeã”, nota do jornal Mulherio – Ed. 18, p. 19 – 1984

Na edição 21 de 1985 (figura 20, na página seguinte), a reportagem escrita por Luciano Borges traz o chapéu “Educação Física” em vez de Esporte, como nas anteriores, mas se dedica a falar sobre as “heroínas do esporte brasileiro nos anos 80”. O texto faz uma crítica às poucas oportunidades e à ausência de incentivo que essas mulheres recebiam no Brasil. Fala sobre ser “Ainda o país de Pelé” e identifica a participação feminina no ambiente esportivo como uma “Corrida com barreiras”. Aborda o preconceito em relação aos corpos das atletas e à questão do padrão, dando como exemplo Conceição Geremias, recordista sul-americana de heptatlo e 400 m com barreira, uma mulher negra e não nasceu socialmente privilegiada.

As novas mulheres de Atenas

Sabot, Hortência, Vera Mossa, Paula, Jaqueline, Patrícia Amorim, Silvana Campos, Esmeralda de Jesus, Jorilda Sabino, Débora Srouf e Conceição Geremias. Sim, já temos as heroínas do esporte brasileiro nos anos 80. Algumas bem pagas, com patrocinadores, estrutura de treinamento possibilitando dedicação total e o reconhecimento nas ruas. Outras nem tanto. E a maioria ainda lutando por um espaço, passando por sacrifícios, enfrentando barreiras e preconceitos.

"O meu corpo tem essa rotina diária de seis horas de treinamento. O importante é cuidar da cabeça para tudo funcionar direito", diz Vera Mossa, considerada a mais bela atleta dos Jogos Olímpicos de Los Angeles. "Antes de tudo, sou mulher", repete a rainha do basquete Hortência. Mas para chegar a este ponto — acesso aos meios de comunicação e aceitação da sociedade — muita água roçou na última década.

O ensino (deficiente) da Educação Física nas escolas continua o mesmo. Apenas 20% dos alunos das escolas de 1º e 2º graus frequentam efetivamente as aulas. O sistema educacional brasileiro tem suas prioridades e quem quiser, tem que procurar outros meios de desenvolver aptidões para o esporte.

"Lá no colégio, nós só fazemos ginástica e são raras as aulas de vôlei". Apaixonada por esta modalidade, Débora Seriacoppi, 15 anos, resolveu treinar na equipe do Palmeiras. Aluna do colégio de 2º grau "Alarico Silveira", ela sabe que corre o risco de observar os meninos jogando futebol.

AINDA O PAÍS DE PELÉ

Desde o último título mundial, conquistado em 1970, o futebol no

Brasil vem enfrentando uma séria crise de talentos, dinheiro e público. A má qualidade dos jogos tem diminuído as rendas — sensivelmente. Mas, enquanto os clubes namoram a falência, a bola continua a rolar como símbolo do único esporte que deu certo na Terra de Pelé.

Neste quadro, o vôlei e o basquete — principais concorrentes do futebol — contaram com a ajuda das mulheres e alçaram voo. Em 82, a seleção brasileira feminina de vôlei conquistou o público fazendo grandes partidas no Mundialito, disputado em São Paulo. Depois foi a vez das "meninas do basquete", lideradas pela dupla Paula e Hortência, mostrarem raça e criatividade no Mundial de Basquete.

Com as vitórias do Brasil no vôlei masculino e a descoberta de que os novos talentos extra-futebol poderiam render juros e dividendos, as empresas trataram de montar suas equipes e valorizar o sonho dos mais jovens. Afinal, receber Cr\$ 10 milhões por mês, mais de Cr\$ 50 milhões de luvas pode ser apenas uma questão de paciência. "Sei que meu preço é este e quem quiser contar comigo, vai ter que pagar", impôs a levantadora Jaqueline que, antes de assinar contrato com uma equipe do interior de São Paulo, vendeu camisas autografadas para se manter.

Se os investimentos são altos (em Sorocaba, a Lufkin — equipe de uma multinacional norte-americana, gastou Cr\$ 600 milhões para trazer jogadoras de nível de seleção), o retorno é garantido e o trabalho de base continua duvidoso. São poucas as empresas que estão montando estruturas voltadas para a formação de jovens atletas. Entre a esco-



Luiz Sales/Revista/Adriana Pohlhas



Luiz Montenegro/Revista

Conceição Geremias, medalha de ouro panamericana, segue uma trilha aberta por Maria Lenk, recordista mundial de natação em 1939

chamadas de homens". Além disso, a discriminação chega às leis que proíbem professoras de Educação Física de darem aulas para os meninos.

Mas há quem veja mudanças para melhor. Conceição Geremias, recordista sul-americana de heptatlo e 400 mts com barreira, chega aos 28 anos de idade com uma medalha de ouro panamericana, uma filha ("já ensinei tudo para ela, se quiser vai ser atleta") e o ingresso na Faculdade de Educação Física. No passado, apenas a lembrança irônica do ex-marido (também atleta) que quis impedir sua ida aos Jogos Olímpicos de Moscou: "Ele mandou decidir entre os Jogos e ele. Viajei."

Negra, Conceição teve que vencer mais de uma barreira. "Eu não nasci rica", costuma dizer quando constata que a maioria das mulheres que estão no atletismo, vem de classes mais pobres. "Elas são mais discriminadas, por serem mulheres e negras. Mesmo assim, o esporte é a única saída para a ascensão social", analisa Luciléa.

Falar em otimismo seria uma tentativa arriscada de analisar a situação das mulheres desportistas. Afinal, escola, clube e empresa podem vir a ser caminhos para o estrelato, mas ainda estão longe de atingirem a massificação. Por enquanto, restam mesmo o exemplo das super-atletas, precedidas por Maria Lenk. Aos 70 anos de idade, recordista mundial de natação em 1939 e agora na categoria dos "masters" (veteranos), ela carrega o orgulho de ter sido a primeira mulher da América do Sul a participar de uma Olimpíada (Los Angeles — 32). E tem suas idéias a respeito da mulher no esporte: "Derrubamos a barreira legal que nos impedia de jogar futebol, lutar judô e praticar outras modalidades, consideradas masculinas. Agora, está na hora de deixarem a mulher decidir qual esporte é arriscado ou não".

Luciano Borges

la — deficiente na iniciação — e os times-empresas, estão os clubes que, dependentes de patrocinadores, correm o risco de abandonar o trabalho nas escolinhas de ginástica, vôlei, basquete, etc.

MULHER - CORRIDA COM BARREIRAS

Bonita, frágil, perfumada, formas bem delineadas. O modelo ideal da mulher continua sendo o grande entrave das atletas que optaram em fazer o que gostam: suar numa quadra, quebrar tabus médicos, fortalecer a estrutura muscular, praticar modalidades proibidas, sair das arquibancadas e quebrar records, conquistar títulos.

O preconceito não acabou. Para Luciléa Queiroz Cristino, professora de treinamento esportivo da Universidade do Amazonas, o medo de palavras resumidas na palavra "sapatão" existe na maioria das mulheres. "Muitas não gostam de fazer musculação para não serem

Figura 20: "As novas mulheres de Atenas", reportagem jornal Mulherio – Ed. 21, p. 19 – 1985, p. 14

No jornal Mulherio (1981-1989), houve também uma indicação de leitura sobre o tema, mais especificamente a respeito do livro Vida de Vôlei, no qual a atleta Jacqueline Louise Cruz e Silva faz relatos de sua trajetória dedicada à modalidade (figuras 21 e 22, na página seguinte). Ela surgiu aos dez anos de idade e foi considerada um prodígio. Por isso, aos 24, já tinha muitas histórias para contar. Na matéria, ela é descrita como "uma rainha expulsa do castelo, porque trocou a nobreza e o manto real por uma calça jeans e ideias vanguardistas" (MELO in MULHERIO, 1986, p.4-5).

Com a camisa do lado avesso

Renata Figueira de Melo

Vida de Vôlei
Jacqueline Louise Cruz e Silva
Texto final de Marcos de Guide
Casa do Editor, 1985, Rio de Janeiro,
108 páginas.

Jacqueline Louise Cruz e Silva é uma jovem autora muito corajosa. Esta virtude, muito além de sua capacidade para elaborar uma narrativa literária, é o que transforma seu livro *Vida de Vôlei*, numa ousada acusação informal a cartolas e dirigentes do esporte nacional que vale a pena conferir. Não foi escrevendo que ela alcançou a projeção internacional que tem hoje, aos 23 anos, e sim, defendendo o verde-amarelo da seleção brasileira de vôlei feminino em duas olimpíadas (a de Moscou em 80 e Los Angeles em 84) e mais de 150 jogos por todo o mundo. Antes disso, o Brasil já conhecia a jogadora Jackie que aos dez anos surgiu como um prodígio da equipe carioca do Flamengo, sendo considerada, quatro anos mais tarde, a melhor levantadora do país — inclusive então convocada pela primeira vez para integrar a seleção adulta, apesar de ser ainda uma atleta infanto-juvenil.



Vida de Vôlei é um relato e uma auto-avaliação de 14 anos dedicados ao esporte, durante os quais Jacqueline aprendeu que uma personalidade forte e imoldável pode ser o maior obstáculo para o desenvolvimento da carreira de uma jogadora, independente-

Figura 21: "Com a camisa do lado avesso", reportagem do jornal *Mulherio* – Ed. 24, p.4 – 1986; parte I

mente do seu desempenho físico e técnico.

E nem assim ela se modificou. Ao contrário, transformou-se numa personagem polêmica temida e/ou evitada pelas altas figuras diretivas do vôlei. Seu feminismo discreto, sua obsessão pela justiça (contra a política dos cartolas) e a resistência do seu individualismo frente à noção de que o esporte coletivo só comporta mentalidades homogêneas, causaram-lhe muitos problemas com dirigentes, técnicos e colegas de quadra, além de quatro cortes da seleção por motivos de "indisciplina", conforme alegou a Confederação Brasileira de Vôlei.

O último deles foi o mais ventilado e equivalente ao penúltimo capítulo do livro. Jacqueline negou-se a vestir a camisa de treino com o nome do patrocinador sem ganhar para isso (já que estava desempregada e acreditava merecer uma porcentagem da verba recebida pela publicidade que ela mesma fazia, ao aparecer com um *Rainha* no peito, em fotos e reportagens para a TV). Usou a camiseta do lado avesso. Foi cortada no dia seguinte pela comissão técnica da CBV.

O conteúdo do livro foi gravado pela jogadora em dezenas de fitas cassetes, em tom de desabafo e o jornalista Marcos de Guide tratou de passá-lo para o papel, resguardando a essência e até mesmo os vícios de linguagem característicos de Jackie. O resultado é um texto enxuto e coloquial, sem firulas, que vai direto ao assunto: a bronca da jogadora que foi e continua sendo marginalizada por quem teme a controvérsia da opinião pública com respeito às suas declarações sinceras.

Uma rainha expulsa do castelo, porque trocou a nobreza e o manto real por uma calça jeans e idéias vanguardistas.

Mas a *Vida de Vôlei* não é só mágoa, nem apenas uma despedida amarga da bola tocada de leve por sobre a rede. É uma promessa segura (e ameaçadora para quem duvida) de que, apesar dos primeiros sets perdidos, Jacqueline retorna à quadra, pronta para virar o jogo e vencer. "O final da história não está no livro, mas nos próximos campeonatos que pintarem aí, para todo mundo assistir", garante a jogadora que ainda curte este intervalo literário.



Para Jacqueline, irreverência e vôlei são compatíveis

Figura 22: "Com a camisa do lado avesso", reportagem do jornal *Mulherio* - Ed. 24, p.5 – 1986; parte II

A reportagem da edição 29 de 1987 (figura 23, na página seguinte) é escrita pela jornalista Roseli Figueiredo e trata de um desafio da época entre as mulheres nessa profissão – entrar nos vestiários dos jogos de futebol masculino. A frase em destaque na reportagem faz a seguinte reflexão: "A máxima de que futebol é coisa para homem ainda predomina e atinge atividades extrajogos, como a cobertura jornalística. Mas a presença

feminina na área, hoje, força a revisão das regras do jogo, apesar de ainda esbarrar em muita ironia e preconceito” (FIGUEIREDO in MULHERIO, 1985, p. 14). Ou seja, com as liberdades democráticas se instalando novamente no país, outras reivindicações também ganhavam espaço, ainda que discreto. Para Amelinha Teles (2019), a diversidade das pautas – o que inclui o esporte – cresceu conforme mais mulheres – também diversas – se aproximavam do movimento feminista e incorporavam debates ainda mais plurais.

ESPORTES

MULHER AINDA NÃO ENTRA

ROSALI FIGUEIREDO
jornalista

Maurão é um velho e conhecido criador de casos nos campos de futebol profissional de São Paulo. Quem conta é Flávio Prado, editor de esportes do Jornal da Record, na rede do mesmo nome. Maurão começou um bate-boca e empurra-empurra com a repórter Denise Breuer e seu operador de VT, quando eles tentaram entrar no vestiário onde os jogadores da Ponte Preta tomavam banho, após um jogo com a Portuguesa de Desportos, em marco último.

Este episódio demonstra, no mínimo, a luta que as mulheres vêm travando para ocupar um espaço tradicionalmente reservado aos homens: a cobertura jornalística do futebol profissional. A repórter Denise Breuer tem como opção e norma não entrar nos vestiários dos jogadores após as partidas, como fazem seus colegas de rádio, TV, revistas e jornais. Mas é ali que acontece o tradicional e informal papo, enquanto o jogador tira a roupa e toma banho e onde ele revive a partida. Demonstra frustrações, mágoas, brincas com compecheiros, girngentes e técnico ou alegria pela vitória.

Denise costuma esperar do lado de fora dos vestiários que o técnico de VT retorne com os jogadores para uma entrevista. Ela confessa que passa por um verdadeiro conflito enquanto a função de repórter de TV a obriga a entrar nos vestiários e enviá-lo para a edição, o próprio constrangimento acaba impedindo-a. “Eu não me sinto à vontade”. Em meio à justificativa de que também “respeita os jogadores”, Denise reconhece: “Sei que sempre surge algum comentário e eu prefiro me poupar”. Com apenas três meses de cobertura de futebol, a repórter acredita que o conflito é até normal. Admite que com o tempo deverá mudar seu comportamento “cômico”. No momento, porém, Denise chega a sugerir que os editores escalem no lugar da repórter, um homem para cobrir os jogos onde haja necessidade de rapidez. A tarefa da repórter não é fácil, pois quando vence o conflito interno, surgem os desafios externos, impedindo-a a retroceder. É o caso do segundo fato ocorrido na noite dos atritos envolvendo a repórter da TV Record. Quando Denise Breuer resolveu superar o constrangimento e conversar com o jogador Hélio no próprio vestiário depois do jogo Ponte Preta x Portuguesa, surgiu o fato mais discriminador. Microfone em punho, um colega de rádio aproximou-se de Denise e do jogador Hélio e, ironicamente, perguntou: “Você não fica constrangida de ficar perto de tanto homem pelado?”

Bola para Frente

A presença feminina na cobertura de futebol em São Paulo é fato recente.

A máxima de que “futebol é coisa para homem” ainda predomina e atinge atividades extrajogos, como a cobertura jornalística. Mas a presença feminina na área, hoje, força a uma revisão das regras do jogo, apesar de ainda esbarrar em muita ironia e preconceito.



No campo, as mulheres são toleradas, mas nos vestiários...

te. Vem de dois e, particularmente, do último ano. Atualmente, de oito a dez mulheres trabalham em revistas, televisão e no rádio, apenas uma em Itanhaém, Litoral Paulista. “Há um ano não havia mulheres”, conta Flávio Prado, ressaltando, porém, que o preconceito era recíproco. “A medida em que elas começaram a batalhar o próprio espaço, a coisa começou a caminhar para o profissionalismo”.

Também a repórter esportiva da TV Gazeta de São Paulo, Regiani Ritter, acredita que hoje, comparando-se dois anos, já existe profissionalismo e presença maior da mulher no futebol. “Mas é o começo de uma conquista, onde estamos apenas engatinhando”.

Não faltam atritos como os verificados pela repórter da TV Record, além de inúmeros outros casos de despeito e desafios. “É falta, por outro lado”, diz Regiani, “conquistar ainda alguns espaços, como o fechadíssimo rádio”. Mesmo para uma profissional como ela, considerada no meio jornalístico esportivo de São Paulo, pois foi, senão a pioneira, a primeira a enfrentar com persistência a cobertura dos vestiários masculinos e a fazer escola.

Se Regiani, que atualmente também participa de mesas-redondas como comentarista, consegue “convencer ao público em geral”, o mesmo não ocorre com relação “a algumas cheffas”. É o caso do rádio, onde, acredita, ainda hoje, dificilmente conseguiria obter credibilidade dos colegas profissionais para atuar como re-

Regiani Ritter acredita que hoje, passando dois anos, ele continuaria e não confiar. “Mas por que as mulheres servem para trabalhar na produção e não no campo de futebol? O campo é o organismo e não deixar a gente chegar lá é roubar o direito ao prazer”.

Brincadeiras para Desanuviar

Quando Regiani Ritter começou a trabalhar diretamente com o futebol deparou-se com o conflito dos vestiários. “Nos três primeiros meses”, afirma a repórter, “esperava o jogador cobrir-se com a toalha. Mas perdia muita matéria e fui obrigada a mudar de atitude”. O estímulo partiu do técnico Cíntio, então no São Paulo: “Todos te veem como profissional”. Mesmo assim, Regiani diz que teve de vencer o próprio preconceito e o dos jogadores. “Havia brincadeiras para desanuviar, mas era um tal de jogador botando a mão na frente, atrás e correndo para pegar a toalha. A fase já passou. Atualmente são poucos os profissionais que ficam sem jeito”.

Mas há repórteres que reclamam de preconceito e desrespeito de alguns jogadores e até dirigentes. Na verdade, um tratamento ambíguo, segundo relatam Betze Assunção, da revista “Placar”, e Denise Breuer, da Record, são atitudes que variam da cantada e desafios do tipo “prova que entende de futebol” a uma relação de maior abertura dos problemas pessoais do atleta. “Acho que eles esperam que você seja menos agressiva”, arrisca Betze Assunção. Para a repórter Regiani Ritter, a postura do jogador de futebol com relação ao trabalho da repórter depende muito dela mesma: “A mulher tem de ter mais atrevidismo e audácia para chegar e se impor e tem de ter o cuidado de não cometer erros que os homens cometeriam”.



Figura 23: “Mulher ainda não entra”, reportagem do Mulherio – Ed.29, 1987, p. 19

Na reportagem “Na marca do gol” (figura 24, na página seguinte), da edição 36 de 1988, Lia Carneiro escreve sobre uma jogadora dinamarquesa que veio jogar no Juventus, time de São Paulo. Naquele momento, a regulamentação da prática já havia

sido concluída, o que proporcionava uma realidade bem diferente de décadas anteriores.

EM MOVIMENTO

Na marca do gol



Agência Folhas

maior sonho é ser uma cirurgiã. O futebol é um passatempo saudável a que ela se dedica desde os 8 anos de idade. "mas faz parte deste período de férias, não é para fazer carreira".

Também, o salário de Cz\$ 3 mil mensais pagos pelo Clube Juventus de São Paulo, além de não estimular a profissão, obriga Charlotte a desembolsar suas economias reunidas na Dinamarca, onde trabalhou como motorista da Empresa de Correio. "Tudo é diferente no meu país", diz, "inclusive os salários. O clima, a educação, as pessoas, tudo com outra cara. Acho que os jovens de lá são mais independentes. Com 18 anos você sai de casa para levar a sua vida. Ninguém te diz o que fazer, o que comer, o que vestir e a que horas você deve se deitar. Vejo que aqui, as meninas ficam presas até se casarem, ouvindo tudo que as mães falam, como não ter relações sexuais antes do casamento. É uma preocupação geral com o que os outros pensam e não com o que você sente".

Mas quem disse que ela não pensa em se casar? Charlotte quer cinco filhos, mas tudo depende de encontrar "um bom pai, amigo e amante, o que é difícil". Ainda assim, ela não gosta da ideia de seguir os rituais do matrimônio ("Igreja, véu e bolo") — que, segundo ela, é a última moda lá na Dinamarca. "Eu sou protestante, mas não de ir à igreja. Acho um grande teatro. Acredito no que chamo de Deus, de uma forma mais abstrata. Eu rezo sim, mas não por obrigação".

Charlotte é bem humorada, faz muitas piadas entre as colegas apesar de seu sofrível português, adora

uma massagem depois dos jogos e de usar roupas descontraídas, tipo "largonas", exceção feita quando vai dançar, já que "a ocasião pede algo mais transado". Ela adora o jeito dos brasileiros se vestirem, mas reclama dos preços, exemplificando que comprou um sapato há dois meses e o preço já dobrou. Maquiagem não agrada a jogadora que suporta, no máximo, um brilho para os lábios. A explicação é que ela não tem muitas "cores" no rosto e que qualquer coisa que coloque acaba se destacando demais. Mas é vaidosa: passa creme no corpo ("japonês, caríssimo, só encontrado na Itália"), lava o rosto com sabonete especial, toma cuidado com os cabelos excessivamente secos e não usa sutiens, porque acha "estranho e desnecessário" para o seu pequeno "volume".

A coisa que mais irrita Charlotte é a eterna pergunta sobre o preconceito em torno da mulher que joga futebol. "Lá na Dinamarca é igual ao Brasil: as garotas mais ricas não se interessam por es. a tipo de esporte, e aí ele acaba sendo praticado só nas periferias ou nos bairros com maior concentração de operários. E há também quem pense nessa história de que o esporte masculiniza a mulher, a transforma num macho. Eu acho que, quem pensa assim, não tem inteligência para nada, não sabe o que é a vida e, muito menos, em como ela pode ser diferente. E quem fala isso, não entende nada de futebol, nunca entrou num campo para ver se as meninas ficaram masculinas ou não. Respeito, mas acho que não tem nada a ver".

Lia Carneiro



Frases

"Isso não é lugar para mulher"

Deputado Délio Braz (PMDB-GO) para a deputada Abigail Feitosa (PMDB-BA) durante a tumultuada votação do substitutivo do Centrão.

"Na verdade, eram os homens de esquerda que diziam para as mulheres de esquerda: 'Essa mulher é de direita'. Isso acontece sempre e a gente entra no chiqueirinho bonitinho".

Ruth Escobar, deputada estadual expulsa do PMDB-SP

"Recebi diversas cartas, algumas delas mandando eu ir para a escola... elas são a prova do preconceito que existe contra a mulher negra".

Benedita da Silva, deputada federal pelo PT-RJ

Dizer que Charlotte Suetta, 19 anos, está mais para as passarelas de moda que para os campos de futebol é, no mínimo, um exagero. Não que os traços nórdicos não o permitissem, mas a baixa estatura e os músculos desenvolvidos e bem distribuídos vão contra a nossa escola publicitária. Ela veio da Dinamarca para jogar futebol no Brasil e é uma das titulares do time do Juventus, em São Paulo.

"Resolvi que, antes de entrar na fa-

culdade de Medicina, pararia um ano na minha vida para descansar, me divertir. E é exatamente isso que eu estou fazendo aqui no Brasil", diz. "Tive sorte de pintar esse convite para vir jogar e aí juntei as coisas. Nunca fui tão livre, tão descompromissada como agora. Não tenho que pensar em nada, não existe preocupação com o futuro. Só vivo o presente, completamente livre. E tenho que aproveitar isso porque nunca vou ter de novo", confessa Charlotte cujo

Figura 24: "Na marca do gol", reportagem do Mulherio - Ed. 36, 1988, p.21

O Mulherio (1981-1989) foi, entre os jornais alternativos feministas que apresentamos, aquele que mais propôs discussões sobre mulheres e esporte em suas diversas manifestações, sem desqualificar ou promover essa ou aquela modalidade. Na edição (Ed.38, 1988), o Mulherio (1981-1989) traz uma reportagem sobre Hortência, que tinha acabado de posar para a revista Playboy. O texto, também escrito por Lia Carneiro, é intimista e revela detalhes de uma entrevista realizada na casa da atleta. Com o título "Hortência: drible na polêmica", o papo entre a jornalista e a atleta de basquete foi de fotos nua à política.

claro que eu tive vergonha. Também, você chega lá e já te mandam tirar toda a roupa para vestir um roupa. Depois que te arrumam o cabelo e te fazem a maquiagem, pedem para você vestir uma calcinha, uma camiseta. É tudo ao contrário: primeiro tira tudo, depois se veste para tirar de novo. Mas eu não estava lá para isso mesmo? Quem ouviu Hortência falar dessa maneira, quase que se ilude e passa a acreditar que, na hora de tirar a roupa para o Playboy, ela se portou como uma garota do interior de São Paulo "vexada" com luzes e cliques. Mas isso é tão verdadeiro quanto uma partida sem um único ponto da cestinha do basquete brasileiro. A melhor maneira de definir Hortência é imaginar um arremesso - preciso e perfeito - caindo. Trata-se de 1,74m de auto-determinação e 60 quilos de confiança em si própria.

Ela chega para a entrevista em sua casa toda suada, depois de duas horas de treino no sábado pela manhã, mas impecável dentro do seu uniforme da Mineral. Jogada num sofá estilo oriental impessoal (mais tarde ela faria questão de ressaltar que já enjoou dos móveis de sua casa), ela confere se as meias não estão arregaçadas e começa a armar a jogada: desculpas pelo atraso; precisa achar um advogado para resolver um problema de fotos publicadas sem sua autorização; vai tomar um banho rapidinho; tem que estar em São Paulo nas próximas duas horas; não, nada de fotos agora. A caminho do chuveiro, Hortência dispensa o carinho ao poodle branco Juli e, por tabela, lhe passa uma decompostura por ter feito xixi com a chegada das visitas. "Ele não pode ver gente nova que fica emocionado", explica. Ela não.

Volta de gatinha, mostrando pernas, barriguinha e se escondendo atrás de um bocado todo pintado de vermelho. Ela descobriu o basquete na escola com uns 12 ou 13 anos. Foi quando morava em São Caetano do Sul (nasceu em Potirendoba, perto de São José do Rio Preto) que descobriu uma escolinha da prefeitura comandada por uma ex-jogadora da seleção, Marlene. Passa a mão pelos cabelos. Não olha para a câmera. Faz o gênero descontraído e desmembra respostas prontas, com uma sinceridade nada ingênua: "É uma coisa muito forte falar que eu posei só pelo dinheiro. Não é só por isso, mas é lógico que o dinheiro tem a ver". Falam em Cz\$ 5 milhões. Além de não revelar, ela dispara: "Eu acho uma coisa tão íntima. É como me perguntar o que eu já consegui na vida. Não gosto de falar as coisas que eu tenho porque dá a entender que estou querendo aparecer".

Mesmo o valor não sendo revelado, ela já dá o dica de que foi bem empregada. Hortência comprou o apartamento dos seus sonhos (l por andar) em São Paulo. "Lá eu vou receber os amigos, oferecer jantares e almoços. Deixo para conversas com a imprensa este aqui, em Sorocaba", planeja. E como

a cestinha não tem muita familiaridade com a cozinha, faz o lançamento para Angela, sua empregada há mais de dois anos. "A Hortência é uma graça de pessoa. Existe uma diferença entre a que está jogando, brigando na quadra e a Hortência como gente", ressalta. Angela conta que a patroa adora massas e pastéis, mas não come nem salsiça nem linguíça.

Grande frequentadora dos restaurantes Pensilvânia e The Place, além das badaladas Gallery e The One-rabile Società, Hortência não esconde seu gosto pela agitação de São Paulo e afirma que passa todos os fins-de-semana no câmpil, a não ser quando tem jogos. "Mas se eu beber uma garrafa de cerveja, fico pinel, dando risada à toa". Atualmente, sua grande paixão é o jet ski e sair de barco, a partir dos ângulos do Guarujá. Mas ela não é muito de falar de paixões que não o basquete. Maurício, o ex-noivo e jogador de volei da Pirelli, só entra na nossa conversa para Hortência justificar que tinha o seu apoio para posar nua. "Estou sozinha, nada sério", espalha.

A Imagem e o Público

Hortência diz que joga e treina porque ama o que faz. Talento ajuda, mas o treino é fundamental. "Deus te dá o dom, se você não ajudar, não adianta nada". Para ela, subir na vida é consequência de duas palavras: esforço e dedicação. Hortência é formada há cinco anos em Educação Física e confessa que nunca foi a primeira da classe, mas estava na média. Mas na profissão, ela não aceita posições de reserva. "Não quero ser musa, nem nada. Só acho

que, depois que eu posei para Playboy, qualquer jogadora que receber uma boa oferta, vai posar também. Precisa de alguém ir lá e fazer, de um carro-chefe", frisa. Mas para mostrar o outro lado da jogadora, sem ser suada, tensa, Hortência teve dúvidas. "No começo eu não gostei da idéia porque fiquei preocupada porque não tinha nada a ver com o meu público. Eu tenho uma imagem boa com eles, e essas fotos poderiam prejudicar a minha imagem. Ai eu pensei muito e resolvi. Eu respeito muito a opinião das pessoas e acho que o público também tem que respeitar a minha opinião. Eu acho que não tem nada demais o trabalho que eu fiz", informa.

Quanto à torcida, ela garante que não está mais impossível depois dos fatos. "Sempre xingaram. É um absurdo. Está virando baixaria tanto para o meu lado, como para o lado da Paula. Eles querem afetar você e usam tudo que podem. Daí que eu sou o piranha e o Paulo, o sapatão", fuzila. Mas esse duelo que, segundo ela, só ocorre dentro da quadra, é o principal responsável pelo basquete feminino, hoje, atrair mais do que o masculino. "A gente leva mais público. No masculino, tirando o Oscar que está fora, não tem mais ninguém. Tudo na mesma faixa, não são ídolos". Ela faz questão de ressaltar que sua rivalidade com Paula (jogadora da Unimep) é uma coisa saudável porque está sempre estimulando os dois lados a treinarem cada vez mais: "Dentro da quadra, quem pode mais chora menos. Eu não quero perder para ela".

E uma pausa para explicações: Hortência diz que não tem nada a ver es-

se papo de que ela é brava dentro da quadra. "Eu acho que esse negócio de querer ganhar pode até transparecer para as pessoas como se eu estivesse brava, mas não é isso. De vez em quando, você tem que dar uma chamada numa menina porque você é mais experiente e sabe que se dar um toque, ela vai se mexer melhor. É tática de jogo: você dá uma chamada, ela te responde, você manda para aquele lugar, e ela acorda", revela. No sentido contrário, Hortência também foi "chamada" pela realidade ou melhor pelo medo da Aids. "Eu não mudei meu comportamento sexual porque ele sempre foi o mesmo. Não sou uma pessoa que fica trocando de parceiro, saindo para baixo e para cima. Mas... no fundo, sempre tem uma pulguinha atrás da orelha. Falando a verdade, hoje, é uma roleta russa. Ah, então a gente tem que ter um cara fixo. E ele não cai fora de vez em quando? Você tem tanta certeza? Pode garantir que ele não escorrega um dia aqui um dia ali?...".

Hortência diz que quer se casar, "como toda mulher", mas não é uma obediência. "Sou independente financeiramente e não preciso de ninguém. A única coisa é que eu quero ter filhos. Uma filha. Bom, se vierse gêmeos logo na primeira era melhor ainda", brinca. Ela não é religiosa de "ir à igreja", mas lê a Bíblia, reza e tem o seu Deus. Acha que o aborto deve ser liberado em determinadas coisas. "Se um tarado me agarra na rua, eu não vou querer ter o filho dele", exemplifica. Isso também seria válido para os dois primeiros meses de gestação de uma criança deficiente. Antes de tudo, Hortência vota na prevenção.

Apesar de se mostrar relativamente hábil politicamente, Hortência não gosta nem de falar no assunto. Ela não espera nada de novo para 88. "Você vai esperar o que desse pessoal?". Ela não acredita que acontecerão as eleições diretas, apesar de os políticos mudarem de idéia muito rápido. "Acho que a pessoa tem que ter uma postura. Então, quando vai falar alguma coisa, tem que pensar. Como eu: demorei para dar a resposta a Playboy, mas quando falei, cumpri. Acho que eles brincam muito com o público, precisa ter mais respeito", sugere. Hortência não tem candidatos à presidência da República, e nem planos para o futuro. "Não sei o que vai acontecer e nem quero saber. Posso virar treinadora, sei lá". Propostas para ir jogar no Exterior não faltam: Espanha, Itália etc. Mas Hortência não perdoa: "Nunca fui para lá porque não cobrem o que eu ganho aqui. Eu não revelo a quantia, mas sei que é muito difícil um outro clube daqui de dentro me tirar do Mineral. Agora, acha que eu vou para o Exterior, ganhando o mesmo, só para falar, olha eu aqui na Espanha?". E mais: ela garante que o fama combina com a vida do interior. "Estou a 40 minutos de São Paulo e tenho uma vida tranquila, com verde e sem paranóias de trânsito...".

Lia Carneiro é jornalista.



Hortência desmembra respostas prontas

Hortência: drible na polêmica

Lia Carneiro

Depois de posar para a Playboy, poucas coisas mudaram na vida da jogadora Hortência, a não ser na quadra, onde a torcida "não perdoa", mas continua lotando as quadras em número mais significativo do que no basquete masculino.

Figura 25: "Hortência: drible na polêmica", reportagem do Mulherio - Ed. 38, 1988, p.15

Neste item, tivemos o propósito de analisar o conteúdo das publicações, mas destacar o pouco espaço que recebia o esporte feminino nos jornais percursos da imprensa feminista do Brasil. No próximo tópico, trataremos de transformações mais recentes que influenciaram no que chamaremos de reinvenção da imprensa feminista, por considerar novas demandas de mulheres, novas articulações do movimento e novas plataformas para divulgação de conteúdo.

3.1.4 Reinvenção da imprensa feminista no Brasil

Dulcília Buitoni e Martha Lopes (2018) afirmam que as revistas femininas costumam ser divididas entre reportagens em quantidades diversas e de serviço. Segundo as pesquisadoras, as últimas são voltadas para o consumo e alguns textos apresentam caráter pedagógico, como guias e cartilhas; por outro lado, um jornalismo ativista “trabalha com informação e opinião, visando mudanças de consciência e de atitude” (BUITONI e LOPES 2018, p. 23). Essa explicação simplifica a diferença entre o que acompanhamos massivamente nas publicações femininas e o que a produção de conteúdo feminista buscou realizar desde sua origem.

No entanto, as mudanças geracionais e as transformações sociais na vida das mulheres ao longo dos últimos anos provocaram – e ainda provocam – alterações na imprensa que pauta o sexo feminino de maneira geral. Além de grandes revistas tradicionais – Claudia, Marie Claire e Capricho, por exemplo – terem aberto espaço para discussões a respeito do papel da mulher na sociedade, da igualdade de gênero, da violência doméstica, da emancipação sexual e outras, um dos principais canais de informação feminista têm sido a internet, por meio de blogs e redes sociais³⁷. E ainda há o movimento adicional, conforme aponta Cristiane Costa (in HOLLANDA, 2018):

Recentemente, as mídias tradicionais têm abarcado com mais frequência temas minoritários, como diversidade e injustiças relacionadas a gênero, sexualidade e padrões de beleza. Essa virada certamente é fruto da pressão das redes. Prova disso é a passagem de blogs, revistas on-line, youtubers e afins para o circuito editorial. A transposição das redes para o papel é uma tendência entre os expoentes de maior destaque do feminismo virtual (COSTA in HOLLANDA, 2018, p. 55).

Segundo Cristiane (2018), a maneira como vozes ativas diferentes se multiplicaram pelas redes “permitiu um ganho significativo de visibilidade de correntes do feminismo até então pouco amplificadas, como o feminismo negro, trans ou lésbico”. A autora acredita que as pautas das redes não diferem tanto das que motivaram as ondas feministas, como violência, assédio, sexualidade, padrões de

³⁷ A quarta onda do feminismo é caracterizada pelo ativismo digital, no que podemos considerar um novo arranjo dos movimentos sociais. Aqui, a tecnologia e todas as suas possibilidades funciona como ferramenta disseminadora de ideias e manifestos, principalmente nas redes sociais. Surge ainda uma nova personagem nesse contexto, que transita entre as ruas e as redes – a militante feminista e virtual.

comportamento, trabalho e outras. Se antes, de acordo com Ana Carolina Escosteguy (2016, p. 68), “questões sobre mídia e mulher, mídia e gênero, e consumo feminino de produtos da cultura popular de massa ainda não estavam no horizonte das preocupações feministas”, entendemos que, hoje, assim como essas vozes se multiplicaram, suas reivindicações também. Entre elas, incluímos as discussões sobre oportunidades iguais no âmbito esportivo e os desafios que mulheres enfrentam neste campo desde a infância.

Utilizar a comunicação como parte da ação de movimentos sociais é prática antiga – grupos de discussão, folhetos, cartilhas etc. – que ganhou novas dinâmicas ao longo do tempo. Segundo Anastasia Kavada (2010 apud Cammaerts 2013, p. 27) “sites de redes sociais baseados no mercado como Facebook, Twitter e YouTube emergiram como ferramentas poderosas para ativistas e movimentos para distribuir contranarrativas e facilitar a mobilização de massas”.

Esta pesquisa não propõe a avaliação de métricas como alcance, engajamento ou interação de usuários, mas entendemos que os conteúdos presentes na internet são resultado dessa reinvenção da imprensa feminista, com a apropriação das novas tecnologias da informação e das redes sociais na busca por ocupar mais espaços de discussão. Com abordagens especializadas e mais liberdade para tratar de assuntos antes considerados tabus, efetivar o empoderamento de mulheres – começando pelo acesso à informação que se posiciona a favor da igualdade de gênero – se torna uma possibilidade real. Ana de Miguel e Montserrat Boix (2013) falam sobre a utilização das redes para transcender as determinações de gênero, em que

a internet poderia converter-se, então, em um instrumento de mudança e um espaço de liberdade e, sem dúvida existem muitas questões e inquietudes que se deve ter em conta para que esta transformação não seja uma mera liberação simbólica, daquelas que consistem em que tudo muda para que tudo possa ser igual (MIGUEL e BOIX, 2013, p. 40)

A compreensão da internet como espaço político e de enfrentamento passou a ser um meio de articulação do movimento feminista e de uma imprensa de posicionamento que encontra caminhos cada vez mais variados para defender o protagonismo de mulheres e a renovação de seu papel social. No início dos anos 2000, talvez não se pensasse que a internet poderia exercer o papel ativo que tem

hoje não só no debate de questões sociais, mas na promoção de ações efetivas na defesa de causas.

Quando fala sobre a linguagem das redes, Cristiane (in HOLLANDA, 2018) destaca a exploração da força mobilizadora dos relatos pessoais, que funcionam como chave importante, na medida em que as experiências contadas em primeira pessoa passam a afetar o outro. Entre as hashtags que engajaram mulheres online no Brasil e no mundo, estão: #NãoMereçoSerEstuprada, que surgiu em 2014, inicialmente como um grupo no Facebook idealizado pela jornalista Nana Queiroz; #PrimeiroAssédio, de 2015, que foi um convite “virtual” feito pelo coletivo Think Olga para que mulheres dividissem assédios sofridos ainda crianças; #NiUnaAMenos, uma hashtag argentina, de 2016, que protestava contra a morte de Lucía Peres, uma jovem de 16 anos que foi drogada, estuprada e assassinada por três homens; #TimesUP, 2017, reivindicação de mulheres na indústria do entretenimento pelo fim do assédio e igualdade salarial em Hollywood, após denúncias de abuso sexual praticado por Harvey Weinstein, influente produtor hollywoodiano; por fim, outra hashtag que se destacou na década de 2010 foi a #DeixaElaTrabalhar, com um manifesto por meio de um vídeo em defesa da atuação de mulheres repórteres, cujo dia a dia nos estádios, nas redações e nas ruas é dificultado pelo assédio. No Twitter, vídeos e imagens desses momentos foram compartilhados por atletas, jornalistas, federações, times e mais, conforme mostram as figuras 26 e 27:



Figura 26: Reprodução do tweet da CBF com trecho do Manifesto #DeixaElaTrabalhar



Cruzeiro 🐱🟦 @Cruzeiro · Mar 25, 2018

Lugar de mulher é onde ela quiser, no estádio, no escritório, na rua, aqui e ali. Elas só querem que esse direito seja cumprido. Sem assédio.

#DeixaElaTrabalhar

Aproveite e conheça também a campanha **#QuebreOSilencio** realizada por @Cruzeiro e @Mineirao

cruzeirosolidario.com.br/quebreosilencio ✓



Figura 27: Reprodução do tweet do Cruzeiro com trecho do Manifesto #DeixaElaTrabalhar

Ou seja, não só os relatos pessoais resultam em mobilização nesses espaços virtuais, como chegam a órgãos oficiais – a exemplo anterior da Confederação de Futebol Brasileiro. Nas redes, os feminismos identitários também encontram mais flexibilidade para existir em defender suas pautas: “Talvez somente agora, a partir de modos de fala e uso de vozes individuais em rede, o feminismo tenha conseguido encontrar um modelo de comunicação efetivamente contagioso” (COSTA in HOLLANDA, 2018, p. 47).

Por sua vez, Ana Carolina Escosteguy (2016) entende que a existência de pautas diferentes e de interseccionalidade pode ser um reflexo das mudanças que a agenda feminista começou a viver desde os anos 1980:

Há o reconhecimento de que qualquer ponto de vista feminista obrigatoriamente deve ser apresentado como parcial porque, embora as mulheres possam compartilhar interesses comuns, esses não são universais. Tal posicionamento está em oposição àquele discurso feminista que até um determinado momento apelava para a opressão comum sofrida pelas mulheres, existindo um chamado pela unidade que apagava as diferenças entre elas. A análise desprende-se de uma ideia reduzida de construção social de papéis/funções do feminino e do

masculino para uma abordagem muito mais multifacetada, que redimensiona as supostas diferenças/identidades entre mulheres e homens (ESCOSTEGUY, 2016, p. 70).

Para a autora, esse deslocamento da defesa de igualdade para o reconhecimento das diferenças começa a ser explorado de maneira mais contundente pela mídia. Ana Carolina (2016) aproxima esse panorama – que nega o simples binarismo – das ideias de Stuart Hall (1999) sobre os sistemas culturais nos quais estamos inseridos e que mantêm relação direta com as representações midiáticas:

a identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 1999, p. 13).

Esses sistemas culturais funcionam como pano de fundo dos conteúdos de massa que seguem na contramão do que pratica o feminismo identificador de diferentes identidades. No que diz respeito ao esporte e suas questões midiáticas sobre mulheres, as visões consensuais da mídia e os sistemas culturais dividem espaço com tentativas de superar dogmas e antigas crenças. De que maneira a estrutura de produção do jornalismo esportivo repercute a hierarquia da credibilidade sob a existência de uma perspectiva comum a respeito da participação feminina no esporte? Quais os limites consensuais impostos às mulheres nessa cena? O mapa cultural e social da cobertura esportiva permite o protagonismo das atletas? Entendemos que, em um mundo no qual as instituições, as decisões e os comportamentos são definidos e atestados por homens, a mídia impacta nas relações e na autonomia feminina. Contextualizar o processo histórico da imprensa esportiva brasileira e refletir sobre suas características contribui para identificar como ela se moldou aos limites das “leis masculinas”, tarefa do capítulo 4.

4 COBERTURA ESPORTIVA NO BRASIL: O ESPORTE COMO NOTÍCIA

Por que o jornalismo esportivo recebeu – e ainda recebe – tantas acusações de ser um espaço desigual para homens e mulheres? Reconhecemos que aconteceram avanços nos últimos anos, no entanto, os casos de assédio, os comentários machistas, as representações estereotipadas e as violências simbólicas continuam. Nesta etapa do estudo, trataremos do caminho que levou o esporte a se tornar notícia, o que inclui lembrar as primeiras transmissões de partidas do futebol masculino, que, segundo Juarez Bahia (1990), sempre esteve atrelado ao crescimento do jornalismo esportivo no Brasil. O foco de nosso debate, porém, é o futebol feminino e suas representações noticiosas.

A primeira publicação com temáticas relacionadas à prática de exercícios recebeu o nome de *O Atleta* (1856), quase 40 anos antes de Charles Miller chegar da Inglaterra com um par de chuteiras, um livro com regras de futebol, bolas e uniformes. *Sport e Sportman* (1886) seguiu a mesma proposta; o suplemento *A Platea Esportiva* (1891), a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva* (1898) ainda não conheciam o futebol, assim como os principais jornais da capital paulista, que abordavam modalidades como críquete, turfe e remo. “Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma decisão sobre a vida política do país?”, pontua Paulo Vinícius Coelho (2003, p.8) sobre as dúvidas que os fatos esportivos despertavam entre aqueles que produziam as publicações da época.

Para Coelho (2003), *A Gazeta Esportiva* (1947) pode ser considerada pioneira em defender um noticiário esportivo, pois já funcionava como suplemento do jornal *A Gazeta* (1906), fundado pelo jornalista brasileiro Cásper Líbero, desde 1928. Enquanto o *Jornal dos Sports* (1931) surgiu como primeiro diário exclusivamente dedicado ao esporte. Porém, ainda que o rádio – que marcou sua primeira transmissão em 1922 no Brasil – tenha servido como outro meio responsável por popularizar as coberturas esportivas no país, os cadernos de esporte consolidaram seu espaço apenas a partir dos anos 1960 (COELHO, 2003).

De acordo com Edileuza Soares (1994, p. 13), o radiojornalismo esportivo foi um dos primeiros gêneros a se consolidar no rádio, sendo que a primeira locução de um jogo de futebol que deu origem ao padrão que conhecemos atualmente aconteceu

em 1931. A partida entre São Paulo e Paraná foi narrada por Nicolau Tuma, na Rádio Educadora Paulista. Desde então, “o rádio esportivo tornou-se um fenômeno de comunicação de massa. Com linguagem diferenciada, na tentativa de despertar o imaginário do receptor, transformam a narração em grandes espetáculos, que chegam a superar a realidade” (SOARES, 1994, p. 13).

André Ribeiro (2007, p. 135) avalia que, diferente do impresso e do rádio, a televisão abriu espaço privilegiado para o esporte desde o início das transmissões na TV Tupi (1950). Aurélio Campos, locutor, diretor artístico e de esportes da Rádio Tupi, foi o nome à frente do programa Vídeo Esportivo; enquanto Alfonso Zibas, o responsável pelas primeiras filmagens esportivas feitas no Brasil, em uma partida de futebol entre São Paulo e Portuguesa. A TV Paulista (1952) veio depois, mas manteve a modalidade como destaque, quando ambas as emissoras, ainda que diante da falta de estrutura, valorizavam a transmissão de jogos inteiros. Outros canais surgiram e Fernanda Silva (2005) afirma que o futebol – assim como os programas que abordavam a modalidade – ganhou repercussão em escala incomparável a qualquer outro esporte: mesas-redondas, transmissões em tempo real e personagens da imprensa esportiva se popularizavam.

No segmento de revistas, a Placar se destacou, surgiu em 1970 e fazia parte do catálogo da Editora Abril. Outro título impresso que se tornou referência de conteúdo esportivo foi o Lance! jornal que circulou pela primeira vez em 1997, tem sede no Rio de Janeiro e conta com outros títulos anexos, como as revistas A+ e Fut! Lance. Nelas, as capas e reportagens sobre futebol feminino revelaram clichês, trocadilhos sexuais e machismo. Para exemplificar algumas, selecionamos na revista Placar alguns exemplos disponíveis em seu acervo ³⁸, cuja exposição será feita no item 4.2.

Com a chegada das novas tecnologias e da internet no Brasil, surgiam outros espaços para o jornalismo esportivo. “Foi só na virada de 1999 para 2000 que muitos jornalistas trocaram as redações convencionais pela tentadora ferramenta de comunicação” (UNZELTE, 2009, p. 65). O autor explica que essa foi a chamada “bolha” da internet, que chegou a quadruplicar alguns salários oferecidos em jornais

³⁸ Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=6ygvHbKWJeEC&lr=&hl=pt-BR&rview=1&source=gbs_all_issues_r&cad=1&atm_ay=1950#all_issues_anchor. Acesso em: 22 de outubro de 2020.

e revistas. Segundo Celso Unzelte (2009), porém, em 2001, a euforia dos investidores passou e sites esportivos sucumbiram:

Ao lado das novas empresas, as próprias redações tradicionais montaram seus sites. No caso de A Gazeta Esportiva, foi a versão impressa que deixou de existir (...) Já o Lance! Net, criado paralelamente à versão impressa, é hoje uma unanimidade de negócios tão importante quanto o próprio jornal impresso. A Globo logo tratou de se mexer, criando o portal Globo.com. Segundo pesquisa Ibope/Nielsen Netratings realizada no primeiro trimestre de 2008, trata-se atualmente do maior portal esportivo da internet brasileira, em primeiro lugar e audiência e também onde as pessoas permanecem navegando por mais tempo. Os portais UOL, Terra e IG, sinônimos de internet no Brasil, têm hoje o esporte como um de seus assuntos mais acessados (UNZELTE, 2009, p. 66).

Provavelmente, depois de mais de uma década, os dados apresentados por Unzelte (2009) podem estar desatualizados. No entanto, é importante conhecer o panorama em que o jornalismo esportivo brasileiro acontecia nos primeiros anos de internet – favorável, assim como foi com as emissoras de televisão. Além de a ferramenta ter possibilitado uma variedade de conteúdos especializados, permitiu a pessoas que nunca haviam passado por uma redação tradicional a participação no processo noticioso. Outros impactos da chegada da internet nas redações foram a própria dinâmica de apuração dos fatos, o acesso às informações e a velocidade com que elas eram recebidas pelo público.

No início dos anos 2010, com a popularização das redes sociais, o cenário mudou mais uma vez para o jornalismo esportivo: trouxe diferentes estruturas de texto, interação com os usuários em proporções maiores, canal direto de comunicação com a audiência, das fontes e dos personagens da notícia, trânsito maior de jornalistas nas redações, mais transmissões e até mudanças na linguagem utilizada pelos meios de comunicação. O Twitter, por exemplo, proporciona coberturas por minuto, informações rápidas sobre bastidores e atualizações direto do local do acontecimento. Youtube, Facebook e Instagram, dentro de suas características específicas, também fizeram dos espectadores seres cada vez mais participantes e integrados às coberturas de esporte:

As novas dinâmicas interativas trazem a chance de aguçar a integração do espectador ao mosaico simbólico do esporte e ao próprio enredo em construção: não só a partida, mas o entorno

igualmente útil ao intuito de incrementar o show e, portanto, a audiência. A comunicação interativa, concentrada em plataformas móveis, adiciona novos elementos ao painel de mensagens e significados que recheiam o acompanhamento do espetáculo futebol (CARAUTA, 2016, p. 46).

Alexandre Carauta (2016) entende que essas novas dinâmicas dão origem ao conceito de segunda tela no futebol, no qual o indivíduo se mantém conectado à internet e às redes sociais enquanto acompanha a partida, o que poderia ou não transformar a percepção e o valor na experiência de consumi-la. O autor usa como exemplo datado o jogo entre Alemanha e Brasil na Copa do Mundo de 2014:

O quarto gol da Alemanha, antes ainda dos 30 minutos, indicava mais do que o adeus verde-amarelo à Copa e o vexame sem precedentes. Ao mover um recorde de comentários em meio aos três bilhões de conteúdos publicados no Facebook durante o Mundial, o episódio caracterizava também a influência substantiva das tecnologias digitais no acompanhamento do futebol. O inseparável radinho, preservado no imaginário, passou a bola ao celular com acesso à internet. Para o bem e para o mal, ver futebol virou outra coisa. Diante do tsunami alemão, o espectador brasileiro buscou refúgio interativo em plataformas móveis a tiracolo (tablets e, principalmente, smartphones). A troca frenética de mensagens – indignadas, perplexas, irreverentes – deslocava o protagonismo do consumo midiático para a chamada segunda tela (CARAUTA, 2016, p. 1).

Segundo artigo³⁹ publicado em 2015 por José Colagrossi, diretor do Ibope Repucom, uma de suas principais características do novo consumidor de esporte é a interação nas redes sociais durante as transmissões esportivas. Entre os jovens de 18 a 24 anos, 46% procuram na internet números e estatísticas sobre a partida e 44% acompanham resultados de outros jogos e entram em sites que tenham informações sobre o seu time. Com o recente início de transmissões de algumas partidas brasileiras exclusivamente em redes sociais – por exemplo, o Novo Basquete Brasil, realizado pela Liga Nacional de Basquete (LNB), transmite parte dos jogos apenas por streaming ao vivo no Facebook, desde 2016, e no Twitter, desde 2017 – é possível pensar que outras dinâmicas de consumo continuarão a surgir.

Conforme adiantamos, o item seguinte expõe algumas capas e reportagens da revista Placar que exemplificam as representações do futebol feminino no jornalismo

³⁹ Disponível em: <http://www.iboperepucom.com/br/artigos/o-perfil-do-novo-consumidor-de-esporte/>. Acesso em: 22 de outubro de 2020.

esportivo ao longo das últimas décadas. A publicação é um dos principais retratos do sexismo ao qual as mulheres foram submetidas no segmento.

4.1 REVISTA PLACAR

A modalidade só começa a aparecer na revista a partir dos anos 1980, acompanhada de uma enquete que perguntava ao leitor se 1) ele era a favor do futebol feminino e 2) se ele chegaria mais cedo ao estádio para ver uma partida entre mulheres – veja a figura 28.

Soccer Sex Stars Famosas na tevê, elas agora estão jogando futebol

UM TIME SÔ DE ESTRELAS

Com calções justos e camisetas decotadas, ganham fãs também nos estádios

Olha só: o técnico Eizezer, Leina Krespi, Adele, Monique, Tamara, Terezinha Sodré, Leiloca e Wilma Dias

FALA, LEITOR!
 Responda às duas perguntas abaixo, destaque o capuz e a endereça para Rua do Cururu, 635, Casa postal 2372, CEP 01000, São Paulo, SP

Você é a favor do futebol feminino?
 SIM NÃO

Você chegaria mais cedo ao estádio só para ver uma preliminar entre dois times de mulheres?
 SIM NÃO

Nome _____
 Sexo _____ Idade _____ Estado _____

Figura 28: Revista Placar - Ed. 593, p. 67 – 1981

Apenas na edição 672, em 1983, o futebol feminino volta a ser citado, desta vez para explicar as diferenças em relação ao masculino. Outras reportagens começam a aparecer na revista, com títulos bem semelhantes: “A bela e as feras” (Ed. 701, 1983, p. 48-50), “Futebol Feminino: o charme da conquista” (Ed. 718, 1984, p. 42 a 43) e “O charme vai a campo” (Ed. 738, 1984, p. 24 a 27).

Na primeira (“A bela e as feras”), em uma das representações mais polêmicas feitas pela revista, duas páginas mostram a ponta-direita do Internacional-PR, Isabel Araújo Nunes, de apenas 17 anos, posando em campo de futebol de calcinha, sutiã, meião e chuteiras. O texto começa da seguinte com a frase: “Ela balançou os quadris num movimento obrigatoriamente sensual para deslocar as duas adversárias à sua frente e fuzilou contra o gol do Internacional de Santa Maria” (PLACAR, 1983, p. 49), e segue falando sobre o corpo, a disposição e o charme da jogadora; também traz uma fala pejorativa (“Mata o velho, mata!”) do torcedor Ambrósio, de 60 anos, ignorando que Isabel era menor de idade.

Enquanto na terceira página da reportagem conhecemos as feras, atletas que “brigam também – e às vezes brigam feio, como na selvagem agressão ao juiz da decisão do Campeonato Carioca (PLACAR, 1983, p. 50). Na matéria que fala sobre a partida entre Bangu e Radar, a página não tem cor – diferente das anteriores – e retrata jogadoras em discussão com o árbitro. O rosto que ganha destaque é de Sara, que defendia o time do Bangu e foi suspensa durante a partida. Ao final do texto, lemos: “Se isso pode prenunciar alguma absolvição, resta torcer para que, no futuro, o futebol feminino tenha muitas belas, inspiradas na atraente estrela do Inter – e que as feras voltem às jaulas” (PLACAR, 1983, p.50). Destacamos a ausência de qualquer aspas de Isabel ou Sara, em uma abordagem repleta de sexismo e preconceito racial – veja a figura 29.



Figura 29: “A Bela... E as feras”, reportagem da revista Placar, Ed. 701, p. 48-50 – 1983

Já na capa da Ed. 738, de 1984, quem ilustra a capa é a jogadora Vandira Martins, que atuou pelo clube do Pinheiros, no Paraná. Na imagem, ambientada em um vestiário, ela aparece colocando as ataduras para calçar a chuteira. Nenhum problema, não fosse o fato de ela vestir apenas a camisa do time e uma calcinha branca. Na chamada, lemos: “Futebol feminino – 3.000 times e 45.000 mulheres em campo – veja a figura 30.



Figura 30: Capa da revista Placar – Ed. 738, 1984

Os anos 1990 revelam outro momento do futebol feminino, já que a seleção brasileira começaria a ganhar mais visibilidade e disputar campeonatos. Na revista Placar, porém, o tempo continuava parado. Na edição 1106, em 1995, a revista usa a chamada “Futebol Feminino – As garotas batem um bolão (e até trocam as camisas depois do jogo!)”. Na imagem de capa, mulheres – todas brancas e com corpos dentro

do padrão – vestem um uniforme estilizado e diferente do que as atletas brasileiras realmente utilizavam para simular um grupo de jogadoras comemorando. Elas estão de costas e, no centro, uma delas toca as nádegas da outra – veja figura 31.



Figura 31: Capa da revista Placar - Ed.1106 – 1995

A reportagem de capa tem oito páginas, com título: “Homens, chegamos!”, seguido pela linha fina “A invasão é irreversível. As garotas vestiram a camisa, deixaram o preconceito e já montaram 1000 times pelo país”. Uma abordagem inicial que não se mantém no restante da matéria. Enquanto modelos seminuas preenchem a maioria do espaço, apenas uma jogadora da seleção aparecem em imagem pequena e sem qualidade.

A figura 32 (na página seguinte), que reproduz uma página inteira da reportagem, tem a seguinte afirmação: “Na guerra dos sexos, as garotas perdem em

alguns itens, mas já estão equilibrando o jogo”. Simula-se um infográfico que contém análises de um fisiologista para cada parte do corpo da mulher. O profissional é um homem que aparece creditado no rodapé da página.



Figura 32: “Corpo a corpo”, reportagem da revista Placar – Ed. 1106, p. 35 - 1995

A reportagem é finalizada com um poster duplo das modelos da capa, reproduzido na figura 33 – algumas delas vestindo os uniformes estilizados e outras com os seios à mostra. Lê-se o título: “O melhor do jogo”, seguido pela linha fina “Confesse! Você sempre imaginou como seria se, ao final da partida, as garotas

imitassem os homens e trocassem as camisas em campo, não? PLACAR realiza seu sonho. Afinal, futebol é confraternização”. Duas páginas anteriores foram dedicadas ao futebol de areia, modalidade popular entre as mulheres no Rio de Janeiro e que já contava com 16 times, e ao futevôlei.

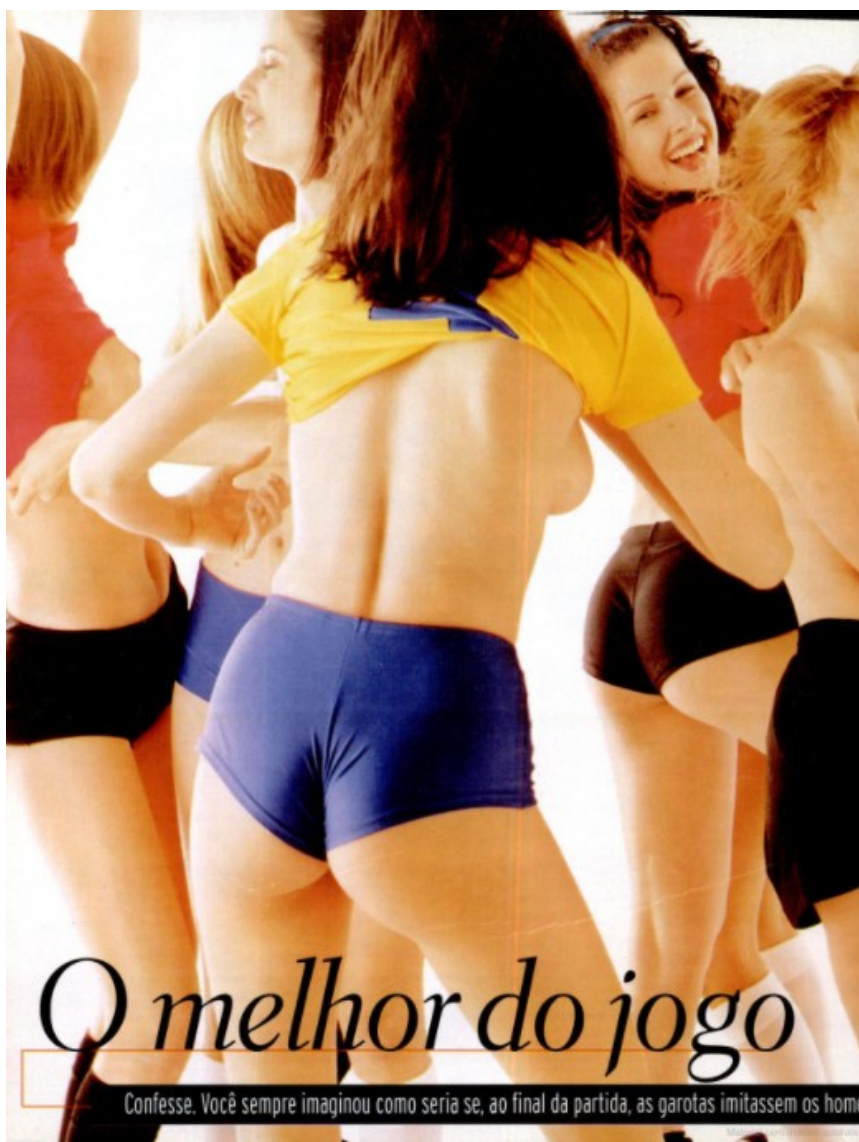


Figura 33: "O melhor do jogo", reportagem da revista Placar – Ed. 1106, p. 38 - 1995

No mesmo ano, com o título “Adoráveis pernas de pau”, a edição 1109 apresenta o time formado apenas por ex-modelos da revista Playboy. A reportagem traz fotos de mulheres no vestiário, simulando uma guerra de travesseiros no quarto e jogando na quadra. O texto, no entanto, usa frases, legendas e trocadilhos sexistas e de baixo nível para se referir a elas, como: “O *dream team* do massagista”, “(...) elas mostram que têm muito mais intimidade com os travesseiros do que com a bola” ou “com dez adoráveis rostinhos e corpinhos na quadra o nível técnico despencou”

(PLACAR, 1995, p. 24-25). Nas duas páginas finais, a revista traz uma imagem na horizontal, simulando um poster, do que chama de “Seleção de Eros”. Com o título “A festa do terceiro tempo”, as modelos aparecem seminuas em um banheiro, com informações sobre cada uma na faixa inferior – veja figura 34.



Figura 34: "A festa do terceiro tempo", reportagem da revista Placar – Ed. 1109, p. 28-29 - 1995

A abordagem sexista não ficou restrita apenas às jogadoras. Na edição 1111, em 1996, a juíza Cleidy Ribeiro é o destaque da capa, com a chamada “A juíza mais gostosa do Brasil”. Ela aparece em pose sensual e segurando um cartão vermelho. No interior da revista, o título da reportagem é “Apito fatal”, com linha fina que se inicia da seguinte forma: “Quando a juíza entre em campo, os jogadores tremem. Só não se sabe se de medo ou de puro desejo” (PLACAR, 1996, p. 38). Na época uma iniciante, hoje Cleidy acumula décadas de experiência na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e na Federação Internacional de Futebol (FIFA). Participou de torneios internacionais, como a Copa do Mundo de Futebol Feminino e as Olimpíadas de Sidney (2000) – veja figura 35 (na página seguinte).



Figura 35: Capa da revista Placar, Ed. 1111 - 1996

Nos anos 2000, o cenário de profissionalização do futebol feminino crescia apesar das dificuldades. Por outro lado, não houve avanços na representação que a revista fazia das atletas, o que aconteceu foi uma tentativa de reafirmar o discurso da feminilidade no espaço concedido às jogadoras. Na edição 1163, em 2000, uma reportagem sobre a equipe de futebol nas Olimpíadas tem o título “Só no sapatinho”, e traz imagens de uma das jogadoras fazendo as unhas, de uma chuteira, alertando que a maior era tamanho 41 e até passando batom. A linha fina fala de feminilidade e uniformes sob medida.

O ano de 2007 (edição 1307) marca a publicação do primeiro texto que foca nas dificuldades enfrentadas pela seleção brasileira de futebol feminino, que já havia conquistado a medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos da República Dominicana (2003), a de prata nas Olimpíadas de Atenas (2004) e a de bronze do Mundial sub-20 da Rússia (2006). Entre junho e julho daquele ano, elas seriam bicampeãs no Pan que aconteceu no Brasil. Depois, em 2008, na edição 1324, a revista faz um comparativo sobre o futebol nas Olimpíadas de Pequim (2008), com o título “Eles ou

Elas? Duas coisas ficaram claras pra quem acompanhou o futebol na Olimpíada. A disputa do feminino é mais interessante que a do masculino. Entenda por que” (PLACAR, ed. 2008, p. 88).

Recentemente, uma das edições da revista Placar provocou críticas pelo espaço concedido a Bruno Fernandes de Souza, condenado pelo assassinato da modelo Eliza Samudio, então namorada e mãe de seu filho. A edição 1389 é de abril de 2014, momento em que o goleiro já se encontrava em cárcere e cumprindo a sentença de 22 anos e três meses de prisão. Na capa, lemos a frase: “Me deixem jogar”, acompanhada de uma linha fina que fala em “morte de Eliza Samudio – e não assassinato ou feminicídio, além de uma foto em que o goleiro aparece encarando o leitor – veja figura 36.



Figura 36: Capa da revista Placar, Ed. 1389 - 2014

Na reportagem de oito páginas, o jornalista Breiller Pires resgata a trajetória do atleta, aborda superficialmente o crime e traz uma entrevista pingue-pongue com Bruno cujo título é uma aspa goleiro: “Acredito no milagre”. Em 2019, Bruno conseguiu

uma progressão de pena para o regime semiaberto e, no mesmo ano, foi anunciado como um dos reforços do time de Poços de Caldas, em Minas Gerais. A contratação dividiu opiniões: repúdio por parte de alguns torcedores, principalmente as mulheres; e apoio por parte de outros, que defendiam a sua reintegração à sociedade. A permanência na equipe não deu certo, mas ele retomou a carreira no segundo semestre de 2020, pelo Rio Branco-AC, na série D. Bruno não voltou a ser capa da revista Placar, mas segue no futebol e em outros espaços sociais com tratamento e alcunha distantes de um feminicida. Continua concedendo entrevistas, sendo requisitado para fotos e dando autógrafos como ídolo.

A última edição que apresentaremos neste levantamento é a primeira e única dedicada ao futebol feminino e lançada pela Placar em 50 anos. Em novembro de 2019, a revista estampou Marta Vieira da Silva como destaque na capa e mais de 66 páginas dedicadas à modalidade e às jogadoras (veja figura 37).



Figura 37: Capa da revista Placar, Ed. 1457 - 2019

A publicação é histórica, mas, por que demorou tanto? Ela apareceu em 2018 ao lado de Modric, jogador do Real Madrid, e em 2016, ano de Olimpíada, junto com Neymar. Se a atacante é a melhor de todos os tempos – entre homens e mulheres – nos critérios da FIFA, então, por que 2019 foi a primeira vez em que recebeu uma capa só sua em uma das revistas esportivas mais populares no país. Não há no campo esportivo trajetória feminina que não seja feita de luta. Depois de apresentar sucintamente o surgimento do esporte como notícia, revelamos o caminho de invisibilidade e machismo que atletas da modalidade mais popular do país percorreram no jornalismo esportivo praticado pela revista Placar. O objetivo foi exemplificar o tipo de abordagem predominante que acompanhou o desenvolvimento e a consolidação das notícias de esporte no Brasil. No tópico 4.3 damos continuidade à contextualização utilizando estudos que denunciam os problemas de gênero na imprensa esportiva, além de resgatar as identidades de mulheres jornalistas pioneiras nas coberturas em que prevaleciam os homens.

4.2 COMO A IMPRENSA ESPORTIVA SEMPRE FOI

Segundo André Ribeiro (2007), a primeira vez que uma equipe de comunicadoras brasileiras se reuniu para falar de esporte data de 1970, iniciativa de Roberto Montoro para a Rádio Mulher. Até então, salvo algumas exceções, elas não conseguiam fazer parte das transmissões esportivas e o preconceito por parte dos homens era muito claro. Por cinco anos, sobreviveram à patrulha daqueles que procuravam erros em seus trabalhos e não gostavam do fato de precisar dividir esse espaço:

Só mulheres trabalhavam na equipe, dentro e fora das transmissões. A narração era feita por Zuleide Ranieri Dias; os comentários por Jurema Iara e Leilá Silveira; nos comentários de arbitragem, Lea Campos – que também era juíza –; na reportagem, Germana Garili, Claudete Troiano e Branca Amaral; no plantão, na sede da rádio, ficavam as locutoras Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Até o transporte da equipe era feito por uma mulher, Tereza Leme. Na parte técnica, a sonoplastia ficava por conta de Regina Helô Aparecida (RIBEIRO, 2007, p. 221).

Entre as jornalistas, nenhuma delas vingou na imprensa esportiva da época e a maioria desistiu da profissão. Ribeiro (2007) aponta que somente duas décadas

depois uma mulher voltaria a integrar uma equipe de rádio esportivo: Regiane Ritter, repórter e comentarista da Rádio Gazeta, que chegou a conquistar o prêmio de melhor jornalista esportiva do estado de São Paulo, em 1991.

Anos antes da iniciativa da Rádio Mulher, Maria Helena Rangel – também atleta de competições de arremesso de disco – estudou na Faculdade Cásper Líbero e foi convidada para escrever no jornal Gazeta Esportiva, em 1948, pelo qual realizou viagens para cobrir campeonatos de basquete e vôlei. Ela é considerada a primeira jornalista do país com registro. Outros nomes desse cenário de pioneirismo são: a fotógrafa Mary Zilda Grassia Sereno, que trabalhou na mídia impressa – jornais Hoje, O Dia, O Tempo, Gazeta Esportiva – e era especialista na cobertura de jogos de futebol, começando por volta de 1934; Germana Garilim, que atuou na Tribuna de Ituana, Tribuna de Franca e Gazeta de Santo Amaro a partir da década de 1960; e Semiramis Teixeira, que se destacou nos microfones da Rádio Nacional (Excelsior) e da TV Tupi, passando também pela Gazeta Esportiva.

Nos anos 1980, a quantidade de mulheres jornalistas aumentou: Kitty Baliero esteve na TV Globo nas coberturas da Olimpíada de Los Angeles em 1984; os Jogos Olímpicos de Seul, na Coreia do Sul, em 1988; a Copa da Itália, em 1990, e a Olimpíada de Barcelona, na Espanha, em 1992; Marilene Dabus e Martha Esteves começaram a cobrir os vestiários no Rio de Janeiro, Alaíde Pires fez parte da inauguração das coberturas automobilísticas, Monika Leitão esteve na televisão com as Olimpíadas de Moscou e no Pré-olímpico de Basquete em Porto Rico e Isabela Scalabrini iniciou a participação feminina na equipe do Globo Esporte, programa que ela apresentava aos sábados. Na década de 1990, Mylena Ciribelli foi a primeira mulher apresentar o Esporte Espetacular e teve passagem pelo Globo Esporte.

São pouco mais de 70 anos desde que as mulheres começaram a atuar no jornalismo esportivo. Porém, apenas em 2002, a emissora que mais se destacou entre as coberturas esportivas a partir dos anos 1990 colocou uma mulher para falar de esporte diariamente: a jornalista e ex-atleta Glenda Kozlowski apresentou o Globo Esporte São Paulo entre 2002 e 2007. Nos programas de debate, a pioneira foi Renata Fan, que passou a comandar o Jogo Aberto, atração da Rede Bandeirantes, também em 2007.

Na mesma época, a jornalista Luciane de Castro começava a se envolver com o futebol feminino de maneira destoante do cenário tradicional. Em entrevista ao Portal

Ludopédio⁴⁰, ela conta que cobrir a modalidade foi uma sugestão de Mauricio Teixeira, editor do OleOle, um site com muitos blogs, mas cujo assunto não era aprofundado. Em 2008, surgiu a oportunidade de escrever para o blog Futebol Para Meninas, que ficava no site Lancenet: “O FPN deu este espaço para eu trabalhar o futebol feminino. Aí eu comecei a acompanhar e tudo mais, e com algum recurso. (...) Fui me envolvendo, ouvindo histórias, conhecendo os bastidores” (CASTRO, 2017, s.p). O blog não existe mais e nem os textos estão disponíveis para consulta. Luciane se mantém ativa no contexto do futebol feminino e é um dos grandes nomes quando se trata de narrar histórias sobre as mulheres futebolistas. Além disso, ela integra o coletivo Futebol, Mídia e Democracia, que nasceu em São Paulo, e promove discussões acerca do tema. Na mesma entrevista, a jornalista reafirma a necessidade de continuar debatendo o futebol feminino em todos os espaços, inclusive na pesquisa acadêmica.

Atualmente, os nomes femininos presentes na cobertura esportiva estão em ascensão, realidade diferente de uma década atrás. A pesquisa *International Sports Press*⁴¹, ainda sem atualização e divulgada em 2011 pelos acadêmicos alemães Jörg-Uwe Nieland, da German Sport University, e Thomas Horky, da *Macromedia University for Media and Communication*, em parceria com o Ministério da Cultura da Dinamarca, revelou um panorama mundial de desigualdade entre homens e mulheres inseridos na mídia esportiva. Nas redações de jornalismo do mundo, a quantidade de homens nas editorias de esporte é maior, com 90% dos artigos assinados por eles, assim como o tempo de 85% dedicado às modalidades masculinas nas coberturas diárias. O estudo analisou 18.340 matérias de 81 jornais publicados em 23 países, entre eles o Brasil, em que os números foram ainda menores: apenas 8% do conteúdo foi assinado por uma mulher e, ainda que 74% da cobertura seja destinada ao futebol, conteúdos relacionados à economia, política e transparência são negligenciados.

No que diz respeito ao padrão das que se aventuraram no jornalismo esportivo na televisão, perguntamos: onde estavam as jornalistas negras? A primeira vez que uma mulher negra desbravou o telejornalismo brasileiro foi em 1971, quando a repórter e apresentadora Glória Maria fez uma passagem ao vivo no Jornal Nacional. No entanto, passaram-se mais de 30 anos até que a primeira mulher negra ocupasse

⁴⁰ Disponível em: <https://ludopedio.com.br/entrevista/luciane-de-castro/>. Acesso em: 27/07/2021

⁴¹ Disponível em: https://www.playthegame.org/fileadmin/image/PTG2011/Presentation/PTG_Nieland-Horky_ISPS_2011_3.10.2011_final.pdf

a bancada de um programa de um programa esportivo: no canal SporTV, Rafaelle Seraphim sempre esteve atrás das câmeras e foi convidada pela primeira vez em novembro de 2019 – mês da Consciência Negra – para se participar do programa Redação SporTV e fazer comentários sobre futebol em frente às câmeras. Na Globo, em 2018, ano de Copa do Mundo da Rússia, Camila Silva era a única repórter negra do departamento de esportes e foi transferida para cobrir tragédias na madrugada.

A pouca representatividade negra no jornalismo esportivo do país é reflexo da invisibilidade conferida a essas mulheres. Vera Daisy Barcellos Costa tem 71 anos e é outra pioneira das redações de esporte do Brasil. Pouco se fala de sua história, mas a repórter começou a trabalhar no jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS), em 1978, onde foi responsável pela cobertura de esportes amadores e olímpicos durante 16 anos. Ela se destacou também como especialista em futsal e rompeu as barreiras impostas pelos vestiários masculinos.

Diferentemente da longa lista de nomes masculinos que imperam na imprensa esportiva e faz com que nos lembremos de muitos destaques nos diversos tipos de mídia, ainda é necessário buscar a fundo informações sobre aquelas que conquistaram “algum” espaço para dividir com eles. Segundo Paulo Vinícius Coelho (2003), isso teria relação com o interesse das pessoas – portanto, das mulheres – em se inserir no cenário esportivo:

É possível que o índice feminino reflita o interesse da população. Se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres, é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres na redação. (...) Mas é sempre visto como algo curioso uma mulher entender de esportes (COELHO, 2003, pp. 34-35).

Paulo Vinícius Coelho está entre os maiores especialistas em jornalismo esportivo do país. Passados quase duas décadas da publicação do livro em que expõe essa opinião, PVC afirmou – em entrevista⁴² ao site Dibradoras – que o preconceito com as repórteres, de certa forma, foi vencido, o que existe o preconceito com a mulher de opinião. De fato, existem poucas mulheres comentaristas atuando em transmissões e programas esportivos: depois da estreia de Ana Thais Matos como

⁴² Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/12/20/pvc-se-voce-tiver-atencao-na-redacao-vai-descobrir-talentos-femininos/>. Acesso em: 23 de outubro de 2020.

primeira mulher a comentar um jogo de futebol no Grupo Globo em 2019, Renata Mendonça foi a segunda mulher a ocupar esse espaço.

Por isso, a ideia de que algumas estruturas sociais são impossíveis de serem transformadas precisa ser combatida. Mostrar o esporte “como ele sempre foi” – expressão comum para falar de algo moralmente naturalizado pela sociedade – é parte essencial disso, a fim de que as pessoas se interessem por promover mudanças nas raízes dos comportamentos e da mentalidade que favorecem a consolidação de preconceitos. Segundo Jay Coakley (2017, tradução nossa), os esportes masculinos equivalem a 95% da cobertura esportiva, e tanto as imagens e as narrativas tendem a reproduzir ideias e crenças conservadoras sobre gênero. O autor explica que, apesar disso, alguns homens-atletas têm exposto sua sexualidade e forçando a mídia a oferecer outras narrativas sobre masculinidades no esporte. Coakley (2017) aponta, porém, que a cobertura de modalidades femininas nunca foi prioridade e que isso não mudou significativamente nas últimas duas décadas, apesar de ter havido mudanças.

Cheryl Cooky, Mike Messner e seus colegas pesquisadores do Centro para Estudos Feministas da Universidade de Southern, na Califórnia, desenvolvem um estudo sobre esportes femininos desde 1989. A pesquisa *Gênero e Esportes Televisionados* (tradução nossa) observa os canais locais de Los Angeles e o centro de cobertura esportiva da ESPN (*Entertainment and Sports Programming Network*). Coakley (2017) comenta os resultados da investigação que, em sua primeira publicação (1990) detectou que 5% da programação era destinada às mulheres e previram que isso aumentaria conforme elas praticassem mais esporte. No entanto, isso não aconteceu:

Ocorreram aumentos significativos de participação nos próximos 20 anos, mas o tempo oferecido à cobertura declinou. A única mudança positiva é que, quando acontece essa cobertura, a qualidade melhorou: é mais provável que seja sério e menos propenso a envolver piadas sexistas ou comentários para banalizar e sexualizar mulheres-atletas. Os resultados mais recentes dos programas locais mostrou que os homens apareciam como âncoras 100% do tempo e 99,5% deles e dos anunciantes eram homens. Apenas uma mulher apareceu como anunciante e qualquer um dos programas. Na ESPN, mulheres representaram 11% dos âncoras em 2009, menos que os 12% de 2004 (COAKLEY, 2017, p. 393, tradução nossa).

Os dados⁴³ atualizados e divulgados em 2014 mostram que os números não se alteraram tanto assim, apesar mudanças qualitativas serem constantes. Entre as afiliadas locais, 3,2% da cobertura foi dedicada ao esporte feminino, enquanto na ESPN foram 2% do programa de destaque da emissora. O estudo que avaliou duas décadas da imprensa esportiva americana apresenta resultados que se aproximam da realidade do Brasil. Para Júlia Belas, mestre em jornalismo esportivo pela St. Mary's University, no Reino Unido, e agora colaboradora do Dibradoras, o trabalho desempenhado pelo blog no Brasil destoa das outras coberturas feitas no país, principalmente por ser uma equipe 100% feminina alcançando a visibilidade que tem atualmente:

No Brasil, a gente carecia muito desse tipo de visão no jornalismo esportivo. Nas redações onde passei ou que eu tenha conhecido que tenham passado, não lembro de nenhuma majoritariamente feminina, de mulheres trabalhando ativamente na redação. Podia ser em outras funções, mas nunca como as repórteres, como as vozes. E, no caso delas, elas fazem tudo e elas sempre fizeram tudo. É uma equipe de mulheres mostrando que você pode, sim, inclusive, ganhar dinheiro com esporte (BELAS, 2020 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 473)

Sobre a qualidade e o diferencial do conteúdo, Júlia lembra o alcance obtido durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016), momento que consideramos um dos marcos da trajetória do blog: “Elas focavam nas atletas, o que já era bem inovador, no sentido de que estar conseguindo muito alcance (...) mas também falavam muito sobre serem feministas, o feminismo dentro do esporte, a luta por salário, por apoio, algo que você não via na mídia tradicional” (BELAS in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 474)

Em artigo de 2017, Cheryl Cooky, Mike Messner e Michela Musto também analisaram a maneira como a maior parte da imprensa aborda o esporte de mulheres, só que na televisão. Os pesquisadores apontam para o que chamam de *gender-bland sexism* (sexismo de gênero-suave), algo semelhante a *gender-blind* (gênero-cego), em “um clima político em que o sexismo flagrante é supostamente rejeitado, mas continuam as ideologias, políticas e práticas sexistas” (COOKY, MESSNER e MUSTO, 2017, p. 577 APUD STOLL, LILLEY e PINTER 2017, p. 30, tradução nossa). Ou seja,

⁴³ Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2167479515588761>. Acesso em: 23 de outubro de 2020.

o esporte incentiva os comentaristas esportivos e âncoras a submeterem a visibilidade de mulheres-atletas de maneira que fazem suas realizações parecerem sem brilho em comparação com os homens. Essa linguagem branda normaliza uma hierarquia entre esportes de homens e mulheres, enquanto simultaneamente evita acusações de sexismo aberto; o sexismo no esporte é agora codificado como avaliação do mérito e talento de cada atleta. Consequentemente, o sexismo sem graça reforça os limites e hierarquias de gênero, apresentando uma visão fictícia da superioridade masculina inerente de uma maneira que mais sutil e mais difícil de detectar do que antes (COOKY, MESSNER e MUSTO, 2017, p. 578, tradução nossa).

Segundo os autores do estudo, enquanto o esporte masculino é apresentado sob uma linguagem rápida, com tom divertido, entonações vocais variadas, apelidos e piadas que criam um vínculo afetivo com quem assiste, as modalidades femininas são transmitidas em um estilo monótono, sem muita inspiração. Para exemplificar, eles indicam uma situação em que se mostraria um top 10 jogadas: quando o atleta era um homem, usou-se expressões como “jogada perversa” e “é disso que estou falando”; ao anunciar o feito de uma mulher, o tom foi apenas narrativo, “Missy Franklin, que hoje competiu no campeonato de natação e mergulho feminino da NCAA”. Os comentaristas indicaram que a situação aconteceu em um campeonato de natação e mergulho feminino e que ela estabeleceu novo recorde da competição. Por que um recorde não recebeu o devido destaque? Entre diversas conclusões dos pesquisadores está a de que

esse movimento semântico continua a construir uma audiência agressiva e comemorativa dos esportes masculinos centrais, ao mesmo tempo em que protege notícias esportivas na televisão e destaques de acusações de sexismo. No fim, agora os comentaristas estão falando respeitosamente sobre as mulheres, mesmo que isso significa dar os fatos de maneira monótona e com falta de inspiração e entrega. Consequentemente, o sexismo insosso de gênero marginaliza sutilmente e banaliza o esporte feminino de maneiras difíceis de detectar (COOLY, MESSNER e MUSTO, 2017, p. 590, tradução nossa).

Além disso, eles indicam que esse comportamento pode ser influenciado por um presumido desinteresse do público em esportes femininos, algo que ignora, na verdade, o crescente interesse. Como consequência,

a crença contínua de que o esporte feminino é menos interessante pode limitar as classificações de televisão, a venda de ingressos, o valor que os anunciantes estão dispostos a pagar pelo tempo de transmissão durante os eventos femininos, o potencial de endossos corporativos para mulheres atletas e os salários dos jogadores e treinadores (COOLY, MESSNER e MUSTO, 2017, p. 591, tradução nossa).

Na reportagem “Uma nova forma de sexismo? Agora, a cobertura televisiva dos esportes femininos é simplesmente chata”⁴⁴, publicada no site da Universidade de Southern, o especialista em mídia Ian Chaffee reforça essa análise e lembra que, apesar da crescente participação feminina, a abordagem do tema acontece de maneira obrigatória e sem graça:

Quando o grande tenista John McEnroe afirmou recentemente que a campeã feminina Serena Williams nem estaria entre os top 700 jogadores masculinos, seu controverso comentário foi manchete em programas esportivos e além. Foi apenas mais um exemplo de quão difícil continua sendo o esporte feminino receber atenção, a menos que seja, de alguma forma, filtrado por um olhar desdenhoso do homem (CHAFFEE, 2017, tradução nossa).

No Brasil, além do sexismo de gênero-suave e da interpretação de que o esporte feminino não é interessante, existe outro padrão machista de cobertura normalizado e disfarçado de humor. O programa Jogo Aberto, que tem Renata Fan como apresentadora há mais de 10 anos, é um exemplo. Renata tem formação de jornalista e carreira de destaque no jornalismo esportivo, porém, por ser a única mulher da atração é exposta a comentários e situações constrangedoras. Em 2020, apostou com o colega e comentarista Denílson que publicaria uma foto de biquíni em seu Instagram caso o Internacional fosse campeão da Copa São Paulo. O título aconteceu e a imagem foi exibida ao vivo no programa como motivo de piada entre os homens da equipe. Em outros momentos, ela já foi xingada por erros e ouviu que ocupava a bancada esportiva por ser bonita e não competente.

É fato que no Brasil existe uma movimentação para inserir mais mulheres nas grades de audiência e transformar as coberturas em conteúdo agradável para públicos diversos. Por outro lado, ainda há resistência, que se mostra quando jornalistas, narradoras e comentaristas são descredibilizadas, e na falta de preparo de

⁴⁴ Disponível em: <https://dornsife.usc.edu/news/stories/2665/a-new-form-of-sexism-now-tv-coverageof-womens-sports-is-just-pl/> Acesso em: 23 de outubro de 2020.

profissionais (homens) para entrevistar mulheres-atletas. O olhar desdenhoso do homem citado por Ian Chafeer (2017) sobre os esportes femininos explica situações vexatórias que aconteceram durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016). Entre as mais constrangedoras está a entrevista ao vivo feita pelo jornalista Vinicius Nicoletti, da TV Bandeirantes, com a velocista Rosangela Santos, conforme demonstra o diálogo:

Vinicius Nicoletti (repórter): O Brasil esse ano não terá um finalista nos 100m masculino

Rosangela Santos (atleta): Essa pergunta é irrelevante, eu não faço parte dos 100m masculino

Vinicius Nicoletti: Quer que eu pergunte o quê?

Rosangela Santos: A pergunta que você pode fazer é “o que eu achei da prova, como eu me senti na prova”. Isso são coisas de mim e não dos outros (transcrição de trecho NOTÍCIAS NEWS, 2016).

O questionamento de Nicoletti quando diz “quer que eu pergunte o quê?” valida a ideia generalizada existente na imprensa esportiva de que esportes femininos não são relevantes se comparados aos masculinos. A pesquisa *Workplace Culture in Sport*⁴⁵ (Cultura de Ambientes Esportivos de Trabalho, tradução nossa), publicada em 2018, entrevistou homens e mulheres para compreender como ambos veem essa estrutura e sugeriu que o cenário vive um “efeito iceberg”. Assim, para promover mudanças significativas e duradouras, não basta corrigir o desequilíbrio de gênero, é necessário romper barreiras estruturais na cultura das organizações esportivas a fim de criar condições em que homens e mulheres prosperem. Os pesquisadores citaram quais os dificultadores presentes na base desse iceberg. São eles: 1) comportamentos sutis, mas repetidos; 2) reações não verbais; 3) pressão do grupo para se conformar; 4) afinidades e panelinhas; 5) percepções e premissas; 6) resistência a mudanças e desafios; e 7) hábitos inconscientes (WORKPLACE CULTURE IN SPORT, 2018, p. 5).

No próximo capítulo, um de nossos objetivos é apresentar o blog Dibradoras, que consideramos pioneiro nesse movimento de proporcionar perspectivas positivas às mulheres e meninas atraídas pelo esporte em geral, além de funcionar como espaço de reflexões, críticas e denúncias sobre a maneira como a sociedade enxerga

⁴⁵ Disponível em: <http://www.womeninsport.org/wp-content/uploads/2018/06/Beyond-30-WorkplaceCulture-in-Sport-report.pdf?x99836>

a participação feminina no campo esportivo. Segundo Jorge Corrêa, ex-editor de Esportes do UOL e um dos responsáveis pela chegada do Dibradoras ao catálogo de blogs do portal,

quando você joga luz pra uma classe inteira, organizada que nem as Dibradoras jogaram, as jogadoras começam a perceber que elas têm esse espaço, seja dentro da estrutura do futebol, seja com o público em geral. Isso sim, dá esse poder para elas. Eu acho que as Dibradoras ajudaram bastante nesse sentido, porque é isso, porque elas conseguiram tirar o futebol feminino do nicho, elas conseguiram levar o futebol feminino para um local mais *mainstream*. Faz toda diferença para você ter objetivos maiores, como conquistar grandes patrocínios, grandes investidores (CORRÊA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 434)

Por fim, diante do que as pesquisas relatadas neste item revelaram, entendemos que o blog se faz presente no combate à grande parte dos dificultadores que prejudicam as relações estabelecidas nesse cenário, com destaque para discussões sobre futebol feminino, tamanha a popularidade da modalidade no país. Na Parte III – Objeto, objetivos e metodologias –, além de revelar mais características do nosso objeto, damos início ao percurso que definiu quais técnicas foram escolhidas para a análise da cobertura feita pelo Dibradoras, estabelecendo o *corpus* e consolidando mais aspectos da metodologia.

PARTE III – OBJETO, OBJETIVOS E METODOLOGIAS

5 OBJETO: DIBRADORAS

O blog Dibradoras⁴⁶ nasceu em 2015 e contava com site e podcast sem periodicidade definida. No início, o projeto envolvia cinco mulheres – entre jornalistas, designer e publicitária – até chegar à formação atual, que tem Angélica Souza, Renata Mendonça e Roberta (Nina) Cardoso, conforme mostra a figura 38. Desde o começo, o objetivo foi falar de esporte “pelo ângulo das mulheres, mesmo quando falávamos sobre homens. Além de combater as musas, a objetificação, da mulher no esporte. (...) E aí surgiu o lance (sic) da gente se posicionar e falar quando alguma coisa está errada” (2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS p. 308).



Figura 38: As jornalistas Renata Mendonça e Roberta (Nina) Cardoso; e a publicitária Angélica Souza, fundadoras do blog Dibradoras. Fonte: Arquivo Pessoal

Em 2015, o Dibradoras fez uma cobertura à distância da Copa do Mundo de Futebol Feminino que aconteceu no Canadá. Segundo Renata e Roberta (2018), elas tinham uma previsão de seis episódios de podcasts para serem produzidos e

⁴⁶ <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br>; <https://dibradoras.com.br/>

disponibilizados na plataforma Central 3. Na ocasião, as jornalistas encontraram a oportunidade de entrevistar atletas que não tinham visibilidade na mídia tradicional e conhecer a história delas, além de falar da Copa que ninguém estava falando:

Quem falou, falava errado. Saiu uma nota na Folha de S. Paulo com erro de quem fez o gol. Sabe, assim, erro que você fala: meu, vai no tempo real da FIFA. E não é possível, entendeu? E eu lembro que essa época teve a Copa e depois o PAN, e foram erros grotescos. Erros a ponto de entrevistar a Andressa Alves chamando de Alessandra. E transmitir o jogo inteiro chamando a Andressa Alves de Alessandra (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS p. 310)

O primeiro programa gravado em estúdio teve como convidada a jogadora Juliana Cabral, capitã da prata do futebol feminino nos Jogos Olímpicos de 2004. Mesmo após o fim da Copa, os encontros continuaram, mas havia dificuldade de produzir conteúdo em função da escassez de informações que os órgãos institucionais, como a Confederação Brasileira de Futebol, disponibilizavam. Contudo, foi em 2016, com a cobertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro, que o projeto – como um todo, presente em redes sociais diferentes, além do blog – começou a percorrer um caminho mais sólido até chegar à estrutura que tem hoje. No blog, em 2018, trazia a seguinte apresentação:

Futebol não é coisa de mulher. Rugby? Vocês não têm força para jogar... Lugar de mulher é na cozinha, não no campo, na quadra, na arquibancada. Já ouviu isso muitas vezes, né?! Mas o ~Dibradoras surgiu para provar justamente o contrário. Mulher pode gostar, entender e praticar o esporte que quiser. E quem achar que não, a gente ~dibra (DIBRADORAS, 2018, s.p)⁴⁷

Atualmente, o Dibradoras não segue mais vinculado à blogosfera do UOL Esporte e conta com site próprio – essa mudança aconteceu em junho de 2021. Além disso, está no Instagram (com 110 mil seguidores), no Twitter (com 47.8766 seguidores), no Facebook (com 32.600 mil seguidores), em podcast semanal na plataforma B9 e canal no Youtube (6,34 mil inscritos)⁴⁸. Entre as redes sociais, Renata (2019) destaca o Instagram e a Twitter como seus principais canais:

⁴⁷ Disponível em <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/03/01/blog-Dibradoras-estreia-no-uol/>. Acesso em 25 de março de 2020

⁴⁸ Dados checados em 03 de julho de 2021.

No Instagram, você consegue ir passando um pouco do que está vivendo. E as pessoas gostaram muito disso, sabe? De ver como que era o clima no estádio, a torcida, quem estava ali, como é que é, os perrengues, tudo isso, sabe? (...) no Twitter você vai mostrando meio que em tempo real também. E tem muita discussão legal, a gente fez algumas lives do estádio, a gente às vezes fazia perguntas, as pessoas interagiam muito. Então, assim, possibilita um diálogo legal com o público e no momento que está acontecendo (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS p. 393)

Outra particularidade do Instagram é a divulgação feita sobre eventos relacionados ao esporte, entrevistas ao vivo com atletas de diferentes modalidades e campanhas que pedem mais atenção às dificuldades de mulheres no esporte. O Dibradoras também conta com um quadro IGTV (ferramenta de compartilhamento de vídeos do Instagram) chamado “Não te contaram?”, que traz sempre Renata, Roberta ou Angélica contando uma história que envolve o esporte feminino, pode ser sobre modalidades ou personagens desse contexto.

Entre elas, Renata é a que ganhou mais visibilidade: ela atua como comentarista do Grupo Globo. Além dos programas na grade do canal SporTV, a jornalista está no jornal Bom Dia, Rio, e nos jogos de futebol masculino ou feminino, sendo que, assim como Ana Thaís Matos, é uma das primeiras mulheres a fazê-lo na televisão aberta.

Sobre as “dibras”, que é como elas e as redes sociais se referem à equipe, encontramos breves perfis:

Renata Mendonça é jornalista, são-paulina, e apaixonada por esporte desde que se conhece por gente. Foi em um ~dibre desses da vida que conseguiu unir trabalho e paixão sendo jornalista esportiva. Hoje, sua luta é para que mais mulheres consigam ocupar esse espaço. Angélica Souza é publicitária, de bem com a vida e tem um senso de humor que, na maioria das vezes, faz as pessoas rirem. Alucinada por futebol – daquelas que não pode ver uma bola que já sai chutando – sabe da importância e responsabilidade de ser uma mulher com essa paixão. Nas costas, gosta da 10, e no peito, o coração é verde e branco e bate lá na Turiassú. Roberta (Nina) Cardoso é aquariana por essência, são-paulina por escolha e jornalista de formação. Tem por vocação dar voz às mulheres no esporte (DIBRADORAS, 01 de março de 2018).⁴⁹

⁴⁹ Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br>



Figura 39: O termo “dibras” é uma abreviação de Dibradoras utilizado nas redes sociais do blog

As duas descrições dão o tom do conteúdo desenvolvido pelo Dibradoras e de seu posicionamento (figura 40) sobre a relação ente mulheres e esporte. O termo “dibre” é recorrente e ajuda a reforçar a identidade do projeto. No entanto, o vocábulo foi motivo para que o público masculino descredibilizasse o blog quando ele passou a integrar a blogosfera da UOL, em 2018.



Figura 40: O posicionamento do blog está nos textos e na identidade visual reproduzida nas redes sociais

Para responder aos comentários negativos, em vídeo⁵⁰ publicado no canal do Youtube, Renata e Roberta entrevistam o linguista, jornalista e professor Pasquale, que explica e resgata a origem da expressão. Na descrição do vídeo, lemos: “A escolha do nome ‘Dibradoras’ não foi por acaso. Como todo bom amante do futebol, sabemos que na rua, na várzea, e até nos maiores campos de futebol do mundo,

⁵⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YQ5Z6qujWz8>

quem domina é o ~dibre” (DIBRADORAS, 2018, s.p). Segundo Pasquale, no inglês, existe a locução *to dribble* – que significa cortejar –, mas não se sabe de que maneira ela chegou ao Brasil para ganhar significado nos campos de futebol. Ele afirma que a adoção do termo dibre em vez de drible é chamada de rotacismo – que é quando se coloca a letra R no lugar de qualquer outra letra. No entanto, para além das justificativas gramaticais, o termo foi popularizado pelo jogador Ronaldinho Gaúcho em suas entrevistas.

Sendo “dibre” uma expressão comum do chamado “futebolês”, as publicações sobre futebol feminino também predominam no blog. Por mais que essa seja uma característica que acompanha a mídia tradicional – cujo espaço conferido ao futebol masculino é maior –, é preciso considerar o histórico de preconceito e a invisibilidade conferida ao futebol feminino para entender como essa exposição se faz necessária. Isso não quer dizer que não exista espaço para outros esportes, tanto que foram as modalidades olímpicas que abriram portas para a chegada do Dibradoras no UOL.

Depois de apresentar nosso objeto, seguimos para apresentação dos objetivos, do percurso metodológico e do *corpus* de análise.

5.1 OBJETIVOS

5.1.1 Geral

Definir o jornalismo esportivo feminista como proposta pioneira na cobertura de esportes no Brasil e compreender as características de sua noticiabilidade.

5.1.2 Específicos

- 1) Tratar teoricamente e historicamente das relações do esporte com gênero, feminismo e imprensa;
- 2) Compreender a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista a partir da cobertura do blog Dibradoras;
- 3) Identificar aspectos do novo mapa cultural do esporte com o qual o blog contribui e apresentar o jornalismo esportivo feminista no qual fundamenta seu trabalho

5.2 METODOLOGIAS

Neste tópico, reiteramos a defesa de uma pesquisa feminista e do nosso pertencimento a ela. Propomos uma ruptura com a concepção tradicional da objetividade científica e um fazer Ciência que considere os lugares de onde a pesquisa parte, explicitando-os. No sentido oposto ao da pesquisa positivista sob a qual a maioria dos estudos são projetados, a nossa assume posicionamento, possui gênero e resgata a produção científica que valoriza a experiência feminina a partir da relação entre o sujeito e o objeto. Para Maria Luiza Baptista (2001), a concepção de um objeto paixão-pesquisa representa uma convicção: “O sujeito só produz, se deseja, se algo o mobiliza. A paixão é plena de dispositivos de mobilização” (BAPTISTA, 2001, p.6). No entanto, a produção do saber tende a negar a emoção como se fosse crime e presumir distância entre sujeito e objeto de pesquisa. Segundo a pesquisadora,

o objeto existe, mas na interação com o sujeito, vai constituir-se com peculiaridades, características de relação, numa espécie de ‘mistura’, de simbiose, de modo que fica sempre difícil a determinação dos limites, ou seja, saber até onde é um, até onde é outro. No processo, na constituição da pesquisa, ‘eu e tu’ mesclam-se. A perspectiva racionalista – mecânica, reducionista, cartesiana – propõe a separação, como prática discursiva, como tentativa de afastar a produção científica do plano das emoções – mais difícil de ser trabalhado (BAPTISTA, 2001, p.10)

Ela também defende a sensibilização da Ciência, “na medida em que o sujeito cientista tem que captar o real também a partir de dimensões sutis, sensíveis, abstratas, dos fluxos que o compõem, que compõem os universos da significação, a demanda extrapola o reducionismo objetivista” (BAPTISTA, 2001, p.14). Da mesma forma, o feminismo – em suas várias aplicações – permite uma pluralidade de interpretações sobre a relação do pesquisador com o objeto.

Para além de uma subjetividade puramente feminina, chegamos à compreensão de que metodologias não precisam existir unicamente sob a rigidez e o tecnicismo da pesquisa científica. Não defendemos a exclusão de métodos e técnicas, mas sua adaptação – se necessário – e o reconhecimento de que novas demandas sempre vão surgir, assim como outros processos de investigação.

Neste estudo, realizamos uma combinação de métodos: pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo. A primeira etapa é essencial para

desenvolvimento de qualquer pesquisa. Já as entrevistas serviram no aprofundamento de discussões nos capítulos 2 – Referencial teórico –, 3 – Contextualização – e ajudaram a identificar as particularidades da cobertura jornalística feita pelo nosso objeto; enquanto a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) ajudou na organização e interpretação do material selecionado.

5.2.1 Pesquisa bibliográfica

A revisão de literatura é parte essencial de qualquer estudo. Para cumprir com o propósito manter uma pesquisa feminista – e isso inclui as metodologias escolhidas – fizemos nosso levantamento bibliográfico priorizando mulheres pesquisadoras, com espaço para estudiosas negras, latinas e que ultrapassam os eixos europeu e norte-americano. No entanto, reconhecemos a dificuldade de encontrar no Brasil mulheres pesquisando o esporte na comunicação, pois muitas têm como área de pesquisa a educação física, a sociologia e a história. Por isso, entendemos que as entrevistas realizadas durante a elaboração da tese poderiam contribuir com as discussões teóricas e históricas, e assim optamos por também trazê-las como referências ao longo de todo o texto.

5.2.2 Entrevistas

As entrevistas aconteceram no formato semiestruturado e cada um dos entrevistados atendeu a expectativas diferentes. Elas ajudaram a introduzir exemplos no referencial teórico e na contextualização da tese, além de contribuir na análise das publicações. Aqui, consideramos que nossas experiências anteriores com o tema, projetos desenvolvidos ao longo da trajetória acadêmica e a condução dessas entrevistas pessoalmente ou por vídeo, com liberdade para que os entrevistados se aprofundassem em suas vivências, foram importantes.

Na tabela 1, reunimos dados das entrevistas na ordem de tempo em que elas aconteceram e, em seguida, no quadro 1, as justificativas de escolha. A decisão de entrevistar somente personagens do futebol feminino se deu tanto pelo destaque conferido à prática no decorrer da tese – conforme justificamos nos capítulos 2 e 3 –

quanto à inviabilidade de entrevistar atletas de todas as modalidades que são citadas no blog Dibradoras.

Tabela 1: Informações sobre as entrevistas realizadas

Entrevistado	Referência	Método	Data	Duração
Renata Mendonça e Roberta (Nina) Cardoso	Dibradoras	Pessoalmente	Junho 2018	1h36'
Jorge Corrêa	Ex-editor do UOL Esporte	Pessoalmente	Junho 2018	23'
Renata Mendonça	Dibradoras	Pessoalmente	Julho 2019	54'
Maria Amélia de Almeida Teles	Militante e precursora da imprensa feminista no Brasil durante a ditadura militar	Pessoalmente	Julho 2019	1h
Jorge Corrêa	Ex-editor do UOL Esporte	Pessoalmente	Julho 2019	23'
Aline Pellegrino	Ex-jogadora e ex-coordenadora do Departamento de Futebol Feminino da Federação Paulista de Futebol; atual coordenadora de competições femininas da CBF	Skype	Outubro 2019	31'
Alline Calandrini	Ex-jogadora da seleção brasileira, do Corinthians e, atualmente, comentarista nos jogos transmitidos pela Band	Google Meeting	Agosto 2020	56'
Júlia Belas	Jornalista, pesquisadora e colaboradora do projeto	Google Meeting	Agosto 2020	35'
Ary Borges	Jogadora, meia-atacante do Palmeiras e nova geração da Seleção Brasileira	Google Meeting	Setembro 2020	35'
Renata Mendonça	Dibradoras	Skype	Abril 2021	48'

Quadro 1: Justificativas de escolha dos entrevistados

Entrevistado	Referência
Renata Mendonça e Roberta (Nina) Cardoso	São fundadoras do blog que é nosso objeto de estudo e foram entrevistadas em momentos diferentes da pesquisa, proporcionando olhares igualmente diferentes.
Jorge Corrêa	Era editor de esportes do UOL em 2018, portal no qual o Dibradoras está situado e ano escolhido como <i>corpus</i> .
Maria Amélia de Almeida Teles	É uma das figuras nacionais mais representativas do período da ditadura militar no Brasil, momento em que o movimento feminista crescia no país. Parte dessa militância acontecia pela distribuição de jornais e folhetos, entre eles o Brasil Mulher, primeiro jornal feminista brasileiro, do qual ela fez parte. Na entrevista, buscamos entender como era feita a escolha das pautas e de que maneira o esporte estava ou não entre elas.
Aline Pellegrino	É considerada o nome mais importante da gestão do futebol feminino no Brasil atual, seja por sua atuação como ex-coordenadora do Departamento de Futebol Feminino da FPF ou pelo cargo que assumiu na CBF em 2020.
Alline Calandrini	É ex-jogadora e estreou como comentarista do canal Band, nos jogos masculinos e femininos, em 2018, sendo uma das primeiras a aparecer na televisão aberta.
Júlia Belas	É jornalista, pesquisadora e concluiu seu mestrado no Canadá, onde investigou a cobertura de esportes femininos. Além disso, acompanha o Dibradoras desde 2015, na versão fora da blogosfera do UOL e, atualmente, se tornou colaboradora do site. O contato foi feito via Twitter, depois de acompanharmos algumas de suas interações com o perfil do blog na rede social. Sua contribuição se deu sob a perspectiva acadêmica e de consumo do conteúdo.
Ary Borges	É atleta da nova geração da seleção brasileira, reconhecida por seu desempenho técnico e por seu posicionamento (nas mídias e redes sociais) sobre demandas importantes no esporte nacional.

Fonte: Elaborado pelos autores

5.2.3 Análise de conteúdo

Segundo Laurence Bardin (1977), a técnica de análise de conteúdo tem que ser reinventada a cada momento. Por isso, o método consegue contribuir em diversas etapas da pesquisa. Nesta, ajudou na organização do material escolhido para ser

analisado e, após definido o *corpus*, abriu caminho até a conclusão de nossos segundo e terceiro objetivos específicos, que são: definir os valores-notícia ou atributos do jornalismo esportivo feminista a partir da leitura do blog Dibradoras; e identificar atributos singulares dessa cobertura. Todos esses aspectos serão aprofundados no capítulo 6 – Análise.

5.3 ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL E DEFINIÇÃO DO *CORPUS* FINAL

O período definido como corpus inicial de análise foi março a dezembro de 2018, ano que marcou não só a chegada do projeto à blogosfera do portal UOL, mas projetou o Dibradoras para todo o país. Nos 10 meses estabelecidos, o blog somou 249 publicações, conforme dispomos na tabela 2, com os títulos por ordem crescente de data.

Tabela 2: Publicações no blog Dibradoras em 2018

Mês	Título
Março	
19/03	A saga de uma mulher que ousa gostar de futebol
20/03	Sem estratégia, clubes da Série A não consegue atingir público feminino
21/03	Com apoio de Marta e “maior torcida do país” Manaus quer Libertadores
22/03	A 2 semanas da Copa América, seleção feminina faz preparação sem jogos
22/03	A importância da presença de uma jogadora na divulgação da camisa do Brasil
23/03	Amanda Nunes x Raquel Pennington: a luta vai além do octógono
26/03	Como o futebol levou meninas da periferia de São Paulo para Barcelona
26/03	Por que esposa do jogador na França não denunciou agressões antes?
27/03	#DeixaElaTrabalhar: a primeira linha tática do futebol é a do respeito
29/03	Quando a paixão pelo futebol passa de pai para filha
31/03	Jogo do Palmeiras na Libertadores terá cabine de narradoras
Abril	
02/04	Como a paixão pela Copa uniu 50 torcedoras rumo à Rússia
03/04	Brasil ainda está muito atrasado no futebol feminino, diz Vadão
04/04	Quebra de tabu e vitória para o São Paulo resgatar sua grandeza
05/04	Sete histórias que você não conhece sobre Fofão

07/04	Futebol de pai para filha: a história do dérbi que começou dentro de casa
09/04	Um gol aos 40 anos no 162º jogo: o que Formiga representa para a seleção
10/04	“Quando precisei, ninguém me deu a mão”, diz Rafaela Silva
11/04	De onde vem o dibre?
12/04	“Capital nacional do futsal” tem mais um time feminino fechando as portas
13/04	Assédio, preconceito e exclusão: como é ser árbitra no futebol brasileiro
16/04	Cheerleaders na festa de abertura do Brasileirão: que ano é hoje?
17/04	Os gols “bizarros” da Copa América e o que futebol feminino precisa?
18/04	Memórias que nem Alzheimer apaga: torcedora volt a São Januário aos 86
19/04	Tapajós: onde o futebol cresce livre de preconceito
21/04	Islândia é muito mais do que só a “queridinha” da Copa
23/04	Quatro anos de Copa Lily Parr, a melhor copa de todas as copas
24/04	As mulheres estreiam na Arena em mais um “golaço” do Corinthians
25/04	O Brasil foi hepta e ninguém viu
26/04	Na Champions feminina, City está na semi e Guardiola pede “conselho”
28/04	“As primeiras de muitas”: uma nova geração de narradoras está surgindo
30/04	Torcedoras iranianas se disfarçam de homens para poderem entrar no estádio
Maio	
01/05	Os motivos que ainda calam o abuso sexual no esporte
02/05	Por Profut, Bahia faz parceria com São Francisco e terá time feminino
02/05	Vitória histórica na Argentina precisa deixar lições para o Palmeiras
03/05	Sobreviventes: em meio à indefinição, o futebol feminino resiste no RN
04/05	Marco Aurélio Cunha: há quem transmita até golfe, mas não futebol feminino
06/05	Grávida de 8 meses, técnica leva Chelsea ao título com recorde de público
07/05	São Paulo abrirá Morumbi para atendimento de mulheres vítimas de violência
08/05	Nova Zelândia anuncia igualdade salarial no futebol para seleções
10/05	A PM está coibindo a violência nos estádios: ela barrou meu caderno
10/05	“Tem que gostar muito para fazer futebol feminino na Argentina”
11/05	O impossível é temporário: da periferia de São Paulo ao troféu em Barcelona
12/05	Ela deixou o futebol 2 vezes pelo filho, mas voltou e vive auge na seleção
14/05	Corinthians, o “respeito às minas” precisa ir além do clubismo
15/05	Em curso sobre Copa, confederação argentina ensina “como seduzir russas”
15/05	Quando futebol une ídolo e torcida, não há Alzheimer que apague da memória
17/05	5 livros sobre futebol para ler antes da Copa

21/05	8 coisas que você não sabia sobre a final da Champions League
22/05	Um raio-X da final da Champions League feminina
23/05	Por que esse Liverpool merece ganhar a Champions League
24/05	Lyon vence Wolfsburg na prorrogação e é tri da Champions com estádio lotado
26/05	Final da Champions League: o espetáculo começou em Kiev
27/05	O estádio é um lugar que precisa ser de todos
28/05	Manchester United se junta a grandes da Inglaterra e terá time feminino
29/05	Corinthians leva time feminino para jogar no Pacaembu e quer dia histórico
30/05	Não foi só figurino: a importância da volta de Serena como "Pantera Negra"
Junho	
01/06	Câmera na mão e banquinho nos pés: o sucesso da repórter do EI na Champions
04/06	A Copa do Mundo está aí: chama a menina pro jogo
05/06	Pela 1ª vez, lista de 100 atletas mais bem pagos não tem mulheres; por quê?
06/06	Em 2018, a Copa "descobriu" as mulheres
07/06	"Comecei a jogar bola aos 40 anos por causa da minha filha"
08/06	Repórteres relatam ausência de banheiros femininos nos estádios
08/06	Perdemos a tenista, mas jamais a sua história
09/06	Como uma veterana da seleção ajudou a montar time campeão da LBF
11/06	"Relação torcedor-seleção hoje é cínica e protocolar", diz Milly Lacombe
12/06	Pela 1ª vez, Copa terá narração feminina: o que vem depois?
13/06	Filha de Fernandão quer realizar um sonho do pai: cobrir uma Copa do Mundo
13/06	Esporte Interativo confirma Vivi Falconi como primeira narradora contratada
14/06	Copa do Mundo: abertura histórica tem primeira narração feminina
15/06	Irã estreia na Copa, mas fora de campo já sai derrotado
15/06	Em uma imagem, Lugano mostra por que a Copa vale a pena
16/06	Como Tite transformou "geração ruim" em favorita ao título da Copa
16/06	"Representa liberdade": a primeira vez das sauditas no estádio na Copa
17/06	Demoramos, mas chegamos: 1º jogo da seleção narrado por uma mulher
18/06	Brasileiros precisam entender que assédio não é brincadeira
19/06	Para muitos, mulher falando de futebol ainda é aberração, diz comentarista
20/06	Mulheres relatam assédios e abusos no país da Copa
20/06	Ex-capitã da seleção: o que o Brasil precisa mudar contra a Costa Rica
21/06	Pode abaixar o volume, Terry: vai ter mulher narrando no Reino Unido também
21/06	A "intrusa" no banco da comissão técnica croata na Copa do Mundo

22/06	Cerveja palmeirense feita por mulher é uma das atrações da Feira Foot
25/06	A experiência da Copa “sozinha”
26/06	Por que não há mulheres na arbitragem da Copa – nem no VAR?
28/06	Mulheres deixaram de ser coadjuvantes e iniciam era de protagonismo na Copa
29/06	Argentinas promovem transmissão feminista da Copa com debate de gênero
30/06	Onde mulheres, negros e gays têm vez na Copa da Rússia
Julho	
02/07	Não é uma disputa: nem futebol feminino, nem masculino – apenas futebol
02/07	A história por trás da foto mais emblemática dessa Copa
04/07	A transformação da torcida brasileira na Copa da Rússia
04/07	Torcedor solitário do Vitória prestigia acesso das Leões à Série A1
05/07	No país da Copa, faltam mulheres para jogar futebol
06/07	Nova patrocinadora do Flamengo feminino, Avon também investe em Marta
09/07	Vitória e Minas-Icesp empatam no primeiro confronto da final do A-2
09/07	As imagens mais marcantes de uma mudança histórica na Copa da Rússia
11/07	A Fifa descobriu o assédio na Copa do Mundo – o que isso pode mudar?
11/07	Final da Copa do Mundo terá mulher na comissão técnica – e não é a 1ª vez
13/07	Fifa, o problema não é a beleza delas – é a falta de respeito delas
14/07	O incrível feito de Serena em Wimbledon 10 meses após nascimento de filha
16/07	A Copa delas: repórteres na Rússia dizem que saem “fortalecidas” do Mundial
16/07	Como será o futuro da narração feminina pós Copa do Mundo
17/07	Copa do Mundo Feminina: saiba os detalhes do Mundial na França
17/07	Copa do Mundo Feminina: conheça o histórico dos Mundiais
19/07	Metade das jogadoras de futebol não tem nem um salário, nem contrato
21/07	Não dá mais para frear as mulheres no futebol, diz 1ª comentarista da Copa
23/07	Copa Sub-20 feminina terá transmissão em TV aberta, saiba os detalhes
24/07	Pela 1ª vez, Barça leva time feminino para pré-temporada nos EUA
24/07	As melhores do mundo: conheça as treinadoras que dominam o futebol feminino
25/07	Para além de Neymar, precisamos falar mais sobre Marta
26/07	Após hepta na Copa América, Brasil tem teste contra seus fantasmas nos EUA
26/07	Marta brilha, mas Brasil joga mal e cai para Austrália em torneio dos EUA
28/07	Joanna Maranhão: o legado da atleta que não se calou vai além das piscinas
29/07	Com mudanças no time e gol de Marta, Brasil vence Japão no Torneio dos EUA
31/07	Marta e mais 9: quem são e onde jogam as melhores do mundo

Agosto	
01/08	Unidas, jogadoras da Nova Zelândia igualam salários e derrubam técnico
02/08	Entre antidepressivos e apoio: a árdua denúncia da repórter agredida no RS
03/08	Perdido em campo, Brasil encerra torneio amistoso goleado pelos EUA
03/08	De jogadora a assistente técnica: a importância Daniela Alves na Sub20
04/08	O que mudou no Flamengo de 2018 em relação ao Flamengo de 2017
06/08	Como o São Paulo foi de desacreditado a candidato ao título do Brasileiro
07/08	Marta, 14ª vez no prêmio da Fifa: "Ousadia é a mesma da menina de 17 anos"
08/08	A hipocrisia do Corinthians com Juninho absolve violência contra a mulher
09/08	Elas ocuparam as quadras de SP e levaram o basquete para muitas mulheres
10/08	Ela descobriu o pole dance aos 70 anos e virou exemplo: "Me sinto leve"
12/08	O pai que deixou a carreira no escritório para apoiar a filha no futebol
13/08	Com geração promissora, Brasil demonstra pouca evolução no Mundial Sub-20
16/08	Jaqueline: "Achavam que eu estava lá por ser bonito, mas eu era uma atleta"
16/08	O futebol feminino é chato?
17/08	"Não tenha medo, termine a corrida": as lições da 1ª maratonista de Boston
20/08	Em novo ciclo, basquete feminino disputa sul-americano visando Tóquio 2020
21/08	O lugar de São Paulo em que futebol é "coisa de menina"
21/08	Impedidas de torcer: o que aconteceu no Lázio também acontece no Brasil
22/08	Como um Gre-Nal resgatou confiança do Inter e o fez brigar pelo título
23/08	Fomos a Pequim para mudar a história do vôlei feminino, diz Fofão
23/08	Das dez atletas mais bem pagas do mundo, oito são do tênis; por quê?
24/08	Copa Sub-20: Japão é campeão e nasce uma nova hegemonia no futebol feminino
25/08	Joanna de Assis: trabalhava com roupa do meu irmão pra fugir de estereótipo
27/08	A experiência do futebol pelos olhos de quem foi ao estádio pela 1ª vez
28/08	Aos 36 anos, Rosana se torna centroavante e vive fase goleadora no Santos
29/08	Curry defende igualdade de gênero: "Que minhas filhas cresçam sem limites"
29/08	Roupas proibidas e regras ultrapassadas ainda atrasam tênis feminino
31/08	Elas se uniram por amor a bola e lutaram por espaço no futebol
Setembro	
01/09	Últimas rodadas do Campeonato Paulista tem transmissão online 100% feminina
03/09	A genialidade de Marta, mais uma vez entre as 3 melhores do mundo
04/09	Com investimentos de Juve, Roma e Milan, Itália resgata futebol feminino

06/09	O que acontece quando 3 torcedoras comandam um canal pra falar de futebol?
08/09	Fanática e sem papas na língua, torcedora de 90 anos levou time a gerações
10/09	Como separação de filas transformou experiência de torcedoras no estádio
11/09	O que explica a raiva de Serena Williams no US Open?
11/09	Recorde de público: bicampeão inédito? Fase final do Brasileiro promete
14/09	A lição da mãe palmeirense sobre futebol: não precisa ver, só sentir
14/09	Após sucesso na Copa, Fox contrata narradora
15/09	Sem surpresas, Taubaté chega à semifinal inédita do Paulista Feminino
17/09	Quem é a 1ª mulher a presidir um clube da elite do futebol na Argentina
18/09	Vadão: cultura do futebol no Brasil só valoriza vitória, e não trabalho
19/09	A aventura das cruzeirenses que foram à Argentina para jogo da Libertadores
21/09	Demorou, mas chegou: a transmissão 100% feminina do futebol feminino na TV
21/09	Uma chuteira rosa gerou críticas a jogadores: que ano é hoje no futebol?
24/09	As mulheres que ousaram treinar times masculinos no futebol
24/09	Queriam o hexa? Marta trouxe, e o Brasil deve muito a ela
25/09	Marta, seis vezes melhor do mundo: a artilheira dos gols não contabilizados
26/09	A influência de uma mulher na criação dos cartões no futebol
27/09	Time italiano sexualiza garotas no campo para ‘divulgar esporte feminino’
28/09	Manifesto pelo direito de torcer: o #respeitaasmina começa por nós
Outubro	
01/10	Com clássico na final e jogos na TV, futebol feminino quer romper barreiras
02/10	Com casa cheia, Santos vence Corinthians em 1º jogo da final do Paulista
02/10	Elas trocaram o jornalismo esportivo na TV pela liberdade do Youtube
03/10	Com futebol feminino, Santos tem maior público do ano na Vila
03/10	Colo Colo se torna 1º clube do Chile a incluir cota feminina na diretoria
04/10	CBF exhibe homenagem a Marta em fachada de sede no Rio
06/10	Santos empata com Corinthians e é tetracampeão paulista no futebol feminino
08/10	Brasil sai derrotado para Inglaterra em campo e também fora dele
09/10	FPF celebra o sucesso do Paulista Feminino e premia craques da competição
10/10	Torcedoras LGBT relatam clima de medo após gritos homofóbicos pró-Bolsonaro
11/10	Inocente ou não, CR7 precisa saber: ninguém quer ficar famosa por estupro
12/10	Com garra e sangue no olho, Corinthians é finalista do Brasileiro Feminino
12/10	Fanáticas, torcedoras mirins fazem sucesso na internet falando de futebol
13/10	Nova categoria é louvável, mas objetivo ainda deve ser ter mulheres na F1

15/10	No país que acolheu Marta, clubes sofrem para sustentar futebol feminino
16/10	Após 6 meses, caso de abuso na ginástica teve 4 delegadas e segue sem prazo
17/10	Seguindo clubes há 50 anos, elas viraram símbolo de Corinthians e Cruzeiro
19/10	A polêmica do sunquíni no handebol e como as brasileiras mudaram essa regra
20/10	Com apoio da filha de Bob Marley, Jamaica garante vaga inédita para Copa
20/10	Corinthians vence Rio Preto fora e sai na frente na final do Brasileiro
22/10	Eles criaram o time para as filhas jogar e hoje decidem título brasileiro
22/10	Para cumprir Profut, Bahia corre para viabilizar futebol feminino
24/10	Para mulheres, jogar futebol já foi caso de polícia durante a ditadura
25/10	Grávida de 7 meses com a bola nos pés: quando o futebol ajuda futuras mães
26/10	Corinthians goleia Rio Preto e conquista título inédito do Brasileiro
29/10	Seletiva do São Paulo para futebol feminino tem quase 200 atletas no 1º dia
30/10	Conselho da Federação às nadadoras inglesas: como parecer magra na piscina
30/10	Homens tiveram prêmio 10 vezes maior que as mulheres na Copa; atletas rebatem
31/10	Torcedoras se unem em busca de protagonismo na arquibancada
Novembro	
02/11	Viagem longa e pouco dinheiro: elas buscam o sonho na peneira do São Paulo
03/11	Os planos do Santos FC para desenvolver o futebol feminino de base
04/11	Por que Simone Biles é um dos maiores fenômenos que o esporte já viu
05/11	Bahia faz futebol ir além do campo em resgate histórico de heroínas negras
06/11	Jogadoras da WNBA rompem acordo financeiro com a liga e pedem igualdade
07/11	As mentiras que as meninas ouvem quando querem jogar futebol
08/11	Drible ou dibre? Professor Pasquale explica
08/11	Libertadores Feminina: conheça os grupos, histórico e perrengues do torneio
10/11	Mulheres descobrem paixão pelo automobilismo e grupo de "karteiras" em SP
12/11	Ba-Vi histórico: quando times rivais lutam contra o machismo no futebol
13/11	Vadão não pode ser o técnico da seleção feminina em mais uma Copa do Mundo
13/11	Brasil empata com Japão em estreia do Mundial Sub-17
14/11	Quem é a mulher que irá chefiar a Premier League, liga mais rica do futebol
15/11	De salto alto e hijab, ela virou craque do futebol freestyle no Irã
15/11	Primeira mulher a se "formar" treinadora pela CBF vive estreia na Copa
16/11	Seleção brasileira sub-17 perde do México e se complica no Mundial
17/11	De véu, grinalda e chuteira: a noiva que levou o futebol até para o altar
19/11	Problemas de organização, calor e golaços: começou a Libertadores feminina

20/11	Consciência Negra: as pioneiras do esporte que você nunca ouviu falar
20/11	Brasil goleia a África do Sul, mas se despede do Mundial Sub-17
20/11	Com goleada e golaços, Santos vence Colo Colo na Libertadores feminina
22/11	Por que assédio não é mimimi – nem no futebol, nem fora dele
23/11	4 mitos que as mulheres quebraram no futebol em 2018
23/11	Itália combate violência doméstica no futebol e dá exemplo ao Brasil
23/11	Pela primeira vez, final da Libertadores será narrada por uma mulher
26/11	A Libertadores é muito maior do que a Conmebol a faz parecer
27/11	Santos e Iranduba vão à semi, e Libertadores pode ter final brasileira
28/11	Quem é a técnica que levou México à semifinal da Copa do Mundo pela 1ª vez
29/11	Libertadores feminina: como as mulheres resgataram o futebol de Manaus
30/11	Libertadores feminina: Santos vai à final e Iranduba cai nos pênaltis
Dezembro	
02/12	Santos perde nos pênaltis e deixa escapar chance de ser tri na Libertadores
03/12	Com geração promissora, Espanha conquista seu 1º mundial feminino no sub-17
04/12	Quem é a 1ª vencedora da Bola de Ouro e por que houve polêmica na premiação
04/12	A homenagem à Marta e o reconhecimento que mulheres mereciam no futebol
05/12	O beijo não consentido “com todo o respeito”: a rotina da mulher no esporte
07/12	Como os clubes da Série A estão se preparando para ter futebol feminino
08/12	Brasil enfrentará algoz de 2015, mas cai em grupo “tranquilo” na Copa
10/12	Vaga na 1ª divisão e bi do estadual: as conquistas das mulheres do Vitória
10/12	Pela 1ª vez na história, Globo transmitirá seleção feminina na Copa
11/12	Troféu, homenagem e placa perdida: a valorização tardia de Marta
11/12	Serena termina ano incrível em lista das mulheres mais poderosas do mundo
12/12	Finalista da Sul-americana, Barranquilla foi fundado por uma mulher
14/12	Por que só há uma mulher entre os 64 homens do curso de técnicos da CBF?
17/12	Anorexia, desmaios e trabalho de graça: a rotina das cheerleaders da NBA
17/12	Quem é a 1ª mulher a assumir cargo do mais alto escalão em franquia da NBA
18/12	Por que os times sul-americanos sofrem tanto na semi do Mundial?
19/12	Quem é a mulher que está mudando a realidade do futebol feminino no Brasil
19/12	Pablo Vittar no São Paulo? Como uma contratação mostrou o pior do futebol
20/12	“Futebol feminino é terra do lesbianismo”, diz presidente do Tolima. Sério?
21/12	2018 ou 1940: as mentiras já inventadas para acabar com o futebol feminino
24/12	Bola ou boneca? O que um presente de Natal diz sobre meninos e meninas

26/12	40 anos de carreira e 100 títulos: treinadora faz história no basquete
27/12	2018 foi o ano das mulheres no Jornalismo Esportivo
28/12	Cyborg x Leoa: a histórica trajetória das lutadoras até o duelo no octógono
31/12	Com nocautes sobre duas lendas, Amanda Nunes reina absoluta no UFC
31/12	As lições que o futebol me ensinou em 2018

Depois de reunir 249 textos, realizamos uma pré-análise, que consiste na leitura fluente desse material para formular hipóteses, objetivos e dar início à organização dos dados que serão investigados. Nas tabelas 3, 4 e 5, classificamos as publicações a partir de três características possíveis de identificar apenas pelo título: meninas e mulheres protagonistas, homens protagonistas e protagonista não identificado.

Na tabela 3, estão os 191 textos com títulos que trazem meninas e mulheres como protagonistas, sendo que esse protagonismo pode ser atribuído a uma atleta em particular ou ao tema da publicação. No exemplo “Os gols ‘bizarros’ da Copa América e o que o futebol feminino precisa” ou “As primeiras de muitas: uma nova geração de narradoras está surgindo”, não há um nome, mas se fala em futebol feminino e narradoras, o que significa mulheres protagonizando.

Tabela 3: *Publicações com meninas e mulheres protagonistas*

Mês	Título
Março	
19/03	A saga de uma mulher que ousa gostar de futebol
21/03	Com apoio de Marta e “maior torcida do país” Manaus quer Libertadores
20/03	Sem estratégia, clubes da Série A não conseguem atingir público feminino
22/03	A 2 semanas da Copa América, seleção feminina faz preparação sem jogos
22/03	A importância da presença de uma jogadora na divulgação da camisa do Brasil
23/03	Amanda Nunes x Raquel Pennington: a luta vai além do octógono
26/03	Como o futebol levou meninas da periferia de São Paulo para Barcelona
26/03	Por que esposa do jogador na França não denunciou agressões antes?
27/03	#DeixaElaTrabalhar: a primeira linha tática do futebol é a do respeito
29/03	Quando a paixão pelo futebol passa de pai para filha
31/03	Jogo do Palmeiras na Libertadores terá cabine de narradoras
Abril	

02/04	Como a paixão pela Copa uniu 50 torcedoras rumo à Rússia
05/04	Sete histórias que você não conhece sobre Fofão
07/04	Futebol de pai para filha: a história do dérbi que começou dentro de casa
09/04	Um gol aos 40 anos no 162º jogo: o que Formiga representa para a seleção
10/04	“Quando precisei, ninguém me deu a mão”, diz Rafaela Silva
12/04	“Capital nacional do futsal” tem mais um time feminino fechando as portas
13/04	Assédio, preconceito e exclusão: como é ser árbitra no futebol brasileiro
16/04	Cheerleaders na festa de abertura do Brasileirão: que ano é hoje?
17/04	Os gols “bizarros” da Copa América e o que futebol feminino precisa?
18/04	Memórias que nem Alzheimer apaga: torcedora volt a São Januário aos 86
23/04	Quatro anos de Copa Lily Parr, a melhor copa de todas as copas
24/04	As mulheres estreiam na Arena em mais um “golaço” do Corinthians
26/04	Na Champions feminina, City está na semi e Guardiola pede “conselho”
28/04	“As primeiras de muitas”: uma nova geração de narradoras está surgindo
30/04	Torcedoras iranianas se disfarçam de homens para poderem entrar no estádio
Maio	
02/05	Por Profut, Bahia faz parceria com São Francisco e terá time feminino
03/05	Sobreviventes: em meio à indefinição, o futebol feminino resiste no RN
06/05	Grávida de 8 meses, técnica leva Chelsea ao título com recorde de público
07/05	São Paulo abrirá Morumbi para atendimento de mulheres vítimas de violência
10/05	“Tem que gostar muito para fazer futebol feminino na Argentina”
12/05	Ela deixou o futebol 2 vezes pelo filho, mas voltou e vive auge na seleção
14/05	Corinthians, o “respeito às minas” precisa ir além do clubismo
15/05	Em curso sobre Copa, confederação argentina ensina “como seduzir russas”
22/05	Um raio-X da final da Champions League feminina
28/05	Manchester United se junta a grandes da Inglaterra e terá time feminino
29/05	Corinthians leva time feminino para jogar no Pacaembu e quer dia histórico
30/05	Não foi só figurino: a importância da volta de Serena como “Pantera Negra”
Junho	
01/06	Câmera na mão e banquinho nos pés: o sucesso da repórter do EI na Champions
04/06	A Copa do Mundo está aí: chama a menina pro jogo
05/06	Pela 1ª vez, lista de 100 atletas mais bem pagos não tem mulheres; por quê?
06/06	Em 2018, a Copa “descobriu” as mulheres

07/06	“Comecei a jogar bola aos 40 anos por causa da minha filha”
08/06	Repórteres relatam ausência de banheiros femininos nos estádios
08/06	Perdemos a tenista, mas jamais a sua história
09/06	Como uma veterana da seleção ajudou a montar time campeão da LBF
11/06	“Relação torcedor-seleção hoje é cínica e protocolar”, diz Milly Lacombe
12/06	Pela 1ª vez, Copa terá narração feminina: o que vem depois?
13/06	Filha de Fernandão quer realizar um sonho do pai: cobrir uma Copa do Mundo
13/06	Esporte Interativo confirma Vivi Falconi como primeira narradora contratada
14/06	Copa do Mundo: abertura histórica tem primeira narração feminina
16/06	“Representa liberdade”: a primeira vez das sauditas no estádio na Copa
17/06	Demoramos, mas chegamos: 1º jogo da seleção narrado por uma mulher
19/06	Para muitos, mulher falando de futebol ainda é aberração, diz comentarista
20/06	Mulheres relatam assédios e abusos no país da Copa
20/06	Ex-capitã da seleção: o que o Brasil precisa mudar contra a Costa Rica
21/06	Pode abaixar o volume, Terry: vai ter mulher narrando no Reino Unido também
21/06	A “intrusa” no banco da comissão técnica croata na Copa do Mundo
22/06	Cerveja palmeirense feita por mulher é uma das atrações da Feira Foot
25/06	A experiência da Copa “sozinha”
26/06	Por que não há mulheres na arbitragem da Copa – nem no VAR?
28/06	Mulheres deixaram de ser coadjuvantes e iniciam era de protagonismo na Copa
29/06	Argentinas promovem transmissão feminista da Copa com debate de gênero
30/06	Onde mulheres, negros e gays têm vez na Copa da Rússia
Julho	
02/07	Não é uma disputa: nem futebol feminino, nem masculino – apenas futebol
05/07	No país da Copa, faltam mulheres para jogar futebol
06/07	Nova patrocinadora do Flamengo feminino, Avon também investe em Marta
11/07	Final da Copa do Mundo terá mulher na comissão técnica – e não é a 1ª vez
13/07	Fifa, o problema não é a beleza delas – é a falta de respeito deles
14/07	O incrível feito de Serena em Wimbledon 10 meses após nascimento de filha
16/07	A Copa delas: repórteres na Rússia dizem que saem “fortalecidas” do Mundial
16/07	Como será o futuro da narração feminina pós Copa do Mundo
17/07	Copa do Mundo Feminina: saiba os detalhes do Mundial na França
17/07	Copa do Mundo Feminina: conheça o histórico dos Mundiais
19/07	Metade das jogadoras de futebol não tem nem um salário, nem contrato

21/07	Não dá mais para frear as mulheres no futebol, diz 1ª comentarista da Copa
23/07	Copa Sub-20 feminina terá transmissão em TV aberta, saiba os detalhes
24/07	Pela 1ª vez, Barça leva time feminino para pré-temporada nos EUA
24/07	As melhores do mundo: conheça as treinadoras que dominam o futebol feminino
25/07	Para além de Neymar, precisamos falar mais sobre Marta
26/07	Marta brilha, mas Brasil joga mal e cai para Austrália em torneio dos EUA
28/07	Joanna Maranhão: o legado da atleta que não se calou vai além das piscinas
29/07	Com mudanças no time e gol de Marta, Brasil vence Japão no Torneio dos EUA
31/07	Marta e mais 9: quem são e onde jogam as melhores do mundo
Agosto	
01/08	Unidas, jogadoras da Nova Zelândia igualam salários e derrubam técnico
02/08	Entre antidepressivos e apoio: a árdua denúncia da repórter agredida no RS
03/08	De jogadora a assistente técnica: a importância Daniela Alves na Sub20
07/08	Marta, 14ª vez no prêmio da Fifa: "Ousadia é a mesma da menina de 17 anos"
08/08	A hipocrisia do Corinthians com Juninho absolve violência contra a mulher
09/08	Elas ocuparam as quadras de SP e levaram o basquete para muitas mulheres
10/08	Ela descobriu o pole dance aos 70 anos e virou exemplo: "Me sinto leve"
12/08	O pai que deixou a carreira no escritório para apoiar a filha no futebol
17/08	"Não tenha medo, termine a corrida": as lições da 1ª maratonista de Boston
16/08	Jaqueline: "Achavam que eu estava lá por ser bonito, mas eu era uma atleta"
16/08	O futebol feminino é chato?
17/08	"Não tenha medo, termine a corrida": as lições da 1ª maratonista de Boston
20/08	Em novo ciclo, basquete feminino disputa sul-americano visando Tóquio 2020
21/08	O lugar de São Paulo em que futebol é "coisa de menina"
21/08	Impedidas de torcer: o que aconteceu no Lázio também acontece no Brasil
23/08	Fomos a Pequim para mudar a história do vôlei feminino, diz Fofão
23/08	Das dez atletas mais bem pagas do mundo, oito são do tênis; por quê?
24/08	Copa Sub-20: Japão é campeão e nasce uma nova hegemonia no futebol feminino
25/08	Joanna de Assis: trabalhava com roupa do meu irmão pra fugir de estereótipo
28/08	Aos 36 anos, Rosana se torna centroavante e vive fase goleadora no Santos
29/08	Roupas proibidas e regras ultrapassadas ainda atrasam tênis feminino
31/08	Elas se uniram por amor a bola e lutaram por espaço no futebol

Setembro	
01/09	Últimas rodadas do Campeonato Paulista tem transmissão online 100% feminina
03/09	A genialidade de Marta, mais uma vez entre as 3 melhores do mundo
04/09	Com investimentos de Juve, Roma e Milan, Itália resgata futebol feminino
06/09	O que acontece quando 3 torcedoras comandam um canal pra falar de futebol?
08/09	Fanática e sem papas na língua, torcedora de 90 anos levou time a gerações
10/09	Como separação de filas transformou experiência de torcedoras no estádio
11/09	O que explica a raiva de Serena Williams no US Open?
14/09	A lição da mãe palmeirense sobre futebol: não precisa ver, só sentir
14/09	Após sucesso na Copa, Fox contrata narradora
15/09	Sem surpresas, Taubaté chega à semifinal inédita do Paulista Feminino
17/09	Quem é a 1ª mulher a presidir um clube da elite do futebol na Argentina
19/09	A aventura das cruzeirenses que foram à Argentina para jogo da Libertadores
21/09	Demorou, mas chegou: a transmissão 100% feminina do futebol feminino na TV
24/09	As mulheres que ousaram treinar times masculinos no futebol
24/09	Queriam o hexa? Marta trouxe, e o Brasil deve muito a ela
25/09	Marta, seis vezes melhor do mundo: a artilheira dos gols não contabilizados
26/09	A influência de uma mulher na criação dos cartões no futebol
27/09	Time italiano sexualiza garotas no campo para 'divulgar esporte feminino'
28/09	Manifesto pelo direito de torcer: o #respeitaasmina começa por nós
Outubro	
01/10	Com clássico na final e jogos na TV, futebol feminino quer romper barreiras
02/10	Elas trocaram o jornalismo esportivo na TV pela liberdade do Youtube
03/10	Com futebol feminino, Santos tem maior público do ano na Vila
03/10	Colo Colo se torna 1º clube do Chile a incluir cota feminina na diretoria
04/10	CBF exhibe homenagem a Marta em fachada de sede no Rio
06/10	Santos empata com Corinthians e é tetracampeão paulista no futebol feminino
09/10	FPF celebra o sucesso do Paulista Feminino e premia craques da competição
10/10	Torcedoras LGBT relatam clima de medo após gritos homofóbicos pró-Bolsonaro
11/10	Inocente ou não, CR7 precisa saber: ninguém quer ficar famosa por estupro
12/10	Com garra e sangue no olho, Corinthians é finalista do Brasileiro Feminino
12/10	Fanáticas, torcedoras mirins fazem sucesso na internet falando de futebol
13/10	Nova categoria é louvável, mas objetivo ainda deve ser ter mulheres na F1
15/10	No país que acolheu Marta, clubes sofrem para sustentar futebol feminino

16/10	Após 6 meses, caso de abuso na ginástica teve 4 delegadas e segue sem prazo
17/10	Seguindo clubes há 50 anos, elas viraram símbolo de Corinthians e Cruzeiro
19/10	A polêmica do sunquíni no handebol e como as brasileiras mudaram essa regra
20/10	Com apoio da filha de Bob Marley, Jamaica garante vaga inédita para Copa
22/10	Eles criaram o time para as filhas jogar e hoje decidem título brasileiro
22/10	Para cumprir Profut, Bahia corre para viabilizar futebol feminino
24/10	Para mulheres, jogar futebol já foi caso de polícia durante a ditadura
25/10	Grávida de 7 meses com a bola nos pés: quando o futebol ajuda futuras mães
29/10	Seletiva do São Paulo para futebol feminino tem quase 200 atletas no 1º dia
30/10	Conselho da Federação às nadadoras inglesas: como parecer magra na piscina
30/10	Homens tiveram prêmio 10 vezes maior que as mulheres na Copa; atletas rebatem
31/10	Torcedoras se unem em busca de protagonismo na arquibancada
Novembro	
02/11	Viagem longa e pouco dinheiro: elas buscam o sonho na peneira do São Paulo
03/11	Os planos do Santos FC para desenvolver o futebol feminino de base
04/11	Por que Simone Biles é um dos maiores fenômenos que o esporte já viu
05/11	Bahia faz futebol ir além do campo em resgate histórico de heroínas negras
06/11	Jogadoras da WNBA rompem acordo financeiro com a liga e pedem igualdade
07/11	As mentiras que as meninas ouvem quando querem jogar futebol
08/11	Libertadores Feminina: conheça os grupos, histórico e perrengues do torneio
10/11	Mulheres descobrem paixão pelo automobilismo e grupo de “karteras” em SP
12/11	Ba-Vi histórico: quando times rivais lutam contra o machismo no futebol
14/11	Quem é a mulher que irá chefiar a Premier League, liga mais rica do futebol
15/11	De salto alto e hijab, ela virou craque do futebol freestyle no Irã
15/11	Primeira mulher a se “formar” treinadora pela CBF vive estreia na Copa
17/11	De véu, grinalda e chuteira: a noiva que levou o futebol até para o altar
19/11	Problemas de organização, calor e golaços: começou a Libertadores feminina
20/11	Consciência Negra: as pioneiras do esporte que você nunca ouviu falar
20/11	Com goleada e golaços, Santos vence Colo Colo na Libertadores feminina
23/11	4 mitos que as mulheres quebraram no futebol em 2018
23/11	Itália combate violência doméstica no futebol e dá exemplo ao Brasil
23/11	Pela primeira vez, final da Libertadores será narrada por uma mulher
28/11	Quem é a técnica que levou México à semifinal da Copa do Mundo pela 1ª vez
29/11	Libertadores feminina: como as mulheres resgataram o futebol de Manaus

30/11	Libertadores feminina: Santos vai à final e Iranduba cai nos pênaltis
Dezembro	
03/12	Com geração promissora, Espanha conquista seu 1º mundial feminino no sub-17
04/12	Quem é a 1ª vencedora da Bola de Ouro e por que houve polêmica na premiação
04/12	A homenagem à Marta e o reconhecimento que mulheres mereciam no futebol
05/12	O beijo não consentido “com todo o respeito”: a rotina da mulher no esporte
07/12	Como os clubes da Série A estão se preparando para ter futebol feminino
10/12	Vaga na 1ª divisão e bi do estadual: as conquistas das mulheres do Vitória
10/12	Pela 1ª vez na história, Globo transmitirá seleção feminina na Copa
11/12	Troféu, homenagem e placa perdida: a valorização tardia de Marta
11/12	Serena termina ano incrível em lista das mulheres mais poderosas do mundo
12/12	Finalista da Sul-Americana, Barranquilla foi fundado por uma mulher
14/12	Por que só há uma mulher entre os 64 homens do curso de técnicos da CBF?
17/12	Anorexia, desmaios e trabalho de graça: a rotina das cheerleaders da NBA
17/12	Quem é a 1ª mulher a assumir cargo do mais alto escalão em franquia da NBA
19/12	Quem é a mulher que está mudando a realidade do futebol feminino no Brasil
20/12	“Futebol feminino é terra do lesbianismo”, diz presidente do Tolima. Sério?
21/12	2018 ou 1940: as mentiras já inventadas para acabar com o futebol feminino
26/12	40 anos de carreira e 100 títulos: treinadora faz história no basquete
27/12	2018 foi o ano das mulheres no Jornalismo Esportivo
28/12	Cyborg x Leoa: a histórica trajetória das lutadoras até o duelo no octógono
31/12	Com nocautes sobre duas lendas, Amanda Nunes reina absoluta no UFC

Na tabela 4, estão os nove títulos que têm homens como protagonistas. No entanto, importante indicar que, à exceção da análise feita sobre o desempenho do técnico Tite (16/06), os outros enunciados abordam questões relacionadas à mulher ou às minorias, como o próprio futebol feminino, em fala de Vadão (08/08) e a homofobia, quando trata de jogador do São Paulo que foi vítima de comentários preconceituosos nas redes sociais (19/12).

Em “Marco Aurélio Cunha: há quem transmita até golfe, mas não futebol feminino” (04/05) o destaque é de Marco Aurélio, já que o comentário se destaca porque vem do ex-coordenador de futebol feminino da CBF, assim como em “Brasil está muito atrasado no futebol feminino, diz Vadão”, que à época era o técnico da

seleção brasileira. Diferente do que acontece na frase do dia 20/12, que está na tabela 4: por mais que haja aspas, ela é atribuída ao “presidente do Tolima”, cujo nome não é citado, na demonstração de que o conteúdo da fala é mais importante do que a pessoa que falou – ao menos para quem vai ler.

Tabela 4: *Publicações com homens protagonistas*

Mês	Título
Abril	
03/04	Brasil ainda está muito atrasado no futebol feminino, diz Vadão
Maio	
04/05	Marco Aurélio Cunha: há quem transmita até golfe, mas não futebol feminino
Junho	
15/06	Em uma imagem, Lugano mostra por que a Copa vale a pena
16/06	Como Tite transformou “geração ruim” em favorita ao título da Copa
Julho	
04/07	Torcedor solitário do Vitória prestigia acesso das Leões à Série A1
Agosto	
29/08	Curry defende igualdade de gênero: “Que minhas filhas cresçam sem limites”
Setembro	
18/09	Vadão: cultura do futebol no Brasil só valoriza vitória, e não trabalho
Novembro	
13/11	Vadão não pode ser o técnico da seleção feminina em mais uma Copa do Mundo
Dezembro	
19/12	Pablo Vittar no São Paulo? Como uma contratação mostrou o pior do futebol

Na tabela 5, estão os 49 títulos com protagonista não identificado. No texto “Os motivos que ainda calam o abuso sexual no esporte” (02/05), as vítimas não têm gênero, o que deixa o protagonista indefinido. Já em “Nova Zelândia anuncia

igualdade salarial no futebol para seleções” (08/05), quem acompanha esporte sabe que igualdade salarial é reivindicação das mulheres, no entanto, a informação não aparece no título; o mesmo acontece em “Brasileiros precisam entender que assédio não é brincadeira” (18/06), pois não se explica por quem esse assédio é feito ou recebido. No caso de “O Brasil foi hepta e ninguém viu” (25/04), é necessário ter um conhecimento prévio sobre futebol para saber que a seleção masculina é pentacampeã e o Brasil em questão é o time feminino, que venceu a Copa América de 2018.

Tabela 5: Publicações com protagonista não identificado

Mês	Título
Abril	
04/04	Quebra de tabu e vitória para o São Paulo resgatar sua grandeza
11/04	De onde vem o dibre?
19/04	Tapajós: onde o futebol cresce livre de preconceito
21/04	Islândia é muito mais do que só a “queridinha” da Copa
25/04	O Brasil foi hepta e ninguém viu
Mai	
01/05	Os motivos que ainda calam o abuso sexual no esporte
02/05	Vitória histórica na Argentina precisa deixar lições para o Palmeiras
08/05	Nova Zelândia anuncia igualdade salarial no futebol para seleções
10/05	A PM está coibindo a violência nos estádios: ela barrou meu caderno
11/05	O impossível é temporário: da periferia de São Paulo ao troféu em Barcelona
15/05	Quando futebol une ídolo e torcida, não há Alzheimer que apague da memória
17/05	5 livros sobre futebol para ler antes da Copa
21/05	8 coisas que você não sabia sobre a final da Champions League
23/05	Por que esse Liverpool merece ganhar a Champions League
24/05	Lyon vence Wolfsburg na prorrogação e é tri da Champions com estádio lotado
26/05	Final da Champions League: o espetáculo começou em Kiev
27/05	O estádio é um lugar que precisa ser de todos
Junho	
14/06	Irã estreia na Copa, mas fora de campo já sai derrotado

18/06	Brasileiros precisam entender que assédio não é brincadeira
Julho	
02/07	A história por trás da foto mais emblemática da Copa
04/07	A transformação da torcida brasileira na Copa da Rússia
09/07	Vitória e Minas-Icesp empatam no primeiro confronto da final A-2
09/07	As imagens mais marcantes de uma mudança histórica na Copa da Rússia
11/07	A Fifa descobriu o assédio na Copa do Mundo – o que isso pode mudar?
26/07	Após hepta na Copa América, Brasil tem teste contra seus fantasmas nos EUA
Agosto	
03/08	Perdido em campo, Brasil encerra torneio amistoso goleado pelos EUA
04/08	O que mudou no Flamengo de 2018 em relação ao Flamengo de 2017
06/08	Como o São Paulo foi de desacreditado a candidato ao título do Brasileirão
13/08	Com geração promissora, Brasil demonstra pouca evolução no Mundial Sub-20
22/08	Como um Gre-Nal resgatou confiança do Inter e o fez brigar pelo título
27/08	A experiência do futebol pelos olhos de quem foi ao estádio pela 1ª vez
Setembro	
11/09	Recorde de público: bicampeão inédito? Fase final do Brasileiro promete
21/09	Uma chuteira rosa gerou críticas a jogadores: que ano é hoje no futebol?
Outubro	
02/10	Com casa cheia, Santos vence Corinthians em 1º jogo da final do Paulista
08/10	Brasil sai derrotado para Inglaterra em campo e também fora dele
20/10	Corinthians vence Rio Preto fora e sai na frente na final do Brasileiro
26/10	Corinthians goleia Rio Preto e conquista título inédito do Brasileiro
Novembro	
08/11	Drible ou dibe? Professor Pasquale explica
13/11	Brasil empata com Japão em estreia do Mundial Sub-17
16/11	Seleção brasileira sub-17 perde do México e se complica no Mundial
20/11	Brasil goleia a África do Sul, mas se despede do Mundial Sub-17
22/11	Por que assédio não é mimimi – nem no futebol, nem fora dele
26/11	A Libertadores é muito maior do que a Conmebol a faz parecer

27/11	Santos e Iranduba vão à semi, e Libertadores poder ter final brasileira
Dezembro	
02/12	Santos perde nos pênaltis e deixa escapar chance de ser tri na Libertadores
08/12	Brasil enfrentará algoz de 2015, mas cai em grupo “tranquilo” na Copa
18/12	Por que os times sul-americanos sofrem tanto na semi do Mundial?
24/12	Bola ou boneca? O que um presente de Natal diz sobre meninos e meninas
31/12	As lições que o futebol me ensinou em 2018

As tabelas apresentadas até aqui contribuíram para definir o *corpus* final de análise. Inicialmente, entendemos que a tabela 3 deveria ser considerada em sua totalidade para compor a investigação, já que ela reúne todos os títulos, de março a dezembro de 2018, com protagonismo feminino. No entanto, diante da característica marcante do blog Dibradoras, que é a prevalência de pautas do futebol feminino, realizamos uma nova leitura dos títulos para excluir os que fazem referência direta a outras modalidades e suas atletas. Entendemos que esse recorte vai ao encontro das discussões realizadas nos capítulos anteriores:

Tabela 6: Publicações sobre futebol feminino e outros recortes da modalidade

Mês	Título
Março	
19/03	A saga de uma mulher que ousa gostar de futebol
21/03	Com apoio de Marta e “maior torcida do país” Manaus quer Libertadores
20/03	Sem estratégia, clubes da Série A não conseguem atingir público feminino
22/03	A 2 semanas da Copa América, seleção feminina faz preparação sem jogos
22/03	A importância da presença de uma jogadora na divulgação da camisa do Brasil
26/03	Como o futebol levou meninas da periferia de São Paulo para Barcelona
26/03	Por que esposa do jogador na França não denunciou agressões antes?
27/03	#DeixaElaTrabalhar: a primeira linha tática do futebol é a do respeito
29/03	Quando a paixão pelo futebol passa de pai para filha
31/03	Jogo do Palmeiras na Libertadores terá cabine de narradoras
Abril	
02/04	Como a paixão pela Copa uniu 50 torcedoras rumo à Rússia

07/04	Futebol de pai para filha: a história do dérbi que começou dentro de casa
09/04	Um gol aos 40 anos no 162º jogo: o que Formiga representa para a seleção
12/04	Capital nacional do futsal” tem mais um time feminino fechando as portas
12/04	Capital nacional do futsal” tem mais um time feminino fechando as portas
13/04	Assédio, preconceito e exclusão: como é ser árbitra no futebol brasileiro
16/04	Cheerleaders na festa de abertura do Brasileirão: que ano é hoje?
17/04	Os gols “bizarros” da Copa América e o que futebol feminino precisa?
18/04	Memórias que nem Alzheimer apaga: torcedora volt a São Januário aos 86
23/04	Quatro anos de Copa Lily Parr, a melhor copa de todas as copas
24/04	As mulheres estreiam na Arena em mais um “golaço” do Corinthians
26/04	Na Champions feminina, City está na semi e Guardiola pede “conselho”
28/04	“As primeiras de muitas”: uma nova geração de narradoras está surgindo
30/04	Torcedoras iranianas se disfarçam de homens para poderem entrar no estádio
Maio	
02/05	Por Profut, Bahia faz parceria com São Francisco e terá time feminino
03/05	Sobreviventes: em meio à indefinição, o futebol feminino resiste no RN
06/05	Grávida de 8 meses, técnica leva Chelsea ao título com recorde de público
07/05	São Paulo abrirá Morumbi para atendimento de mulheres vítimas de violência
10/05	“Tem que gostar muito para fazer futebol feminino na Argentina”
12/05	Ela deixou o futebol 2 vezes pelo filho, mas voltou e vive auge na seleção
14/05	Corinthians, o “respeito às minas” precisa ir além do clubismo
15/05	Em curso sobre Copa, confederação argentina ensina “como seduzir russas”
22/05	Um raio-X da final da Champions League feminina
28/05	Manchester United se junta a grandes da Inglaterra e terá time feminino
29/05	Corinthians leva time feminino para jogar no Pacaembu e quer dia histórico
Junho	
01/06	Câmera na mão e banquinho nos pés: o sucesso da repórter do El na Champions
04/06	A Copa do Mundo está aí: chama a menina pro jogo
06/06	Em 2018, a Copa “descobriu” as mulheres
07/06	“Comecei a jogar bola aos 40 anos por causa da minha filha”
08/06	Repórteres relatam ausência de banheiros femininos nos estádios
11/06	“Relação torcedor-seleção hoje é cínica e protocolar”, diz Milly Lacombe
12/06	Pela 1ª vez, Copa terá narração feminina: o que vem depois?

13/06	Filha de Fernandão quer realizar um sonho do pai: cobrir uma Copa do Mundo
13/06	Esporte Interativo confirma Vivi Falconi como primeira narradora contratada
14/06	Copa do Mundo: abertura histórica tem primeira narração feminina
16/06	“Representa liberdade”: a primeira vez das sauditas no estádio na Copa
17/06	Demoramos, mas chegamos: 1º jogo da seleção narrado por uma mulher
19/06	Para muitos, mulher falando de futebol ainda é aberração, diz comentarista
20/06	Mulheres relatam assédios e abusos no país da Copa
20/06	Ex-capitã da seleção: o que o Brasil precisa mudar contra a Costa Rica
21/06	Pode abaixar o volume, Terry: vai ter mulher narrando no Reino Unido também
21/06	A “intrusa” no banco da comissão técnica croata na Copa do Mundo
25/06	A experiência da Copa “sozinha”
26/06	Por que não há mulheres na arbitragem da Copa – nem no VAR?
28/06	Mulheres deixaram de ser coadjuvantes e iniciam era de protagonismo na Copa
29/06	Argentinas promovem transmissão feminista da Copa com debate de gênero
30/06	Onde mulheres, negros e gays têm vez na Copa da Rússia
Julho	
02/07	Não é uma disputa: nem futebol feminino, nem masculino – apenas futebol
05/07	No país da Copa, faltam mulheres para jogar futebol
06/07	Nova patrocinadora do Flamengo feminino, Avon também investe em Marta
11/07	Final da Copa do Mundo terá mulher na comissão técnica – e não é a 1ª vez
13/07	Fifa, o problema não é a beleza delas – é a falta de respeito deles
16/07	A Copa delas: repórteres na Rússia dizem que saem “fortalecidas” do Mundial
16/07	Como será o futuro da narração feminina pós Copa do Mundo
17/07	Copa do Mundo Feminina: saiba os detalhes do Mundial na França
17/07	Copa do Mundo Feminina: conheça o histórico dos Mundiais
19/07	Metade das jogadoras de futebol não tem nem um salário, nem contrato
21/07	Não dá mais para frear as mulheres no futebol, diz 1ª comentarista da Copa
23/07	Copa Sub-20 feminina terá transmissão em TV aberta, saiba os detalhes
24/07	Pela 1ª vez, Barça leva time feminino para pré-temporada nos EUA
24/07	As melhores do mundo: conheça as treinadoras que dominam o futebol feminino
25/07	Para além de Neymar, precisamos falar mais sobre Marta
26/07	Marta brilha, mas Brasil joga mal e cai para Austrália em torneio dos EUA
29/07	Com mudanças no time e gol de Marta, Brasil vence Japão no Torneio dos EUA
31/07	Marta e mais 9: quem são e onde jogam as melhores do mundo

Agosto	
01/08	Unidas, jogadoras da Nova Zelândia igualam salários e derrubam técnico
02/08	Entre antidepressivos e apoio: a árdua denúncia da repórter agredida no RS
03/08	De jogadora a assistente técnica: a importância Daniela Alves na Sub20
07/08	Marta, 14ª vez no prêmio da Fifa: "Ousadia é a mesma da menina de 17 anos"
08/08	A hipocrisia do Corinthians com Juninho absolve violência contra a mulher
12/08	O pai que deixou a carreira no escritório para apoiar a filha no futebol
16/08	O futebol feminino é chato?
21/08	O lugar de São Paulo em que futebol é "coisa de menina"
21/08	Impedidas de torcer: o que aconteceu no Lázio também acontece no Brasil
24/08	Copa Sub-20: Japão é campeão e nasce uma nova hegemonia no futebol feminino
28/08	Aos 36 anos, Rosana se torna centroavante e vive fase goleadora no Santos
31/08	Elas se uniram por amor a bola e lutaram por espaço no futebol
Setembro	
01/09	Últimas rodadas do Campeonato Paulista tem transmissão online 100% feminina
03/09	A genialidade de Marta, mais uma vez entre as 3 melhores do mundo
04/09	Com investimentos de Juve, Roma e Milan, Itália resgata futebol feminino
06/09	O que acontece quando 3 torcedoras comandam um canal pra falar de futebol?
08/09	Fanática e sem papas na língua, torcedora de 90 anos levou time a gerações
10/09	Como separação de filas transformou experiência de torcedoras no estádio
14/09	A lição da mãe palmeirense sobre futebol: não precisa ver, só sentir
14/09	Após sucesso na Copa, Fox contrata narradora
15/09	Sem surpresas, Taubaté chega à semifinal inédita do Paulista Feminino
17/09	Quem é a 1ª mulher a presidir um clube da elite do futebol na Argentina
19/09	A aventura das cruzeirenses que foram à Argentina para jogo da Libertadores
21/09	Demorou, mas chegou: a transmissão 100% feminina do futebol feminino na TV
24/09	As mulheres que ousaram treinar times masculinos no futebol
24/09	Queriam o hexa? Marta trouxe, e o Brasil deve muito a ela
25/09	Marta, seis vezes melhor do mundo: a artilheira dos gols não contabilizados
26/09	A influência de uma mulher na criação dos cartões no futebol
27/09	Time italiano sexualiza garotas no campo para "divulgar esporte feminino"
28/09	Manifesto pelo direito de torcer: o #respeitaasmina começa por nós

Outubro	
01/10	Com clássico na final e jogos na TV, futebol feminino quer romper barreiras
02/10	Elas trocaram o jornalismo esportivo na TV pela liberdade do Youtube
03/10	Com futebol feminino, Santos tem maior público do ano na Vila
03/10	Colo Colo se torna 1º clube do Chile a incluir cota feminina na diretoria
04/10	CBF exhibe homenagem a Marta em fachada de sede no Rio
06/10	Santos empata com Corinthians e é tetracampeão paulista no futebol feminino
09/10	FPF celebra o sucesso do Paulista Feminino e premia craques da competição
10/10	Torcedoras LGBT relatam clima de medo após gritos homofóbicos pró-Bolsonaro
11/10	Inocente ou não, CR7 precisa saber: ninguém quer ficar famosa por estupro
12/10	Com garra e sangue no olho, Corinthians é finalista do Brasileiro Feminino
12/10	Fanáticas, torcedoras mirins fazem sucesso na internet falando de futebol
15/10	No país que acolheu Marta, clubes sofrem para sustentar futebol feminino
17/10	Seguindo clubes há 50 anos, elas viraram símbolo de Corinthians e Cruzeiro
20/10	Com apoio da filha de Bob Marley, Jamaica garante vaga inédita para Copa
22/10	Eles criaram o time para as filhas jogar e hoje decidem título brasileiro
22/10	Para cumprir Profut, Bahia corre para viabilizar futebol feminino
24/10	Para mulheres, jogar futebol já foi caso de polícia durante a ditadura
25/10	Grávida de 7 meses com a bola nos pés: quando o futebol ajuda futuras mães
29/10	Seletiva do São Paulo para futebol feminino tem quase 200 atletas no 1º dia
30/10	Homens tiveram prêmio 10 vezes maior que as mulheres na Copa; atletas rebatem
31/10	Torcedoras se unem em busca de protagonismo na arquibancada
Novembro	
02/11	Viagem longa e pouco dinheiro: elas buscam o sonho na peneira do São Paulo
03/11	Os planos do Santos FC para desenvolver o futebol feminino de base
05/11	Bahia faz futebol ir além do campo em resgate histórico de heroínas negras
07/11	As mentiras que as meninas ouvem quando querem jogar futebol
08/11	Libertadores Feminina: conheça os grupos, histórico e perrengues do torneio
12/11	Ba-Vi histórico: quando times rivais lutam contra o machismo no futebol
14/11	Quem é a mulher que irá chefiar a Premier League, liga mais rica do futebol
15/11	De salto alto e hijab, ela virou craque do futebol freestyle no Irã
15/11	Primeira mulher a se "formar" treinadora pela CBF vive estreia na Copa
17/11	De véu, grinalda e chuteira: a noiva que levou o futebol até para o altar
19/11	Problemas de organização, calor e golaços: começou a Libertadores feminina

20/11	Com goleada e golaços, Santos vence Colo Colo na Libertadores feminina
20/11	Consciência Negra: as pioneiras do esporte que você nunca ouviu falar
23/11	4 mitos que as mulheres quebraram no futebol em 2018
23/11	Itália combate violência doméstica no futebol e dá exemplo ao Brasil
23/11	Pela primeira vez, final da Libertadores será narrada por uma mulher
28/11	Quem é a técnica que levou México à semifinal da Copa do Mundo pela 1ª vez
29/11	Libertadores feminina: como as mulheres resgataram o futebol de Manaus
30/11	Libertadores feminina: Santos vai à final e Iranduba cai nos pênaltis
Dezembro	
03/12	Com geração promissora, Espanha conquista seu 1º mundial feminino no sub-17
04/12	Quem é a 1ª vencedora da Bola de Ouro e por que houve polêmica na premiação
04/12	A homenagem à Marta e o reconhecimento que mulheres mereciam no futebol
05/12	O beijo não consentido “com todo o respeito”: a rotina da mulher no esporte
07/12	Como os clubes da Série A estão se preparando para ter futebol feminino
10/12	Vaga na 1ª divisão e bi do estadual: as conquistas das mulheres do Vitória
10/12	Pela 1ª vez na história, Globo transmitirá seleção feminina na Copa
11/12	Troféu, homenagem e placa perdida: a valorização tardia de Marta
12/12	Finalista da Sul-Americana, Barranquilla foi fundado por uma mulher
14/12	Por que só há uma mulher entre os 64 homens do curso de técnicos da CBF?
19/12	Quem é a mulher que está mudando a realidade do futebol feminino no Brasil
20/12	“Futebol feminino é terra do lesbianismo”, diz presidente do Tolima. Sério?
21/12	2018 ou 1940: as mentiras já inventadas para acabar com o futebol feminino
27/12	2018 foi o ano das mulheres no Jornalismo Esportivo

Na tabela 6, totalizamos 159 títulos com mulheres protagonistas, reunindo atletas do futebol feminino, histórias e discussões que envolvem a modalidade ou profissionais do jornalismo esportivo inseridas nesse contexto. Os títulos excluídos mencionam diretamente o tênis, basquete, futsal, a ginástica, a natação e esportistas ligadas a essas práticas. Decidimos ainda pela exclusão de matéria “Consciência Negra: as pioneiras do esporte que você nunca ouviu falar”, que, apesar de não fazer referência direta a qualquer modalidade no título, não traz nenhuma mulher futebolista entre as pioneiras apresentadas e fala apenas de outras modalidades. Os textos dessa tabela serão utilizados na Parte IV – Análise, a partir do capítulo 7.

PARTE IV – ANÁLISE

6 ETAPAS DA ANÁLISE

Nossa análise será realizada em três etapas, sendo que elas se apoiam – teoricamente – nos estudos da pesquisadora brasileira Gislene Silva (2014) sobre valores-notícia ou atributos dos acontecimentos e critérios de noticiabilidade, e – metodologicamente – nos princípios da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977). Essa escolha se justifica a partir da complementaridade de ações em cada etapa, que serão descritas e argumentadas nos tópicos subsequentes.

6.1 ETAPA 1 - CATEGORIZAÇÃO NA ORIGEM DOS FATOS

De acordo com Silva (2014), a definição de valores-notícia ou atributos dos acontecimentos não pode ser reduzida a um conjunto de elementos utilizados por uma empresa jornalística a fim de controlar o tipo de acontecimento a ser noticiado ou o potencial de certo evento para ser transformado em notícia. Existe uma rede de critérios para serem investigados na cadeia produtiva da notícia e que determina a noticiabilidade

como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo de produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2014, p. 52)

Por isso, ela se baseia em três instâncias ou conjuntos de critérios para compreender a noticiabilidade: 1) na origem dos fatos, 2) no tratamento dos fatos e 3) na visão dos fatos. Conforme pontua Gislene Silva (2014), é reducionista definir a noticiabilidade e o conjunto de elementos nos quais uma mídia se baseia para controlar e administrar a quantidade e o tipo de acontecimentos ou elementos intrínsecos que demonstram a aptidão e o potencial de um evento para ser transformado em notícia. Pois, a noticiabilidade

Seria a soma desses dois conjuntos, acrescentada daquele terceiro que trata de questões ético-epistemológicas. Preferível seria localizar a aptidão do fato em si no campo dos valores-notícia, entendidos aqui como atributos que orientam principalmente a seleção primária dos

fatos – e, claro, que também interfere na seleção hierárquica desses fatos na hora do tratamento do material dentro das redações (SILVA, 2014, p. 54).

Neste item, portanto, trataremos da primeira instância, que se define por uma seleção primária e considera atributos próprios ou características típicas de um fato. Essa etapa consiste na escolha inicial de quais acontecimentos serão noticiados e funcionam como critérios de boa orientação que se estenderão a todo um processo redação adentro. Gislene Silva explica que esses valores informativos ou fatores de notícia são um grupo de critérios que “cerca a noticiabilidade do acontecimento considerando origem do fato, fato em si, acontecimento isolado, características intrínsecas, características essenciais, atributos inerentes ou aspectos substantivos do acontecimento” (SILVA, 2014, p.56).

A investigação sobre a seleção primária dos fatos em diferentes produtos jornalísticos é pertinente ao apontar tanto similaridades quanto diferenciações entre eles. Nosso estudo também considera tal relevância em buscar pontos convergentes na mesma cobertura – que classificamos como pioneira no segmento esportivo no Brasil –, a fim de categorizar e descrever valores-notícia que podem ser replicados em outras reportagens. Assim, a Etapa 1 se baseia em tais reflexões teóricas para guiar a leitura de 158 textos e utiliza a categorização prevista na metodologia de análise de conteúdo para chegar aos valores-notícia na origem dos fatos.

6.2 ETAPA 2 - PRODUÇÃO NO TRATAMENTO DOS FATOS

A segunda instância que aponta Gislene Silva (2014) centra-se em uma seleção hierárquica que considera fatores próprios da organização que produz o conteúdo, o formato do produto, a qualidade do material apurado, os prazos de fechamento, as tecnologias usadas e mais. Ela defende o exercício reflexivo de que a seleção dos acontecimentos por meio dos valores-notícia não se limita à etapa primária, mas continua nas seguintes – neste caso, o tratamento dos fatos, sendo esse mais um componente da noticiabilidade, pois

estudar a seleção implica, inclusive, rastrear os julgamentos próprios de cada seletor, as influências organizacionais, sociais e culturais que este sofre ao fazer suas escolhas, os diversos agentes dessas

escolhas postados em diferentes cargos na redação, e até mesmo a participação das fontes e do público nessas decisões (SILVA, 2014, p. 56)

Portanto, para dar continuidade à categorização feita na Etapa 1, entendemos a necessidade de compreender os atributos singulares da organização do blog Dibradoras e sua relação com o UOL no ano de 2018, período que escolhemos para realizar a análise e no qual se iniciava essa parceria. Durante toda a execução desta pesquisa, realizamos entrevistas com as jornalistas responsáveis pelo blog e o editor de esportes do UOL, que as convidou para integrar o time de conteúdo independente da editoria.

As entrevistas, além de fomentarem discussões teóricas em capítulos anteriores, contribuíram para a análise desenvolvida na Etapa 2, em que olhamos para as publicações da Tabela 7 sob as dinâmicas do Dibradoras a fim de desenvolver um diagnóstico da produção. Nesta etapa, selecionamos nas respostas dos entrevistados as explicações sobre fatores como: periodicidade, prazos, divisão de pautas, relação com as fontes, escolha das imagens, feedback do público, diálogo com o UOL, disponibilidade de tempo e decisões editoriais que integram o trajeto que define a noticiabilidade.

6.3 ETAPA 3: POSICIONAMENTO NA VISÃO DOS FATOS

Esta etapa de análise pertence à instância que Gislene Silva chama de visão dos fatos. Ela parte de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, como imparcialidade, interesse público, conceitos de verdade e outros que guiam ações e intenções nas instâncias anteriores, sendo que elas não funcionam de modo isolado, mas de maneira simultânea. Para justificar a etapa que analisa o posicionamento do blog Dibradoras, retomamos algumas discussões propostas por Stuart Hall, Chas Critcher, Tony Jefferson, John Clarke e Brian Roberts (1978).

Os autores explicam que as duas etapas responsáveis pela produção social da notícia ou noticiabilidade – as categorias que estruturam os valores e a organização burocrática de quem produz – são apenas uma parte do processo. Um terceiro elemento aparece de maneira menos óbvia, algo que ele chama de o momento de construção da própria história ou a apresentação da história ao seu público: “Este

processo – de identificação e contextualização – é um dos mais importantes, por meio do qual os eventos são ‘feitos para ter um significado’ pela mídia. O evento só ‘faz sentido’ se estiver entre o conhecimento social e a identificação cultural” (HALL, CRITCHER, JEFFERSON, CLARKE E ROBERTS, 1978, p. 54, tradução nossa). Para isso, o jornalista precisa acessar os mapas culturais da sociedade com o objetivo de reproduzir a notícia de maneira que ela faça sentido à sua audiência.

Neste caso, a crítica é atribuída ao fato de que esses mapas culturais ou de significado estão situados em opiniões, pensamentos e verdades repetidas e normalizadas ao longo do tempo por grupos sociais dominantes, pois

todos nós queremos ou mantemos, basicamente, a mesma perspectiva sobre os eventos. Nesta visão, o que nos une, como sociedade e como cultura – o consensual – supera em muito o que nos divide e nos distingue como grupos ou classes de outros grupos. Agora, em um primeiro nível, a existência de um consenso cultural é uma verdade óbvia; é a base de toda comunicação social (HALL, CRITCHER, JEFFERSON, CLARKE E ROBERTS, 1978, p. 55, tradução nossa)

Por outro lado, ainda que considere – dentro do processo de construção da noticiabilidade – a reprodução de ideologias dominantes assegurada pela mídia, Hall e seus colegas se preocupam em examinar os produtos midiáticos quando desempenham um papel autônomo e de transformação. Eles defendem que os aspectos que viabilizam uma seleção ideológica para definir o que será notícia podem ser apropriados de maneiras diferentes. Isso porque também parte de lugares distintos de produção, estrutura, público e mais, de forma que

a personalidade social de cada jornal entra em jogo – é quando começa o trabalho transformador propriamente dito. Isso tem a ver com a forma como algo é codificado pela mídia em forma de linguagem. Assim como cada jornal tem uma estrutura organizacional particular, um senso de notícias e um leitor, também vai desenvolver um modo particular e característico de se dirigir ao público (HALL, CRITCHER, JEFFERSON, CLARKE E ROBERTS, 1978, p. 60, tradução nossa)

Os autores chamam esse modo particular de endereçamento segundo o público-alvo de expressão pública da mídia, em que cada veículo de comunicação possui a sua própria versão da linguagem e, assim, da retórica, das imagens e do

conhecimento que divide com determinada audiência (HALL, CRITCHER, JEFFERSON, CLARKE E ROBERTS, 1978, tradução nossa).

Posto isso e sustentado o debate feito no item 2.4 (do capítulo 2 – Referencial teórico) sobre a imparcialidade na imprensa e a necessidade de um jornalismo que se posicione ao lado do feminismo, tratamos na Etapa 3 dessa personalidade social do Dibradoras. A investigação é feita a partir de uma análise qualitativa dos 158 textos, com o objetivo de interpretar o novo mapa cultural do esporte com o qual o blog contribui e no qual fundamenta seu posicionamento.

7 CORPO DA ANÁLISE

Na figura 41, sistematizamos as etapas 1, 2 e 3, a fim de simplificar a compreensão de cada fase da análise. Delimitamos as instâncias propostas por Gislene Silva (2014) – origem dos fatos, tratamento dos fatos e visão dos fatos – e, em cada uma delas, organizamos, em tópicos, as demandas cumpridas:

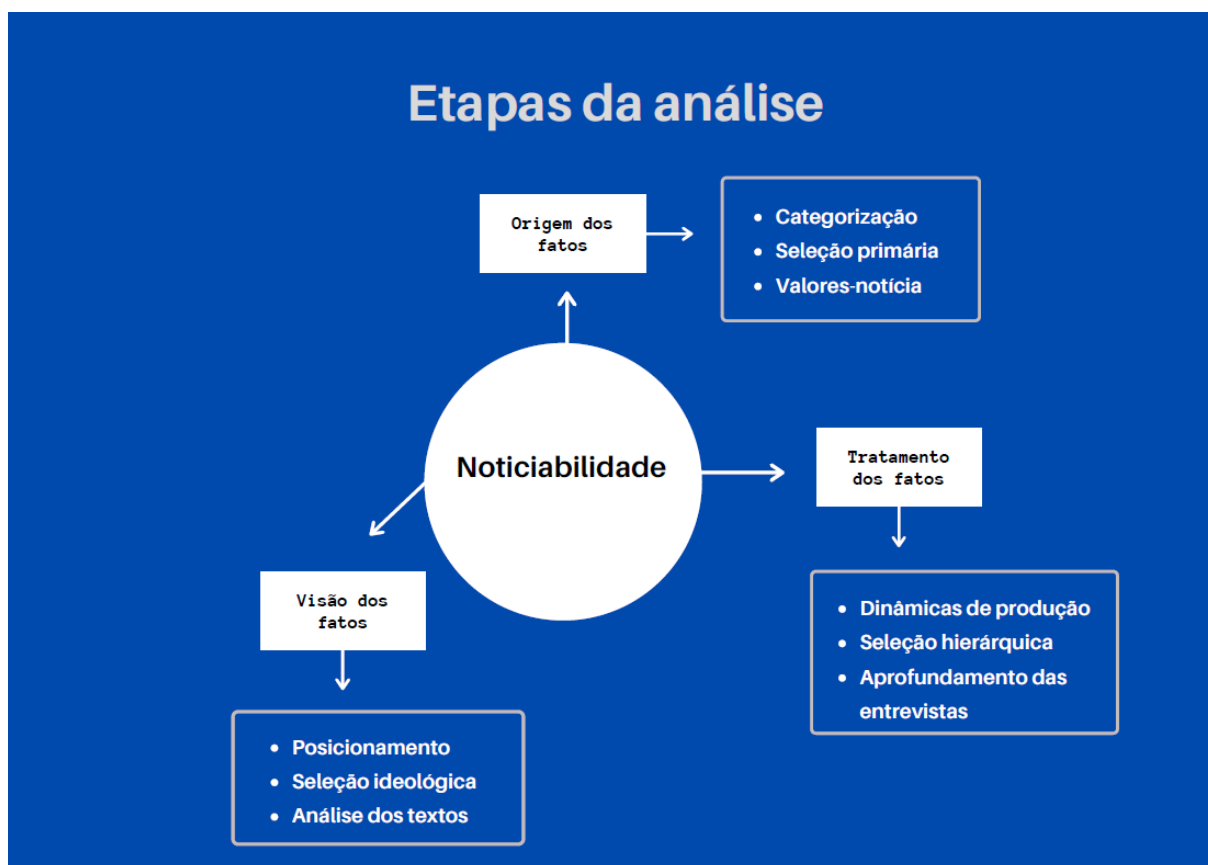


Figura 41: Esquema desenvolvido pelos autores com a organização das etapas de análise

7.1 CATEGORIZAÇÃO E VALORES-NOTÍCIA

A Etapa 1 da análise consistiu na leitura dos 158 textos do *corpus*, com o objetivo de responder à pergunta: o que fez com que esse acontecimento virasse notícia? Buscamos identificar atributos presentes nas publicações a fim de elaborar uma tabela operacional que não só contribua para sistematizar pesquisas futuras, mas estabeleça demarcações do que são os valores-notícia de uma cobertura esportiva feminista. No entanto, para chegar nessa proposta de valores-notícia, dividimos tais

publicações em oito categorias, que considerou, em um primeiro momento, os títulos, conforme descrevemos (em ordem alfabética) no Quadro 2.

Quadro 2: Descrição das categorias

Categorias	Textos	Descrição
Ação	31 textos	Publicações que reúnem ações inéditas de profissionais do esporte; mostram mulheres ocupando lugares pela primeira vez na atualidade.
Discussão	27 textos	Publicações em que o blog se propõe a analisar um tema. O Dibradoras assume o papel de interlocutor da discussão, faz perguntas provocativas e traz aspas polêmicas, como se estivesse propondo um debate.
Personalidade	14 textos	Publicações em que se dá nome a personalidades que são ou já foram atletas profissionais, reconhecidas nos textos por seu empenho, técnica, dedicação, pioneirismo e outros fatores que avaliem essa pessoa como “ídolo”.
Pessoalidade	16 textos	Publicações que contam histórias para promover identificação ou aproximar realidades. O título não dá nome a sua ou suas protagonistas, mas não trata de atletas ou outras profissionais do esporte. São desconhecidas. Usa-se pronomes pessoais, substantivos e induz a perguntas como: quem é essa pessoa? O que aconteceu com ela? Como ela chegou lá?
Poder	Nove textos	Publicações que mostram iniciativas para empoderar meninas dentro e fora do esporte de competição. Todos os títulos propõem uma ação positiva.
Reação	23 textos	Publicações que descrevem mulheres e grupos chamados de minorias, como pretos ou pessoas LGBTQIA+, em

		situações de resistência ou quebra de paradigmas. Não necessariamente os textos têm um personagem.
Técnica	22 textos	Publicações com abordagem técnica sobre times ou campeonatos. Inclui análise sobre desempenho, estilo de jogo, histórico de copas, situação das equipes no mercado e gestão da Federação Paulista de Futebol Feminino.
Violência	16 textos	Publicações que tratam de violências diferentes sofridas por mulheres inseridas no contexto esportivo, sejam elas torcedoras, atletas, narradoras, repórteres ou técnicas. Entendemos que a violência pode ser sexual, física, verbal, psicológica, racial e cultural.

Fonte: Elaborado pelos autores

Nas tabelas a seguir (de 7 a 14), dividimos as publicações com mulheres protagonistas segundo as categorias apresentadas:

Tabela 7: Publicações da categoria Ação

Ação	
Data	Título
31/03	Jogo do Palmeiras na Libertadores terá cabine de narradoras
24/04	As mulheres estreiam na Arena em mais um “golaço” do Corinthians
28/04	“As primeiras de muitas”: uma nova geração de narradoras está surgindo
28/05	Manchester United se junta a grandes da Inglaterra e terá time feminino
29/05	Corinthians leva time feminino para jogar no Pacaembu e quer dia histórico
13/06	Esporte Interativo confirma Vivi Falconi como primeira narradora contratada
12/06	Pela 1ª vez, Copa terá narração feminina: o que vem depois?
14/06	Copa do Mundo: abertura histórica tem primeira narração feminina
29/06	Argentinas promovem transmissão feminista da Copa com debate de gênero
06/07	Nova patrocinadora do Flamengo feminino, Avon também investe em Marta
23/07	Copa Sub-20 feminina terá transmissão em TV aberta, saiba os detalhes
24/07	Pela 1ª vez, Barça leva time feminino para pré-temporada nos EUA
21/08	O lugar de São Paulo em que futebol é “coisa de menina”

04/09	Com investimentos de Juve, Roma e Milan, Itália resgata o futebol feminino
14/09	Após sucesso na Copa, Fox contrata narradora
17/09	Quem é a 1ª mulher a presidir um clube da elite do futebol na Argentina
21/09	Demorou, mas chegou: a transmissão 100% feminina do futebol feminino na TV
26/09	A influência de uma mulher na criação dos cartões no futebol
03/10	Com futebol feminino, Santos tem maior público do ano na Vila
03/10	Colo Colo se torna 1º clube do Chile a incluir cota feminina na diretoria
10/10	FPF celebra sucesso do Paulista Feminino e premia craques da competição
20/10	Com apoio da filha de Bob Marley, Jamaica garante vaga inédita para a Copa
22/10	Para cumprir Profut, Bahia corre para viabilizar futebol feminino
14/11	Quem é a mulher que irá chefiar a Premier League, liga mais rica do futebol
15/11	Primeira mulher a se “formar” treinadora pela CBF vive estreia na Copa
23/11	4 mitos que as mulheres quebraram no futebol em 2018
23/11	Pela primeira vez, final da Libertadores será narrada por uma mulher
28/11	Quem é a técnica que levou México à semifinal da Copa do Mundo pela 1ª vez
03/12	Com geração promissora, Espanha conquista seu 1º mundial feminino sub-17
04/12	Quem é a 1ª vencedora da Bola de Ouro e por que houve polêmica na premiação
10/12	Pela 1ª vez na história, Globo transmitirá seleção feminina na Copa

Tabela 8: Publicações da categoria Discussão

Discussão	
Data	Título
16/04	Cheerleaders na festa de abertura do Brasileirão: que ano é hoje?
17/04	Os gols “bizarros” da Copa América e o que o futebol feminino precisa?
10/05	“Tem que gostar muito para fazer futebol feminino na Argentina”
14/05	Corinthians, o “respeito às minas” precisa ir além do clubismo
05/06	Pela 1ª vez, lista de 100 atletas mais bem pagos não tem mulheres; por quê?
06/06	Em 2018, Copa “descobriu” as mulheres
11/06	“Relação torcedor-seleção hoje é cínica e protocolar”, diz Milly Lacombe
17/06	Demoramos, mas chegamos: 1º jogo da seleção narrado por uma mulher
19/06	Para muitos, mulher falando de futebol ainda é aberração, diz comentarista
21/06	Pode abaixar o volume, Terry: vai ter mulher narrando no Reino Unido também
26/06	Por que não há mulheres na arbitragem da Copa – nem no VAR?
28/06	Mulheres deixaram de ser coadjuvantes e iniciam era de protagonismo na Copa
02/07	Não é uma disputa: nem futebol feminino, nem masculino – apenas futebol

05/07	No país da Copa, faltam mulheres para jogar futebol
13/07	Fifa, o problema não é a beleza delas – é a falta de respeito deles
16/07	Como será o futuro da narração feminina pós Copa do Mundo
19/07	Metade das jogadoras de futebol não tem nem salário, nem contrato
21/07	Não dá mais para frear as mulheres no futebol, diz 1ª comentarista da Copa
16/08	O futebol feminino é chato?
28/09	Manifesto pelo direito de torcer: o #respeitaasminas começa por nós
11/10	Inocente ou não, CR7 precisa saber: ninguém quer ficar famosa por estupro
15/10	No país que acolheu Marta, clubes sofrem para sustentar futebol feminino
12/11	Ba-Vi histórico: quando times rivais lutam contra o machismo no futebol
14/12	Por que só há uma mulher entre 64 homens do curso de técnicos da CBF?
20/12	“Futebol feminino é terra do lesbianismo”, diz presidente do Tolima. Sério?
21/12	2018 ou 1940: as mentiras já inventadas para acabar com o futebol feminino
27/12	2018 foi o ano das mulheres no jornalismo esportivo

Tabela 9: Publicações da categoria Heroínas

Heroínas	
Data	Título
21/03	Com apoio de Marta e “maior torcida do país” Manaus quer Libertadores
09/04	Um gol aos 40 no 162º jogo: o que Formiga representa para a seleção
24/07	As melhores do mundo: conheça as treinadoras que dominam o futebol
25/07	Para além de Neymar, precisamos falar mais sobre Marta
31/07	Marta e mais 9: quem são e onde jogam as melhores do mundo
03/08	De jogadora a assistente técnica: a importância de Daniela Alves na Sub-20
07/08	Marta, 14ª vez no prêmio da Fifa: “Ousadia é a mesma da menina de 17 anos”
28/08	Aos 36 anos, Rosana se torna centroavante e vive fase goleadora no Santos
03/09	A genialidade de Marta, mais uma vez entre as 3 melhores do mundo
24/09	Queriam o hexa? Marta trouxe, e o Brasil deve muito a ela
25/09	Marta, seis vezes melhor do mundo: a artilheira dos gols não contabilizados
04/10	CBF exhibe homenagem a Marta em fachada de sede no Rio
04/12	A homenagem a Marta e o reconhecimento que mulheres mereciam no futebol
11/12	Troféu, homenagem e placa perdida: a valorização tardia de Marta

Tabela 10: Publicações da categoria Pessoaalidade

Pessoaalidade	
Data	Título
19/03	A saga de uma mulher que ousa gostar de futebol
29/03	Quando a paixão pelo futebol passa de pai para filha
02/04	Como a paixão pela Copa uniu 50 torcedoras rumo à Rússia
07/04	Futebol de pai para filha: a história do dérbi que começou dentro de casa
18/04	Memórias que nem Alzheimer apaga: torcedora volta a São Januário aos 86
07/06	“Comecei a jogar bola aos 40 anos por causa da minha filha”
13/06	Filha de Fernandão quer realizar um sonho do pai: cobrir uma Copa do Mundo
25/06	A experiência da Copa “sozinha”
08/09	Fanática e sem papas na língua, torcedora de 90 anos levou time a gerações
14/09	A lição da mãe palmeirense sobre o futebol: não precisa ver, só sentir
19/09	A aventura das cruzeirenses que foram à Argentina para jogo da Libertadores
17/10	Seguindo clubes há 50 anos, elas viraram símbolo de Corinthians e Cruzeiro
25/10	Grávida de 7 meses com a bola nos pés: quando o futebol ajuda futuras mães
02/11	Viagem longa e pouco dinheiro: elas buscam o sonho na peneira do São Paulo
15/11	De salto alto e hijab, ela virou craque do futebol freestyle no Irã
17/11	De véu, grinalda e chuteira: a noiva que levou o futebol até para o altar

Tabela 11: Publicações da categoria Poder

Poder	
Data	Título
26/03	Como o futebol levou meninas da periferia de São Paulo para Barcelona
02/05	Por Profut, Bahia faz parceria com São Francisco e terá time feminino
04/06	A Copa do Mundo está aí: chama a menina pro jogo
12/08	O pai que deixou a carreira no escritório para apoiar a filha no futebol
31/08	Elas se uniram por amor à bola e lutaram por espaço no futebol
12/10	Fanáticas, torcedoras mirins fazem sucesso na internet falando de futebol
22/10	Eles criaram o time para as filhas jogar e hoje decidem título brasileiro
29/10	Seletiva do São Paulo para futebol feminino tem quase 200 atletas no 1º dia
03/11	Os planos do Santos FC para desenvolver o futebol feminino de base

Tabela 12: Publicações da categoria Reação

Reação	
Data	Título
22/03	A importância da presença de uma jogadora na divulgação da camisa do Brasil
27/03	#DeixaElaTrabalhar: a primeira linha tática do futebol é a do respeito
03/05	Sobreviventes: em meio à indefinição, o futebol feminino resiste no RN
06/05	Grávida de 8 meses, técnica leva Chelsea ao título com recorde de público
12/05	Ela deixou o futebol 2 vezes pelo filho, mas voltou e vive auge na seleção
01/06	Câmera na mão e banquinho nos pés: o sucesso da repórter no EI na Champions
16/06	“Representa liberdade”: a primeira vez das sauditas no estádio da Copa
21/06	A “intrusa” no banco da comissão técnica croata na Copa do Mundo
30/06	Onde mulheres, negros e gays têm vez na Copa
11/07	Final da Copa do Mundo terá mulher na comissão técnica – e não é a 1ª vez
16/07	A Copa delas: repórteres na Rússia dizem que saem “fortalecidas” do Mundial
01/08	Unidas, jogadoras da Nova Zelândia igualam salários e derrubam técnico
06/09	O que acontece quando 3 torcedoras comandam um canal pra falar de futebol?
10/09	Como separação de filas transformou experiência de torcedoras no estádio
24/09	As mulheres que ousaram treinar times masculinos de futebol
01/10	Com clássico na final e jogos na TV, futebol feminino quer romper barreiras
02/10	Elas trocaram o jornalismo esportivo na TV pela liberdade do Youtube
24/10	Para mulheres, jogar futebol já foi caso de polícia durante a ditadura
30/10	Homens tiveram prêmio 10 vezes maior que as mulheres na Copa; atletas rebatem
31/10	Torcedoras se unem em busca de protagonismo na arquibancada
05/11	Bahia faz futebol ir além do campo em resgate histórico de heroínas negras
12/12	Finalista da Sul-americana, Barranquilla foi fundado por uma mulher
19/12	Quem é a mulher que está mudando a realidade do futebol feminino no Brasil?

Tabela 13: Publicações da categoria Técnica

Técnica	
Data	Título
20/03	Sem estratégia, clubes da Série A não conseguem atingir público feminino
22/03	A 2 semanas da Copa América, seleção feminina faz preparação sem jogos
23/04	Quatro anos de Copa Lily Parr, a melhor copa de todas as copas
26/04	Na Champions feminina, City está na semi e Guardiola pede “conselho”
22/05	Um raio-X da final da Champions League feminina

20/06	Ex-capitã da seleção: o que o Brasil precisa mudar contra a Costa Rica
19/07	Copa do Mundo Feminina: saiba os detalhes do Mundial na França
17/07	Copa do Mundo Feminina: conheça o histórico dos Mundiais
26/07	Marta brilha, mas Brasil joga mal e cai para a Austrália em torneio nos EUA
29/07	Com mudanças no time e gol de Marta, Brasil vence Japão no Torneio dos EUA
24/08	Copa Sub-20: Japão é campeão e nasce uma nova hegemonia no futebol feminino
01/09	Últimas rodadas do Campeonato Paulista tem transmissão 100% feminina
15/09	Sem surpresas, Taubaté chega à semifinal inédita do Paulista Feminino
06/10	Santos empata com Corinthians e é tetracampeão paulista no futebol feminino
12/10	Com garra e sangue no olho, Corinthians é finalista do Brasileiro Feminino
08/11	Libertadores feminina: conheça os grupos, o histórico e perrengues do torneio
19/11	Problemas de organização, calor e golaços: começou a Libertadores feminina
20/11	Com goleada e golaços, Santos vence Colo Colo na Libertadores feminina
29/11	Libertadores feminina: como as mulheres resgataram o futebol em Manaus
30/11	Libertadores feminina: Santos vai à final e Iranduba cai nos pênaltis
07/12	Como os clubes da Série A estão se preparando para ter futebol feminino
10/12	Vaga na 1ª divisão e bi do estadual: as conquistas das mulheres do Vitória

Tabela 14: Publicações da categoria Violência

Violência	
Data	Título
26/03	Por que a esposa do jogador na França não denunciou agressões antes?
12/04	Capital nacional do futsal” tem mais um time feminino fechando as portas
13/04	Assédio, preconceito e exclusão: como é ser árbitra no futebol brasileiro
30/04	Torcedoras iranianas se disfarçam de homem para poderem entrar no estádio
07/05	São Paulo abrirá Morumbi para atendimento de mulheres vítimas de violência
15/05	Em curso sobre Copa, confederação argentina ensina “como seduzir russas”
08/06	Repórteres relatam ausência de banheiros femininos nos estádios
28/06	Mulheres relatam assédios e abusos no país da Copa
02/08	Entre antidepressivos e apoio: a árdua denúncia da repórter agredida no RS
08/08	A hipocrisia do Corinthians com Juninho absolve violência contra a mulher
21/08	Impedidas de torcer: o que aconteceu no Lázio também acontece no Brasil
10/10	Torcedoras LGBT relatam clima de medo após grito homofóbico pró-Bolsonaro
27/09	Time italiano sexualiza garotas no campo para “divulgar esporte feminino”
07/11	As mentiras que as meninas ouvem quando querem jogar futebol

23/11	Itália combate violência doméstica no futebol e dá exemplo ao Brasil
05/12	O beijo não consentido “com todo respeito”: a rotina da mulher no esporte

Depois de dividir as publicações nas oito categorias apresentadas anteriormente, chegamos às sugestões de nomenclaturas e descrições dos valores-notícia da cobertura esportiva feminista do blog Dibradoras. Nesta etapa, que complementa a anterior, consideramos na leitura dos textos características em comum que justifiquem esse agrupamento, representado em cada valor-notícia, conforme mostra o Quadro 3:

Quadro 3: Proposta de tabela com valores-notícia da cobertura esportiva feminista do blog Dibradoras

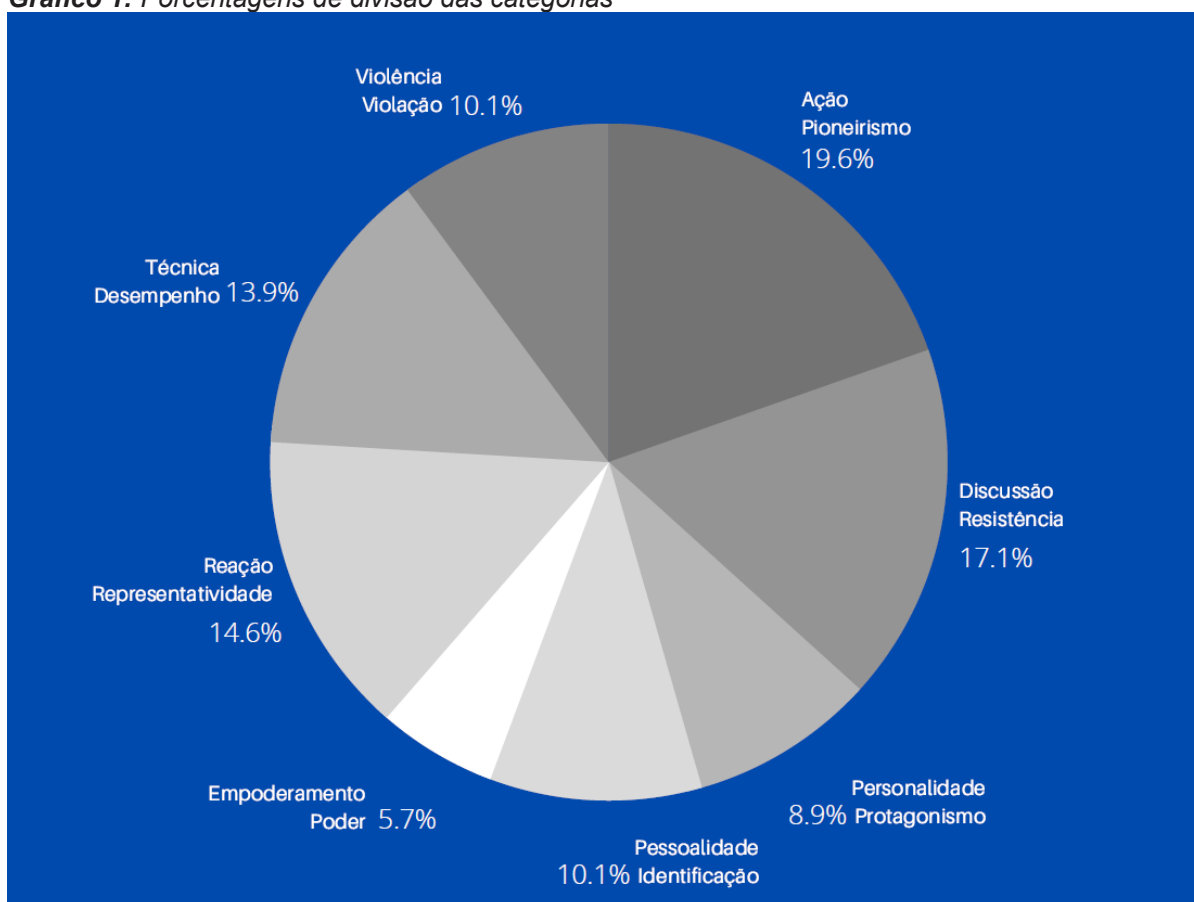
Categorias	Textos	Valores-notícia	Descrição
Ação	31 textos	Pioneirismo	Aqui, o substantivo masculino transforma-se em feminino ao mostrar ações inéditas e pioneiras de mulheres no esporte. O foco aqui está no acontecimento em si e não nas personagens.
Discussão	27 textos	Resistência	Situações, contextos, questionamentos e opiniões que recebem pouco ou nenhum espaço para debate na mídia esportiva tradicional.
Personalidade	14 textos	Protagonismo	Reconhecimento a mulheres que fazem carreira no esporte, mas não recebem espaço compatível ao seu sucesso na mídia esportiva tradicional.
Pessoalidade	16 textos	Identificação	Promove a realidade de personagens desconhecidas que tentam fazer carreira no esporte.
Poder	Nove textos	Empoderamento	Promove iniciativas que conferem poder e oportunidades a meninas e mulheres no esporte.
Reação	23 textos	Representatividade	Promove a reação de mulheres colocadas em lugar de minoria e alguns recortes presentes nesse grupo, como o de mulheres negras e LGBTQIA+.

Técnica	22 textos	Desempenho	Mulheres-atletas e equipes femininas em destaque por ocasião de campeonatos e eventos esportivos; posicionamento de times no mercado; avaliações da Federação Paulista de Futebol Feminino sobre equipes, audiência dos jogos etc.
Violência	16 textos	Violação	Apresenta tipos diferentes de violências sofridas por mulheres no contexto esportivo, de agressões aos assédios moral e físico.

Fonte: Elaborado pelos autores

No Gráfico 1 (na página seguinte), mostramos como ficou a porcentagem da divisão das categorias e valores-notícia acompanhando a mesma ordem disposta no Quadro 3:

Gráfico 1: Porcentagens de divisão das categorias



Fonte: Elaborado pelos autores

Entre as considerações para a Etapa 1 da análise está a de que os três valores-notícia que mais aparecem são desdobramentos do que nós chamamos de categorias de movimento (51,3%), que são: Ação (valor-notícia Pioneirismo, com 19,6% dos textos), Discussão (valor-notícia Resistência, com 17,1% textos) e Reação (valor-notícia Representatividade, com 14,6% textos). As categorias de movimento vão ao encontro do que posiciona o Dibradoras quando afirma que mulher pode gostar, entender e praticar o esporte que quiser.

Por sua vez, os valores-notícia Desempenho, Violação e Empoderamento (categorizados em Técnica, com 13,9 dos textos, Violência, com 10,1% dos textos, e Poder, com 5,7% textos) pertencem ao que classificamos como categorias de engajamento (29,7%). Nelas, as notícias assumem responsabilidades: a de divulgar o futebol feminino como modalidade, a de denunciar as violências sofridas por mulheres inseridas nesse contexto e a de exemplificar o empoderamento no campo esportivo. Já os valores-notícia Identificação e Protagonismo – categorizados em Personalidade e Pessoalidade, com 8,9% e 10,1% dos textos – promovem pessoas, conferem humanidade, conexões e vínculos emocionais, presentes no que intitulamos de categorias de envolvimento (19%). Na figura 42, mostramos como ficou o resultado da categorização:

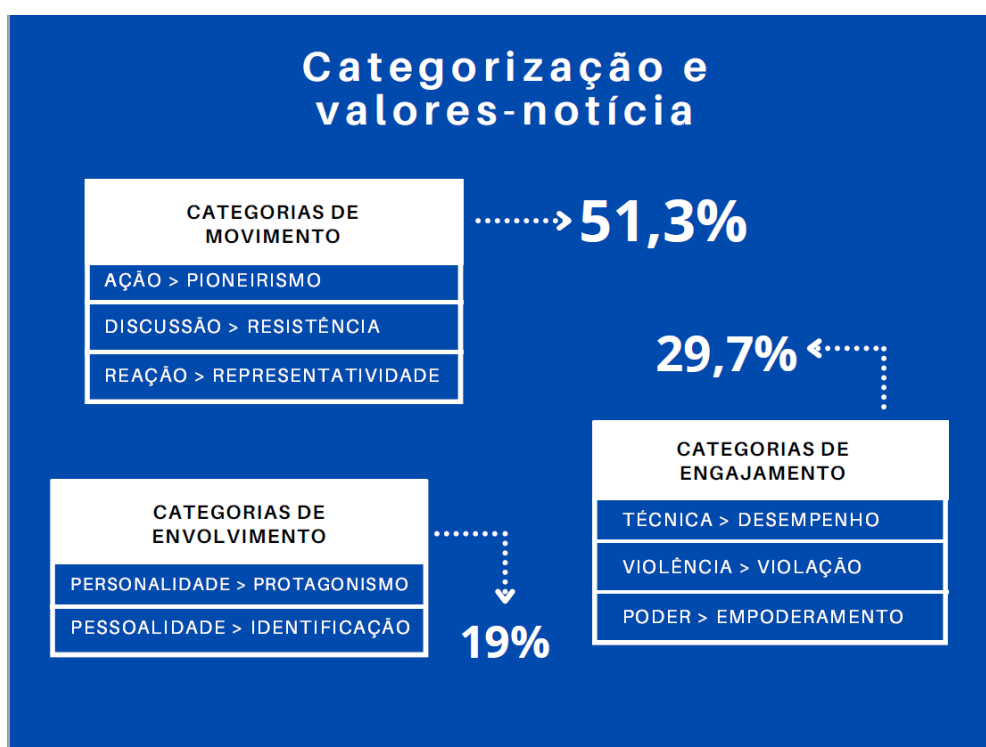


Figura 42: Esquema desenvolvido pelos autores com o resultado da categorização

A análise na primeira instância – localizada na origem dos fatos – se apresenta na escolha inicial de quais acontecimentos serão noticiados e servem de critérios de boa orientação para todo o processo da redação. Por sua vez, a Etapa 2, que iniciaremos no tópico a seguir, está na instância do tratamento dos fatos, em que nos aprofundaremos nas entrevistas.

7.2 DIAGNÓSTICO DA PRODUÇÃO

Nesta etapa, nos concentramos na seleção hierárquica dos fatos, que implica em compreender as dinâmicas de produção do blog. Para isso, trouxemos alguns tópicos discutidos com os entrevistados – em especial, as jornalistas Renata Mendonça e Roberta (Nina) Cardoso e o editor Jorge Corrêa, que estava no UOL Esportes em 2018 – com o objetivo de realizar um diagnóstico que vai incluir informações como parceria com o UOL, periodicidade, prazos, divisão e conteúdo de pautas, relação com as fontes, escolha das imagens, feedback do público, disponibilidade de tempo, decisões editoriais, organização das coberturas e mais.

É importante explicar que os trechos destacados também abordaram a atividade do blog entre 2015 e 2016, mas focaram no ano de 2018, momento em que o projeto passou a integrar a editoria de esportes do UOL e mantinha uma estrutura diferente da atual. Hoje, o Dibradoras conta com site de domínio próprio, uma equipe maior e disponibiliza mais versatilidade de conteúdo. Além disso, as falas da jornalista e uma das fundadoras do blog Renata Mendonça aparecem com mais recorrência, isso porque ela foi entrevistada três vezes, enquanto Roberta (Nina) Cardoso foi entrevistada uma vez. Não entrevistamos a publicitária e terceira integrante Angélica Souza.

a) UOL

Jorge Corrêa (2018), ex-editor do UOL Esporte, explica que, desde 2016, houve a necessidade de acompanhar demandas sociais – que, no caso, pediam conteúdos menos heteronormativos no segmento:

Eu estou aqui desde 2008, então eu tinha feito a Olimpíada de 2008, 2012 e as Copas de 2010 e 2014. Na Olimpíada de 2016 foi a

primeira vez que nós não tivemos um álbum de musa. Nós passamos por um processo de desconstrução, a chefia, a empresa. A gente percebeu que não cabia mais. A grande questão também é que as pessoas que estavam ali antes, que eram contra essa linha editorial machista, não necessariamente tinham a voz para conseguir se impor. É a evolução de uma sociedade, evolução do jornalismo que chegou à redação e, finalmente, a gente conseguiu, em 2016, acabar com isso (CORRÊA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 366)

Segundo Corrêa (2018), no entanto, não há um manual que aponte diretrizes para cumprir orientações nesse sentido:

A gente prefere inculcar no dia a dia. Olhar aquela pauta, criticar aquele título. Acho que a única coisa que a gente colocou no papel, de regra, foi, por exemplo, banir a palavra musa. Banir matérias também: tipo (falar da) esposa de alguém, ela nunca é a esposa do jogador. Se a matéria só existe porque ela é a esposa do jogador, não tem matéria. Então, quando a mulher é só o objeto da matéria, a gente não faz (CORRÊA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 370).

É nesse contexto de novos direcionamentos que o Dibradoras passou a integrar o time de blogs do UOL Esporte. Renata (2018) explica que houve uma colaboração durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016), depois alguns textos pontuais – o primeiro foi sobre a acusação de estupro do Robinho, também naquele ano – até chegar a um convite formal e com contrato. A parceria começou em março de 2018, após uma reunião:

A gente conversou com dois editores lá e eles falaram: “Vocês têm liberdade total aqui de escrever sobre o que que quiserem. A gente não vai ter nenhum tipo de chancela, sabe? Não vou precisar ler e nada. É legal, se vocês conseguirem, mandar um planejamento só pra gente alinhar aqui dentro, pra gente não bater cabeça”. Então a gente tem uma comunicação muito boa com eles, tanto de eles pedirem alguma coisa, quanto da gente falar: ‘Oh, a gente viu essa notícia e vai fazer’ ” (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 325).

Renata (2018) afirma que fazer parte desse momento de mudança cultural dentro do UOL favorecia a comunicação, a ponto de haver espaço para apontar quando a matéria não faz uma abordagem adequada: “O editor que nos convidou era um cara muito comprado nessa ideia, ele queria transformar mesmo a forma como o UOL cobria esporte (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES

DAS ENTREVISTAS, p.325). A jornalista lembra do episódio em que um blog interno chamado Na Vitrine se referiu à tenista Serena Willians como mulher-gato e “famosa por seus looks dentro de quadra”:

Essa era a primeira frase da matéria. Aí eu falei cheguei paro editor e eu falei assim: Famosa pelos seus looks? A mulher é a mulher que mais... É a pessoa que mais ganhou no tênis e você me fala que ela é famosa pelos seus looks, velho? Daí a gente conversou e ele falou: “Concordo com você. Vamos fazer o seguinte? Faz vocês um texto sobre isso”. Aí a gente fez o texto e esse texto foi para home, ficou o dia inteiro na home, deu super certo (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 327).

Jorge Corrêa (2018) confirma que, na época, houve o reconhecimento do erro e que muitos tropeços aconteciam na redação, que é majoritariamente masculina – o blog Na Vitrine era conduzido por dois homens. Mas que, além de começarem a se atentar à linguagem que utilizam nas reportagens, existe a preocupação de procurar mulheres repórteres para desenvolver pautas que resguardem o lugar de fala feminino e até de sugerir que o Dibradoras escreva esse conteúdo. Por exemplo: o texto sobre Serena que rebatia o que foi publicado anteriormente explicou que a escolha da roupa de jogo era pós-maternidade, pois a atleta teve complicações no parto e estava acima do peso, não tinha relação com moda.

Outra situação lembrada por Renata (2018) trata-se de um desentendimento com o jornalista esportivo Maurício Noriega, que, durante transmissão no SporTV, falou que ensinaria mulheres e crianças sobre “a linha de 4”, que funciona como uma alternativa tática dentro do jogo. No Twitter, o perfil do blog criticou o comentário de Noriega, conforme mostra a figura 43:

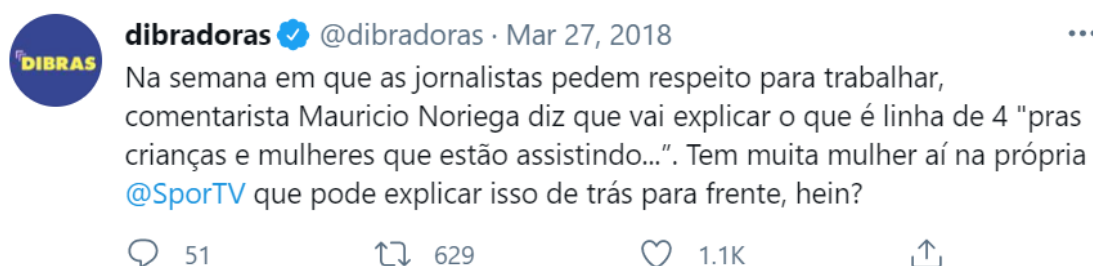


Figura 43: Reprodução de tweet feito pelo perfil do blog

Na mesma semana, o Dibradoras publicou um texto com o título “#DeixaElaTrabalhar: a primeira linha tática do futebol é a do respeito”, que fazia referência a um movimento das jornalistas esportivas que se reuniram em um vídeo para expor casos de comentários machistas, assédio, piadas e mais. Em nenhum momento Mauricio Noriega foi citado, apesar de o recado ter ficado implícito. No entanto, ao chamar a matéria na home do UOL, a equipe responsável escolheu a foto dele como capa. Renata (2018) conta que, imediatamente, solicitou que a imagem fosse trocada: “A gente não colocou uma foto do Noriega lá dentro e a gente não quer que seja um ataque ao Noriega. E eles trocaram na hora” (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 330).

Esse diálogo constante, que partia tanto das jornalistas do blog, quanto do time de esportes do UOL, de acordo com Roberta (2018), era importante para além daquele contexto de decisões práticas:

A gente está falando com profissionais que trabalham dentro de um veículo e, querendo ou não, se hoje eles estão no UOL e amanhã eles forem pra outros lugares, eles vão levar essa consciência. Do tipo: “pô, esporte x que eu tô trabalhando, quando eu fazia no UOL tinha esse tipo (de abordagem)”. Então vai levar isso para fazer outro tipo de cobertura, em outro lugar. Eu acho legal mudar a cabeça não só do torcedor, mas também de um profissional (CARDOSO, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 333).

A mesma dinâmica também refletiu na primeira grande cobertura que o Dibradoras realizou em parceria com o UOL, que foi a Copa do Mundo de Futebol Feminino da França, em 2019. Na ocasião, Renata, Roberta e Angélica já tinham deixado seus respectivos empregos e focavam apenas no blog, no entanto, apenas as duas primeiras viajaram para o evento:

O UOL deu um boom muito grande. E aí eu acho que a gente foi entendendo, a gente teve que organizar uma cobertura enorme de Copa Feminina, sabe? Eu já tinha mais experiência em Copa, mas a Nina nunca tinha ido em nenhuma e, mesmo assim, era assim a primeira vez que ela estava organizando um negócio pra o seu próprio negócio (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 376).

Além de crescer em seguidores nas redes sociais, o Dibradoras se tornou ainda mais procurado como referência de conteúdo esportivo:

Foi sensacional, a gente ficou em audiência no UOL, a gente superou o PVC [Paulo Vinícius Coelho], a gente superou o [Blog do] Menon, superou boa parte dos blogs de maior audiência e ficou muito perto do Blog do Mauro César. Pra você ter noção, isso num período que também teve Copa América [masculina], ou seja, teve assunto também pra eles (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 376)

Segundo Renata (2019), a organização começou em janeiro de 2019 e a decisão foi de comprar as passagens mesmo que o UOL não pudesse arcar com os custos:

Aí a gente conversou no UOL, eles tinham interesse que a gente apresentasse uma proposta, pra ver o quanto eles poderiam pagar disso, e a gente começou a fazer o planejamento por cidade, hotel, toda a logística, né. Inicialmente a gente tinha planejado ter uma repórter com seleção e uma mais solta, só que depois a gente mudou isso. Primeiro, por questões financeiras, porque a gente entendeu que ia ser mais barato se a gente mantivesse as duas (juntas), e o UOL não bancou tudo da nossa cobertura. Segundo, porque a gente entendeu que a demanda do Brasil estaria muito na seleção feminina, que seria muito importante a gente estar completa nisso. A Nina também não tinha experiência em cobertura de grande evento, então seria interessante a gente estar juntas, porque a gente tinha mais força junto. Isso foi muito legal, a gente percebeu no resultado, porque a nossa cobertura ficou mais divertida, mais dinâmica, e aí as pessoas gostaram muito disso. Então eu acho que foi uma decisão acertada. Mas aí a gente entendeu a logística, beleza. Fomos atrás das coisas: ‘como que a gente vai bancar isso?’ A gente conseguiu uma parte de grana pelo UOL, que bancou parte de uma pessoa. Eles iam, tecnicamente, bancar uma pessoa, uma de nós por inteiro, mas não bancaram. Não bancaram hospedagem, bancaram a passagem, bancaram uma parte da alimentação e deram uma ajuda de custo a mais. Mas, assim, não chegou a cobrir o custo de uma pessoa só (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 377).

Com essas limitações, ela explica que houve a necessidade de buscar outras parcerias para realizar a cobertura:

A gente conseguiu um projeto com a PANINI sobre a divulgação do álbum (de figurinhas), que também deu um resultado gigantesco, eles ficaram impressionados. Foi a divulgação do álbum, a gente fez toda a produção, stories e tal. E fizemos também parte do conteúdo deles da Revista Jogão, que é uma revista que foi sobre Copa América e Copa do Mundo Feminina, e aí esse dinheiro também ajudou a bancar a Copa. A gente conseguiu fechar um projeto com o Itaú, bem menor do que inicialmente eles tinham pensado, porque todas as marcas começaram a bater na nossa porta faltando duas semanas para Copa, entendeu? Foi inclusive um grande desafio, porque a gente estava querendo focar em conteúdo, isso foi o maior desafio. A gente não

podia pensar só em conteúdo, a gente tinha que pensar em tudo, porque não tem uma equipe fazendo nada. É meio o que acontece no futebol feminino, sabe? (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 377).

Além dessas, foram fechadas parcerias com o Google – sobre o Museu do Futebol e o Museu do Impedimento, plataforma criada para reunir histórias sobre o futebol feminino –, com o Gatorade e com o Spotify. No caso do UOL, por mais que o portal tenha arcado com parte dos custos da viagem, isso não interferiu na autonomia da cobertura:

O que o UOL faz, e isso é uma parceria legal que a gente tem, é que eles têm um editor lá que, entre aspas, cuida da gente, no sentido de estar mais em contato com a gente e essa pessoa vai sugerindo. Então o que a gente fez? Antes da Copa, eu pedi para fazer uma reunião, porque eles iam ter uma pessoa lá também, a Ana, e aí a gente conversou sobre as pautas que já tinha pensado (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 378).

Essa organização, que começou aproximadamente cinco meses antes do início da Copa do Mundo de Futebol Feminino, possibilitou uma chegada “antecipada” do Dibradoras, que acompanhou a seleção do Brasil desde a preparação, em Portugal. Até dois dias antes da despedida do grupo rumo à França, o blog era a única mídia brasileira presente no local. A presença do Dibradoras em Portugal e na França estabeleceu uma relação de proximidade entre o blog e as atletas do futebol.

Renata (2019) explica que, enquanto profissionais fazendo a cobertura da Copa do Mundo de Futebol Feminino da França, ela e Roberta identificaram entre as jogadoras um sentimento em comum: além de “brigar” por resultados, elas sentem que ainda precisam lutar por condições de trabalho, salários iguais e visibilidade. Ou seja, se as jogadoras se preocupam em jogar futebol agregando também todas essas questões, por que não há mais ninguém brigando ou lutando ao lado delas?

Com o fim da Copa e a credibilidade que o blog recebeu por meio da audiência crescente e da própria relação diária com as atletas durante o evento, o Dibradoras se tornou plataforma importante para as reivindicações que as jogadoras acumularam ao longo da história do futebol feminino – sempre lembrando que, por mais que outras modalidades sejam pautadas, o peso dado ao futebol feminino é maior. Dessa maneira, o blog possibilita perspectivas de cobertura que vão além do que o jornalismo esportivo oferece em sua maioria. No tópico a seguir, falaremos sobre a maneira como o Dibradoras organiza sua produção e as características dela.

b) Organização e características da cobertura

Renata Mendonça (2021) explica que aquele foi o momento em que p Dibradoras ganhou um status profissional, deixou de ser um hobby – ou uma outra ocupação além dos empregos das pessoas envolvidas – para se tornar uma responsabilidade profissional:

Cada um tinha seu respectivo emprego e a gente ainda não ganhava dinheiro com o Dibradoras, tinha uma coisa ou outra pontual, evento de SESC, que a gente já tinha feito, mas nada considerável que a gente conseguisse pensar: “Pô, vou sair do meu emprego, vou levar isso daqui mais a sério”. Eu lembro que, na minha cabeça, 2018 era o ano para eu decidir: Isso aqui vai dar certo e eu vou conseguir levar a minha vida profissional com isso, então vou sair do meu trabalho”; ou a resposta vai ser: “Isso aqui vai ser uma coisa que eu gosto de fazer, um hobby que eu vou fazer quando dá, mas não vou levar profissionalmente”. Eu trabalhava na BBC na época, você lembra como estava o Brasil em 2018? Uma grande loucura. Então, não era muito simples conciliar, e a Nina tinha outro emprego também, ela trabalhava na Samsung, era de assessoria de imprensa. Aí quando veio o UOL, a gente falou: “Bom, agora a gente tem que (decidir)” (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 499).

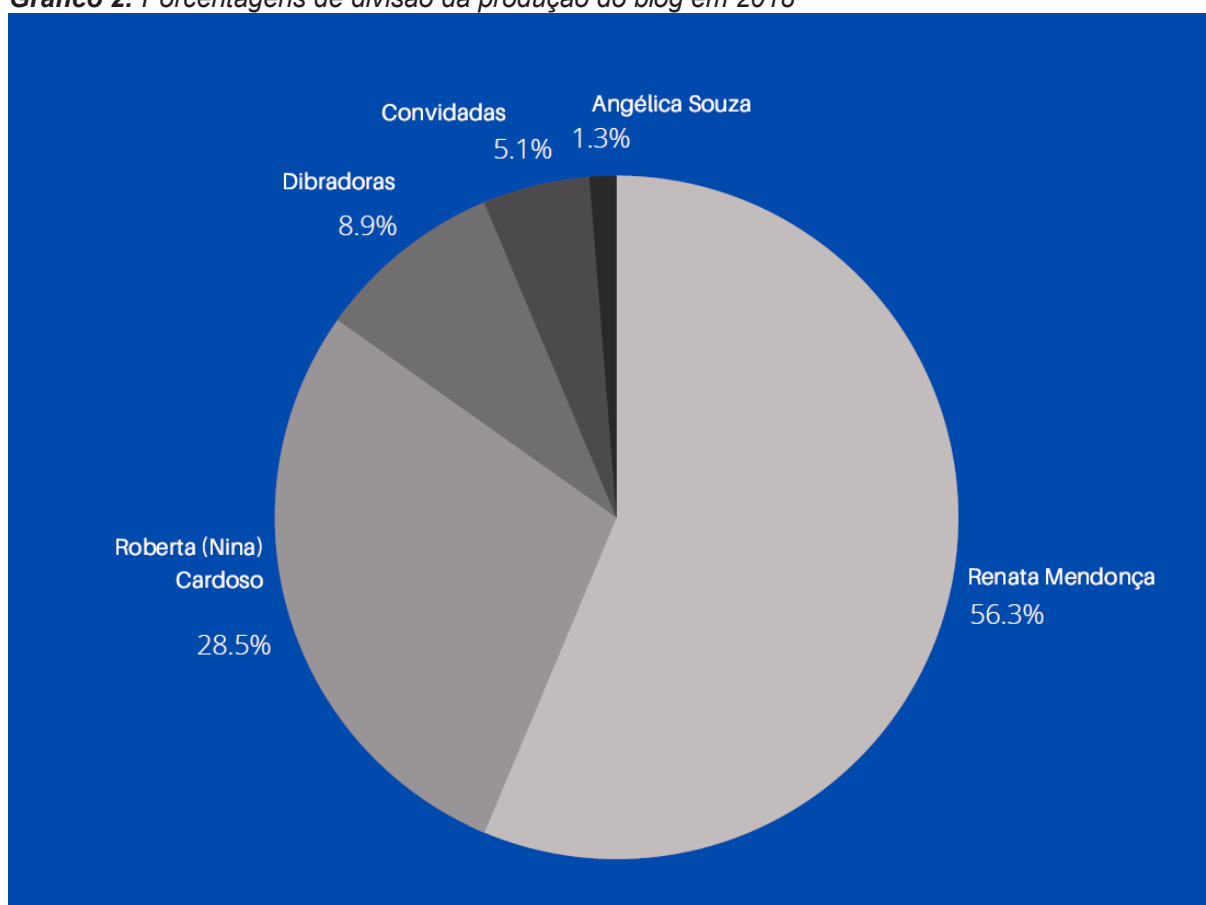
A jornalista afirma que, antes do vínculo com o UOL, havia a tentativa de manter a periodicidade de três matérias por semana. No entanto, a partir do compromisso com o portal, a exigência era de cinco, o que totalizava 20 publicações no mês. Sobre a divisão de quem escrevia os conteúdos, Renata (2021) diz que ficava com a maioria:

Isso dava 20 matérias ao longo do mês, mas, em geral, a gente postava um pouquinho mais. Na maioria das vezes eu fazia, pelo fato de que, como sempre trabalhei com jornalismo, com site, eu tinha muita agilidade para fazer, então eu conseguia fazer coisas mais rápidas. E aí vinha, vamos supor, notícia de hoje foi sorteio da Olimpíada, cara (sic), em 15 minutos eu consigo subir essa matéria no ar. Então eu fazia muito isso, às vezes durante o meu trabalho. Acho que se você olhar ali, na época, tinha assinatura, né? Acho que a maioria está com meu nome. Então, a Nina ia fazendo coisas com mais tempo (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 499).

Do total de textos que compõem a tabela 6, 89 são de autoria de Renata Mendonça; 45 são de autoria de Roberta (Nina) Cardoso; 14 são assinados apenas por Dibradoras; oito são de autoras convidadas (Amanda Porfírio, Beatriz Cesarini,

Juliana Lisboa, Tamara Finardi, Nayara Perone e Maria Vitória Poli); e dois são de autoria de Angélica Souza, que não é jornalista e atua principalmente na produção de conteúdo nas redes sociais – que não são foco deste trabalho. No Gráfico 2, demonstramos como fica essa divisão na produção de textos sobre futebol feminino no ano de 2018. Importante lembrar que o gráfico indica as porcentagens em relação às 158 publicações que consideramos para análise e não à totalidade do que foi compartilhado pelo Dibradoras durante o período.

Gráfico 2: Porcentagens de divisão da produção do blog em 2018



Fonte: Elaborado pelos autores

Quando questionada sobre ser ou não um conteúdo alternativo inserido em um grande portal, Renata Mendonça (2019) pondera:

Eu acho que a gente continua sendo uma mídia independente e alternativa, no sentido de que a gente não faz o mesmo que todo mundo faz, mas, sim, a gente tem muito mais visibilidade. Com certeza, o UOL elevou totalmente o patamar, acho que foi uma construção ao longo dos últimos quatro anos, que fez com que a gente

virasse meio que uma referência nesse conteúdo (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 397).

Por mais que a primeira cobertura de um evento esportivo feito pelo Dibradoras e financiado parcialmente pelo UOL tenha sido a da Copa do Mundo de Futebol Feminino da França (2019), a presença de Renata na Copa do Mundo FIFA (2018) resultou em conteúdo para o blog em nosso período de análise, com um recorte feminista e de gênero para o campeonato masculino. A jornalista lembra que o ambiente na Copa das mulheres remetia a algo mais familiar, com crianças, mulheres e famílias inteiras acompanhando os jogos – o que de certa forma promovia mais “segurança” para estar ali:

Quando eu cheguei lá, a primeira pauta que eu fiz foi “viajando sozinha”. Eu fui com meu namorado, só que, no primeiro fim de semana, ele ficou em Moscou e eu viajei para ir a um jogo da Inglaterra em Misne. Reservei um hostel e fui sozinha, não conhecia ninguém. Eu queria contar um pouco da experiência de viajar na Rússia no meio de uma Copa do Mundo sozinha. Foi uma matéria superlegal também, fiz amizade, ainda que sempre com os receios de ser uma mulher sozinha viajando. Foi uma pauta que a gente sugeriu, conversei bastante com a Nina, com a Angélica, “o que a gente pode fazer?”. E algumas coisas foram surgindo lá também. (...) Acho que foi a primeira Copa que eu já tinha um olhar, vamos dizer assim, feminista. Não que eu não fosse feminista na época (e 2014, na Copa anterior), mas é porque essa Copa de 2018, eu já tinha um olhar de “esse é um evento que não é para a gente, entre aspas”. E está acontecendo num país que definitivamente não quer que as mulheres estejam nesse lugar. E aí é muito louco como você começa a perceber umas coisas, a quantidade de homens, porque eu estava sempre procurando mulheres e era difícil achar (...). E é um ambiente que acaba sendo realmente muito hostil, porque eram muitos homens bebendo e consumindo drogas. E quando você olha para a Copa Feminina, nossa, é absolutamente diferente (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 502).

Em 2018, assim como o Dibradoras se organizava para atuar profissionalmente pela primeira vez e descobria quais caminhos a produção seguiria na parceria com o UOL, editorialmente, o blog também fazia experimentações. Segundo Jorge Corrêa (2019), ex-editor do UOL Esporte, não só o pioneirismo na abordagem, mas esse lugar de referência, ficam mais claros quando o Dibradoras avança para outros cenários – de blog iniciante para espaço diário no UOL, que seguiu com participações da Renata no SporTV e coluna semanal da jornalista na Folha:

Então acho que isso demonstra muito sobre o pioneirismo delas. Eu acho que a principal evolução do trabalho delas é tratar o futebol feminino sem coitadismo. Tratar o futebol feminino com coitadismo foi um amuleto utilizado durante muitos anos. Na verdade, até a última Copa, até a Copa de 2015 era mais ou menos isso: “Ai, a história de superação, sofrimento”. Ainda se escorrega um pouco nisso. Sempre que você vai falar da Marta, por exemplo, você vai falar da menina que saiu do interior. E eu acho que as Dibradoras, elas conseguiram passar um verniz de mainstream pro futebol feminino, tratar o futebol feminino da mesma maneira que a gente trata qualquer outro, qualquer outro, qualquer outro esporte, qualquer outra modalidade ou mesmo o futebol masculino. É claro que elas continuam apontando as situações ruins do futebol feminino, que não são poucas, mas é muito mais uma questão de cobrança, do que necessariamente de dar essa ideia de tipo: “Olha como elas precisaram se superar, ai coitada que elas são” (CORRÊA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 431).

Sobre isso, a jornalista explica que esse tipo de abordagem fez parte de uma série de descobertas que aconteceram enquanto o blog buscava um direcionamento:

Foi um negócio que foi sendo construído junto com a gente e eu acho que hoje a gente costuma dizer que dá pra encontrar a protagonista mulher no esporte em todo lugar. Até no ano passado, a gente foi na Copa masculina e a gente só destacou o protagonismo da mulher, entendeu? Então, assim, é meio que isso que a gente tenta fazer, encontrar o protagonismo da mulher. A gente tá sempre com o olho assim num lugar: onde a mulher tá aqui, sabe? Então, por exemplo, fotógrafo do campo, você nunca vê mulheres. Achei uma mulher, peraí (sic) eu vou conversar com ela, porque eu quero mostrar que existem mulheres como aquela. E isso vai ajudar que outras queiram estar ali. Lógico que é muito chato você ficar lendo coisa negativa o tempo inteiro, sabe? A gente também sentiu isso, quando a gente começou a falar de futebol feminino, a gente começou a ver algumas coberturas que era muito reclamar e não é que a gente acha que tem que elogiar, não. Mas como a gente transforma essa cobertura num negócio legal? E eu acho que as histórias trazem muito disso. É óbvio que a gente vai cobrar a CBF, quem quer que seja que tenha que ser cobrado, mas também precisa contar as histórias, sabe? De uma maneira que não precisa ser só coitadinha dessa jogadora (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 398).

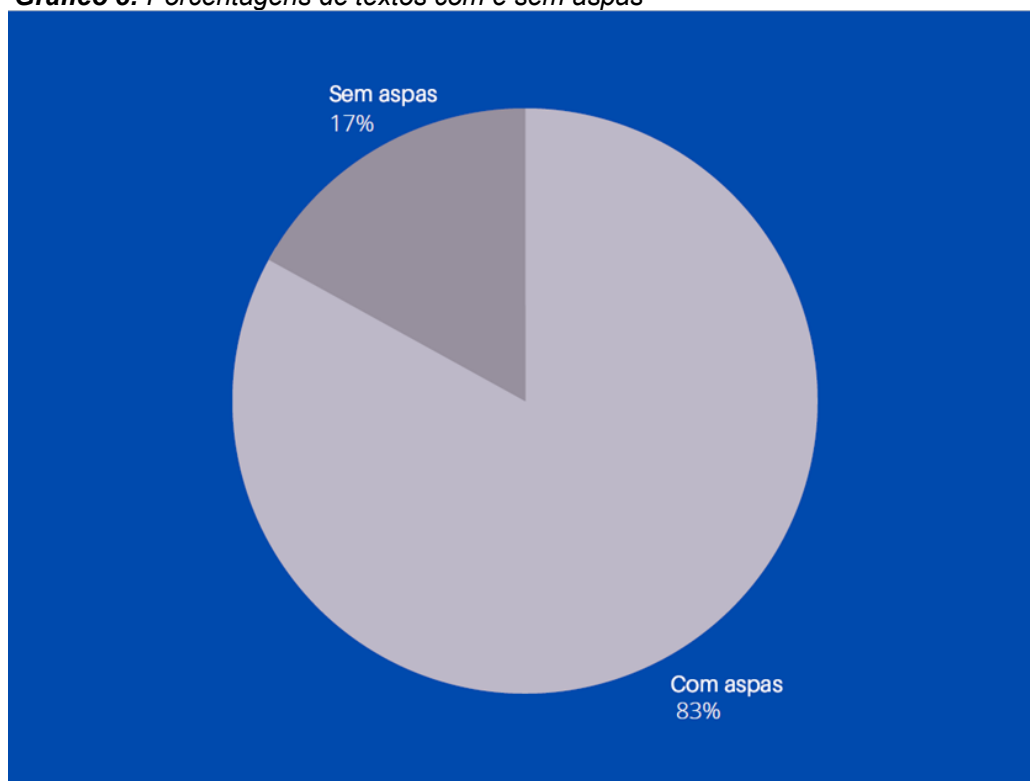
Renata (2019) defende também o caráter jornalístico do conteúdo, ainda que, muitas vezes, com características do jornalismo opinativo:

A gente usa muito a base do jornalismo, nosso conteúdo é um pouco diferente dos outros blogueiros, que são pura opinião (...) A gente acredita que o conteúdo do futebol feminino ou das mulheres no esporte precisa de mais informação do que só opinião, ao contrário do futebol masculino, que você tem informação em todo lugar. E e aí o

blog vem com o diferencial da opinião. Você não tem informação, então a gente também tem que informar, não adianta eu pegar e dar uma opinião sobre: “Vadão tem que sair da Seleção”. E fazer quatro parágrafos dizendo que ele tem que sair, só. Eu tenho que trazer os dados, eu tenho que trazer quantas vitórias ele teve, quantas derrotas ele teve, como que ele chegou até ali, como que o Brasil estava no ranking. A gente embasa muito bem porque a gente acredita que não existe as informações, as informações que as pessoas precisariam saber pra ler só uma opinião, não existem, né, não são fáceis de serem encontradas. Então, tudo a gente tem um cuidado jornalístico muito bom. Acho que é isso: eu diria que 80% do nosso trabalho é jornalismo e 20% é opinião (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 380).

Para fortalecer esse argumento, buscamos identificar nos textos se eles se apoiavam em fontes (veja o Gráfico 3). Todas as publicações recorrem a fontes oficiais, primárias e secundárias; por sua vez, as diretas, com aspas, aparecem em 83% (132) das matérias, confirmando a previsão de Renata sobre o trabalho desenvolvido:

Gráfico 3: Porcentagens de textos com e sem aspas



Fonte: Elaborado pelos autores

Muitas experiências pessoais de Renata, Roberta e Angélica estão presentes nas reportagens de 2018, especialmente quando havia a intenção de deixar claro para

quem lia os textos que, quem escrevia, também passava por esse processo de descoberta sobre a relação mulheres e esporte:

Eu acho que para o nosso trabalho em geral e até para o trabalho que a gente começou a levar no UOL, envolvia muito uma percepção de que a gente mesmo estava descobrindo as coisas. Ao mesmo tempo que a gente trabalhava por isso, pelo espaço da mulher no esporte, a gente foi meio que tirando a venda dos nossos olhos, que a sociedade coloca nos seus olhos para começar a enxergar o tanto de problemas que no esporte são vistos como natural. Tudo é natural. Então, em muitas ocasiões, tanto no UOL quanto nas nossas redes sociais, a gente trazia as nossas experiências pessoais porque eu acho que as pessoas conseguem se identificar mais quando você traz uma experiência pessoal e eu acho que não dá para ignorar que a gente foi criada assim, que eu por 25, 26 anos da minha vida consumi esporte sem notar que não tinha mulher transmitindo, jogando, que eu não via mulheres nesse meio. Eu não notava isso. Então, para mim é importante, para o nosso trabalho é importante a gente trazer essas experiências, porque isso faz com que as pessoas que estão vendo, elas tenham a mesma descoberta que a gente, sabe? Porque não adianta você ignorar, “não, acabou, o mundo tem que ser outro”. Não, o mundo não vai mudar de um dia para o outro. Se você sempre aprendeu isso, viu isso, reproduziu isso, não é do dia para a noite que todo mundo vai acordar e falar assim: “Nossa, é verdade, tem que ter mulher no esporte” (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 503).

Não só em texto, mas também em imagem, as “dibras” apareciam nas publicações. É possível notar que essa abordagem de aproximação com as próprias autoras se deu nos primeiros meses da parceria com o UOL, em matérias como “A saga de uma mulher que ousa gostar de futebol” ou “Quando a paixão pelo futebol passa de pai para filha”, ambas de março:

A gente usava muito as nossas experiências pessoais para mostrar para as pessoas “você acha que faz sentido ligar a televisão e ver só homens?”. Tem um post que eu falo da minha história no futebol, do meu pai não ter me levado no estádio e tal, eu ponho uma foto, eu lembro que tem uma foto de quando eu levei meus pais para o estádio e tal. Então, assim, eu acho que com essa experiência pessoal as pessoas vão olhar e falar: “Caraca (sic), talvez, se eu tivesse uma filha, também não teria levado ela para o estádio e agora eu estou percebendo”. Essa coisa não é nem só pela conexão pessoal com a gente, acho que é conexão com a causa, entendeu? É meio que pela nossa experiência, fazer as pessoas se conectarem com a causa e falar assim: “É verdade, não deveria ser assim”. Acho que é essa conexão que a gente tenta estabelecer (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 504).

Ainda sobre o texto, Renata (2021) explica que existe preocupação com termos sexistas ou em evitar construções que limitam a percepção do futebol como lugar de mulher. Por exemplo, usar Copa do Mundo Feminina em vez de Copa do Mundo de Futebol Feminino, ou, Seleção Brasileira Feminina, não Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Por outro lado, ela afirma que essa não é a principal causa ou engajamento do Dibradoras neste momento:

Eu acho que tem outras coisas mais importantes do que isso, então eu entendo e concordo com as pessoas que defendem que não dá mais para usar esse termo, mas eu não acho que esse é o maior problema. Então, eventualmente, você vai ver nos nossos textos, porque, às vezes, eu acho que fica também maçante, sabe aquelas palavras que viram, não é vício, mas sabe quando você olha para aquela palavra e tipo: “A militante de não sei o que”. Eu acho que as pessoas criam uma aversão a isso, entendeu? No fim, eu não acho isso legal, porque isso limita a sua comunicação, porque aí a pessoa que olha para essa palavra, “putz, já não vou ler isso aqui”. E não estou criticando quem faz essas coisas, só que eu acho que para uma comunicação mais efetiva, a gente sim precisa pensar na maneira como a gente vai se comunicar e eu não quero que as pessoas leiam o primeiro parágrafo e falem “puta, que saco esse discurso”, entendeu? Então eu acho que quando você fica lendo “futebol de mulheres”, às vezes você fica “ah, olha lá”, sabe? Mas eu não vejo isso como uma grande prioridade, acho que tem um monte de coisa que tem que vir na frente antes da gente defender o fim da expressão futebol feminino, por exemplo (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 511).

Segundo a jornalista, outro cuidado da equipe, de maneira geral e especialmente no UOL, tem a ver com palavras que poderiam afastar alguns leitores: “Eu evitava colocar feminismo ou feminista no título, muito nessa lógica de que quantas pessoas vão deixar de ler por que tem essas palavras? E são normalmente as pessoas que mais precisam ler” (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 511). Renata acredita que a mensagem não pode chegar apenas a quem se identifica com o conteúdo. Para ela, vigiar questões de terminologia podem afastar aqueles que precisam ter contato com os textos para começarem a pensar de forma diferente e impulsionar mudanças culturais e estruturais significativas. No tópico seguinte, falaremos sobre as impressões em relação ao público do blog.

c) O público do Dibradoras

Para falar sobre o público do Dibradoras, é importante estabelecer que ele passou por mudanças desde o surgimento do blog. Em 2015, pela visibilidade que ainda era discreta, as pessoas que acompanhavam as dibras estavam inseridas principalmente em um nicho (ainda bem pequeno) de interesse sobre futebol feminino. Depois, com a repercussão que as ações nas redes sociais – Facebook e Twitter – tiveram durante as Olimpíadas, esse público avançou, mas se manteve majoritariamente feminino. Já em 2018, a chegada ao UOL colocou o Dibradoras à disposição de uma maioria masculina que consome o conteúdo esportivo do portal. Ainda assim, Renata Mendonça e Roberta (Nina) Cardoso (2018) consideram que, naquele momento, a proporção era de 60% mulheres e 40% homens:

Isso também é muito interessante, porque a gente vê vários homens chegando na nossa página e marcando mulheres que eles conhecem. E dentro do UOL, a gente teve esse feedback, já logo no início. Quando eles fizeram reunião com a gente, para convidar a gente pra ter um contrato lá, eles falaram: “Cara, o mais legal é que a gente apresentou o conteúdo de vocês pros caras mais picas (sic) aqui, que são machistas pra caralho (sic), e eles olharam e falaram, ‘nossa, que legal esse conteúdo’”. Então, assim, eu acho que isso é um objetivo que a gente tem, entendeu? Não é que a gente não se identifica como feminista. A gente não fica todo texto escrevendo lá: somos feministas. Porque eu acho que também precisa de atitudes. (...) Só que você percebe no texto. Porque não adianta você ficar falando pra quem já é teu público, entendeu? Não adianta a gente continuar discursando para quem já entendeu a causa. A gente precisa discursar para quem não entendeu a causa. E acho que no UOL a gente tem tido esse processo também (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 323).

As jornalistas lembram do texto sobre a narradora Isabelly Moraes, que foi a primeira mulher brasileira a narrar um gol de Copa do Mundo na televisão e repercutiu entre leitores homens. A transmissão foi feita pelo Fox Sport e aconteceu em 2018:

Toda vez que a gente faz matéria sobre narração feminina, no UOL, toda vez, toda vez chove comentário horroroso. E a gente tinha feito dois dias antes uma matéria sobre “Copa terá a primeira narração feminina. O que vem depois?”, e essa matéria tem, tipo, cinquenta comentários e os cinquenta comentários descascando (sic), falando que isso é um absurdo. Mas na matéria da Isabelly a gente colocou um tuíte nosso, tinha um vídeo do início da narração dela e aí várias pessoas, vários caras, falaram assim: “Nossa, excelente, ouvi a

narração, gostei”. Eu falei: “Gente, ela não teve nenhum comentário... Tem dois comentários assediosos, um comentário ruim e os outros são elogiosos. Será? Isso aqui é um marco na história do UOL”. (...) Então, porra (sic), ter essa repercussão, caralho (sic), a gente tá conseguindo atingir os mais escrotos dos caras (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 324).

Roberta (2018) fala sobre a sensação de conforto que existia antes de o blog ir para o UOL. De acordo com ela, “todo mundo achava tudo maravilhoso. Vocês são incríveis, não sei o quê. Pra ir pra lá, onde a gente é xingada, onde a gente é chamada de mimizenta (sic), onde ninguém sabe falar nosso nome”. Sobre as recorrentes críticas feitas pelo público masculino ao nome Dibradoras logo que elas integraram a blogosfera do UOL, existe um misto de diversão e inconformismo: “Também é um desafio pra gente. Não é legal você ouvir crítica, não é legal você não poder retrucar, ‘cara, para de ser burro’. Sabe assim?” (CARDOSO, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 332).

De acordo com Jorge Corrêa (2018), os dados sobre quem é o público do UOL Esporte – portanto, quem estava em contato com o Dibradoras enquanto era um blog no portal – é algo incipiente. Entretanto, ele acredita que, em 2018, esse número seja de 70% homens: “O Facebook só é um pouco mais jovem, mas, por exemplo, quem acessa o UOL Esporte em geral é homem, branco, hétero, mais velho e sempre, na verdade, foi o nosso público, nunca mudou” (CORRÊA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 361). Ainda que representasse um desafio, conforme pontuou Roberta, faz parte do posicionamento do Dibradoras, de não falar apenas para “convertido”, como elas mesmas classificam, mas dialogar com quem precisa “se converter” e acreditar na pauta das mulheres no esporte. Renata (2019) explica que, hoje, nas redes sociais, tenham um público majoritariamente feminino (cerca de 65%), mas que, no UOL o cenário era realmente outro:

Era bem diferente, por isso a gente enxerga uma importância muito grande no trabalho que a fez lá a partir de 2018, porque, não adianta, se você quer mudar alguma coisa, não adianta você falar com quem já concorda com você. Não que não seja necessário, você tem que falar para quem endosse sua voz, mas você precisa falar com quem discorda para que você tente fazer com que essas pessoas enxerguem as coisas de outra forma. Nos comentários, às vezes a gente levava muita pedrada, mas gente entendia o nosso papel ali. Era justamente, provavelmente a maioria das pessoas que estavam lendo aquilo não, ou nunca, tinham pensado sobre aquilo ou não concordavam, estavam entrando naquela matéria para escrever

“futebol feminino é chato”, o que também tinha muito. Mas é também necessário, era importante para a gente naquele momento estar num veículo grande que a maioria do público ali não era quem queria ouvir o que a gente estava falando (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 508).

A jornalista acredita que, durante a Copa da Rússia (2018), enquanto estavam todos focados nos resultados da seleção, o Dibradoras oferecia outra abordagem que o público do UOL não estava acostumado a consumir. Júlia Belas, mestre em jornalismo esportivo pela St. Mary's University, no Reino Unido, e agora colaboradora do blog, entende que os textos com questões LGBTQIA+ ou sobre racismo extrapolam ainda mais barreiras e atingem pessoas diferentes entre si. Para ela, o Dibradoras também se tornou uma referência tanto para quem procura um conteúdo alternativo no esporte, quanto para as próprias atletas, jornalistas e outras personagens presentes nas reportagens:

Quando você tem uma referência, você tem alguém para quem correr, se alguma coisa está ruim, ou então alguém para quem correr, se você quer divulgar alguma coisa. Por exemplo, as atletas do Vitória correm para falar com elas sobre o fato delas não estarem recebendo o auxílio da CBF. Então elas já acabam sendo uma linha direta nesse sentido. E não adianta pensar em uma macro mudança, sei lá, numa saída de um Marco Aurélio da Seleção Feminina ou de uma denúncia de abuso de algum dirigente, de algum treinador, se você também não pensa nessas mudanças mais próximas. Eu acho que o papel do jornalismo é isso, você dar visibilidade a quem precisa. No caso de alguém que não está recebendo, de alguém que está sofrendo preconceito, de alguém que está tentando contar uma história, e eu acho que elas cumprem esse papel muito bem (BELAS, 2020 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 481).

Sobre as fontes, Renata (2019) conta que sempre foi muito fácil e acessível estabelecer esse contato com as mulheres inseridas no meio, diferente do que acontece com os homens, cujas tentativas de entrevista costumavam ser muito frustrantes, especialmente no início do projeto. Essas relações serão discutidas no próximo tópico.

d) Fontes e personagens

Neste item, trataremos a contribuição de outras duas entrevistadas, que acompanham o blog e fazem parte do grupo de fontes e personagens que aparecem

no blog: Alline Calandrini, ex-seleção brasileira, Corinthians e, atualmente, comentarista nos jogos transmitidos pela Band; e Ary Borges, jogadora, meia-atacante do Palmeiras e nova geração da Seleção Brasileira.

Para Renata Mendonça (2021), a relação com essas pessoas é uma das partes mais gratificantes do trabalho:

Aconteceu de maneira natural, mas o que rendeu é realmente admirável, porque o fato de a gente falar muito, tanto de futebol feminino quanto de jornalistas, e a gente trazer a questão de não ter mulheres na cobertura esportiva, isso nos aproximou tanto de jogadoras, quanto de quem trabalhava com o futebol, seja jogadora, técnica, quem estava no meio do futebol feminino, e as jornalistas, né. Mulheres que a gente não conhecia, nunca tinha visto, falado, mas que via as redes sociais, a gente se aproximava, porque a gente exaltava o trabalho de uma ou de outra, e isso gerou conexões que a gente tem até hoje (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 504).

Entre as colegas de profissão, ela cita alguns nomes e histórias: Juliana Lisboa, uma repórter baiana que ouviu o podcast desde as primeiras edições (em 2015), se aproximou via redes sociais e colaborou com conteúdo sobre o futebol feminino na Bahia; Manuela Avena, também baiana, que participou do concurso de narradoras da Fox Sports em 2018 e colabora com informações sobre o esporte na região; Renata Silveira, narradora, que, hoje, está no SporTV, mas já mantinha contato com a equipe do Dibradoras desde o início do projeto; e Isabelly Moraes, também narradora, e personagem de uma das reportagens mais marcantes do Dibradoras no UOL, quando foi a primeira mulher a narrar a Copa na televisão. Renata (2021) comenta que, apesar de não ter certeza do pioneirismo da cobertura feita pelo blog, entende que não é comum ver mulheres tendo seu trabalho exaltado, principalmente no esporte:

Essas mulheres, elas ficaram muito próximas e também ao mesmo tempo fortaleceram o nosso trabalho, muito porque, talvez a gente, nesse sentido, tenha sido, não sei se dá para dizer pioneira, mas por ter sido um dos primeiros veículos a olhar para as mulheres que estavam fazendo aquele trabalho e exaltar esses trabalhos, porque a gente vê homens exaltando o trabalho dos homens o tempo inteiro e a gente nunca vê ninguém referenciando o trabalho de mulheres (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 506).

Ela acredita que essa aproximação tenha mudado inclusive a maneira como as profissionais da comunicação se relacionam no ambiente esportivo: “Ajudou muitas

delas a perceberem que, se a gente não estiver juntas, a gente não vai a lugar nenhum” (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 505). Segundo Renata, o mesmo pensamento vale para o relacionamento com as jogadoras:

A gente estabelece essa conexão e aí é aquilo que eu falo do identificar, você identifica na outra uma igual e a partir do momento que você vê que a gente está junta, é onde a gente pode crescer junta. Com as jogadoras a mesma coisa, porque poucas delas tinham qualquer atenção, né, qualquer, qualquer holofote, não tinha ninguém contando a história delas, querendo contar a história delas. Então, a partir do momento que a gente surge para isso, elas ficam super lisonjeadas e aí a gente estabelece uma relação próxima, que também não deixa atrapalhar na relação profissional (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 506).

Alline Calandrini (2020) oferece na entrevista uma demonstração de como o Dibradoras se tornou uma mídia importante – seja para as jornalistas que dividem as dificuldades da profissão ou para as atletas:

Hoje elas são a maior referência pra falar de esporte feminino, especialmente futebol feminino. É, sem dúvida alguma, o portal que mais noticia sobre o futebol feminino. Então, quando eu as conheci, elas foram na cara e na coragem, mantendo o emprego de cada uma ali, foram lá e foram lá conhecendo o mundinho do futebol feminino, aos poucos foram entendendo. (...) Quando a gente vê falando, não só de futebol feminino, apenas, mas de futebol de um modo geral, é mulher falando de futebol, sabe? Elas dão voz, elas dão vozes às causas, seja dentro de campo, seja fora de quadras, seja nas cestas, se você entende. Então, defendem realmente as causas das mulheres. E não é como muita gente na internet fala hoje: “Lacrar”! Não é pra lacrar, não é pra lacrar. A gente precisa, a gente tem necessidade de ter, de termos elas à frente disso. Inclusive, elas encorajam muitas outras a fazerem isso, inclusive a mim. Acho que elas potencializam o nosso poder, elas nos encorajam. E a entrada delas no nosso cenário do futebol feminino, cara (sic), foi divisor de águas e fundamental, indiscutivelmente (CALANDRINI, 2020 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 462).

Para a ex-jogadora e atual comentarista de esporte na Band, além da credibilidade do trabalho desenvolvido pelo blog, a atitude de dar voz às mulheres inseridas no futebol feminino e outras modalidades é um diferencial:

Eu acho que é importante as atletas saberem que elas têm uma voz. Que vai ter gente que vai estar junto delas. (...) Elas dão voz. Dão voz

as Alines, dão voz às Marias, dão voz pra Maria, dão voz pra Joana. É, tranquilamente, entendeu? E a gente sabe, muitas atletas sabem o potencial delas e sabe que não tem problema se for fazer uma denúncia, por exemplo, entendeu? Porque é o maior canal e com credibilidade que o futebol feminino tem (CALANDRINI, 2020 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 465).

A jogadora do Palmeiras Ary Borges tem a mesma opinião. Ela, que já se considera amiga das “dibras” – Renata, Roberta e Angélica – também defende que é o principal meio de comunicação a cobrir o futebol feminino hoje:

Eu vejo nelas realmente um trabalho muito importante, que vem ajudando demais nessa questão de visibilidade pra gente, sempre estão cobrindo os jogos, né. Sempre tão trazendo informações que a gente realmente precisa. Conseguem atingir, como eu falei, pessoas diferentes do mundo do futebol feminino com a visibilidade que elas têm. Mas acho que também falta um pouquinho de mídias maiores cobrir o futebol feminino. É algo que eu acho que tem muita diferença: é muito comum você ligar a TV e tá todo dia nos programas de esporte falando sobre contratações do masculino, e no futebol feminino geralmente só passa quando é algo muito extraordinário e geralmente as reportagens duram dois, três minutos e, olhe lá, tô chutando muito alto. Então assim, é algo que eu acho que falta muito, sabe? (BORGES, 2020 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 491).

Na opinião da meio-campista, as pessoas gostariam de ligar a televisão ou ler para consumir informações sobre as contratações, especulações do mercado, transferências e os gols dos campeonatos, e que, entre as jogadoras, há uma torcida para que outras mídias tenham o mesmo engajamento do Dibradoras em relação à modalidade. Por outro lado, afirma que se sente representada no conteúdo do blog:

Me sinto representada muito, elas não ficam apenas só nessa parte de noticiar, né, sobre o futebol feminino. Não é só de falar sobre os gols, enfim... é sobre o mundo. (...) Elas começaram a falar sobre o futebol feminino, entenderam o peso que a modalidade te dá a partir do momento que você começa a falar sobre ela, você se vê como uma feminista, está ali para lutar contra o machismo, contra preconceitos raciais que existem, não só no futebol (BORGES, 2020 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 493).

Ary Borges é uma mulher negra e constantemente se posiciona sobre questões raciais e sociais por meio de seu perfil no Twitter, que tem mais de 11 mil seguidores.

Ela revela que, em suas participações no Dibradoras, isso foi levado em conta, algo que vai além do papel de jogadora:

Já tive até oportunidade de fazer entrevistas pra elas não falando apenas sobre a Ary jogadora, mas também falando um pouco mais, né, do meu lado humano sobre questões de preconceito. (...) Elas entenderam que o futebol não é só um esporte que tá legal se você só noticiar os gols (BORGES, 2020 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 493).

O olhar de representatividade que Alline Calandrini e Ary Borges atribuem ao conteúdo produzido pelo Dibradoras é algo, segundo ambas, se dá também extracampo. Segundo Ary (2020), é uma via de mão dupla, o blog entende que o futebol feminino precisa de uma cobertura que vá além e as atletas o veem como algo com que contar:

As atletas, as pessoas que trabalham com o futebol feminino, quando tem esses casos, se sentem confortáveis de contar pra elas. porque confiam no trabalho delas, sabem que elas conhecem a modalidade e vão à fundo no assunto. É algo que, pô, às vezes você fala: “Ah, deixa para lá”. Elas não, são realmente um canal de denúncia, elas dão visibilidade pra modalidade não apenas nas coisas boas que acontecem, mas também na hora de cobrar, sabe? E acho que muito disso se deve por essa credibilidade que elas têm. De como aconteceu nos últimos casos que tem rolado com dinheiro que foi dado pros clubes, delas realmente indo lá, querendo entrevistar quem tinha que entrevistar, dando voz pra quem tinha que dar voz, sabe? Elas entendem realmente qual a necessidade da modalidade (BORGES, 2020 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 494).

Renata (2021) conclui que a confiança estabelecida com as jogadoras e outras personagens que aparecem nas publicações do blog são fator principal nessa procura para denunciar algo que está errado:

No ano passado, que teve o lance da pandemia e a CBF deu ajuda para os clubes, a gente foi o primeiro veículo a noticiar que um dos times não estava repassando o dinheiro. Isso foi porque atletas vieram procurar a gente. Então, acho que tem muito isso, porque elas confiam, veem um trabalho de um veículo que leva o futebol feminino a sério. Eu acho que elas enxergam na gente um veículo que está sempre olhando para elas e aí gera também importância, porque, de certa forma, a gente ganhou uma relevância que o presidente da CBF atende a gente, ele está preocupado com o que a gente fala e isso é importante. É importante porque a gente incomoda, então quando sai num veículo como o Dibradoras, elas sabem que vai repercutir, que vai gerar um barulho que é o que precisa acontecer nesses momentos

de caos (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 506).

Esse espaço para denúncia das dificuldades da participação de mulheres no esporte e a disposição em escutar, de acordo com a jornalista, nem sempre acontece nos grandes veículos de mídia, em que “você tem um milhão de coisas para fazer e não está olhando só para isso”(MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 506).

e) Resumo do diagnóstico

Concluída a etapa das entrevistas nos itens anteriores – em que nos aprofundamos nas questões relacionadas às dinâmicas do blog Dibradoras –, o objetivo neste tópico é resumir as informações obtidas em uma espécie de diagnóstico da produção. Seguindo a mesma ordem, começamos pela relação com o UOL:

- 1) O primeiro contato se consolidou em 2016, no período das Olimpíadas no Rio de Janeiro;
- 2) Em 2018, o Dibradoras foi convidado para integrar a blogosfera do UOL Esporte permanentemente por convite de Jorge Corrêa, na época, editor do segmento que havia assumido há pouco tempo a função, e buscava ressignificar a cobertura esportiva do portal;
- 3) Em acordo de total liberdade, o blog conduzia as publicações à sua maneira e com diálogo que previa alinhamentos para não haver choque de pautas;
- 4) Nessa parceria, era previsto sugestão de temas – partindo de Jorge e equipe – e alinhamento do discurso – partindo do Dibradoras – conforme exemplo da reportagem sobre a tenista Serena Willians;
- 5) A periodicidade das publicações era de cinco textos por semana, podendo variar para mais, sendo que a primeira cobertura na qual o Dibradoras contou com ajuda financeira – direcionada para tal – do UOL foi a Copa da França (2019);
- 6) Segundo Renata (2020), essa parceria, que durou até junho de 2021, foi essencial para projetar o blog nacionalmente.

No item que trata de organização e características da cobertura, entendemos que o amadurecimento do Dibradoras como veículo de comunicação se deu na

mesma velocidade que o desenvolvimento pessoal e profissional das jornalistas responsáveis:

- 1) Em 2018, Renata e Roberta deixaram seus respectivos empregos para focar apenas no blog;
- 2) Com essa dedicação exclusiva, houve o aprofundamento sobre qual seria o principal objetivo da cobertura feita pelo Dibradoras: buscar a mulher protagonista no esporte em todos os lugares;
- 3) Destacamos ainda o entendimento que o blog tem a respeito da natureza jornalística de sua produção, baseado no argumento de que o conteúdo sobre futebol feminino ou mulheres no esporte precisa de mais informação do que opinião, ao contrário do que acontece com as modalidades masculinas, sobre as quais há uma vasta cobertura.

O público, assunto que abordaremos neste momento, passou por alterações desde que o Dibradoras surgiu em 2015:

- 1) A transição acompanhou a chegada no UOL no ano de 2018;
- 2) O blog deixou de ser acompanhado por um nicho de pessoas fã de futebol feminino, para estar na *home* de um dos maiores portais de notícias do país, cujo público é formado por homens brancos e héteros em sua maioria;
- 3) As dibras entendem que essa mudança é importante no processo de desconstrução de preconceitos, já que elas deixam de falar para quem já acompanha modalidades femininas e começam a provocar quem ainda não refletiu longe de suas certezas;
- 4) Na opinião do Dibradoras e do então editor do UOL Esporte, o blog se tornou referência para quem busca uma alternativa ao conteúdo produzido pelas grandes mídias do segmento, com pautas que combinam esporte e política.

No que diz respeito ao relacionamento com fontes e personagens, o Dibradoras reconhece a facilidade de acesso às mulheres envolvidas nesse contexto:

- 1) As dibras acreditam que existe uma parceria com outras profissionais do esporte, pois elas se reconhecem umas nas outras, assim como suas dificuldades;
- 2) Roberta e Renata argumentam que a procura às mulheres-atletas para entrevistas – principalmente no futebol feminino – é muito menor em relação aos homens, a exemplo da preparação das jogadoras em Portugal para a Copa da França (2019), quando apenas o Dibradoras esteve presente por quase toda a estadia das jogadoras;
- 3) Segundo as jornalistas, esse cenário contribuiu para que também houvesse uma aproximação entre elas e as atletas em geral;
- 4) Esse reconhecimento de que o blog se dedicou a cobrir a modalidade de forma séria desde o início aparece nos depoimentos de Alline Calandrini e Ary Borges, que indicam o Dibradoras como referência no jornalismo esportivo para cobertura de esportes femininos.

7.3 POSICIONAMENTO E VISÃO DOS FATOS

Nesta etapa que Gislene Silva caracteriza como seleção ideológica ou visão dos fatos, podemos definir também, segundo o sociólogo Stuart Hall (1978), como momento de construção da própria história ou a apresentação da história ao seu público. Trata-se de fundamentos que orientam as instâncias anteriores, já que dizem respeito ao posicionamento e à própria filosofia do blog.

Segundo Renata Mendonça e Roberta (Nina) Cardoso (2018), o Dibradoras é resultado de um processo de entendimento sobre como a relação entre mulheres e esporte é afetada pelo machismo a ponto de não existir uma cobertura de esportes femininos nas mesmas proporções dos masculinos. “Não tinha, por exemplo: nossa, vou identificar aqui que, na verdade, a cobertura realmente não tem nada de esporte feminino, então a gente vai ser essa cobertura. A gente não tinha essa noção. A gente foi adquirindo” (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 307). Elas explicam que sabiam da ausência desse tipo de cobertura porque não a encontravam para consumir, mas não era algo 100% consciente.

No entanto, para além dessas percepções que aconteceram conforme o trabalho se desenvolvia, existia um propósito em comum, que era a possibilidade de falar sobre futebol feminino e a vontade de se posicionar:

A gente tinha esse lance de gostar muito de futebol e também de querer falar sobre o futebol feminino, que era pouco falado. Então, foi meio que com esse propósito, até pra combater as musas, aquela objetificação da mulher no esporte. E aí surgiu também muito o lance do posicionamento, da gente se posicionar e falar quando alguma coisa está errada. Acho que o primeiro grande posicionamento que a gente fez foi aquele do concurso do Flamengo (CARDOSO, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 308).

O primeiro grande posicionamento sobre o qual Roberta (Nina) Cardoso (2018) fala trata-se da crítica a um concurso cultural realizado pela agência esportiva OTB Sports, cujo objetivo era premiar o torcedor flamenguista que publicasse a melhor foto representando seu amor ao Flamengo. O prêmio era uma camisa autografada pelo jogador peruano Paolo Guerrero, atleta gerenciado pela empresa. A imagem escolhida como vencedora mostrava um homem vestido com o uniforme do Flamengo comemorando em frente a televisão e uma mulher, usando uma camisa da equipe rival, presa e amordaçada na cadeira ao lado – ver figura 44.



Figura 44: Reprodução da foto vencedora do concurso cultural da OTB Sports

Originalmente, a publicação foi reproduzida pelo Dibradoras, as primeiras a apontar o equívoco da fotografia. Com a repercussão negativa, a OTB Sports apagou o post, divulgou uma retratação e propôs realizar nova auditoria. Sobre a decisão de se posicionarem, contam que houve um consenso entre as representantes do blog e, depois, foi feito o contato com a agência que organizou o concurso. O caso aconteceu em 2015.

Naquele momento, elas entenderam que situações parecidas não recebiam a devida repercussão e começaram a se posicionar como “mulheres produzindo conteúdo, falando sobre mulheres e combatendo esse tipo de machismo e de objetificação” (CARDOSO, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 313). Com esse olhar, ficava mais fácil identificar lacunas nas coberturas esportivas realizadas pelas mídias tradicionais, principalmente durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino e dos Jogos Pan Americanos que aconteceram em 2015, ambos no Canadá:

A gente se impressionava com pessoas que nunca tinha ouvido falar. A Aline, que luta, tem uma puta história de sair de onde saiu e vencer. A Elaine do handebol, que parou de jogar e voltou a jogar. Coisas que estão ocultas, a gente vê muito isso, de resgate da memória pros homens (CARDOSO, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 313).

Por outro lado, tanto Renata quanto Roberta (2018) afirmam que o marco de decisão sobre o que seria o Dibradoras de fato aconteceu com as Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016. O blog fez uma cobertura focada nas atletas que participavam da competição, lançou a hashtag #MaisQueMusas, além de integrar o time que desenvolveu a série Quero Treinar Em Paz, em parceria com o UOL Esportes, e manteve uma coluna semanal nessa editoria durante o evento. Na época, por mais que os ideais feministas de igualdade estivessem subentendidos nas duas iniciativas, o feminismo como movimento que tomava as redes sociais e impulsionava novas coberturas ainda não trazia o esporte e suas questões como uma pauta tão evidente – pelo menos no Brasil:

Nos movimentos feministas, as mulheres não percebem quanto no esporte precisa desse momento. Como a maioria das mulheres não gosta de esporte, a maioria das mulheres feministas gosta menos ainda. E aí muitas delas não se ligam da importância de militar na área

do esporte. E elas rejeitam isso: ah, o esporte é muito chato. Não se ligam que o esporte é chato para elas porque o esporte é machista, mais machista do que outras áreas (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 319).

Renata (2018) faz essa relação a partir da ideia de que ambientes machistas são ainda mais aversivos para mulheres feministas, que têm mais consciência sobre os preconceitos e limitações a que são submetidas nesses lugares. Por mais que devesse haver o ímpeto de promover uma transformação – justamente por conta dessa compreensão que muitas mulheres apagadas em seus direitos não têm – o custo para a saúde mental parece muito caro:

Eu costumo dizer que o machista foi tão bem-sucedido no esporte, que ele fez com que as mulheres não só não tivessem relação, como tivessem aversão. Porque o negócio era um território tão masculino, tão hostil, que para elas era assim: ‘Eu não quero estar nisso’. Então eu conheço muitas mulheres feministas que, por muito tempo, tinham essa relação de assim: ‘Cara, eu cago (sic) pra futebol, porque isso é um ambiente que eu não me sinto à vontade, é um ambiente totalmente hostil pra mim’. Foi como o macho foi bem-sucedido, porque aí realmente as mulheres não queriam quebrar essa barreira, porque elas realmente entenderam que aquela barreira não era pra elas mesmo, que aquele ambiente era muito desagradável e não queria elas ali. Então, eu entendo que essa última onda feminista, ela surgiu um pouco pra quebrar isso, porque vieram alguns movimentos que começaram a falar: ‘Tá vendo isso aqui, você foi sempre excluída disso aqui, por quê? Já percebeu que você nunca gostou de esporte por um motivo que não é uma coisa assim: ‘Você tentou fazer, tentou gostar e não gostou. Não, é uma coisa que você nunca tentou, porque nunca te apresentaram (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 382).

Diante disso, os Jogos Olímpicos no país fizeram seu papel de vitrine para fomentar discussões sobre modalidades e a própria participação da mulher no esporte. Com o fim do evento, o Dibradoras deu continuidade à cobertura que priorizava mulheres no esporte, ao passo que compreendeu de que forma deveria atuar: “A gente não faz esporte pra mulheres porque não existe esporte para mulheres e esporte para homens. A gente só está dando outra perspectiva e outro conteúdo, porque você está acostumado a ver o mesmo” (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 382).

De acordo com a jornalista, dentro dessa proposta, o blog se posiciona para defender algumas pautas:

A gente defende a disseminação da prática esportiva pras mulheres, que as mulheres se conscientizem de que a prática é importante e de que, em algum momento, elas ficaram excluídas disso e de que devem procurar voltar (...). E eu acho que isso também está muito ligado com o que a gente faz de disseminação de conteúdo sobre esportes femininos, porque a menina que ouvir nosso podcast e descobrir que existe uma Joana Maranhão, vai falar: 'Caramba, quero ser essa pessoa'. Ela vai descobrir que existem essas pessoas, essas 'ídolas'. O outro objetivo é dar voz às mulheres no esporte. Então, às atletas, para que elas tenham a visibilidade que elas precisam para serem conhecidas, para essa história ser valorizada. E valorizar a presença das mulheres em todas as áreas do esporte, chamar a atenção pra isso. Porque eu acho que o primeiro problema do machismo no esporte é que a gente não presta atenção nele, ele passa batido, entendeu? Você assiste um programa de TV, de esporte, que só tem homem e você não fala: por que não tem nenhuma mulher? (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 352).

Na opinião de Renata (2019), a luta por manter e promover a mulher no esporte, especialmente no Brasil e em todas as áreas, ainda é recente porque a relação entre ambos – de forma legitimada – também é. Esse pensamento vai ao encontro do que entende Amelinha Teles, militante feminista da década de 70 que integrou a equipe do jornal Brasil Mulher (1975-1979), sobre a luta feminista nesse campo. As mulheres se relacionavam com as práticas esportivas de maneira clandestina e estavam ausentes de muitos espaços – para além do esporte –, com a necessidade de desbravá-los:

Quando as mulheres não têm direito de votar não dá para você querer jogar futebol. Realmente, votar é mais importante do que jogar futebol. Mas eu acho que também tem muito a ver com todo o esporte. Ele é construído de uma maneira que exclui as mulheres por completo. (...) Não tinha como elas lutarem por algo com o qual elas não tinham a menor relação (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 381).

E assim como essa relação ainda segue se fortalecendo, a jornalista entende que é necessário agregar outras pautas a ela:

Eu não posso falar com propriedade sobre feminismo negro, sobre a presença da mulher negra, mas eu preciso defender isso também, eu preciso fortalecer a voz dessa mulher. Assim como a causa do feminismo negro é importante e a causa da mulher no esporte também é importante. (...) É lógico que sempre você vai elencar questões: 'Ah, poxa, é mais importante a luta LGBT do que a luta do esporte'. Mas eu

acho que todas as lutas se conectam, entendeu? Porque o esporte traz empoderamento, ele traz liderança, ele traz determinação, ele faz com que a mulher se torne muito mais protagonista, com que ela seja mais, ela meio que assume esse papel de líder, de confiança, coisa que a gente é ensinada a sempre ficar quieta, tipo, você pode ser líder, mas nem tanto. Você pode querer isso aqui, mas não queira tanto. O esporte diz o contrário. (...) Tem dados científicos que mostram a quantidade de mulheres que participaram de alguma maneira do esporte e que conseguiram atingir sucesso na vida profissional. Então, eu acho que essas lutas estão conectadas, porque se as mulheres negras tiverem mais acesso ao esporte, elas com certeza vão ser muito mais protagonistas e muito mais líderes e defensoras da voz delas, do que se elas não estiverem no esporte, entendeu? O esporte une todas as lutas, porque também tem a questão LGBT (MENDONÇA, 2018 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 384).

Ou seja, a participação feminina do esporte e os diversos pleitos possíveis de serem discutidos – mulheres, mulheres negras, indígenas, racismo, pessoas LGBTQIA+ e outros – de acordo com Renata (2019), fazem desse um ambiente 100% político:

A mulher no esporte já é um ato político. Porque, se você olhar a história do esporte, nunca quiseram que a mulher estivesse lá. Todas as modalidades tiveram proibições, todas, no mundo inteiro. A Olimpíada começou sem mulheres e isso foi gradativo, só em 2012 a gente teve todas as modalidades que eram disponíveis para homens e mulheres também. Cara, isso é uma luta de mais de cem anos! Então, eu acho que toda mulher que é atleta ou que atua de alguma maneira no esporte, ela já é um ato político por si só. Só que muitas vezes ela não tem essa consciência e é isso que falta. (...) Hoje, é imprescindível que as mulheres que atuam no esporte tenham a consciência da plataforma que elas carregam junto com elas, a importância que elas têm de simplesmente estarem ali. E o quanto o fato de elas estarem ali pode ter de impacto pra que outras mulheres estejam. A gente tem aumentado essa consciência para as atletas, pras treinadoras, você vê muito isso, falou-se muito disso na Copa, que teve duas treinadoras na final. A simples presença de duas treinadoras na final é muito importante pro futuro, sabe? (MENDONÇA, 2019 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 385).

Renata (2019) fala sobre a presença da mulher no esporte como um fator político seja ele consciente por parte das atletas ou não e que, na verdade, muitas não percebem o quanto cada participação é significativa.

Até aqui, com a contribuição das etapas anteriores, apresentamos as intenções que norteiam a cobertura do Dibradoras e alicerçam o seu posicionamento: combater

as musas e a objetificação da mulher, disseminar a prática esportiva feminina, conscientizar mulheres de que elas foram excluídas da construção do esporte, dar visibilidade às atletas, contar suas histórias, buscar mulheres protagonistas e valorizar a presença delas em todas as áreas do cenário esportivo.

Diante disso, nosso objetivo agora é identificar a personalidade social do Dibradoras. Seguiremos com a análise dos 158 textos a partir de sua categorização e, conseqüentemente, divisão por valores-notícia. Ou seja, esse olhar analítico e qualitativo vai se concentrar nas publicações por categoria. Para isso, estabelecemos no Quadro 4 algumas perguntas a serem respondidas em cada uma delas:

Quadro 4: Perguntas estabelecidas para análise na Etapa 3

Qual o posicionamento geral do Dibradoras na categoria?
Quais palavras ou tópicos frasais ⁵¹ estabelecem relação com o tipo de categoria – movimento, envolvimento e engajamento?
Qual o perfil das mulheres na categoria – quem são elas?
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para se referir a mulheres heroínas x mulheres vítimas?
Qual o perfil dos homens – se eles aparecerem – na categoria?
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para definir a relação com o futebol?
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para combater a objetificação da mulher?
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para atribuir protagonismo?
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para denúncias de desigualdades e violências ⁵² ?
Existem outras pautas do movimento feminista presentes na categoria? ⁵³

Fonte: Elaborado pelos autores

Entendemos que tais questionamentos contribuem para concluir a avaliação da noticiabilidade do blog ao final desta Etapa 3. No tópico seguinte, apresentamos os

⁵¹ Consideramos tópicos frasais como a ideia central ou nuclear de cada parágrafo. O objetivo é identificar os mais significativos para a pergunta a ser respondida. Eles podem ter estrutura de declaração inicial, definição, contraste ou comparação, divisão, interrogação ou alusão histórica.

⁵² Consideramos que a violência, neste caso, não se trata somente de violência física, mas de violências culturais, simbólicas, estruturais e outras sofridas por mulheres

⁵³ Consideramos que a defesa da inclusão de mulheres no esporte seja uma pauta feminista, portanto, quando falamos de outras pautas, o objetivo é identificar nos textos questões além dessa. Exemplo: violência doméstica, políticas de segurança pública, homofobia etc.

Quadros 5 a 12, nas quais estão as respostas, seguidas de observações pertinentes à análise após cada uma delas. Mantivemos a mesma ordem de apresentação das categorias e valores-notícia contidos nas tabelas 7 a 14:

7.3.1 Quadros de análise

Quadro 5: *Análise da categoria Ação; Valor-notícia Pioneirismo; Categoria de movimento*

Ação > Pioneirismo	
Qual o posicionamento geral do Dibradoras na categoria?	Nos últimos anos, a sociedade passou a discutir mais a participação feminina nos lugares em que a mulher ainda não estava inserida, o que fez com que o esporte também fosse lembrado e elas começassem a reivindicar suas “primeiras vezes”. O Dibradoras se posiciona desbravando tais novidades e relembrando outros pioneirismos junto com essas mulheres.
Quais palavras ou tópicos frasais estabelecem relação com o tipo de categoria – movimento, envolvimento e engajamento?	<ul style="list-style-type: none"> - Mulheres romperam barreiras - Participar ativamente do clube - Atuar no futebol feminino com toda estrutura que ele merece - Estão aprendendo desde cedo que o lugar delas pode ser onde escolherem – inclusive no campo - É preciso ressaltar a importância disso no caminho de mudanças que estamos finalmente começando a percorrer no Jornalismo Esportivo - O ano de 2018 já entra para a história como revolucionário no esporte brasileiro - Essa é a primeira vez que o Manchester United investirá inteiramente no futebol feminino profissional - Esta será a primeira marca do segmento de beleza que patrocina a maior goleadora da história da seleção brasileira - O futuro promete ser um pouco mais inclusivo - Mais do que só transmitir os jogos na televisão, é necessário começar a falar sobre eles - Quebrando barreiras e abrindo espaço para gerações futuras - Houve um tempo em que narrar futebol era coisa pra homem
Qual o perfil das mulheres na categoria – quem são elas?	Técnicas à frente de times diversos, mulheres bem-sucedidas no contexto esportivo, mulheres premiadas, jornalistas pioneiras na narração, atletas, as gestoras Alline Pelegrino (CBF) e Cedella Marley (patrocinadora de time na Jamaica)

<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para se referir a mulheres heroínas x mulheres vítimas?</p>	<p>Habilidade, aliada na luta pelo futebol feminino, preparada, qualificada, estrelas do time, mérito no futebol, comando, exemplo, craques, companheiras, pioneiras, liderança</p>	<p>Desconcertante, alheias à profissão, sexualizadas</p>
<p>Qual o perfil dos homens – se eles aparecerem – na categoria?</p>	<p>Homens que provocam situações desconcertantes, atletas que saem em defesa de colegas de modalidade, treinadores de times, gestores, leitores (e vocês homens que estão passando por esse blog?), árbitros</p>	
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para definir a relação com o futebol?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Queria aprender a jogar futebol porque odiava ser excluída - Pode parecer irrisório, mas é muito simbólico e significativo ver o futebol feminino chegar a maior emissora do país - Elas conseguem sentir que futebol não precisa de gênero - Futebol, afinal, não é coisa de menino, nem de menina – é de quem quiser jogar - Modalidade que sobrevive a duras penas - Repleta de preconceito e resistência - A velha ladainha de futebol feminino é chato ou ninguém quer ver futebol feminino começa a cair por terra quando um projeto de verdade é pensado - Foi um dia intenso, que só me fez lembrar que o futebol é único 	
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para combater a objetificação da mulher?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ela não chegou à Bola de Ouro por ser loira de olhos azuis - Fazer embaixadinhas no palco e não dançar funk - Impressiona por tudo o que é capaz de fazer dentro de campo, teve seu foco desviado por uma atitude desnecessária - Ninguém diz a um atleta homem para dar uma voltinha no palco 	
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para atribuir protagonismo?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ela já está na história do futebol mundial - Já marcou seu nome na história do futebol - Uma narração histórica para a final da Libertadores - A conquista de Renata é uma conquista de todas - A história da mulher na narração de futebol começou em 1971, com Zuleide Ranieri, na Rádio Mulher - Eram dezenas delas de todas as idades espalhadas por quadras de futsal e Society, jogando com a bola nos pés e o sorriso no rosto 	

	<ul style="list-style-type: none"> - Podem ampliar a voz delas na luta por um espaço que é de direito de todas nós - Foram cinco gols narrados pela primeira vez com voz feminina - Transmite a tranquilidade de quem sabe o que está fazendo - Há quase dois anos é a voz de Laura que ecoa no estádio do time - Pouca gente sabe da história por trás do surgimento dos cartões amarelos e vermelhos e nem imagem que a sugestão partiu de uma mulher - Camila Carelli, da Rádio Globo, é o mais novo talento dessa leva poderosa de mulheres ocupando a TV esportiva - A maior artilheira da seleção é uma mulher
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para denúncias de desigualdades e violências?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O argumento é sempre que não tem audiência - Precisou provar que gostava e entendia de futebol - Nem em rádio, nem em televisão houve mulheres com oportunidades de narrar - Que o futebol feminino precisa de apoio é inegável - As meninas chegam, na maioria das vezes, sem saber a história da jogadora, porque nunca ouviu falar dela - Só 29% delas começam no esporte antes dos 6 anos de idade - As marcas de produtos femininos e até mesmo marcas esportivas ainda ignoram a presença da mulher no esporte - É possível encontrar poucas propagandas feitas com a jogadora Marta - Mensagem sobre como as conquistas das mulheres são tão pouco ou quase nada notadas na sociedade - Um acontecimento raro em um lugar tão dominado e povoado por homens - A cabine de transmissão ainda é um espaço praticamente inacessível para as mulheres - Microfone não deveria ser questão de gênero, mas de competência - O espaço dado a elas tende a se restringir a papéis mais conhecidos por serem “femininos”: o da nutricionista, o da psicóloga ou, no máximo, da assessora de imprensa - A luta delas era para que a questão de gênero fosse inserida na agenda do clube

Existem outras pautas do movimento feminista presentes na categoria?	<ul style="list-style-type: none"> - Mulheres em posição de poder - Ausência de referências femininas - Aborto - Direito ao voto - Divisão sexual do trabalho
---	--

Observações:

No geral, a categoria estabelece essa relação de movimento e mudança com o tema. Ou seja, os textos, apesar também conterem denúncias de situações de atrasos e equívocos em relação à participação feminina do esporte, demonstram que as barreiras estão sendo ultrapassadas. Neste contexto, o Dibradoras se vê na mesma caminhada de aprendizado e superação de obstáculos, no qual o valor-notícia Pioneirismo se justifica. Nesta categoria, o protagonismo se refere a ações e momentos positivos, principalmente resgatando a história de mulheres que serviram de inspiração. É importante destacar também que um método utilizado pelo Dibradoras para dialogar com o público – que, conforme diagnosticamos na Etapa 2 da análise, não necessariamente concorda com o conteúdo dos textos – é o deboche, a exemplo da frase “Ela não chegou à Bola de Ouro por ser loira de olhos azuis”.

Quadro 6: Análise da categoria *Discussão*; Valor-notícia *Resistência*; Categoria de movimento

Discussão > Resistência	
Qual o posicionamento geral do Dibradoras na categoria?	Nessa categoria, as dibras se posicionam como debatedoras e assumem o papel mais enfático de denunciar falas equivocadas de grandes nomes do futebol e preconceitos fundamentados em achismos.
Quais palavras ou tópicos frasais estabelecem relação com o tipo de categoria – movimento, envolvimento e engajamento?	<ul style="list-style-type: none"> - #DeixaElaTrabalhar marcou uma movimentação inédita delas contra o assédio - Chegamos ao dia em que será tão normal ver mulheres, homens, brancos e negros na TV que isso sequer precisará ser notícia - Foi a primeira vez que em que o assédio praticado contra repórteres se tornou notícia e gerou revolta no país - Mais do que um recado aos homens, esse movimento serviu para conscientizar as próprias jornalistas - Há 50, 60, 80 anos a moda era criar um argumento biológico que justificasse a impossibilidade das mulheres praticarem futebol

	<ul style="list-style-type: none"> - 2018 revelou uma nova geração de vozes femininas - Sim, a sociedade está evoluindo, nada mais justo do que a sociedade evoluir também - Incitava o debate da mulher na sociedade - Quão incoerente é usar a hashtag que o próprio Corinthians usou pedindo respeito às mulheres para ironizar o rival? - Precisamos parar de pedir desculpas “aos que se sentiram ofendidos” e pedir desculpas de verdade pelo erro cometido - A FIFA também tem um papel na valorização da mulher no futebol - A orientação sexual não é determinada pelo esporte que se pratica - Dizer que o futebol feminino é território fértil para o lesbianismo, além de ser uma grande besteira, demonstra ignorância - Assumir, aceitar ou tornar público um caso como este não é fácil, vantajoso ou confortável - A caminhada até a conquista de um espaço seguro para a voz da mulher ainda é estreita – não deixemos que seja interditada - O futebol feminino está em transformação ao redor do mundo - O desenvolvimento do futebol feminino reflete mudanças culturais da sociedade - Há uma mudança em curso - A visibilidade da mídia é imprescindível para a evolução da modalidade - A realidade do futebol feminino no Brasil é que ele nasceu e cresceu na contramão - Ba-Vi de 11 de novembro levantou uma bandeira importante, que foi estampada na camisa de jogadores dos dois times: #MulheresNoFutebol - Representantes dos dois clubes assinaram um Termo de Cooperação Técnica com órgão para implementar ações que fortaleçam o combate à discriminação contra a mulher no estado - O termo tem como meta tocar em pontos que são vistos como “culturais”, como xingamentos machistas e homofóbicos e assédio sexual e moral nas arquibancadas
<p>Qual o perfil das mulheres na categoria – quem são elas?</p>	<p>Atletas de futebol, cheerleaders, jornalistas pioneiras na narração esportiva, modelos, Alline Pelegriño (CBF), comentaristas internacionais, Emily (treinadora)</p>

<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para se referir a mulheres heroínas x mulheres vítimas?</p>	<p>Nome de peso, experiente, histórico, protagonismo, eficiente, tabus, competência</p>	<p>Entreter os homens, enfeite, despercebida, ignorada, fama, constrangimento, vergonha, coadjuvantes, aberração</p>
<p>Qual o perfil dos homens – se eles aparecerem – na categoria?</p>	<p>Cartolas, presidentes e donos de clubes que fizeram comentários machistas, ex-jogadores (Rogério Ceni), Cristiano Ronaldo, técnicos, árbitros, comentaristas, jogadores do Bahia e do Vitória que participaram de ação contra machismo no futebol</p>	
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para definir a relação com o futebol?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Justificativas científicas já serviram para afastar a mulher do futebol - Paixão que viu despertar ainda aos dois anos de idade por influência do pai - Existem mulheres lésbicas no futebol, assim como existem mulheres heterossexuais que também jogam - Um time de futebol feminino precisa apenas de mulheres que saibam jogar - O que não dá pra entender é a gente continuar colocando o futebol acima do bem e do mal - É verdade que torcer é irracional, mas agir dessa maneira ultrapassa todos os limites do bom-senso - A rivalidade fica dentro de campo, fora dele precisamos nos unir - O futebol é um jogo só, independente se são homens ou mulheres em campo - Elas costumam ganhar bonecas de presente, não bola. E só vão jogar futebol na escola, quando muito insistem - Viver só dele, para mulheres, é praticamente impossível - Mudar as regras seria praticamente enterrar o futebol feminino - Por causa da desvalorização da modalidade, mulheres mais altas dificilmente escolhem o futebol - O futebol, esporte que rejeita a presença feminina em tantas frentes – da arquibancada ao gramado, passando pelas cabines de imprensa e setores administrativos dos clubes – parece um lugar estratégico para levantar essa pauta 	
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para combater a</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Poderia ser uma declaração de 1940 - Está mais do que na hora de a gente evoluir das tradicionais <i>cheerleaders</i> para dar à mulher um papel de maior protagonismo no futebol 	

<p>objetificação da mulher?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Será que faz sentido ter uma abertura de campeonato em que mulheres ocupam apenas o papel de dançarinas com roupas curtas? - De acordo com a FIFA, o “problema” dos assédios frequentes está na beleza delas, e não na falta de respeito deles - Primeiramente, o que seriam mulheres bonitas e atraentes? - Como a “não exibição de imagens de mulheres bonitas” poderia contribuir para o fim dos casos de assédio? - Elas continuarão existindo na Copa, na arquibancada, na sala de imprensa e em todos os lugares - A sexualização das mulheres na mídia esportiva é um problema que deve ser combatido - Elas não estão ali para serem musas - Já passou da hora de enxergá-las além da beleza - Não é uma questão de beleza, é uma questão de respeito - Talvez essa seja uma das primeiras vezes que vimos mulheres sozinhas na Copa, sem a companhia de maridos, namorados e afins
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para atribuir protagonismo?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Torcedoras que cada vez mais estão viajando para assistirem futebol - Gerentes de seleção que ocupam cargos significativos - Jornalistas que trabalharam com maestria - Narração feita pelas mulheres é repleta de dados complementares - As mulheres estudaram por meses os nomes de cada jogador - Não foi ontem que as mulheres chegaram ao jornalismo esportivo. Essa história começou a ser construída ainda na década de 1960 - A equipe esportiva feminina da Rádio Mulher tinha um slogan que dizia “a cada mulher no estádio, um palavrão a menos” - Como uma das primeiras mulheres a se aventurarem como repórter de campo no futebol, ela relaciona boas histórias e trata de esquecer que sua competência foi colocada em cheque - São as primeiras narrações femininas acontecendo e as primeiras análises táticas feita por mulheres - Estas são as primeiras coberturas do maior torneio de futebol do mundo com participação feminina - Desde as memórias mais primordiais que se tem de Copa do Mundo, as mulheres sempre figuram nas imagens da torcida - Em 1958, já existem imagens dos rostos femininos em comemorações de títulos brasileiros

	<ul style="list-style-type: none"> - Basta analisar como eram as propagandas nos últimos Mundiais para entender a importância da representatividade - Lugar de mulher é onde ela quiser - Em 2018, na Copa da Rússia, mulheres assumiram de vez protagonismo em diversas áreas - Representatividade feminina aumentou na FIFA com Fatma Samoura, a primeira mulher a ocupar o cargo de secretária-geral - Ela tem 1,75m, mas seu alcance no gol vai muito além disso - Sparks era a única no meio dos homens com a coragem para enfrentar um mutirão de comentários preconceituosos - Pela primeira vez em muito tempo, a FIFA escalou uma mulher para apitar uma competição masculina: a suíça Esther Saubli - Os dois clubes mantêm ações afirmativas e/ou atividades voltadas para o público feminino - Segundo o Bahia, 35% do público que vai à Fonte Nova é feminino. E por isso é importante fazer com que essa fatia expressiva da torcida se sinta acolhida
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para denúncias de desigualdades e violências?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Em um meio esmagadoramente masculino, ela virou comentarista - Desde 1999, não havia vozes femininas comandando microfones em jogos de futebol - Quando passa da informação para a opinião, a presença delas sempre foi muito restrita, ou quase nula - Vale apontar um detalhe: onde estão os negros no esporte? - É muito raro encontrar apresentadores (as), repórteres ou comentaristas negros na televisão - Tudo já foi uma desculpa para proibir mulheres de jogarem futebol - Isso não é uma crítica às <i>cheerleaders</i> (...) mas para os comandantes do futebol brasileiro que resumem o papel da mulher no esporte a isso - É importante salientar que o surgimento da narração feminina não anula a masculina - É tão contraditório que faz parecer que o clube quer apoiar as mulheres apenas quando convém, para fazer marketing e entrar na “onda do feminismo” - Não adianta investir, dar estrutura e o tal “respeito” que as mulheres merecem no futebol se internamente a mudança de cultura não acontecer - As mulheres passaram por muito preconceito, muito assédio e ouviram provocações como “volta pra cozinha”

- Usando o gênero feminino como “provocação”
- O respeito às minas não pode parar apenas em um dia do ano, ele precisa ser permanente
- Os veículos publicitários tão pensados e elaborados para o Mundial nunca relacionaram as mulheres com o evento
- Era como se a Copa fosse um evento exclusivamente masculino, feito por homens e para homens
- A FIFA reforça a ideia de que a culpa pelo assédio sofrido pelas mulheres está nelas próprias, e não nos homens que as assediam
- Vai na mesma linha de quem defende que mulheres de roupas curtas merecem ser estupradas
- Para combater o assédio, a FIFA precisa passar a vigiá-lo e puni-lo
- (FIFA) precisa incluir mulheres em seus órgãos diretivos e no grupo que vai pensar ações para combater o problema
- Na coletiva de imprensa que denunciou casos de assédio, só havia homens falando
- O que faz um homem pensar que tem o direito de invadir uma gravação para forçar um beijo?
- Uma fala cheia de preconceitos que gerou reações até mesmo das jogadoras colombianas
- É por esses pensamentos retrógrados que essa obrigatoriedade infelizmente precisa existir
- Em terras sul-americanas, segue o pensamento dos dirigentes velhos e ultrapassados
- Quem quiser seguir reproduzindo preconceitos, até pode escolher esse caminho – só que vai acabar tendo que engolir palavras
- Dizer que a vítima está querendo ganhar fama não faz sentido
- É a palavra dela contra a de um dos maiores ídolos do futebol mundial
- Já não basta tudo que passamos para conquistar nosso lugar na arquibancada?
- Cenário da modalidade é bem preocupante
- Metade das jogadoras adultas que atuam nos principais campeonatos de futebol feminino não recebem absolutamente nada por isso
- Sem receber pelos clubes, a saída das jogadoras é manter outro emprego além do futebol
- O maior salário pago para uma atleta em atividade no Brasil é de 5 mil
- Na prática, eles ainda são os grandes protagonistas do espetáculo

	<ul style="list-style-type: none"> - Foi triste perceber que a imprensa brasileira simplesmente não frequentava os jogos da seleção feminina - Resultados não são coincidência, são reflexo de uma modalidade abandonada - Além do início tardio, muitas vezes, meninas enfrentam preconceito dentro de casa para jogar - Não há escolinhas só para meninas - Elas pulam uma etapa importante na formação de atletas - A disparidade de gênero existe, é um fato na sociedade como um todo, e não seria diferente no esporte - Há alguns motivos por que competições masculinas geram mais lucro – não é simplesmente questão de mercado, é principalmente de gênero - Se são esportes masculinos que estão na TV, são eles que ganharão mais dinheiro - Se as mulheres sofrem com machismo, falta de cobertura, falta de estrutura e ausência de patrocinadores, elas precisam receber incentivo extra - Diversos esportes foram proibidos para mulheres por décadas - A Bahia tem 67 processos de violência contra mulher abertos por dia
<p>Existem outras pautas do movimento feminista presentes na categoria?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Interseccionalidade - Assédio sexual - Estupro - Lesbofobia - Precarização do trabalho - Disparidade salarial - Violência contra mulher

Observações:

Nesta categoria, ganham intensidade as discussões a respeito da degradação do futebol feminino e as tentativas de promover a modalidade. Independentemente da autoria, há um teor irônico e contestador nos textos, e o uso do deboche fica ainda mais evidente, principalmente quando se trata de combater a objetificação de mulheres, a exemplo dos trechos: “Primeiramente, o que seriam mulheres bonitas e atraentes?” ou “Como a não exibição de imagens de mulheres bonitas poderia contribuir para o fim dos casos de assédio?”. O valor-notícia Resistência se faz presente mesmo nas publicações em que nomes importantes do futebol masculino,

como Tite e cartolas de grandes times, são citados. Para isso, elas se apoiam em dados de pesquisas, de órgãos oficiais e entrevistas que fortalecem o debate e promovem o movimento atribuído à categoria. Isso se evidencia em construções como: “Gerou revolta”, “Precisamos parar de pedir desculpas”, “Há uma mudança em curso” e outras. No item que agrega as palavras ou tópicos frasais são utilizados para denúncias de desigualdades e violências, percebemos que as autoras também o fazem de maneira enfática: “É tão contraditório que faz parecer que o clube quer apoiar as mulheres apenas quando convém”, “Resultados não são coincidência, são reflexo de uma modalidade abandonada”, “Se são esportes masculinos que estão na TV, são eles que ganharão mais dinheiro” são exemplos dessa abordagem.

Quadro 7: Análise da categoria *Personalidade*; Valor-notícia *Protagonismo*; Categoria de envolvimento

Personalidade > Protagonismo	
Qual o posicionamento geral do Dibradoras na categoria?	O Dibradoras se compromete a oferecer protagonismo às mulheres do futebol, em especial Marta, vencedora de prêmios, artilheira de Copas, uma das maiores representantes femininas da modalidade dentro e fora do país – mas, durante muito tempo, esquecida. Por mais que retome o passado difícil da jogadora, as dibras se posicionam ao lado da Marta goleadora, referência, talentosa e que precisa ser lembrada.
Quais palavras ou tópicos frasais estabelecem relação com o tipo de categoria – movimento, envolvimento e engajamento?	<ul style="list-style-type: none"> - Ninguém venceu mais do que ela essa premiação - É engraçado como às vezes parece que algumas pessoas vieram ao mundo predestinadas a mudar o curso da história - Existe um futebol feminino pré-Marta e existirá um dia o pós-Marta - O que ela fez nesse tempo é inacreditável, inimaginável, incomparável - O maior ícone do futebol feminino passou por dificuldades sem fim - Marta enfrentou todo o tipo de preconceito, e venceu - Criada pela mãe e pelos irmãos, sem ter sequer uma certidão de nascimento, encarou a labuta - Marta estava destinada a brilhar com as bolas nos pés - Apesar do frio, Marta não demorou muito para se adaptar no novo país - O mundo todo se curvou para Marta - Obrigada, Marta. Graças a você, milhões de meninas se inspiraram e passaram a jogar bola - Em seu discurso emocionado, a Rainha valorizou a iniciativa de premiar homens e mulheres do futebol juntos

- Foi muito simbólico ver as mulheres dividindo o mesmo palco e fazendo a mesma festa que os homens no final de uma temporada
- Hoje é dia de reverenciar a Rainha, seis vezes melhor do mundo
- É admirável que ela se orgulhe de estampar a fachada de sua sede com o rosto dessa mulher, que já enfrentou tantos e tantos preconceitos
- A homenagem é digna, válida e necessária, mas é preciso ir além dela
- Ela é uma das maiores ativistas LGBT do esporte
- Marta vive seu momento de glória estampando as manchetes de todos os jornais
- Conhecer o passado é fundamental para construir o futuro e alimentar o presente
- Marta merece ser reverenciada por toda a história que construiu com a bola nos pés
- É crucial que as mulheres tenham suas próprias referências
- Ninguém nunca quis contar a história do futebol feminino
- É quase que como se tivéssemos duas certezas na vida: a morte e a outra que a Marta estará na lista de melhores do mundo
- Ela não é Pelé de saias, muito menos o Neymar do futebol feminino
- Os feitos dela não cabem nesse texto, não cabem nem nas horas de debate esportivo da televisão todos os dias
- Está na hora de falarmos mais sobre Marta
- Tivemos maior jogador de todos os tempos e, pasmem, a maior jogadora também
- Não há Messi nem Cristiano Ronaldo que superem o que Marta fez
- Nem os cinco troféus de Marta como melhor jogadora do mundo foram suficientes para calar esse preconceito
- Vamos tirar o peso das costas de Marta, que já fez muito recebendo quase nada em troca
- Por que elas ficam tanto tempo esquecidas?
- Sorrindo aquele riso de menina que a levou pela primeira vez ao futebol ainda menina
- Faltava tudo, mas dela não faltou dedicação e luta
- Nós levamos tanto tempo por entender a importância de uma gigante como foi (e ainda é)
- São mais de 20 anos se dedicando inteiramente a essa camisa amarela e ainda é difícil imaginar que um dia vai existir seleção se Formiga

Qual o perfil das mulheres na categoria – quem são elas?	Atletas do futebol feminino (Marta, Rosana e Formiga), treinadoras, jogadoras estrangeiras, gestores (CBF, FIFA)	
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para se referir a mulheres heroínas x mulheres vítimas?	Predestinada, canhota talentosa, artilheira, Rainha, referência, alta, forte, habilidosa, goleadora, rápida, ágil, dribladora, fenômeno, atacante nata, decisiva, craque, fora da curva, maior de todos os tempos, corajosa, inteligentes, passes cirúrgicos, ativista LGBT, líder, genialidade, velocidade, leveza, alma da seleção	Pobreza, labuta, esquecida, ignorada, chacota
Qual o perfil dos homens – se eles aparecerem – na categoria?	Cartolas (técnicos, gestores), Neymar, Pelé	
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para definir a relação com o futebol?	<ul style="list-style-type: none"> - Irmão mais velho de Marta, José, a trancou em casa algumas vezes para impedir que jogasse futebol - Ele mesmo, que é visto como o patinho feio por tantos clubes e dirigentes, fez o futebol respirar de novo na capital amazonense - Somos o país do futebol, o lugar onde qualquer criança nasce com uma bola no pé 	
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para combater a objetificação da mulher?	<ul style="list-style-type: none"> - Se os homens recebem prêmios e aplausos pelo desempenho durante o ano, por que as mulheres não deveriam receber o mesmo tratamento? - O sucesso dentro de campo não é por acaso - Com cinco Bolas de Ouro, 14 indicações ao prêmio de melhor do mundo, não é possível que Marta não baste - Já faz tempo que precisamos trazer à tona as conquistas das mulheres 	
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para atribuir protagonismo?	<ul style="list-style-type: none"> - Mais uma vez, Marta foi anunciada como uma das três finalistas do prêmio de melhor do mundo FIFA - Com nove anos, Marta era a única garota na equipe local que participou da competição - Mesmo jovem, aos 17 anos, herdou a antiga camisa 10 de Sissi na seleção principal para atuar na Copa do Mundo de 2003 	

- Uma das coisas que mais chama a atenção em Marta é como ela conseguiu manter seu auge por um longo tempo
- Marta é o maior símbolo da modalidade no país e embaixadora global da Boa Vontade na ONU Mulheres
- É claro que as mulheres podem admirar homens e ter seus ídolos no futebol, mas não podemos negar a elas a oportunidade de conhecer e se espelhar em outras mulheres
- Ter a presença da maior jogadora de futebol de todos os tempos como porta-voz nesse momento é muito significativo
- Rosana continua na ativa e se reinventando na modalidade
- Os números mostram que ela está dando conta do recado
- Rosana sempre foi uma atleta de alto nível e que conduziu sua carreira com muita atenção
- Entre os 10 nomes escolhidos, quatro são mulheres, um número representativo e que reforça a presença feminina
- Nada mais justo do que exibir na porta de entrada, como cartão de visitas, a melhor jogadora de todos os tempos
- A maior artilheira da história da seleção brasileira
- A campanha manauara já começa com uma embaixadora de peso: Marta Vieira da Silva
- Daniela é a pessoa ideal para o cargo por transferir toda a sua experiência para as jogadoras mais novas
- A meio-campista é uma das mais inteligentes da posição
- Sua representatividade e importância vão muito além das quatro linhas
- Esta mulher é um fenômeno
- Uma australiana na lista para comprovar a evolução recente do país no futebol feminino
- Muito rápida, ágil e goleadora, assim é Harder
- Marta chamou a atenção do mundo todo pela sua habilidade no drible, velocidade no ataque e ousadia para surpreender as adversárias
- Precisamos valorizá-la e mostrar às nossas crianças com orgulho quem ela é
- Deem a Marta o reconhecimento que ela merece
- Foram reportagens dignas de celebridade, como de fato ela é
- Com 40 recém-completados, ela é a jogadora mais experiente do time que disputa a Copa América de futebol feminino no Chile
- Esse texto poderia seguir por parágrafos e parágrafos elencando os recordes da Formiga dentro de campo

<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para denúncias de desigualdades e violências?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A recepção de Marta ao retornar do Mundial não foi das melhores: a equipe feminina do Vasco anunciou que fecharia as portas por falta de apoio - A atleta reforça a importância de valorizar as jogadoras que disputam o mesmo campeonato que os homens - Atletas não são ouvidas pela entidade máxima do futebol há muito tempo - Marta finalmente foi lembrada pela CBF: porque ali dentro mesmo, no museu que ela fez para a seleção brasileira, a maior artilheira do Brasil foi praticamente esquecida - Não é uma foto na entrada de um prédio que vai apagar as décadas de descaso com o futebol feminino - Ainda há muito que a CBF precisa fazer além de uma homenagem - A Arena da Amazônia tinha tudo para virar um elefante branco após a Copa do Mundo, mas acabou salva pelo futebol feminino - Mesmo ela sendo um ícone recente do nosso futebol, não há registros de todos os gols que fez com a camisa da seleção - Os registros do futebol feminino no Brasil são escassos - O Museu do Futebol teve dificuldade de resgatar a história do futebol feminino quando inseriu a modalidade em suas salas no ano de 2015 - Pouca precisão de informação, é difícil decorar aquilo sobre o qual a gente nunca fala - Gerações que ainda nem nasceram já sabem o nome de Pelé e Neymar, mas quantas vivem aqui e nunca (ou pouco) ouviram falar de Marta? - O Brasil deu a ela o preconceito, a chacota, a proibição de jogar porque era menina - É muito triste e desrespeitoso ver como o Brasil trata seus ídolos, especialmente as mulheres - Assim como o futebol feminino no Brasil ela não é valorizada como merece
<p>Existem outras pautas do movimento feminista presentes na categoria?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Maternidade - Desigualdade econômica e social - Silenciamento de mulheres - Ausência de referências femininas

Observações:

Os textos da categoria Personalidade, na qual atribuímos o valor-notícia Protagonismo, corrobora com as impressões a respeito dos cuidados com a alcunha

de vítima constantemente atribuída às jogadoras do futebol feminino no Brasil. Por mais que ela ocupem esse lugar em determinados momentos, prioriza-se uma descrição heroica e motivadora, principalmente a Marta, que mais aparece nestas publicações. Isso é verificado na diferença da quantidade de termos positivos utilizados para se referir a ela e outras atletas: artilheira, referência, predestinada, inteligente, fora da curva etc. As expressões negativas pouco aparecem: pobreza, labuta, esquecida, ignorada e chacota.

Ponto importante a ser observado é que as Dibradoras mostram que é possível elogiar mulheres-atletas sem cair no culto ao corpo e na sexualização, como muitas mídias fizeram durante anos e ainda fazem. Alguns exemplos: “Marta chamou a atenção do mundo todo pela sua habilidade no drible, velocidade no ataque e ousadia para surpreender as adversárias”, “A meio-campista é uma das mais inteligentes da posição” ou “Rosana sempre foi uma atleta de alto nível e que conduziu sua carreira com muita atenção”. Classificada como categoria de envolvimento, a mensagem transmitida é de que é necessário conhecer as personalidades do esporte e se envolver com as histórias delas.

Quadro 8: Análise da categoria *Pessoalidade*; Valor-notícia *Identificação*; Categoria de envolvimento

Pessoalidade > Identificação	
Qual o posicionamento geral do Dibradoras na categoria?	Apesar de a categoria não deixar de abordar dificuldades no contexto esportivo, as dibras têm um posicionamento otimista e humanizado em relação às personagens das publicações. Mais de um texto está narrado na primeira pessoa do singular, com relatos de experiências próprias.
Quais palavras ou tópicos frasais estabelecem relação com o tipo de categoria – movimento, envolvimento e engajamento?	<ul style="list-style-type: none"> - Nesta família, o amor pela bola surgiu por um interesse pessoal da filha que acabou passando para a mãe - A Keiko é parceira inseparável da Mitiê - Por curiosidade e vontade própria, as mães de atletas se uniram e decidiram entrar em campo para jogar futebol - Mãe e filha estão sempre juntas, se inspirando e apoiando mutuamente - Fanática pelo Cruzeiro, ela sempre foi a todos os jogos e agora queria levar a filha de nove meses recém-completados - Viajar sozinha num ambiente tão masculino como a Copa do Mundo pode parecer uma experiência ousada

	<ul style="list-style-type: none"> - Quem é mulher sabe os rituais que precisamos fazer todos os dias antes de sair de casa - Ela viajou de Singapura para Rússia para viver seu sonho de Copa do Mundo - Seguiremos dibrando e torcendo para que um dia essas aventuras futebolísticas possam acontecer sem tantos receios e cuidados - Ela narra cada lance para o garoto, que sente a emoção de cada jogada - Sílvia redescobriu o futebol ao apresentá-lo ao filho - Ela mesma começou sua paixão pelo futebol inspirada nas narrações de rádio, que ouvia com o pai - O mais bonito dessa relação é como o futebol conectou os dois da maneira mais pura - Cresci achando ser uma criança normal, até que a ousadia por um gosto peculiar me fez supostamente “diferente” - Quando você torce, você cede um pouco da sua vida aquele clube - Já perdi as contas de quantas vezes eu fui a uma loja disposta a gastar mais de 200 reais em uma camisa do meu time e saí de lá frustrada - Ser mulher e gostar de futebol é uma saga - Já imaginou quantas mulheres poderiam se juntar a nós se não fosse tanto preconceito? - Apaixonada pelo esporte desde criança, ela passou a vida jogando - Tudo começou em 1947, quando Vicentina tinha apenas 20 anos - A relação de Dona Vicentina com o SP é tão forte na família que, no seu aniversário de 80 anos, o presente veio como surpresa futebolística - Além de torcer pelo Internacional por conta do pai, Thayná sempre gostou de assistir futebol e também jogar - Eu me lembro dos inúmeros jogos que ele me levou ao estádio - Foi assim, naturalmente, que o futebol passou de pai pra filha. Não foi o cromossomo, foi o amor de um para o outro - Durante a seletiva, os sonhos e a ansiedade eram visíveis no rosto de cada garota que buscava uma chance de ser jogadora de futebol 	
Qual o perfil das mulheres na categoria – quem são elas?	Mulheres anônimas – mães, filhas, avós, amigas, viajantes, noivas – e as próprias dibras, que se manifestam nas histórias por experiências marcantes com o futebol; filha do jogador Fernandão, jogadora iraniana,	
Quais palavras ou tópicos frasais são	Fanática, torcedora, mãe, ousada, orgulhosa, craque, pioneirismo, apaixonada	Intimidada, proibidas, ansiedade

<p>utilizados para se referir a mulheres heroínas x mulheres vítimas?</p>		
<p>Qual o perfil dos homens – se eles aparecerem – na categoria?</p>	<p>Treinadores, torcedores russos, Nickollas (garoto cego cuja mãe narra jogos para ele), netos de uma avó apaixonada por futebol, Fernandão (jogador que faleceu em 2014), pais</p>	
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para definir a relação com o futebol?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O futebol, ainda na primeira infância, é a brincadeira mais incentivada entre os garotos - Quem viaja com o futebol nunca está sozinho - O futebol conecta as pessoas de um jeito tão único e natural que, de repente, nos vemos melhores amigos de desconhecidos - O futebol não precisa ser visto, ele precisa ser sentido - A visão é só um detalhe nesse esporte - Os olhos são só um detalhe, o que faz dele o melhor esporte do mundo é o coração - Virou uma afronta aos meninos que jamais poderiam acreditar que eu entendia alguma coisa daquilo - Foi amor ao primeiro passo na arquibancada, ali eu soube que jamais deixaria o futebol - Que chato é gostar de futebol assim, né? Mas eu continuava gostando - Elas gostam de futebol pelo menos motivo que eles - Quem já passou dos 50 sabe que futebol não tem idade - Só pode acontecer em locais fechados e com uso do hijab - A minha relação com o futebol nasceu de um jeito esquisito - Meu pai não só me amava muito, mas sabia da importância que é para um torcedor ir ao estádio, torcer, chorar, gritar e viver, in loco, o futebol - É consenso que praticamente todo homem apaixonado por futebol sonha em um dia ter um filho para compartilhar sua paixão - Quem define a paixão pelo futebol não é o gênero – somos nós mesmos 	
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para</p>	<p>- A roupa não deveria importar (e não importa), o trajeto também não, porque mesmo que alguma coisa aconteça, a culpa nunca vai ser nossa</p>	

combater a objetificação da mulher?	<ul style="list-style-type: none"> - Se eu fosse um cara, eu teria 50 opções de camisa para comprar, eu não precisaria responder um quiz para falar de futebol, eu poderia ir ao estádio sem ouvir assovios ou gritos de gostosa
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para atribuir protagonismo?	<ul style="list-style-type: none"> - Samanta estava ali com mais outras três mulheres, passando alguns perrengues em uma caravana lotada de homens - Foi assim que Sílvia Grecco apresentou o futebol para o seu filho - A referência do menino quando o assunto é futebol sempre foi a mãe - Era pra ser apenas uma característica minha gostar de futebol – do tipo “Renata é uma criança feliz, gosta de português, de história, de futebol” – mas eu sou menina - Teve quem tenha decidido deixar o namorado, que não é fã de futebol, no Brasil e seguir para a Rússia para acompanhar a seleção - Elas jogam, e jogam muito. Esbanjam habilidade - Hosna é pioneira e uma das primeiras atletas a se aventurarem nessa modalidade - Hoje, a bola parece ter grudado em seus pés e não vai sair mais - Engana-se quem pensa que as iranianas sempre foram proibidas de jogar bola - Na infância, era com ela que ele conversava sobre as expectativas do São Paulo - Simpática e muito extrovertida, a senhora de 90 anos se transforma quando o juiz apita o início de um jogo do SP - A menina já é rosto conhecido no estádio de tanto cantar durante os 90 minutos de jogo sem parar - Nas arquibancadas da Arena, é difícil que Laís não seja notada - Laís não é um menino, mas hoje é tão apaixonada pelo Corinthians quanto Xandy
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para denúncias de desigualdades e violências?	<ul style="list-style-type: none"> - A bola é companheira desde os primeiros passos e poucas são as famílias que se arriscam a dar o mesmo brinquedo – a bola – para a sua garotinha - A dificuldade encontrada pela mãe era descobrir clubes onde a filha pudesse treinar junto com outras meninas - Se no Brasil, a decisão de ir a um jogo sozinha já é um desafio - O São Paulo constatou que 59% delas já sofreram assédio nas arquibancadas e 74% não se sentem seguras para ir ao estádio – 73% já viram mulheres passando por situações constrangedoras ou de violência na arquibancada - Um jogo num ambiente que é hostil até para homens da torcida visitante e que exigiria ainda mais cuidado para mulheres

	<ul style="list-style-type: none"> - Não importa se nos disserem que esse é o lugar mais seguro do mundo, uma rua escura sempre nos lembra o quanto somos vulneráveis – não é uma questão de medo de assalto, é de medo de estupro - Tinha desistido de ir a Fan Fest à noite sozinha por medo de voltar na rua escura - Porque eu era uma menina, ele nunca imaginou que eu pudesse querer ir a um jogo de futebol - Aos 17 anos, eu quis comprar a primeira camisa do São Paulo – não tem camisa feminina - Não queremos roubar o espaço de ninguém, apenas compartilhar o campo, a arquibancada, a quadra - No Irã, desde 1979, elas são proibidas de frequentar estádios de futebol - Há regras rígidas que elas precisam cumprir para seguirem com as bolas nos pés - O país adotou um regime islâmico rígido e restringiu bastante os direitos das mulheres - Times femininos não podem ter treinadores do sexo masculino - As restrições para mulheres nos estádios de futebol em jogos masculinos ainda prevalecem
Existem outras pautas do movimento feminista presentes na categoria?	<ul style="list-style-type: none"> - Políticas de segurança pública - Estupro - Direitos das mulheres no Islã - Desigualdade econômica e social

Observações:

Mães, filhas, avós, amigas, viajantes, noivas e, por que não, as próprias díbras são as mulheres presentes nessa categoria. O envolvimento ao qual os textos se propõem estão presentes na constante tentativa de deixá-los mais próximos do dia a dia de qualquer um que os leia. Diferentemente do valor-notícia que se compromete a referenciar heroínas para quem esteve tanto tempo acostumado apenas com heróis, aqui, a preocupação é com uma identificação mais genuína. A ideia de fazer surgir pensamentos de que talvez eu seja como você, talvez elas sejam como você, e você seja como todas nós; ou de que a sua filha, a sua irmã e a sua namorada também sejam. Alguns exemplos são: “Samanta estava ali com mais outras três mulheres,

passando alguns perrengues em uma caravana lotada de homens”, “Ela viajou de Singapura para Rússia para viver seu sonho de Copa do Mundo” ou “Foi assim, naturalmente, que o futebol passou de pai pra filha. Não foi o cromossomo, foi o amor de um para o outro”. Além disso, pela primeira vez aparece a pauta sobre políticas de segurança pública, que, apesar de ser uma reivindicação do movimento feminista para que mulheres existam livres e sem correrem riscos, é uma demanda muito discutida nas construções familiares – e impacta diretamente na prática esportiva.

Quadro 9: Análise da categoria Poder; Valor-notícia Empoderamento; Categoria de engajamento

Poder > Empoderamento	
Qual o posicionamento geral do Dibradoras na categoria?	O Dibradoras demonstra motivação em contar histórias de meninas e mulheres que foram colocadas em situação de poder no contexto do futebol – ou seja, um time que consegue investimentos, uma garota que se destaca na torcida, uma jogadora mirim que recebe apoio dos pais, uma peneira que bate recorde de atletas etc. O posicionamento é de celebração, apesar das dificuldades.
Quais palavras ou tópicos frasais estabelecem relação com o tipo de categoria – movimento, envolvimento e engajamento?	<ul style="list-style-type: none"> - Todo brasileiro tem uma experiência de vida baseada em Copas - Está no nosso DNA viver futebol intensamente durante aqueles 30 dias do Mundial, reunir as pessoas para ver os jogos - Que tal aproveitar essa chance para chamar as meninas pro jogo? - Toda paixão começa assim, vendo um jogo de futebol pela televisão ou chutando uma boa na rua - A Copa é a melhor oportunidade para mostrar também às meninas a magia desse jogo - Os dois já estão prontos para viverem suas primeiras emoções de Copa do Mundo ao lado da pequena - As personagens – sim, mulheres! – chegaram até ali com o objetivo de fazer história e assim aconteceu - Um time amador, de comunidade, frequentado por poucas meninas que estão ali, prioritariamente pela prática esportiva e desenvolvimento humano - 32 equipes femininas com garotas entre 14 e 15 anos tiveram a mesma chance dos garotos e entraram em campo para brigar pelo título - Usar o esporte como impulsionador do potencial humano - O título do Campeonato de Futebol Gatorade 5v5 pode ter mudado para sempre a vida dessas garotas - Elas já são com certeza centenas, talvez milhares e poderão em breve ser milhões de mulheres que buscaram seu espaço para jogar

- Nos últimos anos, surgiram diversos movimentos para unir mulheres em torno de um esporte – especialmente de futebol, paixão nacional
- Hoje, em São Paulo, por exemplo, podemos citar bons exemplos de lugares em que as mulheres se uniram para jogar e agora nada as tira do futebol
- Possibilitou a também a aproximação de algumas que nunca haviam jogado bola e tinham receio de treinar
- O Joga Miga é um projeto que incentiva mulheres a começarem a jogar futebol
- Outro lugar que passou a acolher mulheres que tinham vontade de jogar toda semana foi o Madalenas F.C
- Essa luta das mulheres por espaço no futebol fez com que alguns campeonatos passassem a finalmente olhar para elas
- Pela primeira vez, duas competições tradicionais do futebol amador criaram categorias exclusivamente femininas: o Neymar Jr's Five e a Tango League
- Se tiver mais dicas de times ou campeonatos amadores para mulheres, não hesite em deixar nos comentários
- E foi assim, vendo as três meninas envolvidas com o esporte na escola, que o pai Chicão e a mãe Doroteia decidiram: por que não criar um time para as filhas jogarem?
- Foi assim que nasceu o Juventude, a primeira equipe de futebol feminino de São José do Rio Preto, em 1966
- Deu tão certo que o Rio Preto hoje é uma das equipes mais tradicionais do futebol feminino no Brasil
- Dentre todas as adversidades, o Rio Preto foi conseguindo seu espaço com a eficiência de Doroteia na administração, a competência de Chicão como técnico e o talento da artilheira Darlene no time
- O Rio Preto conquistou o título por puro merecimento e colocou de vez seu nome entre os grandes do futebol feminino
- O exemplo da cumplicidade e da luta dos pais inspira Darlene também na carreira
- Percebendo a paixão dela, os pais logo a levaram para o estádio
- O interesse de Mariana pelo Flamengo despertou no pai a ideia de mostrar para outros pais que futebol não precisa ser só “coisa de homem”
- No ano passado, ela pediu uma chuteira para o pai e agora joga sempre com os meninos na quadra do prédio
- Isso fez com que a garota passasse a questionar também por que não tem outras amigas para jogar com ela

	<ul style="list-style-type: none"> - Ela também já sabe a receita para se ter mais meninas e mulheres nos estádios - Na família de Juju foi ela quem introduziu o esporte na rotina dos pais - O pai decidiu adaptar sua agenda de trabalho à agenda da filha e largou a vida no escritório - Além de ser um clube modelo na gestão do futebol feminino, um dos poucos a tratar a modalidade de maneira profissional, o Santos inova mais uma vez - O clube santista anunciou que contará com o apoio do projeto Meninas em Campo para fomentar e desenvolver o futebol feminino - De forma pioneira mais uma vez, o Santos Futebol Clube projeta avanços significativos para a modalidade dentro do clube - Vinte anos após ter tido um dos melhores times de futebol feminino da história, o São Paulo investirá novamente na modalidade para cumprir regras - O clube ainda pretende estruturar o novo departamento com outros responsáveis para tocar especificamente o projeto da modalidade - Ex-jogador e ídolo tricolor (Raí) está empenhado em fazer um projeto bem-sucedido para o futebol feminino - Embalado pelo sucesso do futebol feminino da Olimpíada de 1996, em Atlanta, o São Paulo e outros grandes times paulistas resolveram montar um time - O sucesso do Campeonato Paulista e do futebol feminino no Brasil continuou com as grandes equipes investindo na modalidade, mas caiu muito após a Copa do Mundo de 1999 - A parceria acontece pela obrigatoriedade do tricolor baiano em se adequar às normas do Profut e criar o time feminino, não por ideologia
Qual o perfil das mulheres na categoria – quem são elas?	- Pequenas torcedoras entusiastas do futebol, as dibras (em relatos pessoais), jogadoras amadoras membros de coletivos de futebol, jogadoras profissionais (Sissi, Formiga, Juliana Cabral, Katia Cilene), meninas periféricas, mães, Juju Gol (jogadora mirim)
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para se referir a mulheres heroínas x mulheres vítimas?	Campeãs, eufóricas, forte, decidida, mãe, fanáticas, princesa rubro-negra, coragem, habilidade, talento, emocionada, craques Sedentarismo, quadro alarmante

<p>Qual o perfil dos homens – se eles aparecerem – na categoria?</p>	<p>Pais que se movimentaram para apoiar o ingresso das filhas no futebol, técnico do time feminino de futebol do São Paulo</p>
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para definir a relação com o futebol?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aquela experiência louca de ver futebol tomando café da manhã - Começou a jogar bola na rua, por curiosidade - Algumas nunca haviam chutado uma bola antes, outras sonhavam em ser jogadoras de futebol desde criança - Paixão nacional - Nasceram três meninas, que, por incrível que pareça, tiveram o mesmo destino que o menino teria: bola no pé - Trazemos as histórias de duas provas vivas de que futebol não tem mesmo idade, nem gênero - As duas sofrem, comemoram e se divertem falando de futebol na internet e mostrando que a arquibancada é lugar de todo mundo - O que Messias não pensou é que a paixão pelo futebol não escolhe cor, raça, idade ou gênero - Um time de futebol é responsável por fortalecer laços familiares - Entre todos os brinquedos que já havia ganhado, escolheu a bola como preferida - Tanto Wellington, quanto Cláudia são grandes incentivadores da menina e entenderam muito cedo que o sonho dela é ser jogadora de futebol
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para combater a objetificação da mulher?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Não há
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para atribuir protagonismo?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A Tarsila, por exemplo, tem só 4 anos de idade e já dá seus primeiros dribles no campo incentivada pelo pai Heinar e pela mãe Tati - As meninas que representam o Centro Olímpico estão acostumadas a disputar torneios e vencê-los - Sandra, além de coach, é uma das coordenadoras do projeto Em Campo que completará dois anos em agosto - A primeira aluna a fazer parte do projeto é Isabel Cristina, de 15 anos, que também joga pelo time feminino de base do Audax

- Doroteia conheceu Chicão nos campos de São José do Rio Preto – ele jogando, ela assistindo da arquibancada
- Milene, Sharlene e Darlene jogavam futebol desde a infância – e aí de quem ousava não as deixar jogar
- A caçula, Darlene, chegou a ameaçar furar a bola com uma faca quando os meninos quiseram excluí-la do jogo na rua
- Mulher forte e decidida, ela conta que teve de enfrentar muito preconceito desde que começou a trabalhar com o futebol
- Ela está vivendo o sonho de jogar na Europa
- Pai de Rogério chegou a dizer ao filho que ele não teria seu parceiro de estádio, mas mal sabiam eles que a Bela seria mais fanática que os dois juntos
- “Pão Paulo” foi a primeira palavra que ela disse, antes mesmo de pai e mãe
- Ela virou porta-voz da torcida na internet
- A menina se tornou um ícone da torcida
- A paixão de Mariana pelo Flamengo veio, literalmente, desde o berço
- Os vídeos mostram as reações da menina no Maracanã e a torcida dela pelo time do coração
- Não precisa ser menina para gostar de futebol – e a Isabela é a prova disso
- Bela mostra, mais uma vez, toda a sua personalidade
- A menina cresceu com um talento nos pés que nem os pais sabem de onde veio
- Hoje, com oito anos, Juju já passou pelo Barcelona (era a única menina da escolinha do clube no Rio de Janeiro) e agora está no PSG, ainda jogando com os meninos
- Juju tem apenas oito anos de idade, mas ela já é conhecida - e reconhecida – pelo seu talento com a bola nos pés
- Destaque por aí, não é raro encontrar matérias pois aí falando da habilidade da garota
- A coordenadora do Projeto Meninas em Campos é Sandra Santos, que também atua como coach e preparadora física na equipe profissional do clube
- Foi uma época áurea para o futebol feminino, que disputava jogos com o estádio lotado (boa parte das partidas eram realizadas no estádio do Ibirapuera) e também contava com transmissões na TV aberta
- Foi nesses tempos que surgiram os gritos na torcida são-paulina pedindo craques do futebol feminino na equipe masculina

	<ul style="list-style-type: none"> - (Sissi) Essa que foi um dos maiores nomes da seleção brasileira vestiu a camisa tricolor comandando o meio-campo de um timaço que contava com Formiga, Katia Cilene, Juliana Cabral
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para denúncias de desigualdades e violências?	<ul style="list-style-type: none"> - Elas que, muitas vezes, ficam alheias a esse universo que ainda é (infelizmente) considerado “masculino”, podem gostar, torcer e vibrar tanto qualquer menino - Quando perguntamos o porquê de o futebol feminino ser pouco valorizado, a resposta das duas foi dita ao mesmo tempo: machismo, né? - Do lado do Adecó, Ana Beatriz Giusti, Sabrina Nogueira e Ravena Araújo comentam o quanto é difícil ser aceita como jogadora de futebol no meio dos meninos - As chamadas “peladas” durante a semana, aquele futebolzinho sagrado dos homens, é algo muito frequente para eles, mas quase inexistente para elas - A cultura de se encontrar para praticar esportes juntas infelizmente é pouco comum para mulheres adultas - Mulheres não são incentivadas a praticar esporte (muito menos futebol) quando crianças - São cobradas por uma jornada dupla assumindo todo o trabalho doméstico e cuidado dos filhos em casa - Não é tão simples encontrar espaço público seguro para praticar esportes, especialmente durante à noite - Segundo uma pesquisa do IBGE de 2015, 83% da população feminina acima de 15 anos não pratica nenhum esporte - Até pouco tempo atrás, ainda que quisesse começar a jogar bola ou aprender a chutar, a mulher adulta não tinha opção - Há uma ideia generalizada que se propaga por aí de que futebol é coisa de macho - Até pouco tempo, era comum ver mulheres abandonando suas carreiras no trabalho para cuidarem dos filhos em casa - Uma das maiores lacunas do futebol feminino é a formação das atletas - Sem investimento na base, elas se desenvolvem técnica e taticamente muito tarde, prejudicando a evolução do esporte - O título do Mundial não veio e, aos poucos, os times foram fechando as portas para o futebol feminino alegando a falta de recursos – o SP encerrou as atividades do departamento em 2001
Existem outras pautas do movimento	<ul style="list-style-type: none"> - Divisão sexual do trabalho - Maternidade

feminista presentes na categoria?	- Políticas de segurança pública
--	----------------------------------

Observações:

Esta categoria é a primeira em que não há preocupação em tratar da objetificação de meninas e mulheres no esporte. O motivo é que as autoras estão mais empenhadas em demonstrar o quanto esse pode ser um local de empoderamento coletivo e individual – já que apresenta histórias de times ou de meninas que se encantaram pelo futebol. Por exemplo, os tópicos frasais que são utilizados para denúncias de desigualdades e violências são mais leves e se referem principalmente à prática esportiva em si. Classificamos esta como uma categoria de engajamento porque ele se reflete não só nos fatos noticiados, como na própria construção narrativa: “Está no nosso DNA viver futebol intensamente durante aqueles 30 dias do Mundial, reunir as pessoas para ver os jogos”, “A Copa é a melhor oportunidade para mostrar também às meninas a magia desse jogo” ou “Essa luta das mulheres por espaço no futebol fez com que alguns campeonatos passassem a finalmente olhar para elas” são alguns exemplos.

Entendemos também que o valor-notícia empoderamento se revela positivo nesses nove textos e permeia outras categorias quando se trata de evidenciar os resultados da participação feminina no campo esportivo – como mais poder, autonomia, liberdade, autoconfiança, oportunidades, liderança etc.

Quadro 10: Análise da categoria *Reação*; Valor-notícia *Representatividade*; Categoria de movimento

Reação > Representatividade	
Qual o posicionamento geral do Dibradoras na categoria?	As dibras se propõem a conferir representatividade a pessoas e grupos que, de alguma maneira, foram silenciados no contexto esportivo ou reagiram às dificuldades impostas ao futebol feminino ao longo da História. O posicionamento é de chamar a atenção para esses personagens e situações, no sentido de que há o que comemorar, mas o quanto tudo isso já custou?
Quais palavras ou tópicos frasais estabelecem relação com o	- Nos últimos dias, um grupo de mais de 50 jornalistas esportivas deu a aula que todos nós precisávamos ter há tempos: a do respeito - Tempo demais: agora elas decidiram dizer “chega” - O protesto das jornalistas não é só contra assédio e os comentários machistas que ouvem no meio esportivo

**tipo de categoria
– movimento,
envolvimento e
engajamento?**

- Se antes era engraçado pedir para uma mulher que gostava de futebol explicar o que é impedimento, agora não é mais
- Essa foi a primeira vez, salvo engano, que a Nike usou uma jogadora de futebol para divulgar o uniforme de sua “menina dos olhos”, a seleção brasileira
- Até mesmo outras jogadoras da seleção se manifestaram nas redes sociais sobre a importância do fato
- Incluir uma jogadora da seleção feminina na divulgação da camisa do Brasil significa reconhecer a existência delas como parte desse time
- Elas ainda são minoria na cobertura do torneio e raridade nas seleções, mas nunca tinham se destacado tanto quanto na Rússia
- Falando em números, foi a Copa que mais teve mulheres na imprensa credenciada para cobrir o evento
- Foi a Copa das repórteres, cinegrafistas e fotógrafas que estiveram na Rússia representando as mulheres em evento ainda tão dominado por homens
- Foram muitas conquistas importantes delas na Copa da Rússia, e que podem representar uma mudança histórica e permanente no futebol
- Nunca se falou tanto sobre o protagonismo delas, que finalmente começou a ser notado neste Mundial
- As primeiras narradoras, a primeira comentarista na TV, a primeira vez que se repudiou publicamente o assédio que elas sofriam
- A FIFA mudou suas regras e passou a ter cotas para a inclusão de mulheres nesse meio, pelo menos nas competições de futebol feminino
- A norma passou a valer em 2016 e exige pelo menos uma mulher na comissão técnica e uma médica viajando com a equipe
- Se ainda precisamos quebrar muitas barreiras para comandar equipes femininas, imagine dentro de equipes masculinas?
- São poucas as que conseguem, mas elas existem – e resistem!
- Um clássico desse tamanho em uma decisão de campeonato pode ajudar a quebrar as barreiras de preconceito com o futebol feminino
- A ESPN fez uma parceria com a FPF e passou a transmitir as partidas nas últimas fases do torneio com equipes 100% femininas
- Para mudar essa experiência, havia uma coisa muito simples a ser feita: separar as filas de homens e mulheres
- No caso do Morumbi, essa situação só mudou porque o clube decidiu ouvir a reivindicação das torcedoras após uma série de reuniões com elas
- Houve também um e-mail divulgado para mulheres enviarem sugestões

- É mais comum a mulher abrir mão de uma carreira para seguir o marido no futebol – foi assim por mais um ano. Mas houve um dia que tudo mudou
- Tamires defende que haja uma estrutura que permita à mulher-atleta engravidar com o respaldo do clube para que um sonho não interrompa outro
- Por jogar bola na rua com os meninos, Maíra percebeu que estar ali era uma forma de resistência e assim seguiu
- A ideia deles era fazer um clube diferente, onde pudesse reunir homens e mulheres para o entretenimento cultural e esportivo, algo incomum para época
- As jogadoras, acima de tudo, querem ver a FIFA trabalhando pelo desenvolvimento do futebol feminino todos os anos, não só em ano de Copa
- No país que rejeita homossexuais e que “aprova” a violência contra mulher a até mesmo na lei, há um espaço em que pelo menos durante um mês as pessoas podem ser o que quiserem
- A Casa da Diversidade foi aberta em Moscou e São Petersburgo para dar voz àqueles que não costumam ter espaço para falar na Rússia
- Não é só por ser um espaço aberto à diversidade em meio a uma Copa do Mundo em um país intolerante às minorias
- A FIFA tem um formulário online para denúncias de discriminação na Copa da Rússia
- Esse resgate histórico foi incorporado à sala “Origens” do Museu onde está contada a história do esporte mais popular no Brasil
- Há relatos que reforçam a presença feminina nos campos e nas arquibancadas
- Hoje já é possível dizer que há uma perspectiva bem melhor para as meninas e adolescentes que jogam bola
- A partida da Copa entre Rússia e Arábia Saudita contou com as presenças ilustres de mulheres que nunca haviam estado em uma arquibancada
- O que as sauditas viveram na Rússia mudará a vida delas para sempre
- Independente do resultado, agora as mulheres sauditas podem torcer, podem vibrar e podem ver de perto a seleção sentindo-se finalmente parte da nação
- Mais do que jogar e acompanhar futebol, as mulheres querem ter a liberdade de soltar sua voz na arquibancada
- Um protesto das jogadoras resultou na mudança do comando técnico da equipe
- Atletas celebraram a equiparação dos pagamentos destinados ao futebol no país

	<ul style="list-style-type: none"> - O movimento das jogadoras neozelandesas mostra a importância de um posicionamento conjunto de atletas para reivindicar seus direitos - O Bahia, time de maior torcida do estado, resolveu incorporar o Dia da Consciência Negra no rol de datas comemorativas do ano - A primeira ação desse projeto veio neste domingo, quando jogadores entraram em campo com nomes de heróis e heroínas dos negros no Brasil em suas camisas - O tricolor baiano já vem dando sinais de que queria se aproximar do público negro e também resgatar a ideia de ser um clube popular - Tem uma comissão de ações afirmativas que tratam de temas ligados a minorias sociais 	
Qual o perfil das mulheres na categoria – quem são elas?	Jornalistas, comentaristas, narradoras, treinadoras, jogadoras, mães-atletas (Tamires, da seleção brasileira), gestoras, pioneiras (Sissi, Léa Campos), pesquisadoras (Aira Bonfim, Silvana Goellner), membros dos coletivos que integram o Movimento Mulheres de Arquibancada, heroínas negras que são referência da negritude no Brasil, principalmente no Nordeste	
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para se referir a mulheres heroínas x mulheres vítimas?	Fortalecidas, protagonistas, absolutas, intrusa, apta, qualificada, irreverente, mãe-atleta, transgressora, consagrada, referência, matriarca, Rainha, pioneira, campeã, reconhecida, lendas, sobreviventes, poderosas, unidas, guerreira negra, heroína, admirada,	Adorno, mulher-enfeite, menina-macho
Qual o perfil dos homens – se eles aparecerem – na categoria?	Torcedores, jogadores, marido e filho da jogadora da seleção Tamires, jogadores do Bahia e homens negros que foram referência na história do clube	
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para definir a relação com o futebol?	<ul style="list-style-type: none"> - Não precisa ser especialista em tática para gostar desse esporte tão apaixonante - No Brasil, registra-se que o futebol feminino chegou por volta da década de 20 e seguiu pelos anos 30 e 40 praticado apenas como lazer - Como consequência desse preconceito e desse atraso, são poucas as mulheres que também aparecem no cenário do comando técnico do futebol - Aos 11 anos, assistindo à televisão, viu uma seleção brasileira de mulheres jogando e soube o que queria ser: atleta - As viagens são a parte mais difícil da rotina de mãe-atleta 	

	<ul style="list-style-type: none"> - Monique começou sua relação com o esporte jogando vôlei na infância e acompanhando o pai e o irmão em jogos de futebol - Maíra, desde cedo, se descreveu como transgressora na prática esportiva - Foram décadas de pouquíssimo desenvolvimento para uma modalidade que ficou parada no tempo e impedida de ser praticada - (No Reino Unido) houve uma partida de equipes femininas que atraiu 50 mil torcedores para o estádio, e a Federação ficou com medo de o futebol delas roubar a atenção do futebol deles - As mulheres passaram quatro décadas excluídas oficialmente da maior paixão nacional - Tudo isso mostra que é possível fazer muito pelo futebol feminino, basta querer - A sensação de ir a vez primeira ao estádio é inigualável - O futebol da Arábia Saudita está ganhando uma nova cara, uma nova voz - Elas poderiam viver o futebol como ele é, muito mais do que um jogo
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para combater a objetificação da mulher?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Em um vídeo que viralizou nas redes sociais, elas soltaram o grito que estava engasgado: #DeixaElaTrabalhar - Houve (e ainda há) quem achasse que era o tal “mimimi” – mas houve muito mais suporte - Tem que ter muita coragem – e muita paciência – para aguentar tantos “volta pra cozinha”, “vai lavar louça”, “gostosa”, “vadia”, “te comeria toda”, “não merece nem ser estuprada” - Sem falar nos assédios moral e sexual dentro das próprias redações: “ela está usando outros artifícios para conseguir essas informações”, “certeza que está dando pra alguém” - Mulher pode entender de linha de 4, de 5, do falso 9 e dar um nó tático em qualquer um que duvidar disso - Tem o direito de trabalhar com jornalismo esportivo em paz, sem ouvir comentários sobre seu corpo - Já está na hora de a FIFA mostrar o protagonismo da mulher no futebol nesses protocolos oficiais em vez de reforçar estereótipo de mulher-enfeite - A maioria dos homens que ler esse post provavelmente sequer notou esse problema - Quem não se lembra de Ronaldinho Gaúcho dizendo “quer namorar comigo?” para Maíra Lemos durante uma entrevista? - A jornalista já passou por situações onde precisou se firmar e driblar alguns assédios e machismo

	<ul style="list-style-type: none"> - Emma Hayes não gosta de se ver como um “exemplo a ser seguido” apenas por ser mulher, ela quer ser reconhecida como a boa técnica que é - Elas querem ser parte da festa que esse esporte promove, querem existir sem precisar pedir por respeito, sofrer assédio ou preconceito - Cansadas do assédio moral e da “cultura do medo” implementada pelo treinador, elas também não se calam e protestaram até serem ouvidas pela confederação
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para atribuir protagonismo?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Bruna conta que o apoio que elas tiveram foi enorme até mesmo dentro das redações onde trabalhavam - A jogadora do Barcelona foi convidada pela Nike, fornecedora esportiva da seleção, para também desfilarem o novo modelo da camisa - Foi a única mulher naquele meio, mas a representatividade que ela trouxe carregou o peso de milhões de jogadoras - A seleção brasileira não é a seleção masculina - Delas fazem parte dezenas de mulheres que lutam por essa visibilidade e pelo reconhecimento do trabalho que fazem há tantos anos - As mulheres vieram pra ficar - Foi a Copa de Iva Olivari, a gerente da seleção croata que ficava no banco de reservas junto com a comissão - Kolinda Grabar-Kitarovic, a presidente-torcedora da Croácia que marcou presença no pódio - Mas se nas cerimônias as mulheres foram secundárias, nas tribunas elas foram protagonistas absolutas - Na seleção de futebol, um tabu foi quebrado em 2016 quando Emily Lima assumiu o comando do time principal - Iva não é treinadora e nem auxiliar técnica, mas a sua presença numa competição desse tamanho significa muito - Nilmara Alves, 36 anos, é a primeira mulher da história do futebol brasileiro a ter o seu nome registrado como treinadora do BID da CBF - Na profissão, Nilmara afirma ser uma treinadora que deixa o jogador tomar as rédeas do jogo sem interferir muito - Há registros que contam que a primeira mulher a treinar uma equipe masculina foi Claudia Malheiro - Além da formação especializada, Priscilla se preparou ao longo da carreira para exercer a profissão - Mesmo apta e qualificada para exercer a profissão, a técnica sabe das dificuldades que as mulheres enfrentam no futebol

- O banquinho é o maior companheiro de aventuras de Tati Mantovani desde que ela se tornou correspondente do Esporte Interativo
- Foi a competência e a naturalidade dela como profissional que mais chamou atenção dos jogadores
- Se hoje usa o banquinho para driblar a falta de altura, Tati também precisa usar outros artifícios para driblar o assédio e o preconceito que sofre trabalhando sozinha como repórteres e câmera
- A campanha das Sereias é quase perfeita no Paulista
- Ambas construíram uma carreira consolidada dentro da TV Globo
- De tenista consagrada no país a gerente da seleção finalista na Copa do Mundo da Rússia
- Iva tem muita fama no meio empresarial e é apontada como referência feminina na busca por espaço no mercado de trabalho
- Tudo isso para nunca esquecerem de Micaela Lavalle de Mejía, a mulher que fundou o Club Deportivo Popular Junior Fútbol Club AS
- A torcida colombiana jamais esquece o feito de sua matriarca e é possível encontrar a faixa de agradecimento a Micaela nas arquibancadas
- O Manchester City nasceu como forma de um trabalho social de Anna Connell, filha do vigário da igreja de São Marcos
- A mais ilustre entre os fundadores foi Zulmira Canavarros
- Mitos vão caindo por terra ao longo dos anos ao revelar o pioneirismo feminino em diversas áreas esportivas
- Antes mesmo dos bebês nascerem, já tem um grande motivo para comemorar: Hayes conquistou neste sábado seu segundo título
- Ela conversou com as atletas no intervalo do jogo e seu papel foi fundamental na conquista
- Por algum tempo, ela foi a única mulher a comandar uma equipe de futebol feminino
- A Rainha Marta é a foto principal da exposição
- Sissi, um dos maiores nomes da história, está entre as pioneiras mundiais juntamente com Emily Lima, a treinadora que quebrou barreiras
- Aira participou ativamente da inclusão da história das mulheres no futebol brasileiro dentro do Museu do Futebol
- Léa Campos, a primeira mulher a arbitrar um jogo oficial da FIFA em 1971, durante o Mundial Feminino no México
- Há pouco mais de dois anos chegou um reforço de peso para transformar essa realidade: Aline Pellegrino, ex-capitã da seleção brasileira

	<ul style="list-style-type: none"> - A importância de Pellegrino no futebol feminino ultrapassa os limites do território brasileiro e já chega à cúpula mais alta da própria FIFA - O amor pelas cinco estrelas do time celeste também se estende a 2.427 quilômetros com 22 garotas que defendem a camisa do Cruzeiro em Macaíba - Elise sabe da importância de se posicionar diante de uma situação machista, assédio, racismo ou violência - O grupo é encabeçado por seis mulheres que levam as pautas para a discussão com cerca de outras 70 - As jogadoras estão demonstrando uma união absoluta para conseguir reconhecimento para a modalidade em território nacional - Desde 2014, o Bahia tem como mascote a Lindona do Bahêa (uma versão de mulher-maravilha negra)
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para denúncias de desigualdades e violências?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - É verdade que centenas de comentaristas já deram “explicações táticas” para mulheres em transmissões - Outras centenas de narradores já fizeram comentários igualmente machistas - E que milhares de torcedores já ofenderam ou assediaram repórteres - A repórter Renata de Medeiros sendo agredida por torcedor em Porto Alegre - Bruna Dealtry, do Esporte Interativo, sendo beijada, também por um torcedor, enquanto fazia uma entrada ao vivo no Rio de Janeiro - Kelly Costa, do SporTV, ouve uma série de xingamentos enquanto trabalhava na semifinal do Gaúcho - Toda mulher que ousasse trabalhar na área esportiva sabia que teria que lidar com essas situações - Faz parte do jeito que a gente foi criada – e que todos foram criados: esporte é coisa de homem, mulher não entende de futebol - Algumas delas contam que já trabalharam em estádios onde não havia banheiro feminino na área de imprensa - Elas passavam a transmissão inteira sem beber água para não ficarem com vontade de fazer xixi - O país negava a ela o mínimo de estrutura para treinar - Essas mulheres são completamente esquecidas – lembradas apenas a quatro anos em época de Olimpíadas e, principalmente, quando a seleção masculina não está bem - Falta de uma representatividade maior nas cerimônias oficiais da FIFA, que ainda colocam como único papel da mulher o de “adorno” para o espetáculo - Jogar, apitar, narrar, treinar, gerir. Ser mulher e desempenhar qualquer uma dessas funções no ambiente esportivo causa estranhamento

- Em 1941, o então presidente Getúlio Vargas proibiu a prática de alguns esportes para as mulheres, dentre eles, o futebol
- O preconceito e a proibição atrasaram a evolução do futebol feminino no país, que ainda sofre com a falta de apoio, investimento, visibilidade
- São 40 anos de atraso
- Nem como treinadoras, nem como preparadoras, ou mesmo como membro de comissão técnica. É muito raro vê-las ocupando essas posições
- Na última Copa do Mundo Feminina, realizada em 2015 no Canadá, das 24 seleções participantes, apenas oito era comandadas por mulheres
- Um fato que marcou a trajetória da técnica aconteceu quando ouviu um técnico adversário dizer abertamente que não aceitaria perder para uma mulher
- Relata já ter sofrido muito com torcedores intrusos que invadem o quadro para beijá-la ou constrangê-la
- A entrada no estádio pode ser uma experiência bastante desagradável para as mulheres que frequentam arquibancadas
- A revista policial feita no Morumbi, no Allianz Parque ou na Arenas Corinthians sempre foi muito difícil para elas
- Esse processo poderia ser menos doloroso: primeiro, pelo assédio sofrido – muitos torcedores aproveitam o momento para passar a mão nas torcedoras
- Sempre foi um problema que passou despercebido – por elas serem minoria ali
- Elas relataram casos de assédio, brigas e discussões que quase terminaram em agressão
- Torcedoras tendo que pedir passagens para os homens numa experiência bastante constrangedora
- Se fosse um jogador, provavelmente, Tamires não teria tido esse mesmo baque. Neymar mesmo teve um filho aos 20 anos e continuou a carreira normalmente
- Um filho muda completamente o corpo e a vida de uma mulher
- Engravidar é uma questão difícil para atletas, que precisam ponderar tudo isso antes de simplesmente serem mães
- Já imaginou conciliar um casamento com essa distância, um filho e o pai e a mãe jogando futebol?
- Ela convive com o dilema das jogadoras que sonham em ser mães, mas evitam pensar nisso por conta da carreira
- Se no mercado de trabalho já é difícil ser mulher e mãe, no esporte é quase uma escolha eliminatória: se optar por um, vai ter que abdicar o outro

- Na seleção brasileira, por exemplo, até 2018, nenhuma mulher havia sequer viajado junto com a delegação como parte integrante de uma comissão
- A gravidez costuma ser vista como empecilho para as mulheres no mercado de trabalho
- O prêmio oferecido à França campeã mundial na Rússia foi de US\$ 38 milhões – praticamente 10 vezes mais do que a seleção campeã do torneio feminino irá ganhar
- A maior reclamação das atletas é ainda pela falta de igualdade nos “benefícios” oferecidos pela FIFA aos participantes da Copa Masculina
- No caso do Mundial feminino, a edição da França não terá todos os custos de voo executivo cobertos pela FIFA
- O argumento para bani-las do esporte foi que “ele não era adequado para o corpo feminino”
- A população LGBT é praticamente ignorada nos gramados, onde assumir-se gay é quase crime – o temor pela violência impede que eles falem sobre isso
- Diziam que as práticas de contato não eram compatíveis ao corpo da mulher – visto que elas precisavam se preservar para a maternidade – e eram mais frágeis do que os homens
- Reforça o quanto fez mal para a modalidade feminina viver por mais de 40 anos de maneira irregular
- Léa foi inúmeras vezes repreendida pelos militares que comandavam o Brasil naquela época pelo simples fato de jogar futebol
- Léa teve seu diploma de árbitra bloqueado pela mesma lei que proibia a participação feminina nos esportes
- As ditaduras e os decretos acabaram na teoria, mas na prática ainda há muitas barreiras para atletas
- Uma das principais reivindicações do futebol feminino é por mais visibilidade aos torneios, que raramente têm a chance de serem exibidos na TV
- Na Arábia Saudita, até este ano, mulheres eram P-R-O-I-B-I-D-A-S de entrar em um estádio de futebol
- O clube se sustenta com parte da verba recebida pelo time masculino, o que corresponde a três mil reais por mês para pagar materiais, deslocamento das atletas, água e frutas em dias de treino
- É raro ver qualquer movimentação de atletas reivindicando melhorias no esporte em qualquer modalidade no Brasil
- Eles tinham academia e campos exclusivos, enquanto elas treinavam como uma estrutura secundária

	<ul style="list-style-type: none"> - Mulheres como Dandara, guerreira que lutou contra a escravidão, ou de Maria Felipa, que liderou movimento contra a colonização e exploração dos portugueses no Brasil são pouco mencionadas nas aulas de história - A proibição só deixou de existir após muita luta e resistência delas em 1979 - São inúmeras histórias de mulheres que precisaram enfrentar ameaças e preconceitos para poderem praticar esportes
Existem outras pautas do movimento feminista presentes na categoria?	<ul style="list-style-type: none"> - Divisão sexual do trabalho - Assédio e importunação - Corpo e gravidez - Maternidade e carreira - Mulheres em posição de liderança - Homofobia - Violência doméstica

Observações:

Os textos da categoria Reação – valor-notícia Representatividade – são mais densos que os outros analisados. Isso porque a narrativa é construída em duas etapas: denunciam-se as privações para evidenciar as reações. Além disso, há uma variedade maior de indivíduos sendo retratados. São recortes de mulheres do esporte presentes em diversos contextos, já que um dos objetivos é que essas pessoas sejam representadas em suas conquistas perante os obstáculos impostos. Aqui, aparecem pela primeira vez pesquisadoras do campo esportivo, uma temática que ainda sofre com preconceitos em algumas áreas do conhecimento na Academia. Mulheres iranianas, LGBTQIA+, mulheres negras, nordestinas, russas, neozelandesas e outras também são representadas.

Sendo uma categoria de movimento, os tópicos frasais que mostram essa atividade transmitem a mensagem de que algo está acontecendo: “Incluir uma jogadora da seleção feminina na divulgação da camisa do Brasil significa reconhecer a existência delas como parte desse time” ou “Um protesto das jogadoras resultou na mudança do comando técnico da equipe” são alguns exemplos. No item que denuncia a objetificação de mulheres, os argumentos se tornam mais enfáticos, como nas frases: “Tem que ter muita coragem – e muita paciência – para aguentar tantos ‘volta pra cozinha’, ‘vai lavar louça’, ‘gostosa’, ‘vadia’, ‘te comeria toda’, ‘não merece nem ser estuprada’”, “Mulher pode entender de linha de 4, de 5, do falso 9 e dar um nó

tático em qualquer um que duvidar disso” e “Tem o direito de trabalhar com jornalismo esportivo em paz, sem ouvir comentários sobre seu corpo”.

É nesta categoria que também aparece a maior pluralidade de pautas que conversam com o feminismo e que vão além de uma conjuntura esportiva. São elas: divisão sexual do trabalho, assédio e importunação, corpo e gravidez, maternidade e carreira, mulheres em posição de liderança, homofobia e violência doméstica.

Quadro 11: Análise da categoria Técnica; Valor-notícia Desempenho; Categoria de engajamento

Técnica > Desempenho	
Qual o posicionamento geral do Dibradoras na categoria?	O objetivo do Dibradoras nessa categoria é dar visibilidade ao futebol feminino “no ato”: as partidas, os campeonatos, os resultados, a evolução dos times, a relação com quem está gerindo a modalidade etc.
Quais palavras ou tópicos frasais estabelecem relação com o tipo de categoria – movimento, envolvimento e engajamento?	<ul style="list-style-type: none"> - Amistosos são tão importantes, ainda que submetam os/as atletas a riscos de lesões – os quais, reforçando, eles/as também estão expostos em simples treinos - Nenhum treino ou jogo-treino consegue simular as emoções envolvidas dentro de uma partida de futebol - Não dá pra ter essa de “medo de lesão”. Aliás, não dá pra ter essa de medo - Esperamos que essas sejam mudanças reais em prol da modalidade e que consigamos evoluir no futebol feminino - Como recuperar a força e a vontade de vencer após derrotas tão duras? - Os ânimos se acirraram - Pelo menos 90 meninas passaram diretamente pelos meus times e eu pude acompanhar um pouco da história delas - Vi de perto meninas que nunca tinham jogado bola na vida começarem a jogar semanalmente - A eficiência no modelo de gestão do futebol feminino neste ano foi tamanha que o Rubro-Negro manteve essencialmente a mesma equipe - Com a conquista do título estadual, o Vitória mostrou a força de uma gestão inteligente - Sport e Vitória também já disputam o Brasileiro e mantêm o futebol feminino vivo há alguns anos no Nordeste

- Na Inglaterra, Manchester City, Chelsea, Arsenal e Liverpool fizeram times femininos nos últimos anos e isso fez com que o Manchester United se mobilizasse para, pela primeira vez na história, investir na modalidade
- Foi montada uma seleção permanente, onde a CBF foi a grande custeadora dessa preparação, pagando salários para grande parte do elenco e dando toda a estrutura da Confederação para que elas pudessem treinar em alto nível
- O futebol feminino vive uma fase de transformação em todo o mundo, com as seleções evoluindo cada vez mais e mulheres quebrando todas as barreiras
- A Copa é uma oportunidade de romper os paradigmas de quem ainda pensa que futebol é coisa de homem
- Um país que, assim como o Brasil e o Reino Unido, teve o futebol feminino proibido por lei por mais de quatro décadas e que vive em plena ascensão da modalidade
- Uma das iniciativas do blog Dibradoras é trazer análises feitas por mulheres sobre os jogos da Copa do Mundo
- É bem provável que a cobertura deste Mundial entre para a história por conta da grande presença feminina em debates esportivos
- As narrações das mulheres no canal Fox Sports 2, os comentários feitos por elas nas mesas de debates, participação de atletas do futebol feminino nas coberturas do torneio, as reportagens de campo e extracampo só comprovam que cada vez mais o jornalismo esportivo pode ficar mais democrático
- É de suma importância abrir espaço para que – assim como ocorre com os homens – as ex-jogadoras possam compor as equipes de comentaristas durante as transmissões dos jogos
- A Federação quer mobilizar patrocinadores, empresas, atletas e o público para consolidar de vez o futebol feminino como parte da cultura do país
- O campeonato inglês de futebol feminino também é uma potência na modalidade
- Em 2017, Manaus se tornou conhecida nacionalmente como a capital do futebol feminino no Brasil
- Ao desembarcar na capital amazonense para acompanhar a competição, percebi o quanto o futebol feminino tem força por aqui
- Amarildo Dutra resolveu investir forte no futebol feminino e trouxe um diretor de futebol experiente para coordenar o planejamento
- O caminho para o título está encurtando, mas para os amazonenses, o orgulho pela trajetória das meninas do Iranduba sempre estará presente
- O Manchester City Ladies foi oficialmente abraçado pelo clube em agosto daquele ano e, desde então, conta com a mesma estrutura do time masculino

	<ul style="list-style-type: none"> - Desde o início da década de 2000 – no ano de 2001, para ser mais precisa – as mulheres passaram a ter a oportunidade de sonhar igual - Com jogos de altíssimo nível, Santos e Corinthians coroaram o trabalho que foi muito bem-feito pelos dois clubes no fortalecimento do futebol feminino - O time do Parque São Jorge pela primeira vez assumiu o investimento sozinho da modalidade e tem mantido uma excelente estrutura para atletas - Uma das ações do marketing da Chape no ano passado foi colocar uma indiazinha para ser mascote ao lado do indiozinho Condá. A ideia é que ela pudesse representar as mulheres torcedoras da Chapecoense - O feito de chegar tão longe é inédito, mas a modalidade feminina existe no clube há mais de 20 anos - Muito dessa evolução acontece graças ao apoio da Prefeitura de Taubaté, em parceria com o clube, proporciona às jogadoras bolsa-auxílio, bolsa-estudo e alojamento - O Taubaté tem seu estádio próprio e com o crescimento do futebol feminino já começaram as reformas de um campo já existente e que será dedicado apenas para os treinamentos do futebol feminino - O treinador reconhece o trabalho da Federação Paulista de Futebol e classifica a gestão como pioneira - O maior segredo para ambas foi a continuidade de um trabalho bem-feito e da base do elenco - É claro que a Copa do Mundo influenciou – e muito – a ideia de que mulheres também poderiam ter espaço nos microfones - Existe uma demanda pedindo maior presença feminina dentro do esporte, seja dentro ou fora de campo - É assim que mulheres vão rompendo barreiras e eliminando os estranhamentos - Ano de 2018 como um marco para expansão e visibilidade da mulher na comunicação esportiva dentro do futebol
Qual o perfil das mulheres na categoria – quem são elas?	Jogadoras profissionais de times brasileiros, jogadoras atuantes e aposentadas da seleção, gerentes de times femininos
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para se referir a	Mito, eterna artilheira, promissora, segura, Imperatriz, goleadora, únicas, impressionante, talento, potencial, pesadelo das adversárias, aguerridas, séria, Ignoradas

mulheres heroínas x mulheres vítimas?	comprometida, matadora, craque, habilidosa, versátil, decisiva	
Qual o perfil dos homens – se eles aparecerem – na categoria?	Vadão (ex-técnico da seleção feminina), técnicos de times brasileiros, motoristas manauenses que opinaram sobre o Iranduba, Guardiola (técnico do Manchester City), Arismar (técnico do time feminino de Taubaté, que se destaca pela estrutura)	
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para definir a relação com o futebol?	<ul style="list-style-type: none"> - O resultado veio com sofrimento, mas apareceu de maneira positiva dentro de campo - A vitória veio na base do sofrimento, do jeito que corintiano gosta e está acostumado - Como ele pode ser transformador e revelador - Vi vidas se transformando por meio do futebol - Os clubes encaram a “obrigação” de investirem no futebol feminino como um problema - A Libertadores está presente nas conversas cotidianas das pessoas, nas manchetes dos principais jornais locais, e claro, o Iranduba, time representante da casa é quem leva a maior torcida para o estádio - Iranduba formou um time competitivo e transformou a relação dos torcedores locais com o futebol - O Brasil jogou todo o primeiro tempo recuado e desorganizado - A seleção brasileira demonstrou pouca organização e tática - O jogo foi bastante movimentado, digno de um clássico entre dois dos melhores times do Brasil no futebol feminino - O futebol ali é cultura de família e leva todo mundo para a arquibancada 	
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para combater a objetificação da mulher?	Não há	
Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para	<ul style="list-style-type: none"> - O maior desafio do treinador será mesmo a Copa América, na qual, é importante mencionar, o Brasil entra como favorito absoluto - Formiga, o mito de 40 anos que ainda joga em altíssimo nível, e Cristiane, nossa eterna artilheira 	

**atribuir
protagonismo?**

- A mulher a que ela se refere é Bia Vaz, ex-jogadora e contratada pela CBF para trabalhar em todas as categorias das seleções femininas
- A partida foi bem movimentada, principalmente pela velocidade santista no ataque, usando e abusando dos dois lados para infiltrar
- Vale ressaltar que o título da equipe feminina foi o único que o Vitória conquistou no próprio estádio em 2018
- Aline, com 29 anos e 1,65m, foi muito segura no gol e, apesar de não ser tão exigida, estava sempre bem postada
- É de se destacar o desempenho incansável na camisa 10 que tem buscado muito a bola para armar as jogadoras, mas que também parte em velocidade rumo ao ataque
- O gol da nossa Imperatriz – como era chamada – é, até hoje, um dos mais bonitos da história dos Mundiais
- Eternizou um momento incrível, quando a jogadora Brandi Chastain converte sua cobrança de pênalti e extravasa na comemoração, deslizando os joelhos no gramado e tirando a camisa
- Além da visão de atleta, de quem defendeu a seleção brasileira e foi capitã da equipe entre 2001 e 2004, Juliana também é comentarista da ESPN Brasil
- No primeiro tempo da partida, a seleção espanhola impôs pressão total e avançava com facilidade pela ponta-direita com Eva Navarro
- O título inédito foi conquistado após a “Young Nadeshiko” derrotar a seleção espanhola por 3x1, na França
- Marley tornou-se apenas a segunda mulher na Inglaterra, depois de Hope Powell, a receber a Licença Pro da UEFA
- Sérgio, um dos motoristas que encontrei, contou que as meninas do Iranduba são as únicas que estão representando bem o futebol amazonense e enaltecendo o nome do estado no país
- O título nacional ainda não veio, mas o que o clube conseguiu na capital amazonense é impressionante
- E se a falta de retorno financeiro no mercado esportivo é historicamente usada como explicação para o pequeno investimento no futebol feminino, a mesma desculpa não se aplica ao Iranduba
- As camisas oficiais do time (Iranduba) figuram entre as mais vendidas do estado
- A confiança da torcida se reflete nas arquibancadas em dia de jogos
- E com toda elegância que lhe é peculiar, Guardiola valorizou o feito delas em entrevista coletiva ao ser perguntado que conselho daria para o time feminino

	<ul style="list-style-type: none"> - Independente de quem for dar conselho para quem, o fato é que o feito das mulheres do Manchester City precisa ser ressaltado - Talvez o resultado da Chape comece a se explicar aí: Juliana tem um cargo importante na gestão do marketing do clube e é uma mulher. Há outras duas no departamento, Cissa e Ale - Ao contrário da maioria dos clubes, o futebol feminino no Taubaté é muito bem estruturado e as categorias de base são responsáveis por abastecer o time principal - Arismar também elogia a aplicação tática das jogadoras que confiam muito na proposta de trabalho - IMPORTANTE: a ESPN Extra vai transmitir a decisão, assim como ESPN Play e Watch ESPN, com narração de Luciana Mariano - O nome é Lyon, mas pode chamar também de máquina! - Não é só contra time fraco tecnicamente que o Lyon consegue se impor - Le Sommer já é veterana e experiente, uma meia-atacante de velocidade que já disputou duas Olimpíadas e uma Copa do Mundo pela França - O jogo mais assistido foi entre Corinthians 3x0 Ferroviária, com 150.097 mil pessoas acompanhando pelo Facebook e outras 1.714 pelo Youtube da Federação Paulista de Futebol - O time de Emily é conhecido por jogar na frente e já soma 15 gols em quatro jogos na competição - Deu tão certo, que as Sereias mostraram fôlego superior ao das outras equipes em todos os jogos - O Santos mais uma vez mostrou por que é o melhor time do Brasil no futebol feminino
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para denúncias de desigualdades e violências?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A seleção masculina tem quatro amistosos marcados. São excelentes testes para um time que busca o hexacampeonato – não adianta se iludir com o sucesso de bons treinos - Como vamos saber se as estratégias passadas por Vadão ao time estão dando certo, se a seleção não vai entrar em campo sequer uma vez antes da Copa América? - Não houve alteração de estratégia dentro de campo, não houve atitude que mudasse aquele cenário. Fomos para os pênaltis, perdemos. - Há de se estranhar um planejamento para uma competição tão importante em que sequer se faça amistosos para testar o time antes da estreia - Poderíamos ter muito mais, não fosse o “medo” de investir de verdade no futebol feminino nos puxando para trás – enquanto outras seleções seguem andando pra frente

- O custo de uma equipe feminina de ponta, como foi o Corinthians campeão brasileiro deste ano, não chega a R\$ 3 milhões por ano, um valor que costuma ser quase irrisório considerando o orçamento de um time masculino de camisa
- O caminho foi longo até a modalidade ser oficialmente reconhecida
- É claro que as jogadoras da época não recebiam salário – apesar de o time contar com apoio de patrocinadores – mas elas resistiram
- O torneio ainda não tem o mesmo “glamour” do masculino e atrai menos holofotes, mas nem por isso é menos importante
- Do lado do Brasil, é preciso ressaltar que durante o Mundial da Rússia, muito se falou sobre a pouca (ou nenhuma) atenção dada à seleção feminina, que conquistou o heptacampeonato da Copa América sem que nenhum canal de televisão tivesse transmitido o torneio
- O dinheiro que ela gera fica bem abaixo do lucro gerado pelo torneio masculino, e também por isso a diferença na premiação dos campeões é brutal
- Em edições passadas, a Conmebol e as cidades-sede deixaram muito a desejar na organização e logística
- Em 2015, na Colômbia, a diretoria do São José criticou a estrutura oferecida relatando falta de luz no estádio Cincuentenario – onde jogou na estreia do torneio – e também a falta de comida
- As jogadoras tinham direito a comer apenas 300 gramas de comida por refeição
- Em 2017, a Conmebol precisou suspender o campeonato por 72 horas por conta de uma intoxicação alimentar que atingiu todas as jogadoras das delegações
- Apesar da importância de um torneio como esse, está na hora da Conmebol olhar com mais carinho para o futebol feminino
- Não adianta criar a regra que obriga times masculinos que disputam a Libertadores a manterem equipes femininas e não fazer nada para melhorar a estrutura e o calendário da principal competição continental entre mulheres
- Se por um lado há a questão positiva de ver a competição ser realizada em um estádio de Copa do Mundo, com todas as qualidades que isso envolve, por outro não há gramado que aguente 22 partidas em um período de duas semanas
- Assim como já é ignorado na estratégia para vender produtos, o público feminino é também esquecido na lógica dos planos de sócio-torcedor
- Nem mesmo competições amadoras têm tanta falta de cuidado com o gramado

	<ul style="list-style-type: none"> - Os times precisam ter campeonato para jogar – e uma Libertadores que dura duas semanas e tem participação de apenas 12 equipes não consegue dar conta de um continente inteiro - O clube não sabia quem eram seus clientes, em que porcentagem se dividiam entre homens e mulheres - A violência que afasta as mulheres do estádio é um fator importante a ser considerado aí - No caso do São Paulo, o time sofreu críticas da torcida feminina pela falta de uniformes disponíveis nos tamanhos delas - Um dos problemas que fatalmente se reflete na falta de sócio-torcedoras é justamente a ausência de mulheres nos cargos de decisão dentro dos clubes - A torcida fez uma manifestação extremamente machista num jogo da equipe masculina no Lyon – que, por sinal, ao contrário da feminina, nunca chegou nem perto de um título de Champions League - São décadas de coberturas jornalísticas feitas pela ótica masculina: eles narram, eles reportam, eles comentam, eles debatem
<p>Existem outras pautas do movimento feminista presentes na categoria?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Mercado de trabalho

Observações:

A categoria Técnica – do valor-notícia Desempenho – revela as dibras comentaristas, analistas, estudiosas da técnica, da tática e dos detalhes da do futebol feminino. O destaque desse conjunto de textos fica para os times internacionais e nacionais sobre os quais lemos desde análises sobre o estilo de jogo das atletas, até explicações sobre as dinâmicas dos campeonatos. Os termos utilizados para se referir às jogadoras coloca essas mulheres em lugar de protagonismo na profissão tão reivindicada por elas: “mito”, “eterna artilheira”, “promissora”, “segura”, “Imperatriz”, “goleadora”, “únicas”, “impressionante”, “talento”, “potencial”, “pesadelo das adversárias”, “aguerridas”, “séria”, “comprometida”, “matadora”, “craque”, “habilidosa”, “versátil” e “decisiva” são alguns deles.

Por mais que haja denúncias, elas também se concentram em questões da prática, da organização e da gestão esportiva, atribuindo ainda mais profissionalismo

ao assunto exposto, conforme exemplificam as frases a seguir: “Como vamos saber se as estratégias passadas por Vadão ao time estão dando certo, se a seleção não vai entrar em campo sequer uma vez antes da Copa América?”, “Assim como já é ignorado na estratégia para vender produtos, o público feminino é também esquecido na lógica dos planos de sócio-torcedor” ou “Nem mesmo competições amadoras tem tanta falta de cuidado com o gramado”.

As publicações também não entram no debate da objetificação do corpo feminino, e o engajamento se dá 100% no ato de olhar para essas mulheres como as profissionais que são. O tipo de protagonismo conferido às atletas se dá pura e simplesmente por serem atletas: “Aline, com 29 anos e 1,65m, foi muito segura no gol e, apesar de não ser tão exigida, estava sempre bem postada”, “A camisa 10, que tem buscado muito a bola para armar as jogadoras, mas que também parte em velocidade rumo ao ataque” e “No primeiro tempo da partida, a seleção espanhola impôs pressão total e avançava com facilidade pela ponta-direita com Eva Navarro” são alguns exemplos. Já os comentários sobre as coberturas jornalísticas aparecem poucas vezes: “São décadas de coberturas jornalísticas feitas pela ótica masculina: eles narram, eles reportam, eles comentam, eles debatem”.

Quadro 12: Análise da categoria Violência; Valor-notícia Violação; Categoria de engajamento

Violência > Violação	
Qual o posicionamento geral do Dibradoras na categoria?	As dibras se posicionam (muitas vezes na primeira pessoa do singular) contra qualquer tipo de violência e, principalmente, dão nome aos autores dessas violências – sejam eles jogadores ou “homens comuns”. Há uma preocupação em defender a liberdade e a autonomia de mulheres no esporte e em outros espaços, assim como apresentar dados sobre a violência doméstica no Brasil e no mundo para justificar o tom de inconformismo que os textos apresentam.
Quais palavras ou tópicos frasais estabelecem relação com o tipo de categoria – movimento, envolvimento e engajamento?	<ul style="list-style-type: none"> - Alguns raros clubes de futebol aproveitam sua visibilidade para ecoar a voz dessas mulheres que sofrem todos os dias na pele o peso do gênero com o qual nasceram - Em abril deste ano, o atacante Juninho foi emprestado ao Ceará e lá a torcida também questionou o clube sobre as acusações de violência doméstica envolvendo o jogador - O atacante (Robinho) foi cogitado como reforço do São Paulo, mas o clube também voltou atrás considerando a condenação em primeira instância por nove anos de prisão

- Não é possível desassociar a pessoa do atleta, porque quando um jogador entra em campo, uma nação de torcedores vibra por ele e gerações de crianças se inspiram em seus ídolos
- É inaceitável que uma instituição do tamanho do Corinthians não enxergue contradição entre aquilo que prega e aquilo que faz
- Não dá mais para relativizar a violência contra a mulher, nem fingir que ela não existe
- Por promover os esportes em sua aula de maneira mista, com meninos e meninas jogando juntos, Marcos teve de lidar com muitas reclamações dos dois lados
- Passaram-se anos de vida, e o acúmulo de “experiência” como espectadora e amante do futebol hoje me fazem questionar por que não vieram outras Silvias Reginas depois dela
- Ainda em 2016, um jogador levou o segundo amarelo e foi expulso depois de dizer para a bandeirinha que “futebol não é coisa para mulher”
- Deve pedir desculpas às mulheres russas, que foram tratadas com extremo desrespeito nesse contexto
- Deve explicação sobre por que achou apropriado oferecer esse tipo de conteúdo em um curso que tinha como objetivo ensinar o idioma e a cultura do país da Copa
- Renata decidiu seguir em frente na Justiça porque entende estar ali representado algo muito maior
- A Federação de Futebol Italiano puniu o clube e o caso foi tratado como ato extremo de fascismo, atingindo não só o esporte, mas também a política de todo o país
- As torcedoras têm, cada vez mais, exigido seu espaço e lutado por mais autonomia nas arquibancadas
- Por mais que tentem nos impedir, nosso lema é esse: ocupar e resistir. A arquibancada também é nossa – e nosso lugar nela não é a organizada quem vai decidir, somos nós mesmas
- Para fortalecer a luta, os jogadores do Calcio entrarão em campo com os rostos pintados de vermelho e vestindo camisas da campanha
- Os atletas também foram encorajados a postar fotos nas redes sociais em apoio à campanha usando a hashtag #unrossoallaviolenza (um cartão vermelho para a violência)
- A iniciativa acontece em parceria com a *WeWorld Onlus*, uma organização não governamental italiana que está há 20 anos defendendo os direitos de mulheres e crianças do mundo

- Em 2017, a campanha #VamosMudarOsNúmeros realizada pelo Cruzeiro em parceria com a ONG AzMina, conquistou o Leão de Bronze na categoria Media no Festival Internacional de Criatividade de Cannes
- A conscientização por parte da população em torno desse tema (violência doméstica) deve ser constante, não somente em datas comemorativas
- É como se, em algum momento, você tivesse que passar por isso, porque faz parte do roteiro de ser jornalista esportiva. Não, não faz. Está na hora de o respeito entrar nesse roteiro
- A rotina das mulheres no jornalismo esportivo precisa ser de trabalho, não de assédio
- De acordo com as jornalistas, após insistirem com a reclamação, a diretoria afirmou que tomaria uma atitude
- Deixar a mulher trabalhar significa oferecer as condições básicas para que ela possa executar sua função – um banheiro adequado seria uma exigência mínima a se fazer em um estádio de futebol
- A primeira ação do departamento foi o manifesto lançado no Dia da Mulher, 8 de março deste ano, anunciando que o clube iniciaria um canal aberto de comunicação com as torcedoras com o intuito de acolhê-las melhor nesse espaço tão hostil que o futebol ainda é pra elas
- O São Paulo cederá o estádio do Morumbi para acolher mulheres vítimas de violência – a ideia é que a equipe da promotora possa dar auxílio jurídico e também psicológico a essas vítimas, que muitas vezes encontram dificuldades para denunciar os crimes que sofrem
- A ideia do projeto é estabelecer parcerias com empresas que se proponham a contratar essas mulheres dando uma oportunidade de elas saírem do contexto de violência
- O São Paulo também se propõe a priorizar a contratação dessas mulheres para o quadro social do clube
- Na Arábia Saudita, por exemplo, uma conquista enorme foi celebrada neste ano: agora as mulheres podem também frequentar estádios por lá
- Elas têm se unido e protestado contra essa lei – e conseguiram liberação para entrar em jogos de vôlei e basquete em um setor da torcida separado só para elas
- Para as torcedoras que só querem poder ir ao estádio em paz e sem medo de eventualmente sofrerem agressões, a primeira ação a ser tomada para diminuir a homofobia na arquibancada parte justamente de clubes e CBF
- Está na hora de todo mundo poder ser o que quiser na arquibancada

<p>Qual o perfil das mulheres na categoria – quem são elas?</p>	<p>Mulheres que se envolveram com jogadores e sofreram algum tipo de violência, mulheres de coletivos de futebol, jogadoras de times brasileiros que vivenciam dificuldades na modalidade, promotora de justiça envolvida em políticas públicas para mulheres vítimas de violência, adolescentes sexualizadas, jornalistas submetidas a assédio, torcedoras iranianas proibidas de frequentar jogos de futebol, torcedoras lésbicas que denunciam a insegurança nos estádios em 2018 (ano de eleições com Jari Bolsonaro como candidato)</p>	
<p>Quais palavras ou tópicos frásais são utilizados para se referir a mulheres heroínas x mulheres vítimas?</p>	<p>Força, persistência</p>	<p>Peso do gênero, morta, feminicídio, intrusas, indiferença, desrespeito, excludente, agredida, ameaçada, isolada, constrangida, violentada, olhares indesejados, beijos forçados, abusivos, existência nula, perseguida, dependentes, estuprada, sexualizadas, homofobia</p>
<p>Qual o perfil dos homens – se eles aparecerem – na categoria?</p>	<p>Jogadores e homens em geral acusados de violência doméstica, estupro e assédio verbal, físico; torcedores extremistas da Lazio (equipe italiana), jogadores italianos que participaram de ação contra violência doméstica (Franco Baresi, Alessandro Costacurta e Francesco Toldo), Tite, Jair Bolsonaro</p>	
<p>Quais palavras ou tópicos frásais são utilizados para definir a relação com o futebol?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O futebol teimando em se isolar da sociedade, como um mundo à parte, em que tudo é permitido desde que se faça gols e consiga 3 pontos - Mais uma vez o recado estava dado: o que importa para o futebol é o que se faz em campo, não fora dele - Ainda que a atitude fora das quatro linhas seja um crime segundo as leis da sociedade, pela lei futebolística um gol ou uma boa performance absolve tudo - Está na hora de o futebol tomar algum partido nisso para além das campanhas de marketing vazias e hipócritas - O que a repórter mais espera que esse processo traga é uma mudança de postura no futebol - Impedir as torcedoras de torcer chega a ser até mesmo irônico diante da história do futebol no Brasil - No futebol – esporte que atinge todas as faixas etárias e gêneros – o combate à violência contra a mulher tem que ser diário e nos pequenos gestos do dia a dia - Assim como a CBF incorporou a luta contra o racismo em seus campeonatos, as mulheres não podem mais ser ignoradas 	

	<ul style="list-style-type: none"> - O futebol, no entanto, ainda é considerado “ambiente inapropriado” para as torcedoras - As mulheres não querem apenas assistir a jogos de futebol, elas querem viver o futebol, sendo parte essencial dele sentir a emoção de estar na arquibancada torcendo, sofrendo e comemorando as alegrias e tristezas do seu time - A polarização política que atingiu o país nas atuais eleições presidenciais chegou aos estádios de futebol - O tema da homofobia no futebol é tão tabu que nem mesmo clubes envolvidos e a CBF costumam se manifestar sobre ele. A entidade máxima do futebol tem encabeçado campanhas contra o racismo, mas nunca fez nada relacionado ao preconceito por orientação sexual
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para combater a objetificação da mulher?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - No marketing o discurso está afiado – mas, na prática, ainda falta muito - As justificativas eram as mais bizarras possíveis. A mais comum delas talvez fosse a tal do “sexo frágil”. Elas não seriam capazes de lidar com um esporte tão violento - Eu comecei a imaginar como seria se tivesse que conviver com a mesma coisa. Se quando estivesse escrevendo as minhas matérias, tivesse dois, três, cinco caras atrás de mim fazendo comentários sobre meu corpo ou ainda me mandando voltar à pia para lavar louça - Esqueceria o que quer que estivesse fazendo e pensaria apenas na raiva e na vontade de responder a esses covardes - Mas eles sabiam que ela não pode dizer nada – e é aí que a coragem cresce - Quando é O bandeira, ele é burro, não sabe a regra, é cego, é imbecil, idiota, ignorante. Quando é A bandeira, ela tem que voltar pra cozinha, ir pra pia, sair dali, porque não é “o lugar dela” - Não dá mais para mandar a bandeirinha “ir posar para a Playboy” e passar ileso às críticas - Aos dirigentes, falta entender a importância dessa inclusão e valorizar o quadro feminino. E aos torcedores e torcedoras (as mulheres também fazem xingamentos machistas), falta tratar com respeito profissionais que estão ali por competência - Gente, mas esse não seria o conselho para se tratar qualquer ser humano na face da Terra? - O manual repete vários clichês que conhecemos por aí que curiosamente ensinam a não tratar como objeto quando isso é exatamente o que o manual faz - Não dá mais pra isso passar despercebido ou ser encarado como piada

- Muito menos dá pra vir pedir perdão “àqueles que se sentiram ofendidos”, como virou moda por aí
- Por que não, em vez de falar sobre “sedução de mulheres”, incluir na apostila detalhes sobre as leis homofóbicas e machistas em vigor no país e os cuidados que as mulheres e os LGBTs que estão viajando para lá precisam tomar conta disso?
- Qual é o problema em uma mulher tocar o tambor na arquibancada? Qual é a incapacidade que ela tem para balançar uma bandeira com o escudo do time? Como esses simples atos podem ferir o ego masculino?
- Não vou ficar em casa, nem na cozinha, nem onde quiserem me colocar
- Fico pensando quando o conceito de respeito empregado num beijo dado em alguém desconhecido e sem autorização
- É difícil exemplificar isso para os homens, porque a maioria comenta defendendo o rapaz – e reclamando do mimimi do futebol que está chato porque agora não se pode nem tascar um beijo numa repórter em paz
- Se fosse um homem que lhe tascasse um beijo do nada no meio do seu trabalho, sem a sua permissão, sem que você desse qualquer abertura para isso?
- Interessante que esse também é o nosso objetivo com esse blog. No entanto, nunca pensamos em sexualizar a imagem de atletas adolescentes para conseguir cumpri-lo. Por que será?
- Nunca vi ninguém que quisesse trazer visibilidade para um esporte masculino, por exemplo, utilizar homens sem camisa sarados para isso
- Por que fazer isso com mulheres – que são menores de idade inclusive?
- Provavelmente, as pessoas da arquibancada sequer sabem que elas são atletas do clube ou que jogam alguma coisa, já que a única coisa que está exposta ali são seus corpos
- Divulgar o esporte de mulheres não é divulgar seus corpos, é divulgar seus talentos nas quadras, nos campos, nas piscinas
- Imagina o que ouvem essas garotas adolescentes na beira do gramado dos homens que se julgam no direito de falar de seus corpos como se fosse objetos ali dispostos para servi-los
- Não é a atitude delas que precisa ser questionada, e sim a de um clube que vê como “estratégia de divulgação de esporte feminino” a exposição de adolescentes com poucas roupas
- Nós sempre defendemos a ideia de que mulheres podem usar as roupas que quiserem e onde quiserem, porque isso é o que representa, por essência, a liberdade que buscamos

	<ul style="list-style-type: none"> - É a atitude de um clube de futebol sexualizando garotas com a justificativa que isso ajudaria a “trazer visibilidade para o esporte feminino”
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para atribuir protagonismo?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O Movimento Toda Poderosa Corintiana também repudiou a situação - Para subverter essa lógica, mulheres como Formiga, a jogadora que mais vestiu a camisa da seleção brasileira entre homens e mulheres, usavam uma tática simples: arrancavam as cabeças das bonecas e jogavam futebol - A força, a segurança e a persistência daquela mulher em ocupar um espaço tão, mas tão adverso para elas, eram admiráveis - Passaram-se cinco meses daquele episódio, e Renata até hoje sofre as consequências daquela violência em seu dia a dia de trabalho - No dia da agressão, Renata ainda se permitiu fazer toda a transmissão do jogo e, só após a partida, sentiu o peso daquilo que havia vivido - Maria Melo tem 26 anos, é jornalista e faz parte do Movimento Coralinas, fundado há dois anos com o intuito de lutar por uma maior presença feminina nos estádios - Regina Baresi – capitã da equipe feminina da Inter de Milão e sobrinha dos ex-jogadores Franco e Beppe Baresi – também é uma das porta-vozes da iniciativa - Não vou deixar de fazer algo que eu quero por esse machismo que tenta me intimidar. Mas é triste saber que eu tenho que tomar um milhão de cuidados a mais porque sou mulher - Desde os tempos de Garrincha, que agredia frequentemente a esposa Elza Soares, passando pelo caso mais grave do goleiro Bruno, condenado por assassinar a ex-mulher – e que chegou a ser contratado ano passado pelo Boa Esporte mesmo com um histórico desses - Poderíamos citar ainda o caso de Kleber Gladiador, acusado pela esposa em 2012 por um soco deferido nela, Marcelinho Paraíba denunciado na Lei Maria da Penha no mesmo ano, Jobson, que em 2013 foi acusado de agressão e em 2016 preso por estupro, entre tantos outros - A melhor novidade do clube do Morumbi neste ano, inclusive, vai muito além dos gramados e se chama: O SPFC se importa - A novidade do São Paulo é uma parceria com o Justiça de Saia, um projeto encabeçado pela promotora Gabriela Manssur, que faz parte do Grupo de Atuação Especial de Enfrentamento à Violência Doméstica do MP de SP - No Irã, não é permitido a torcedoras acompanharem partidas de futebol in loco, mas essas torcedoras conseguiram burlar a lei ao se disfarçarem de, literalmente, torcedores comuns

	<ul style="list-style-type: none"> - No Irã, 35 mulheres ousaram entrar no estádio para um jogo de futebol e foram detidas pela segurança - Barbas por fazer, perucas desajeitadas e um olhar feliz de quem finalmente tinha conseguido o que tanto queria: torcer para o Persepolis na arquibancada - Pelas redes sociais, as torcedoras disfarçadas festejaram a ousadia que tiveram por um direito tão simples
<p>Quais palavras ou tópicos frasais são utilizados para denúncias de desigualdades e violências?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Brasil, o quinto país que mais mata mulheres por serem mulheres – os chamados feminicídios - Enquanto você leu esses dois parágrafos, pelo menos duas mulheres já sofreram violência física por aqui - São 135 estupros registrados por dia em média – sem contar os inúmeros que não são registrados - O jogador – além de colecionar problemas disciplinares – respondem processo por agressão, ameaça e injúria contra uma ex-namorada - A ex-namorada relatou que foi vítima de tapas no rosto e foi trancada dentro de um quarto, sofrendo pressão do jogador para que ela ficasse com ele - Chega a parecer piada de mau gosto. Então o Corinthians combate violência contra mulher em campanhas de marketing, mas quando ela é cometida por um jogador de seu interesse, aí não tem problema - O presidente Robinson de Castro disse à época que contratou o jogador pra jogar futebol, não foi pra casar com a filha de ninguém - Essa não é a primeira vez que clubes de futebol tentam ocultar ou ignorar crimes cometidos pelos jogadores - O Corinthians já escorregou em maio deste ano ao usar sua própria hashtag em provocações machistas contra o rival palmeirense - Um homem que agride uma mulher não é um “bad boy”, como descreveram alguns jornalistas por aí – ele é um criminoso - Quando se veem apaixonadas por futebol, as garotas tem a impressão de que são intrusas em um mundo que, definitivamente, não quer a presença delas ali - Dos professores de Educação Física da escola onde estuda, ela ouviu que deveria jogar hóquei de grama ou netball, que são esportes de meninas - O recado é dado na maternidade: meninos brincam de bola, meninas brincam de casinha - Outras, como Marta, até conseguiam espaço para jogar com os meninos, mas, na hora dos campeonatos, eram barradas na inscrição - Dois anos atrás, a pequena Laura Pigatin precisou fazer um abaixo-assinado para jogar um campeonato com os meninos

- Em 2017, meninas de um colégio no Rio de Janeiro precisaram se juntar e invadir a quadra para terem direito de jogar futebol, já que os meninos diziam que elas deveriam ser líderes de torcida
- Os esportes não são apresentados da mesma forma para meninos e meninas
- A escola, muitas vezes, reforça isso ao separar meninos e meninas ou então a dar a bola para eles jogarem e mantê-las fora da brincadeira
- Órgãos menores e menos resistentes, passando pela questão da maternidade e terminando com o “problema” da perda de feminilidade
- Aqui no Brasil, ver uma árbitra apitando a primeira divisão do futebol masculino virou lenda – que a nova geração praticamente não acompanhou
- O ataque não foi a erros de arbitragem (que no caso era comandado por uma mulher), mas ao fato de ela, por ser mulher, não ser “capaz” de apitar uma partida de futebol de homens
- As críticas às mulheres que ousam atuarem como árbitras ou bandeirinhas são sempre pelo viés de gênero
- Assistindo in loco à experiência de uma outra bandeirinha que atuava em uma partida bem menos “badalada”, vi de perto as situações que ela teve de enfrentar
- Renata Ruel era a bandeirinha daquela partida e desde os primeiros minutos de jogo já estava sendo “colocada no seu lugar” pelos torcedores
- Dentro de algumas federações, o espaço às mulheres na arbitragem continua sendo negado
- Recentemente, a entidade convocou uma reunião para explicar as orientações para o Campeonato Brasileiro e deixou de fora TODAS as mulheres que fazem parte do quadro de arbitragem paulista
- O Brasil foi pioneiro ao ter uma primeira árbitra apitando Brasileiro em 2002 – a Alemanha, por exemplo, só chegou a esse feito no ano passado – mas logo fechou as portas para as que poderiam vir depois dela
- Durante o jogo muito se falou da importância de valorizar e apoiar o futsal feminino, mas o que estamos vendo acontecer de fato na cidade que sediou o evento?
- Nem os títulos, as goleadas e as grandes campanhas em competições são suficientes para garantir que os trabalhos de uma equipe feminina tenham apoio e continuidade
- Quando a equipe feminina está em um clube que abarca o mesmo esporte praticado pelos homens, ela será a primeira carta do baralho a ser descartada diante de qualquer dificuldade

- Na apostila do curso promovido pela AFA (Associação de Futebol da Argentina), havia um capítulo intitulado “O que fazer para ter uma chance com uma mulher russa”
- É real, chegamos em 2018 e uma confederação de um dos países mais tradicionais do futebol está oferecendo um curso que inclui um conteúdo sobre como pegar mulheres na Copa
- Rússia, um país de cultura machista institucionalizada
- Um país que chegou a ter uma lei “anti-gay” proibindo que crianças tenham acesso a qualquer informação sobre homossexualidade; e que aprovou outra polêmica legislação sobre violência doméstica
- Dados de autoridades russas mostram que mais de 600 mulheres são mortas em suas casas a cada mês no país
- É mais simbólico ainda que a proposta desse manual venha da confederação argentina, que tem demonstrado cada vez mais sua indiferença com o futebol feminino
- No meio do caminho havia um agressor, um torcedor descontrolado gritava “puta, vaca, galinha” e daí pra baixo. Quando se virou de volta, recebeu uma agressão física
- Por ter suposto que a repórter em questão torcia para o time rival, o homem se achou no direito de agredi-la
- Renata recebeu mensagens de torcedores dizendo que ela “mereceu a agressão por ter exposto o torcedor”, que a culpa havia sido dela
- A notícia mais recente vem da Itália, mais precisamente dos torcedores da Lazio, os “Irriducibili” que durante um jogo contra o Napoli, distribuíram folhetos proibindo a presença de mulheres nas primeiras filas da curva norte do Estádio Olímpico de Roma
- No final de 2017, a mesma torcida extremista do time romano da Lazio, encheu o estádio com imagens da garota alemã Anne Frank – morta pelo Nazismo – usando a camisa de seu arquirrival, a Roma
- Tocar o tambor na arquibancada, tremular a bandeira da torcida organizada, viajar para fora de sua cidade para acompanhar os jogos do time são barreiras que elas ainda precisam vencer
- O papel feminino dentro das sedes das organizadas se resume, na maioria das vezes, a limpar, cozinhar e organizar eventos beneficentes
- Os jogos de guerra – eles dizem – não são apropriados para a presença feminina, são perigosos e podem acabar em confrontos
- A ideia de proteger a mulher é imposta por eles, quando, na verdade, a decisão entre ir e vir deve ser tomada pela própria torcedora

- Elas ficam restritas a papéis de coadjuvantes dentro das torcidas
- Mais de cem anos se passaram e as torcedoras ainda sofrem com sanções absurdas que insistem em afastá-las da arquibancada
- Como se não bastasse as proibições dentro do estádio, as torcedoras ainda enfrentam um ambiente hostil na ida a um jogo de futebol
- Os casos de assédio e até a violência não são raros e o autoritarismo da polícia – que, em sua maior parte, está presente na figura masculina – também tornam a experiência da mulher como torcedora um grande tormento
- Uma jornalista brasileira, mesmo acompanhada com outros homens no táxi, viveu uma situação de constrangimento e intimidação com o motorista
- Toques e olhares indesejados, as tentativas até mesmo de beijos forçados enquanto as jornalistas tentam trabalhar na cobertura do Mundial
- Episódios em que homens invadem um ao vivo para beijar as repórteres são recorrentes
- A jornalista colombiana Julieth Gonzales Theran trabalhava para uma emissora alemã em Saransk quando foi surpreendida por um homem que a agarrou e deu um beijo no seu rosto e tocou seus seios
- A Rússia é um país que está acima do Brasil no ranking de igualdade de gênero, mas tem leis mais retrógradas do que as brasileiras, principalmente considerando casos de violência contra a mulher
- Na Rússia, uma mulher é assassinada a cada 40 minutos
- Para alguns, parece engraçado, mas o que não é nada engraçado nesse contexto é que ele se repete todos os dias com todas as mulheres que trabalham no jornalismo esportivo
- Isso porque quando não é o beijo, tem a passada de mão, o grito de gostosa ou de puta ou de vagabunda e tantos outros assédios
- É difícil, provavelmente impossível, explicar para um homem a sensação de andar na rua com medo de ser estuprado, ter seu corpo violado
- É um sentimento de vulnerabilidade e impotência esse de que, não importa o que você estiver vestindo, onde estiver andando, quem chegará antes será sempre a sua condição de mulher. E por ser mulher você é “obrigada” a ouvir e tolerar comportamentos abusivos dos homens sobre seu corpo
- Eles só pararão quando houver outro homem para pará-los. O respeito sempre a eles, nunca a nós
- Não foi você quem ele ofendeu, foi o seu “dono” – é como se a sua existência fosse nula e dependesse da presença de um homem para ser considerada

- Foram anos convivendo com a violência. Até o momento em que os golpes foram tão fortes, que ela temeu pela própria vida. E agora denunciou o caso ao jornal
- Imediatamente, vieram os inúmeros comentários questionando a veracidade dos fatos: se um namorado te bate, por que você continua com ele? Por que não procura ajuda? E a mais comum de todas: se isso estava mesmo acontecendo, por que não denunciou antes?
- Precisamos levar em consideração o autor do crime e o contexto em que esse crime acontece
- A capa do jornal L'Equipe traz uma notícia emblemática: uma mulher denunciando um jogador de futebol que atua na Ligue 1 por agressões físicas e até espancamento
- Por muito tempo, foi "normal" maridos baterem em suas esposas. Era aceito, era incentivado até. Tão naturalizado que foi tema de canções de músicos dos mais consagrados do Brasil (Mulher indigesta, que merece um tijolo na testa, cantava Noel Rosa)
- Muitas mulheres demoram a denunciar porque sempre acham que aquilo foi só um incidente isolado
- Como Miriam, nome fictício usado para identificar a mulher que denunciou o jogador no L'Equipe, muitas mulheres acabam parando de trabalhar porque seus maridos não deixam. É uma estratégia para mantê-las dependentes
- Entre todos os aspectos que afastam as vítimas de violência doméstica da delegacia, talvez o mais importante seja esse: o descrédito dado a sua palavra diante do agressor
- Quando uma mulher denuncia uma violência a palavra dela é sempre colocada à prova
- Imaginem no caso do futebol, em que os autores desse tipo de crime são ídolos de multidões. São homens adorados pelos torcedores, ricos, poderosos
- Muitos já vieram dizer que ela está querendo ganhar fama e que não revelou o nome do jogador justamente porque está mentindo
- Casos que acabaram ocultos em meio a tantas notícias e que pouca gente se lembra. O que aconteceu com esses jogadores? Seguiram suas carreiras sofrendo poucas consequências por isso
- No Brasil, segundo pesquisa do DataFolha, 1 em cada 3 mulheres acima de 16 anos já foi espancada, ameaçada, ou perseguida
- Um novo debate: ausência de banheiros femininos em algumas áreas de imprensa de estádios no Brasil e no mundo

	<ul style="list-style-type: none"> - O caso mais emblemático acontece no Barradão, estádio do Vitória, em Salvador, na área de imprensa de rádio e escrita há dois banheiros – ambos masculinos - 81% das mulheres que não iam ao estádio relatavam a condição dos banheiros com motivo principal pra isso - Saíram os homens responsáveis por pegarem as bolas na beira do campo, entraram meninas de 14,15 e 16 anos vestidas em short curto e blusa justa para cumprir a mesma função - Desde a Revolução Iraniana em 1979, mulheres foram proibidas de entrarem em estádios de futebol ou mesmo de irem a partidas esportivas de outras modalidades - O surgimento de gritos homofóbicos têm aumentado ainda mais o medo de torcedores LGBT frequentarem as arquibancadas - Por medo, nenhuma das entrevistadas já teve coragem de demonstrar carinho a uma namorada na arquibancada ou viu algo parecido acontecer - As próprias equipes de elite do Brasil evitam um posicionamento nessa área por saberem que isso pode gerar mais polêmica - No centro da polêmica está o candidato Jair Bolsonaro (PSL), que já fez declarações controversas contra a comunidade LGBT - Torcedores de Atlético-MG e Palmeiras criaram gritos de cunho homofóbico que citam o presidente e provocam clubes rivais
<p>Existem outras pautas do movimento feminista presentes na categoria?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Violência doméstica - Divisão sexual do trabalho - Homofobia - Assédio - Antifascismo - Violência psicológica - Atendimento policial a vítimas de violência doméstica - Políticas machistas em países islâmicos

Observações:

Assim como na categoria Reação, os textos agrupados em Violência – valor-notícia Violação – são densos, seja pela quantidade de informações que trazem, quanto pela narrativa que vai se construindo baseada em um sentimento de inconformismo. Como mulheres debatendo violência, as díbras se incluem ainda mais no cenário e não há nenhuma intenção de se fazer distante do tema, a exemplo da

frase “Não vou deixar de fazer algo que eu quero por esse machismo que tenta me intimidar. Mas é triste saber que eu tenho que tomar um milhão de cuidados a mais porque sou mulher”. Seja ao discutir violências culturais – quando se fala da quantidade de negativas que meninas recebem ao tentar se envolver com a prática esportiva – ou violência doméstica – quando se fala de mulheres vítimas de agressões físicas ou psicológicas – não há isenção diante do problema. Pelo contrário, é uma discussão engajada, mas que, apesar disso, não se apoia somente em opinião, as publicações reúnem dados importantes sobre a violência no contexto esportivo e fora dele, como em: “Brasil, o quinto país que mais mata mulheres por serem mulheres – os chamados feminicídios” ou “No Brasil, segundo pesquisa do DataFolha, 1 em cada 3 mulheres acima de 16 anos já foi espancada, ameaçada, ou perseguida”.

Nesta categoria, as vítimas são realmente vítimas. Diferentemente do que acontece em coberturas que pecam pelo “excesso de objetividade” em ocasiões nas quais é imprescindível se posicionar, como é o caso da violência contra mulher. Alguns dos termos utilizados para se referir a essas mulheres são: “peso do gênero”, “morta”, “feminicídio”, “intrusas”, “indiferença”, “desrespeito”, “excludente”, “agredida”, “ameaçada”, “isolada”, “constrangida”, “violentada”, “olhares indesejados”, “beijos forçados”, “abusivos”, “existência nula”, “perseguida”, “dependentes”, “estuprada”, “sexualizada” e “homofobia”.

Na leitura dos textos, percebemos que o posicionamento das jornalistas se assemelha a respostas para perguntas e comentários equivocadas e constantemente feitas às vítimas de violência: por que não denunciou antes? O que ela quer com essa denúncia? A roupa estava muito curta. Se não fez nada é porque gostou. As díbrãs respondem: “É difícil, provavelmente impossível, explicar para um homem a sensação de andar na rua com medo de ser estuprado, ter seu corpo violado”, “Eles só pararão quando houver outro homem para pará-los. O respeito sempre a eles, nunca a nós” e “Precisamos levar em consideração o autor do crime e o contexto em que esse crime acontece” são alguns exemplos. Destacamos ainda que os tópicos frasais utilizados para atribuir protagonismo nesta categoria mesclam interpretações positivas e negativas.

PARTE V – CONTRIBUIÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

8 JORNALISMO ESPORTIVO FEMINISTA

Neste breve capítulo final, responderemos à questão de pesquisa que guiou esta tese: como é o mapa cultural esportivo ressignificado no qual o Dibradoras se apoia e com o qual contribui para transformar o olhar que meninos e homens têm sobre as mulheres no esporte; que meninas e mulheres têm sobre mulheres no esporte; e que elas têm sobre si mesmas no esporte?

Segundo Marcia Tiburi (2018), em uma sociedade patriarcal, as mulheres costumam se posicionar diante do feminismo e, seja qual for a posição que se assume, é necessário fazê-la de maneira crítica. A filósofa diz que “só podemos pensar analítica e criticamente, se respeitamos o objeto de nossas intenções reflexivas e, ao mesmo tempo, não evitamos realizar a autocrítica” (TIBURI, 2018, p.11).

Nosso objeto reforça tal afirmação e, neste caso, a análise presente na Parte IV demonstra as contribuições do Dibradoras. O blog surgiu de uma necessidade de posicionamento sobre o tema da participação feminina no esporte; se desenvolveu conforme as responsáveis pelo conteúdo se reconheciam como mulheres feministas e faziam a autocrítica sobre o seu papel nessa discussão; e se firmou no cenário das coberturas esportivas contribuindo para ressignificar o mapa cultural “confortavelmente” masculino do esporte. De acordo com Renata Mendonça, Angélica Souza e Roberta Nina, em texto de apresentação do livro Futebol Feminista – Ensaios, de Luciane de Castro e Darcio Ricca, “não registrar a história das mulheres no futebol feminino é uma forma de tentar apagá-la, fingir que nunca existiu”. É desse local que parte o jornalismo esportivo feminista do Dibradoras ao resgatar a trajetória de atletas, em especial das futebolistas.

O título dessa apresentação é Na Luta, É Que A Gente Se Encontra, inspirado no samba História Para Ninar Gente Grande, da Estação Primeira de Mangueira. O Dibradoras se apropria dessa ideia para reproduzir o mapa cultural esportivo que acredita e ajuda a construir, no qual as mulheres se encontram em luta pela defesa da participação feminina nesse campo. E a combinação de feminismo, luta e esporte requer posicionamento. Por isso, entendemos que o mapa cultural esportivo ressignificado também é fruto dos ideais de mulheres que já puderam e ainda podem se posicionar.

Nos últimos 10 anos, vivemos um momento ainda mais intenso de resgate da história das mulheres em sociedade. Assim, as pautas que discutem a ocupação de espaços ou a criação de novos espaços avançam também no campo esportivo. As compreensões das mulheres sobre o seu corpo, a sua profissão, os seus direitos, deveres e suas vontades têm sido determinantes no reconhecimento de falhas a serem reparadas. De acordo com Stuart Hall (1997) a ação social – que seria um comportamento distinto daquele que faz parte da programação genética, biológica ou instintiva – ganha significado tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam, “em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros” (HALL, 1997, p.16):

Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação (HALL, 1997, p. 16).

Consoante ao que discutimos nos capítulos das partes I e II – Referencial teórico e Contextualização – as práticas sociais ou práticas de comunicação do campo esportivo foram delineadas a partir de um regimento masculino. E a naturalização disso, durante muito tempo, favoreceu homens em detrimento de mulheres. No entanto, por mais que esses sistemas de favorecimento no esporte não tenham começado a ser contestados por elas apenas agora, as reivindicações ganharam vozes atuantes para além dos bastidores. Na mesma intensidade, os códigos de significado que dão sentido às nossas ações descritos por Hall (1997) e organizam o mapa cultural esportivo como o conhecemos estão passando por mudanças, promovendo uma série de ressignificações a respeito do tema. Na mídia, o Dibradoras faz parte desse movimento e assume um lugar de pioneirismo ao construir noticiabilidade a partir das discussões de gênero e esporte com posicionamento – a exemplo dos valores-notícia categorizados na análise (Pioneirismo, Resistência, Protagonismo, Identificação, Empoderamento, Representatividade, Desempenho e Violação).

8.1 MAPA CULTURAL DO ESPORTE RESSIGNIFICADO

Ressignificar o mapa cultural com novas interpretações de papéis sociais no esporte abre espaço para novas interpretações na produção social das notícias esportivas – o que quebra o ciclo protagonizado apenas por homens. Por isso, a compreensão de que o Dibradoras contribui para transformar o olhar sobre a presença feminina nesse lugar, ao colocar em prática o seu jornalismo esportivo feminista. É importante explicar que não entendemos essa transformação como uma linha direta, de forma que as narrativas exploradas pelo Dibradoras e o consumo de seu conteúdo funcionam como parte desse processo de mudança.

Por outro lado, se pensarmos que muitas ideias são propagadas até serem absorvidas como verdade – da maneira que aconteceu com todas as justificativas utilizadas ao longo da História para afastar as mulheres do esporte, por exemplo – essa é uma parte significativa do percurso. Na análise da noticiabilidade do Dibradoras, realizada na Parte IV, identificamos os valores-notícia, as dinâmicas de produção e a personalidade social presentes no jornalismo esportivo feminista do blog. Diante dos resultados, destacamos 20 princípios (apresentados no Quadro 13) que compõem o mapa cultural do esporte ressignificado e servem como base para a esse tipo de cobertura:

Quadro 13: Lista com 20 princípios que compõem o mapa cultural do esporte ressignificado

1	A mídia esportiva deve conferir protagonismo às mulheres-atletas para que elas comecem a dividir os mesmos espaços de destaque já ocupados por homens-atletas;
2	A mídia esportiva deve funcionar como canal de denúncia sobre os problemas que meninas e mulheres enfrentam ao praticar esportes – seja em categorias profissionais ou não;
3	A mídia esportiva tem o papel de construir referências femininas para meninas e mulheres fãs de esporte, assim como faz com referências masculinas;
4	Os esportes femininos precisam de narrativas de mais profundidade – baseadas em pesquisas, resgate histórico e entrevistas – para que as personagens ignoradas ou diminuídas ao longo da História sejam reconhecidas;
5	Os esportes femininos necessitam de investidores e patrocinadores para construir resultados semelhantes aos dos esportes masculinos;
6	Quando transmitidos, os esportes femininos têm audiências significativas na mídia televisiva e estimulam o envolvimento do público com as modalidades;

7	Meninas e mulheres estão em constante descoberta de desigualdades no cenário esportivo e da necessidade de se posicionarem a favor delas mesmas e das suas;
8	O esporte é uma ferramenta de empoderamento coletivo e individual de meninas e mulheres capaz de reduzir as distâncias entre gêneros para além do âmbito esportivo;
9	É preciso aumentar a representatividade de meninas e mulheres negras no esporte em suas instâncias diversas;
10	As dificuldades e o baixo desempenho presentes em algumas modalidades femininas – como no futebol – é resultado do afastamento e das proibições a que mulheres foram submetidas ao longo da História;
11	Por 40 anos, elas foram excluídas da modalidade mais popular no Brasil e lutam por reconhecimento no futebol, que também é seu – não é uma competição, é uma reparação histórica;
12	O corpo da mulher é tão performático para o esporte quanto o do homem e deve ser compreendido como instrumento de trabalho do atleta, sem brechas para objetificação e sexualização;
13	Homens do campo esportivo têm de ser responsabilizados por violências cometidas contra mulheres – atletas ou não. Relativizar seus crimes é contribuir para o silenciamento de delas;
14	A relação da mulher com o esporte precisa ser pensada de maneira política, já que conversa diretamente com pautas como racismo, homofobia, xenofobia, desigualdades econômicas e sociais, políticas de segurança pública e mais;
15	A relação da mulher com esporte precisa ser pensada no feminismo, já que conversa diretamente com pautas do movimento feminista, como machismo, maternidade, divisão sexual do trabalho, violência doméstica, estupro e mais;
16	A relação da mulher com o esporte precisar ser pensada institucionalmente e a fim de motivar o desenvolvimento de políticas que ofereçam oportunidades, ou não será possível alcançar igualdade;
17	É necessário construir ambientes – fisicamente e emocionalmente – seguros para que mulheres pratiquem esportes em fases diferentes da vida, a começar pela infância;
18	A profissão atleta – assim como as profissões árbitra, treinadora, gestora esportiva, jornalista, narradora e outras do contexto – não devem ser classificadas como secundárias para mulheres. Elas pertencem a esses espaços assim como os homens;
19	O ser mulher, que, no senso comum, prevê a maternidade, nunca deve ser representado como um fator limitante para que a mulher atue profissionalmente no esporte;
20	O mapa cultural do esporte é um lugar de movimento, envolvimento e engajamento no que diz respeito à inclusão feminina: segue em transformação contínua, em busca promover identificação e de garantir comprometimento com suas causas.

Fonte: Elaborado pelos autores

9 CONCLUSÃO

A trajetória percorrida até aqui confirma o pressuposto de que o jornalismo esportivo feminista se desenvolve a partir de um mapa cultural ressignificado que se transforma para acompanhar novas demandas de enfrentamento e exposição das desigualdades. Com a análise do Dibradoras como expoente da cobertura, pudemos caracterizar essa proposta pioneira no Brasil e compreender como se configura a sua noticiabilidade. Identificamos um contexto de posicionamento e interpretação da prática esportiva como expressão social, política e cidadã, que busca reconstruir estruturas alicerçadas no preconceito, na objetificação e na precarização da imagem da mulher-atleta e da relação que mulheres têm com o esporte. Nossos objetivos específicos, de 1) Tratar teoricamente e historicamente das relações do esporte com gênero, feminismo e imprensa; 2) Compreender a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista a partir da cobertura do blog Dibradoras; e 3) Identificar aspectos do novo mapa cultural do esporte com o qual o blog contribui e apresentar o jornalismo esportivo feminista no qual fundamenta seu trabalho também foram cumpridos.

O projeto Dibradoras, apoiado na certeza de que mulheres podem gostar, entender e praticar esporte e atuando como porta-voz dessa ideia, assistiu a seu trabalho evoluir de um conteúdo de nicho para referência de notícias sobre modalidades esportivas femininas, com destaque para o futebol. Retomamos aqui a definição do termo jornalismo de engajamento – ou *journalism of attachment*, de Martin Bell (1998b) –, em que o jornalista não se neutraliza diante de causas nas quais se posicionar é necessário, um conceito que pode ser apropriado pela cobertura que caracterizamos. No entanto, entendemos que esse processo não aconteceu de maneira linear, pois, além de assimilar os avanços em sociedade que impulsionam a quebra de alguns paradigmas no campo esportivo, seguiu também o amadurecimento das profissionais à frente do Dibradoras, que se reconhecem como mulheres feministas em evolução. Isso quer dizer que, por ser uma imprensa que se engaja e se envolve com suas pautas, também incorpora erros e acertos das tentativas de compreender seu papel entre as mídias especializadas do segmento.

Neste ponto, sabemos que existe a preocupação de abordar diferentes recortes de mulheres inseridos no contexto, a exemplo da representatividade conferida a mulheres negras, nordestinas e às pessoas LGBTQIA+ em diversas ocasiões. Por

outro lado, identificamos a ausência de alguns grupos importantes: um que só é lembrado a cada quatro anos, que são as paratletas; outro que são as atletas indígenas, sobre as quais raramente se ouve falar; e as mulheres de corpos gordos e considerados fora do padrão.

Esse é o reflexo de uma dificuldade presente na mídia esportiva em geral: primeiro, se há escassez de informações sobre mulheres-atletas, a situação delas ainda é razoável se comparada com as mulheres-paratletas. Existe não só uma falta de especialização na área, com poucos profissionais capazes de discutir com propriedade as modalidades paradesportivas, mas é como se houvesse um desinteresse midiático geral sobre o tema. No caso das atletas indígenas, essa discussão parece ainda mais distante de ser viabilizada, tamanha a invisibilidade com que elas sofrem. Sobre o terceiro grupo, por mais que o Dibradoras se comprometa com a denúncia da objetificação da mulher e o faça, não encontramos nos textos discussões sobre a variedade de corpos que o esporte abrange.

Apesar dessas críticas, é preciso levar em conta que a análise se baseia em um *corpus* específico que representa apenas um período entre as publicações. Além disso, o caráter dinâmico da cobertura mostra que ela evolui conforme as dibras avançam na sua expressão do feminismo. Segundo Renata Mendonça (2021), integrar a blogosfera do UOL a partir de 2018 foi essencial para conseguirem falar para mais gente ao estar inseridas em um veículo relevante: “Isso ajudou a gente a se constituir como uma referência no assunto. Se não fosse o nosso trabalho dentro do UOL, a gente não seria vista como a gente é vista hoje, como referência na temática da mulher no esporte e no futebol feminino” (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 512). Desse momento para cá, o Dibradoras encontrou espaço para fortalecer seu conteúdo com base nos 20 princípios do mapa cultural esportivo ressignificado que indicamos no tópico anterior. Mas, tanto um quanto o outro se manteve em transformação.

A evolução da cobertura de esportes femininos nos últimos três anos, principalmente no que se refere ao futebol feminino, após a Copa do Mundo da França, em 2019, avançou significativamente no Brasil, portanto, esse não é um cenário definitivo, mas em construção. Nesse contexto de mudanças, o Dibradoras reconheceu a necessidade de interromper a parceria com o UOL e procurar um espaço próprio, mudar de blog para site. “Eu acho que isso era o que a gente

precisava para esse momento mais maduro do projeto” (MENDONÇA, 2021 in APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS, p. 513). A primeira experiência de cobertura dessa nova configuração foi durante as Olimpíadas de Tóquio (2020), que aconteceram entre julho e agosto de 2021. Com a oportunidade de acompanhar, a seleção feminina de futebol do Brasil e outras modalidades olímpicas, Roberta Cardoso e Angélica Souza viabilizaram a cobertura com textos para o site e produção de conteúdo nas redes sociais. O Dibradoras ainda contou com uma equipe de colaboradoras para dar conta da quantidade de informações que um evento dessa magnitude proporciona.

O caminho que o blog, agora site, começou a traçar a partir de junho de 2021 deve ser levado em conta para pesquisas futuras. O Dibradoras se desvincula de um grande portal de notícias brasileiro e dá início a uma nova fase. Por mais que blog e site mantenham a mesma independência sobre o conteúdo, outra dinâmica acontece em relação ao público. Agora, quem chega ao Dibradoras faz isso sem um intermediário, que era o UOL. Essa “passarela” vinha sendo construída, especialmente por meio do Instagram e do Twitter, plataformas que se sobressaem na produção das dibras.

Nesta tese, chegamos à compreensão teórica e empírica do jornalismo esportivo feminista e do mapa cultural esportivo ressignificado a partir do estudo da noticiabilidade do Dibradoras em relação ao futebol feminino, modalidade que mais aparece nessa mídia. Entretanto, recomendamos que pesquisas seguintes incorporem a análise das redes sociais do projeto, para avançar na identificação de novos princípios desse mapa e das dinâmicas que a cobertura incorporou desde 2018 e tem reforçado em 2021.

Por fim, reconhecemos que o debate sobre a participação feminina no esporte e a maneira como a mídia trata a mulher inserida nesse contexto levanta questões que vão além das que propusemos aqui. Elas mudam o tempo todo e se desdobram em outras cada vez que mulheres atualizam sua compreensão sobre qual espaço querem (e podem) ocupar no mundo. Além disso, reafirmamos a necessidade de se posicionar perante pautas como a que tratamos neste estudo – seja na Academia, na imprensa, na política ou nas rodas de conversa que participamos diariamente.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Luiza Klein. Esporte, imagem corporal e exploração de mídia. **In III Fórum de Debates Sobre Mulher & Esporte: Mitos & Verdades**. São Paulo, p.96, 2004.

ANDERSON, C. W.BELL, Emily. SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, p. 32-89, mai-jun 2003.

AREND, Sílvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.) **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Intermeios, 2013.

BAHIA, Juarez. **Jornal: História da imprensa brasileira**. Editora Ática, 1990.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? - Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, v. 6, n. 1, p. 173, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/26722/17099>. Acesso em: 02.jun.2020.

BATLIWALA, Srilatha. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde lá accion, 1997. In LEÓN, M (Org). Poder y empoderamiento de las mujeres. **Fondo de Documentacion Mujer y Genero**. Santafé de Bogotá: Tercer Mundo S.A, 1997, p.187-214.

_____. **Putting power back into empowerment**. Disponível em: https://www.opendemocracy.net/en/putting_power_back_into_empowerment_0/. Acesso em: 20.mar.2019.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. Boitempo Editorial, 2018.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social sobre o futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BRAUNER, Vera Lucia. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 521-532, abr./jun, 2015.

BUITONI, Dulcília Helena. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

_____; LOPES, M. “Revista AzMina” e Carnaval sem Assédio: uma análise do jornalismo ativista no combate à violência contra a mulher. **Cadernos de Gênero e Diversidade**. Vol 04, N. 02 -Abr. - Jun., 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/24613>. Acesso em: 23. jun. 2019.

CAMMAERTS, Bart. Lógicas de protesto e a estrutura de oportunidade de mediação. **Revista Matrizes**, São Paulo. a. 7, nº 2. p 13-36, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/69404>. Acesso em: 23.jun. 2019.

CAMPOS, Mariana Alves. Jornalismo de engajamento e a guerra das mudanças climáticas. In **IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental**, 2018.

Disponível em:

https://anaisenpja.files.wordpress.com/2019/01/campos_jornalismo_mudan%C3%A7as_climaticas.pdf. Acesso em: 02.jun.2020.

CARAUTA, Alexandre. A segunda tela entra em campo: como as novas práticas interativas – ou a troca do radinho pelo celular – mudam o consumo de futebo.

Revista ALCEU - v. 16 - n.32 - p. 37 a 58 - jan./jun. 2016. Disponível em:

<http://revistaalceuacervo.com.puc-rio.br/media/pp%2037-58.pdf>. Acesso em:

02.jun.2020.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, p. 117-133, 2003.

CARDOSO, Elizabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, número especial, p. 37-55, 2004. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300004>.

Acesso em: 02.jun.2020.

CASTRO, Lu. RICCA, Darcio. **Futebol Feminista – Ensaio**, Rio de Janeiro: LivrosdeFutebol, 2020.

CHAFFEE, Ian. “**Forget About Sexism: Now TV Coverage of Women’s Sports Is Just Plain Boring**”, USCNews, September, 12, 2017. Disponível em:

[https://news.usc.edu/127695/forget-about-sexism-now-tv-coverage-of-](https://news.usc.edu/127695/forget-about-sexism-now-tv-coverage-of-womenssports-is-just-plain-boring/)

[womenssports-is-just-plain-boring/](https://news.usc.edu/127695/forget-about-sexism-now-tv-coverage-of-womenssports-is-just-plain-boring/). Acesso em: 02.jun.2020

CHEREM, Eduardo.H.L; OLIVEIRA, Gilberto. TUBINO, Manoel. A inserção histórica da mulher no esporte. Editora Universa. **Revista Ciência e Movimento**, v.16, p. 118, 2008.

Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/1133/884>.

Acesso em: 02.jun.2020.

COELHO, Paulo. Vinicius. **Jornalismo esportivo**, São Paulo, Contexto, 2003

COAKLEY, Jay. **Sports in society: issues and controversies**. 12th. New York, NY: McGraw-Hill Education, 2017.

DORNELLES, Beatriz. O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental. **Revista Brazilian Journalism Research**, v. 1, n. 1, p. 121-131, 2008.

Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/167/166>. Acesso em:

02.jun.2020.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**. Século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos. Ijuí: Editora Unijuí, p. 88-89-98, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Stuart Hall e feminismo: revisitando relações.

MATRIZES, v. 10, n. 3, p. 61-76, 2016.

FINK, Janet. Female athletes, women's sport, and the sport media commercial complex: Have we really “come a long way, baby”? **Sport management review**, v. 18, n. 3, p. 331-342, 2015.

FRASER, Graham. **"Whose side are you on?"** Representations of journalism of attachment and detachment in the movies. Napier University, United States, 2006.

Disponível

em:

https://www.ijpc.org/uploads/files/Graham%20Fraser%27s%20Dissertation%20_Saltzman_.pdf. Acesso em: 02.jun.2020.

FREITAS, Viviane Gonçalves. **Feminismos na imprensa alternativa brasileira**: quatro décadas de lutas por direitos. Jundiaí: Paco, 2018.

GILL, Diane L. **A feminist perspective on sport psychology practice**. *The Sport Psychologist*, 8, 411-426, 1994.

GIULIANOTTI, Richard; BRANT, Wanda Nogueira Caldeira. DE OLIVEIRA NUNES, Marcelo. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

_____. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Recordes: revista de história do esporte**. Rio de Janeiro. Vol. 1, n. 1 (jun. 2008), p. 1-28, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. **Revista Afrodiáspora**, Brasília, v.6 e 7, n.19, p. 94106, 1985.

GREEN, Tina Sloan et al. **Black women in sport**. 1981.

GREGORY, B.H.M. Esporte e lazer: direitos de meninas e mulheres de todas as idades. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero – As mulheres e a imprensa esportiva**. Brasília, a.IV, n.6, p.11-14, dez/2014. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/revista-anual-doobservatorio-brasil-da-igualdade-de-genero>. Acesso em: 9 de março de 2019.

HAJE, Lara de Podesta. Esferas públicas feministas na internet. **Revista Logos: Comunicação e Universidade**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p.88-105, 2003.

HALL, Stuart. JEFFERSON, Tony. CLARKE, Jhon, CRITCHER, Chas and Roberts, Brian. **Policing the Crisis: Mugging, the State and Law and Order**. Hampshire: Palgrave MacMillan, 1986.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p .5, 1997.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 1995, p.7-41.

HARTAS, Dimitra. The social context of adolescent mental health and wellbeing: parents, friends and social media. **Research Papers in Education**, p. 1-19, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02671522.2019.1697734>. Acesso em: 02.jun.2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HONG, Fan; MANGAN, J.A. **Soccer, women, sexual liberation: kicking off a new era**. Routledge, 2004.

IJUIM, Jorge. A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31 - 43, jul./dez. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio: Práticas de Esporte e Atividade**, 2015.. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Women in the Olympic Movement: key figures. **In IOC policy and initiatives**. Lausanne: Department of International Cooperation/IOC, 2018.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Women in the Olympic Movement: key figures. **In IOC policy and initiatives**. Lausanne: Department of International Cooperation/IOC, 2020.

JARVIE, Grant. (Ed.). **Sport, racism and ethnicity**. Routledge, 2003.

KAVADA, Anastasia. **Activism transforms digital: The social movement perspective**. International Debate Education Association, 2010.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Página Aberta, 1991.

LAGARDE, Marcela. **Vías para el empoderamiento de las mujeres**. Valencia: Proyecto EQUAL I.O, 2004. Disponível em:
<http://yosoyjoven.com/assets/biblioteca/empoderamiento%20lagarde.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2019.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.11, n.1, p.234-241, 2003.

LENSKYJ, Helen. **Out of bounds: Women Sport and Sexuality**. Toronto: The Women's Press, 1986.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história de opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MIGUEL, Ana de. BOIX, Montserrat. Os gêneros da rede: os ciberfeminismos. **In Internet em código feminino: teorias e práticas** / - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : La Crujía, p. 39-76, 2013.

MUSTO, Michela., COOKY, Cherry., & MESSNER, Michael. "From Fizzle to Sizzle!" Televised sports news and the production of gender-bland sexism. **Gender & Society**, 31(5), 573-596, 2017.

NIELAND. Jörg-Uwe. HORKY, Thomas. International Sports Press. **In 8th Communication Conference on Sport and Society – stepping up for democracy in sport**. 2011.

Disponível em:

www.playthegame.org/fileadmin/image/PtG2013/Presentations/30_October_Wednesday/Horky-Nieland_PTG_2013_11.30.pdf. Acesso em: 20.fev.2019.

ONG WOMEN IN SPORT. **Beyond 30 per cent: Workplace Culture in Sport.**

Disponível em: www.womeninsport.org/wp-content/uploads/2018/06/Beyond-30Workplace-Culture-in-Sport-report.pdf?x99836. Acesso em: 20.fev.2019.

PFISTER, Gertrud. Women in sport: gender relations and future perspectives. **Sport in Society**, 13:2, 234-248, 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. Editora Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. Editora Companhia das Letras, 2018.

SABO, Don; VELIZ, Phil. **Go Out and Play**: Youth Sports in America. Women's sports foundation, 2008.

SAINI, Angela. **Inferior é o caralho**. Barueri: Dark Side Books, 2018.

SANTOS, Heloisa Souza. **Jornalismo e produção de conhecimento no movimento feminista**: análise do Think Olga e Revista AzMina. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura Artes, Comunicação e Design (UNESP). 2019.

SANTOS, Regina Célia Bega. **Movimentos sociais urbanos no Brasil**. 1a.. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2008. v. 1. 175p .

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Dissertação (Mestrado) - São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.
SILVA, G; DE LIMA SOARES, R. Para pensar a crítica de mídias. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 20, n. 3, p. 820-839, 2013.

SILVA, Fernanda Maurício. Jornalismo esportivo como área específica na televisão: O pacto sobre o papel do jornalismo no Globo Esporte e Bate-Bola. In: **Intercom-Sociedade Brasileira De Estudos Interdisciplinares Da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação – UERJ**, Rio de Janeiro. 2005.
Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93982054208705735375873813744937085693.pdf>. Acesso em: 02.jun.2020.

SMITH, Yevonne R. **Women of color in society and sport**. Quest, v. 44, n. 2, p. 228-250, 1992.

SIMÕES, Antônio Carlos (org). **Mulher & esporte: mitos e verdades**. Editora Manole. São Paulo, 2003.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. Summus Editorial, 1994.

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2005, vol.13, n.3, pp.591-612. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2005000300008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 02.jun.2020.

Unzelte, Celso. **Jornalismo Esportivo: Relatos de Uma Paixão**. Vol. 4. Editora **Saraiva**, 2009

WITTER, José Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

WOITOWICZ, Karina Janz. A resistência das mulheres na ditadura militar brasileira: imprensa feminista e práticas de ativismo. In **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.11, n.1, p.104-117, 2014.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Entrevista: Renata Mendonça e Roberta Nina
Referência: Dibradoras
Método: feita pessoalmente
Data: junho/2018
Duração: 1h36

Carolina: Primeiro, eu queria saber a relação de vocês com esporte, assim... desde a infância até a vida adulta, como que isso acaba influenciando vocês a estarem dentro de um contexto de...

Renata: A relação nossa com o esporte é ao ponto de que a gente chama você pra fazer um negócio, num lugar que tem televisão, pra gente poder ver a Copa.

Nina: Você quer começar ou quer que eu falo?

Renata: Ah eu acho que, assim...

Nina: Ah é bem parecida...

Renata: É, é bem parecida. E, assim, acho que permeou a nossa vida inteira, né? A minha relação com o esporte, assim, eu não sei nem te dizer quando começou. Porque, pra mim, o esporte sempre teve presente na minha vida. Eu me lembro, sei lá, de eu com seis, sete anos... no meu colégio tinha um mini vôlei, umas quadras de mini vôlei. E eu lembro, eu com seis anos na quadra com mais seis pessoas, que era aquela quadra mini que pras pessoas grandes era, tipo, duas pessoas no máximo... pra gente que era pequenininho, a gente usava quatro, cinco pessoas na quadra. Então, assim, talvez por eu... hoje eu vejo isso... eu acho que por eu ter um irmão... Eu tenho um irmão e uma irmã, os dois mais velhos. A minha irmã mais velha, tipo, tem seis anos de diferença. Ela nunca teve uma relação muito forte com o esporte, ela até jogou handebol um tempo, assim, mas ela nunca foi o negócio dela, sabe? E eu, acho que também pela proximidade com meu irmão... eu tenho quatro anos de diferença, eles dois tem dois anos de diferença, mas ainda assim, eu e meu irmão ficamos mais próximos. E a gente brincava de tudo relacionado a esporte, assim. Eu lembro de eu brincar de autorama, eu lembro de eu brincar de futebol de botão, eu brincava no quintal pra caramba. Tipo, todos os tipos de coisa com bola, entendeu?

Então eu acho que isso fez com que a minha relação sempre fosse muito próxima e eu sempre gostei muito. E aí, conseqüentemente, comecei a assistir e quando eu comecei a assistir, me apaixonei mais. E quando eu cheguei na faculdade, a única coisa que eu queria fazer era jornalismo esportivo, assim.

Nina: A minha também é muito parecida com ela. Eu também tenho um irmão. Só que ele é muito mais velho, ele é oito anos mais velho que eu. Mas, ainda assim, ele era muito presente assim, de brincar comigo e tal. Mas acho que desde pequena eu sempre fui muito incentivada a ver e a torcer. Porque o povo na minha casa via futebol o tempo inteiro na televisão, ia pra estádio. Eu também não sei dizer a primeira vez que eu fui pro estádio, que é uma coisa muito, sei lá, natural assim pra mim. Como eu via muito jogo, como eu ia ver meu pai jogar... meu pai jogava na várzea. Então como eu tava com eles no domingo, ia viajar pro interior pra ver ele jogar... Então também não tenho essa memória marcante, assim, porque era uma coisa que fazia parte do meu cotidiano. Tanto que eu nem lembro a primeira vez que eu fui no Morumbi. Lembro a primeira camisa do São Paulo que eu ganhei tal, mas, enfim... E eu também jogava muito, é... Eu praticava muito esporte na escola: handebol, vôlei, futebol... E eu lembro de, com as meninas da rua, a gente se interessar... Ai, a gente tem disponível futebol pra meninas num sindicato dos metalúrgicos. Era uma sede do sindicato, aí tinha o futebol pra menino e pra menina. Então eu e minhas amigas de infância, a gente... foi o primeiro contato, assim, que eu me lembro da gente ter posto um meião, chuteira... devia ter treze pra catorze, devia ter uns quinze anos. Todo sábado a gente ia no mesmo sindicato jogar, assim. Então, e sempre foi muito presente, assim. E todas as modalidades esportivas. Eu era uma menina que gostava muito de assistir vôlei. Então eu lembro quando tinha Grand Prix no Japão. Eu acordava às duas da manhã porque eu queria ver o que ia acontecer e tal. Então pra mim era muito, sempre foi muito natural, tanto torcer, como jogar...

Carolina: Faz muita diferença isso, né? Assim, desse incentivo quando é criança mesmo, porque é uma coisa meio que cultural, assim.

Renata: É, mas é engraçado porque a história - você já deve ter ouvido, porque eu sempre falo dessa história. No meu caso, assim, na minha casa nunca me proibiram

de nada, mas quando meu pai foi a primeira vez ao estádio, ele não me levou. A gente morava em Sorocaba, né, então a gente não tinha o costume de vir ao estádio. Então meu pai tinha essa coisa, de medo de violência e tal... Então eu lembro que a primeira vez que ele, tipo, efetivamente saiu de Sorocaba pra vir pra cá, pra vir num jogo, eu devia ter uns onze anos, sei lá... E aí ele chamou o meu irmão...

Nina: Ah esse jogo que eles foram, foi aqui?

Renata: Foi aqui!

Nina: Ah pensei que tinha sido em Sorocaba...

Renata: Não, teve até um... em Sorocaba, eu lembro... isso foi depois, eu acho. Eu lembro que na época do Aristizábal... nunca esqueci esse jogo! Que o São Paulo foi jogar em Sorocaba contra o São Bento e aí a gente foi. É... mas aí, enfim, eu acordei e, porra, meu pai tinha ido. E eu falei: caralho, como assim, sabe? Aí depois eu fui perguntar pra ele: caralho, porque você não... E ele: cara, achei que você não ia querer ir. Então é uma coisa tão bizarra, porque, tipo assim, ele via que eu tava assistindo o jogo com ele, mas, mesmo assim, ele não pensou que eu pudesse querer ir. Porque é uma coisa tão natural você achar que a menina não vai querer ir...

Carolina: Sim, você leva o seu filho...

Renata: E aí, depois eu fiz ele me... eu falei: cara, agora você vai ter que arranjar outro pra gente ir. E a gente foi. Foi um São Paulo e Santos, eu lembro até hoje de eu subindo a rua do Morumbi, a rua lateral do Morumbi. Nunca esqueci isso, assim, e eu subi e a gente... E aí o meu pai tinha esses medos de arquibancada, então a gente foi num... era tipo um camarote, assim, sei lá da onde que ele conseguiu aquele ingresso. E aí eu lembro... então, assim, você entra e é coberto, né... E aí eu fui até a ponta, assim, onde você consegue ver o estádio todo. E eu lembro de eu olhar e falar: caralho...

Carolina: Queria tá ali...

Renata: Nossa, gigante assim a sensação de ver pela primeira vez um jogo dali, sabe? E ainda que, enfim, o meu pai a partir desse momento ele nunca mais, nunca me tolheu: não, não pode assistir, não pode ir... É, muito pelo contrário, sempre me incentivou. É só porque ele não tinha essa percepção. E a partir daí, porra, depois ele só tinha receio quando eu comecei a ir sozinha, tipo, com amigas, ele queria me matar. Eu fui num São Paulo e Corinthians até escondido, que era uma semifinal do Paulista. Aquela que o Ronaldo deitou e rolou? E eu e a Nati, minha amiga. Você conhece talvez a Nati, né? Porra, e aí foi muito engraçado que a gente saiu do estádio, velho, e começou a rolar umas bombas. A gente tendo que sair correndo. Um cara do posto chamou a gente e falou: tipo, vem aqui. Meu pai só descobriu depois que eu fui, se não ele ia me matar.

Carolina: Eu fui poucas vezes porque morava em Andradina, né? Eu sou de Andradina e, tipo, muito longe. De Andradina pra cá são oito, nove horas. Aí quando eu tava em Bauru, lá acompanhava bastante e acabava vindo aqui também. Aí sabe a Vanessa, a Glorinha? A gente fez TCC juntas, eu e ela, e ela é mega corintiana, né? A gente fez um livro de reportagem.

Renata: Ah ela era maravilhosa, o apelido dela era Glória Maria.

Carolina: É...

Renata: Ela é realmente é parecida.

Carolina: Parecida!

Nina: Ela fez um livro do quê?

Carolina: A gente fez um livro reportagem sobre a Gaviões e a Independente. Então a gente veio pra cá e aí eu fiquei na casa dela. E a gente foi acompanhar uma semana cada uma, assim.

Renata: Nossa... nossa, cara, se eu for fazer um TCC sobre a Independente, eu mato alguém.

Nina: Eu também.

Carolina: E foi a primeira vez que a gente... eu fiquei, assim, perto da torcida mesmo, assim, com eles. A gente passou vários dias, assim, em cada sede, né? E aí participava das reuniões e era muito trash, assim...

Renata: Cara, eu quero ler esse livro.

Carolina: Bem trash... Eu achei a Gaviões bem mais organizada.

Renata: Não, a Independente é um lixo da humanidade.

Nina: Eles querem fazer coisas legais, mas eles não conseguem, eles não têm esse...

Carolina: Eu acho que eles não têm estrutura também.

Renata: Não, mas o que eu acho o pior de tudo, o pior mesmo, de tudo... que mais me decepciona da Independente. Porque organizada é tudo uma bosta mesmo assim, tipo, sempre tem esse espírito horrível, briguento e tal. O que eu acho horrível da Independente é que eles abrem mão do espírito de torcida para ter o espírito briguento o tempo inteiro. Pra mim, assim, a prova disso foi... eu fui na despedida do Rogério, foi o jogo mais incrível que eu já vi no estádio assim, tipo... porque liberaram sinalizador, bandeirão, foi maravilhoso assim, tipo, uma noite muito linda. Aí me acaba o jogo. Primeiro que assim, antes de acabar o jogo, os caras começam a falar a escalação e em vez da torcida ir gritando os nomes, inclusive todos ali eram os maiores ídolos da torcida, ficaram cantando o grito deles. Aí acabou o jogo, velho... Tipo assim, o maior ídolo do seu time se aposenta e os caras saíram cantando: mato um, mato cem. Essa foi a música que os caras escolheram pra sair cantando do estádio. Entendeu? Então isso pra mim é uma desconexão.

Carolina: É, completamente.

Renata: Que você fala, assim, nenhuma torcida organizada tem tamanha desconexão, entendeu?

Carolina: Eles são bem assim, como você falou mesmo, eles abandonam o espírito de torcida. Muitos nem assistem o jogo, que eu percebi assim. Eles entram, ficam de costas o tempo inteiro.

Nina: Ficam de costas só cobrando pros outros cantar.

Carolina: É...

Renata: Então, isso é uma desconexão do espírito de torcida. No jogo do Sub20 também. Foi a final do Sub20, São Paulo e Corinthians. O São Paulo ganhando, os caras começaram a... O São Paulo meteu quatro gols, foi quatro a zero esse jogo. E os imbecis cantando... primeiro, cantando musiquinha homofóbica, aquela musiquinha do shake, lá... Ridícula! Que eu falei assim: gente, sabe? Mas essa daí até passa, toda torcida cantaria. Agora... aí ficava cantando também essas músicas de violência, sabe?

Carolina: Sim...

Renata: Você fala: meu, você tá no jogo do Sub20, brother. Você tá metendo quatro a zero no seu maior rival e você tá me cantando música de: mato um, mato cem?

Carolina: E eles têm... Assim, o que pra mim foi bem chocante... A gente entrevistou umas meninas, assim, pra perguntar como que elas se posicionavam lá dentro da Independente.

Renata: Coitadas...

Carolina: E elas têm... elas marcam brigas pra eles.

Renata: Marcam brigas pra eles?

Carolina: Não, marcam brigas, assim, tipo... ai, eu sou da Independente e eu vou brigar com as fulanas da torcida tal. E aí elas marcam, na época, era o Orkut que tinha. Ainda tava começando o Facebook, foi 2010... E aí elas, tipo assim, de ir em encontro pra brigar, sabe? E aí tem todo... na Gaviões é um pouco machista... muito machista, na verdade. Mas eles têm uma organização diferente assim, tem os departamentos.

Nina: O machismo é dividido.

Carolina: É, dividido... eles têm umas ações... por exemplo, as meninas não podem ser do departamento de bandeiras, sabe? Coisas assim... no ônibus, a gente só podia sentar do meio pra frente, do meio pra trás eram só os homens. Então tinha coisas desse tipo. Na Independente era bem misturado. Todo mundo meio junto ali, uma muvuca. Mas, também, as meninas não podiam tocar surdo, por exemplo. Umas coisas meio...

Nina: É, tem essas doutrinas.

Carolina: Mas eu percebi mais esse espírito de briga na Independente.

Renata: É, não... a Independente é nojenta.

Carolina: E, assim, uma coisa na Gaviões... eles não podem... as pessoas não podem fumar dentro da sede, só lá fora.

Renata: Fumar maconha ou fumar cigarro?

Carolina: Fumar qualquer coisa, é... Lá dentro, na Independente, na galeria, pode tudo. A galera lá sentada, assim... então foi bem chocante.

Renata: Imagino...

Nina: E, tipo, vocês são torcedoras...

Carolina: Não, a gente nem falou que a gente nem torcia pelo time. A gente não tinha time. Tipo, a gente não torce pra ninguém.

Nina: Mas vocês torcem?

Carolina: Eu sou são paulina e a Vanessa é corintiana.

Renata: O que que ele deu?

Nina: Ah lá... eu acho que foi, hein?

Renata: Não foi. Ah, mas tocou na mão ali, na hora que... tava esticado. Foi o mesmo pênalti que deram no Atlético Paranaense contra nós.

Carolina: Ele marcou?

Nina: Não.

Carolina: Não, né?

Nina: Marcou escanteio.

Renata: Mas, cara, pela regra da mão da bola, eu até... por exemplo, eu discordo daquele pênalti do Atlético Paranaense. Só que falaram: meu, a partir do momento que você apoia a mão no chão, esticada, você está assumindo a possibilidade da bola bater na sua mão. Então...

Nina: Eu acho que pênalti não tem que ter interpretação...

Renata: Ah lá, ah lá, entendeu? Você tá com o braço aberto...

Nina: Porque interpretação é muito pessoal, cara.

Renata: Não, eu sei amiga, mas é que isso não é...

Nina: Não, eu tô dizendo na meia.

Renata: Então, é... Mas é difícil, assim... se o cara dar mão na bola é muito difícil.

Carolina: Enfim, vamos lá... E aí eu queria saber agora como que isso foi a ideia do projeto de vocês. Como surgiu o Dibradoras, se foi uma iniciativa de uma só ou vocês já tinham essa vontade. Vocês percebiam essas diferenças, essas coberturas, é... injustas, enfim...

Renata: Primeiro antes de você falar sobre a história, eu acho que, assim... Tudo no Dibradoras foi um processo de entendimento, entendeu? Acho que quando a gente começou, a gente tinha pouca noção. Não só do que a gente queria ser, como também das coisas, entendeu? Dessas coisas, assim, de como tanto machismo existia, sabe? A gente não tinha parado pra pensar como o machismo atuava tão bem no esporte, assim.

Carolina: É, estrutural, assim...

Nina: É, a gente sabia, mas...

Renata: Mas a gente não era consciente, assim... nesse ponto.

Nina: Não, não.

Renata: A gente foi descobrindo aos poucos, sabe? Conforme...

Nina: Porque muita coisa era velada também assim.

Renata: Conforme a gente foi trabalhando com isso, a gente foi: caralho... Tanto é que, assim, a gente mesmo identificava coisas que a gente tinha vivido e que não percebia, que era um machismo. Então, eu acho que assim... Quando a gente surgiu, a gente não tinha, por exemplo: nossa, per aí, vou identificar aqui que, na verdade, a cobertura realmente não tem nada de esporte feminino, então a gente vai ser essa cobertura. A gente não tinha essa noção. A gente foi adquirindo...

Nina: É, não, a gente sabia que não tinha porque a gente não lia.

Renata: Não, a gente sabia, mas a gente não era consciente de falar: tipo, nossa, não tem porque existe o machismo, blá, blá...

Nina: Exato.

Renata: E foi muito legal isso porque eu acho que tudo foi rolando numa consciência que assim, tipo... que nos primeiros três meses, a gente falou... a gente tava assim, querendo gritar, sabe? Porque você começa a se conscientizar de tanta coisa, que você fala: gente, isso é um absurdo. Entendeu?

Nina: É...

Renata: Mas aí conta o início aí.

Nina: Não, a gente surgiu em 2015, é... todas... a gente não se conhecia, a gente não era amiga disso assim... não tinha... uma era amiga em comum de uma outra. Foi chamando outra e...

Renata: A gente se conheceu de grupos de futebol, né? Eu, a Nina...

Nina: É, a gente se conheceu de grupos de internet assim... Então quando a gente começou, nós éramos em cinco. Então a gente tinha uma que meio que interligava todas.

Renata: Que era a Júlia.

Nina: Que era a Júlia. Então, a Júlia saiu logo depois assim...

Renata: Nossa, caralho... Ia ser um golaço, velho...

Carolina: Nossa...

Nina: A Júlia saiu logo depois, mas como a gente era amiga em comum, a gente acabou se juntando pro projeto e era isso. O projeto era mais... a gente tinha esse lance de gostar muito de futebol e também de querer falar sobre o futebol feminino, que era pouco falado. E também falar pelo ângulo das mulheres. As mulheres falarem sobre homens, tal... Então foi meio que com esse propósito, até pra combater as musas, aquela objetificação da mulher no esporte, tal... Mas é como a Rê falou, a coisa foi ganhando uma outra proporção que, apesar de não ser buscada no início, meio que permeou nosso caminho assim... E aí surgiu também muito o lance do posicionamento assim, da gente se posicionar e falar quando alguma coisa tá errada. Acho que o primeiro grande posicionamento que a gente fez foi aquele do... do concurso do Flamengo.

Renata: Do concurso, é...

Nina: Que eu lembro que até a gente ficava discutindo entre a gente, né... A gente vai fazer isso mesmo, a gente vai se posicionar?

Renata: É, mas na hora a gente percebeu que era um absurdo mesmo.

Nina: Sim, é... todo mundo sabia que era um absurdo.

Renata: É, todo mundo não, né? Que alguns imbecis que vieram comentar...

Nina: Não, entre nós. Todas nós sabíamos que era um...

Renata: Acho que esse foi um grande exemplo, que a gente tipo...

Carolina: Era o da foto, não era?

Nina: Era.

Renata: Esse foi um grande exemplo que a gente falou: gente, como você não enxerga problema?

Nina: Foi. Esse foi o primeiro assim...

Renata: Cara, é surreal aquela foto.

Nina: Mas também a gente ficou naquela do tipo: como que a gente vai se posicionar? Vai falar... e aí foi que aconteceu. Então a gente...

Renata: A gente foi atrás, lembra?

Nina: É...

Renata: Foi atrás da marca, do...

Nina: A gente falou com a organização, é... Então foi meio que uma coisa que a gente falou: opa, peraí, esse caminho também a gente tem que seguir. Então quando acontecem esses tipos de situações, a gente... as pessoas...

Renata: Vem atrás...

Nina: Vocês viram isso? Como se a gente fosse as defensoras do... né? E tudo mais..., mas depois teve o caso do Atlético Mineiro, de um desfile que também deu uma repercussão assim... que a gente se posicionou logo em seguida. A gente viu tudo acontecer, na mesma hora.... foi eu e você que tava no Twitter, né?

Renata: É...

Nina: Então era isso, era mais... mulheres produzindo conteúdo, falando sobre mulheres e combatendo esse tipo de machismo, de objetificação e tudo mais... E a gente surgiu com o podcast, que deu uma abertura assim pra gente, no sentido de ouvir as atletas. Na Central 3, a gente começou, inicialmente, falando da Copa.

Renata: Feminina.

Nina: Falando de Copa do Mundo e que ninguém falava. Então a gente foi... a ideia eram seis programas, né?

Renata: É... E aí foi muito interessante porque, assim, naquela Copa... Eu acho que todas nós tivemos essa noção na hora, né? Porque a gente nunca tinha reparado nisso também. Eu mesmo trabalhando na ESPN, também não tinha notado o quão absurdo era assim. Realmente, ninguém estava falando sobre a Copa do Mundo.

Nina: Realmente ninguém estava falando!

Renata: Ninguém estava falando...

Nina: E quem falou dava informação errada.

Renata: E quem falou, falava errado. Assim, tipo, saiu uma nota na Folha de S. Paulo com erro assim, de quem fez o gol. Sabe assim erro, que você fala: meu, vai no tempo real da FIFA. E não é possível, entendeu? E eu lembro que essa época teve a Copa e depois o PAN, e foram erros grotescos. Erros a ponto de entrevistar a Andressa Alves chamando ela de Alessandra. E transmitir o jogo inteiro chamando a Andressa Alves de Alessandra. E a gente assim: gente, porquê, quem é Alessandra? Aí eu fui olhar na escalação e, mano, quem é Alessandra? Caralho...

Nina: Às vezes eu paro e penso no nosso início do projeto, como que a gente achava informação.

Renata: Nossa, total... nem a CBF dava informação.

Nina: A gente começou um projeto, pra falar a verdade, sem saber muito também. Da história do futebol feminino, sem conhecer as atletas. A gente mergulhou, entendeu? A gente foi entender se apoiando nas coisas que tinham assim. E, se hoje é difícil, quando a gente começou...

Renata: Não, era bizarro.

Nina: E eu, pelo menos, eu me sentia mal porque eu falava: cara, olha o que essa mulher aqui tá conquistando hoje, olha a história dela, e eu nunca ouvi falar dela...

Renata: E várias, né... E várias que iam no estúdio. Tipo, assim, o primeiro programa foi com a Juliana Cabral, do estúdio, capitã da Prata de 2004. Isso foi outra coisa que a gente ficou muito feliz assim...

Nina: A acessibilidade delas, né...

Renata: Gente, assim... qual é a chance, no futebol masculino, de tipo... de não dar... você não consegue falar com ninguém, entendeu?

Carolina: Sim...

Renata: Tipo... Hoje, se você quiser, você não consegue falar nem com o pai do Neymar, tipo assim...

Nina: Nem com a mãe...

Renata: Com a porra da família do Neymar, tipo... O Gabriel Jesus é a mesma coisa, né? A gente quer falar com a mãe dele: não, não, não pode falar. Eu fui tentar entrevistar a mulher do Tite, liguei pra ela. Ela: cara, o assessor tá falando pra eu não falar com ninguém porque tem um monte de pedido, porque não sei... E eu falei:

gente, a gente não consegue falar com a esposa do Tite. Tipo, não dá, assim... E no futebol feminino...

Carolina: A abertura era diferente.

Renata: Tranquilamente. E a gente: mano, olha essa história completamente desconhecida, sabe? E foi tudo isso, né? Um processo de conhecimento nosso. E aí, tanto é que... quando acabou a Copa, a Central 3 queria que a gente continuasse. E foi aí a primeira reflexão que a gente fez sobre o que a gente vai continuar fazendo a partir daqui.

Nina: Foi...

Renata: Porque, né? Tudo surgiu com um grupo do Facebook e, de repente, tem um podcast e, assim, a gente não sabia exatamente o que que a gente ia fazer. Aí a gente pesou, no bar, e falou: meu, que que a gente vai fazer? E eu tava indo pro PAN, Panamericano... Aí a gente conversando, eu falei assim: cara, eu acho, que se a gente resolver fazer um podcast semanal de futebol feminino, não dá certo. Porque a gente não tem informação.

Nina: Porque tem que se informar do que tá acontecendo...

Renata: Não, e na época nem a CBF atualizava as informações no site. Então a gente não ia saber placar, a gente não ia conseguir ir aos jogos, porque é três da tarde no meio da semana. Então assim, a gente falou: cara, não faz sentido. A gente vai falar sobre coisa que a gente não sabe, porque a gente não tá conseguindo acompanhar, entendeu? E aí, foi aí que a gente foi pensando: pô, mas tem o PAN. E aí a cobertura dos esportes femininos no PAN é ridícula, tem as histórias das musas. Então a gente falou: que o problema que a mulher sofre no futebol, ela sofre em todas as áreas do esporte. E se a gente ampliasse esse assunto, pra falar sobre a mulher no esporte?

Nina: Não, e eu também encarei isso como um desafio porque, cara... você tem que estar apta pra falar de todas as modalidades.

Renata: É...

Nina: E não é fácil.

Renata: Exatamente!

Nina: Às vezes, quando a gente faz um podcast diferente, que nem... aquele da esgrima. Cara, me explica o que é esgrima? Porque tipo...

Renata: É, a gente faz mesmo... E interessante, cara, que tudo isso foi um processo. Porque aí a gente ia pesquisar sobre uma convidada e nem as pessoas mais conhecidas tinham as informações corretas, sabe? Você fala assim... você entra no Wikipedia e tem três linhas sobre a pessoa, sabe? Você fala: meu Deus, velho... Aí eu acho que isso foi, assim, o mais apaixonante e desesperador, ao mesmo tempo, porque era uma coisa assim: caralho, é... ninguém sabe as histórias dessas mulheres, como pode a gente...

Nina: Não, e a gente se impressionava com pessoas que a gente nem nunca tinha ouvido falar, que nem a Aline que luta, lá...

Renata: Toda menina da esgrima. Todas, assim...

Nina: A menina tem uma puta história de sair, de onde saiu, e vencer... A Elaine do handebol, que parou de jogar e voltou a jogar, enfim... Coisas que estão ocultas assim. A gente vê muito isso, de resgate da memória e tudo mais, pros homens.

Carolina: Pros homens, com certeza. Ainda mais perto da Copa assim...

Nina: Ai, porque o Gabriel Santos já... Ninguém conta essa história.

Renata: Não, ninguém conta nenhuma história. Isso foi uma das coisas que a gente percebeu e a gente falou: cara, por isso que a gente precisa existir.

Nina: A gente podia fazer uma campanha, né? Tino Marcos, faz uma contagem regressiva da Copa Feminina? Vai entrevistar cada uma...

Carolina: Sim...

Renata: Lembra quando a gente fez a campanha Mais que Musas lá, em 2016. Quantas atletas que a gente pegou, que a gente, porra, vamos pesquisar, sabe? Porque assim, gente, fora as atletas do vôlei, nenhum outro esporte...

Carolina: Tem muito isso, né? Da modalidade, da diferença... Eu, pelo menos, percebi isso em 2012, a diferença de tratamento em cada modalidade também, né? Se é uma modalidade...

Renata: Não, como a Maria Esther Bueno, Carol. Quantas pessoas... se eu fizer uma pergunta aqui... agora vão saber, porque ela morreu outro dia, e aí o pessoal viu no Jornal Nacional, entendeu?

Carolina: Sabe quem é, né?

Renata: Viu no amistoso da Seleção Brasileira. De resto, ninguém sabia quem era a Maria Esther Bueno. E, assim, todo mundo ouviu falar do Guga, entendeu? Então assim, se a Maria Esther Bueno fosse um cara, velho...

Carolina: O país ia parar né?

Renata: Todo mundo ia falar sobre essa mulher, sabe? E ela é incrível. Então, tipo... aí a gente foi percebendo o nível que a gente realmente tava. Caramba, assim, as mulheres, elas não existem. Na história do esporte, no Brasil, elas simplesmente não existem. Se você vai procurar livro, se você vai procurar... Tipo, a gente agora é fonte de tudo quanto é TCC. Meu, os próprios TCCs, você não acha. A informação de que o futebol feminino foi proibido no Brasil, a gente descobriu indo pro... O Museu do Futebol fez uma exposição que era sobre a Copa Feminina. Na verdade, era assim... foi quando o Museu do Futebol inseriu o futebol feminino no museu. Porque é outra coisa, né? A gente nunca tinha percebido que estamos no Museu do Futebol e não

tem nada sobre o futebol feminino. Aí eles inseriram em todas as galerias e eles fizeram uma exposição: Visibilidade para o Futebol Feminino. E aí eles fizeram uma abertura lá, chamaram as pioneiras e tal... e aí tinha essa história da proibição. E a gente falou: meu...

Carolina: Nunca soubemos.

Renata: E aí eu cheguei, eu trabalhava na BBC e cheguei, falei assim: gente, quero fazer uma matéria sobre isso, porque assim... E ninguém ali sabia que o futebol tinha sido proibido. E eu falei: caralho... Então assim, foi um processo nosso de aprendizado e conscientização. E aí quanto mais a gente se conscientizava, mais a gente falou: cara, a gente precisa falar sobre isso. E aí a gente foi ampliando e entendendo o que a gente ia querer ser. Acho que a gente demorou um bom um ano e meio, dois, pra entender... Acho que na Olimpíada de 2016, a gente tinha mais noção do que a gente queria ser.

Nina: É, eu acho que dois anos não, mas...

Renata: Um ano, pelo menos, então...

Nina: É, um ano assim... Quando a gente chegou na Olimpíada, a gente percebeu que era isso mesmo, sabe? Quando a gente fez a cobertura da Olimpíada focando nas atletas, mais que musas, a gente já tinha essa noção, mas a gente começou, passou o primeiro ano sem...

Carolina: Então as Olimpíadas foram meio que um marco assim de tipo, de decisão sobre o que seria o projeto.

Renata: Foi.

Carolina: E vocês falaram sobre posicionamento assim... Quando vocês pensaram no projeto, vocês se posicionavam como mulheres feministas, vocês têm esse posicionamento? Vocês pensavam... Que nem você falou: ah, no esporte a mulher não tem espaço, mas a mulher também não tem espaço em

outras áreas, enfim... Vocês tinham essa consciência ou foi uma consciência, uma bandeira, que vocês foram defendendo ao longo da construção assim...

Nina: Eu acho que todo mundo chegou meio que feminista ali...

Renata: É, mas eu acho que o ponto é assim: acho que na nossa essência a gente sempre foi, pelo menos nós, com perfil, sempre fomos feministas no sentido de a gente não aceitava. Até por a gente trabalhar numa área esportiva, tipo... você tem que ser feminista pra você trabalhar numa área assim, porque você já tem que aceitar que você vai ter que, porra, lutar trinta vezes mais pra se fazer ali. E acho que a gente tinha a consciência de que a gente defendia o espaço da mulher. Mas na época, bem na mesma época, o feminismo começou a se propagar.

Carolina: Sim, sim... é.

Nina: A gente chegou cru como todo mundo.

Renata: É, a gente não tinha toda essa consciência.

Carolina: É, porque foi bem na... 2015, 2016, foi quando começaram os movimentos, né... mulheres contra Cunha...

Renata: Exatamente. Acho que a gente, a gente era feminista, mas a gente não se declarava feminista, né? Porque não existia essa...

Nina: Sim, e eu acho que isso acontece também com as atletas assim... Tipo, acho que elas também se conscientizaram que eram feministas, que elas precisavam...

Carolina: Se posicionar também.

Nina: É que a palavra feminista assusta também as pessoas.

Carolina: Sim, sim, com certeza.

Nina: Você acha que: ah lutar contra os homens...

Carolina: As pessoas não entendem o que é, né?

Nina: Não é isso. Acho também que foi um processo. Que hoje as pessoas aceitam mais. Então, tipo, eu tenho amigas assim de infância, que cresceram comigo, que vem falar: ai você tá muito feminista. Eu falava: meu, você tá...

Carolina: Como se pudesse estar muito e não estar muito feminista.

Nina: E hoje eu ouço ela falar, tipo: minha prima casou com um cara, que ele é super machista.

Carolina: Mas é, as mulheres foram adquirindo essa consciência nos últimos três anos, mais ou menos.

Nina: Sim, e é o que... lembra que a Joana falava né, tipo... não adianta... a Joana Maranhão. Não adianta a gente ganhar no grito, falando que... berrar com o coleguinha que ele tem que ser feminista. Tem que explicar pra ele, você tem que ser prática. É que as vezes irrita, né? Dá um negócio aqui na gente, que a gente...

Carolina: Não é possível!

Nina: É, mas é isso. É com calma, é conversando. A ideia que as pessoas tem do feminismo é isso: mulher gritando, mulher fazendo zona, mulher querendo ganhar dinheiro.

Renata: Não, mas o que eu acho interessante também do esporte é que assim... Existe machismo em todas as áreas, mas a gente identifica que no esporte, ele era mais naturalizado do que outras assim... Porque sempre foi muito aceito.

Carolina: É, porque o esporte, ele nasce como um campo masculino, literalmente masculino.

Renata: Então, assim, sempre foi muito aceito você falar que futebol é coisa de menino, que: ai, a menina que joga futebol parece menino.

Nina: Nossa ela joga tão bem que parece um Pelé.

Renata: Sempre foi naturalizado.

Nina: É sutil, né...

Renata: Por causa das musas. Tudo, tudo é naturalizado. É naturalizado, tipo, você ser uma única mulher dentro da Redação. É naturalizado você assistir essa transmissão e ver que só tem homem e não se questionar porquê.

Carolina: Até nas Olimpíadas de 2016, quando as meninas tiveram um desempenho melhor que o meninos, deu pra perceber muito isso assim... Ah, essa comparação era porque os meninos estavam jogando mal, sabe? Não necessariamente que elas estavam jogando...

Nina: É... não é porque estavam apoiando elas.

Carolina: Exatamente.

Renata: É! Então, assim, e isso a gente percebe das próprias atletas. Porque muitas vezes você pergunta pra atleta e ela: não, nunca vivi preconceito. Mas porquê...

Nina: Ela não percebe.

Carolina: É porque ela não tem noção...

Renata: Eu mesma, tipo, em situações dentro da ESPN não percebia. E hoje eu percebo. Exatamente algumas situações que foram machistas, que me abordaram daquele jeito porque eu sou mulher, entendeu? Então assim, eu acho que no esporte é muito mais naturalizado. Então... E a gente também foi adquirindo essa consciência

e acho que hoje, sim, a gente se posiciona como feminista. Até porque, no feminismo, juro. No feminismo, nos movimentos feministas, as mulheres não percebem quanto no esporte, precisa desse momento. Porque a maioria das mulheres... Como a maioria das mulheres não gosta de esporte, a maioria das mulheres feministas gosta menos ainda, porque elas são... E aí muitas delas não se ligam da importância de militar na área do esporte. E elas rejeitam isso: ai o esporte é muito chato, porque esporte é... Não se ligam que o esporte é chato pra elas porque o esporte é machista, mais machista do que outras áreas.

Carolina: Sim, sim. E nem veem a função social que tem o esporte, né...

Renata: Exato.

Nina: Existem dois pontos, uma coisa que eu também percebi. Naquele encontro das torcedoras... elas mesmas não percebem que elas precisam ser feministas. Elas estão ali querendo um espaço pra tocar um surdo, pra levantar uma bandeira, dentro de um futebol que é masculino, mas que elas não enxergam porque elas não sabem que existe um feminino, entendeu? E naquele debate do museu e tudo mais... A gente falando, tipo, fazer os clubes ter um futebol feminino. Então elas também pararam pra pensar: ai é mesmo, tem mulher que joga. A gente tá aqui querendo tocar surdo pra ver jogo de macho, mas tem o jogo das mulheres. E foi muito bacana perceber isso lá. E outra coisa do esporte não é só: ai, falar mais... Ele é gerido por homens, homens velhos, homens de outra geração com outra cabeça. Então assim... a Federação, a Confederação, que é onde tudo acontece, são eles que ficam lá dentro de clubes.

Carolina: No Comitê Olímpico mesmo, também...

Nina: Exato, então não tem representatividade. Então, eu acho que assim... a nossa geração, como a Ana Tais fala, é uma geração de transição. A gente tá começando a fomentar pra daqui, sei lá, dez, vinte anos, elas começarem a ocuparem espaços. Porque eu acho que é ali que começa a mudança, elas nos cargos.

Renata: Eu acho que nos últimos três anos, se você parar pra pensar, principalmente no jornalismo esportivo, no esporte, a gente avançou mais do que... em décadas.

Carolina: Muito, muito.

Nina: Exatamente.

Renata: Porque só de começar a falar sobre isso, essa palavra se disseminou. E aí, de repente, tem uma narração feminina no jogo, sabe? Cara, e isso era algo que era assim, um processo... que você falava assim: não.

Carolina: Que nunca vai acontecer, né?

Renata: E do nada: não, vamos fazer!

Carolina: E vocês acham que, assim, o fato das Olimpíadas terem sido no Brasil, em 2016, junto com o aumento do acesso às redes sociais e junto com essa movimentação, do movimento feminista, isso de certa forma impulsionou assim? Porque se você for pensar, são três anos e é este período de efervescência assim...

Nina: Eu acho que nem o fato de ter acontecido aqui. Eu acho que é o feminismo...

Renata: Eu acho que é o fato do feminismo. Eu também acho.

Nina: E a rede social, claro, e tudo mais. Eu acho que é isso.

Renata: Eu acho que pode ajudar. Acho que assim, é lógico, quando o negócio tá acontecendo aqui, ajuda porque as pessoas tem acesso, as pessoas vão. E a gente tipo, caralho, olha as... Assim, gente, ver o Maracanã lotado na semifinal, sabe? Tipo, caralho, as pessoas descobriram o futebol feminino e começaram a defender. E isso se estendeu depois da Olimpíada.

Nina: Sim.

Renata: Porque aí começaram a falar: eu quero acompanhar, sabe?

Nina: É isso. É que eu acho que a Olimpíada, por ser uma competição de muitas modalidades e tudo mais, abriu um pouco o olho das pessoas pro futebol feminino e ainda pelo desempenho que elas tavam tendo, o jeito que elas tavam jogando, foram abraçadas e tal. E transmissão... Então assim, com certeza essa exposição teve a ver.

Carolina: É porque eu não... não sei se vocês conhecem alguma cobertura internacional que seja semelhante a de vocês? Porque eu não conheço.

Renata: O ESPNW gringo é semelhante.

Carolina: Tá, mas pelo menos... não sei no gringo porque eu não prestei muita atenção, mas aqui no Brasil não existe um posicionamento...

Renata: Não, no Brasil é bem diferente do gringo. A ESPNW do gringo é bem melhor que a ESPNW daqui, mas a gente também não conhecia o ESPNW gringo quando a gente começou. O ESPNW Brasil surgiu depois da gente.

Carolina: É, foi em março de 2016.

Renata: Em março de 2016. Mas eu lembro que quando a gente descobriu o ESPNW gringo, foi porque alguém marcou a gente, alguém me mandou, eu acho...

Nina: Mas já existe a um tempão.

Renata: Já existe a um tempão.

Nina: É que a gente não conhecia.

Renata: Aí alguém me mandou uma história em quadrinhos que eles fizeram com heroínas do esporte. Que tinha a Serena e tal, não sei o quê... E aí eu falei: caralho, que que é isso? E tal, fui descobrir... Aí eu lembro de ter chegado na página da ESPNW gringo e tava a definição de ESPNW gringo, tava: a voice for a woman in sport. Eu falei: gente, é a melhor definição de outro país, sabe?

Nina: Como eu nunca soube isso, né? Assim, você vê? É difícil achar essas coisas.

Renata: É difícil e é engraçado. Como a gente foi se construindo também com essa percepção, né? Ao mesmo tempo que a gente tentava construir uma percepção, a gente estava construindo a nossa própria percepção. Eu acho que o interessante foi as pessoas descobrindo a gente e falando: gente, que incrível assim...

Nina: Não, e aí você vê o nosso cartão de visita, acho até que tem que mudar....

Renata: É...

Nina: O slogan ele é, tipo, futebol feminino feito por e para mulher.

Renata: Não, era futebol feito por e para mulheres.

Nina: É, então, assim, já não é mais futebol. E não é mais para mulheres.

Renata: Não, não... no cartão acho que já tá esporte, mas assim... tá, acho que tá... ai... não trouxe minha carteira.

Nina: Mas eu acho que não tá.

Renata: O interessante é que, assim, quando a gente... gente, a gente não faz esporte pra mulheres porque não existe esporte pra mulheres e esporte pra homens. Existe o mesmo conteúdo. A gente só está dando uma outra, trazendo um outro...

Carolina: Outra perspectiva, né?

Renata: Outra perspectiva e outro conteúdo porque você tá acostumado a ver o mesmo...

Nina: Aqui ó: futebol por e para.

Renata: Ah eu acho que quando corrigiram o meu celular, a Naiara fez um... o meu tá escrito esportes. Mas a gente foi percebendo isso também. A gente falou: cara, não é pra mulheres porque não existe conteúdo esportivo pra mulheres e, tipo... né... As mulheres são especiais, elas precisam ler um outro?

Carolina: E vocês tem noção, assim, do público de vocês? Acredito que dentro do UOL, seja homens, a maioria. Mas dentro da página de vocês, vocês conseguem ter essa visibilidade?

Nina: Em geral é sessenta por cento mulheres e quarenta por cento homens.

Carolina: É, se for pensar não é tão...

Renata: Não é tão, é... diferente. Varia entre sessenta e sessenta e cinco por cento de mulheres e trinta e cinco e quarenta homens. Então isso também é muito interessante pra gente, porque a gente vê vários homens chegando na nossa página e marcando mulheres que eles conhecem. E dentro do UOL, a gente teve esse feedback, já logo no início, quando a gente entrou no UOL. Quando eles fizeram reunião com a gente, pra convidar a gente pra ter um contrato lá e tal... É, eles falaram: cara, o mais legal é que a gente apresentou o conteúdo de vocês pros caras mais picas aqui, que são machistas pra caralho, e eles olharam e falaram: nossa, que legal esse conteúdo. Então, assim, eu acho que isso é um objetivo que a gente tem, entendeu? Não é que a gente não se identifica como feminista. A gente não fica todo texto escrevendo lá: somos feministas. Porque eu acho que também precisa de atitudes, não da coisa do...

Carolina: Acho que é mais... não a própria versão..., mas o próprio olhar que vem daquele assunto já, naturalmente...

Nina: Exato.

Renata: Só que você percebe no texto. E acho que a gente tem um cuidado, é... Porque a gente não... não adianta você ficar falando pra quem já é teu público, entendeu? Não adianta a gente continuar discursando pra quem já entendeu a causa. A gente precisa discursar pra quem não entendeu a causa. E acho que no UOL a gente tem tido esse processo também. Tem sido muito legal. Assim, eu até falei pra Nina... A gente fez uma matéria sobre a narração da Isabelly, a primeira na Copa e tal, e meu... Toda vez que a gente faz matéria sobre narração feminina, no UOL, toda vez, toda vez chove comentário horroroso.

Nina: É, porque narra mal...

Renata: Não dá... E a gente tinha feito dois dias antes, uma matéria sobre: Copa terá a primeira narração feminina. Que vem depois. E essa matéria tem, tipo, cinquenta comentários e os cinquenta comentários descascando, falando que isso é um absurdo...

Nina: Que não vai pegar... que não adianta insistir...

Renata: Nossa, tipo, não dá. E na matéria da Isabelly, a gente inclusive colocou um tuíte nosso, tinha um vídeo do início da narração dela e aí várias pessoas, vários caras, falaram assim: nossa, excelente, ouvi a narração, gostei. Eu falei: gente, ela não teve nenhum comentário... não. Tem dois comentários assediosos, um comentário ruim e os outros são elogiosos. Eu falei: gente, será... isso aqui é um marco na história do UOL.

Nina: Mas foi essa semana, foi depois dela narrar, foi depois de todo mundo falar...

Renata: E foi legal porque, cara... Eu tenho certeza que a resistência é enorme ainda porque é muito estranho. Estranho porque a gente não tá acostumado.

Carolina: É, estranho... é, nunca aconteceu.

Renata: Entendeu? Então, porra, ter sido essa repercussão, eu falei: caralho, a gente tá conseguindo atingir os mais escrotos dos caras.

Carolina: Sim, com certeza. E como é que foi esse processo assim, de vocês migrarem pro UOL? Vocês precisaram fazer alguma adaptação de conteúdo ou existe uma liberdade plena assim, de produção? E eles acompanham as pautas? Eles têm um... não um controle, mas eles têm conhecimento do que vai ser a pauta ou... como que é assim?

Nina: Começou com uma colaboração que a gente fazia primeiro.

Renata: É. Começou porque...

Carolina: Começou nas... eu lembro das Olimpíadas que vocês fizeram aquele...

Renata: É, isso. Na verdade, começou... Exato, exato.

Carolina: Que era Treinar em Paz, né?

Renata: Começou que a gente tinha uma coluna lá...

Nina: Textos semanais durante as Olimpíadas, um negócio assim...

Renata: Mas aí acabou a Olimpíada, acabou isso aí. Aí no ano passado, um amigo meu que trabalha no UOL, que é um dos editores lá, falou comigo... foi na época do Robinho. Ele falou: cara, queria que você fizesse um texto sobre o Robinho. Quando o Robinho foi condenado. E aí eu fiz e, meu, esse texto foi super mega bem no UOL. E aí depois disso ele pediu mais algumas colaborações pontuais e, depois, ele falou: cara, Rê, eu tô tentando colocar vocês aqui. O pessoal tá... quer fazer uma reforma dos blogs e eles querem uns nomes diferentes e eu falei de vocês. É... eles queriam marcar uma reunião, blá blá blá... E aí na reunião, a gente conversou com dois editores lá e eles falaram assim: é... vocês têm liberdade total aqui de escrever sobre o que que vocês quiserem. A gente não vai ter nenhum tipo de chancela, sabe? Não

vou precisar ler e nada... É legal vocês, se vocês conseguirem, tipo, mandar um planejamento só pra gente alinhar aqui dentro. Porque as vezes, pra gente não bater cabeça. Então a gente tem uma comunicação com eles muito boa também de assim, tipo, tanto de eles pedirem alguma coisa que eles falem: pô, é legal vocês falarem sobre isso. Quanto da gente falar: oh, a gente viu essa notícia e vai fazer. Pra eles também, porque algumas poucas coisas do que a gente faz, mas algumas, são factuais. Então a gente já dá o aviso: óh, já estamos fazendo. É... mas eles têm zero restrição, nunca barraram nenhum texto e nunca dar um lado. É... a gente tem... eles pedem pra gente mandar esse planejamento, as vezes dá pra mandar um planejamento certinho, a maioria das vezes muda, porque tem muita coisa que acontece, né?

Nina: É porque tem coisa factual assim...

Renata: É. Mas, assim, tem sido muito legal a comunicação com eles, porque eles... isso, acho que é o mais legal. Porque a gente tá fazendo parte de uma mudança cultural dentro do próprio UOL. Então, assim, primeiro: a gente tem liberdade pra chegar neles e falar assim: tal matéria que vocês fizeram não é legal. Como aconteceu, que nem era matéria do UOL Esporte. Cara, agora eu não vou lembrar o que que era, gente...

Nina: Era da Serena.

Renata: Teve essa, mas teve uma outra antes. É, da Serena também teve, é verdade. Da Serena era do UOL Esporte. Teve uma outra que agora eu não lembro o que que era, mas teve essa da Serena. Chamava... o blog chama Na Vitrine. É o blog interno até eu acho, inclusive, de tipo, repórter do UOL mesmo. E aí a matéria lá, sobre o uniforme que a Serena jogou o Roland Garros. Você lembra o título?

Nina: Roupa de mulher gato... com roupa de mulher gato... O lead da matéria era: Serena Williams, famosa por seus looks dentro de quadra...

Carolina: Só pelos seus looks...

Renata: Essa era a primeira frase da matéria. Aí eu falei assim, falei... cheguei pro Editor e eu falei assim: oi? Famosa pelos seus looks? A mulher é a mulher que mais... é, tipo, a pessoa que mais ganhou no tênis e você me fala que ela é famosa pelos seus looks, velho? Daí a gente conversou com eles e ele falou: não, é... isso aí foi o outro editor aqui que...

Nina: Que pediu, né?

Renata: Que pautou esse cara, mas concordo com você. Vamos fazer o seguinte? Faz vocês um texto sobre isso.

Nina: Aí meio que a gente rebateu o texto.

Renata: Aí a gente fez o texto e esse texto foi pra home, ficou o dia inteiro na home, deu super certo. E o outro foi... esqueci.

Nina: Não. E a Rê até falou pros caras: pô, esse tipo de matéria de ela voltar às quadras...Renata: Vende pra gente, sabe?

Nina: É bom a gente fazer isso.

Renata: Fala pra gente que a gente faz.

Nina: Porque é a gente que tá acostumada a fazer esse tipo... Eram dois meninos que fazem esse blog, entendeu?

Renata: É, esse blog nada a ver.

Nina: E tipo, era uma roupa que ela tava usando pós maternidade, ela teve uma complicação no parto, ela tá acima do peso. Tanto que os comentários da matéria deles era muito diferente dos nossos, que a gente recebia.

Renata: Não, e não foi assim uma decisão moda. Tipo, ai Serena, vamos jogar de calça dessa vez?

Nina: Ai vou voltar de mulher gato hoje.

Carolina: Vou voltar arrasando.

Nina: Com certeza ela pensou isso.

Renata: E aí teve uma outra situação também, naquela do Maurício Noriega, que a gente fez um texto sobre isso, né?

Nina: A gente fez um texto?

Renata: Sim. Eu tava ouvindo o jogo e aí eu ouvi o comentário do Noriega. Aí eu falei: gente, a gente precisa falar isso no Twitter. Daí a gente fez um tuíte todo cuidadoso porque a gente tem, assim... aliás, hoje em dia eu tenho mais consciência dessa coisa dos ataques na internet porque as pessoas são muito sem noção na internet. Você pega, tipo, um negócio... nossa, você vai... Cara, o Maurício Noriega fez isso como qualquer outro comentarista faria, entendeu? Não é um problema do Maurício Noriega. É um problema da ideia que se tem.

Nina: É, a gente não ataca pessoas.

Renata: Então a gente não ataca a pessoa.

Nina: As pessoas e suas “pessoices”.

Renata: As pessoas e suas “pessoices”. Os seres humaninhos, eles olham isso e começam a atacar.

Nina: Você não conhece o Maurício Noriega... Não, eu não conheço mesmo.

Renata: Não, eu não conheço mesmo. Eu não tô criticando o Maurício Noriega. Eu tô criticando o que ele falou. Teve uma vez que a gente falou sobre o repórter da FOX, meu. Que a esposa dele mandou uma mensagem pra gente, que fez eu me sentir mal. Porque ela falou assim: cara, vocês não têm noção do que tá acontecendo na vida dele. Tipo, estão vindo atacar, me atacar, atacar a minha filha, atacar...

entendeu? Só que assim, complexo. Tipo, porque as pessoas fizeram isso, não foi a gente. Inclusive a gente falou com o cara, o cara pediu desculpa, a gente retuitou o cara quando ele...

Nina: Gente, ele pediu desculpa, ele reconheceu...

Renata: O importante é admitir, sabe? Só que a gente não tem o controle sobre o que as pessoas fazem. E aí nesse Maurício Noriega, a gente fez um tuíte, porra... tipo, caralho... o idiota do Noriega ficou lá: ai, quem me conhece, sabe... Mandou, postou uma flor, postou um ramo da flor...

Nina: Não quis ofender as mulheres...

Renata: Ai, meu Deus, quem me conhece sabe...

Nina: Mas aí depois ele cutuca falando: aí, quem viu preconceito tem problema patológico. Tipo, chamou a gente de doente.

Carolina: Doido, né?

Renata: Enfim...

Nina: Mas mandou uma flor, mas mandou um ramalhete.

Renata: Não, foi uma flor. Postou uma flor.

Nina: Ai, homens...

Renata: Aí a gente fez um post sobre isso. Porque a gente tinha um post já engatilhado sobre o "deixa ela trabalhar" e aproveitamos isso.

Nina: Ah é verdade...

Renata: Só que... e aí a gente em nenhum... nem no título e nem na matéria a gente citou... a gente colocou assim: cara, poderia... nem lembro se a gente citou nominalmente, mas eu lembro que a gente colocou: foi ele e poderia ser, poderia ter sido qualquer pessoa. Não é uma coisa contra ele, é uma coisa contra o comportamento que se adota como padrão. E aí quando o UOL chamou essa matéria na home, isso não tem a ver com esporte. Porque lá é assim, a home... o pessoal da home é outro pessoal, entendeu? Então são eles que decidem o que vai pra home, que colocam lá como eles querem colocar.

Nina: Ah é... como é que era a chamada?

Renata: Ai, cara... não, a chamada foi igual. Era... a chamada era assim. O título era assim: deixa ela trabalhar, a primeira linha do futebol é a do respeito. Uma coisa assim, porque ele colocou... o negócio que ele colocou era assim, ah... pras mulheres que não sabem o que é linha de quadra.

Carolina: Sim, sim.

Renata: E aí os caras chamaram com esse título, mas meteram a foto do Maurício Noriega.

Nina: É, exato.

Renata: Aí eu falei: cara, não dá...

Nina: Você quer me fuder...

Renata: Porque aí...

Carolina: Não adianta o que vocês escreveram ali né...

Renata: Crucificamos o cara! Aí eu fui falar com eles. Eu falei: gente, por favor, eu queria pedir pra vocês não colocarem uma foto do Noriega. A gente não colocou uma

foto do Noriega lá dentro e a gente não quer que seja um ataque ao Noriega. E eles trocaram na hora, entendeu? Não, vocês têm razão, tal...

Carolina: Então tem essa liberdade de... diálogo, né, com vocês?

Renata: Tem. E eu acho que isso tem sido... e aí, porra, quantas vezes vem... por exemplo, já veio um editor deles no Brasileiro, quando teve a abertura, falou assim: cara, acho que vocês têm que falar sobre a abertura porque só teve mulher, tee líder, não sei o quê, não sei o que lá... Foi um dos textos que mais....

Nina: Não foi o Paulista? Foi o Paulista, não foi?

Renata: Não, foi no Brasileiro. No Itaquerão. E aí, tipo, então é legal porque eles... eles já estão se educando a ter essa visão. A assistir uma abertura do Brasileiro e falar: gente... E aí pedir pra gente, sabe?

Nina: E a gente ficou... a gente durante essa trajetória, a gente bateu bastante no UOL assim. Em algumas coisas que a gente lia lá...

Carolina: É, porque se for pensar... até tenho uma amiga que trabalha lá, não sei se vocês conhecem, a Carla.

Renata: Sim, sim.

Carolina: Conversei com ela sobre isso também. Se era uma abertura do UOL pra um novo tipo de consciência, uma reformulação, ou se era uma coisa de audiência mesmo, sabe? De moda.

Nina: De moda.

Carolina: Porque vocês estavam tendo audiência, tavam gerando comentários, conteúdo, enfim. E aí, eu pensei, eles estão abraçando o quê?

Nina: É, eu não sei assim. Eu acho que pode até ser as duas coisas assim e que seja, entendeu? Mas a gente também ficou naquilo... A gente vai ter a liberdade pra falar pro UOL: óh, a gente tá aqui dentro, mas vocês estão fazendo uma galeria de musa. Por favor, para, não sei o quê... Então também foi um processo da gente pensar assim... Mas a gente só muda uma coisa começando lá dentro. Não adianta a gente querer mudar tudo aqui fora e sabe? Acho que a gente...

Carolina: É, foi o que ela e você falou também. Do público masculino também ter o contato com conteúdo, né?

Renata: É, não adianta você falar pra convertido, você tem que falar pra quem não é convertido.

Nina: A gente tava muito confortável na situação do nosso site, onde todo mundo acha tudo maravilhoso. Vocês são incríveis, não sei o quê... Pra ir pra lá, onde a gente é xingada, onde a gente é chamada de mimizenta, onde ninguém sabe falar nosso nome...

Renata: Chamada de burra.

Nina: Analfabeta porque a gente não sabe nem o nosso nome.

Carolina: Isso aí foi ótimo, gente.

Nina: Então assim, a gente também sabia disso tudo.

Carolina: Os comentários eram maravilhosos: não seria... dribladoras?

Renata: Mas, assim, até hoje ainda tem.

Nina: Mas eu acho que, tipo, também é um desafio pra gente. Não é legal você ouvir crítica, não é legal você não poder retrucar: cara, para de ser burro. Sabe assim? Você tem que, né...

Renata: E eu acho que o UOL Esporte tá em processo de mudança.

Nina: Mas eu acho que é isso, há mudança lá dentro. Que bom a gente fazer parte de uma mudança também pra eles lá dentro.

Renata: É, tá rolando. Ainda tem muito machismo. Se você ver, a equipe que foi pra Rússia, por exemplo, é toda de homens. Os editores, não tem muita mulher, entendeu?

Nina: E eu acho...

Renata: E assim, só que... eu acho que a gente faz parte dessa mudança. Porra, acabou o negócio... como era o negócio da torcida lá? Sabe as musas da torcida? Como é que é o nome do negócio que eles faziam?

Carolina: Era Musas do Brasileirão, musas do não sei o quê...

Renata: Era o... esqueci o nome do negócio. Mas tinha o concurso que eles faziam. Tipo, isso acabou faz dois anos. Então assim, eles tão transformando. E outra, a gente tem nossa liberdade de falar essas mudanças. Só que muitas vezes as matérias machistas não vêm deles, vem de outras editorias, e aí eles também não têm essa autonomia de falar pra editoria x lá não fazer.

Nina: Como a gente tá ali dentro do esporte, dentro do esporte a gente tá tendo esse espaço pra falar com eles e, enfim... E acho legal também que a gente tá falando com profissionais que trabalham dentro de um veículo e, querendo ou não, se hoje eles estão no UOL e amanhã eles forem pra outros lugares, eles vão levar essa consciência. Do tipo: pô esporte x que eu tô trabalhando, quando eu fazia no UOL tinha esse tipo... então vai levar isso pra fazer outro tipo de cobertura, em outro lugar. Então eu acho legal mudar a cabeça não só do torcedor, mas também de um profissional.

Renata: É, exatamente. Eu também acho.

Nina: E é isso. Quando a gente fala do Noriega, não é pro Noriega, é pra mudar a cabeça do cara. Porque tem mulher assistindo, tem criança assistindo. Enfim...

Renata: Ele errou mais quando ele não reconheceu, entendeu? Porque o que ele poderia ter falado: puta gente, foi mal mesmo, realmente... Podia ter falado "pessoas", pessoas que não sabem o que é linha.

Nina: Tem pessoas que não sabem.

Renata: Tem homem e tem mulher. Ah a maioria é mulher? É. Mas porque você precisa falar disso, no seu comentário?

Nina: Exato.

Renata: O que você tá agregando? E outra, você me desculpa, mas quem tá assistindo essa merda desse jogo da Seleção Brasileira às três da tarde, sabe. Em geral, vai gostar daquilo. Porque você me desculpa, mas né... você não tá não fazendo nada numa terça-feira, três da tarde, pra assistir você...

Nina: Mas é uma coisa que também... era muito difícil de combater, quando a gente soube pelas meninas do "deixa ela trabalhar" que esse incômodo também estava fazendo parte delas ali. Porque elas também não tavam sabendo lidar. Porque algumas eram amigas dele e também não queriam bater de frente, não sei o quê...

Carolina: É, já é difícil estar ali. E aí estando ali, você não...

Nina: Exato. Então, assim, elas também. Porque o machismo também tá na gente.

Renata: Ah demais...

Carolina: Sim.

Nina: A gente herdou muita coisa, de muita geração, tal... Então, pra elas, elas também têm que combater isso dentro delas e separar o que é o profissional, né?

Então teve algumas do SporTV que se posicionaram um pouco. Quem foi? A Viviana não é do SporTV. Mas acho que a... era a Bárbara? Não lembro...

Renata: Cara, não lembro... Teve uma, mas assim bem poucas do SporTV que falaram.

Nina: Que tuitaram, que falaram: ôh Nori...

Renata: É, a Lívia retuitou.

Nina: A Lívia, a Ana Taís... então algumas pessoas compraram. Mas aí... ele deu?

Renata: Pênalti?

Carolina: Pênalti.

Nina: Ai filho da puta....

Renata: De costas pareceu.

Nina: Merda. Eu gosto da Argentina, gente. Porque que eu nasci com isso?

Renata: Não sei. Nasceu com essa porra de Galvão Bueno. O Bruno também odeia...

Nina: Não, eu acho que eu nasci, foi do meu pai. Meu pai não...

Renata: Nossa, eu acho tão infantil essa... ê... não sei não hein... o cara caiu antes ou ele encostou com a mão?

Nina: Ôh gente, o que é isso? Não foi nada.

Carolina: É... caiu antes.

Renata: Eu acho que precisa de uma câmara melhor.

Nina: É, pede um desafio.

Renata: De longe, assim, não pareceu.

Nina: Eu cresci com isso por causa do meu pai, não devia ser assim. Porque eles são né... do mesmo continente.

Renata: Gente, não vai mostrar uma câmera melhor?

Carolina: Realmente, gente, eu não sei o que tá acontecendo com o Messi. Ele tá bonito, né?

Renata: É a barba, menina.

Nina: É a barba.

Renata: É a barba que faz magia com os homens. É a maquiagem dos homens. É verdade. Gente, o Mancini que é a pessoa mais feia...

Carolina: Nossa... meu Deus, não acredito.

Renata: Caralho, coitado do Messi, gente.

Carolina: Gente, pobre Messi.

Nina: Gente eu falei: ele podia perder. Vocês ouviram, antes dele bater? Vocês ouviram?

Renata: Não ouvi, amiga.

Carolina: Gente, o Messi tá numa fase, né?

Renata: Ai gente, eu gosto tanto do Messi...

Nina: Que fase... ôh meu Deus!

Renata: Que fase do Messi, que fase do Cristiano Ronaldo.

Carolina: É... nossa...

Nina: E ele fez o dele ontem né, amiga... Pra ele falar...

Renata: Nossa, gente, aquela falta foi um absurdo.

Carolina: Gente, ontem...

Nina: Não, ele fez o pênalti também.

Renata: Ah mas o pênalti ele sempre faz. Agora...

Nina: Mas ele bate muito bem.

Carolina: Vocês assistem...

Renata: Mas a falta, amiga? Nos minutos finais, o cara vai bater uma falta, ele olha, respira, pá, ninguém nem vê a bola indo, velho. Bom, mas enfim...

Carolina: É... Vocês estavam falando de que dentro do movimento feminista alguns grupos não entendem a importância de se discutir a mulher no esporte. Como que foi quando vocês fizeram aquela, como que era? Que era o Treinar em Paz, que eram vocês, o Olga e o AzMina, acho que era isso. Depois o Olga acabou, elas meio que incorporaram o assunto dentro do Think Olga e o AzMina também não... elas não discutem muito.

Renata: Então, é que assim... esse é o problema, assim. A grande diferença do AzMina, aliás o AzMina, começaram a enxergar esporte porque a gente tava lá dentro. E o Olga Esporte Clube, o problema é que elas não têm justamente... o

problema é o problema, que é o problema. Porquê? Porque elas não têm vivência de esporte. Então é muito difícil.

Nina: É, e elas querem... elas querem é diferente da gente. Elas querem incentivar que a mulher pratique o esporte. Essa também é uma das nossas bandeiras, mas não a única.

Renata: É, elas tinham essa bandeira como maior.

Carolina: No Olga era isso mesmo, né?

Nina: É.

Renata: É, a gente tem várias bandeiras e essa é uma delas. A delas, maior, era essa mesmo. Só que elas não têm a vivência, entendeu? Então eu acho que é muito mais difícil você falar de um assunto, mesmo que você estude pra caramba sobre esse assunto, sem ter a vivência, entendeu? Pra gente, tanto é que assim... tem muito pouco material em português relacionando mulher, esporte e gênero, entendeu? Esporte e gênero! Então assim, mesmo que você queira estudar, em português, o material é muito escasso. Então assim, a gente... a maioria das teorias que a gente tem, vieram da nossa própria parte porque hoje a gente enxerga.

Carolina: Ai, outra?

Nina: Tomara que ele faça um gol de falta agora.

Renata: Vamos, Leo. Vamos, Leonel. Pra acabar com o Cristiano Ronaldo.

Nina: Ai, mas dificultou.

Renata: Eu gosto dos dois, eu quero que os dois vão bem.

Carolina: Ah não é Cristiano Ronaldo.

Renata: É que acho que o Cristiano Ronaldo me tem... pra mim, é a mesma briga entre Messi e... Messi e Cristiano Ronaldo é a mesma coisa de Federer e Nadal, entendeu? Um é fabricado, não é... o Ronaldo é incrível, assim como o Nadal. Só que, assim, isso é treino, entendeu? Tem um pouco de..., mas o Messi e o Federer é, assim, nasceram assim, entendeu? É... Mas então eu acho que, assim, esse foi o problema pra elas assim. Pra própria... no próprio AzMina. Tipo, eu conheço a Nana, é esposa de um cara que trabalha comigo. Ela tem essa vivência esportiva, entendeu? Então, assim como a maioria das mulheres feministas. Porque o esporte é isso, você é muito... exclui muito as mulheres. Então essas mulheres, a maioria das mulheres mesmo feministas e tal, não tiveram essas experiências de esporte. E aí, até elas... mesmo quando elas percebem que, porra, isso é uma bandeira importante, é difícil você adotar uma bandeira que você não vive. É diferente de, sei lá... a bandeira do assédio na rua, que todas as mulheres vivem, entendeu? Então eu acho que o Olga Esporte Clube... teve uma vez até que o Olga falou com a gente, da gente produzir pra eles. Só que assim, cara, não tem como a gente ter tempo pra produzir pros dois lugares. Então eu acho que isso que acabou dificultando o trabalho delas, a falta de vivência, sabe?

Carolina: É, porque elas acabaram deixando de pautar assuntos assim e aí ficou em vocês mesmo, né? Vocês que dominam assim essa discussão. E pensando assim, pensando na produção de vocês. Vocês falaram que em relação ao UOL não existe sempre essa antecipação assim, mas entre vocês como que é? Só vocês duas escrevem, existe uma discussão assim, um alinhamento, sabe? De discurso ou é uma coisa... a gente confia, né?

Nina: As duas coisas.

Renata: É, um pouco das duas.

Nina: Porra, você já escreveu isso? Ah já escrevi, já tá lá. Tipo, você lê? Ah não consigo. Tá bom.

Renata: É, acho que assim, em geral hoje, a partir de hoje em dia que a gente tá conseguindo tocar só isso, acho que vai ter um pouco mais de planejamento. Até mês passado, que a gente tinha, todas nós, nossos empregos...

Carolina: É, ia perguntar sobre isso também que eu tava falando com a Camila, né? A gente... ela perguntou: as meninas, a Renata tá só com Dibradoras ou...

Renata: É, eu acabei de sair da BBC faz uma semana. Porque realmente antes, assim, era... Antes do UOL a gente tinha uma produção que era da nossa cabeça. No ano passado a gente começou a se dedicar bastante a ter textos no site toda semana. Porque eu comecei a namorar um cara que sabe mexer no site. É brincadeira, mas tem um pouco a ver com ele, porque ele tipo... cara, entrei no Dibradoras hoje e não tem nada de novo.

Carolina: Não tem nada. Como assim?

Nina: Porra, eu trabalho.

Renata: Mas... e isso foi muito bom pra gente conseguir a visibilidade a ponto de o UOL falar: ok, queremos vocês. Aí no UOL a gente tem uma produção mínima de cinco textos por semana. Então...

Nina: É, um por dia, sem contar os finais de semana.

Renata: É. Então a gente... e além dos cinco, que a gente eventualmente programa, sempre tem alguma coisa que acontece durante a semana que, tipo: pô, a gente queria que vocês comentassem isso. E aí tava ficando meio insuportável a minha vida. Quer dizer, muito legal, porém, assim, com vinte e quatro horas do dia tava impossível. Porque, porra, tava oito horas... Aí, tipo, se os caras me pediam alguma coisa, eu tava na BBC, eu não conseguia fazer, entendeu? Então assim, começou a ter muita demanda e a gente falou: não, vamos organizar agora e vamos tocar só isso. E eu e a Nina, por a gente ser jornalista, a gente sempre trocou muita ideia sobre esses conteúdos, sabe? Toda vez que eu tenho uma ideia de pauta, eu falo

com ela: que que você acha? Ela a mesma coisa, sabe? A gente se revisa o texto uma de outra. Tipo: ai, dá uma lida aí, vê se tá tudo bem, não sei o quê... Então...

Nina: É, tem a participação da Angélica, vai, e tal...

Carolina: É, como é a participação delas assim? É de opinião ou é alguma coisa... não sei, uma delas é publicitária...

Renata: É, a Angélica...

Carolina: Existe alguma, sei lá...

Renata: É, eu acho que assim... tem tudo, depende do assunto.

Nina: É que assim, quando a gente vê alguma coisa. É...

Renata: Quando tem um assunto mais polêmico, a gente conversa bastante.

Nina: Quando vem alguma coisa, já manda: vocês viram isso? Aí, pô, pera... não sei o quê... aonde aconteceu? Então assim, quando tem esses assuntos polêmicos, a gente meio... é debatido. Mas quando você precisa pensar numa coisa mais específica: óh eu tô pensando em fazer isso... é mais eu e a Rê. Que nem agora, os conteúdos pra Copa. Ai, vamos falar da estreia do Brasil? Mas como que a gente vai falar da estreia? Puxando... ai e se a gente pedir a opinião das atletas e tal.

Renata: Vai, Messi. Faz. Caralho.

Carolina: Nossa, gente...

Nina: Messi, você não tá no...

Renata: Sabe o que vai acontecer com a Argentina? Escuta o que eu tô falando. Vai classificar aos trancos e barrancos e vai chegar até a semifinal, pelo menos. Vamos

ver. É tipo Boca Juniors, sabe? Tipo, assistindo assim e assim que se você tá apegada...

Nina: Então, e aí esses assuntos mais assim... é, essas pautas que precisam ser desenvolvidas, acho que é mais eu e a Rê.

Renata: É.

Nina: Então a Rê traz até mais ideias do que eu porque eu acho que a Renata, ela tem uma escola que eu não tenho. Sempre trabalhou com esporte. Eu nunca trabalhei com esporte, escrevendo. Eu sempre gostei, sempre entendi...

Carolina: Eu também não. Eu só na pesquisa. Eu trabalho com outras coisas também.

Nina: É... Eu sempre quis fazer, mas, tipo... meu trabalho com esporte é o Dibradoras a anos, é... há três anos. E participações que eu fazia em blogs de torcedor e tal... Então ela tem uma vivência assim, ela tem uma facilidade pra pensar mais do que eu. Na hora de executar, a gente executa, beleza... Então, é assim que a gente... É a gente pega muito factual, a gente tem que estar muito ligada no factual, que é o que nos move assim. Porque também, fazer uma coisa diferente...

Carolina: É mais dinâmico, então... Vocês têm... vai acontecendo, vocês vão...

Nina: É, não adianta você ficar...

Renata: É.

Nina: Pensando em coisa do tipo: ai, vamos entrevistar, fazer um ping pong com a jogadora. Não...

Renata: É, eu acho que tudo vai surgindo naturalmente. Acho que agora a gente vai ter depois da Copa, vai ter mais tempo de planejamentos a longo prazo, sabe?

Nossa, vamos fazer isso aqui..., mas não podemos abandonar o factual, porque tem... Que nem, sabe, ontem teve um lance do Irã, porra, vamos fazer sobre o Irã. Aí, tipo, a gente vê alguma coisa que a gente acha relevante falar, a gente fala. Então isso daí não pode perder. Porque você também tem que ter esse time, né, de as pessoas estarem esperando esse conteúdo de você, sabe? A primeira narração da Isabelly, porra, a gente tinha que falar sobre isso, entendeu? Então assim, tem que ser na hora, não pode ser um dia depois. Então ao mesmo tempo tem outras pautas mais frias que a gente, porra, vai executando ao longo do tempo.

Nina: Vai ao longo do tempo.

Renata: Tendo as ideias. E agora na Copa a gente tá conseguindo... pensando ao mesmo tempo que tendo o campeonato. A gente fala, porra, vamos fazer a análise de Seleção Brasileira com mulheres. Quem que a gente vai chamar? Faz uma lista de quem manja de falar desse assunto porque tudo a gente tem esse olhar, sabe? E pra gente é mais fácil ter esse olhar feminino porque a gente gosta muito. Então é fácil a gente olhar pra isso...

Carolina: Olha, tá zicado isso aí hoje.

Renata: É fácil a gente olhar pra Copa e falar: porra... e pensar em várias pautas porque a gente ama isso. Então, porra... E a gente, só o fato de a gente ser mulher... Ontem a gente fez um post, que assim... Tecnicamente, não tem tanto de: nossa, cara... vamos dizer. Que foi do Lugano, postou um vídeo.

Carolina: Ai, eu vi.

Renata: Só que eu achei incrível do vídeo. Além de, né, daquela alegria das crianças comemorando. Tinha meninas, meninos, tava todo mundo junto. Tipo, olhou o gol: caralho, tipo, comemoraram...

Nina: Então é muito sutil, né?

Renata: Então assim, eu falei: gente, a gente pode falar sobre isso também, porque as pessoas estão falando que a Copa é uma alienação só que, nossa... porque que a Copa é importante, sabe? E porque que a gente para, porque a gente, nós, estamos parando pra ver a Copa, sabe? E aí a gente pega e fez um post sobre isso, entendeu? Não é... E eu acho que a gente também tem essa visão. Tipo, nossa, precisamos só falar sobre mulheres. Se tiver alguma coisa masculina que a gente queira comentar.... Porque a gente, o fato da gente ser mulher num espaço dentro do UOL, pra falar do esporte mais popular do mundo é relevante, entendeu? E é importante que a gente aproveite esse espaço pra... que outras pessoas... Já teve comentário de gente falando assim: pô, falem mais sobre... Foi no seu texto, não foi? Sobre o São Paulo? Não lembro o que que era, eu lembro que foi no início assim. Alguns comentários: falem mais sobre time, tragam mais a análise sobre time, sabe?

Nina: Eles também... é... eu acho que... é porque a gente é torcedora.

Renata: A gente quer ouvir a opinião de vocês sobre isso.

Nina: A gente vai no estádio, a gente acompanha nosso time. Então também nada impede de a gente falar do nosso time também assim. Acho importante. No Dibradoras tinha isso também, né? Das meninas, do Dibras na arquibancada, das meninas mandarem contando que foi no jogo do time do coração. Então eu acho que isso também é uma coisa que a gente tem que resgatar e tem que manter vivo assim. Então, que nem, o São Paulo quebrou um tabu, a gente podia ter pensado em fazer alguma coisa, mas era véspera de Copa...

Renata: É que a gente já tinha feito aquele teu... que a gente falou que foi quebrando um tabu...

Nina: É, sim. Quebrou um tabu quando tinha que quebrar, mas enfim... quebrou. E enfim, mas a Angélica que fala isso né... a gente não é... o nosso gosto pelo futebol tem pai e tem mãe, né? A gente também vê o jogo dos homens e a gente também gosta...

Renata: E a gente não pode excluir isso, entendeu? Acho que, e inclusive, acho que isso é uma das coisas pelas quais as pessoas gostam da gente. Porque a gente sempre fala: tipo, cara, se a gente é amiga hoje é por causa do futebol masculino. Porque a gente se aproximou porque a gente tava num grupo de são-paulinos, num grupo ou outro de time de futebol, entendeu? Então assim, a gente não pode negar as raízes, entendeu? E a gente também não acha que é uma disputa. Não é que a gente acha que o futebol feminino tem que acabar com o masculino.

Nina: É um erro de quem não entende...Que é uma competição...

Renata: Exatamente.

Carolina: Exatamente. É cada um ter o seu espaço...

Renata: Não é uma competição. Não é que eu quero que o Galvão Bueno não exista mais. Eu só quero que exista uma outra opção, entendeu? Não é que eu quero que, porra, não vamos parar pra assistir a Copa do Mundo.

Carolina: Não transmita.

Renata: Não. Vamos, caralho. Eu acho incrível isso. Mas vamos assistir a Copa Feminina, entendeu?

Nina: E, tipo, não é que a gente não queira falar do futebol masculino. Mas é que tem a rodo.

Carolina: Sim...

Nina: Eita! A rodo pessoas falando sobre isso...

Renata: Exatamente, a gente também tem... A gente não vai só fazer noticioso. Não vou falar: Seleção Brasileira vence Costa Rica. Cara, foda-se, isso aí vai ter muitas pessoas falando.

Nina: Sim... Não é que a gente não tem um canal pra falar, um púlpito. Tem milhares de mulheres já fazendo isso e que bom que tenha, que elas falem com propriedade e tal... A gente surgiu como uma outra necessidade, não anula essa, mas não é a nossa...

Renata: É, acho que o nosso objetivo é chamar a atenção pra presença da mulher no esporte, entendeu? Tanto é que quando as pessoas falam: ah, vocês são uma página de futebol feminino. Não, a gente não é uma página de futebol feminino. A gente é uma página para valorizar a presença da mulher no esporte. Porque a gente... se você olhar o nosso conteúdo, a gente não fala só sobre futebol.

Carolina: É, e seja ela jornalista, seja ela torcedora, seja ela atleta...

Nina: Sim, exato.

Renata: Exatamente. Seja toda e qualquer presença da mulher.

Carolina: E pensando nas redes sociais. Vocês têm o podcast semanal, Facebook, Youtube, Twitter e Instagram.

Nina: Sim.

Carolina: Existe alguma diferença assim de...

Nina: De conteúdo?

Carolina: Não de conteúdo que, por exemplo: eu vejo que no Instagram vocês compartilham algumas coisas assim... ah, um grupo que vai se reunir...

Renata: Ele respira o ar da bola, já tem três caras chegando nele, velho.

Nina: Olha isso.

Renata: Olha isso! Olha o domínio do cara e o cara já tava ali.

Carolina: Nossa... Chutou o ar. É... no Instagram assim, em alguns momentos eu via, ah... as meninas vão se... um grupo de meninas vai se reunir pra jogar em tal quadra, sei lá... É, existe essa diferença de conteúdo? Vocês pensam nessa diferença de conteúdo em cada uma das plataformas? Igual... no podcast, você falou que é mais uma visibilidade pras atletas ali. Vocês pensam nisso assim?

Nina: É, na real eles se conversam, né? Tipo, o conteúdo que tá no Facebook, ele tá todo dia no Instagram. Tipo, a matéria que a gente posta lá, a gente avisa no Instagram, mas com esse lance dos stories, que é muito mais rápido, então a gente sempre põe uma coisa assim: ah vai ter rachão de basquete, vai ter... ah meninas que querem jogar, olha isso aqui, tem uma oportunidade.... Uma coisa que a gente tá fazendo, uma entrevista que nem a Rê fez essa semana da CBN, mostramos lá. Então, nem tudo vira post no Instagram, mas no Instagram acho que a gente valoriza mais os nossos conteúdos e fotos de mulheres no contexto de esporte, porque acaba encorajando. A gente acaba...

Renata: Olha essa menininha jogando na rua, como ela é maravilhosa...

Nina: Não é? Então, mandaram ontem pra gente.

Renata: Aliás, vamos fazer um álbunzinho com isso depois?

Nina: É, então, aí a gente meio que fala. Que que pode render e tal?

Renata: Mas acho que, assim, a grande diferença, por exemplo, no Twitter.

Nina: Ah o Twitter é nosso...

Renata: O Twitter é o nosso factual, factual, tempo real. Então, assim...

Nina: Porque o Twitter é horrível.

Renata: Quando tá rolando...

Nina: Pior rede social.

Carolina: Eu abandonei um pouco o Twitter. Preciso retornar.

Nina: Eu abandonei o meu, só vivo no Dibradoras.

Renata: Por exemplo, então tá rolando um jogo no futebol feminino, tal não sei o quê... resultado, esse tipo de coisa a gente fala... porque assim...

Carolina: Mais dinâmico, mais rápido, mais fácil né?

Nina: E os nossos seguidores do Twitter são muito engajados no futebol feminino. Então muita coisa a gente fica também sabendo por lá.

Carolina: Então existe também essa diferença, assim? De seguidores entre...

Nina: Existe! Eu acho que no Twitter as pessoas são mais exigentes, mais atentas, elas debatem mais com a gente. A gente interage. A gente ouve muito mais crítica do que no Facebook.

Renata: E as coisas reverberam mais rápido também.

Nina: Do que no Facebook.

Renata: Porque que, assim, o tweet do Noriega... três segundos tinham cem, duzentos... entendeu? Tipo, essa conta...

Nina: A narração da Isabelly...

Renata: Entendeu? A narração da Isabelly. A mesma coisa. As duas narrações que a gente postou, tipo, cara... tem centenas de retuítes.

Nina: E o negócio da FOX, o cara entrevistando a menina, que perguntou quantos anos ela tem...

Renata: Também, foi todo...

Nina: Veio pra gente no Twitter. Então, tipo, foi aí que eu vi, eu falei: meninas, olha o que aconteceu? O que que a gente vai fazer? Vamos se posicionar? E aí veio do Twitter, então... O Twitter, ele é muito... Ele é um público...

Renata: Caralho!

Carolina: Coitado, gente.

Renata: Ai meu Deus.

Nina: Olha isso.

Carolina: Nossa...

Renata: Nossa, beijou atrás...

Nina: Então, e o Twitter eu acho que ele tem um perfil mais crítico, exigente e engajado.

Carolina: E vocês conseguem ter mais essa interação do que no Facebook?

Renata: E acho que ele tem mais...

Nina: Porque o Facebook nosso é o país das maravilhas. É verdade! A gente não tem positivo no Twitter.

Renata: Tem pouquíssimo, não... Poucas vezes.

Nina: Ali é um pólo de todo mundo gostar e de chamar outras pessoas pra ver. Você leu essa matéria, você conhece essa página? Não sei quê... E nosso Facebook é muito positivo de verdade. E nosso inbox do Facebook é isso, tipo, gente mandando:

ai olha eu li tal matéria, eu voltei a jogar porque eu vi. Eu quero escrever pra vocês, como é que eu faço? Quero mandar meu currículo.

Renata: Caralho, várias vezes.

Carolina: Estamos contratando.

Nina: É, então assim...

Renata: Outro dia mandaram: vocês contratam um estagiário? Gente, eu acho isso tão lindo. Porque eu falo: cara, eu queria. Eu me sinto, realmente. Acham que a gente, né... Tipo, uma redação da Globo assim. Mas o Twitter a gente usa muito, que é importante. Mas a gente, no site, a gente não consegue fazer isso de: ah vamos fazer relato de jogo no Facebook. Porra, seria importante? Seria. Mas hoje a gente não tem essa capacidade de produção, entendeu?

Nina: No Twitter a gente faz, as vezes...

Renata: No Twitter a gente sempre fala...

Nina: Às vezes a gente tá vendo um jogo, a gente faz em tempo real, tal, mas...

Renata: Dá os resultados de algum que tá acontecendo...

Nina: A gente não tem braço também.

Renata: É. A gente também não pode fazer de um e não fazer de outro. Tipo, ah vou fazer o relato aqui do jogo do Corinthians, mas não vou fazer o... Então a gente usa o Twitter pra isso. E eu acho muito legal que muitas pessoas descubrem que está acontecendo alguma coisa porque a gente tuíta. A própria narração feminina, a gente retuitou um trequinho das três narrações. E muitas pessoas: nossa, não tinha me ligado que tava passando na FOX 2, vou colocar. Tipo, vou começar a assistir...

Nina: Exato, exato.

Renata: Tipo, descobriram porque a gente colocou, sabe?

Carolina: Colocou ali... E no podcast é mais essa relação com as atletas...

Renata: É sempre a relação da entrevistada, entendeu?

Carolina: E como que é essa recepção delas assim? Elas também já têm essa consciência, tipo, da necessidade de estarem ali falando sobre a participação feminina no esporte, enfim...

Renata: É, eu acho que sim. A maioria, sim. E eu acho que o mais lindo pra gente é que assim, quando... boa parte das vezes que a gente vai convidar uma pessoa pra participar, ela fala: nossa, queria muito participar, sou muito fã de vocês. Entre as jornalistas esportivas, todas, todas conhecem a gente, que é uma coisa muito legal assim pra gente de: porra, que bom, que elas tão sabendo...

Nina: E pra gente é bom até por inspiração, né? A gente também gosta do trabalho delas, então é muito legal também ter essa troca.

Renata: Tipo, a gente foi falar com a Fabiola Andrade... Inclusive a gente tá esperando pra conseguir que ela participe do podcast e faça uma... Que é uma apresentadora do SporTV, tipo, muito tempo de jornalismo esportivo. E, meu, quando eu fui falar com ela, ela: cara, eu sou muito fã de vocês, vocês não têm noção. Não, aqui a Globo tem uma coisa chata de pedir autorização, mas eu vou pedir autorização pessoalmente porque eu quero muito dar essa entrevista. Tipo, sabe, ela tava muito feliz assim. Então eu acho que no podcast a nossa linha editorial é sempre ter uma convidada relevante de áreas distintas do esporte. A gente tenta um pouco casar com algum factual que esteja acontecendo. Então, sei lá... tipo, tá rolando Super Liga, vamos... Que nem o primeiro podcast do ano era no auge da polêmica da Tiffany. Vamos fazer um podcast sobre vôlei. Chamamos a Sheilla. Chamamos a Tiffany também, mas na época não tava...

Carolina: Não quis...

Renata: Então, é... a gente tenta casar assunto, sabe? Não necessariamente a gente pega assim a protagonista daquele tema, porém... ah tá rolando, sei lá... Roland Garros. Vamos fazer um podcast sobre tênis. Vamos chamar quem? Tal pessoa, entendeu? Então a gente tenta casar os assuntos com o que tá acontecendo na semana assim. Ou enfim, naquele mês.

Carolina: Entendi. E você falou sobre bandeiras que vocês defendem assim. Você consegue nomear... pontuar algumas?

Renata: Pontuar? Eu acho que como geral seria a presença da mulher no esporte. Acho que a gente defende a... agora me fugiu a palavra, mas assim... a disseminação da prática esportiva pras mulheres. Então, assim, que as mulheres se conscientizem de que a prática é importante e de que, em algum momento, elas ficaram excluídas disso e de que elas devem procurar voltar. E eu acho que assim, o fato... isso tá muito ligado... esse é um dos objetivos, né? Tipo, disseminar a prática esportiva entre mulheres, a importância disso. E eu acho que isso também tá muito ligado com o que a gente faz de disseminação de conteúdo sobre esportes femininos, porque a menina que ouvir nosso podcast e descobrir que existe uma Joana Maranhão, que existe uma não sei o quê... vai falar: caramba, quero ser essa pessoa. Ela vai descobrir que existem essas pessoas, essas ídolas.

Carolina: A identificação, né? Representatividade...

Renata: Exatamente. Então assim, acho que tá tudo ligado. Então eu acho que o primeiro objetivo seria... um dos objetivos é a prática esportiva por mulheres, o outro é dar voz...

Carolina: Ai, meu Deus.

Renata: Caralho, brother!

Nina: Cara, esse goleiro...

Carolina: Meu Deus, ele tá inspirado, possuído.

Renata: O outro é de tipo, dar voz às mulheres no esporte. Então, às atletas, pra que elas tenham a visibilidade que elas precisam pra serem conhecidas, pra essa história ser valorizada. Acho que dar voz é importante... É, e... valorizar a presença das mulheres em todas as áreas do esporte. Tipo, meio que chamar a atenção pra isso. Porque eu acho que o primeiro problema do machismo no esporte é que a gente não presta atenção nele, ele passa batido, entendeu? Então você assiste um programa de TV, de esporte, que só tem homem e você não fala: gente, mas porque não tem nenhuma mulher aí, entendeu?

Nina: Mas é... até no nosso Twitter eu vi muito isso, mulheres questionando: como eu nunca pensei que podia ter uma narração feminina?

Carolina: Aham...

Nina: Cara, esse goleiro vai ser man of the night. E aí, as pessoas também... você vai percebendo, né? Então, cara, como é que eu nunca percebi que não tem uma técnica?

Renata: Não, gente, eu lembro até hoje do dia que eu percebi assim. O quanto eu não tinha me indignado com isso antes, que foi o dia que eu tava assistindo Bem Amigos e foi assim uma explosão de machismo na véspera do Dia da Mulher. Na véspera do Dia da Mulher, assim, uma explosão de machismo. E eu falei: caralho, velho, tem um programa que tem oito pessoas e são oito homens, sabe? E naquele dia, tipo, tinha a Joana de Assis lendo os e-mails...

Nina: Sentadinha na cadeirinha.

Renata: Aí um dos convidados era o Daniel Dias. A Joana de Assis é super especialista em esportes paralímpicos, ela fez um livro sobre isso. Então, assim, se

tinha alguém que sabia o que falar sobre e com esse cara, era ela. Quando ela foi fazer uma pergunta, o cara falou: pô, Joana, assim você me quebra, não sei o quê, quanto tempo do programa... Caralho, a mulher não podia fazer uma pergunta! Aí assim, me vai o Exaltasamba... o Exaltasamba, não... o Péricles lá e começa a cantar. Péricles, canta uma música! Aí ele me começa a me cantar aquela música: a pia tá cheia de louça...

Nina: Se eu largar o freio...

Renata: Caralho, brother! Sete de março isso aí... Aí, tipo, fim do programa. A Joana fala: vamos falar parabéns pras mulheres, porque já passou da meia noite. Aí o Galvão fala: eu não gosto dessas coisas, eu acho que dia da mulher é todo dia. Aí eu falei...

Carolina: Chega, acaba o programa, vai...

Renata: Então assim, eu acho que esse é um dos nossos principais papéis. Chamar a atenção pra coisas que sempre aconteceram no esporte, que sempre foram naturalizadas e que a gente precisa entender que são problemáticas, entendeu? A própria frase do Noriega, sabe? Tipo, a entrevista com o cara da FOX com a torcedora de quinze anos, perguntando o telefone dela. Tipo, cara, a gente precisa entender que não é piada. A gente precisa entender que não dá pra fazer isso, entendeu?

Carolina: Tem... depois eu até passo o contato pra vocês, se vocês quiserem. Eu fui banca de uma menina, de TCC agora, ela analisou o Jogo Aberto e o...

Renata: Caralho, coitada.

Carolina: E o Globo Esporte.

Nina: Assistir Jogo Aberto...

Carolina: Como era a presença feminina nos dois assim. E no Globo Esporte não existe presença feminina. Tipo, não existe nem na produção...

Nina: Jogo Aberto é o da Renata Fan, né?

Carolina: É.

Renata: Nem na produção?

Carolina: Não. E... acho que... se não me engano, eram duas ou uma na produção. E nem tempo de assim... tanto na apresentação, quanto na cobertura mesmo. Em uma semana teve uma matéria, acho que da natação, feita por um homem. Então, assim, é absurdo. E no Jogo Aberto existe só a Renata Fan e tinha mais uma repórter, se eu não me engano. E todas as vezes que a Renata aparecia pra falar avaliação técnica, tática e alguma coisa assim, tinham os homens junto. Ela só aparecia sozinha quando ela chamava a matéria, quando ela tinha que falar, dar a opinião dela... E ficou assim muito legal o trabalho dela, assim. Ela fez essa análise diária e ela, depois, ela aplicou um questionário on-line pra ver quais eram as mulheres dentro do esporte, do jornalismo esportivo, que o público conhecia. E ninguém conhece. Assim, não é...

Renata: Só a Renata Fan é mais conhecida.

Carolina: E nossa, foi... Renata, como que está sendo lá no SporTV assim, a sua participação...

Renata: Fui atacada!

Carolina: Sério?

Renata: Fui atacada. Não, tava sendo ótimo até segunda-feira.

Nina: Até ela falar mal do Flamengo.

Renata: Ah meu Deus... Pra fuder. Não, e eu não falei mal, hein? Eu nem falei mal...

Nina: Ela não falou. Você citou.

Renata: Eu apenas fiz apenas uma pequena observação. Nossa, juro pra você, foi horrível.

Nina: Mas isso também mostra muito o poder da rede social pro bem.

Renata: E pro mal.

Carolina: Nossa, gente, é incrível, né?

Nina: Porque reverbera as coisas boas, mas também pro mal. É que, assim, a gente é responsável pelo que a gente fala não pelo que você entende. É bem isso. O que aconteceu com você foi exatamente isso!

Renata: É...

Nina: E uma opinião...

Carolina: Eu não vi, o que que foi?

Renata: Foi assim, é... foi a primeira vez que teve um programa com duas mulheres.

Carolina: É, isso aí eu vi.

Renata: Maravilhoso, tal... Aí a gente começou falando do Flamengo. Flamengo líder, ganhou do Paraná, não sei o quê... E aí entre as coisas que a gente tava falando... pô, o Flamengo abriu seis pontos e tal, uma diferença importante, não sei o quê... E aí a gente falou, óh... falamos do Vinícius Júnior, falamos: cara, o Flamengo tá jogando muito, o Flamengo tava sem o Paquetá ontem e jogou muito, o Flamengo tá sem a zaga. Eu até falei: o Flamengo tá sem três titulares da defesa e ainda assim

tá entrando menino e tá, tipo, porra, com uma defesa excelente. E entre esses papos, eu falei assim, falei sobre a tabela do Flamengo, falei: o Flamengo tá muito bem, mas só enfrentou o Galo, entre os principais adversários ao título. Vai enfrentar o Palmeiras agora, quarta-feira, mas né... enfrentou o Chapecoense, o Vitória, Ceará, Paraná... Então, assim, se você pegar... não falei tudo isso. Mas, assim, basicamente eu falei isso. Falei: olha... citei esses times por exemplo. Falei: cara, acho que ainda é preciso ter calma, eu acho que é importante esse resultado, essa pontuação, mas precisa ter calma. Considerar que ainda vai enfrentar adversários difíceis. Considerar principalmente que no segundo semestre não vai ter Vinícius Júnior, não vai ter Vizeu. E o Henrique Dourado não tá correspondendo. Considerar que vai ter Copa do Brasil, Libertadores e Brasileirão ao mesmo tempo. Então, tipo, você tem que equilibrar o elenco, é muito difícil você conseguir.

Nina: Gente, ele vai fazer.

Renata: Tomara.

Nina: Eu acho que não...

Renata: É meio, cara de sul-americano isso, né? Tipo Uruguai, assim, que nem...

Nina: É bem história de... ele vai voltar pra fuder a gente.

Carolina: Ele acabou de falar Finlândia.

Renata: Seria interessante, vai, no mínimo... Cristiano fez isso, aí ele vai lá e faz isso também. Acabou. E aí, cara, na hora já começaram a repercutir, mas assim o problema foi que... até a Ana Taís que me avisou isso. O problema foi que dois caras com muitos seguidores começaram a criticar isso. E aí as pessoas que nem tavam assistindo, nem tavam vendo o que eu tinha falado, começaram a falar. A mostrar que porra, olha a tabela, sabe? Aí começaram a falar que Corinthians inteira... Até falaram isso no programa: tão te falando que, pô, enfrentou o Corinthians, puta... Mas, cara, enfrentou o Corinthians já na época de queda, que o Corinthians teve uma queda muito grande com o Cali e eles enfrentaram ainda com o **Los**, e tá péssimo o Corinthians. E enfrentou o Inter que veio da série B. O Inter tá melhorando agora,

gente. O Inter começou o Campeonato péssimo. Ele chegou no clássico contra o Grêmio e todo mundo falava que ia ser uma goleada, porque o Inter tava ruim, entendeu? Ele tá melhorando agora, mas ele é um time que nenhum momento a gente ia falar: não, candidato ao título. Desculpa, veio da série B. Não é candidato ao título, entendeu? E aí, cara, começaram a ir no meu Twitter. Acharam um tuíte de 2009, que eu falava...

Carolina: Isso é foda, né? Porque as pessoas...

Renata: Porque em 2009 foi o título do Flamengo e o Flamengo ganhou... foi o título que todo mundo perdeu. Palmeiras perdeu, São Paulo perdeu, aí o Flamengo ganhou. E teve um fatídico jogo, eu nunca esqueci desse jogo. Corinthians e Flamengo, que o Corinthians entregou pro Flamengo. Teve um pênalti que o Flamengo e o Felipe se quer pulou no pênalti. E falou que não pulou, porque ele não concordou com o pênalti. Falei: cara, queria ver não pular num Corinthians e Palmeiras pra você ver se você ia sair vivo do estádio. Porque você não concordou. Aí eu tuitei alguma coisa assim: Corinthians e Flamengo só ganhou o Campeonato assim, com a ajuda da arbitragem. Mano, pegaram isso aí e começaram...

Carolina: Nossa...

Renata: Eu sei que, assim, o Dibradoras e eu comecei a receber mil notificações de gente atacando, atacando, atacando... Aí eu não bloqueei as pessoas. Eu fechei meu Twitter pra que as pessoas não tivessem acesso, as pessoas que não me seguem. E, meu, não parava de chegar notificação. Aí: ah fechou o Twitter. Aí começavam a pedir pra seguir e aí eu sei que acabou o programa...

Carolina: Mas eram ataques assim, não tinham nada a ver... ah não falaram tipo: ai, menina...

Renata: Tem alguns, sim. Teve alguns que sim. Mas assim, eu não acho que eu tenha sofrido esse ataque por eu ser mulher, eu acho que...

Carolina: Sim, sim. É mais uma questão da torcida mesmo...

Renata: Cara, e olha, eu não sou assim nem com o meu time, irracional, sabe? Tipo, eu lembro que eu participei de um bolão uma vez, que o São Paulo tinha ganhado as quartas, acho do Paulista. Ah, não... agora é o jogo pra embalar... Gente, não vai embalar, não vai embalar. O São Paulo tá ruim. Não vai, vai perder essa final. Sabe, tipo? Eu não sou maluca assim, nem com o meu time. Então essas pessoas acham que ganhou dois a zero do Paraná e tá, tipo, nossa vamos liderar. Não à toa, chegou, tomou um vareio do Palmeiras no primeiro tempo, acabou empatando, mas assim... desculpa, não ganhou de três a zero. Agora a diferença é quatro pontos, você acha que é o quê? Nossa, grande diferença quatro pontinhos? Quatro pontos tiram a qualquer momento assim... Uma coisa é se fosse o Corinthians no ano passado, que tava com porra, dez pontos. Não tinha como negar, sabe? Aí, cara, fuzilaram pra caramba. Passaram a semana inteira, a semana inteira. Aí, tipo, no dia, chegou um momento que tava me fazendo mal, aí eu apaguei o aplicativo do Twitter, do meu celular, pra eu não ficar recebendo toda hora notificação. Mas aí, cara, o Globo Esporte fez matéria. Porque às vezes eles fazem matéria do que o comentarista disse. E aí eles fizeram e botaram essa merda na home. Eu nem entrei na matéria, mas aí me mandaram escrito: ai, arrasou. E eu assim: caralho, mano, isso aí vai ficar mais reverberando ainda. Porque aí quem não viu na caralha da TV, vai ler essa merda. Então, aí tipo, uma menina vascaína que eu conheço falou que: porra, tavam mandando isso em vários grupos e gerando várias tretas. E eu assim, cara, meio puta porque assim, cara... É foda, assim, sabe? Porque, porra, você fala: não, as pessoas vão começar... No fundo assim, eu não falei nada errado. Na minha opinião, eu ainda continuo achando que não falei nada errado assim. Diferente de se eu tivesse errado, se eu tivesse falado uma besteira, sabe? Até me sentiria..., mas assim, eu falei: gente, não é possível assim, eu não falei algo absurdo.

Carolina: É, as pessoas entendem como elas querem...

Renata: Exato. E as pessoas começam a tratar como se eu fosse a pessoa mais imbecil do mundo. E aí rolou todo um processo de entendimento assim comigo, que gerou alguns dias. Que eu falei assim: cara, primeiro, tipo... isso ia acontecer em algum momento, entendeu? Tipo, sei lá, deve ter sido a décima vez que eu participei, não sei... E nunca tinha acontecido isso. Mas uma hora ia acontecer, acontece com

todo mundo, entendeu? Não é uma coisa assim, tipo, comigo. Primeiro entendimento que eu tive que fazer foi esse assim. Tipo, preciso entender que não é comigo assim. Acontece isso com todo mundo e, meu, faz parte do processo.

Carolina: E vocês costumam ler os comentários da UOL?

Renata: Sim, mas me atinge bem menos. Porque o que acontece, Carol, isso foi muito direcionado. Isso foi pra você e é um negócio falando assim: você é burra, entendeu? Meu, que asneira que você falou, sabe? Que imbecil, olha essa tabela... Entendeu? Então, assim, me atingiu muito mais. Porque, porra, primeiro porque você começa a se questionar. Será que foi uma besteira muito grande? E eu acho que esse é o maior problema, quando você começa a se questionar de uma opinião que era sua, sabe? E, por outro lado, eu fiquei pensando: ah meu beleza, na próxima vez eu vou fazer... Porque aí, o que eles querem? Que todo mundo vire o Caio Ribeiro. Ah, não, jogou muito bem, não sei o quê... Cara, e eu não sou essa pessoa, sabe? Também não sou a pessoa que vai causar polêmica. Não falei isso pra causar polêmica, eu falo o que eu acho. E aí eu fiquei pensado: não da próxima vez eu vou falar que o Flamengo vai ser campeão, né? Porque... pelo menos não me enche o saco assim. Mas eu fiquei, eu também falei: eu preciso ter mais cuidado.

Fim da entrevista

Entrevista: Jorge Correa
Referência: Ex-editor do UOL Esporte
Método: feita pessoalmente
Data: junho/2018
Duração: 23 min

Carolina: Fiz umas perguntinhas aqui, mais um roteiro pra me guiar mesmo. Bom, primeiro eu queria entender assim, eu não sei se você tem essas informações como Editor, enfim... Qual é o público do UOL Esporte hoje? É majoritariamente masculino, tem esses dados, né? Essa divisão...

Jorge: É, esses dados são muito incipientes assim, a gente tem uma vaga ideia assim, mas sim ele é majoritariamente masculino, tipo, setenta por cento.

Carolina: Desde a página no Facebook, por exemplo, até... seria o mesmo público mais ou menos que acessa?

Jorge: Sim. É, o Facebook só é um pouco mais jovem, mas, por exemplo, quem acessa o UOL Esporte em geral é homem, branco, hétero, mais velho e sempre, na verdade, foi o nosso público, nunca mudou.

Carolina: Entendi. E em relação a equipe assim, como que é a equipe de vocês? É composta... variado homens e mulheres, isso vem mudando?

Jorge: Vem mudando... assim, infelizmente, nesse momento na equipe de chefia não tem nenhuma mulher, mas é um trabalho até dessa nova gestão que eu faço parte. Só pra você entender, em 2016, no final de 2016 mudou a chefia, que aí eu e o Vinícius Mesquita assumimos a chefia e, de fato, nós temos sim uma preocupação de termos mais mulheres na redação. Por isso que nós assumimos, nós contratamos várias mulheres, contratamos tanto CLT, quanto freela, quanto estágio, não é bem estágio, mas são freelas esporádicos e a gente tem sim essa preocupação.

Carolina: De agregar mais mulheres à equipe mesmo.

Jorge: Sim, sim.

Carolina: E como que é a dinâmica de produção de vocês assim? Geral com relação a produção de pauta. Existe uma autonomia dentro da equipe, não em relação aos blogs, mas na equipe de vocês mesmo.

Jorge: É, vamos lá... A gente tem basicamente duas equipes dentro do UOL Esporte, que se conversam, mas são duas equipes: uma equipe de redação e outra equipe de reportagem. A de reportagem são os caras que fazem, o pessoal que faz reportagens mais frias, faz as reportagens de mais profundidade, faz as entrevistas longas que a gente tem muito, que a gente chama de entrevistão, fazemos documentários, pautas um pouco menos ligadas ao hard news. E daí a equipe de redação fica com o hard news em si e também reportagens ligadas ao hard news, mas a equipe de redação também está aberta, apta, a fazer outra reportagem, mas aí cada um tem o seu talento.

Carolina: A sua tarefa ali. E você tem uma ideia de quantos blogs estão dentro do UOL Esporte? Quantos blogs esportivos estão alocados ali?

Jorge: É bastante, eu até vou contar pra você. Eu chutaria uns vinte, mas é fácil ver, é fácil contar.

Carolina: E entre esses blogs, o das meninas é o único de mulheres?

Jorge: Não. Tem o de vôlei, o do Vôlei é feito pela Carol Canossa.

Carolina: É, sozinha, só ela?

Jorge: É. Blog a valer... Então, é em torno de vinte blogs o que é, o que de fato o delas é, é, tipo, que elas são as únicas mulheres que falam de futebol prioritariamente. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze, quinze, dezesseis, são dezesseis blogs pessoais e mais quatro blogs da redação.

Carolina: Entendi. E entre esses então tem o das meninas e esse de vôlei que você falou, que seriam dois então? Tá. E como que funciona o diálogo da equipe do UOL com os blogs? Vocês têm... existe uma... é totalmente separado, existe um diálogo de sugestão de pauta, enfim, alguma coisa assim?

Jorge: Não. É uma via de mão dupla. Os blogs tem liberdade, tanto eles sugerem pautas para nós e nós ingerimos muito pouco ou nada na produção de pautas deles, quanto também, a gente também sugere pautas pra eles. Do tipo, da Dibradoras é bem esse o caso, a gente sugere muita coisa pra elas, se tiver alguma pauta que precisa de um viés mais feminino, um olhar mais feminino...

Carolina: É direcionado pra elas.

Jorge: E muitas vezes, na verdade, a gente sugere pra elas, mas normalmente elas já estão fazendo...

Carolina: Já estão ligadas nisso. Uma delas comentou que teve um episódio de uma matéria que foi postada naquele blog Na Vitrine eu acho, que era sobre o uniforme da Serena Williams.

Jorge: Sim.

Carolina: e aí elas acabaram comentando que não foi legal e aí teve essa sugestão delas fazerem um contraponto, de propor uma outra abordagem assim. Isso é comum, então?

Jorge: Sim.

Carolina: E existe uma... existiu um diálogo de vocês com o outro blog inicialmente ou foi só uma coisa assim: ah meninas, façam aí, que que vocês acham?

Jorge: Não, não, é com elas assim. É, só pra gente... eu vou fazer uma linha do tempo só pra você entender como que elas entram editorialmente no UOL Esporte. Não dá pra negar vai, sei lá, de 2010 até 2015, cara, a linha editorial do UOL Esporte era completamente machista.

Carolina: Sim, sim.

Jorge: Era completamente enviesado, tínhamos blogs...

Carolina: Tinham os concursos de musas...

Jorge: Tinham os concursos de musa. O nosso, nossa virada de chave foi a partir do comecinho de 2016, que a gente percebeu um: que a gente estava errado; dois: que a gente não precisava mais daquela audiência; e três: que a gente tava num caminho ruim, não era esse o caminho que a gente queria seguir, que precisava seguir. Aí a nossa principal virada de chave foi a série “Quero treinar em paz”.

Carolina: Sim, sim, até coloquei aqui pra gente conversar sobre isso, como que foi esse processo de produção.

Jorge: Então, a série foi... ah eu falei que não tem mulher no grupo de edição, mas tem, agora tem. A gente acabou de contratar uma, a Fernanda, ela começou a trabalhar com a gente no grupo de edição também com essa preocupação. Que a Fernanda, ela tem super essa mentalidade assim, que ela foi a produtora do Quero treinar em paz, por isso que eu...

Carolina: Ah legal...

Jorge: Então, em 2016 a gente fez o Quero treinar em paz e a gente... cara, é o caminho que a gente quer seguir. E quando o antigo Editor Chefe saiu, eu e o Vinícius assumimos, a gente falou: acabou, agora acabou. E trazer o Dibradoras foi muito parte dessa nossa... dessa mudança de mentalidade do UOL Esporte, de mudança da linha editorial, do tipo: cara, não, não vamos mais de jeito nenhum objetificar a

mulher dentro do esporte, mas de forma alguma, e mais que isso, vamos problematizar quando as mulheres forem objetificadas de alguma maneira. E aí que entrou... porque a Dibradoras já existia a muitos anos e tal, então a gente conseguiu ali conversar pra elas entrarem, pra ter toda a independência delas pra escreverem sobre o que elas quiserem, elas gostam muito da nossa ideia. Essa questão da Serena é muito, cara, erro. A gente errou, a gente assumiu que errou assim. Do tipo, cara, às vezes a gente tropeça. Querendo ou não, é uma redação ainda prioritariamente masculina.

Carolina: Sim, sim.

Jorge: E que nem todo mundo está exatamente no mesmo...

Carolina: Alinhado, com os mesmos pensamentos...

Jorge: Exato. Todo mundo sabe, mas sabe... não é todo mundo... às vezes, pra uma pessoa... nem todo mundo é desconstruído a ponto de perceber que aquilo que tava ali...

Carolina: Sim, de perceber...

Jorge: Então assumimos: erramos, erramos. Então nos ajudem a consertar...

Carolina: O Na Vitrine faz parte...

Jorge: É blog da redação, é um blog da redação.

Carolina: Ah, entendi. Então foi isso. Eu não sabia, eu achava que era...

Jorge: Não, o Na Vitrine é um blog da redação.

Carolina: Que era o mesmo que elas faziam parte, entendi. E aí você comentou que desde 2016, então com a série, ouve essa iniciativa, né, de... E aí foi... partiu

de vocês mesmos procurar essas, as meninas... então teve acho que o AzMina, né, e o Olga, né, também?

Jorge: sim, eles fizeram bastante. O Think Olga, AzMina...

Carolina: E aí a Dibradoras...

Jorge: eEa Dibradoras, é. O Think Olga e AzMina fizeram mais durante a Olimpíada, porque também elas ajudaram na produção desse especial, do Quero Treinar em Paz....

Carolina: Do Quero Treinar em Paz, né...

Jorge: E aí é isso, é uma continuidade nesse processo, a Dibradoras, né...

Carolina: Entendi. E você acha que de alguma forma as Olimpíadas impulsionaram esse, essa cobertura mais diferenciada, essa, esse novo alinhamento, esse reposicionamento de vocês ou não, assim, já era uma coisa percebida assim...

Jorge: Não necessariamente... é, já era uma coisa nossa assim, é... a Olimpíada foi só... a gente brinca, a gente brinca não, a gente brinca sério, mas tipo brinca. Eu tô aqui desde 2008, então eu tinha feito a Olimpíada de 2008, 2012 e as Copas de 2010 e 2014. Na Olimpíada de 2016 foi a primeira vez que nós não tivemos um álbum de musa.

Carolina: Sim.

Jorge: E é isso. Porque aí, tipo, já era pensado que dali pra frente não tinha mais...

Carolina: Acaba que acompanha as demandas sociais na verdade, né...

Jorge: Exato, exato... não é... Assim, óbvio, a gente... nós passamos por um processo de desconstrução, a chefia, a empresa. A gente percebeu que não cabia mais. A

grande questão é que também as pessoas que estavam, que eram contra essa linha editorial machista, não necessariamente tinham a voz necessária pra conseguir se impor.

Carolina: Sim, pra mudar.

Jorge: Então, aí é uma evolução de uma sociedade, uma evolução do jornalismo que chegou à redação e finalmente a gente conseguiu em 2016, a gente conseguiu acabar com isso.

Carolina: Entendi. E vocês perceberam alguma mudança na recepção do público em relação... depois das mudanças de vocês, teve algum, tipo, comentários, é, alguma coisa assim? Nas redes sociais e também dá pra perceber melhor...

Jorge: Não, completamente, é. A primeira reação das pessoas foi de descrédito, a gente sabia que era orgânico, que o público precisava passar por uma curva de aprendizado do tipo assim: estamos mudando. Então os primeiros comentários foram do tipo: ué, vocês...

Carolina: Até ontem vocês faziam...

Jorge: Agora que vocês... exato, exato. Até ontem vocês faziam Belas da Torcida e agora tão nesse de Quero Treinar em Paz? Então a gente sabia que ia acontecer mesmo. Até que a gente começou a focar, fazer muitas matérias com esse viés feminino, feminista, propositadamente assim, deliberadamente: sim, estamos fazendo matérias feministas. As pessoas começaram a entender que daqui para frente ia ser desse jeito. Ouvimos críticas assim, mas hoje em dia elas já se, se assentaram...

Carolina: e quando vocês vão fazer reunião de pauta, vocês já pensam... é, existe uma cota, vamos supor assim: ah a gente pensou essa semana falar sobre isso mas a gente precisa trazer uma matéria com essa abordagem ou é uma coisa natural mesmo?

Jorge: É uma coisa natural.

Carolina: Quem vai fazer a matéria tem autonomia pra...

Jorge: Exato, exato, já é uma coisa natural. A única coisa que a gente, a única preocupação que a gente tem é que quando a gente tem umas pautas, a gente procura... quando o lugar de fala é da mulher, a gente procura que as redatoras e repórteres façam. A gente tem essa preocupação. Assim, ah óbvio que já teve alguns casos que, por exemplo, a gente... durante a Copa, a gente tomou um puta xingo porque foi um homem que fez a matéria de uma foto maravilhosa da torcida da Argentina, que tinha uma mãe amamentando o filho e tal....

Carolina: Ah tá, tô ligada.

Jorge: Só que aí foi meio que... era a pessoa que tinha ali na redação...

Carolina: Pra fazer naquele momento...

Jorge: É óbvio que... exato... óbvio que o homem não tem lugar de fala nessa situação, mas, meu, era o que tinha pra fazer...

Carolina: É que a gente como jornalista sabe qual que é a dinâmica da redação e que às vezes..., mas as pessoas não sabem...

Jorge: Exato, mas pessoas não sabem... e aí a gente ouviu xingo por causa disso.

Carolina: Entendi. E você, como Editor assim, como você classifica a cobertura que as meninas fazem? Assim, você acha que já houve algum tipo de cobertura semelhante, é uma cobertura pioneira no sentido de...

Jorge: Quem? O Dibradoras?

Carolina: Isso... de cobrir a partir, na perspectiva de gênero mesmo, esporte e tudo mais...

Jorge: Acho que com a frequência e com a profundidade que elas fazem, elas são pioneiras. É claro que, putz, sempre... o jornalismo esportivo tem as desbravadoras, tem gente muito importante...

Carolina: Sim, mas é muito pontual e normalmente são alguns nomes, né, algumas pessoas...

Jorge: Exato.

Carolina: Tipo, algumas personalidades assim que você acaba reconhecendo na pessoa o tipo de cobertura que ela faz, mas não como grupo, né.

Jorge: Exato. Não, mas a Desbravadoras, elas com certeza são pioneiras. No esporte, são muito pioneiras. Acho que o Think Olga é até mais velho, mas ainda...

Carolina: Elas tiveram o Olga Esporte Clube que acabou depois e não era uma cobertura especializada em esporte, elas traziam... elas traziam o esporte pra dentro da cobertura que elas fazem...

Jorge: Exato. Mas falando esportivamente, não. E mais que isso, assim, acho que o grande... o pulo do gato delas foi falar com propriedade assim, elas não... não é mulher escrevendo pra mulher, sabe? É mulher escrevendo pra todo mundo e mostrando que ali também é o lugar delas e que elas podem ocupar esse espaço, que sempre foi majoritariamente masculino. Tanto que é só ver aí, a Renata vai toda semana no SporTV... E eu acho que falta um pouco isso, porque é isso... acho que sempre teve, exatamente... as mulheres pontuais, uma comentarista aqui, uma repórter ali que aparecia ali, mas...

Carolina: Não uma equipe assim, né...

Jorge: Exato. E a assiduidade que elas publicam, ajuda muito elas, nesse sentido.

Carolina: Existe... Vocês têm algum manual editorial dentro do UOL Esporte e que isso está sendo incluído ou... eu falo assim, pra meio que, pra ratificar ali, sabe?

Jorge: Não, não... é que é muito orgânico. Como eu tô a dez anos aqui, eu consegui perceber muito bem algumas mudanças de mentalidade. Se você quiser colocar num papel, elas vão... elas vão ser esquecidas. Então a gente prefere...

Carolina: Não como regra, mas como uma coisa mais intuitiva mesmo.

Jorge: A gente prefere inculcar no dia a dia. Olhar aquela pauta, criticar aquele título. Acho que a única coisa que a gente colocou no papel, de regra, foi por exemplo banir a palavra musa.

Carolina: Entendi.

Jorge: Já é um começo, já é importante. Então e, tipo, também banir matérias... se referir quando tem, tipo, vai... a esposa de, de alguém, ela nunca é a esposa do jogador. Se a matéria só existe porque ela é a esposa do jogador, não tem matéria. Então quando a mulher é só o objeto da matéria, a gente não faz...

Carolina: Entendi. E você falou essa questão da crítica, né? Vocês têm as reuniões de feedback assim pra olhar pra matéria e falar assim: nossa, essa matéria aqui, a gente realmente... que nem você falou, né, a gente errou...

Jorge: Nosso maior feedback é na verdade é o público mesmo. Cara, chega em tempo real.

Carolina: E isso através das redes sociais ou...

Jorge: Redes sociais...

Carolina: Ou dos comentários mesmo do...

Jorge: Exato, exato. Os comentários da matéria e das redes sociais. E, cara, quando a gente caga feio assim, é instantâneo.

Carolina: Entendi. E pensando assim no mundial feminino, como que vocês pretendem cobrir? Porque vindo, né, de 2016 pra cá também se espera que seja uma outra cobertura...

Jorge: É... do mundial, a Copa do Mundo do ano que vem?

Carolina: Isso.

Jorge: A Copa do Mundo do ano que vem, assim, vamos dar mais espaço do que nós já demos na última Copa do Mundo, mas a gente esbarra muito ainda em investimento.

Carolina: Questão de patrocinador e tudo mais...

Jorge: Exato. Porque, por exemplo, na Copa do Mundo masculina, a gente mandou uma equipe gigantesca pra Rússia, mas porquê? Porque tivemos muito investimento de patrocinadores nessa cobertura. Então, pra mandar pra França, é mais... estamos esperando...

Carolina: Depende disso também.

Jorge: Depende disso também. Então não basta apenas vontade editorial e isso é o que... cobertura de esporte feminino, de futebol feminino principalmente em geral, barra muito nisso. Até tem algumas empresas que estão investindo, o Itaú investe porque o Itaú é patrocinador de todas as seleções brasileiras, mas o esporte olímpico ajuda muito a melhorar a cobertura de esporte feminino por conta disso, porque tá todo mundo, tá tudo ali, então a gente consegue...

Carolina: Todas as modalidades também...

Jorge: A gente consegue, porque tá todo mundo já tá ali, a gente consegue botar ali, consegue dar o mesmo peso. Mas aí tipo, por exemplo, quando é tipo o mundial de vôlei, mundial de basquete ou de futebol aí, tipo, sempre complica mais a nossa vida por essa simples questão de investimento. Apesar que, por exemplo, ter o Dibradoras dentro do UOL já é um investimento nosso em esporte feminino, porque a gente sabe que elas vão...

Carolina: Vão fazer essa cobertura de alguma forma melhor...

Jorge: Vão fazer essa cobertura melhor do que a gente faria, se gente deixasse só com a redação. Por exemplo, a redação vai fazer os relatos, vai fazer as principais repercussões, só que a gente vai ter alguém que vai analisar com...

Carolina: Com profundidade...

Jorge: Com profundidade, dando a importância e o peso necessário praquela competição, que é do mesmo jeito que as mulheres, por exemplo... A gente não tem um blog de vôlei? A Carol também dá, ela consegue dar o peso pro Mundial de Vôlei Feminino. Basquete? A gente também tem um blog de basquete? Também dá peso pro basquete feminino. Então o nosso investimento passa muito por aí. Nós não fazemos coberturas pontuais apenas, a gente consegue fazer uma cobertura linear durante todo o ciclo mesmo. E mesmo o esporte olímpico tem isso, que a gente tem um blogueiro de esportes olímpicos muito bom, que ele dá atenção por igual ao feminino e masculino. Então, tipo, você não encontra... sei lá, só o Globo.com que tem essa preocupação de manter durante o ciclo olímpico inteiro uma cobertura, tanto masculina, quanto feminina.

Carolina: E como que você vê, projetando pro futuro assim, tipo daqui uns cinco anos mais ou menos, as pessoas... tanto a mentalidade do jornalista já vem mudando e a gente precisa de alguma forma colocar isso pro público, pra que eles absorvam também. Você acha que a tendência é que o público absorva

cada vez melhor essas coberturas diferentes e que deveriam sempre ter sido assim, mas que agora estão sendo...

Jorge: A gente depende de uma coisa que se chama Globo. A Globo precisa abraçar. Assim, algo que a gente, o UOL ajuda bastante em dar espaço, a gente vai dar espaço, mas, cara, nós precisamos ainda muito da televisão. Então, acho que pro negócio ficar grande mesmo...

Carolina: O consumo de esporte você acha que a televisão realmente, ainda... realmente, monopoliza.

Jorge: É, porque é difícil porque você vai ver o Campeonato Paulista e o Brasileiro Feminino passou só na internet. Cara, se tivesse passado no SporTV...

Carolina: Alguém ia estar assistindo...

Jorge: No SporTV 3 ia estar passando em algum lugar.... É, então a gente... pro grande público chegar, a gente precisa ainda que mais gente, mais gente abrace o futebol feminino nesse sentido.

Carolina: Entendi, tá. Essa curadoria de blogs que vai pra dentro da UOL é uma procura mútua ou vocês têm essa... vocês fazem essa curadoria, tipo, de pesquisar?

Jorge: A gente procura pessoas, a gente procura blogs que estejam em outros lugares que já tenham alguma história, pessoas que possam... que já tiveram um blog e não tem mais, ou pessoas que a gente vê que tem um perfil que pode agregar ao UOL, pessoas que podem escrever coisas que dentro da redação ou dentro da nossa blogosfera a gente ainda não tem.

Carolina: E você comentou que antes as pessoas que talvez tivessem essa mentalidade, né, de trazer essas coberturas diferentes pra dentro do UOL não tivessem tanta voz e etc... Você acha que era a única barreira assim, tipo,

pensando em espaço mesmo? Tipo, por que que isso não aconteceu antes? As pessoas mais jovens foram chegando e trazendo uma outra mentalidade ou... porque assim, muita gente fala assim: ah, porque tá dando audiência então, tipo, estão acompanhando...

Jorge: Longe... Assim, não que o Dibradoras não dê audiência, mas não é por audiência. A gente tem elas porque nós achamos o conteúdo que elas trazem pra gente, relevante. Elas são editorialmente relevantes e acho que, como posicionamento do UOL, é importante ter a Dibradoras com a gente. Acho que não passa por audiência, porque se passar por audiência, a gente faria nada de esporte feminino em geral. Acho que a relevância pode levar à audiência, mas é isso.

Carolina: Obrigada, obrigada pela disponibilidade.

Fim da entrevista

Entrevista: Renata Mendonça
Referência: Dibradoras
Método: feita pessoalmente
Data: julho/2019
Duração: 54 min

Carolina: Então, fiz umas perguntas assim mais pra retomar algumas coisas que a gente tinha conversado, outras mais sobre a cobertura especificamente agora. Primeiro eu queria que você fizesse um balanço assim desse último ano, a gente conversou faz um ano, mais ou menos, acho que foi exatamente um ano...

Renata: É verdade, é.

Carolina: O que que mudou assim?

Renata: A gente tinha voltado da copa da Rússia, né?

Carolina: Tipo, de dificuldade, de coisas que vocês conquistaram...

Renata: No Dibradoras, você diz?

Carolina: Isso.

Renata: Ah mudou muita coisa, cara. Pra você ter ideia, a gente embarcou pra Copa Feminina pra cobrir em Portugal primeiro, né, a preparação da Seleção, dia 30 de Maio, no Instagram, a gente tinha tipo dezoito mil seguidores. A gente tá com quarenta e nove mil e alguma coisa agora, em um mês, tipo, um mês e meio. Foi bizarro o crescimento, que a gente ficou assim, estarecida, porque a gente entendia que a gente tinha um potencial legal, mas muita gente não conhecia, né. E o que foi muito legal dessa Copa, por toda a visibilidade que a Copa teve em outros lugares, com Globo, com enfim... com todo mundo falando sobre o assunto e querendo falar sobre o assunto foi justamente que, assim, as pessoas começaram a nos encontrar e falar: caramba, que conteúdo legal e tal. E isso foi assim pra gente, sabe uma forma de atestado de qualidade de uma coisa muito legal? Porque, assim, a gente já sabia que fazia um conteúdo bom assim, tipo, a gente tinha orgulho do que a gente fazia, mas

foi muito incrível ver o resultado dessa Copa. Também no blog foi sensacional, a gente ficou em audiência no UOL, a gente superou o PVC, a gente superou o Menon, a gente superou boa parte dos blogs de maior audiência, a gente ficou muito perto do blog do Mauro César, pra você ter noção, isso num período que também teve Copa América, ou seja, teve um assunto que também pra eles era...

Carolina: Que tava ali competindo, né...

Renata: E, cara, isso é muito grande, sabe? Pra um blog de nicho e tal, que fala e que especialmente nessa época falou só sobre futebol feminino, então mostrou pra a gente primeiro uma coisa que a gente tinha certeza, mas você sempre fica naquelas: ai esse negócio do potencial, né? De falar assim: poxa, cara, as pessoas querem saber, as pessoas querem debater isso, sabe? As audiências na Globo mostram isso, é realmente impressionante. Então foi muito legal esse, principalmente a Copa, eu acho que teve toda uma construção, né. A gente quando falou com você aquela vez, a gente tava meio que ainda no início do trabalho no UOL...

Carolina: Sim. Vocês tinham acabado de sair dos seus respectivos empregos...

Renata: É, trabalhos... Assim, hoje, hoje a gente já tá muito mais profissional. Eu acho que o UOL deu um boom muito grande. E aí eu acho que a gente foi entendendo, a gente teve que organizar uma cobertura enorme de Copa Feminina, sabe? Eu já tinha mais experiência em Copa, mas a Nina nunca tinha ido em nenhuma e, mesmo assim, era assim a primeira vez que ela tava organizando um negócio pra o seu próprio negócio.

Carolina: E como foi essa organização de vocês assim? Vocês já foram com alguns assuntos que vocês tinham intenção de abordar, isso não pode faltar e tudo mais, já foram com algumas pré-pautas, como que foi?

Renata: É, a gente começou a planejar tudo, sei lá, dia 3 de janeiro desse ano. Já tinha, a gente já tinha comprado passagem, a gente não decidiu ir porque a gente tinha alguém pra nos bancar, a gente falou: a gente tem que ir. Então vamos comprar

essa passagem. Lógico, a gente tinha uma renda, porque o UOL paga a gente todo mês, então a gente tinha alguma grana e também porque a gente também fez outros projetos e tal, tinha uma grana guardada mesmo, vamos comprar a passagem depois a gente se vira pra bancar. Aí a gente conversou no UOL que, beleza, eles tinham interesse em que a gente apresentasse uma proposta, pra ver o quanto eles poderiam pagar disso, e a gente começou a fazer o planejamento por cidade, hotel, toda a logística, né. E inicialmente a gente tinha planejado ter uma repórter com Seleção e uma mais solta, só que depois a gente mudou isso. Primeiro, por questões financeiras, porque a gente entendeu que ia ser mais barato se a gente mantivesse as duas, e a gente não conseguiu, o UOL não bancou tudo da nossa cobertura. E aí... E segundo, porque a gente entendeu que a demanda do Brasil estaria muito em Seleção Feminina, que seria muito importante a gente tá completa nisso, a Nina também não tinha experiência em cobertura de grande evento, então assim seria interessante a gente estar junta porque a gente tinha mais força junto. Isso foi muito legal, que a gente percebeu no resultado, porque a nossa cobertura ficou mais divertida, mais dinâmica, e aí as pessoas gostaram muito disso. Então eu acho que foi uma decisão acertada. Mas aí a gente entendeu a logística, beleza. Aí o que aconteceu? Fomos atrás das coisas, como que a gente vai bancar isso? A gente conseguiu uma parte de grana pelo UOL, né, que bancou uma parte de uma pessoa. Eles iam, tecnicamente, bancar uma pessoa, uma de nós por inteiro, mas não bancaram. Não bancaram hospedagem, bancaram a passagem, bancaram uma parte da alimentação e bancaram... deram uma ajuda de custo a mais. Mas, assim, não chegou a cobrir o custo de uma pessoa só. E aí a gente foi atrás de outros projetos, a gente conseguiu um projeto com a PANINI, legal, sobre a divulgação do álbum, que também deu um resultado gigantesco, eles ficaram impressionados com o resultado. Foi a divulgação do álbum, né, a gente fez toda a produção do álbum, stories e tal, o povo lá na produção... E fizemos também parte do conteúdo deles da Revista Jogão, que é uma revista que foi sobre Copa América e Copa do Mundo Feminina, e aí esse dinheiro também ajudou a bancar a Copa. A gente conseguiu fechar um projeto com o Itaú, bem menor do que inicialmente eles tinham pensado, porque todas as marcas começaram a bater na nossa porta faltando duas semanas pra Copa, entendeu? Tipo, foi inclusive um grande desafio, porque a gente tava querendo focar em conteúdo, isso foi o maior desafio. A gente não podia pensar só em conteúdo, a gente tinha que

pensar em tudo porque a gente não tem uma equipe fazendo nada, então é meio o que acontece no futebol feminino, sabe?

Carolina: Todo mundo fazendo de tudo.

Renata: Exato, você não pode pensar só em jogar futebol, você tem que pensar em todas as outras questões. E aí a gente conseguiu fechar bem assim, cara, faltava... eu tava pra viajar em menos de uma semana, a gente fechou um projeto com o Itaú e com o Google de divulgação também relacionado à exposição do Museu do Futebol, relacionado a campanha "Eu torço por todas|" do Itaú e, no caso do Google, era relacionado ao Museu do Impedimento, que é a plataforma que eles criaram pra reunir as histórias do futebol feminino. Que mais que a gente fechou? A gente fechou uma parceria com Gatorade durante, acho que foi antes, logo antes da estreia do Brasil, tipo assim, dois dias antes da estreia, de uma divulgação que eles pediram. Que mais? A gente fechou o podcast com o Mamilos, isso também foi uma proposta do Spotify junto com o Mamilos. E isso também ajudou a bancar nossa Copa e a gente foi bancando nessa, assim, mas é uma coisa que eu acho, que eu considero muito legal do que a gente fez, foi assim, falamos: a gente tem que estar lá, vamos estar, a gente acha forma de estar, mas a gente não pode não estar nessa Copa. E aí fomos bancando, não foi nada assim: ah surgiu alguém pra pagar. Não. A gente deu nossos pulos pra bancar isso.

Carolina: E, assim, você comentou que o UOL bancou uma parte, uma mínima parte ali. Isso, de alguma forma, interferiu na autonomia de vocês?

Renata: Não.

Carolina: Nenhuma?

Renata: Nada, não. O que o UOL faz, e isso é uma parceria legal que a gente tem, é que eles têm um editor lá que, entre aspas, cuida da gente, no sentido de estar mais em contato com a gente e essa pessoa vai sugerindo. Então o que que a gente fez? Antes da Copa, eu pedi pra gente fazer uma reunião, porque eles iam ter uma pessoa

lá, também a Ana, e aí a gente conversou junto das pautas que a gente já tinha pensado. Você perguntou sobre as pautas... a gente já tinha pensado em algumas, né, de fazer principalmente na preparação, porque eu sabia que na preparação de Portugal, a gente ia ter um pouco mais de liberdade. Isso foi muito legal, porque tava só eu lá. A Globo chegou, tipo, dia 3 de junho e elas iam embora de lá dia 5 de junho, então assim...

Carolina: Pegou quase nada.

Renata: É. E aí deu pra fazer bastante conteúdo de entrevista, de coisas diferentes lá, e a gente também tinha planejado algumas coisas de organização, de observação que a gente queria fazer, quem é o público da Copa Feminina, a gente queria fazer algumas coisas sobre a França, que a gente sabia que ia ser uma das potências dentro do torneio, então algumas coisas a gente foi planejando. É óbvio, durante a cobertura...

Carolina: Vai surgindo...

Renata: Vai surgindo. E a gente foi abraçando as coisas. Aí a gente fez essa reunião, mas o que acontecia do UOL, era às vezes eles verem algo que tinha potencial e falarem: putz, vocês querem fazer isso?

Carolina: Dar um toque...

Renata: E a gente também tinha essa comunicação com eles pra também não bater cabeça, né? De a Ana estar fazendo um negócio que a gente também tá fazendo. Então rolou isso, mas não teve interferência nenhuma, não.

Carolina: E, assim, uma pergunta mais... vocês misturam bastante coisa, tem posicionamento de vocês ali, claramente, tem as análises, as fontes. Você considera que o que vocês fazem ali é jornalismo?

Renata: Sim, sim. É um jornalismo, é boa parte de jornalismo e alguma parte, jornalismo opinativo, assim. Porque não necessariamente todas as matérias tem um viés. Sei lá, por exemplo, a gente fez uma matéria: como a França virou potência e favorita contra o Brasil? Essa matéria é muito mais jornalística do que opinativa, ela tem entrevistas e tal, não sei o quê..., mas a gente usa muito a base do jornalismo, nosso conteúdo é um pouco diferente dos outros blogueiros, que são pura opinião.

Carolina: Puramente opinativo.

Renata: Ah como é que foi o jogo: pá! Tipo, falam isso ou criticam o técnico, não sei o quê... o nosso tem muito mais base em jornalismo...

Carolina: É, porque traz as fontes, né, tanto as fontes diretas e indiretas...

Renata: Exato. E porque a gente acredita que o conteúdo do futebol feminino ou das mulheres no esporte, você precisa de mais informação do que só opinião, ao contrário do futebol masculino, que você tem informação em todo lugar, e aí o blog vem com o diferencial da opinião, no feminino não tem. Você não tem informação, então a gente também tem que informar, não adianta eu pegar e dar uma opinião sobre: Vadão tem que sair da Seleção? E fazer quatro parágrafos dizendo que ele tem que sair, só. Tipo, eu tenho que trazer os dados, eu tenho que trazer quantas vitórias ele teve, quantas derrotas ele teve, como que ele chegou até ali, como que o Brasil estava no ranking. Tipo, a gente embasa muito bem porque a gente acredita que não existe as informações, as informações que as pessoas precisariam saber pra ler só uma opinião, não existem, né, não são fáceis de serem encontradas. Então tudo a gente tem um cuidado jornalístico muito bom. Então eu acho que é isso assim, a gente... eu diria que oitenta por cento do nosso trabalho é Jornalismo e vinte por cento é opinião.

Carolina: Aí, assim, por outro lado tem umas linhas de pesquisas que falam que assim: existem alguns tipos de jornalismo que você não pode, que você precisa se posicionar. Então, por exemplo, jornalismo ambiental, você não

pode ser contra o meio ambiente, você precisa se posicionar. E aí, no caso, o jornalismo que vocês fazem, de certa forma, segue essa ideia...

Renata: Sim, tem uma causa.

Carolina: De ter uma causa, um posicionamento e um enfrentamento ali.

Renata: Sim, definitivamente.

Carolina: Eu, ontem, encontrei a Amelinha Teles. E eu fui conversar com ela mais pra saber sobre os jornais feministas, né, dos anos 70 e tudo mais, e pra entender porque que a pauta do esporte nunca apareceu em nenhum deles, assim. E ela comentou comigo que existia assim, elas conversavam sobre isso, mas que elas achavam que naquele momento era um luxo, né. E aí eu perguntei se era um luxo ou se, na verdade, não acabava sendo meio esquecido mesmo, assim...

Renata: Porque elas não tinham relação com isso.

Carolina: Exatamente. E aí eu queria saber, assim, que que você acha? Você acha que o fato das pautas esportivas virem chegando nos últimos dez anos tem a ver com alguma superação de outras pautas? Tipo, ela falou: ah a gente tinha pautas mais urgentes. Então, tipo, aborto, sei lá... equiparação salarial, tudo mais, né, pensando na classe trabalhadora e tal... Ou é só uma, foi só uma questão, tipo, de alguém...

Renata: Ter o clique...

Carolina: Né, ter o clique. E aí isso começar a efervescer de alguma forma.

Renata: Eu acho que tem um pouco das duas coisas. Claro que você, quando as mulheres não tem direito de votar, por exemplo, não dá pra você querer jogar futebol, realmente, votar é mais importante do que jogar futebol. Mas eu acho que também tem muito a ver com todo... o esporte, ele é construído de uma maneira que exclui

as mulheres por completo, né? Se você parar pra pensar do seu círculo de mulheres, que você conhece, quantas tem alguma relação com esporte? A maioria é: não faz a menor ideia do que seja, não consegue trocar três frases sobre o assunto. E isso, sei lá, eu acho que deve ser, tipo, uns oitenta por cento talvez das mulheres no mundo que não tem relação com o esporte, entendeu? Até tem a pesquisa do IBGE que fala que, acho que era oitenta e três por cento das mulheres acima de quinze anos não pratica nada de esporte, nem caminhada, entendeu? E eu acho que é porque nunca se estabeleceu relação entre as mulheres e o esporte, não tinha como as mulheres lutarem por algo... Eu acho que as mulheres nunca tinham tido essa relação, não tinha essa relação com o esporte. Então, sendo assim, não tinha como elas lutarem por algo sobre o qual elas não tinham a menor relação.

Carolina: Não tinha conhecimento.

Renata: Não tinha conhecimento, não tinha. E não se entendia... eu costumo dizer que o machista foi tão bem sucedido no esporte, que ele fez com que as mulheres não só não tivessem relação, como tivessem aversão. Por que o negócio era um território tão masculino, tão hostil, que pra elas era assim: eu não quero estar nisso. Então eu conheço muitas mulheres feministas que por muito tempo tinham essa relação de assim: cara, eu cago pra futebol, porque isso é um ambiente que eu não me sinto à vontade, é um ambiente totalmente hostil pra mim. E então, assim, foi como o machão foi bem sucedido porque aí realmente as mulheres não queriam quebrar essa barreira, porque elas realmente entenderam que aquela barreira não era pra elas mesmo, que aquele ambiente era muito desagradável, né, e não queria elas ali. Então elas entenderam que não era pra elas estarem ali mesmo. Então eu entendo que essa última onda feminista, ela surgiu um pouco pra quebrar isso, porque vieram alguns movimentos que começaram a falar: tá vendo isso aqui, você foi sempre excluída disso aqui, porque? Já percebeu que você nunca gostou de esporte por um motivo que não é o que você, não é uma coisa assim: você tentou fazer, tentou gostar e não gostou. Não, é uma coisa que você nunca tentou, porque nunca te apresentaram. E a gente já recebeu muitos comentários, assim, de gente falando, de mulheres falando assim: cara, nunca me interessei por futebol, nunca tive saco pra nenhum esporte e agora eu entendi a importância disso, agora eu entendi

a importância dessa bandeira, inclusive durante essa Copa, assim, sabe? Tipo, ah eu odiava futebol, mas vocês me mostraram o motivo pelo qual eu deveria gostar. E eu acho que demorou por conta disso, porque por muito tempo não tinha essa relação, assim. Quanto tempo a gente assistiu aos programas esportivos e nunca se tocou que, porra, como assim não tem mulher? Quantas sabe de narração, tudo isso a gente nunca questionou. E isso que eu acho que é mais temeroso do esporte, entendeu? Que é a gente nunca questionou. Se você chegar numa empresa hoje, você ver só homens, você vai falar: gente, oi, o que que tá acontecendo?

Carolina: Meu Deus...

Renata: Só que se você chegar, se você chega numa redação esportiva, você acha ok que tem cinquenta homens e uma mulher. Como que você acha ok, não dá pra achar ok, entendeu? E a gente por muito tempo achou ok. Eu acho que é realmente uma luta muito recente, mas muito porque essa relação não existia. E aí quando essa relação começou a existir, começou a falar: caramba, pera aí. Tanto é que a gente nunca teve tanto comentário sobre assim: cadê as nadadoras na Copa feminina? E aí a gente fala assim: pera aí, esse questionamento tem que vir em toda competição, não é na Copa feminina, não tem que ter mulher narrando Copa feminina e homem narrando Copa masculina. Você tem que ter mulher narrando, ponto, em qualquer lugar. Então esse questionamento também tem que vir na Copa masculina, tem que vir na Olimpíada, tem que vir sempre.

Carolina: Entendi. A gente conversou também, eu e ela conversamos sobre a questão do nicho que você falou, né. Ela comentou que ela acha que o feminismo hoje, ele é um pouco solitário e essa mobilização também, porque ela falou assim: ah parece que eu vou num evento e ali todo mundo é LGBT, eu vou num evento e todo mundo defende a pauta do aborto, eu vou num evento e todo mundo defende o feminismo negro. Você vê isso também dentro do esporte, entendendo que, como você falou, né, tipo, vocês cresceram a audiência, vocês já se tornaram, tipo, uma referência, né, dentro desse nicho de defesa da mulher no esporte, de representação, espaços, tudo mais. Você enxerga dessa forma solitária também ou você acha que...

Renata: Como se fossem várias lutas separadas?

Carolina: Isso.

Renata: Ah acho que sim.

Carolina: Ou você acha que, de certa forma, perpassa tudo, não sei...

Renata: Eu acho que deveria ser mais unido, mas eu entendo que ainda não chegamos num ponto de entender que essa luta, no fundo, é a mesma de todo mundo. Lógico que todo mundo deve ter o seu lugar de fala. Tipo, eu não posso falar com propriedade sobre feminismo negro, sobre a presença da mulher negra, mas eu preciso defender isso também, eu preciso fortalecer a voz dessa mulher. Assim como a causa do feminismo negro é importante e a causa da mulher no esporte também é importante. Então eu acho que às vezes a gente... Também acho que isso é fruto do machismo, né? De criar essas rivalidades e aí você acaba recriando essa coisa de: uma coisa é mais importante que a outra. É lógico que, sei lá, sempre você vai elencar, né, questões de assim: ah, poxa é mais importante você... a luta LGBT do que a luta do esporte... Mas eu acho que no fundo todas as lutas se conectam, entendeu? Porque, por exemplo, o esporte, ele traz empoderamento, ele traz liderança, ele traz determinação, ele faz com que a mulher se torne muito mais protagonista, com que ela seja mais, ela meio que assume esse papel de líder e de protagonista, de confiança, coisa que a gente é ensinada a sempre ficar quieta... Você pode ser líder, mas nem tanto. Você pode querer isso aqui, mas não queira tanto. Sabe aquilo que a Chimamanda fala?

Carolina: Sim, sim.

Renata: Mas tem um limite aqui pra você, entendeu? E o esporte, ele diz o contrário. No momento que você faz uma cesta, que você faz um gol, essa confiança vai te trazendo assim: cara, eu posso estar aqui. E vocês... tem dados científicos que mostram a quantidade de mulheres que participaram de alguma maneira do esporte que conseguiram atingir sucesso na vida profissional. Então eu acho que essas lutas

estão conectadas, porque se as mulheres negras tiverem mais acesso ao esporte, elas com certeza vão ser muito mais protagonistas e muito mais líderes e defensoras da voz delas, do que se elas não estiverem no esporte, entendeu? E eu acho que... o esporte também une todas as lutas, porque também tem a questão negra, também tem questão LGBT, também... tudo tá aí, né?

Carolina: Sim, sim. Inclusive eu perguntar assim, muita gente fala: ah tem que separar o esporte da política e não enxerga o esporte como um espaço de manifestação social, político, tudo mais, né. Como que vocês dentro do Dibradoras veem isso? Pra mim é muito claro a luta feminista, vocês também trazem alguma coisa da luta LGBT, mas de certa forma é isso mesmo. Vocês colocam o esporte diferente de outros lugares, né, de outras mídias, como esse espaço de luta política e é um consenso entre vocês?

Renata: Sim, eu acho que, eu não acho lembro quem, acho que foi a Serena que falou isso recentemente, pra mim a mulher no esporte, ela já é um ato político. Porque se você olhar a história do esporte, nunca quiseram que a mulher estivesse lá, nunca quiseram. E toda, toda mulher que tá no esporte, de alguma maneira, ela já é um ato político por si só, porque não queriam que elas tivessem lá, né. Todas as modalidades tiveram proibições, todas, no mundo inteiro, né. A Olimpíada começou sem mulheres, né, e isso foi gradativo, só em 2012 a gente teve igualdade na oportunidade de modalidade, de ter todas as modalidades que eram disponíveis pra homens e pra mulheres também. Cara, isso é uma luta de mais de cem anos, entendeu? Então, assim, eu acho que toda mulher que é atleta ou que atua de alguma maneira no esporte, ela já é um ato político por si só. Só que muitas vezes ela não tem essa consciência, né, que eu acho que é isso que falta, porque infelizmente, até conversando com algumas ex-atletas dos Estados Unidos, elas falaram lá na Copa, tipo: infelizmente, nós jogadoras, elas jogadoras ainda têm que ser essa voz, ainda têm que brigar por isso, elas têm que brigar. Porque o ideal é que tenha um alguém brigando, tipo assim, lógico o ideal, ideal, é que a gente consiga igualdade. Mas assim, o ideal, ideal não é, porra, as jogadoras terem que fazer um movimento pra conseguir o salário delas. Não, cara, tem que ter alguém brigando por isso, não elas, elas tinham que se preocupar em jogar futebol, né? Mas

hoje é imprescindível que as mulheres que atuam no esporte, ou enfim, tenham a consciência da plataforma que elas carregam junto com elas, a importância que elas têm de simplesmente estarem ali, né. E o quanto que essa, o fato delas estarem ali, pode ter de impacto pra que outras mulheres estejam, né. Eu acho que hoje a gente tem aumentado essa consciência, pras atletas, pras treinadoras, você vê muito isso, falou-se muito disso na Copa também com as duas treinadoras na final. A simples presença de duas treinadoras na final é muito importante pro futuro, sabe? Pra que as meninas olhem o jogo delas, comandado por elas. Caramba, eu posso estar ali, entendeu? Então eu acho que você ser uma mulher no esporte, você já é um ato político por si só, independente se você quiser ou não...

Carolina: Quiser assumir essa bandeira ou não. Hoje, eu e o Jorge, a gente comentou sobre isso e comentou... eu perguntei pra ele se ele achava que a Marta tinha tido uma virada de chave assim, né, nessa Copa. Se foi uma virada meio tardia ou não. E eu queria saber sua opinião em relação a isso. As meninas, dentro da Seleção Brasileira, têm essa consciência do quanto é importante que elas defendam, né, o esporte como esse espaço de luta, tudo mais, e se você acha que a Marta poderia fazer mais do que ela faz, entendeu?

Renata: Eu acho que a gente vê, a gente fez até um post sobre isso. A gente vê uma mudança clara de perfil dela, sim, muito positivo. A Marta nunca falou tanto sobre igualdade, quanto ela falou, ela nunca, entre aspas, nunca deu tanta manchete como ela deu nessa Copa, assim. De realmente falar, de defender, de falar sobre a importância delas serem vistas como uma jogadora de futebol, como qualquer jogador é visto. Então eu acho que sim, tem, porque a maioria das vezes, a gente viu a Marta chorar após uma eliminação, de uma maneira mais vítima, assim. Mais: ai, ai vocês precisam nos ajudar. De uma maneira mais, sabe? Passiva talvez, entendeu? E dessa vez ela se colocou como uma guerreira assim, de tipo, a gente tá aqui chorando, mas porque é isso e aquilo, sabe? A gente tem que mudar isso e aquilo. Eu acho que o discurso dela mudou positivamente. Acho que o discurso dela poderia ser melhor? Sim. Eu acho muito complexo, porque, assim, a gente sempre estabelece expectativas com relação aos ídolos, né? Eu sempre falo, tipo, ah o Ayrton Senna.... Porque que o Ayrton Senna era adorador? Porque ele correspondia a todas as expectativas que as pessoas tinham. Ele era uma pessoa, sabe? Ele era

uma pessoa santinha, dentro... Tinha todo o aparato que todo mundo espera de um ídolo, de ser uma pessoa discreta, de ser uma pessoa com uma vida pessoal reservada, de ser uma pessoa que também fala as coisas quando tem que falar, de ser um puta vencedor, entendeu? Então ele tinha a postura que todo mundo queria que todo ídolo tivesse, só que não é assim, né. A gente não pode também querer que as pessoas sejam do jeito que a gente quer que elas sejam. Eu acho que a Marta tem uma importância inigualável no futebol feminino, acho que ela poderia aproveitar um pouco mais, principalmente por uma luta da classe, entre aspas mesmo, de entender que, assim, ela... com ela a luta ganha outro formato. E ela não é a pessoa que lidera, sabe? Ela não é uma Rapinoe, mas ela também talvez não tenha essa personalidade mesmo, entendeu? Porque isso vai de personalidade. E eu acho que no Brasil, a gente também tem uma forma de minar muito essas lideranças e principalmente no esporte. Quem você conhece no esporte que fale? Muito poucos. Sabe, eu até tava falando isso com a Nina, sobre a Rapinoe, que é muito engraçado essa cultura que a gente adquiriu aqui de: cala a boca, sabe?

Carolina: Exatamente.

Renata: Quando a Rapinoe não jogou contra a Inglaterra, né, saiu sem... E aí a estratégia da técnica foi não divulgar porque que ela não tinha jogado, muito pra tentar ludibriar o adversário. De que assim, sei lá, pode ser que a Rapinoe entre, tal. Então foi uma estratégia de retardar cada vez mais a informação. E aí no Twitter, nas redes sociais do Brasil, todo mundo tava falando assim: ai, foi punida, tá vendo? Mandaram calar a boca. E aí, e eu mesma tava na tribuna e falando assim... Aí eu falei pra Nina, eu fui perguntar pro assessor e ele: ai a técnica vai explicar isso na coletiva. Eu virei pra Nina, e falei assim: cara, mas não tem a menor chance de ter sido a Confederação, porque assim, se for, a Rapinoe vai falar. Se mandaram ela não ser escalada, ela vai falar, cara. E aí depois, depois de tudo, eu fiquei... porque, no fim, eu vi como a imprensa americana tava trabalhando, eu fui na zona mista e assim tava, não tava no alvoroço de assim: Rapinoe, mas por que que você não jogou? Não, foi todo mundo... ah, mas e aí, você vai jogar? Tipo, todo mundo entendeu que era uma lesão, assim. E eu assim: cara, nós brasileiros, a gente é tão educado na política do cala a boca, que na primeira coisa que a gente, fala: tá vendo?

Carolina: Foi, imagina que é uma punição....

Renata: Entendeu? Por que no Brasil seria, porque no Brasil não existiria uma atleta que chegaria na frente da Confederação e falaria assim, peitaria o presidente do país e, no dia seguinte, não teria sido cortada.

Carolina: Sim.

Renata: Então já não existiria atleta que teria essa coragem, que dirá uma atleta... Então a gente tá até meio que treinado nessa política do cala a boca, sabe? E eu acho que a Marta sofre muito com isso, porque também tem um empresário que blinda muito ela, sabe? Então, eu não a culpo por isso.

Carolina: E de certa maneira também, eu acho que cada uma tem o seu momento de se descobrir feminista e cada uma tem seu momento de descobrir suas causas, né...

Renata: E uma coisa, por exemplo, diferente da seleção americana, que elas têm... eu até conversei com Julie Foudy sobre isso, que era da seleção de 99 e 91, ela fala: a gente passou muito de geração a geração essa ideia, de que primeiro a gente tem uma luta aqui dentro, segundo essa luta é conjunta, é todo mundo junto, porque se a gente for e fizer separado, a gente não vai ganhar. E essa ideia é passada de geração em geração, então é muito legal ver como a geração de hoje, nos Estados Unidos, todas fazem referência a geração de 99. Isso tá muito intrínseco a elas e você vê na seleção de hoje não tem relação nenhuma com nenhuma outra seleção, porque ninguém tem o contato de ninguém, entendeu?

Carolina: É, são atletas esquecidas, né, assim...

Renata: Exato, porque a CBF não faz questão nenhuma de estabelecer essa conexão...

Carolina: De lembrar...

Renata: Então não tem essa lição aprendida, muito pelo contrário, talvez a lição aprendida seja a política do cala a boca, de não, se você falar você vai ser cortado.

Carolina: Você falou, citou a palavra empoderamento, né, e é uma palavra que, assim, tem um zilhão de significados, ela vem sendo, tipo, modificada pra cada nicho, assim, até às vezes meio capitalizada, assim. Eu queria saber o que você entende, como empoderamento e se você acha que o que vocês fazem é capaz de empoderar. Não só as meninas que precisam entender o que é o futebol e querem ter essa identificação, mas também as próprias atletas porque, de certa forma, elas ganharam com o Dibradoras um espaço que elas não tinham antes. Então, você vê, né, essa associação do que é o empoderamento pra você com o que vocês fazem?

Renata: Sim. Eu acho que essa palavra, ela é muito simbólica e eu lembro que na BBC eles tinham umas restrições de usar esses clichês, esses clichês que são associados à determinada coisa, né. Então, assim, uma palavra empoderamento não era bem vista nos textos que eu fazia pra BBC mas é muito difícil resumir o que empoderamento significa com outra palavra, porque ela é uma palavra que tem um significado muito importante e que hoje, pra mim, ela é muito simbólica, sabe? Principalmente na luta das mulheres, porque basicamente é isso: a gente nasce com muito poder só que com esse poder sendo silenciado o tempo inteiro e você aprende que esse poder... você vai guardando isso aí, você tem que ficar quietinha, você tem que ser agradável, você tem que ser isso, você tem que corresponder às expectativas da sociedade que a sociedade colocou pra você. E o empoderamento eu acho que é meio que o que você descobre com o feminismo, que nada mais é, do que você conhecer o seu potencial, né, porque o seu potencial tá apagado, desde que você nasceu menina, o seu potencial vai ser apagado porque ele vai ser direcionado pra um negócio que esperaram de você, e é isso aí que você pode ser. Tipo assim, os meninos tem um pouco disso também, do machismo, com uma expectativa do que eles sejam, mas eles tem muito mais liberdade. O menino que for cozinheiro, problema nenhum ele ser cozinheiro, entendeu? Ele tem muito menos limitações do que as meninas. As meninas, elas têm um papel a cumprir muito bem desenhado, que se você sair dali, gera problema. E eu acho que o feminismo te faz descobrir o

seu potencial e isso é se empoderar, é você entender: caraca, como assim eu vivi tanto, tanto, com tudo isso sendo silenciado dentro de mim, com todo esse poder que eu tenho, sendo silenciado dentro de mim, sabe? Aceitando tanta coisa, aceitando andar na rua e ouvir um monte de coisa, sabe? O empoderamento nada mais é, pra mim, do que você descobrir o seu próprio potencial e eu acho que é isso que tem acontecido no futebol feminino, por exemplo, assim, descobrir o seu potencial, sabe? Eu acho que essas meninas, tanto tempo que elas jogaram e ouviram que ninguém quer ver, que o futebol feminino é chato, que ninguém liga, blá, blá, blá... E agora elas estão tendo todas as provas do contrário, sabe? Os números não mentem e não tem, não tem, o que você vai argumentar? Porque que tinha vinte milhões de pessoas assistindo uma final que nem o Brasil tava em campo? Porque? Meu, porque as pessoas gostam de futebol, não interessa quem esteja em campo, entendeu? E isso é muito importante pra que elas descubram o potencial, porque por mais que... óbvio, né, elas acreditam nelas mesmas, mas assim é muito difícil você lutar o tempo inteiro contra a maré, né, remar. Tipo, ok, tô fazendo um negócio que ninguém gosta mesmo. Quando começa a ter visibilidade e aí essa visibilidade mostra o potencial, aí elas falam assim: caraca, tá vendo? Eu sempre acreditei, mas agora eu tenho mais motivos pra acreditar. Eu acho que a nossa plataforma é empoderadora porque a gente tenta mostrar nela o potencial da mulher no esporte, a gente tenta mostrar nela o protagonismo da mulher no esporte e isso não tá em evidência em todos os lugares, né, muito pelo contrário, você entra na maioria dos sites, você não encontra nada sobre mulheres e aí você entra no nosso e só tem mulheres e só tem história de mulheres. Então, assim, você se identifica e você vai vendo que isso é possível, que quanto a mulher é forte por continuar ali, eu acho que isso é muito legal. Por mais que a nossa história de luta seja, né, de uma certa forma, triste porque você não deveria ter precisado lutar tanto, ela também é muito conscientizadora, porque você olha praquilo e você fala assim: cara, nada, nada na vida de uma mulher foi dado, nada, nada. Toda sua trajetória é conquistada. Isso é muito bonito e inspirador. E aí eu acho que pra meninas ou até pras mulheres que estão descobrindo isso, elas falam: caraca, eu não vou mais aceitar as coisas que me dizem, eu não vou mais viver do jeito que me disseram que eu tinha viver, sabe? E eu acho que as histórias, conhecer as histórias do futebol feminino também empodera, porque você fala assim:

caraca e que sensacional tudo que essas mulheres passaram, eu preciso valorizar isso.

Carolina: Entendi. E vocês fizeram várias ações assim, né, nesse último ano, teve o evento lá no Museu do Futebol, né. Vocês participaram de vários eventos, assim. Você acha que isso também, de certa forma, é uma ação de empoderamento?

Renata: Não, cara, o evento desse... a gente já fez esse evento no Museu do Futebol no ano passado, né, que a gente tinha começado com a Aline Pellegrino, a Magic Paula e a Fofão, que já foi muito legal. E, assim, é muito legal porque a ideia desse evento foi um negócio assim: vamos fazer alguma coisa na semana do Dia da Mulher que faz com que a gente fique menos depressiva. É engraçado, é engraçado... é triste mesmo. Em 2016 eu fiquei muito depressiva no Dia da Mulher porque foi aquela história do Temer falar da mulher no supermercado e era, assim, a quantidade de notícia de violência contra a mulher, de mulher ganhar menos, você lia as notícias e você falava assim: cara, que merda é ser mulher. E no ano seguinte, eu fiquei pensando assim: cara, eu não quero passar esse dia assim de novo, porque o Dia da Mulher tem que ser empoderador, ele não pode ser depressivo. Eu entendo a importância de falar sobre a violência contra a mulher e da gente falar disso sempre, inclusive, mas eu acho que no Dia da Mulher não pode ser só isso, a gente tem que ter alguma pauta que mostre que a gente é foda também, porque apesar de tudo isso a gente sabe. E tanto é que nesse ano, na pauta que a gente sugeriu pro UOL nesse dia, o especial, foi sobre a história de luta das mulheres no esporte, porque eu não quero falar sobre as proibições, eu não quero falar... eu quero falar sobre o que a gente venceu, eu quero mostrar que a gente é forte, que a gente apesar de tudo tá aqui, sabe? Porque também é importante, sabe? Porque se não fica um dia depressivo, fica um dia tipo: que bosta que eu nasci mulher, entendeu? E aí o evento do ano passado foi muito legal, porque foi dia 7 de março, então assim a gente saiu muito assim: caraca, que incrível essa energia. E aí esse ano a gente não conseguiu fazer no Dia da Mulher porque era a semana do Carnaval, mas a gente queria fazer alguma coisa relacionada a Copa e tal, aí tivemos a ideia de juntar os nomes de várias gerações e o Renê, como representante dessa mudança de patamar e tal, do

olhar do homem sobre o futebol feminino. E, cara, foi assim... a sensação que eu tive... foi uma das melhores sensações da minha vida, porque além de tudo, o auditório tava cheio de criança, o auditório lotado e uma outra sala lotada. Cara, a quantidade de criança que tinha no Centro Olímpico, de meninas. Cara, isso foi assim muito incrível, porque você viu as meninas tendo a oportunidade de ver ídolos delas ali, né, e elas assim... aquelas, por exemplo, as jogadoras que tavam lá não tiveram essa oportunidade, elas não tinham nenhum ídolo mulher, nenhuma jogadora pra ser referência. E essas meninas estavam frente a frente com referências ali, perguntaram e tal. Então assim foi uma energia muito incrível porque mostrou, primeiro mostrou um pouco de uma mudança, né, que tá em curso, eu acho, né, a oportunidade que essas meninas tão tendo de jogar num clube, de jogar bola, sem ser tão julgadas, jogar num clube, de ter o apoio dos pais, de estar ali diante de referências, é uma oportunidade que as mulheres que estavam ali falando não tiveram. Então já é um exemplo da mudança e eu acho que é empoderador porque, assim, a gente fala de uma trajetória difícil e olha pra um futuro mais promissor e fala: como a gente pode chegar lá, sabe? Então eu acho que foi um evento muito legal por conta disso, principalmente por ter reunido os nomes antigos, nomes mais novos e as crianças, as meninas que representavam que a gente tá... o futuro que a gente tá almejando.

Carolina: Peraí, deixa eu ver porque a gente foi conversando e... Uma pergunta mais operacional, assim. Você tavam em vários lugares na cobertura, então tipo no Instagram, nos blogs, Twitter... E você falou que no Instagram tiveram uma alta de acesso, você viu o Instagram mais eficiente pra abertura da Copa ou você acha que as plataformas ali se complementaram?

Renata: É, eu acho que Instagram e Twitter... eu acho que cada vez mais o Facebook tá ficando obsoleto. Primeiro porque ele se fez assim, porque ele começou a, entre aspas, não te dar a visibilidade e aí, sabe? Acho que ficou obsoleto mesmo assim, as pessoas já não estão mais tanto... e assim, qual que era a pergunta?

Carolina: Foi sobre as plataformas, qual você achou mais eficiente, assim?

Renata: Então, eu acho que o Twitter e o Instagram são muito complementares e de uma maneira muito legal. O Instagram é muito legal numa cobertura porque, por causa dos stories, porque você pode ir mostrando coisas que as pessoas não têm muito acesso. É óbvio, quando você tá, vamos supor, blog... Você pode fazer uma matéria assim: como era o clima do jogo. Só que assim, não é você estar vivendo isso. E no Instagram, você consegue, enquanto você está vivendo, ir passando um pouco do que você está vivendo. E as pessoas gostaram muito disso, assim, sabe? De ver como que era o clima no estádio, a torcida, quem tava ali, como é que é, a puta os perrengues, tudo isso, sabe? Que eu acho que não tem a mesma graça você contar em outra, sabe? Você poderia fazer uma matéria, mas não é a mesma coisa. O Instagram, tipo, possibilita fazer essas coisas de stories, que as pessoas meio que entram na sua cobertura e muitas mandaram mensagens, assim: cara, a gente se sentiu lá. Entendeu? Com vocês. E o Twitter, ele é legal também, porque também tem esse tempo real, você pode ir colocando as fotos e tal, é de uma maneira diferente, né, do que o Instagram, porque o Instagram é um pouco mais você vivendo, mas no Twitter você vai mostrando meio que em tempo real também. E tem muita discussão legal no Twitter, né. A gente fez algumas lives do estádio, a gente às vezes fazia perguntas, as pessoas interagem muito, aí fazia meio que comentários no tempo real dos jogos, as pessoas interagem muito. Então, assim, possibilita também um diálogo legal com o público e no momento que tá acontecendo, o Twitter é muito assim, é o momento, sabe? Tipo, é a hora do jogo, você tem que estar falando sobre o jogo, na hora do jogo, sabe?

Carolina: E o Facebook, de certa forma, está meio obsoleto, assim, porque eu lembro que... eu sempre vejo ali a quantidade de seguidores de vocês pra ter uma noção, faz um tempo já que ela está estagnada, né?

Renata: É, a gente ganhou pouco, porque primeiro as pessoas já não estão mais tanto no Facebook, as pessoas não entram tanto no Facebook...

Carolina: As pessoas cansaram, né, do Facebook...

Renata: É, então, assim isso faz com que tenha menos acesso e tal. A gente usa o Facebook basicamente pra divulgar nossas matérias e, na Copa, a gente nem divulgou tudo, a gente divulgou praticamente tudo no Twitter e algumas coisas ficou faltando. Tipo assim, a gente não divulgava o EA todo dia, porque era muita coisa pra divulgar, mas assim as matérias todas a gente divulgou no Twitter, algumas a gente não divulgou no Facebook, porque o Facebook também tem esse problema: ah puta vou divulgar duas, três matérias no mesmo dia, ele baixa seu alcance. Cara, é um inferno, entendeu? Então assim, eu acho que ele dificultou muito a vida das pessoas, das marcas e enfim, quem publica nele, e também ele se tornou uma experiência menos agradável pros usuários, que também saíram...

Carolina: E vocês tem ideia assim da onde vem mais? As pessoas pra chegarem na matéria, a maioria vem da onde, vocês têm esses dados assim?

Renata: Ah, com certeza, da home do UOL. Inicialmente, home do UOL. Assim, tipo, a gente tem uma audiência nossa, quando não vai pra home, mas assim a home do UOL faz uma grande diferença. Mas eu acho que quando você vê... eu acho que os cliques na matéria vêm mais de Twitter, possivelmente, o Facebook também gera bastante, acho que menos que.... o Instagram é só a Rafa, às vezes a gente não coloca também a matéria, acaba esquecendo. Então eu acho que de clique no blog vem mais de Twitter e Facebook, o Instagram é uma outra... é que também a gente mudou a estratégia no Instagram. Ano passado a gente mais usava o Instagram pra divulgar nossas matérias, hoje a gente usa o Instagram pra contar histórias.

Carolina: É, eu percebi isso mesmo, eu ia perguntar. Parece que o conteúdo, assim, não é o mesmo, não é o mesmo conteúdo...

Renata: É o mesmo, mas não é o mesmo...

Carolina: É. Tipo assim, eu vejo a matéria chamada no Facebook ou na UOL e aí tem ali uma historinha, relacionada àquela matéria. Então é essa...

Renata: É, a gente mudou a estratégia porque a gente entendeu qual é a função do Instagram. O Instagram não existe pra você divulgar a matéria, o Instagram existe

pra você divulgar fotos, contar histórias por meio de fotos, de imagens. E aí a gente começou a fazer essa estratégia, assim, eu acho que a gente já tinha feito algumas vezes, pontuais, mas a gente começou com mais frequência, quando a gente fez um post, no início do ano, da história daquela menina torcedora do São Paulo com câncer. E a gente, tipo, a gente: puta, não vamos fazer matéria com ela, todo mundo já fez, vamos contar a história dela no Instagram? Vamos. Contamos a história dela no Instagram e isso foi um post que deu muito sucesso. Aí eu falei: vamos começar a fazer isso nos outros posts? E aí tudo a gente começou a fazer assim. Então toda matéria, até mesmo durante a Copa, a gente transformava numa certa historinha. Então, por exemplo, a gente fez a matéria das técnicas: das oito técnicas das quartas, cinco são mulheres. Então no Instagram a gente fez o quê? Contou essa história: começou assim, nã, nã, nã, e agora tão... tais técnicas, fez um álbum com todas as técnicas. A gente meio que entendeu que, na verdade, o Instagram exige uma estratégia só pra ele, uma história contada só pra ele, não é simplesmente você... Eu acho que é um pouco o que o jornal, sei lá, se você parar pra pensar: internet e o jornal. Não é simplesmente você pegar o conteúdo do jornal e jogar na internet ou pegar o conteúdo da TV, não.

Carolina: Sim.

Renata: Você tem que pensar no formato site, que funciona pro site, o que que funciona pro jornal. E eu acho que no Instagram a gente entendeu que tinha que ter uma outra estratégia, não é que nem o Facebook, que é só meio que você jogar a matéria lá, com uma introdução, sabe?

Carolina: E quando vocês começaram, lá em 2015, tipo, dava pra dizer assim que era uma cobertura alternativa, né, uma contra cobertura, assim. Você acha que o fato de vocês estarem agora dentro de um grande portal, né, estarem ali sendo chamadas na home, atingirem esse patamar que, até eu ia perguntar sobre essa...que vocês fizeram com aquela agência para medir a audiência... e tudo mais, deixa de ser uma cobertura alternativa nesse sentido? Não alternativa no sentido radical, mas alternativa no sentido da informação mesmo.

Renata: É que eu acho que o termo alternativa normalmente refere-se a uma cobertura com menos visibilidade.

Carolina: Isso.

Renata: O que não necessariamente, né, uma coisa não deveria eliminar a outra. Eu acho que a gente continua sendo uma mídia independente e alternativa, no sentido de que a gente não faz o mesmo que todo mundo faz, mas, sim, a gente tem muito mais visibilidade. E a gente, com certeza o UOL elevou totalmente o patamar, acho que foi uma construção ao longo dos últimos quatro anos, que fez com que a gente virasse meio que uma referência nesse conteúdo. E o lance do monitoramento foi muito legal até pra ver, acho que no último jogo do Brasil a gente ficou em primeiro, e isso, cara, é muito incrível. Porque, assim, porra você ficar em primeiro quando a Globo tá tuitando sobre o negócio, quando... mano, é surreal, entendeu? De uma certa forma, é justo que a gente fique, porque a gente fala disso, a gente é específico sobre isso.

Carolina: Só sobre isso...

Renata: Então, assim, a gente é o especialista sobre isso. Só que, cara, é um negócio bizarro porque a Globo tem sei lá quantos milhões de seguidores no bagulho, entendeu? E a gente tem trinta mil. Então é bizarro, mas eu acho que assim, é mais por causa da terminologia porque a gente associa o alternativo a algo que tem pouca visibilidade e a gente é um alternativo que tem ganhado mais visibilidade.

Carolina: Ah, deixa eu ver... por último, hoje o Jorge comentou assim... eu perguntei pra ele o que ele achava que tinha de diferente, o que era o diferencial no pioneirismo de vocês, assim, na cobertura. E ele falou assim que o que ele viu, que ele tem acompanhado e, principalmente, nessa Copa, ele entendeu que vocês tiraram o futebol feminino de dentro de uma bolha do coitadismo, assim, que vocês elevaram o futebol feminino, tipo, ao mainstream, trouxeram uma... deixaram de abordar essa temática, com assim: ah ia falar da Marta, a história de vida da Marta, não... Tipo, que é o que você falou da necessidade de colocar o que as mulheres conquistaram, tudo mais, né. E eu queria saber sua opinião

assim em relação a isso, se vocês tinham essa intenção mesmo, se foi uma coisa que aconteceu naturalmente ou se é a maneira como vocês enxergam que o futebol e o esporte da mulher tem que ser tratado. E se você acha que ainda assim, apesar disso, a gente ainda precisa tratar, tipo, de alguns heróis e heroínas no esporte, tipo, balancear essa...

Renata: Eu acho que foi uma construção, foi tudo um processo assim, até porque, a gente não surgiu querendo ser nada, né, a gente não tinha um plano do que a gente queria ser. Isso foi sendo construído ao longo do tempo e foi... eu acho que foi uma descoberta nossa também, conosco mesmo...

Carolina: Pessoal...

Renata: É, de entender o universo da mulher no esporte e o quanto ele era negligenciado assim, quanto ele tava sendo apagado. Foi um processo que a gente viveu pessoalmente também, sabe? Poxa, eu vivi em redações esportivas por muito tempo e eu pouco cobria, tipo, o futebol feminino também e eu já me incomodava, mas eu não tinha uma resposta pra isso. E no Dibradoras, a gente foi criando a resposta, a gente foi entendendo que assim: cara, é um absurdo isso, é um absurdo eu trabalhar numa redação da ESPN com vinte caras e eu ser a única mulher, é um absurdo eu ter que fazer galeria de musa. Tipo assim, foi um processo de descobrimento, sabe? E eu acho que isso ajudou o trabalho ser mais autêntico, porque a gente entendeu: o que que a gente quer então? Se a gente não concorda com isso, como a gente gostaria que fosse feito? E a gente meio que começou a fazer do jeito que a gente gostaria que fosse feito. Assim, da mesma maneira que você entra em todos os sites de esporte e vê um monte de homem estampado lá, você precisa saber a história das mulheres. Eu acho que o podcast deu uma ajudada nisso também, porque como a gente entrevistava sempre histórias que a gente não conhecia, sabe? Tipo, caralho, como que... como eu não sei quem é, sabe? Como que eu... a gente fez um podcast com a Aline Pellegrino e eu não sabia quem era nenhuma dessas mulheres, não sabia, sabe? E você fala: cara, como que a gente não sabe? A gente precisa saber essas histórias e meio que a gente foi, entre aspas, né... cara, olha isso aqui, isso aqui não é uma história incrível? E o jornalismo não é

feito de histórias? O jornalismo é feito de histórias. Eu, pelo menos, fiz Jornalismo pra poder contar histórias. E eu acho que isso é o mais legal, então por que que essas histórias não estão sendo contadas? Se essas histórias são boas, por que que elas não estão sendo contadas? Tem um motivo aí, que não é o fato delas serem, elas não são ruins. Então assim, é um motivo pra além do jornalismo, que é um motivo que é relacionado ao preconceito. Eu acho que o fato da gente ter ido passando por esse processo pessoal, junto com a construção do Dibradoras, do conceito do que seria o Dibradoras, ajudou muito a gente a ir pensando nessa maneira, como a gente gostaria que fosse visto. Não foi algo que a gente acordou e falou assim: pera aí, vamos fazer um projeto que vai ser assim? E aí como a gente gostaria que seria visto? Não. Foi um negócio que foi sendo construído junto com a gente e eu acho que hoje a gente costuma dizer que dá pra encontrar o protagonista da mulher no esporte, em todo lugar. Até no ano passado a gente foi na Copa masculina e a gente só destacou o protagonismo da mulher, entendeu? Então assim, é meio que isso que a gente tenta fazer, encontrar o protagonismo da mulher, a gente tá sempre com o olho assim num lugar: onde a mulher tá aqui, sabe? Então, por exemplo, fotógrafo do campo... você nunca vê mulheres. Achei uma mulher, peraí eu vou conversar com ela, porque eu quero mostrar que existem mulheres como aquela. E isso vai ajudar que outras queiram estar ali. Então eu acho que... e é muito chato, é lógico que é muito chato você ficar lendo coisa negativa o tempo inteiro, sabe? A gente também sentiu isso, quando a gente começou a falar de futebol feminino, a gente começou a ver algumas formas de cobertura, que era muito reclamar e não é que a gente acha que tem que elogiar, não. Mas como a gente transforma essa cobertura num negócio legal? E eu acho que as histórias trazem muito disso. É óbvio que a gente vai cobrar a CBF, quem quer que seja que tenha que ser cobrado, mas também precisa contar as histórias, sabe? De uma maneira que não precisa ser só coitadinha dessa jogadora.

Carolina: Sim.

Renata: Que tem coisa legal. Puta, a história da Bárbara, sabe? Dela, porra, achar que tava indo criar galinha na Granja, era a Granja Comari, sabe? Tipo, cara, isso é legal, é história, entendeu? Então é isso, eu acho que não teve um segredo porque

meio que foi um processo junto, acho que acabou dando certo e hoje a gente enxerga claramente. Tipo, sei lá, uns dois, três anos atrás, a gente não enxergava o que a gente queria, como a gente fazia. Hoje a gente tem muita essa ideia de procurar o protagonismo da mulher no esporte, em todos os lugares que você for, tipo, todo evento esportivo pode ser só homem ali, tem alguma mulher que teve algum papel aí e essa história precisa ser contada pra que a gente tenha mais.

Fim da entrevista

Entrevista: Maria Amélia de Almeida Teles

Referência: Militante e precursora da imprensa feminista no Brasil durante a ditadura militar

Método: feita pessoalmente

Data: julho/2019

Duração: 1h00

Carolina: Bom, primeiro eu queria agradecer a você por me receber, né. Eu cheguei até você pelo contato daquela mocinha de Botucatu, não lembro o nome dela agora.

Amelinha: A Joice?

Carolina: A Joice.

Amelinha: A Joice.

Carolina: E eu me interessei bastante pelo livro, tinha dado uma olhada já e como eu faço essa parte histórica da imprensa...

Amelinha: O livro é aquele?

Carolina: Isso. Como eu faço essa parte histórica da imprensa feminista, na minha tese, daí eu queria saber como funcionava e, assim, quais eram os assuntos abordados, porque alguns sim e alguns não, então fiz uma série de perguntas e a gente vai vendo o que que você consegue me ajudar. Então, primeiro eu queria saber como surgiu, né, o Brasil Mulher e quais foram as motivações pra que ele fosse criado.

Amelinha: Porque o Brasil Mulher, acho que a Joana conta a história, né, na entrevista dela...

Carolina: Sim.

Amelinha: Porque ela que começa, porque, assim, o Movimento Feminino pela Anistia começa aqui em São Paulo liderado pela Therezinha Zerbini. E eu vou me interessar

por anistia política, evidentemente, porque eu sou uma ativista ligada, sempre fui ligada a política. Aí, então, é assim... Terezinha é uma mulher de muita iniciativa e muito articulada, então ela vai onde as mulheres chamam, ela tem condições financeiras pra se deslocar. E aí ela foi chamada lá pra Londrina e pra todo lugar que ela ia, ela lançava o Movimento Feminino pela Anistia. Isso no ano de 1975, que é o Ano Internacional da Mulher, você sabe que se aproveita muito esse fato pra avançar na organização e na publicização do feminismo. Aí então a Joana propõe, quando chega em Londrina, a Joana é jornalista em Londrina, acho que é Folha de Londrina, e ela propõe o jornal. Que o movimento, toda essa luta precisa de um jornal. A Joana vai dar esse nome: Brasil Mulher. E ainda que ela explica, a Joana explica, eu tô repetindo aqui o que ela fez. E quando... o Movimento Feminino pela Anistia começou com um abaixo assinado, era papel. Você recolhia assinatura, que era isso que eu fazia. Eu não era, nem ia nas reuniões, mas quando apareceu o Brasil Mulher, assim, a possibilidade de fazer o jornal, aí eu me interessei em ir porque eu já era do jornal. Eu era do jornal clandestino, da imprensa clandestina, do PC do B e depois fui pro jornal Movimento. Então eu já era do jornal, então era uma coisa que me interessou. E quando eu vi a possibilidade da discussão do feminismo no jornal, aí me interessei muito mais. A Joana é feminista e ela já põe ali seu primeiro editorial. Não sei se você leu...

Carolina: Eu cheguei a ler...

Amelinha: Já é feminista. Agora, a Terezinha é antifeminista, ela se coloca antifeminista, então isso aí vai ser o primeiro racha no jornal, do jornal, e o Movimento começa a discutir. Tem as que se dizem femininas e as que se dizem feministas.

Carolina: Entendi. Então não havia um consenso de que era um jornal feminista ou havia esse consenso de que...

Amelinha: Não, não havia esse consenso e é aí que tem o racha, entendeu? Não havia esse consenso. E a Joana, como que ela era a Editora do jornal, ela era muito, muito mais ligada ao jornal, até pela própria profissão, ela era jornalista, então ela vai puxar pro feminismo e a Terezinha não vai querer o feminismo e aí tem o racha.

Carolina: Entendi. E você tem alguma formação de jornalista?

Amelinha: Não, não.

Carolina: Você atuava na imprensa clandestina...

Amelinha: Nunca tive, eu fui sempre na prática.

Carolina: Na prática mesmo, entendi. E você disse que não participava das reuniões, mas você chegou a participar depois...

Amelinha: Ah não, eu não participava do Movimento...

Carolina: Do Movimento Feminino...

Amelinha: Pela Anistia, mas quando é o jornal, aí eu já participo.

Carolina: E tinha um organograma, assim, divisão de tarefas ou vocês se encontravam...

Amelinha: Não, no jornal era assim: a gente se encontrava, começou a se encontrar toda semana, fazia reunião, às vezes era mais pra uma conversa, não tinha nem uma pauta a reunião e, quando era reunião de pauta, assim, do jornal, a pauta era o jornal. Os assuntos eram diversos, tudo que aparecesse, que achasse interessante, punha em discussão e daí dividia as tarefas: quem vai fazer tal matéria e tal...

Carolina: E você lembra, assim, da primeira edição? Como que foi a recepção das pessoas que tiveram esse primeiro exemplar na mão, assim, muitas pessoas tiveram contato chegou até vocês... como foi?

Amelinha: Ah esse, esse primeiro jornal, mesmo com pouco contato, ele causou muito impacto. Com pouca divulgação, causou impacto. Porque é o primeiro jornal, só de

ser o primeiro jornal feminista. Brasil Mulher, com esse nome, por que ninguém, né... teve mulheres jornalistas que caíram matando, eu falo aqui da Sheila Lobato, né, que ela fala: a reivindicação das feministas é o direito de um lugar pra namorar. Porque as trabalhadoras domésticas, que eram acolhidas por nós, né, elas falavam: nem um lugar pra namorar, a gente tem. Porque não tem essa, morava na casa dos patrões, no pior lugar da casa, você não pode transitar com outras pessoas dentro da casa. Então era isso, aí a outra caiu matando ou então a outra... e assim, não, essa Sheila Lobato foi depois, foi em 77, né, quando nós fazemos o encontro feminista, mas antes teve uma mulher, agora será que a Sheila Lobato também? Porque essa Sheila Lobato, ela descascava em cima, né? Eu nunca conheci essa mulher. Eu só vi os textos, nunca vi. Ela era acho que do Jornal da Tarde, se eu não me engano, e ela não sei que fim levou também. Até uma hora eu vou procurar ela no Google.

Carolina: Pra saber...

Amelinha: Pra saber, né? E ela, não, o primeiro era assim... o Editorial não é só para mulheres, né. Nossa, era uma dança e realmente não é pra mulheres, jornal não é feminista, eu não sei o quê... umas feministas falando isso, outros: ah não, que legal esse jornal, não é só pra mulher. E isso foi uma discussão e isso causou muito impacto, assim, no meio dos jornais alternativos, né. Que eu circulava muito nesse meio, não quer dizer que o povão tivesse discutindo, não. Esse foi uma discussão, a outra discussão que deu sempre foram as capas, né, do jornal. Isso aí foi uma polêmica eterna, porque a gente colocou na primeiro e era um até um homem que era fotógrafo, né. José Guimarães ou é Josué Guimarães, agora esqueci o nome dele. Outro dia mesmo ele falou comigo, quer dizer outro dia, já tem alguns anos, ele falou: você lembra de mim? Eu falei: eu não tô lembrando. E ele falou: eu sou o fotógrafo... E eu: ah tá, então claro, o fotógrafo... Pra mim, as cartas do Brasil Mulher são as mais lindas, não tinha nada igual. E eu acho que Nós Mulheres, Mulherio, que também já era profissional, já é outro esquema, não é nada igual. Nossas fotos... e era de um homem, né. Agora, elas causaram muita polêmica na questão quem via mais. E eu vendi muito jornal, eu era uma vendedora de jornal também. Eu escrevia, participava e vendia jornal, porque eu achava importante vender o jornal, né. Eu tinha um sonho de ter uma imprensa, que aliás é um sonho eterno, que eu nunca vou realizar, de ter

uma autonomia, né, financeira. Você poder... porque enquanto você não tem autonomia financeira, você não tem autonomia de nada.

Carolina: Não tem mesmo...

Amelinha: Né? Esse era o meu sonho, minha meta, então eu vendia jornal. Eu saía em porta e vendia pro povo que eu queria, às vezes um povo que não tá nem preocupado com isso, porque tem tanto problema, que não vai se preocupar com isso, né. Jornal é uma, digamos, é luxo, né? Mas eu vendia pras periferias, pros sindicatos...

Carolina: E você ia, tipo, de porta em porta?

Amelinha: Eu ia. Não, eu ia de porta em porta com...

Carolina: Exemplar...

Amelinha: Com um volume de jornais, chegava lá, apresentava e falava: olha, gente, e tal... Aí às vezes o diretor do sindicato comprava alguns, pra distribuir na categoria, e assim eu ia. E aí ia em porta de igreja também, porque a Igreja Católica, ela é toda contraditória, né. Ela é contra nós, mas tinha a teologia de libertação que era a favor de nós. Então eu ia vender pra esses, eu vendia pra um padre aqui na Zona Sul, gente, cento e cinquenta exemplares. E era cinco cruzeiros, não sei se você viu, mas era. Eu lembro que eu ganhava setecentos e cinquenta cruzeiros que eu levava lá para as meninas, que já dava quase a metade da impressão... entendeu? Então eu vendia bastante, vendia, mas também vendia lá na Paraíba, tanto é que eu escrevo aqui alguma coisa sobre isso. Agora, as capas em banca, eu lembro que sempre quando eu ia em banca, os caras criticavam. A primeira vez que eu levei o número zero com essa menina negra, descalça, né. Aí o cara: ai, isso aqui não vende não, a capa é muito feia. Ele falou pra mim assim: vocês botam umas mulheres feias, não tem nada a ver. Eu falei: mas o que que é mulher bonita? Aí tava lá, aquelas revistas acetinadas, né, com aquelas mulheres loiras, toda...

Carolina: Sensual...

Amelinha: É, toda... como é que... aquelas que faziam ginástica, como é que fala?

Carolina: Musculosas...

Amelinha: Aquelas que são...

Carolina: Fitness.

Amelinha: Elas são... parece que de plástico, elas assim, fazem uma plástica também, né, parece assim... Então essas mulheres que eram bonitas, mas nossa... acho essa aqui bonita, então a gente põe. Eu falei: então vamos ver o que é que vende. Eu punha sempre em banca e eu pus em banca. Às vezes não vendia nada, às vezes vendia dois ou então uns dez, nessa aqui. Naquele ali eu punha cinco, entendeu? Eu conversava com eles, numa boa e tal. Eles tinham quarenta por cento, que é um absurdo, né? Ter de mim quarenta por cento? Eu não sou distribuidora, né? Aí quando foi na segunda que nós colocamos aquela velhinha, né, cento e quatro anos fazendo crochê e tal. Ele falou: é, vocês não querem mesmo vender jornal. Eu lembro dele falando: é, não tem jeito, você não quer, essas mulheres não querem vender jornal, vocês querem... fica aí. Eu até escolhi o lugar da banca, porque ele deixava...

Carolina: Ele deixava escolher?

Amelinha: Deixava... é, nós, o pessoal do jornal tinha gente legal, né, esses jornaleiros. Isso hoje não tem, raramente. Então as capas causaram muito impacto, negativo, mais negativo do que positivo, porque o estereótipo, mulher padrão, é muito forte, até hoje, né? Isso pega muito, imagina nos anos 70.

Carolina: E você comentou que vocês iam pensando temáticas variadas assim, então vocês seguiam algumas demandas que iam surgindo ou vocês tinham alguma estratégia pensando em quem vocês queriam atingir? Em relação a determinado assunto...

Amelinha: Todo mundo queria atingir as trabalhadoras e os movimentos populares. Cada uma tinha uma bagagem, porque cada uma tinha uma visão política, entendeu?

Pertenciam a alguma realização de esquerda clandestina, é lógico né, que dava uma orientação. E eu, por exemplo, sou a única, não sei se você percebeu, né, no livro, que eu sou a única que vou fazer, vou trazer o trabalhador rural pras páginas do jornal. Eu vou trazer pescadora da Paraíba, eu vou trazer castanheiras, aquelas que quebram castanha, eu vou trazer... Se hoje existisse o jornal, eu ia ser um MST. As mulheres trabalhadoras do MST, né? Como que é: Movimento...

Carolina: Sem Terra...

Amelinha: Sem Terra, é! Movimento sem Terra: MST. Eu ia ser esse movimento porque eu sempre que trouxe, tanto é que... aqui é um estudo comparativo, mas mulher não tem nenhum assunto, do rural.

Carolina: Sim.

Amelinha: Porque o que é quente, o que tá pegando, bombando, realmente é o urbano.

Carolina: Sim.

Amelinha: Você falar do rural é até um pouco...

Carolina: De distanciamento, né...

Amelinha: Naquela época era ser um pouco atrasada, mas eu falava.

Carolina: E vocês tinham algum tipo de manual, assim: ah não podemos falar disso, quando vamos falar disso, utilizamos determinado termo ou não, ou era mais uma escrita livre, assim, cada uma seguia seu estilo de escrita...

Amelinha: Não, não. A gente vivia sob censura, né. A gente vivia sob censura, não tinha manual, mas era no consenso.

Carolina: No consenso entre vocês...

Amelinha: Olha, isso aqui não dá pra tratar assim, desse jeito não dá, entendeu? Então a gente fazia discussão entre nós.

Carolina: Entre vocês ali pra decidir... E, assim, pensando nessa questão da neutralidade, que a gente fala dentro do jornalismo, num jornalismo feminista pressupõe que você tem um posicionamento e que essa neutralidade não exista. Como que você vê isso, assim, naquele momento era muito necessário que houvesse um posicionamento de vocês. Existia alguma crítica em relação a isso, especificamente, ou não, assim...

Amelinha: Entre nós, você tá falando?

Carolina: É.

Amelinha: Não, entre nós não.

Carolina: Não, não entre vocês, mas assim...

Amelinha: Nós éramos feministas, nós queremos quem é...

Carolina: Isso. Não, não entre vocês, mas assim de uma grande mídia, por exemplo, chegou algum tipo de crítica?

Amelinha: Ah a grande mídia não citava. Não, isso aí nunca citou. Agora eles estão aí...

Carolina: Sim.

Amelinha: Fazendo uma onda aí, né. Não, eles achavam que a gente era radical, que eram isso ou outro, entendeu?

Carolina: E falavam sobre vocês nas mídias...

Amelinha: Nem falavam.

Carolina: Não falavam?

Amelinha: Não, eles procuravam ignorar a gente.

Carolina: Entendi.

Amelinha: Imagina que toda vez que saísse o jornal, a gente pudesse ir na Rádio Globo e ficava lendo no Marechal Deodoro, fosse ali na... não, imagina... falar do jornal, não...

Carolina: Entendi. E você comentou, né, que a gente viveu um período de censura e vocês chegaram a sofrer alguma coisa relacionada, o jornal em si, chegou a ser autuado, alguma coisa assim?

Amelinha: Não, não, não. Era tanta dificuldade que a própria polícia via que não valia a pena.

Carolina: É, então...

Amelinha: Porque fazia propaganda até do jornal, né.

Carolina: Sim.

Amelinha: O que a gente fez, por exemplo, o Jornal Movimento, o número quarenta e cinco, em 1976, ele foi totalmente censurado. Então nós aproveitamos assim pra falar disso no nosso jornal, entendeu?

Carolina: Ah entendi...

Amelinha: A gente aproveitava assim...

Carolina: É, então na verdade eles não queriam dar lobo pra uma coisa que eles não acreditavam.

Amelinha: Não, eles procuravam ignorar.

Carolina: Ignoravam mesmo, entendi. E você comentou, né, que algumas mulheres se posicionavam como feministas mesmo, outras não se colocavam como feministas. E eu queria saber como era ser feminista nos anos 70, assim? Vocês tinham a liberdade, né, de discutir os assuntos ali entre vocês, mas como era a externar isso?

Amelinha: Não, não tinha liberdade, nem entre nós.

Carolina: Nem entre vocês?

Amelinha: Não. Liberdade não tem assim, quando o país está sem liberdade, até o próprio grupo já se fecha...

Carolina: Já se fecha.

Amelinha: Entendeu? Então era muito difícil discutir. Não, a primeira dificuldade era nossa mesmo, de nos colocarmos como feminista e ter argumentos. Esse foi o grande treino nosso, a gente até treinava: como é, que argumento nós vamos usar, como é que nós vamos abordar uma mulher pra falar de sexo, por exemplo. Pra falar da sexualidade dela, pra falar do orgasmo, né, entendeu? Nossa a gente treinava, fazia reuniões, assim, várias reuniões pra ver... entre nós: ah não, isso não pode falar, não, desse jeito você não pode falar. A outra: não, desse jeito também não... Sabe? Era muito censurado, né, auto censura.

Carolina: Entre vocês mesmo, né?

Amelinha: É, porque era muita repressão.

Carolina: Por medo, né? E talvez...

Amelinha: Por medo de, por medo de tudo, né, porque o medo tava sempre presente, assim. Mas era o medo também de que as mulheres, que se fosse abordá-las, elas ficassem com medo da gente, entendeu? Esse medo era tão grande... e eu acho interessante, eu falo isso, eu acho, né, nesse livro. Às vezes eu penso, penso, penso, não sei na hora que escreveu né? Eu até assusto, mas eu já não falei isso?

Carolina: Mas é normal...

Amelinha: Às vezes eu aposto com a pessoa: não, eu escrevi isso. E ela fala: não, eu li seu livro do começo ao fim.

Carolina: Não tem...

Amelinha: Não tem nada disso. Aí eu falo: ah então eu esqueci e eu tô achando que tinha escrito, porque na minha cabeça eu tinha escrito, então não sei se eu escrevi. Mas as mulheres, é interessante, principalmente as mulheres da periferia, sindicalistas, essas mulheres trabalhadoras, né, que eram o nosso público prioritário. A gente ia conversar com elas cheia de dedos e elas estavam mais avançadas do que nós, elas não tinham essa censura que nós tínhamos, porque como nós éramos políticas, era uma censura muito grande não política. Então nós já éramos... mulher na política era puta, era amante do Marighella, era amante de não sei quem, era sapatão, era o quê... era... tinha algum problema, pra se meter na política, ela tinha algum problema, ela não era uma pessoa. Então nós já éramos altamente reprimidas e auto reprimidas, porque a gente sabia que qualquer coisa que a gente falasse, já iam falar: ei, isso é coisa de mulher, é mulher que se mete com política. Não é o lugar da mulher, você entendeu? Isso era muito presente na nossa vida. E você vai falar com uma mulher que é igual a você, só que ela não era, ela não tá participando do grupo feminista. Ela é uma mulher ali. Aí você pergunta com todo cuidado, se não ela já vai: não, porque essa mulher não sei o quê, é sapatão, não sei o quê... Então a gente procurava nem fazer uma demonstração da nossa sexualidade, você entendeu? Chegava nela, ela... é muito interessante isso, eu acho que eu nunca

escrevi não. Mas é muito interessante que as mulheres... as mulheres, a gente chegava e falava com elas que a gente era feminista, né? Ah, mas também não vou falar... Tinha, na humildade, a gente falava que era feminista, porque nós que publicizamos o feminismo, porque tinha gente do feminismo clandestino, né. Só que não, vamos falar que nós somos feministas, qual que é o problema, né. E aí, então, elas achavam que ser feminista era uma mulher que faz sexo vinte e quatro horas por dia e com todo mundo, com homem, com mulher, com o diabo, com deus, com... entende? Então eles achavam que a gente era... a gente ficava olhando assim, ah menina... então elas queriam...

Carolina: Perguntar...

Amelinha: Outra coisa... elas queriam uma sexóloga.

Carolina: Sim...

Amelinha: E nós não...

Carolina: E não era isso.

Amelinha: E nós não éramos isso. Não é que nem... até se a gente fosse né, mas não é. Eu falo sempre isso, eu aprendi muito com as mulheres mais simples a respeito. Meu conhecimento da sexualidade, se deu muito com essas mulheres da periferia, sindicalista, do que com as feministas, nesse primeiro momento. Depois as feministas vão ser diversas e vão se apresentar de várias formas, mas quando, nesse momento, é assim.

Carolina: Entendi. Você comentou que talvez vocês chegavam pra elas, né, com um certo cuidado nas palavras e elas já estavam à frente, assim, em algumas questões. Você acha que é porque elas não sentiam a censura, então como vocês sentiam.

Amelinha: elas não eram políticas, não tinham... Nós ali, é um detalhe também, maioria de nós já tinham passado no pau-de-arara do DOI-CODI, entendeu? Nós tínhamos traumas até não querer mais. Nós fomos consideradas puta, fomos estupradas, a gente não podia falar do estupro que nós sofremos, entendeu? Então você imagina, nós éramos um porco espinho, eu falo assim... Qualquer coisa a gente tava espetada e espetando, porque era muito dolorido pra nós, a gente tinha... é como se a gente tivesse mesmo um corpo espinho, sabe? Toda assim, tentando se, protegia a nós mesmas. E aquelas mulheres são mulheres sofridas, às vezes até passaram coisas piores e tudo, não por ter uma posição política, por serem mulheres pobres, né. Agora nós não, posição política e por posição política, nós decidimos ser feministas, entendeu? Então nós tínhamos esse lugar, né, que é um lugar terrível, né, marcado.

Carolina: E você lembra mais ou menos em quantas vocês eram?

Amelinha: Nós éramos mais ou menos trinta.

Carolina: Trinta mulheres.

Amelinha: Eu lembro que a gente fazia uma reunião assim. Umas ficavam sentadas, outras em cadeira, ficavam assim, eram trinta... eu lembro que a gente contava e dava mais ou menos trinta.

Carolina: E pra vocês se encontrarem e conversarem vocês combinavam, vocês tinham... pensando, né, na questão da censura pra que vocês não fossem... não soubessem onde vocês estavam, enfim, como que eram esses encontros?

Amelinha: Não, a gente tinha lugar.

Carolina: Vocês tinham lugar fixo?

Amelinha: Primeiro a gente fazia nas casas da gente, depois nós resolvemos alugar uma salinha pra nós, essa salinha nós alugamos. Nós tivemos uma gratuita, que a Ruth Escobar aqui, do teatro, ela cedeu uma casa dela pra gente ficar um tempo, aqui na Francisca, mas depois nós alugamos lá na Vila Madalena.

Carolina: E essas mulheres...

Amelinha: E a gente que pagava.

Carolina: Vocês que pagavam com o que vocês produziam no jornal mesmo?

Amelinha: Não, a gente tirava...

Carolina: Do bolso...

Amelinha: Não, o jornal mal conseguia produzir pra fazer o próximo, entendeu?

Carolina: Entendi.

Amelinha: Não, a gente tirava do bolso da gente. Aliás, eu sempre... é a militância, o pessoal acha que... tem militante que pede dinheiro, mas eu nunca ganhei. Eu sempre paguei pra ser militante, né. E na nossa turma era assim.

Carolina: Entendi. E essas mulheres, vocês iam até a periferia, né, se organizavam pra ir conversar com elas ou de alguma forma vocês traziam elas também pra...

Amelinha: De um modo geral, a gente ia lá. Só quando tinha o encontro, quando nós fizemos o primeiro congresso da mulher paulista, aí sim. Mas é uma vez por ano, né.

Carolina: Você falou, né, alguns temas... era direcionado pra mulher trabalhadora, pra classe operária, no caso, e vocês também tratavam de

sexualidade, saúde da mulher. Quais outros temas, assim, você se lembra de terem abordado dentro do jornal?

Amelinha: A gente tratava da anistia, sempre. O jornal nasceu com a anistia. A gente discutiu igualdade, origem da opressão, tentando descobrir... às vezes como tinha organização política, por exemplo, trouxe a mulher do... a mulher do Olimpial, acho que foi presa na China, que é uma coisa assim que não tinha nada a ver, com a periferia e nem com a trabalhadora. Apesar de que tinha, né, mas não era interesse dela. Mas aí alguém achou legal, nem lembro quem, de nós e vamos lá e pusemos. Tem coisas assim malucas, eu acho, né. Entendeu?

Carolina: Entendi.

Amelinha: Mas é o que aparecia, a gente na hora assim... não tinha uma avaliação, né, maior.

Carolina: Vocês tinham quanto tempo assim, em quanto tempo mais ou menos vocês produziam? Era quando...

Amelinha: Era um mês, a cada mês... a ideia era fazer mensal, mas depois ficou mais bimensal.

Carolina: Entendi. E falando sobre resistência ao feminismo assim...

Amelinha: Sempre.

Carolina: Sempre existiu dentro da própria esquerda também, existia resistência?

Amelinha: Nossa, que isso... O pessoal, e eu lembro que eu ia lá vender jornal lá na USP, o pessoal falava: isso é coisa de pequeno burguês, como se lá na USP...

Carolina: Não tivesse...

Amelinha: Gente! Eu falava: mas que que é isso... eu e o jornal? E vocês são o quê?

Carolina: São o quê?

Amelinha: Né? Mas era, nossa... e vinha e fazia todo um discurso assim, absurdo, sabe? Nossa...

Carolina: Então dentro da própria esquerda também existia essa resistência. Tem uma discussão assim, eu li algumas coisas recentemente, que falam assim: ah o feminismo então... a gente não pode pensar num feminismo de direita, só no feminismo de esquerda. E aí, pensando que existia essa discussão dentro da própria esquerda, como que você vê isso, assim? É possível pensar num feminismo de direita, pensando, tipo, em sei lá... eu sou de direita, pensando em pautas econômicas, mas eu tenho um pensamento feminista em relação a direitos da mulher, tudo mais... Pra mim é um pouco confuso, eu não consigo...

Amelinha: É, é confuso, mas é possível, sabe?

Carolina: É possível?

Amelinha: É possível, por que? O feminismo, que é essa opressão das mulheres, que ele traz muito gritante isso, é isso que move né? As mulheres burguesas de direita também são oprimidas, entendeu?

Carolina: Sim.

Amelinha: Então, quer dizer... e por outro lado hoje, por exemplo, eu acho que elas são, elas vêm até, porque o projeto político hoje é da extrema direita, elas também querem participar. Então elas usam da nossa bandeira...

Carolina: Pra isso...

Amelinha: Pra convencer os homens, que elas têm que estar à frente. E manipuladas, é claro, né. É um feminismo, digamos assim... não é um feminismo, mas elas se utilizam, né?

Carolina: É como se utilizassem do termo e adequa-se o termo pra elas...

Amelinha: Do termo e do conteúdo. Uma mulher de extrema direita e uma fundamentalista, até evangélica, muitas vezes ela precisa fazer um aborto também.

Carolina: Sim.

Amelinha: Tá entendendo? Então elas jogam e eu acho que elas jogam com essa experiência, com a nossa luta e... né? Porque na verdade o feminismo beneficia a toda a humanidade, homens e mulheres, né? E todas as mulheres, evidentemente. Então elas também, oportunisticamente, né? Seria mais um feminismo de oportunismo, né?

Carolina: Entendi. E, assim, vocês tinham um consenso sobre o que era essa definição de feminismo? Entre as trinta mulheres.

Amelinha: Nós tínhamos. Pode ser o conceito que eu tenho hoje, você tem, mas a gente tinha.

Carolina: E qual era?

Amelinha: Não, era... a gente trabalhava com a luta de classes e com a luta das mulheres. Tanto é que era luta geral e luta específica, né, que chamava, né. Porque não tinha esses termos, gênero... Mesmo a categoria raça não tava incorporada na discussão política, né, no repertório político daquele feminismo ali. Mas a questão de classe estava muito forte. Então era classe e mulher. Então era mulher trabalhadora. E o que que difere uma feminista de qualquer outra mulher, que é trabalhadora, que é da classe... é a questão do aborto, era isso que definia. Se ela defendia a legalização do aborto, então ela é feminista, se não defende, não é... você entendeu?

Carolina: Entendi.

Amelinha: Era muito prático, né? O feministômetro.

Carolina: Hoje já acho que tá um pouco mais difícil.

Amelinha: Mas hoje tá mais complexo. Não, eu tô falando naquela época. Porque que eu sou feminista? O que que difere? Nós fizemos muita discussão, eu falo esse período aqui, de 75 a 80, é o período que a gente vai divulgar e criar argumentos pra mostrar que o feminismo é necessário.

Carolina: Agora assim, entrando um pouco mais na temática que eu comentei com você, que é o foco do meu trabalho assim. Pensando em tudo que a gente conversou, você falou sobre os temas, né, até que vocês tratavam, até assim o que a mulher da periferia queria, né, nessa discussão. Em algum momento essa pauta da prática esportiva, do esporte em si, tendo ele sua função social, o esporte como espaço político, alguma coisa assim, surgiu de alguma forma? Porque a gente tem naquela época o futebol, as mulheres sendo proibidas de jogar até 79. Então assim...

Amelinha: Até 83, né? Acho que elas vão poder é 83.

Carolina: É, é que é assim... tinham alguns campeonatos, mas era tudo...

Amelinha: Era tudo amador e quase que periférico...

Carolina: Isso. Mas oficialmente...

Amelinha: Era 83, é...

Carolina: E aí, assim, essa discussão apareceu em algum momento ou era alguma coisa que tava mais vinculada a uma elite assim, pensando no esporte... quem eram as mulheres que praticavam esporte...

Amelinha: Todo mundo é elite, que tá pensando... porque nós fomos um grupo, digamos, de elite também, né? Que pode ou mesmo não podendo, se reúne o dia inteiro pra discutir feminismo. Que a gente trabalhava de segunda à sábado e domingo a gente tirava pra discutir o feminismo. E a gente tinha que lavar roupa, a gente tinha filho pra criar, igual toda mulher... Então, quer dizer, já era especial, né? Agora, a gente discutia a questão de o futebol feminino ser proibido e isso era uma discussão que ficou mais presente não no jornal, ela ficou mais presente aqui no teatro da Ruth Escobar, aqui que discutiu mais, eu me lembro, né. Mas tudo isso a gente discutia genericamente, agora eu acho que a grande discussão... O que eu acho interessante é que tem até no Nós Mulheres, tem a corintiana, né, aquelas mulheres corintianas....

Carolina: Sim, sim.

Amelinha: Quer dizer, mulheres que vão e tomam iniciativa de ir ao futebol, e isso que eu acho interessante, se quer uma discussão porque eram raríssimas mulheres, sabe? Porque era lugar de homem, mesmo. Aliás, é ainda né? E tem uma ou outra mulher, são raras as mulheres, que vão participar, né. Assim, da torcida. Esse acho que era a grande discussão do momento, sabe?

Carolina: Entendi.

Amelinha: Não é nem de jogar bola.

Carolina: É de estar presente ali.

Amelinha: É de poder acompanhar o jogo ali, presencialmente, participar, ver, torcer pelo seu time, ter um time, né? Acho que é a discussão...

Carolina: Mas isso assim, eu não encontrei registros na imprensa, assim.

Amelinha: Não, isso não era pauta.

Carolina: Nessa imprensa feminista. Isso não era pauta? Não era pauta de vocês, era só uma discussão pensado assim no dia a dia, na prática...

Amelinha: É, no dia a dia...

Carolina: Entendi. E até comentei aqui assim, se era um esquecimento sobre essa temática ou se, por conta de todo o momento, né, da censura, vocês passaram por luta armada, tortura e tudo mais... era como se essa pauta fosse uma pauta assim, esquecida, ou vocês não tinham consciência de que havia necessidade de pensar no esporte como esse espaço político e tudo mais?

Amelinha: Olha, o que se discutia naquela época era questão política, a questão da anistia, a questão da censura, a questão da acaristia de ebili, que era terrível, entendeu? Então quer dizer, você ficava o tempo todo voltado pra isso... O que é ser mulher dentro desse contexto? Então uma mulher que não tem creche, uma mulher que ganha um salário menor do que o dos homens, isso era muito mais discutido, porque isso aí era luxo, né?

Carolina: É, então...

Amelinha: Esporte era um luxo, quer dizer, a gente... era uma coisa que não dá pra discutir. A pauta não cabe, não dá tempo, entendeu? É luxo. Então não é a preocupação, embora seja uma necessidade vital, né? Porque isso é uma coisa vital, como se discutia a música, mas não era...

Carolina: Entendi. E como que você vê assim, essa abertura pra discussão do esporte e outros temas, né, que foram vindo depois assim? É uma superação de algumas pautas e que abrem espaço pra essa ou são feminismos que vão surgindo e possibilitando discussões diferentes, né, pensando em vertentes diferentes. Como você vê isso?

Amelinha: Eu acho que o feminismo tinha um... que as primeiras feministas dessa época, que somos nós, a gente carregava um peso muito grande nas costas, muito

grande. E eu acho que na medida que foi crescendo, muitas mulheres, foi diversificando, então as pautas também. Foram incorporadas pautas que só enriqueceram o feminismo, eu vejo assim, né. E acho que ótimo. Espero que cresça cada vez mais, porque ainda tem muita pauta a ser...

Carolina: Sim, sim. E como você vê a principal diferença... eu acho que a principal diferença entre a imprensa feminista dos anos 70 ali e a imprensa feminista que a gente vê hoje?

Amelinha: Qual que é a de hoje, me fala?

Carolina: Então, isso que eu ia comentar. A gente até comentou assim que existem alguns meios de comunicação, alguns veículos que tem abordado algumas pautas feministas, mas eu não vejo isso como um posicionamento. Eu vejo como uma coisa mais comercial, assim, de alguns veículos.

Amelinha: Ah isso aí é comercial, é.

Carolina: E aí tem alguns blogs, a gente tem... então que vem de coletivos, por exemplo. Então, sei lá, a gente tem o Olga, o Think Olga, tem a revista que é AzMina, ali nas redes sociais. No caso desse blog que eu analiso, não sei se você já teve contato, já chegou a ver, o blog chama Dibradoras e elas focam só no esporte. E elas, toda pauta vem por essa perspectiva de gênero. Então existe uma discussão feminista em cima de todo assunto que elas tratam ali. Então elas também falam sobre igualdade salarial, sobre a questão dos estereótipos, a maternidade, a sexualidade da mulher, essas discussões dentro do esporte. Então, assim, é uma mídia, uma imprensa feminista ali, mas bem... um recorte bem verticalizado assim. E existem algumas outras, alguns outros blogs, principalmente, que tratam de assuntos mais variados e se posicionam dessa forma. Se posicionam como mulheres feministas fazendo uma cobertura feminista. Aí eu queria saber assim, como que você vê? Se você enxerga essa mídia como feminista realmente e qual a principal diferença assim entre o que elas fazem e o que vocês faziam assim.

Amelinha: Não, eu acho que é uma mídia feminista, não tenho dúvida, né. Agora, não conheço a metodologia usada, porque a nossa metodologia era uma metodologia altamente pedagógica. Isso é que eu acho que... Porque a gente trabalhava com toda a esquerda, né, porque era de A a Z. Os grupos de esquerda, todos trabalharam ali. A gente apresentava as diversas ideias da esquerda, porque todo mundo vinha de um grupo, mas a gente fazia uma discussão até apurar, assim, até tirar uma pauta para o jornal. O processo demorado, forte, intenso, presencial, ninguém ficava discutindo no whats app, que nem existia, entendeu? Então eu acho que nós construímos a imprensa feminista de uma forma muito visceral, muito física, muito artesanal, muito envolvida. Não é essa, né... E a gente praticamente discutia toda a conjuntura pra tirar dali o que interessava pra nós, entendeu? Então eu vejo agora assim, a mídia feminista hoje é fruto do próprio movimento. O movimento é grande, mas ele é disperso. Então tem aquele grupo ali que discute futebol, tem aquele ali que discute aborto, tem aquele ali que discute a negritude, outro ali discute os imigrantes, o outro vai discutir LGBT, entendeu? E a pauta, eu quis dizer, não volta para a conjuntura e depois você tira ali o LGBT. O LGBT já vem ali pra você, então você acaba tendo uma discussão. E eu tava vendo, às vezes eu escuto... eu participo de muita palestra e tal, às vezes você tem a impressão que você vai pra um lugar e o mundo inteiro é LGBT, você vai na outra e o mundo inteiro é negro, você vai na outra e o mundo inteiro é a questão do aborto, todo mundo, entendeu? Não tem uma discussão, não tem diálogos.

Carolina: Uma discussão que se intersecciona assim, você fala?

Amelinha: Não tem os diálogos entre as pautas, sabe? Você não vê. Sabe, as pautas se dialogando, né? E nós tínhamos muito isso, porque nosso grupo era único, pequeno e concentrava e diversificava.

Carolina: É, isso que eu ia falar... era um grupo diversificado, mulheres que assim trabalhavam em coisas diferentes, mulheres de classes sociais diferentes?

Amelinha: Mais ou menos diferentes, não era tão, mas era também. Mas era de pensamentos diferentes, de históricos diferentes, você entendeu? Bem diferentes, as ideias bem diferentes. Então você tinha que discutir muito. Pra mim, uma trabalhadora rural era importante estar nesse jornal, a pessoa: mas ela nunca vai ler esse jornal... Ela não vai ler, mas acho que a trabalhadora urbana que lê, tem que saber que ela existe. Então isso eu tinha que argumentar, eu tinha que mostrar como é que eu ia fazer, como é que você vai levantar essa informação numa ditadura? Então é, era outro, é o processo difícil...

Carolina: Diferente.

Amelinha: Hoje o processo é rápido. Eu vejo o Trump falando uma besteira e tem aquela jogadora lá maravilhosa que eu não sei o nome, aí ela vai e fala, você põe lá.

Carolina: Daí a boa já tá...

Amelinha: E pronto, né?

Carolina: Sim.

Amelinha: Você põe lá sua opinião, faz a matéria, acabou, resolveu, né? Eu acho que hoje tem muita informação e falta essa reflexão articulada, que às vezes você até faz uma reflexão, mas isolada, né? Isso que tá faltando...

Carolina: E de certa forma isso também reflete na própria militância, né?

Amelinha: É, na militância, na mídia...

Carolina: Na maneira como a militância acontece hoje, também é diferente de como acontecia antes.

Amelinha: Muito.

Carolina: É mais, será que é mais solitária assim? Não sei...

Amelinha: Hoje?

Carolina: É.

Amelinha: Eu acho que ela é mais sofrida, né, nesse sentido, é. Porque a nossa era difícil, era pesada, todo mundo... nós vamos carregar aquele saco de sessenta quilos, mas todo mundo vai levantar, entendeu? Mas pra levantar aquilo ali, você tem que pensar a outra, a outra... Agora não, todo mundo: tá, pá, pá, pá..., mas... e eu acho que é uma solidão que tem horas que dá. Eu sinto, eu sinto muita falta do presencial, eu sinto, muita falta.

Carolina: Tá acabando já. A gente usa muito a palavra empoderamento, né? Eu vejo hoje que essa palavra ganhou, a definição dela, a essência dela, já meio que se perdeu assim um pouco. Ela é mais uma, um pouco banalizada às vezes, o próprio mercado se apropriou da palavra, ela foi meio capitalizada assim. E eu queria saber o que que você entende por empoderamento? Se vocês discutiam esse termo, se vocês utilizam esse termo nas discussões de vocês pra falar sobre o empoderamento de mulheres, ou se não usavam, ou se existia outro significado? Como que você vê o significado dessa palavra em si?

Amelinha: Essa palavra não existia, ela vem do inglês, né? E ela aparece depois de 95, depois da 4ª Conferência sobre a Mulher em Beijing. Ela parece, causa um estranhamento... eu não uso essa palavra e se eu usar, você pode me repreender. Eu acho que não tem o menor sentido, né. Essa palavra virou mercadoria, né? Às vezes eu vejo uma mulher falando: eu empoderei ela. Você acredita? Eu falei isso com ela, ela saiu empoderada. Eu falo: o que que é isso? Parece uma mágica, uma... sabe? Eu joga assim e te empoderei. Não! Não existe isso, isso aí é uma falácia, sabe? É uma palavra vazia, manipuladora. Pode ser boa lá no inglês, mas aqui no português ela é manipuladora, ela é totalmente falsa, mascara uma realidade, porque eu te empoderei a gostar de... mentira! Eu não te empoderei nada, você não tá empoderada nada, entendeu? Então mascara uma realidade, eu não uso essa palavra, eu acho terrível.

Carolina: É, eu acho que assim... de certa forma... eu acho que a maneira como ela veio, talvez ela pudesse ser utilizada de uma forma eficiente, no sentido de pensar coletivamente e tudo mais, mas eu acho que como tudo...

Amelinha: Não existe o coletivo, perdeu.

Carolina: É, eu acho que como tudo que a gente tem no mundo é meio capital assim...

Amelinha: É meio individualizado.

Carolina: Meio individualizado, a gente acaba individualizando também a palavra empoderamento. E assim, você acha que a informação, pensando na sua atuação dentro do jornal e hoje, mesmo nessa imprensa feminista que a gente fala, diferente e tudo mais. Essa informação, ela é capaz de mudar a realidade da mulher? A informação pela informação? Porque às vezes a mulher tem ali... ela lê, ela tem contato com uma realidade diferente do que ela vive, mas isso atinge efetivamente a realidade dela, traz uma mudança efetiva? No caso, né, que eu estudo a relação da mulher com o esporte, por exemplo. A mulher que vê, por exemplo, esse discurso da jogadora que a gente comentou, que é a Rapinoe, e lá com o Trump, esse posicionamento na defesa das mulheres LGBT e tudo mais... Você acha que a informação por si só, ela é capaz de transformar realidades, assim?

Amelinha: Ela pode transformar. Não acho que pode ser garantido pra todo mundo, porque cada uma pessoa recebe de uma forma, cada grupo, mas a informação é fundamental, né. A liberdade de expressão, a liberdade de acesso à informação é fundamental pra qualquer mudança. Eu vi mulheres que são violentadas, num grupo, fazendo reflexão sobre a violência, que elas sofreram. Mulheres bem pobres, mulheres assim de cortiço, periféricas, sabe? E elas estavam impressionadas com essa jogadora e elas comentavam o que elas viam: essa jogadora não sei o quê, eu queria ser igual a essa jogadora, viu? Quer dizer, isso...

Carolina: Elas se sentiram representadas também...

Amelinha: Estava motivando uma discussão interior e que elas externavam ali no grupo, né. Então mexeu com elas, entendeu? Então eu acho que uma jogadora que faz isso o que ela fez, ela traz muita força pras mulheres, aí fortalece essa vontade de mudar, né. É igual a Marta, também é uma referência, né.

Carolina: Sim, sim.

Amelinha: Agora teve outras aí, a Cristiane, né? Que foi uma mulher muito legal, então isso... eu acho que a informação, ela não é tudo, mas ela é fundamental.

Carolina: Sim. Então, de certa forma, as mulheres conseguem ver o esporte como esse espaço de luta política, de luta feminista mesmo. Assim como você falou, mulheres periféricas, mas que tem acesso a algum tipo de informação e transformam aquilo como uma... não só uma... não sei se uma força, um estímulo, não sei...

Amelinha: Eu não digo que elas são uma luta feminista, que é uma luta que elas vão entender isso como uma luta política, não sei o que elas vão entender, mas meche com elas. Ela tá fazendo uma coisa que eu podia estar fazendo também ou eu podia estar tentando, entendeu? Então quer dizer, há uma identidade naquela fala, né? E aquilo é uma porta pra você mudar, entendeu? Eu posso sair desse buraco que eu estou, que se torna ali um caminho, entendeu? Se ela fez, ué, por que que eu não posso? Eu acho que dá aquele ímpeto, né? A informação te impulsiona, né.

Carolina: E pensando no acesso assim a essa informação, hoje a gente tem a internet em praticamente todos os... né, dominando, tipo, muitos ambientes, assim. Mas a gente ainda tem muitas pessoas que não tem acesso, né, a internet. Você acha que a internet pode ser considerada um... positiva assim, totalmente positiva em relação a disseminação dessas informações ou você acha que a gente tem uma ideia de que todo mundo está sendo atingido e na verdade não, assim. Eu falo do acesso mesmo, porque essas mulheres tem ali

algumas restrições, mas elas devem ter tido contato com essas notícias através da internet, né? Que na TV a gente não teve tanta... teve uma ou outra matéria, mas não nesse sentido de repercutir o que essa atleta fez, especificamente. Mas você acha que, por exemplo, o que vocês faziam atingia numa proporção X, se existisse a internet naquele momento, seria numa proporção... maior.

Amelinha: Ah, muito maior.

Carolina: Maior e tudo mais?

Amelinha: Lógico, a internet... eu tô aqui na minha casa, eu tô vendo, você entendeu? É diferente de eu ter que sair lá, ter que conversar, ter que discutir. Não, facilitou muito. Não é à toa que o movimento hoje é muito maior, porque tem uma tecnologia de informação, ela é muito mais avançada, né? Ela, ela... pra mim, é fundamental, não tem como, nem me imagino viver sem internet, né? Agora, não é tudo... como faz falta esses grupos de reflexão, né, presencial, isso faz.

Carolina: É que eu fico pensando assim. Existem algumas críticas em relação a internet, porque por a gente ter essa realidade do acesso fácil, às vezes a gente pensa que todo mundo tem ali internet o tempo inteiro. E se a gente vai em algumas comunidades, alguns estados, sei lá... nordeste, por exemplo, a internet não chega pra todo mundo e aí, eu não sei, às vezes eu fico pensando se a gente vive uma ilusão, sabe? De que tá sendo todo mundo sendo atingido pela informação que a internet é capaz de levar ou se é só um processo assim, de que isso tá caminhando e vai chegar a outras pessoas, por exemplo.

Amelinha: Não, tem isso que você tá colocando, o fake news que é muito mais forte na mídia...

Carolina: No online, ali...

Amelinha: Essa mídia, como é que fala? De internet, né? Rede social, mais forte. Tem muita facilidade em deturpar a informação, a informação vem destruída às vezes

ou vem distorcida, né? Não, tem uma série de problemas, mas isso tem, né? Mas ela facilita, ela facilita mais do que traz problemas, eu acho. No meu modo de ver, na minha avaliação. Agora, sempre você tem que ter a reflexão porque você tem que fazer uma leitura crítica de tudo isso. Não é só receber e se tem isso, dá trabalho. Isso exige um tempo, né? Então... exige o tal do trabalho presencial, né, que ninguém substitui. Que isso também era uma coisa que a gente fazia no Brasil Mulher. Eu levava, como eu te falei, cento e cinquenta jornais eu vendia, mas eu tinha o compromisso de voltar lá, escolher matérias junto com elas: quais matérias vocês querem ler? Coletivamente, em voz alta. E lia aquela matéria e discutia.

Carolina: Entendi.

Amelinha: Entendeu? E isso, quem é que faz isso hoje? As pessoas não querem nem... você lê a primeira frase e eu tô fazendo um trabalho, eu queria até que a Joice viesse, a Joice e o pessoal lá de Botucatu. Que é o livro da Heleieth Saffioti, esse ano tá fazendo cinquenta anos que foi publicado: A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Você conhece a Heleieth Saffioti?

Carolina: Aham.

Amelinha: Então, menina, pra estudar aquilo... eu tô fazendo com o pessoal na aula.

Carolina: Sim, suado.

Amelinha: É suado, não é fácil, porque nós não temos o hábito de ler, ler.

Carolina: Sim, sim.

Amelinha: E discutir e parar pra ficar discutindo.

Carolina: É, eu acho que é isso que a gente falou mesmo, da solidão, né? Da individualização parece, tipo, do feminismo e das discussões né?

Amelinha: E da pressa, né?

Carolina: Também.

Amelinha: Muita pressa. Você tem que estar sempre chegando e chegando num lugar, você tá atrasado, chega no outro tá atrasado...

Carolina: Sim.

Amelinha: Nossa, então não dá tempo de ler não.

Carolina: É.

Amelinha: É uma coisa pesada.

Carolina: Ai, acho que é isso assim... é, me ajudou com o que eu queria saber em relação a essa questão do esporte mesmo, porque eu achava... o que eu pensava em relação a isso era o que você falou assim, de terem outras pautas mais urgentes, de isso ser discutido mais internamente mesmo, mas era só o que eu achava, né? Então eu precisava saber se era realmente isso que acontecia e por que que não aparecia, né, essa discussão nos jornais assim... jornais considerados feministas, né? E sobre a palavra empoderamento que eu tinha muita curiosidade assim, porque é uma palavra que a gente usa muito, é um termo que a mídia feminista, né, atual usa muito e que, assim, o qual é de fato o significado dessa palavra e o quanto...

Amelinha: É mercadoria, né? Eu tô vendendo o empoderamento pra você.

Carolina: É, eu até comentei... tipo assim, ah...

Amelinha: Compra tanto, é pronto e acabou.

Carolina: Sim, eu comentei com uma amiga hoje que, ah, uma palestra: mulheres e empoderamento. Aí colocam mulheres que vendem alguma coisa,

né, tipo, tá sempre vinculado a alguma marca, algum produto, e classifica aquilo como empoderamento, mas na verdade não é, né?

Amelinha: Não é, não. É falsificado.

Fim da entrevista

Entrevista: Jorge Corrêa
Referência: Ex-editor UOL Esporte
Método: feita pessoalmente
Data: julho/2019
Duração: 23 min

Carolina: A gente conversou, né, da outra vez, eu perguntei pra você se você achava que o que as meninas faziam no Dibradoras era algo pioneiro mesmo. Eu queria saber se depois desse tempo, né, acompanhando as coberturas que elas têm feito, se você consegue reafirmar isso, que realmente é uma cobertura pioneira dentro do esporte, pensando na questão do gênero. E o que você destacaria assim de evolução na cobertura delas.

Jorge: É, mantenho. É muito pioneiro e mais que... E o pioneirismo delas... E é muito simples de destacar o pioneirismo, né. É dar o exemplo da Renata mesmo, que tinha o Dibradoras e aí depois veio pra cá, pro UOL Esporte, e hoje em dia tá no SporTV fixa. É, ela durante a cobertura da Copa, ela participou da transmissão da SporTV, ela tinha coluna na Folha de São Paulo. Então acho que isso demonstra muito sobre o pioneirismo delas. Eu acho que a principal evolução do trabalho delas é tratar o futebol feminino sem coitadismo. Eu acho que é assim, é muito fácil, na realidade não é muito fácil... é, tratar o futebol feminino com coitadismo foi um amuleto utilizado durante muitos anos. Na verdade, até a última Copa, até a Copa de 2015 era mais ou menos isso: ai, a história de superação, sofrimento....

Carolina: Sim, sim...

Jorge: Ainda se escorrega um pouco nisso. Tipo, sempre que você vai falar da Marta, por exemplo, você vai falar da menina que saiu do interior... E eu acho que as Dibradoras, elas conseguiram dar, passar um verniz de mainstream pro futebol feminino, tratar o futebol feminino da mesma maneira em que a gente trata qualquer outro, qualquer outra, qualquer outro esporte, qualquer outra modalidade ou mesmo o futebol masculino. É claro que elas continuam apontando as situações ruins do futebol feminino, que não são poucas, mas é muito mais uma questão de cobrança, do que necessariamente de dar essa ideia de tipo: olha como elas precisaram se superar... ai coitada que elas são.

Carolina: Sim, do sofrimento assim....

Jorge: Exato, exato. Acho que, e graças a elas, nós do UOL Esporte como um todo, conseguimos superar isso.

Carolina: É, então, até ia questionar isso assim. Não só as meninas têm feito esse tipo de cobertura, mas eu percebi que na própria cobertura do UOL, vocês tem trazido algumas matérias assim, provocando um pouco mais de reflexão e trazendo um pouco mais desse, desse diferencial assim. Vocês já têm uma... assim, uma... como medir essa aceitação acompanhando o...

Jorge: Eu acho que assim, a gente fez um trabalho de base pré-Copa do Mundo. Primeiro, essa não foi a primeira Copa que a gente cobriu in loco, a gente não cobriu a de 2015 porque foi junto com o Pan Americano, também foi no Canadá, e o Pan Americano era importante pra gente porque era o Pan pré-Rio de Janeiro, então a gente optou por dar foco no Pan. Mas, por exemplo, a de 2011 a gente cobriu in loco. Mas, eu acho que essa cobertura o que a gente bebeu desse aprendizado das Dibradoras.... E aí a gente aproveitou a Ana Carolina, que era uma repórter nossa que já também tinha essa base de futebol feminino e usou esse potencial pra isso, usou esse espaço que as Dibradoras abriram e fizemos uma cobertura, uma cobertura também muito focada na competição assim. Acho que deu... e o retorno foi muito bom. A gente teve o retorno de audiência e de visibilidade, foi muito bom. As pessoas se interessaram. Os nossos placares ao vivo, por exemplo, deram muita audiência. Então as personagens deram muita audiência, sabe? As pessoas se interessaram pela Rapinoe, sabe? Se interessaram de novo pela Alex Morgan, mesmo as jogadoras da Holanda, as jogadoras da França. Então acho que...

Carolina: E você acha que vai conseguir transferir isso pro Brasileirão agora?

Jorge: A gente vai tentar. Agora é muito mais uma questão de tentativa. É, a gente... por exemplo, começamos a noticiar mais as contratações e aquela questão é: mesmo na situação de Brasileirão, as Dibradoras vão continuar trazendo essas informações. Então, assim, é o momento de avaliar, a gente tá já noticiando mais.

Infelizmente, ter que trazer notícias ruins, por exemplo, hoje da Emily Lima mostrando as jogadoras do Santos dormindo no saguão do hotel, mas assim a gente vai continuar noticiando. As grandes contratações do futebol brasileiro e do futebol internacional, a gente vai continuar noticiando. Então é isso, agora é um momento de avaliação, mas, por exemplo, a gente tá mantendo o nosso, o pé no acelerador, a gente não freiou.

Carolina: Então você até comentou, né, que vocês tinham passado por uma mudança de posicionamento, né, em 2016, depois das Olimpíadas. E vocês vêm mantendo também essa, essa mudança... E você consegue me dizer assim se teve alguma adequação de lá para cá, se vocês tiveram que, agora estão mantendo o pé no acelerador, em algum momento vocês pisaram o pé no freio, tipo, com relação a cobertura?

Jorge: Não, não, é isso. Porque a gente ainda tá nesse momento, a gente ainda tá, entre aspas, na ressaca da Copa do Mundo. A Copa do Mundo acabou não faz nem dez dias. E a gente tá mantendo ali, por exemplo, a gente continua fazendo as nossas rondas, continua fazendo... por exemplo, onde nós buscávamos material de, da Copa, a gente continua, continua no nosso radar. A gente não pegou e limou tudo. Então a gente vai continuar olhando, vai continuar olhando o Campeonato Americano de Futebol, a gente vai continuar olhando o que as principais jogadoras da Copa vão estar fazendo, vai continuar olhando as coisas que a CBF vai fazer e...

Carolina: É, você falou nessa questão do coitadismo em relação ao futebol feminino e a gente sempre trabalha assim com heróis, heroínas, a pessoa saiu do nada, tudo mais... mas também eu achei assim que nessa Copa foi além disso, trouxe um olhar mais humanizado, mas também conseguiu apresentar, que nem você falou, as dificuldades só que sem aquela... sem diminuir, mas assim colocando as meninas como profissionais e tudo mais. Você acha que esse pode ser um caminho pra outras modalidades também, que ainda patinam um pouco em relação as meninas, tudo mais...

Jorge: Sim, eu acho que... a grande.... o Brasil vive muito... o interesse esportivo do público brasileiro depende muito de resultado. Querendo ou não, o Brasil é basicamente um país monocultural em questão de esporte e é muito difícil estourar essa bolha. E os melhores momentos, as melhores condições pra você estourar essa bolha são quando você tem vitórias e conquistas e as grandes competições. O futebol feminino foge um pouco... o futebol feminino, apesar de não ter nenhuma conquista relevante há muito tempo, contou com outras ajudas, tipo, por exemplo, a Globo abraçar a Copa do Mundo. Então eu acho que o caminho, o caminho é muito mais, tem que vir muito mais da base assim pra outras modalidades. Eu acho que a gente precisa, de alguma maneira, buscar resultados, o que é muito difícil, mas... deveria ser ao contrário, né? Você investe pra ter resultado, só que aqui no Brasil você precisa ter primeiro o resultado pra depois, ter investimento. Então o Brasil tem essa esquizofrenia, essa esquizofrenia. Mas as modalidades, elas ainda precisam muito desses personagens, desses heróis, desses campeões, de títulos e resultados.

Carolina: Tem que ser uma mescla, né, das duas coisas assim, então...

Jorge: Sim, é, você ainda precisa encontrar...

Carolina: Personagens para...

Jorge: Sim. E investimentos, achar empresas ou situações que valham o investimento, apesar do resultado.

Carolina: Entendi. Você comentou que aqui no Brasil, os grandes eventos também dão essa visibilidade. Você acha que, de certa forma, o Dibradoras surgiu em 2015, elas aconteceram mesmo durante as Olimpíadas de 2016. Você acha que se as Olimpíadas não tivessem sido no Brasil, por exemplo, talvez essa visibilidade não tivesse atingido grandes proporções?

Jorge: Elas aproveitaram a alavanca que elas tiveram. Talvez elas teriam demorado mais pra aparecer, mas não tem como negar que o fato de ter sido no meio da Olimpíada ajudou bastante. Porque é isso, tá todo mundo falando disso, sabe? Tá

todo mundo olhando pra isso, as pessoas já olham muito pra Olimpíada, agora, mas uma Olimpíada no Brasil? Então, foi o palco perfeito nesse sentido.

Carolina: E pensando nessa linha de humanização, tudo mais, a gente usa muito o termo empoderamento, só que ao mesmo tempo esse termo, ele tem diversos significados, às vezes ele se capitaliza muito.... Eu queria saber o que você entende com esse termo de empoderamento e se você acha que, pensando na base do que é o significado dessa palavra, que é transformar de maneira coletiva, tudo mais... Você acha que o trabalho que elas realizam foi capaz de empoderar meninas, tanto que estão conhecendo o esporte, até mesmo as atletas ali dentro da Seleção, por exemplo. E de maneira geral, você acha que a informação pela informação mesmo é capaz de gerar essa transformação?

Jorge: Acho que empoderamento pra mim é isso, a pessoa ter total noção do poder que ela tem nas mãos, sendo ela própria, seja... e coletivamente isso é mais forte, você consegue acelerar o processo de empoderamento, quando... de maneira coletiva é mais difícil você se empoderar sozinho num ambiente estranho. E eu acho que faz todo sentido, eu acho que é porque é isso, né, quando você joga luz pra uma classe inteira, organizada que nem as Dibradoras jogaram, as jogadoras começam a perceber que elas têm esse espaço, seja dentro da estrutura futebol, seja com o público em geral. Isso sim, dá esse poder pra elas. Eu acho que as Dibradoras ajudaram bastante nesse sentido, porque é isso, porque acho que elas colocaram, acho que elas conseguiram tirar o futebol feminino do nicho, elas conseguiram levar o futebol feminino para um local mais mainstream. Faz toda diferença pra você ter objetivos maiores, como conquistar grandes patrocínios, grandes investidores.

Carolina: E assim, pensando nessa questão do empoderamento de mulheres dentro do esporte, você consegue enxergar o esporte como um ambiente político assim, de lutas, de... seja pra tratar de racismo e homofobia. Porque existe muito assim: ah, não dá, tem que separar as coisas, mas ao mesmo tempo o esporte, na história do esporte, ele sempre foi um espaço social e tudo mais...

Jorge: O esporte é cem por cento político. Quem considera, quem acha que o esporte não deve ser político, está assim, na minha opinião, está completamente errado. O esporte é palco de mudança social, o esporte pode ser palco pra qualquer tipo de revolução, pra qualquer tipo de discurso, acho que o esporte tem e deve ser usado... o esporte pode ser a alavanca social pras pessoas. Eu acho que quem tá dentro dele, deveria ter essa consciência, de que ele tá num lugar em que ele tem condições de usar o seu próprio privilégio pra trazer outras pessoas pra dentro, pra dentro dessa posição.

Carolina: A gente vê assim, né, a gente viu a Rapinoe nos Estados Unidos, você acha que aqui no Brasil, tipo, talvez esse despertar da Marta nessa Copa possa impactar de alguma forma?

Jorge: Deveria, mas não vai, porque eu acho que a Marta escolheu o alvo errado. A intenção pode até ser boa, mas a execução acho que foi, uma opinião minha sobre esse assunto, achei que a execução foi muito ruim, pra mim o discurso dela foi focado nas pessoas, nas jogadoras, ao invés dela focar na estrutura, na base. Ela não criticou o treinador, não criticou a CBF, não criticou a direção, sabe? Como se as culpadas fossem as jogadoras assim. Eu acho que assim, óbvio... ah beleza, tem que jogar concentrado até o final, beleza, isso é fácil, só que... que estrutura elas tiveram pra isso, que preparação elas tiveram pra isso? Acho que na verdade a Marta tá muito aquém do que ela poderia fazer pelo futebol feminino, muito aquém.

Carolina: Pensando até no cargo que ela ocupa na ONU.

Jorge: Exato, assim, pela pessoa que ela é, cara, a maior vencedora de bolas de ouro da história. Ela é a maior jogadora do futebol feminino de todos os tempos, mesmo sem título mundial, mesmo assim ela é. E ela faz muito pouco pelo macro assim, sabe? Ah beleza, ajuda aqui, ajuda ali, ela não destrói, mas também constrói muito pouco assim, pelo que ela é, pela posição que ela ocupa. Acho que falta isso da Marta assim.

Carolina: E pensando assim, uma última pergunta... como você vê, tipo, uma projeção mesmo, né, pra daqui, sei lá, uns dois, três anos, esse tipo de cobertura que as meninas fazem e que vocês têm adaptado. Chegando com mais espaço em outras mídias, por uma demanda assim, tipo, de necessidade mesmo, tipo, de quem consome ou você acha que isso vai, tipo, vai aparecer quando tiver os grandes eventos e some...

Jorge: Não, é, assim... eu acho que vai acontecer um crescimento orgânico, mas ele vai ser mais lento do que poderia, do que deveria. O investimento, não tem como negar assim, a CBF investiu, melhorou e organizou, só que ainda é muito pouco. Os valores investidos no futebol masculino e feminino é assim, chega a ser vergonhoso. Vai crescer muito por demanda de público, do público. Acho que assim, o estalo foi feito nessa última Copa, não tem como negar. Foi diferente, o clima foi diferente, a situação foi diferente, o interesse foi diferente...

Carolina: E você acha que tem algum motivo assim, é só uma questão de pensamento das pessoas...

Jorge: As pessoas não conheciam, as pessoas não conheciam, as pessoas não viam. E é uma bolha a ser quebrada, sabe? É saber que aquilo, assim as pessoas finalmente... Cara, é isso, querendo ou não, não tem como negar apesar de todos os problemas, estar na Globo faz toda diferença, né. E aí, isso ajuda as pessoas a conhecerem e você precisa disso, as pessoas precisam ver, porque até a última Copa era só no SporTV, as pessoas não viam, sabe? E aí, acho que um chute final seria um título do Brasil. Tipo, o Brasil ganhar uma medalha de ouro na próxima, na Olimpíada do ano que vem, sabe? Vai crescer, vai crescer, vai ser rápido. Quer dizer, vai crescer, não vai ser rápido, mas não vejo nem estagnando, nem caindo. Acho que agora é pra cima o caminho.

Fim da entrevista

Entrevista: Aline Pelegrino

Referência: Ex-jogadora e ex-coordenadora do Departamento de Futebol Feminino da Federação Paulista de Futebol; atual coordenadora de competições femininas da CBF

Método: feito por Skype

Data: outubro/2019

Duração: 31 min

Carolina: O que você entende - não uma definição acadêmica, não uma definição conceitual - mas o que você acredita que é o feminismo do dia a dia, o que você considera ser uma mulher feminista e tudo mais.

Aline: Eu, assim... Nesse momento de se falar tanto em protagonismo feminino, em empoderamento e etc... Eu fico pensando e até em entrevistas, algumas coisas assim, e olho pra trás da minha história, quando com seis anos o meu pai falou que eu não podia jogar, e aí eu perguntei assim: por que não? E ele falou: não, você não pode jogar, o futebol não é pra menina, que seja... E aí eu me fiz a pergunta também e não fazia o menor sentido o que ele tava me falando. E eu fui jogar. E meu pai tava ali falando que eu não podia e eu fui jogar. E aí eu cheguei na quadra e os meninos não me deixavam jogar. Briguei por esse espaço, por jogar. Então, assim, tudo aquilo pra mim era muito natural: se os mesmos meninos que eu brinco de um monte de coisa, porque que eu não posso estar aqui nesse espaço jogando com eles? Então, sempre tive ali lutando pra conseguir jogar, seja depois com homens mais velhos e adultos, viam a gente como pirralhos, eu e os meninos. E o cara: ah não vai jogar. E eu queria dividir a bola tão forte quanto o cara e mostrar que eu queria jogar. Então, acho que a questão do feminismo, na minha vida pelo menos, foi uma série de coisas, desde seis anos de idade, literalmente, que veio entrando na minha frente como "não" e eu falava: peraí, por que não?

Carolina: Entendi... este questionamento, né?

Aline: Eu não sabia, com seis anos, que as mulheres tinham sido proibidas de jogar, não sabia de nada daquilo, mas pra mim não fazia sentido. Eu falava assim: mas, peraí, tem alguma coisa errada aqui, por que que eu não posso jogar? Qual que é o problema de eu jogar com os meninos? É uma coisa que eu gosto. E foi... o "não" foi

do meu pai, mas quantas meninas ali naquele momento, até hoje, veem esse “não”, mas não tem essa força do "por que não" e continuar fazendo. Pra mim era muito natural e agradeço por isso, que eu nasci meio virada já no Jiraya desde nova.

Carolina: Você já questionava, né?

Aline: Sim, mas pra essas meninas que não tem isso já, ali do natural, é importante a gente discutir, é importante a gente falar de feminismo, é importante elas verem exemplos, mas você não tem como colocar isso dentro de ninguém. Talvez seja isso que eu tô querendo te dizer, entendeu? É uma coisa que a pessoa tem essa percepção. Por isso, talvez, a gente tenha entre todas as aspás, brigas entre as mulheres de como essa mulher não entende a minha percepção. É cada um, você não tem como colocar isso dentro de ninguém. Então, pra mim foi tudo muito natural. Mas também não entendia a palavra feminismo. Eu fui entender a palavra feminismo depois de ‘véia’, com quase trinta anos na cara, numa roda de discussão. As pessoas ali falando, as mulheres falando de feminismo... E eu falei: puta, eu acho que eu sou isso aí, acho que eu sou feminista. Mas pra mim era muito claro isso, a vida toda pra mim, isso foi tudo muito natural, sabe?

Carolina: e você comentou, que você acha que já nasceu assim, com essa percepção. Mas você via outras meninas, outras atletas, também tendo esse posicionamento, mas sem entender? Eu falo dentro da sua carreira como atleta mesmo, como jogadora. Você via outras atletas, comentando ou se posicionando, mas sem entender que isso era ser, de certa forma, feminista?

Aline: Eu acho que, infelizmente, muito pouco. E olha que a gente fala que a minha geração, é uma geração que, entre aspás, brigou muito, levantou... comprou muita briga, digamos assim... mas olhando, pensando..., mas assim, aí é diferente essa questão dentro do clube, dentro do treinamento, dentro do jogo. Eu acho que a gente também tem que ter cuidado e dividir um pouco. Porque eu tô falando: vi muito pouco. Mas se eu for falar da história de cada uma delas é a mesma história que a minha. Todo mundo começou, jogou, brigou com a mãe, com o pai, com o tio, seja lá... Lutou por estar ali. Então assim, como é que eu vou falar que essas mulheres não são

feministas? Mas aí eu acho que a gente tem que entender as duas coisas. E isso me preocupa, essa confusão, não é uma confusão... é que eu acho que são coisas iguais, mas em contextos diferentes e em momentos diferentes. Então, assim, não necessariamente as atletas de futebol que estão dentro dos clubes, que estão na Seleção Brasileira, vão ser feministas por causa da sociedade. É tudo muito perto e tudo muito distante. Então, assim, a gente tem que tomar cuidado, porque se não uma coisa atrapalha a outra. A gente tá num momento muito importante de desenvolvimento do futebol feminino, mas eu acho que a gente tem que ter cuidado em o que a gente precisa desenvolver que é básico: então os clubes terem que ter o futebol das mulheres, os clubes darem as mesmas oportunidades, a gente ter um campo pra treinar, a Federação colocar campeonatos o máximo possível... Quer dizer, a gente não vai conseguir hoje, do dia pra noite, ter o mesmo número de competições que o futebol masculino. Mas a gente tem que ir galgando as competições femininas. Mas a gente também não pode pegar esse momento da sociedade, desse espaço da mulher, dessa redescoberta e atropelar as coisas, porque senão você não avança em nenhum dos lados. Nem lá na sociedade, nem aqui dentro da modalidade.

Carolina: Você acha que as mulheres que estão na gestão do esporte, como você tá hoje, assim... Você consegue ter essa percepção maior do que as meninas que tão começando, do que as meninas que tão dentro do campo, por exemplo? Você acha que dentro da gestão do esporte é possível falar mais sobre essas questões como - tô pensando assim, sempre dentro do conceito do feminismo, como algo que ultrapassa a questão de o que é necessário, mas também o que é os direitos que vocês estão lutando, enfim... - você acha que é possível falar mais de feminismo na gestão do esporte, por exemplo?

Aline: Eu acho que não necessariamente a gestão fala de feminismo. Eu tô falando de oportunidade, eu tô buscando equiparar as coisas. É o que eu falei...

Carolina: Atraso né, no caso...

Aline: Então, mas porque tem dez competições masculinas e a gente só tem duas femininas? A gente vai olhar o contexto histórico de uma coisa estar envolvida na

outra, mas não dá pra eu fazer a gestão por feminismo. Eu tô buscando oportunidade, eu tô tentando equilibrar as coisas. Então, é muito delicado. E acho que para as atletas, essa percepção, ela está ainda mais distante porque ela tá ali pra treinar, ela tá ali pra dar o resultado, é... pra cumprir o que o técnico ou a técnica tá falando. E aí, se você vai perguntar pra elas, atletas: ah, por que que você teve mais técnicos do que técnicas? E aí, vale a reflexão, mas eu acho que não dá pra gente pegar o feminismo, colocar como bandeira. Eu, como gestão; as atletas, como atletas; a técnica ou técnicos, como técnicos. Não dá, assim... São coisas que andam de forma paralela e em alguns momentos se unem, mas eu acredito que elas não andam juntas o tempo todo e nem tem como ser. Porque se não a gente se perde um pouco, se confunde um pouco. Eu não posso virar lá embaixo para o Presidente e falar: olha, as mulheres foram não sei o quê... e levantar um discurso feminista. Eu vou lá, como Diretora de Futebol, e dizer: Presidente, a gente precisa ter mais competição feminina. Ah por que que não tem? Por uma série de fatores. Então, no feminino, talvez a gente precise custear a arbitragem. Porque o poder financeiro dessas equipes é menor. Então a gente vai trazendo ali, que são quase ações afirmativas. E aí, só que você vai falar de ação afirmativa, remete a militância, o feminismo... Então, assim, é tudo muito delicado. Eu acho que a gente tem que achar essa linha aí, tênue, que é muito difícil. Porque eu acho que a gente se atrapalha...

Carolina: Que as coisas possam caminhar juntas, mas sem se atrapalharem, no caso...

Aline: Eu acho que tem um momento que essa linha, você vai mais pra um lado, e tem momentos que, estrategicamente, você tem que ir pro outro. Aonde eu acho que a gente tem que andar? No meio. Porque eu não posso descer lá embaixo na presidência e fazer discurso feminista. Falar: ai... Eu não preciso disso. Presidente, por que que a gente só tem tantas competições masculinas e não tem...? A gente precisa fazer coisas diferentes. Não dá pra tratar o diferente de forma igual e vice versa. Então, assim, tá tudo muito próximo, mas eu acho que a gente tem que, principalmente pra quem tá trabalhando pra desenvolver a modalidade, tem que tomar cuidado. Se não, a gente, nesse mundo polarizado, a gente perde, vai tudo

para o extremo e a gente tem que desenvolver. Diante desse cenário todo, pouco me importa, eu tenho que continuar desenvolvendo.

Carolina: E em relação, né... você comentou dos homens, chegar no Presidente e tudo mais... Como que tem sido esse dia a dia de galgar espaço, de apresentar, de conseguir o mínimo ali, assim... Eu sei que você está na gestão do esporte aí, super engajada. E eu queria saber um pouco do dia a dia, quais são as principais dificuldades que você tem enfrentado, assim... Em relação aos homens, eu falo.

Aline: Tá, eu tô, né... vamos lá... tô numa situação de privilégio. Eu vim pra uma situação de privilégio total, que é estar dentro de uma Federação Paulista, com a estrutura que tem. Tô a três anos, então, assim... a abertura que eu tenho hoje é, óbvio, que ela é diferente de quando eu cheguei. Mas é um espaço que você vai fazendo também, a Federação entender o que é esse futebol feminino, onde ele tava, onde ele tá agora, o potencial que ele tem pra chegar. Então, assim, não adianta a gente ter pressa, a gente vim com o pé na porta. Eu acho que, na gestão, não é assim que a gente avança. Então, eu tenho..., mas eu tenho essa noção de estar numa Federação que dá toda essa estrutura, todos os departamentos muito engajados, muito envolvidos. Frequenta a Federação muitos clubes, muitos presidentes, então as vezes o pessoal, a três anos atrás, não sabia quem eu era, lá no almoço. E os Presidentes falavam: olha, essa é a Aline, tá com a gente agora, vai cuidar do futebol feminino. Hoje os Presidente chegam lá: oi, Aline, tudo bem? Pô, tamo indo bem, hein, o time ganhou ontem... não sei o quê... Então, assim, é uma mudança, a gente tá passando por essa mudança juntos, homens e mulheres. Obviamente, que eu tenho uma percepção, imagino, diferente de um presidente de clube ainda do interior. Mas não adianta eu querer que ele me acompanhe, que ele esteja no meu ritmo. A transição pra ele vai ser um pouco mais lenta, mas a gente tem que estar interferindo e fazendo com que as pessoas mudem a percepção do feminino.

Carolina: E na Copa, a gente teve a Rapinoe se posicionando e parece que assim... existe essa articulação, existe uma união entre as atletas para que essa

articulação seja vista, em relação aos direitos da mulher no esporte, principalmente no futebol. Você acha que... porque que você acha que, aqui no Brasil, existe uma dificuldade, assim... nessa articulação? Eu acredito que seja por conta do histórico mesmo, do esporte aqui no Brasil, da história diferente, questões sociais, tudo mais... Eu queria saber, na sua opinião, porque que a gente tem essa dificuldade de articulação na luta de direitos dentro do esporte, porque que a gente tá começando, isso nos últimos anos a aparecer mais, porque não aparecia tanto, sabe?

Aline: Eu acho que essa dificuldade nossa, ela não é no esporte, ela é na sociedade. A gente não é um país que se une pra lutar por nada. A gente tem visto mais, obviamente, isso agora nos últimos anos, mas aí também é naquela coisa do extremo. Então, assim, qual que é nosso histórico cultural, contexto, país, de ser engajado nessas lutas, nessas causas? É muito pequena, até porque a gente acredita que não tem racismo, que não tem machismo, que não tem um monte de "ismo". Então, assim, a gente vive um país num contexto cultural, social, político, totalmente diferente dos Estados Unidos. Que também é polarizado, mas que você olha para o passado e tem tudo muito claro, as lutas, as causas, as minorias. Irem lá e ter essa força de se posicionar. A gente até faz, só que aí eu sei que tá tendo uma manifestação ou um ato, mas é tudo muito pequeno, porque é tudo muito dentro do nosso mundo. Então, infelizmente, essa é a nossa realidade. Até por uma questão de opressão grande, diferente do que é nos Estados Unidos, então assim...

Carolina: O histórico da Ditadura também...

Aline: É óbvio que você.... é, vamos falar de Martin Luther King lá atrás, caralho, quando ele foi pra rua, entendeu? Não foi sozinho. Aqui a gente tem essa coisa de botar um herói pra morrer por todo mundo. Isso eu não acredito, entendeu? A gente não vai junto. E aí essa minoria nossa, a gente sabe que não é uma minoria, ela é maioria. Só que a gente não consegue levar essa maioria lá pra brigar, pra lutar. Essa é nossa realidade. Porque que a gente faria diferente no esporte, porque que a gente acha que vai ser diferente no esporte? É uma questão histórica, cultural nossa, que tá mudando, mas que vai levar muito tempo. Então, também não acho que dá

pra gente esperar ou achar que é isso que vai fazer qualquer mudança. As mudanças, elas estão acontecendo, no dia a dia cada uma ali, mas porque que é mais lento? Porque é a nossa cultura. A gente não vai todo mundo, a gente vai um aqui, põe a carinha pra bater... o outro lá... Então, assim, ah... a Marta teve um discurso ali no final da Copa, que né... cada um vê de um jeito, mas que é um posicionamento, só que é um posicionamento pensando numa coisa nossa, muito menor. Ali você vai e faz um discurso pra falar para o mundo todo de... Então, assim, são coisas diferentes, não dá pra comparar, não dá pra falar que: a Marta devia estar fazendo mais, a Pelle devia estar fazendo menos. Então, assim, é um contexto muito diferente, eu acho que a gente vai do nosso jeito, a gente tá melhorando, mas não dá pra cobrar isso do dia pra noite. A gente não consegue no esporte, como a gente também não consegue na política, não é exclusividade do esporte.

Carolina: Sim... Esse posicionamento da Marta, né... o discurso dela, você acha que pode ter sido uma virada de chave, nesse sentido, das atletas se posicionarem mais? Porque cobra-se isso realmente, né... a gente teve na Europa, eu não vou lembrar agora, mas um time todo que se movimentou, se posicionou em relação aos salários e tudo mais. E foi cobrado isso aqui no Brasil, em relação as atletas em se posicionarem mais, em relação a técnico, em relação a questão dos salários, em relação a estrutura... Você acha que a Marta tendo essa representatividade que ela tem, né... sendo essa pessoa tão importante dentro do esporte, você acha que com esse posicionamento dela, pode ter sido: é... vamos lá, meninas, vocês também podem se posicionar agora, vamos começar a falar, sabe?

Aline: Eu acho que não, porque eu acho que o discurso dela foi muito mais é... na parte... eu não consigo ver esse, que vá ter essa transferência, porque eu acho que foi um discurso muito mais na parte técnica, na parte do campo, entendeu? Não tinha esse teor político, ele era uma coisa muito mais ali, do resultado. Em 2007, a gente levantou faixinha lá, de "Brasil precisamos de apoio". Era uma geração mais ali, conseguimos algumas coisas, mas também sofremos muito ali, por causa daquele posicionamento. Então, é tudo muito delicado. E, principalmente, que eu acho que é essa dificuldade que a gente tem, no Brasil, é que a gente precisa de alguém pra ir

lá e ser a nossa voz. E aí porque que alguém tem que ir lá sofrer por todo mundo, dar a cara pra bater, seja pra conseguir a coisa positiva, mas correndo o risco do negativo. Então, acho que esse é o ponto. Aqui a gente fica esperando alguém ir lá e levantar a nossa bandeira. Você não vai junto, entendeu? Um sozinho não ganha nada. Eu tenho essa briga com um menino na pós graduação, lá. (...) E eu falo: Gui, desculpa... a hora que tiver todo mundo, se for pra ir pra morrer, eu vou pra morrer. Mas eu não vou sozinha morrer por todo mundo. É isso, simples assim. Ah, mas não sei o quê... eu falei: Gui, desculpa, que pena que vamos perder você porque você vai pra guerra pra morrer por todo mundo. Só que você é tão importante pra todo mundo, porque as pessoas não estão aqui do nosso lado?

Carolina: Não estão aqui com vocês, né... Exatamente.

Aline: É bem delicado, sabe? A coisa extrapola muito aí.

Carolina: Indo agora um pouco pro lado da imprensa, assim... Na própria história da imprensa feminista, o esporte, a representatividade de mulheres não apareciam muito como pauta, sabe? Porque que você acha que nos últimos dez anos, principalmente, o esporte de mulheres e a representatividade, a necessidade de representar mulheres, passou a ser pauta? Porque a gente teve a imprensa feminista, mas não existia espaço pra isso. Eu acho que tem questões relacionadas a outros tipos de direitos, né... pra alcançar outros tipos de direitos e tudo mais..., mas pensando nessa representatividade, porque você acha que nos últimos anos o esporte passou a ser considerado também uma pauta feminista?

Aline: Então, é que daí, quando você já fala de imprensa, e tô com o Lucas aqui na minha frente, que qualquer coisa já vai falar: tá viajando... Porra, é a imprensa, vocês estão exatamente aí pra fazer isso. Se tem alguém que tem por obrigação fazer isso, e levantar as pautas e falar de tudo, são vocês, imprensa. Então, entre a atleta ir lá falar de feminismo, eu prefiro... e acho que a obrigação é da imprensa. E aí, obviamente, ah... essa imprensa faz isso, aquela faz aquilo. E aí, vai surgir a imprensa que vai tocar e vai falar diretamente, que é um pouco do que as Dibras

fazem e etc... E aí, eu acho que ok, é isso, entendeu? Porque você... Só que também polariza, porque daí aquela pessoa vai ler, vai buscar a informação em quem eu sei que tá falando da forma que eu quero. E tem a outra pessoa que vai buscar exatamente o que eu quero ouvir, que é outra pessoa que tá dizendo. Mas, assim, acho que é o papel da imprensa, ter pelo menos essa imprensa que vai falar abertamente. A questão do porquê nos últimos anos se fala, é uma mudança de sociedade. Tudo se reflete a sociedade. A pauta também foi mais pro esporte, mais para os atletas porque é uma mudança da sociedade. Ou, pelo menos, é um momento da sociedade que está se discutindo. Então a pauta vai estar pra todo mundo, todo mundo vai estar falando sobre.

Carolina: E como que você classifica a cobertura do Dibradoras? Você entende que elas fazem uma cobertura feminista do esporte e, se sim ou se não, por quê?

Aline: Eu acho que sim, é muito claro que sim. Acho importante, até exatamente por isso que eu falei. Você tem pessoas que são feministas ou tem as mulheres que querem entender mais e vão buscar, e a informação tá chegando pra elas, da melhor forma possível, e talvez não chegaria. Então entendo que é extremamente válido e importante o tipo de reportagem que elas fazem, o tipo de cobertura que elas têm hoje.

Carolina: E como que você define a palavra, como que você definiria a palavra empoderamento e se você acha que é possível empoderar por meio da informação? Se o que elas fazem, se o que as meninas fazem no Dibradoras é empoderamento?

Aline: A questão do empoderamento é isso que eu vou te falar, a mesma coisa lá, a mesma metáfora que eu usei pra te responder do feminismo. Enquanto a pessoa não passar por uma situação - e aí vale pros homens também, porque essa história toda é com eles também. Então, porra, enquanto o cara não ver uma mulher passando por uma situação extremamente constrangedora, seja mais próxima ou distante, não vai mudar. Então, as vezes não vai mudar. Obviamente, pra quem já é mulher, pra

quem já, porque assim... é quase ler inglês pra quem não sabe. Então não adianta, dependendo do homem que for ler o que as Dibras escrevem, aquilo pra ele não vai fazer diferença nenhuma. Pra mulher também não vai fazer diferença nenhuma. Enquanto não for aquela pessoa que já tá sensibilizada pela causa, pela problemática, se é quem tá: puta... Aquilo vai empoderar muito, aquilo ali vai abrir a discussão. Mas se é uma pessoa que vai ler aquilo de forma fria, dura, acreditando no contrário, você não vai mudar. Como eu, no discurso, também não vou mudar, entendeu? Então essa questão do empoderamento é muito você passar pela situação, ali, e ter que se posicionar, e ter que: opa, per aí... E ter um resultado positivo ou que não tem um resultado positivo, aquilo vai te gerar um incômodo, que você vai falar: puta eu vou brigar, eu vou lutar por isso aqui, até o último. E acho que o texto, ele vai conseguir impactar muito mais quem já tá mais flexível a isso. Não adianta você pegar e botar um cara quadrado ou uma mulher quadrada, machista, pra ler, não vai mudar. Vai rir, vai falar: puta, baboseira. Mas eu acho que o momento hoje é totalmente diferente. A gente tem essas pessoas muito mais sensibilizadas, então eu acredito de verdade que tá sendo muito mais positivo, e que estão conseguindo, sem dúvida nenhuma, empoderar muita gente. Gerar, talvez, a matéria ali ser o estopim dessa: opa, puta, porque que eu nunca pensei nisso e etc... Mas eu acho que assim, dependendo de quem tá lendo ali, a pessoa não quer essa mudança, ela acredita no contrário, então é mais difícil você mudar, sensibilizar.

Carolina: E pensando em relação as próprias atletas, o pessoal, técnicas e tudo mais. Você acha que as Dibradoras também possibilitaram esse empoderamento a essas pessoas envolvidas ali, as atletas e as pessoas envolvidas nos bastidores? Porque, de certa forma, elas deram uma visibilidade que não existia antes, não existia tanto espaço. Por mais que alguns meios de comunicação trouxessem ali uma cobertura mais tímida, tudo mais, o que elas têm feito é dar uma voz que não existia para as mulheres atletas antes e pras mulheres envolvidas no esporte. Eu queria que você comentasse sobre isso, se realmente essas meninas se sentem empoderadas, se vendo ali, sendo retratadas de outra forma que elas não eram retratadas antes?

Aline: Eu acho que você... é o que você está dizendo... você dá essa visibilidade, mas por exemplo, tá? Vou dar o exemplo da Tatiele. Eu conheço a Tatiele tem vinte anos, quando eu jogava contra ela o Brasileiro de salão. Eu em Nova Santana e ela lá no Inter. A Tatiele é uma mulher empoderada. Então, assim, hoje ela tá tendo essa visibilidade, mas eu acho que você, com algumas... É que assim, eu acho difícil falar: puta, ah... porque a Dibras deu espaço e a Tatiele ficou empoderada ou a Pelle ficou empoderada. Ou... não, essas mulheres têm uma história de luta pra tá ali e agora tá tendo visibilidade. Então, acho que você une as duas coisas. Óbvio que algumas, a partir de ver essas histórias ali, e ainda, por exemplo, vai... sei lá, uma menina que tá naquele: pô, meu pai tá aqui falando não, eu quero dar um gato, e tô sem força pra ir. E aí, vai lá na minha história e isso dá força, claro que sim. Então acho que você também atinge a esse público, mas eu acho que é um público, não são essas atletas. Eu acho que a maioria dessas atletas, porra, já viveram muita coisa, já tomaram muita porrada, e tão tendo essa visibilidade. É importante e acho que esse todo faz com que outras mulheres... Mas acredito que algumas, no caso de atletas mais novas, ou no caso da torcedora aí mais velha que, puta, não conseguia ir pro estádio. Eu acho que você consegue influenciar também, mas eu acho que esse empoderamento vem muito mais pra quem tá fora dessa cadeia já produtiva do que quem tá dentro. Quem tá dentro, se tá dentro, é porque bate no peito.

Carolina: E assim... você comentou sobre a questão: o feminismo e o esporte, a gente não poder, ter uma linha tênue entre isso. Mas de certa forma, assim, eu pelo menos vejo o esporte com toda essa função social, essa capacidade de fundir lutas. Eu queria saber, na sua opinião, se você vê o esporte como um espaço pra difundir não só pautas, que a gente comentou, pautas feministas, mas outras pautas como racismo, homofobia, a questão dos transgêneros. Se você vê o esporte como um espaço político mesmo, como esse espaço de luta. Se você acha que isso é possível?

Aline: O esporte e a política, eles estão totalmente atrelados. É mentira você falar ao contrário. Vamos pensar na história dos jogos olímpicos, como é que isso se constrói. É política. Esporte e política, eles estão totalmente atrelados. É que daí a gente, aqui no Brasil, vai mudando, vai distorcendo, vai tentando separar uma coisa da outra.

Acha que tudo é: aí, a política é ruim, então o esporte..., mas não tem jeito, tá atrelado. O que a gente precisa, no Brasil, é entender a melhor forma de fazer isso junto e, ainda, a força que tem fazer isso junto. Mas aí, mais uma vez, é uma questão nossa cultural, social, política, de querer separar a coisa, de achar que é diferente e é um erro, é um erro. Mas aí, é difícil você também mudar essa cultura que a gente criou de que são coisas diferentes. Não são. E a força que o esporte tem pra poder atingir todas essas causas, toda essa parte política e social, mas a gente separa. A gente, em algum momento, pegou a história e falou: não, aqui, no Brasil, a gente vai separar uma coisa da outra. Mas tá totalmente atrelado.

Carolina: Sim... E pensando, assim, nos cenários de avanço, pra finalizar... que a gente tem tido nos últimos anos. Como você vê as Olimpíadas no ano que vem e até a próxima Copa, assim, você acha que os avanços vão ser mais sentidos e mais vistos pela gente e mais sentido pelas atletas? Você acha que a gente tá nesse caminho de ascensão mesmo, do novo cenário, tanto pro futebol feminino, quanto pra outras modalidades?

Aline: Quais avanços, especificamente?

Carolina: Avanços em relação a equiparação de salário, avanço em relação a visibilidade, avanços em relação a estrutura e tudo mais.

Aline: Eu acho que a gente vai seguir avançando. Acho que algumas coisas é mais fácil avançar, outras menos. Mas eu não vejo a gente, apesar dos pesares, do momento todo, Brasil, regredir. Eu acho que no caso do futebol feminino, a gente só tende a avançar. Como eu falei, alguns avanços vão ser maiores, outros vão ser menores. Acho que essa questão de equiparação salarial tem que ser pensada, repensada, entendida. Conseguir tentar colocar cada coisa no seu lugar e aí, ver qual que é essa equiparação. E aí, a hora que a gente conseguir colocar cada coisa no seu lugar, talvez essa equiparação não seja igual. Então acho que este talvez seja um ponto mais delicado, mas com relação a visibilidade, com tudo, as coisas vão avançar. Só que se avança a visibilidade, avança o patrocínio, aí essa questão salarial também vai mudando. Então a gente tá no caminho, eu não tenho dúvidas.

Carolina: Entendi. Ah acho que é isso, Aline. Queria saber mais sua opinião sobre o cenário mesmo e em relação as Dibras também. Eu sei que você acompanha o trabalho delas. E o que você achava e como você enxergava esse posicionamento delas, dentro da imprensa mesmo. Se eu tiver mais alguma dúvida assim, eu falo com o Lucas, e aí ele conversa com você, tudo bem?

Aline: Sem problema nenhum, eu fico à disposição.

Fim da entrevista

Entrevista: Alinne Calandrini

Referência: Ex-jogadora da seleção brasileira, do Corinthians e, atualmente, comentarista nos jogos transmitidos pela Band

Método: feita por Google Meeting

Data: agosto/2020

Duração: 56 min

Carolina: E aí provavelmente vão surgir outras no meio do caminho e você também pode ficar à vontade né, como eu disse, para não responder ou acrescentar alguma coisa. Bom, a primeira pergunta é se você se considera uma mulher feminista e o que você entende por uma mulher feminista.

Alline: Eu sou uma pessoa que eu procuro defender muito as causas, defender muito não, procuro defender o lado da mulher, mas eu não tenho muito claro, perfeitamente, o que é ser uma mulher feminista. Eu sou uma pessoa em si que eu fico muito tentando entender os dois lados da situação, os lados da moeda, tanto de homem e mulher, ou mulher e mulher, ou homem e homem. Então eu não tenho muito essa questão da sexualidade. Como, por exemplo: você acha que tem que ser uma treinadora mulher no comando da Seleção Brasileira? A minha opinião é: cara, eu prefiro que seja alguém bom. Se é homem ou se é mulher para mim não importa. Tem que ser alguém que entenda, que seja justo e que tem essa experiência no futebol feminino. Muitas pessoas pedem que tem que ser uma mulher, etc e tal... Se for uma mulher, que é por ser mulher apenas e não tem conhecimento, eu não sou a favor. Eu acho que tem que ter um conhecimento da modalidade. Ao mesmo tempo, eu super entendo que a mulher não tem o mesmo espaço que o homem, entendeu? Então, assim, até que ponto é justo ser o homem, tá entendendo? Como, por exemplo, a Tatiele e a Emily, duas mulheres que são referência no mundo que eu vivo, e que tem total competência pra estar na Seleção Brasileira, como a Bia está. O Arthur também tem total competência pra isso. Ele tem competência, independente dele ser homem ou mulher. Então, inicialmente, quando é uma coisa que é levantada: ah, mas tem que ser mulher? Eu falo: mas pera aí, porque que tem que ser mulher, tá? Deixa eu analisar o motivo de tem que ser mulher. Só que quando você vai a fundo disso, como eu falei: quais são as oportunidades que a mulher tem? Eu preciso entender perfeitamente o porquê que a mulher não tem o mesmo espaço que o

homem. E isso é uma coisa que a gente enfrenta. Na minha vida inteira, né, eu fui jogadora de futebol, hoje eu estou no jornalismo e eu entendo muito bem que é injusto, que é diferente sim. Então, resumidamente, né, pra que você entenda, né, pra não acabar sendo repetitiva... A gente foi criado no mundo machista, só que a gente não sabe disso quando a gente é criança. A gente cresce com aquela, com aquele negócio. Então quando você procura entender lá no fundo: pera aí, porque a mulher não tem a mesma oportunidade; porque que eu que quero ser jogadora de futebol, eu não posso ganhar um terço do que um cara ganha; eu não posso fazer comentários em tal lugar porque eu sou mulher e o cara tem mais know-how. Então, de cara a gente... Eu antes, antes, tá? Isso é uma coisa que eu venho me desconstruindo e eu venho abrindo a minha cabeça muito, porque antes era uma coisa que para mim, tipo, era comum nós sermos criadas nesse mundo machista. Mas tem uns dois, tem uns quatro anos pra cá, que eu venho: peraí, peraí, peraí, a gente não tem o mesmo espaço que eles têm. E eu não falo isso nem por ter sido jogadora de futebol e ser comparada aos homens, mas é o contexto geral. Como a gente vê fora do esporte uma mulher que vai denunciar um cara que sofreu agressão do cara. E aí todo mundo: mas cadê? E aí, cadê, deixa eu ver. Porque que duvidam da mulher, você tá entendendo? E hoje a gente vê muito isso. Eu tô do lado, eu não sei o que aconteceu, mas eu tô do lado da mulher. E eu venho, com o passar do tempo também, ficando cada vez mais do lado da mulher, entendeu? Mas é algo que eu venho me desconstruindo porque nós fomos criados nesse mundo machista e talvez as pessoas, muitas mulheres, não percebam isso.

Carolina: Sim, com certeza. É, bom... dentro do contexto esportivo, né, como você acredita que seria colocar em prática essa questão da igualdade, né? De uma maneira geral, essa perspectiva que você falou, que você vem se desconstruindo, né. Como você acredita que no geral seria colocar em prática essa necessidade, essa igualdade entre homens e mulheres?

Alline: Como por exemplo, vamos lá... É um tema, inclusive, muito debatido em todos os lugares e eu fico, não vou dizer em cima do muro, mas eu acho que... a Marta, por exemplo, a Marta deveria ganhar mais, igual o Cristiano Ronaldo. Ela nunca vai ganhar igual o Messi, nunca vai ganhar igual o Messi. Porque, infelizmente, o futebol

feminino é diferente, a receita é muito diferente do masculino. Então quando a gente tiver a receita no mercado do futebol masculino naturalmente, a procura... naturalmente, ela vai alcançar com o tempo um salário de Messi e de Cristiano Ronaldo, mas, infelizmente, não é realidade. Só que ao mesmo tempo você pagar pra um Messi cem reais e pagar pra uma Marta, que é uma Marta ou, sei lá, uma Alex Morgan cinquenta centavos, realmente é absurdo. Então eu acho que tem que, não vamos ser hipócritas... tudo bem... hoje ela ganhar cem reais é muito, perto do que o futebol feminino está vendendo. Mas, cara, e vinte reais, e trinta reais? A gente teve agora a Ada, que inclusive ganhou a bola de ouro recentemente, e ela teve, a primeira mulher a ter um contrato de sei lá quantos zeros na Nike, né. Isso é importantíssimo, pô, é, merece, ela merece. Assim como a Marta merece. Mas por que as marcas estão vendo a potência que tem o futebol feminino. Então a gente realmente precisa mostrar nossa potência, a gente mostra isso, né. E seja o futebol, seja outras coisas. Tem receita pra isso, tem receita. Só que as marcas têm que se interessar em fazer, em explorar a imagem da Ada, em explorar a imagem da Marta. Não pode sem mais nem menos chegar lá e mandar cem reais pra Ada e pra Marta só porque é mulher e porque, tipo, são as melhores. Não, calma. Eu não vou ser hipócrita, eu penso dessa forma: não é a mesma receita. E aí entra essa questão de ter essa opinião que eu falo, da gente vir se desconstruindo, etc e tal... entendeu? Imagina a Marta ganhar cem como ganha o Messi, é uma coisa que a gente não tem mercado, infelizmente, mas dá pra ser explorado. Dá para você tirar cem reais da Marta, cem reais da Ada, cem reais da Alex, entendeu? Por exemplo, nos Estados Unidos as meninas entraram na justiça porque elas querem ter o mesmo dinheiro do masculino. E nesse caso, por exemplo, eu acho que é justo, entendeu? Porque? Porque elas, elas têm público, elas têm uma liga, elas têm, elas ganharam, elas são unanimidade. Por que que elas não podem ter os mesmos direitos do futebol masculino lá, por exemplo, entendeu? Mas elas estão em outro patamar, elas merecem isso, eu acho que elas merecem isso, entendeu? Mas é uma situação ainda, infelizmente, diferente da realidade aqui do Brasil, da realidade de um Cristiano Ronaldo ou Messi, Marta. É a minha opinião sobre.

Carolina: Entendi. E porque que você acha que é tão diferente, né? Porque que a gente tem... pensando, né... no futebol masculino ali com tanta visibilidade,

com tanto investimento e a gente tem esse futebol feminino que parece que nunca chega, né... Nunca chega nesse lugar de merecimento, de receber ali o que é igual. É, isso é algo que vai chegar em algum momento, em que a gente vai conseguir ver isso na sua opinião, essa igualdade... Pensando no que você falou de público, de ter ali esse retorno das marcas, né... Essa via de mão dupla, né... Entre o atleta e a marca, ou não, assim? Você acha que é uma causa perdida, por exemplo?

Alline: não. Nunca é uma causa perdida, nunca é uma causa perdida. E eu joguei futebol desde criança, mas eu vim para São Paulo há quinze, dezesseis anos e vejo uma diferença absurda de quando eu cheguei em São Paulo pra hoje. Não vou longe, eu parei de jogar tem dois anos e talvez se eu tivesse jogando ainda, eu teria conquistado... Teria colocado a minha imagem muito melhor, com mais potência de quando eu estava jogando. Não é uma causa perdida, eu acho que a gente tem total condição de chegar lá, mas a gente vai entrar numa coisa mais histórica. Que o futebol foi proibido, pelo menos no Brasil tá, por quarenta anos, quarenta anos. As mulheres começaram a jogar em 1970, oitenta, que nós fomos liberadas a jogar. E todo mundo vê como um bando de sapatão, um monte de mulher que não fazia nada, um monte de vagabunda, um monte disso, um monte aquilo... E querendo ou não, por mais que hoje nós sejamos aceitas de uma forma disfarçadamente melhor, ainda existe muito preconceito. É uma cadeia. É, então... Pronto, eu vou dar um exemplo exatamente nos Estados Unidos, que também eu acho que é uma puta exemplo, mas ao mesmo tempo elas estão até agora brigando pelos direitos delas, tá? Elas jogam futebol desde criança e lá não existe preconceito. Lá os pais não proibem as meninas jogarem, faz parte do crescimento no colégio, no college, na faculdade, depois passa pro draft pra jogar uma liga e não tem preconceito. E mesmo assim, elas estão brigando na justiça, mas não tem preconceito, não tem preconceito. Aqui tem muito preconceito enraizado, muito preconceito. Uma menina que tá com cinco, seis, sete, oito anos de idade e quer jogar futebol, o pai não deixa, a mãe não deixa, a família chama de sapatão, de mulher macho, no colégio é isso, no colégio é aquilo. Aí o que acontece? Ela desiste. Ou então ela não desiste, ela continua. Aí ela continua e o que ela vai ganhar? Nem faculdade. Tá, mas aonde eu vou atrás, qual é o clube que tem? Eu, quando comecei a jogar, não tinha noção de nada, não tinha

noção de clube, não tinha clube nenhum. Onde vou fazer peneira, onde eu vou fazer aquilo? É, então... Fora o preconceito enraizado na sociedade, o preconceito que você tem em casa. Aí chega na hora que consegue alguma coisa, ela vive com o que? Com quinhentos reais, se for? Uma faculdade? E aí vem a pressão: tá, mas tá aí jogando bola? Você tá jogando bola? Que futuro você vai ter jogando bola? Você precisa ajudar em casa, vai trabalhar. Quem vai colocar arroz, feijão, etc e tal... Então é muito complicado, né... O que acontece nos Estados Unidos é que elas passam por uma formação, certo? Elas passam pelo college, elas passam pela faculdade, aí vai para o draft. Inicialmente não ganham muito dinheiro, entendeu? Mas não tem problema nenhum na família, não tem problema nenhum ali, etc e tal. É uma coisa que no Brasil tem esse problema, entendeu? Eu acho que nós, nós vivemos um momento no futebol feminino extremamente... não agora, na época do Covid, mas nos últimos dois anos, esses pensamentos do último ano, muito importante. A França, por exemplo, que teve a Copa do Mundo lá, não teve a Copa do Mundo lá à toa. A França não é a França de dois anos para cá. A França começou um trabalho desde 2011, fazendo um puta campeonato, colocando Leon, colocando PSG, etc e tal, Champions League. Então, assim, é um trabalho a longo prazo. A gente tem que mudar essa mentalidade brasileira para a gente começar a ter resultado daqui a oito anos, gente. Não vai ser agora. A gente tem que mudar e, sinceramente, eu achei que esse 2020 seria muito especial pra isso. Se não fosse isso tudo que tivesse acontecendo. E acho que tem potencial ainda pra isso, talvez não esse ano, né... porque a gente vê, infelizmente, as receitas né... O clube de futebol masculino que, eu tô falando os grandes tipo o Corinthians, não vai dar receita hoje para o futebol feminino. E olha que eu tô falando do Corinthians, tá? Teve corte de 25% ali, no Santos não sei quantos por cento ali, o Palmeiras está intacto... que bom, porque tem muito dinheiro, mas e aí? Se você for olhar lá, Rio Preto, qual é a situação deles, entendeu? Então infelizmente acho que é um ano que a gente não vai ter muitos resultados, que era um ano, na minha opinião, de plantar pra gente colher alguns anos aqui, mas eu acredito sim no... Resumindo a sua pergunta, eu aposto muito sim no potencial do futebol feminino. Por que? A mídia hoje se interessa, aí eu falo de tevê aberta, eu falo de redes sociais, eu falo de blogueiros, eu falo de sites. Eu falo de um contexto geral, isso é muito importante uma coisa que nunca aconteceu antes. Nunca na vida isso aconteceu antes, então é um momento diferente, é um momento

importante. Acho que a gente tem muito sim a conquistar aí futuramente e nunca será uma causa perdida, mais do que nunca.

Carolina: Vou juntar duas perguntas aqui. É, você comentou sobre essa questão do preconceito, né, com as meninas que começam a se interessar pela bola de maneira geral, seja futebol, às vezes qualquer outro esporte. Eu queria saber de você, se você, no início da sua carreira, né... De quando você começou a jogar profissionalmente... Você tinha essa noção, você viveu esses preconceitos, tinha essa noção de que existia esse tipo de preconceito, né, com as meninas desde pequenas ali. E se você acha que, de maneira geral, as atletas têm essa percepção em relação aos preconceitos, em relação a necessidade de se expor, de se manifestar, de lutar pela ocupação desses espaços.

Alline: Perfeito. Eu vou fazer o resumo sobre a minha história. Eu sou filha de... eu sou do norte do país e a minha grande sorte é que meus pais, desde menina, desde criança assim, me apoiam, me incentivam. Fazem, fizeram vídeos para mandar pra tudo quanto é lugar, eles sempre olharam para mim jogando e falaram: minha filha joga muito, ela tem que ir embora de Macapá, ela tem que ir embora daqui, ela tem que ir pros Estados Unidos. Por que Estados Unidos? Porque a gente não tinha noção que existia futebol feminino no Brasil. Ninguém, todo mundo falava: não tem, não tem clube nos Estados Unidos, minto em São Paulo. Tem que mandar para os Estados Unidos pra ela fazer uma faculdade lá. Então eles, desde o início, me incentivaram. Eles me levaram pra fazer teste, eles me largaram, não me largaram... eles acreditaram e falaram: filha, fica em São Paulo, vai em busca de seu sonho, a gente vai estar junto com você, a gente vai te patrocinar. E isso aconteceu, eles me patrocinaram quatro ou cinco anos. Mas como assim te patrocinaram? Eles mandavam dinheiro, me davam cartão, pagavam o meu apartamento. É uma coisa também, é uma exceção, tá? Eles são de classe média alta, então eles sempre... Eu não morava no alojamento, então eles sempre acreditaram e sempre apoiaram, sabe? Sempre mergulharam no sonho junto comigo, muito mais que eu, inclusive, muito mais que eu. Então isso foi determinante pra mim, então nunca aconteceu da minha mãe falar assim: olha vem para cá. Sabe? Meu pai uma vez chegou a falar:

olha, filha, a gente está gastando muito com você, acho que é bom você repensar se vale a pena esse objetivo. Que aí eu liguei para minha mãe chorando, eu falei: mãe, meu pai quer me trazer de volta, não sei o que... E ela: nem pensar, só por cima do meu cadáver. Você vai... E aí, dois meses depois eu fui convocado pra Seleção e tinha um, nem um ano de futebol feminino aqui em São Paulo. Então o diferencial e o divisor, não o divisor de águas, mas o diferencial foi que a minha família sempre me apoiou. Então eu tava, não tava ligando pra preconceito, só tava ali vendo o meu sonho, mesmo não ganhando um real, vivendo meu sonho. Pô, eu tô em São Paulo, eu tô jogando no Santos, eu tô do lado da Sandrinha, eu tô do lado da Ester, tô do lado da Pequena. Tudo bem, eu não ganho nada aqui, né, no meu primeiro ano, mas eu vou conquistar meu espaço, vou buscar meu espaço, vou mostrar quem sou, eu vou mostrar que não faz diferença dos pais que eu sou. E eu mergulhei nisso, no meu sonho, na minha determinação, e eles foram primordiais nisso. Quando criança, obviamente, que eu cansei de ouvir: mulher-macho, mulher-macho, mulher-macho porque eu tava sempre no meio dos meninos. O meu primeiro contato com mulheres, de futebol feminino, realmente foi em São Paulo. Porque antes eu jogava na escolinha com os meninos, em Macapá. Eu fui ter contato com dezessete, dezesseis, dezessete anos com as meninas do Juventus, primeira vez. E eu fui, tipo, cheia de medo, tá? Ai eu não vou ficar nua, ai não sei o quê, ai ela fala grosso, ai... Então eu vim cheio de preconceito porque eu tinha medo de tudo que falavam da modalidade e questão de horas eu me senti em casa. E as minhas melhores amigas hoje são do futebol feminino, pra você entender. Então eu nunca liguei para o que fossem falar de mim na minha cidade, por que eu sempre tive os meus pais. Então talvez essa questão do incentivo deles, do apoio deles e eles saberem quem eu sou, pra mim, nunca foi um problema. Agora respondendo sua segunda pergunta: acho que sim. Eu acho que a gente, eu acho que infelizmente poucas se expõe, poucas tem noção, seja politicamente, seja da sua imagem, seja... Infelizmente é um erro nosso, poucas batem no peito e assumem as coisas que fazem, ou vão lá e mete a cara, ou tem noção do que é o futebol feminino no país. Eu acho que a grande maioria realmente se esconde, não se expõe, poucos tem atitudes como, por exemplo, Cristiane. Que para mim é minha amiga e é um grande exemplo, que dá a cara e fala e, enfim... Então eu acho que falta sim muito nisso, nas atletas do futebol feminino. E acho que isso pode ser também pela questão... deixa só eu colocar pra não me interpretarem

mal... não intelectual, mas pela questão de entendimento da causa mesmo, sabe? De ter uma formação fraternal, de ter uma formação, mãe, pai e falar: olha você tá nisso, você quer isso? Então você sabe que vai ter que brigar por isso. Então acho que muitas se omitem em prol sim da, da, da causa toda, né... que aqui é o futebol feminino.

Carolina: E na sua opinião, talvez isso tenha mudado ao longo dos anos? Por exemplo, você vê uma diferença entre as atletas daquela geração, que começaram jogando junto com você, e as atletas que estão agora, né, as meninas sei lá... de vinte, vinte e um anos agora, por exemplo Ludmila, não sei... Você vê alguma diferença no posicionamento, né, pelo tempo, pela geração ou não?

Alline: não. Eu acho que assim, acho que a própria Cristiane, uma menina que sempre foi bocuda e não tô falando uma coisa negativa, bocuda que eu falo no ramo é, tipo assim: foi substituída, ela sempre deu na cara que ela fica puta. Jogou mal, deu na cara que tá puta. Mas ela não tinha certos posicionamentos como ela tem ultimamente. Isso eu falo de cinco anos para cá, né. Até porque antes ela era mais nova. Então acho que... ela é antiga e se posiciona muito bem. E se assumiu gay, recentemente, antes ela tinha muito medo disso. De se assumir gay, e sempre foi gay, e sempre se assumiu. Nisso eu me incluo também. Eu, até eu mesmo que tive, né, um entendimento intelectual de uma família de classe média, também me omitia pra isso, mas com o passar dos anos eu acabei tipo: pera aí, sabe? Pera aí. Deixa eu entender, como eu te dei um exemplo de eu estar me desconstruindo, né. Vendo esse lado mais feminista da situação inteira. Então você passa a ter coragem, você passa a entender melhor a causa, você passa a ter maturidade. E outras também tem uma certa dificuldade de posicionamento, por exemplo, de bater na CBF, né, que é uma coisa que é muito complicada realmente. Eu entendo o lado da atleta, eu já fui atleta, já fui atleta. Então faz aquela politicagem com medo de se queimar, né, com aquela instituição. É porque realmente é uma coisa negativa, né. Dizem que uma ou outra não vai por causa disso. Então eu entendo esse lado que a atleta não queira se queimar, né, mas falta muito posicionamento e vejo que são gerações muito diferentes. É complicado falar, não falar, mas é complicado. Eu acho que as atletas

de hoje, que estão no futebol feminino de hoje, não tô falando de Ludmila, essa geração agora... é muito diferente da geração Cristiane, Marta, Formiga, a percursora. Porque elas ralaram muito para as que estão colhendo hoje. E acho que existe um certo Nutella, um 'nutellismo', nas que estão hoje, tá? Não tô falando dessa geração, não tô falando da Ludmilla, por exemplo, não. Acho que muitas que estão aí hoje, precisam ralar pra sentir realmente o que, qual que era a dificuldade. Mas ao mesmo tempo, as que ralaram lá, fizeram isso para as que estão aí hoje, você tá entendendo? Então isso é uma coisa que é o que a gente busca, né. Não precisa mais todo mundo ter que ralar como ralava antes. A gente busca realmente, tipo: pô, pera aí, eu já posso ter meu carrinho, eu já posso fazer isso, eu já posso ir pra Europa. A gente busca isso, mas ao mesmo tempo é importante quando elas têm um posicionamento. Eu vou dar um exemplo aqui de uma pessoa, uma menina que tá vindo agora, é muito nova, mas ela se posiciona. Eu sou contra certas coisas dela, mas eu gosto que ela se posiciona. É a Kelly Borges, é uma menina nova, mas ela não tem medo, ela vai lá dar as caras, ela bate de frente, etc e tal... Eu sou contra que algumas vezes ela, tipo, ela fala demais... É, calma aí, menos, mais humildade..., mas ao mesmo tempo, ela não se... ela não se esconde. Ela vai lá e se posiciona, entendeu? Ela vai lá e fala. Só que ela tem que ter um pouquinho de equilíbrio, mas ela não tem medo. É... Marta! Eu sou, tipo, cara... eu tenho... eu tinha muita amizade com a Marta e a partir do momento que eu parei de jogar, eu parei de jogar e me senti mais à vontade pra falar. E uma vez que eu parei de jogar e tinha a vontade de falar, eu metia a boca em certos jogos da Seleção, na verdade, na Comissão. E ela veio, tipo: pô, você é amiga de monte de menina aqui. Eu falei: mas não falei mal de nenhuma menina, eu falei mal do estilo de jogo, eu falei mal da Comissão Brasileira. E essas coisas assim, muitas pessoas cobram da Marta, sabe? Ela é um ser humano absurdo, pô eu sou fã, ela é um exemplo. Mas muita gente sente muita falta dela, dessa representatividade, dela ser a nossa melhor jogadora, uma pessoa que tem total atividade para cobrar quem ela queira cobrar.

Carolina: Aproveitando, né, que você comentou sobre isso. Eu tenho uma pergunta aqui sobre essa cobrança mesmo, né. Você acha que existe uma diferença em relação a cobrança que fazem com a Marta, por exemplo, por ela ser uma atleta de tanta representatividade e cobram um posicionamento dela

em relação a tudo. E atletas de outras modalidades, que também tem essa trajetória, essa visibilidade. Eu até coloquei na minha pergunta aqui, a Hortência, pensando assim: já se aposentou, mas ela é uma referência para as meninas no basquete, por exemplo. Você acha que existe alguma diferença de cobrança em relação as modalidades? Ao posicionamento em relação a essas modalidades? Você acha que cobram muito mais da Marta, do que cobram de uma referência do basquete, do vôlei, por exemplo?

Alline: É que assim... Eu acho que o vôlei, por exemplo, que você citou exemplo. Acho que o vôlei vive uma realidade muito diferente do futebol feminino. Tem mais apoio, tem mais incentivo, tem mais dinheiro. Uma atleta do vôlei de alto nível ganha oitenta mil reais. Uma jogadora de futebol, esse ano, de alto nível aqui no Brasil ganha dez mil reais, ganha doze mil reais e assim superfaturado, tá? Foi depois dessa Copa do Mundo e uma de alto nível ganha sete, oito. Ano passado uma de alto nível ganhava sete, oito, a melhor do time. Eu tô falando de um Corinthians, que é o melhor, né. É uma realidade diferente. Ao mesmo tempo, com todo respeito com as jogadoras do vôlei, elas não têm uma Marta no vôlei. Com todo respeito, elas não têm uma Marta no vôlei. Elas, elas tiveram uma puta seleção que foi medalhista olímpica e o futebol feminino nunca foi. Só que se a gente pensar numa Marta, a Marta foi seis vezes melhor do mundo, a representatividade da Marta é muito maior que qualquer jogadora do vôlei, que Sheila, que Mari, que não sei... Tudo bem, é um grupo medalhista de ouro, né, mas a Marta é unanimidade e é o esporte que é unanimidade no mundo inteiro. É a Marta! Então, eu acho que a cobrança em cima da Marta é maior e tem que ser maior, gente. Porque se olhar pra dentro do Brasil... Caraca! Marta, tá. Marta, cadê? Faz alguma coisa, fala com a CBF, faz alguma coisa. Você tá entendendo? Então existe uma cobrança maior nela, eu acho que é o tamanho dela, porque ela é, na minha opinião, a Marta é a maior atleta brasileira. A Marta é a maior atleta brasileira, sabe? E não tem vôlei, não tem basquete, não tem natação, não tem taekwondo, não tem simplesmente nada, a Marta das mulheres é a maior, deveria ser a maior representatividade do esporte brasileiro. Por isso que a gente cobra tanto dela, né, essa, esse posicionamento, certas cobranças. Assim, nada contra, ao contrário. Sou super próxima, eu era super próxima, superamiga, mas realmente a gente espera muita coisa porque a gente sabe da força que ela tem.

Carolina: Pensando na Copa do Mundo, né... Você comentou, né, que depois da Copa existiu essa mudança, inclusive nos salários, essa coisa do superfaturamento. Mas de maneira geral assim, né, você participou da cobertura da Copa... Eu queria saber como você vê esse momento assim, o impacto, a visibilidade no mundo, né. Como pra você foi esse momento da Copa, e naquela ocasião, né, existiu o posicionamento de muitas atletas principalmente pedindo igualdade de salários e tudo mais... E eu queria saber como você vê isso, daqui, de lá da Copa, do momento da Copa para cá. Quais foram as mudanças, na sua opinião, e se essas mudanças, né, vão continuar, enfim...

Alline: eu acho, eu acho que é um momento onde a gente não pode dar muita opinião, exatamente por tudo que tá acontecendo da pandemia, tá? É, foi um ano muito especial 2019, onde a gente achou que 2020 com a Olimpíada... putz, as atletas iam lucrar um monte, a mídia ia procurar um monte... Porque você imagina, um Mundial como foi aquele, junto com uma Olimpíada um ano depois... Cara, era um divisor... A Copa do Mundo pra mim já foi um divisor de águas. Uma Olimpíada agora, um ano depois, sem comentários... É, tanto que as atletas jogaram lá para cima, os clubes investiram, o Palmeiras investiu mais ainda, sabe? Fora do Brasil também, a liga italiana, portuguesa, espanhola, putz... Só que, infelizmente, a gente teve a pandemia, então não dá para a gente falar muito sobre isso. Eu acho que a gente não vai ter saldo positivo esse ano, porque a gente não sabe o que aconteceu. O Brasileiro, a gente não teve retorno ainda, né. O Paulista também não teve retorno ainda. A gente tá esperando o masculino reagir. E do masculino, a gente reagir também. Então é uma coisa atrás da outra, que a gente é o segundo, terceiro, quarto plano. O feminino hoje, infelizmente, não é uma prioridade nesse momento de pandemia. Então, infelizmente, a minha resposta pra isso é que a gente teve um certo, não a gente, o futebol feminino, o esporte tiveram um certo deslize aí, de uma maneira geral, que infelizmente é difícil sair no positivo. Se saíram igual, tá ótimo. Se saiu igual, tá ótimo. Se saiu negativo, o que eu acho que pode acontecer, porque alguns clubes não tem as mesmas situações financeiras de um Santos, de um São Paulo, de um Corinthians e de um Palmeiras, não sei... É, um Araraquara que tá ok,

tá em dia. Mas não dá pra eu te responder por isso. Era o ano que eu, sinceramente, apostava que seria o nosso puta ano, né. E infelizmente com essa pandemia, não sabemos, só que o futebol feminino tá acostumado a tudo isso. Era um ano que a gente tava contando em ir lá em cima. Se não der nada, para gente não é uma novidade. Para o masculino, talvez seja.

Carolina: Vou fazer uma pergunta agora, que vai abrir as próximas perguntas em relação mesmo ao blog, né. Então a gente vê, a gente falou bastante agora sobre posicionamento, sobre as atletas se manifestarem, né, de maneira geral... Você acha que o esporte como um todo ele é, ele tá vinculado a causas políticas, sociais?

Alline: Super.

Carolina: É um espaço de posicionamento mesmo, essa possibilidade ou que tá desvinculado? Que tem gente que fala: não se discute política, esporte e religião, que é uma frase, que para mim, não faz muito sentido. Eu queria saber, né, na sua opinião em relação a esporte e política.

Alline: super. Tudo a ver, tudo a ver. A gente tá falando de esporte que é algo que muitos fazem, a gente tá falando de política que tem super a ver. Eu acho que a democracia corinthiana mostra muito isso. Não sou corinthiana, trabalhei no Corinthians, mas foi uma puta causa que o Sócrates fez, né, com o Casagrande, enfim... E não tem como não falarmos das mesmas coisas, não tem como. Tá super relacionado, ainda mais o esporte que é algo que, que a grande maioria pratica e defende e tem tudo a ver. Então se alguém fala que são coisas diferentes, distintas, opa, é unfollow. Tem que ser super vinculado.

Carolina: Beleza! E agora, né, pensando no blog, olhando pro Dibradoras, como que você descreveria o jornalismo esportivo que elas fazem? E qual seria, na sua opinião, a principal diferença entre o que elas fazem e as mídias tradicionais fazem?

Alline: ah, a diferença é que elas olham pro futebol feminino, especialmente, não que elas não olham pra o vôlei, pra um basquete, que elas também, elas noticiam isso. Eu conheço as Dibradoras há muito tempo. Muito tempo assim, coloca aí uns sete anos, eu jogava no Santos ainda. Eu não tô falando de 2015, tô falando 2012, 13, e elas não tinham a força que elas têm hoje. Hoje elas são, elas... é a maior referência pra falar de esporte feminino, especialmente futebol feminino, o acesso delas. Então fico muito feliz de vê-las no nível que elas estão assim, né. É, sem dúvida alguma, é o portal que mais noticia sobre o futebol feminino. Então quando eu as conheci, elas foram na cara e na coragem, mantendo o emprego de cada uma ali, foram lá e foram lá conhecendo o mundinho do futebol feminino, aos poucos foram entendendo e tal... E hoje elas são maiores referências do nosso esporte, entendeu? Então é muito legal quando a gente vê elas no UOL, quando a gente vê a Renata, por exemplo, no SporTV. Quando a gente vê falando, não só de futebol feminino, apenas, mas de futebol de um modo geral. É mulher falando de futebol, sabe? Então é a maior referência que a gente tem na modalidade e elas, fora isso, elas fazem muito bem o trabalho delas. Elas dão voz, elas dão vozes às causas, seja dentro de campo, seja fora de quadras, seja nas cestas, se você entende. Então, defendem realmente as causas das mulheres. E não é como muita gente na internet fala hoje... ah como que eles falam, é... lacrar, não é pra lacrar, não é pra lacrar. A gente precisa, a gente tem necessidade de ter, de termos elas a frente disso. Inclusive elas encorajam muitas outras a fazer isso, inclusive a mim, está entendendo? Acho que elas potencializam o nosso poder, elas nos encorajam. E a entrada delas no nosso cenário do futebol feminino, especialmente no futebol feminino, porque é uma coisa que faz parte do meu cotidiano. Cara, foi divisor de águas e fundamental, indiscutivelmente. Elas deram voz assim, deram vozes pra todas nós. Então elas são demais assim. Muito fã, muito fã mesmo.

Carolina: legal! E você se sente representada, né, pelo que você falou. Era uma pergunta, mas queria saber se você se sente representada por essa cobertura, como atleta, como mulher. E você se considera uma mulher negra ou não? Só pra dar continuidade à pergunta.

Alline: de cor, de cor?

Carolina: é, se você se considera se vê com uma mulher negra ou não?

Alline: não...

Carolina: Tá! Era mais para saber se você vê dentro do Dibradoras essa representatividade também.

Alline: vejo, muito!

Carolina: e na sua opinião, como você avalia isso e se você acha, se falta espaço pra algumas causas ou se você acha que elas contemplam de maneira geral? Então, por exemplo, causa trans, causa LGBT, causa das meninas negras, enfim...

Alline: então, eu vejo elas bem, bem, bem abertas para tudo assim, bem... Eu acho que elas dão uma atenção especial ao futebol feminino, diferente de outros. Mas elas, de forma alguma, acho que elas representam desculpa o palavrão... pra cacete.

Carolina: várias minorias, no caso.

Alline: pra cacete! Realmente assim, realmente elas, elas são demais assim, o trabalho delas é surreal. São feministas, são mulheres em primeiro lugar e representam sim muito bem todas as causas. Essa semana elas fizeram com a Tiffany do vôlei, por exemplo. Não, não, elas realmente para mim... É, independente de futebol, independente delas cobrirem futebol feminino, acho que a maior representatividade do jornalismo feminino esportivo é o Dibradoras.

Carolina: Elas fazem uma cobertura assim, elas trazem questionamentos em relação à violência também, coisas desse tipo, né. Você consumindo, né, outros conteúdos de esportes, você consegue ver, você consegue ver alguma diferença na maneira como elas fazem essa cobertura da violência no esporte? Então, por exemplo, seja de um atleta que agrediu a ex-mulher ou no caso do goleiro Bruno, por exemplo. Em relação ao que elas fazem e uma mídia tradicional, por exemplo?

Alline: super, elas... e acho que é o certo, é aquilo que eu te falei. Por exemplo, uma mulher... Eu não vou longe, eu vou recentemente, a questão do Dudu e da Malu, né. É um caso aonde ele já agrediu a mulher, já agrediu a mãe da mulher dele, certo? E aí viram vídeos que acabavam favorecendo o Dudu e você viu na mídia aí muita gente falando: pô, mas a Malu, a Malu, a Malu que né, a Malu que isso, a Malu que aquilo. Peraí, peraí. Pra começar, o cara já é reincidente. Cadê as outras imagens? É, inclusive, eu também falei: mas, pô, cadê? Cadê a Malu, cadê isso, cadê aquilo... E quando você lê alguma coisa, pera aí, vamos ver o outro lado de quem está denunciando. O que será que aconteceu ali, o que será que aconteceu aqui. Ninguém sabe, ninguém sabe. Então faz com que você reflita, não só o que aconteceu ali dentro, mas o que a mídia traz, entendeu? Acho que isso que é legal. É a gente não ser machista, a ponto de falar só porque a gente não vê alguma coisa, ou o Dudu tá certo e a menina é loucona. O que que a mídia faz, o que que a mídia tá fazendo? Ela tá te induzindo, a mídia de maneira geral, tá te induzindo a falar: pô, a mulher que foi para cima dele, não sei o quê, não sei o quê. Calma aí, pô. Peraí, peraí, peraí, o cara é reincidente, cadê as outras imagens? Cadê isso? Aí você volta... não, é, realmente, pá, pá, pá, entendeu? Então acho que essa é a diferença da cobertura delas para as outras, para as outras... não que se alguém tivesse mentindo numa causa e elas não fossem falar, enfim... Mas elas fazem a gente ver, elas fazem o outro lado do que talvez seja certo.

Carolina: Que que você entende por empoderamento? Empoderamento feminino, o que você entende por isso?

Alline: posicionamento, representatividade.

Carolina: beleza! E na sua opinião, a gente consegue dizer que as Dibradoras, as Dibras, trouxeram, né, essas mudanças no cenário esportivo e que elas podem funcionar? Desde que elas começaram a ganhar essa visibilidade e tudo mais? Ou até mesmo pra elas, uma ferramenta de empoderamento?

Alline: naturalmente sim. Como eu mesmo me coloquei como exemplo, que elas me encorajam. Eu mesma falo: pô, elas têm razão, cara. Vamos lá e pá, pá, pá, pá. Então, como eu falei, representatividade elas têm de mais, coragem elas têm demais. E nem coragem, porque coragem não... Representatividade e empoderamento elas têm muito e elas nos encorajam pra isso, cara. Muito, muito, muito mesmo.

Carolina: legal. E você comentou, né. É uma pergunta que eu ia fazer, mas você já acabou falando. Que elas são principal referência assim pro futebol feminino. Então minha pergunta era se hoje elas seriam o principal porta voz, né, de mulheres inseridas no contexto do esporte, né, mulheres inseridas no esporte no Brasil. A exemplo eu trouxe a questão dos problemas com salários, né. Elas foram as primeiras a serem procuradas este ano, quando as meninas tiveram problemas. Então, além delas funcionarem como uma mídia, né, que coloca o esporte feminino em evidência, elas também funcionam como porta-voz de denúncia, por exemplo? De problemas dentro do esporte feminino?

Alline: eu acho que não... sim. Mas a resposta não vai ser sobre isso. Eu acho que é importante as atletas saberem que elas têm uma voz. Que vai ter gente que vai estar junto delas. Então eu vou além disso. Sim, óbvio. Mas elas dão... por isso que eu acho que eu falei isso várias vezes. Elas dão voz. Dão voz às Alines, dão voz às Marias, dão voz pra Maria, dão voz pra Joana. É, tranquilamente, entendeu? E a gente sabe, muitas atletas sabem o potencial delas e sabe que não tem problema se for fazer uma denúncia, por exemplo, entendeu? Porque é o maior, é o maior, o maior, a maior é... maior canal e com credibilidade que o futebol feminino tem.

Carolina: você acredita que, de certa forma, depois que elas ganharam essa repercussão nacional, por exemplo. Alguns grandes portais começaram a, não digo copiar, mas também se preocupar com, em se aproximar de uma cobertura que elas fazem e mostrar um outro lado? Você acha que isso pode ser uma coisa mais de momento ou é algo que acompanha mesmo as demandas sociais, as necessidades das atletas e tudo mais?

Alline: Carol, eu vou te dar um, uma, uma situação recente do futebol feminino assim. Dibradoras sempre falaram sobre a modalidade, aí uma outra pessoa... a Cíntia

Barlem, inclusive, é uma que era comentarista do SporTV e hoje faz um blog, um bloguinho também, que eu acho que é Dama em Campo, tá? Que é da Globo, não sei se ela ainda é, enfim... É uma outra mulher que divulga bastante, que inclusive acho que ela não apareceu tanto recentemente muito, porque ela engravidou. E aí deram espaço pra Ana Thaís Matos, que entrou recentemente no futebol feminino, mas uma mulher que é feminista e também tá ali brigando pela causa, entendeu? Então entrou pra somar. Eu tenho certeza absoluta que a gente triplicou, multiplicou, de um ano, de dois anos para cá bloggers, notícias do futebol feminino, fã-clubes de meninas, tá? Inclusive rola uma ciúmeira da galera que, tipo, tenta. Inclusive muitos jornalistas falam que: ah, pô, não dá para entrar no futebol feminino porque quem já tá a muito tempo, fala que, tipo, a gente não sabe de nada. Isso eu tô falando de jornalistas conhecidos, de blogueiros conhecidos, tá? Eles, eles falam que a “gente” não deixa eles entrarem como se nós soubéssemos de tudo. Então isso tá uma coisa muito comum, falarem que, tipo, não existe espaço porque, tipo, essa turma aí: ah, é futebol feminino aqui dentro. Então não quer abrir, não quer expandir. Não acho que eles estejam cem por cento errados, mas eles estão uns oitenta e cinco por cento. Não dá para você fazer uma publicação, se você não tem um conhecimento cem por cento numa causa. Se você não sabe historicamente. Meu, você pode entrar, óbvio que pode entrar, todo mundo pode entrar, pô! Futebol masculino todo mundo fala. Eu falo não trabalhando diretamente com aquilo, só indiretamente. Mas eles jogam isso na cara, que a gente não dá espaço, mas tem espaço. Pô, quando você for falar alguma coisa, fala aqui ó. Com razão, Com certeza daquilo. Não pra qualquer coisa, sabe? Peraí que eu me perdi um pouco... Mas eu acho que a procura da mídia aumentou absurdamente, absurdamente. Como dei o exemplo da Ana Thaís Matos, que era uma mulher que nunca falou do futebol feminino e, de um ano para cá, é tipo a referência da Globo pra falar. Mas ela estuda, ela procura saber, ela defende a causa, sabe? E ela entende de jogo. Então assim, tem espaço pra todo mundo, tem espaço pra todo mundo. Eu recebi muita procura também, de um ano para cá, pra falar sobre. E isso é indiscutível, né. Até porque eu tô na BAND, eu falo sobre isso, eu sou ex-atleta, mas a procura aumentou absurdamente e isso é muito bom. Ninguém quer que a galera não entre por achar que essa aqui, que essas aqui, tipo, querem proteger... não, a gente precisa de todo mundo. Mas por exemplo, não venha falar que o trabalho do Vadão foi muito bom, você tá entendendo? Esse é o problema.

Com todo respeito, né, ao Vadão, pô, eu treinei com ele, faleceu recentemente. Mas não venha falar que é um exemplo, que é muito bom porque não é, gente. Então assim, quando você for falar, só pesquisa um pouquinho mais, procura pessoas corretas, fale com o Dibradoras ou procure pessoas que sabem falar o mínimo porque, pra não falar besteira, porque você perde credibilidade, você acaba, tipo, não sei... perdendo a credibilidade mesmo.

Carolina: pra gente finalizar, é, uma última pergunta. Você acha que se nas últimas gerações, né, a gente tem o Dibradoras muito recente, eu falo recente porque elas surgiram ali em 2013 mais ou menos, né, e depois foram ganhando espaço. É, antes a gente não tinha tanta visibilidade assim, tantos, tanta mídia, né, em cima do futebol feminino...

Alline: não, triplicou.

Carolina: e principalmente uma mídia como essa assim. Se você acha que se tivesse surgido um Dibradoras, né, em gerações anteriores do futebol, muita coisa poderia ter mudado em relação a alguma coisa que seja, poderia ter mudado em relação a essa busca, né, por igualdade, essa, essa compreensão pelo posicionamento, né...

Alline: não, não. Eu acho que, eu acho que não, infelizmente. Gostaria muito que sim. Né, óbvio, né, se elas tivessem surgido antes iriam ajudar sem dúvida alguma. Mas eu acho que o futebol feminino faz parte da evolução, faz parte do feminismo, faz parte do, da continuidade. A gente teve, eu joguei nas Sereias da Vila em 2008, 2007, 2009 e 2010 com Marta, Cristiane. Kleiton em seguida montou um puta time, antes disso Botucatu era uma puta referência. É, óbvio, que quanto mais mídia, quanto mais Dibradoras, quanto mais tudo, poderia acelerar, né. Mas eu acho que fez parte de uma evolução natural do futebol feminino, como eu acho que vai ser natural também, de agora em diante. É, eu acho que faz parte, acho que o mundo acordou pra isso e não é por causa da Copa do Mundo, não, não é. Se você for olhar o jogo ano passado durante uma Copa do Mundo de um Corinthians contra a Ferroviária, sabe? Óbvio que o Mundial tem, chama, né? A gente viu o final do

Paulista entre São Paulo e Corinthians lotado ali, na Arena Corinthians. É óbvio que ter visto o Mundial incentiva os torcedores, etc e tal. Mas já tinha uma galera que ia lá para ver a Zanotti, pra ver a Érica. Então eu acho que é uma evolução natural da época, como eu falei. Nós fomos proibidas de jogar durante quarenta anos, era uma coisa de... Temos fotos sobre isso, mas não era uma coisa que era acessível, que a galera gostava. E tinha muito preconceito. Então elas, antes ou não, eu acho que é uma coisa, uma evolução natural da nossa modalidade e, por isso, que eu acho que ela, ela tende sim a evoluir cada vez mais. É óbvio, né, com o incentivo delas, com o apoio delas, com a divulgação delas como de outros canais, de outros portais, vai mais rápido.

Carolina: legal. Aline, muito obrigada pela sua atenção, pelas respostas. Eu queria te pedir um favor, não sei se você vai poder me ajudar com isso. Você é a primeira jogadora que eu consigo conversar, assim, ex-atleta. Conversei com a Pellê também. Só vocês duas eu consegui, na verdade.

Aline: foi muito incoerente meu papo e o da Pellê?

Carolina: não, assim... É, algumas coisas em relação a compreensão da exposição, do papel da Dibradoras de empoderar e tudo mais. Mas assim, a maioria das percepções são as mesmas em relação ao futebol feminino, a esse espaço, a necessidade de continuar buscando igualdade, tudo mais. É, conversei com vocês duas, eu tenho tentado há um ano conversar com a Cris. Eu tenho falado com o Benito e ele só me enrola e eu queria saber se você conseguiria me colocar em contato com ela. De repente, eu posso te passar meu telefone, você vê se ela topa também, né. E com alguma atleta que tenha começado na Seleção agora ou até mesmo alguma atleta mais jovem, dessa geração de agora, que esteja no Corinthians, alguma coisa assim.

Aline: posso te falar... eu acho que dois nomes dessa geração mais nova, eu tentaria a Vic ou a Ari.

Carolina: Eu tentei a Ari pelo Twitter, ela não me respondeu. Se você tiver, tipo, mais contato com ela, puder dar um toque de repente: olha, tem uma mensagem para você, assim...

Alline: eu não tenho contato com ela, mas eu posso tentar, posso pedir, vamos ver, né. Se não teria a Vic, mas eu posso tentar com a Ari, pedir numa boa pra ela. Tenho zero contato, nem tenho o telefone dela.

Carolina: eu mandei uma mensagem lá no Twitter, mas ela nem chegou a visualizar. Às vezes chega bastante, a pessoa não vê. Então é isso, se você puder me colocar de alguma forma.

Alline: eu sou amiga da Cris direta, direta mesmo, e muitas coisas já pedi para ela e ela fala para passar pro Benito, porque o Benito tem a agenda, e eu imagino que a procura dela deve ser, tipo, tamanha, enorme... vamos tentar!

Carolina: a gente quase conseguiu o ano passado, mas não rolou. Aí eu deixei um tempo, voltei a mandar uma mensagem pra ele, mas: olha, agora a gente tá em quarentena, será que não rola, né, por vídeo mesmo. Ele acabou não me respondendo. Então assim, se puder dar um toque assim. Eu entendo, né, às vezes a pessoa não tem tempo ou não, não tá afim e tudo mais.

Alline: isso vai ser publicado aonde?

Carolina: não vai ser publicado...

Alline: é só pra sua tese, né?

Carolina: é, a entrevista vai ser transcrita na tese. Então eu tenho um arquivo de vídeo, tudo, mas é só a transcrição da entrevista mesmo que vai na tese. Aí depois a tese fica disponível, publicamente e tudo mais... E todo mundo pode acessar.

Alline: eu vou tentar, eu vou tentar a Ari, eu vou tentar a Cris. E existe a possibilidade muito grande dela me encaminhar pro Benito, de falar: pô, manda ela mandar pro Benito.

Carolina: tranquilo.

Alline: até pra ela é bom, porque é muita procura, você entende?

Carolina: sim, eu imagino.

Alline: por isso que ela fala...

Carolina: ele organiza melhor pra ela, né... Eu vou tentar a Vic também, de qualquer forma. Vou ver se eu mando no Twitter mesmo ou no Instagram.

Alline: eu tô te falando que é uma nova geração, que se posiciona, né. Se nenhuma das duas você conseguir, talvez a Nicole, goleira do Santos. Vou tentar a Ari, vamos ver, eu te falo.

Fim da entrevista

Entrevista: Júlia Belas

Referência: Jornalista, pesquisadora e leitora do projeto

Método: feita por Google Meeting

Data: agosto/2020

Duração: 35 min

Carolina: É, bom, primeiro eu queria saber se você se considera uma mulher feminista. E como foi isso, enfim, né, o que você considera ser uma mulher feminista?

Júlia: É... eu, sim, me considero feminista. Eu sempre tive uma criação, minha mãe sempre foi, sempre foi feminista. Ela é Socióloga e depois se formou em Psicologia. E então eu sempre tive uma criação já voltada pra igualdade de gênero, já voltada pra gente prestar atenção. Até porque, assim, eu também por ser uma mulher negra, sempre fui criada com plena noção de como é ser mulher no mundo e de como é ser mulher negra no mundo. Então sempre tive essa, esse conhecimento, né, e assim, desde que eu comecei a trabalhar com Jornalismo, eu também percebi muito que os espaços ainda eram muito restritos, ainda eram muito ocupados pelas mesmas pessoas. E até por isso, tipo, o feminismo tem me ajudado a brigar pelo meu espaço. E aí você perguntou também o que é que eu acho, o que é que eu acredito ser uma mulher feminista. Eu acho que é justamente lutar pelo seu espaço e pelo espaço de outras mulheres porque, querendo ou não, a gente, principalmente na área que a gente trabalha, ainda existe uma disparidade muito grande. Então você não consegue ter a igualdade assim, tem que lutar pelo espaço de, pelo acesso a esse espaço.

Carolina: Entendi. Bom, dentro do contexto esportivo, né, o que seria pra você atuar sob uma perspectiva feminista? Acho que você já iniciou, né, essa resposta na sua resposta anterior assim, mas dentro desse contexto esportivo, não só do jornalismo esportivo, mas de uma maneira geral. Como você pensa que seria uma atuação que funciona, o que é uma atuação sob uma perspectiva feminista.

Júlia: Eu acho que é você dar voz, dar espaço a todas as vozes que tão atuantes no esporte. Então não quer dizer, por exemplo, que você só vai entrevistar mulheres, é que você vai prestar atenção pra que nas suas matérias, nos conteúdos que você produz, você sempre vai tentar manter uma igualdade. Igualdade de fontes, igualdade de pessoas que você vai ouvir, igualdade de equipe mesmo que você vai utilizar pra produzir conteúdo, tal... É, eu imagino que é muito isso. E justamente porque esses espaços são tão pouco diversos, a gente acaba tendo que criar veículos que sejam voltados para cobertura de mulheres. Porque quando eu fiz o meu Mestrado, por exemplo, eu lá na Inglaterra, se eu não me engano, quatro... eu acho que era quatro por cento das matérias de esporte eram sobre esporte feminino. E justamente por isso, eu, tipo... existe muito essa falta de cobertura e existe muito essa falta de produção de conteúdo. Mesmo que ela exista em outros espaços, na mídia tradicional ela acaba sendo muito pouca. Então é você tentar encontrar esse equilíbrio.

Carolina: Bom, na sua opinião, as atletas tem uma percepção de que é necessário lutar por essa ocupação dos espaços, né, de maneira igualitária ou você acha que ainda é algo que, na verdade, começou a acontecer, de certa forma ela muda de modalidade pra modalidade? Como você vê a relação das atletas, né, com essa percepção de ocupação dos espaços de maneira igualitária.

Júlia: É, eu acho que elas não têm muito como... elas não têm muito como não percebe, porque é só elas pararem para comparar quanto elas recebem de atenção, quantas entrevistas elas dão e quantos, sei lá... quanto de dinheiro elas recebem de contratos, etc. Elas conseguem perceber claramente que existe uma disparidade, mas ao mesmo tempo, muitas vezes elas não querem se posicionar justamente pra não perder esse pouco acesso que elas ainda têm. Assim, eu vejo muito nessas atletas mais jovens um posicionamento maior, uma vontade maior de mudar as coisas mesmo que isso acabe ameaçando um pouco o espaço, porque realmente ameaça, a gente sabe que as pessoas que estão em posições de privilégio não querem ceder esse privilégio facilmente. Mas ao mesmo tempo isso não diminui a luta antiga, que foi uma luta diferente. Então primeiro era uma luta por espaço, agora

é uma luta por igualdade de espaço. E eu acho que as atletas, de um jeito ou de outro, sendo... ficando mais tranquila, ficando mais caladas, só que ocupando os espaços delas, seja efetivamente indo pra briga e chamando a atenção pra esses assuntos, cada uma meio que tentou lutar do seu jeito.

Carolina: Entendi. Bom, o Dibradoras surgiu em 2015, mais ou menos, e você tem conhecimento assim, nesse período de 2015 a 2020 que a gente tá, ou até mesmo antes disso, de coberturas esportivas que você acompanhou de alguma forma, seja aqui no Brasil ou fora do Brasil, coberturas esportivas semelhantes ao que elas começaram a fazer em 2015? E depois ganhou mais repercussão em 2016 com as Olimpíadas no Brasil?

Júlia: É, assim... Lá nos Estados Unidos tem alguns sites, assim, que eu conheço, que são voltados pra, por exemplo... tem podcasts que são voltados pra esportes femininos, tem sites que são voltados só para WNBA, só pra, sei lá, futebol feminino, etc, mas eu acho que aqui no Brasil... aqui no Brasil era algo que era muito difícil de se ver. Principalmente, acho que o maior diferencial delas não é nem tanto a cobertura, porque a cobertura já é de alto nível, mas o fato delas conseguirem essa cobertura e essa visibilidade toda sendo a equipe cem por cento feminina. E isso era algo assim muito difícil de você encontrar, que alcançasse essa visibilidade que elas têm hoje em dia, de estarem... começarem com blog que conseguiram alcançar um status de um blog dentro do UOL, de poder colocar as opiniões delas do mesmo jeito que elas fazem matérias e que elas fazem entrevistas, e levar esses assuntos pra quantidade absurda de leitores que elas têm. E por mais que, tipo, em outros países tem algumas propostas parecidas, tal, aqui no Brasil a gente carecia muito desse tipo de visão no jornalismo esportivo. Eu lembro que, assim, nas redações que eu já passei ou que eu tenha conhecidos que tenha passado, tipo, eu não lembro de nenhuma redação esportiva que fosse majoritariamente feminina, assim, mulheres trabalhando ativamente lá na redação, podia ser em outras funções... mas nunca, tipo, como as repórteres, como as vozes. E no caso delas, elas fazem tudo e elas sempre fizeram tudo. Então eu acho isso mais sensacional porque é uma equipe de mulheres mostrando que você pode, sim, inclusive ganhar dinheiro com esporte, que é algo que as pessoas dizem que não rende.

Carolina: Meu primeiro contato com elas foi pela internet, né, foi pelo Facebook. Como foi o seu contato, né, foi pelo Facebook também, foi pelo blog? Na verdade, elas já tinham o blog, mas quando veio ali a página do Facebook, ganhou uma repercussão maior. Eu queria saber como foi seu primeiro contato e o que você pensa desse contexto, né, em que elas apareceram. Porque a gente tinha uma efervescência ali de blogs feministas surgindo, né, algumas páginas surgindo e elas participaram também, né, dessa efervescência, mas destoando no caso de serem, de ser uma cobertura esportiva, né? Não havia, né, na época uma cobertura esportiva. Havia um pouco ali, o Olga fez alguma coisa, o Think Olga, quando teve as Olimpíadas, mas não era algo frequente. Então eu queria saber como você conheceu, né, qual foi seu primeiro acesso, como foi... e como você vê esse contexto da internet possibilitando esse espaço pra elas?

Júlia: É, eu conheci a Dibradoras, se eu não me engano, ainda era o blog antigo e muito por pessoas compartilharem no Facebook, no Facebook e no Twitter. Eu comecei a ver alguns textos delas na época, já no Twitter assim. E comecei a acompanhar o trabalho delas justamente porque, tipo, eu tava fazendo o Mestrado, indo pra fazer o Mestrado e eu queria muito conseguir acompanhar o esporte brasileiro. Só que assim, eu tava morando fora, passei um ano morando fora, então eu queria acompanhar tudo que estava acontecendo, não queria só acompanhar, tipo, sabe? O básico que já era muito visto. E eu tava fazendo um projeto justamente sobre as Olimpíadas, então eu queria saber exatamente como os atletas estavam se preparando, como os atletas estavam se, enfim... naquele pré-olimpíada, a gente sabe como é... que é uma correria, super dedicados, inclusive a aparecer na mídia pra poder garantir apoio e etc. E as Olimpíadas no Brasil, uma coisa gigantesca. E a cobertura delas já chamou bastante atenção porque elas focavam nas atletas mulheres, o que já era bem inovador, no sentido de que tava conseguindo muito alcance mas também porque elas focavam em outros temas, porque elas falavam obviamente da parte esportiva mas elas também falavam muito sobre, sei lá, sobre elas serem feministas, sobre o feminismo dentro do esporte, sobre a luta por salário, sobre a luta por apoio e era algo que você não via assim na mídia tradicional. Então eu comecei a seguir muito por isso e depois eu comecei a seguir as meninas assim,

tipo, nas redes sociais separadamente, comecei a acompanhar bem mais porque aí chegava, tipo, “diretamente” delas pra mim. Aí foi isso, foi meio que assim, a trajetória.

Carolina: Você consegue, assim, descrever pra mim, como é esse jornalismo esportivo que o Dibradoras faz, na sua opinião? Como você descreveria?

Júlia: Pensando assim, pra descrever em uma palavra eu descreveria como feminista, não tem, não tem muito como fugir disso, mas eu descreveria como um jornalismo diverso, sabe? Mesmo que sejam mulheres, basicamente, sendo entrevistadas é um jornalismo muito diverso, porque apesar de ser jornalismo esportivo porque elas entrevistam atletas, técnicas, etc... é, acaba sendo um, acabam sendo olhares diferentes da mesma coisa. Então não vai ser necessariamente só falar sobre o desempenho esportivo, vai ser falar sobre, sei lá, a saúde, sobre a política, sobre as questões de raça, as questões de gênero. Então acaba tendo uma diversidade de temas ali trabalhados, que muitas vezes fica fora de outros lugares e isso é bem interessante.

Carolina: Beleza. Dentro do jornalismo feminista no Brasil, a gente não teve nenhum veículo, nenhum jornal ou um panfleto, que seja, que se dedicasse as pautas das mulheres no esporte. Muito disso é por conta de outras pautas, né, que a gente teve ao longo dos anos e, mesmo assim, na ditadura quando o jornalismo feminista conseguiu se organizar melhor ali e as mulheres conseguiram se posicionar mais dentro desse jornalismo marginal, né, tudo mais, não existia essa pauta, né. Eu queria saber assim, na sua opinião, porque que esse tipo de conteúdo começou a ganhar espaço mais ou menos nos últimos dez anos, eu acredito, dez, doze anos, né. O que fez com que esse conteúdo começasse a ganhar espaço dentro de uma discussão feminista. Será que foi, não sei, de repente a resolução de algumas outras pautas ou de repente mais, a mulher enxergando, né, outras necessidades, outras, outras ambições nesse meio, enfim... Como você vê a chegada desse conteúdo, né, dentro de um contexto feminista? No jornalismo, eu falo.

Júlia: Eu imagino que é muito, é... perceberam que era mais um espaço que era negado, porque as mulheres foram proibidas por muitos anos de praticar esportes, as mulheres foram proibidas direta e indiretamente de falar sobre esporte, de se posicionar, de praticar, de ser jornalista esportiva. Então mesmo que a proibição não fosse mais na lei, ainda existia muita, muita, muito preconceito. E muitas vezes o movimento feminista, até pelo fato de o esporte nunca, por muito tempo, não foi visto como algo, sabe, algo essencial no Brasil. Sempre foi visto como um supérfluo, algo frívolo, algo de diversão, de lazer que não é tão importante. Então você vê, por exemplo, na Academia também, o esporte sempre foi negligenciado no Jornalismo, sendo uma área a parte dos assuntos “mais sérios” da redação. E eu imagino que o movimento feminista tenha meio que caído, nessa mesma, nessa mesma linha. É, se teve muita luta durante e principalmente ali nos anos da Ditadura, os anos da proibição, mas ao mesmo tempo se tinha muito preconceito de que o esporte não era lugar de mulher mesmo e a mulher “praticava esportes”, no caso, malhava pra ficar bonita, pra ficar com corpo ideal, não necessariamente pra ter outros benefícios no esporte como a integração com as colegas e amigos ou, sei lá, as questões de saúde até. E sempre foi algo muito mais voltado pra estética do que pra necessariamente diversão, etc. E ao, mesmo tempo, do lado do movimento também não era tão visto, não era visto como tão essencial ou tão importante. É, se tem muita essa noção de que o esporte não é lugar pra política, né? Então se via muito como: ah, não, isso aqui a gente não vai mexer porque primeiro que a gente não quer, porque a gente é mulher, a gente não quer praticar esporte, segundo porque a gente tem outras coisas mais importantes a serem tratadas. E não é dizer que as outras coisas não fossem importantes, mas a prática de esporte também era e também é, no caso, falando ainda da luta de hoje em dia.

Carolina: É constante, né? Uma luta, que ela ainda perdura.

Júlia: Exato. E a gente precisa e a gente ainda enxerga muito como uma parte diminuta da luta, da luta política, da luta feminista, da luta do movimento negro, da luta como um todo, de todas as lutas assim. O esporte acaba ficando muito como uma parte extra, você não vê, por exemplo, a falta do esporte indo para uma discussão sobre a política no Brasil. Você vê a política no Brasil indo pra uma

discussão de esportes, acaba não rolando essa troca. Eu acredito que no movimento feminista tenha sido mais ou menos a mesma coisa.

Carolina: Bom, na minha tese, eu defendo que o Dibradoras criou um mapa cultural próprio, ali pensando no mapa cultural do Stuart Hall, tudo mais, na produção social da notícia. Então eu defendo que elas criaram o próprio mapa cultural delas, né, pra falar de esporte feminino. Então que é algo que as mídias tradicionais ainda tentam fazer, né, e continuam batendo a cabeça. Então, por exemplo, no Dibradoras elas debatem violência, homofobia, machismo, racismo, o esporte feminino é protagonista, os padrões são contestados, né. Eu queria saber de você, assim, como você vê, como você enxerga esse mapa cultural que elas se apoiam pra criar, pra buscar suas pautas, né, pra desenvolver ali suas matérias, pra trazer essa nova perspectiva do esporte feminino pro jornalismo delas.

Júlia: Eu acho que é tão, é uma área tão inexplorada que elas têm basicamente o mundo inteiro pra escrever, elas podem escrever pelos próximos cinquenta anos e ainda vão ter temas pra debater à vontade. Eu acho sensacional por que pensando na noção de empreendedorismo, pelo conceito mais amplo da coisa, né, de você ter uma ideia e ir lá e fazer, e executar, e pensar em algo que ninguém mais teoricamente estava fazendo ali ou fazendo tão bem, foi um caso mais do que sucesso absoluto, porque elas não só conseguiram ampliar essa gama de referências pra, por exemplo, mostrar pra outros lugares, pra outros veículos que não tinham acessado ainda toda essa gama, de todos esses tópicos, que: olha, vocês também precisam olhar pra isso aqui. Como também, no caso delas, explorando ambientes, explorando coisas que elas mesmo nunca tinham explorado. Eu imagino na carreira delas porque, por exemplo, as três são paulistas, as três são do Sudeste, não tinham por exemplo muito, não tinham muito contato com gente de regiões do país no trabalho delas e elas vão escrever sobre a realidade, falando no meu caso, eu sou nordestina, elas vão chamar uma jornalista de lá pra dizer: olha, nesse caso aqui, o que está acontecendo na sua região? Então não é só necessariamente os temas, e os tópicos, e a noção do mapa cultural como os espaços que elas vão abranger, mas também os espaços físicos, né, que elas vão ampliar bastante. E

justamente por isso elas, elas meio que pegam um território que era muito pouco explorado e muito menos explorado ainda, praticamente inexplorado pela mídia tradicional, e elas se tornam essa mídia tradicional, que vai falar sobre esse tema.

Carolina: Certo. Bom, você me disse lá no começo, né, como você vê o feminismo a partir de uma perspectiva de uma mulher negra. Pode me corrigir se tiver errado, eu vi que você esses dias participou de um debate sobre grupos LGBT...

Júlia: Sim.

Carolina: Tá, eu queria saber se você se sente representada pelo jornalismo delas, sendo uma mulher negra e LGBTQIA+. Quais os pontos positivos dessa cobertura, né, em relação a essas duas, esses dois grupos e o que ainda falta, na sua opinião?

Júlia: É, o que... uma das coisas que eu mais gosto e eu gosto muito das meninas também, elas são super legais, elas são super parceiras nesse sentido, é que elas abrem muito o espaço que elas conquistaram pra outras pessoas. Então se você precisa de alguma indicação, de alguma... ou você quer escrever alguma coisa e não sabe onde publicar, se você tem esse acesso, você consegue mandar e fazer essa troca e publicar com elas, o que é sensacional. Porque, por exemplo, eu não trabalho mais em redação então uma vez eu queria muito... ah naquela inspiração assim de escrever um texto, queria escrever alguma coisa, aí mandei uma mensagem: poxa, seu eu fizer isso aqui, vocês publicam? Elas: claro! Abrindo super o espaço. Eu acho que ainda falta representatividade no sentido de, por exemplo, não sei como, como seria pra dinâmica delas assim, mas ter uma pessoa negra, por exemplo, que fosse mais fixa na equipe. Não falo tanto de questões LGBT porque, enfim, tem representação lá também, mas no sentido de ter uma diversidade maior numa equipe mais fixa. Mas ao mesmo tempo, eu acho que elas têm a abertura pra receber, por exemplo, quem quiser se colocar nessa, nessa posição. E eu acho isso super importante, porque elas entendem exatamente de onde elas falam, elas entendem o lugar de onde elas estão falando e elas ouvem. Elas ouvem, então elas ouvem as

fontes, elas ouvem as colegas. Se eu vejo, sei lá, algo que eu não concordo, se outras pessoas veem, que não conhecem elas assim, mas sei lá vem e apontam alguma coisa no Twitter que pode melhorar, algum título que podia ser melhor trabalhado, algum termo que as pessoas discordam, a abertura é muito grande assim pra elas assumirem, de: nossa, erramos, vamos fazer diferente. Eu acho esse o primeiro passo assim fundamental pra elas conseguirem essa, essa... representar mesmo que elas não tenham essas categorias ali representadas.

Carolina: É, você é uma leitora, né, e eu também, somos jornalistas..., mas eu queria que você pensasse, como você descreveria uma leitora do blog, né, uma leitora do Dibradoras. Eu acredito que seja uma leitora bem diversa, como você disse no começo, né, por ser uma cobertura diversa. Mas você pensa assim, por exemplo, existem tipos de leitoras, existe um perfil ali mais padrão de quem é essa leitora que vai buscar o conteúdo, a gente vê que existe o perfil do hater, sabe, que tá sempre... Mas e pensando no perfil de uma leitura, assim?

Júlia: Cara, eu imagino que a gente consiga fazer um recorte, mas não um recorte necessariamente por conteúdo, fazer um recorte, por exemplo: por ser um blog na internet, então a gente sabe que metade da população brasileira ainda não tem acesso à internet banda larga. Um blog que fala de esporte feminino, então muita gente mal sabe como procurar, mal sabe... ou até mesmo tem preconceito, então a gente consegue ir recortando esse perfil e aí, sei lá, pensar em alguém de classe média, provavelmente do Sul, Sudeste porque é onde tem mais acesso. Eu imagino que dá pra fazer esse recorte assim, mas, ao mesmo tempo, eu acho que os textos delas, principalmente os textos, alguns textos que são mais pontuais, que tocam por exemplo na questão da LGBTQfobia, na questão do racismo, eles atingem tão mais gente que... eu entendo o recurso de criar uma persona assim pra leitora, pra imaginar mesmo quem seria essa pessoa padrão que vai ler os textos sempre, mas eu acho que acaba, acaba restringindo muito. Assim, respondendo sua pergunta, eu chutaria alguém, uma mulher provavelmente branca, de classe média que joga futebol, quer montar um time de futebol com as amigas no fim de semana, mas é... acho que vai tão além... sei lá, a minha mãe fica me mandando textos delas, sabe? Lá de Salvador, sabe? Você viu esse texto novo das Dibradoras? Eu acho isso muito

legal porque essa... apesar do recurso de criar persona ser muito interessante pra trabalhar o... enfim, trabalhar a ideia do blog como um todo, eu acho que acaba restringindo muito. Desculpa dar pitaco na sua...

Carolina: Acha, imagina. A ideia é entender como você, como leitora e jornalista, que acompanha o blog vê essas questões mesmo, até pra ajudar na minha análise depois, das reportagens e tudo mais. É, mais duas perguntinhas aqui. Você até comentou, né, sobre essa questão de cinquenta por cento do Brasil não ter acesso à internet. É, eu queria saber, você acredita que é possível criar caminhos, é possível ser uma ferramenta empoderadora de mulheres e meninas, né, que é possível que o Dibradoras faça esse papel de criar alguns caminhos pra empoderar mulheres e meninas inseridas nesse contexto esportivo e funcione como uma ferramenta? Não entendendo o empoderamento de uma perspectiva individual, capitalista, mas entendendo o empoderamento, né, como essa ferramenta de emancipação, essa ferramenta pra conscientizar grupos, por exemplo. É, você acha que é possível que elas estejam abrindo esse espaço, fazendo essa função apesar dessa dificuldade, tanto do acesso à internet, quanto do perfil que a gente falou de leitoras, né, um perfil, do que seria um “perfil padrão”, por exemplo?

Júlia: Eu acho que elas têm um caminho aberto pra isso, eu acho que você, apesar de tudo como você falou, pensando na coisa do esporte de elite, você ainda acaba restringindo um pouco o aspecto pessoal, no sentido de que, sei lá, você entrevistar uma Marta, mesmo que eu jogue futebol no fim de semana, coisa que eu não faço, tipo, eu nunca vou ser uma Marta, sabe? Então acaba tendo um pouco esse distanciamento, mas ao mesmo tempo não deixa de ser uma inspiração. Então porque você não precisa necessariamente mostrar aquela pessoa pra empoderar aquela pessoa e nem mostrar onde ela pode chegar, porque não vai chegar a ser uma Marta, mas pode chegar se alguém entender o futebol como alguma ferramenta, que ela vai, uma forma de lazer, uma forma de diversão e que ela vai aproveitar aquilo ali. Então acho que é uma ferramenta, eu acho que não é uma ferramenta em si, mas acho que mostra ferramentas e elas têm um caminho aberto ainda que elas podem passar a usar. Por exemplo, a gente, elas falam muito sobre mídia no esporte,

sobre questões de representatividade. Então, por exemplo, pra jornalistas, pras meninas que, sei lá, estudam na Faculdade de Comunicação da UFBA, que é aonde eu fiz minha faculdade, verem um blog tão, com tanta visibilidade, que elas fazem mil coisas, vão pra França cobrir a Copa Feminina, tipo, abre os olhos das pessoas e acho que a história delas acaba sendo tão empoderadora e inspiradora quanto, sabe?

Carolina: Sim. Bom, minha última pergunta acho que tem um pouco a ver com isso. Você também já começou a responder um pouquinho, mas era... na sua opinião, né, o Dibradoras foi capaz de trazer mudanças no cenário esportivo pras mulheres, então sejam elas atletas, jornalistas, ou qualquer tipo de personagem dentro desse ambiente esportivo?

Júlia: É... sim, sim, sim. Até porque elas se tornaram uma referência, né. Quando você tem uma referência, você tem alguém pra quem correr, se alguma coisa tá ruim, ou então alguém para quem correr, se você quer divulgar alguma coisa. É, pensando, sei lá, nas pessoas assim, nas atletas que eu vejo falando com elas, nas entrevistas que elas fazem, eu adoro as entrevistas, e nas denúncias, tipo, das atletas assim... Por exemplo, as atletas do Vitória correm pra falar com elas sobre o fato delas não estarem recebendo o auxílio da CBF. Então elas já acabam sendo uma linha direta nesse sentido. E não adianta pensar em uma macro mudança, sei lá, numa saída de um Marco Aurélio da Seleção Feminina ou de uma denúncia de abuso, sei lá, de algum dirigente, de algum treinador, etc... se você também não pensa nessas mudanças mais próximas que são... e eu acho que o papel do jornalismo é isso, você dar visibilidade a quem precisa. No caso de alguém que não tá recebendo, de alguém que tá sofrendo preconceito, de alguém que tá tentando contar uma história, e eu acho que elas cumprem esse papel muito bem.

Fim da entrevista

Entrevista: Ary Borges

Referência: Jogadora, meia-atacante do Palmeiras e atual Seleção Brasileira

Método: feita pelo Google Meeting

Data: setembro/2020

Duração: 35 min

Carolina: Meu nome é Carolina, eu sou Jornalista, desenvolvo uma pesquisa de Doutorado aqui na UNESP, na Universidade Estadual Paulista, né, aqui em Bauru, no campus de Bauru e minha pesquisa tem como foco o Blog Dibradoras. A ideia é conceituar a cobertura delas, então eu tenho conversado com algumas pessoas que foram personagens, né, de matérias ou que interagem de alguma maneira, tanto leitoras quanto atletas, né. Então, assim, pra entender qual é a visão das pessoas sobre o que elas fazem no Blog. Eu vou mandar aqui do lado, no chat, um Termo de Consentimento. Ele tá dividido em três partes porque é um pouquinho longo. Nele, né, você pode ler, fica à vontade pra ler, tomar o seu tempo, dar uma olhada, mas fala coisas, tipo: você pode optar por não responder alguma pergunta, pode solicitar esse áudio quando você quiser, né, e fala que eu vou utilizar a transcrição na minha tese, na minha pesquisa, e o nome do meu Orientador e tudo mais. É mais uma questão burocrática. Então eu vou mandar aqui do lado pra você e aí, ao final, você pode escrever o seu nome e escrever “eu concordo” ou alguma coisa assim, “ok”. Porque como a gente tá nesse momento de pandemia, né, não tem como a gente fazer pessoalmente. E pra eu te mandar o arquivo para você assinar, digitalizar e me devolver, acho que dá um pouquinho de trabalho. Então pelo menos aqui eu tenho a garantia. Eu vou acabar de mandar aqui pra você, só um minutinho, é meio longuinho assim.

Ary: É, deixa eu te falar, só meu nome que tá escrito errado, mas será que dá problema? Meu nome tem o “i”, é Ariadina.

Carolina: Ah, tá. Eu vou mandar de novo então.

Ary: Tá bom, tudo bem.

Carolina: Beleza, é isso aí. E aí eu fico com esse documento, né, gravado aqui comigo. Então eu vou começar as perguntas aqui e a gente vai conversando.

Se você tiver alguma dúvida ou se tiver alguma coisa, né, que você precisa que eu explique melhor, ou que você não queira responder, você vai me falando.

Ary: Tá bom.

Carolina: Bom, eu queria saber o que que você entende pela palavra feminismo e se você se considera uma mulher feminista.

Ary: Ah, não, assim... vou começar respondendo a segunda, primeiro. É, não é algo que eu vou lá e me taxo como feminista e tudo mais. Acho que até porque eu não sei se é algo necessário que a gente precisa toda hora ficar falando que é ou não, mas as coisas com que eu acho certo, procuro falar sobre, me torna uma pessoa feminista, né, dentro das características do feminismo. E, assim, pra mim o feminismo nada mais é que, foi um nome dado pra luta das mulheres buscando igualdade, né. Muita gente acha que: ah porque as mulheres querem ser mais do que os homens... e não, não é isso. É o simples fato de que a gente, infelizmente, está atrás do homem, por toda uma questão histórica da sociedade e as pessoas confundem muito isso, mas para mim significa igualdade, realmente, de gênero, que as mulheres lutam pelo seu espaço na sociedade e de poder mostrar o seu valor e acabar com essa desvantagem que, infelizmente, as mulheres têm em relação aos homens.

Carolina: Sim. É, e dentro do contexto do esporte, o que você entende como ser uma pessoa feminista, atuar sob uma perspectiva feminista, dentro do contexto esportivo.

Ary: Acho que é muito importante, né. Vou falar porque a minha modalidade já me obriga a lutar por isso, né. A gente, né, vem de um esporte, o futebol, que foi proibido, né. As mulheres eram proibidas vinte, trinta anos, se eu não me engano, de jogar futebol. Então a partir do momento que qualquer menina entra no mundo do futebol feminino, ela já tem que entrar sabendo que ela vai ter que lutar contra isso, lutar contra um esporte que sofreu muito preconceito. É como eu falei de ser proibida realmente de jogar porque as pessoas achavam e, até hoje tem muita gente que acha, que o futebol é apenas um esporte pra homens, infelizmente. Então assim, como eu falei, a minha modalidade, né, o futebol, o esporte que eu gosto me obrigou

a lutar com isso, a ser uma feminista, no caso. É, óbvio que eu também, né, tem a parte de que eu sou negra, então também, né, entra na parte racial, de você ir lá e sempre ter que falar sobre esse assunto. É algo que tá na nossa vida, né. Toda atleta hoje que joga futebol, ela sempre tem que passar por essas perguntas, sempre tem que se posicionar sobre isso, porque é uma luta realmente que a gente, a partir do momento que entra, já vem é o peso nas suas costas que você tem que carregar por escolher gostar tanto de futebol, sabe? Então acho que se encaixa muito nisso, né. Nem algo que a gente talvez queira lutar, mas é algo que é necessário, sabe? É algo que a gente tem que realmente bater o pé e lutar todo dia, porque é algo que a gente tá começando a ganhar força, mas que ainda falta muito, sabe?

Carolina: Entendi. Em que momento você teve essa percepção, de que você precisaria se impor, se posicionar? Isso veio desde quando você começou a jogar futebol ou foi algo que foi, você foi reconhecendo, né, o terreno ali, foi algo que você viu necessidade?

Ary: Assim, eu desde a escola sempre fui aquela menina que sempre gostou de falar, né. Sempre gostei de me posicionar sobre tudo. É, até brinco que eu era a bocuda da sala, sempre gostei, né, de sempre... sempre fui muito bem falando com as pessoas, falando as minhas opiniões. E aí eu comecei, né, comecei a jogar futebol. E aí você vai começando a perceber, você começa a ver que, né, a modalidade sofre com muitas dificuldades e que, como eu falei, você começa a ver: pô, porquê que minha modalidade passa por isso? Aí você começa a se questionar dentro de casa, quando eu comecei a levar o futebol mais a sério, que foi quando eu entrei no Centro Olímpico, que foi onde eu realmente conheci o mundo do futebol feminino, né, mais a sério. Porque antes eu treinava numa escolinha, que eu treinava com os meninos e já lá, eu já era, né, já era obrigada a mostrar pra eles e pra todo mundo de que as meninas também querem jogar futebol, também gostavam de jogar futebol. E aí, foi quando eu entrei realmente no Centro Olímpico, como eu falei, que eu comecei a ver a realidade, né, de tudo que as meninas sofriam, de tudo que acontecia. E aí você, pelo menos eu tomei um choque, né, de você falar assim: caramba! Eu falo, eu tive muita sorte de conhecer o Centro Olímpico porque muitas meninas não tem acessórios, sabe? Realmente por ser um esporte praticamente e voltado pros

homens, em que a gente não tem muita oportunidade, em que é muito difícil você arrumar Clube que te dê uma estrutura, assim, digna de trabalho. Então você começa a perceber de que: caramba, eu vivo nisso. E eu pensava muito assim: pô, eu consegui o Centro Olímpico, mas tem muita menina que não consegue. E eu preciso falar sobre isso, eu preciso, né, ser voz ativa pra que, né, outras meninas possam ter a chance de virar jogadora, de conseguir realizar o sonho delas. E aí com o passar do tempo, né, eu fui, né, crescendo, amadurecendo e conhecendo mais ainda tudo, tudo que a gente passa na modalidade. E aí acho que é uma questão que entra muito do teu lado humano, né, de você não se calar. E aí eu passei a usar a minha voz como atleta, de você começa a usar as suas redes sociais para falar sobre isso porque, como eu falei, é realmente algo que quando você entra de cabeça na modalidade, você é automaticamente, esse peso entra nas suas costas, não tem como você fugir disso. Por isso que muitas das meninas, é, sempre tão aí falando sobre assunto porque acho que todo mundo entende essa importância, sabe? De que se a gente não falar, as meninas, as próximas gerações, não vão ter algo melhor do que a gente tem hoje. O futebol e a modalidade vivem uma crescente muito boa, muito em questão disso, de cobrar realmente porque acho que, é como eu te falei, a gente pede muito por igualdade, principalmente do nosso esporte. Pô, de você ter uma estrutura bacana pelo menos para trabalhar. Muita gente até fala de que: ah, as meninas querem receber o mesmo dinheiro do masculino. É óbvio que a gente também quer, né. Quem não quer receber dinheiro, tanto quanto o masculino recebe? Mas o que a gente luta muito é nessa questão de a gente receber boas condições de trabalho, que a maioria das meninas não tem. Então, sabe, é algo que, que a gente luta pra ver o bem da modalidade porque realmente quem joga hoje futebol de meninas é porque realmente ama o esporte, sabe? Hoje a modalidade, como eu falei, vem numa crescente muito boa, mas, pô, as meninas que vem de há muito tempo realmente faziam aquilo por amor. Pô, eu nem recebi um dinheiro, nem nada, sabe? Então é um negócio que, como eu falei, a gente luta pra que as meninas das próximas gerações possam ter condições de trabalho, possam receber um bom salário, possam viver do futebol, né, sabe? Que acho que é o que todo mundo quer, então, como eu falei, é algo que a gente carrega e não tem como você ficar quieta, sabe?

Carolina: Entendi. E você contextualizou duas perguntas que eu ia fazer assim, mas eu acho que você pode falar um pouquinho mais. É, como você vê a realidade dos Clubes brasileiros hoje, né, pro futebol feminino, depois que veio a obrigatoriedade de ter as equipes e tudo mais? E você comentou sobre esse posicionamento, né, de vocês deixarem... dessa geração se posicionar pra que a próxima não tenha que enfrentar as mesmas coisas. É, você acha que existe uma diferença de posicionamento, da sua geração e da geração que veio antes de você?

Ary: É, a primeira pergunta foi sobre os clubes, né?

Carolina: Isso.

Ary: Olha, eu acho que assim, dois, dois fatores, na minha opinião, é, ajudaram muito pra crescente da modalidade. Uma foi essa questão de obrigatoriedade e a segunda foi a Copa do Mundo, né, que aí trouxe, alavancou muito a modalidade no ano passado. Essa questão da obrigatoriedade é, óbvio, que no começo se tornou algo muito chato porque, né, você tá obrigando. É muito chato quando você obriga alguém a fazer alguma coisa. Então, mas assim o que a gente vê é que não tinha outra opção. O futebol feminino não seria o que tá sendo hoje, algo melhor, se os clubes não fossem obrigados. Como eu falei, é chato, mas será algo que realmente foi necessário para que as coisas acontecessem. Graças a Deus, aconteceu, porque essa questão de terem os clubes de camisa, pô, ficou muito mais atrativo, né. É o que a gente fala muito, é do futebol feminino virar um produto e desse produto é aí que a gente vai poder render lucro pros clubes. E é aí, pô, que eles cobram muito, né. Ah, o futebol feminino só dá gasto e acho que, a partir do momento, que o futebol feminino virar um produto e que dê lucro pros clubes, talvez é o que vai fazer com que eles olhem com bons olhos, né. Se o que eles pensam é o que vale é o dinheiro, né. Então acho que isso fez muito bem, porque ficou muito mais atraente pro público ligar, pô, sua TV no dia de domingo e você ver um Palmeiras e Corinthians jogando, você ver clássicos, né, Grenal passando na TV. Então assim mudou o cenário de futebol feminino, sabe? Mudou. Eu falo até no meu círculo aqui de pessoas próximas, de falar: pô, Ary... Tem muito amigo meu que me fala: pô, Ary, tava aqui assistindo,

nem sabia que o time do Palmeiras tinha time feminino, nem sabia que, enfim, outros times... São Paulo, Corinthians, Santos tinha time feminino e, pô, as meninas são mó boas, né, mó legal assistir. Eu falei: pois é, né, tá vendo? A gente começou talvez, a modalidade começou a atingir pessoas fora daquele círculo que já assistiam, sabe? Então fez com que a modalidade crescesse muito e acho que fez muito bem essa questão de obrigar os clubes, mesmo sendo muito chato. Agora a outra questão que você falou da mudança de posicionamento, né?

Carolina: Isso.

Ary: Eu acho que sim, acho que tem sim. Eu acho que hoje as meninas, acho que tem um pouquinho menos, talvez, de medo? Eu não sei se seja a palavra certa, mas acho que hoje a gente tem um pouquinho mais de apoio, sabe? Você sabe que você tá fazendo a coisa certa e que você tem pessoas pra te apoiar. E que, né, acho que antigamente as meninas talvez se sentiam um pouco retraídas de falar alguma coisa, de cobrar, por às vezes achar que, né, a modalidade não era, né, tinha acabado de surgir. Como eu falei, ficou muito tempo proibida. Então acho que as meninas tinham um pouquinho de receio de falar e hoje eu já não vejo isso, sabe? Hoje você vê as meninas falam realmente, porque não estão cobrando nada demais, estão cobrando acho que o que a gente realmente precisa e necessita. Então acho que eu vejo, sim, uma diferença muito grande. Torço para que as próximas gerações também possam ser ainda mais, né, bocudas. Como eu falei, em relação a isso pra cobrar e chegar que, pô, a gente merece isso, a gente quer isso sim, porque a gente precisa pra trabalhar. Então eu acho que eu vejo uma diferença e isso é muito bom, né. Acho, pô, de terem meninas que vão lá, dão a cara à tapa e fala realmente o que a modalidade precisa porque, né, elas falaram no passado pra ser melhor para a gente, a gente pras próximas e que isso seja um ciclo. Pra que aí a gente consiga finalmente chegar, né, nas condições de trabalho, né, em relação ao salário também, parecidos ou iguais com o masculino.

Carolina: É, falando sobre essa questão de posicionamento também... É, você, né, se coloca como uma atleta bocuda, mas existem outras que se calam muito. E existe uma cobrança em relação, né, a algumas atletas. Por exemplo, existe

uma cobrança muito grande pela a Marta se posicionar, né? Você acha que é uma obrigação, né, pensando na realidade que vocês vivem. Você acha que é uma obrigação das atletas se posicionarem ou não?

15:50

Ary: Olha, eu acho que fica muito chato, né, quando você obriga alguém a falar alguma coisa. Acho que é muito do teu lado humano, como eu falo. Eu, por exemplo, eu não consigo me calar e ver que, pô, o esporte que eu gosto tanto passa por tanta dificuldade, sabe? Então acho que entra muito nesse lado humano, acho que, né, quem sou eu pra falar alguma coisa de alguém, que tem que falar: a, b ou c, ou deixar de falar. Mas acho que é importante, seria importante se todo mundo falasse, né. Pessoas com mais peso, né, como você falou da própria Marta. Mas acho que vai muito de cada uma, acho que cada uma tem consciência do que pode fazer, do que deixou de fazer pela modalidade, sabe? Então, como eu falei, é a consciência de cada uma, sabe? Da consciência de cada uma.

Carolina: E fora posicionamento em relação a modalidade. Por exemplo, você, né, como mulher negra se posicionando contra racismo e tudo mais. Você acha que o esporte, ele consegue se separar dessas questões políticas ou ele tem esse espaço mesmo, de função social, de colocar, ter os atletas ali em evidência, se posicionando ali sobre assuntos tão necessários. Você acha que dá pra separar ou não?

Ary: Acho que tem muita gente que fala, né, aquela bendita frase de que: futebol, esporte e política não se discute. E eu sou totalmente contra essa frase porque eu acho que se discute, sim. A partir do momento que o futebol é o esporte que mais influencia na vida das pessoas é porque ele realmente se discute, se mistura com outras questões. Porque, como eu falei, ele influencia na sociedade, ele forma caráter de muitas pessoas e acho que o que falta é isso, é o futebol, é o esporte entender essa influência e os jogadores, né, os atletas começarem a entrar numa causa. Principalmente nos últimos tempos acho que algo ficou assim, chegou acho que no extremismo, né, máximo, talvez... por essas questões raciais em que virou realmente uma causa não só dos negros, né, virou uma causa de todo mundo. E,

como eu falei, acho que sai muito da situação como um atleta já, já, sabe? Já entra no seu lado humano, de você: pô, eu tenho, sei lá... Você fala pro atleta essa questão de diferença, eu tenho dez seguidores, se eu consigo falar para dez pessoas sobre determinado assunto pra melhorar a vida das pessoas, pra acabar, né, com qualquer tipo de preconceito, eu tenho que falar, eu tenho que tentar, né, atingir as pessoas. E os atletas têm muito esse poder, né, é uma influência muito grande, como eu falei, com o esporte que tem uma influência muito grande na sociedade. Então acho que, a partir do momento, que os atletas entenderem isso, acho que a gente vai conseguir ainda mais, né, diminuir esse preconceito e fazer diferença realmente na vida das pessoas.

Carolina: E o que você acha que muda em relação as atletas, os atletas em geral, tanto homens e mulheres, aqui no Brasil, e atletas na Europa ou nos Estados Unidos. A gente tem, né, a Rapinoe, a gente tem outros movimentos ali na Europa também, né, em relação a igualdade de salário e tudo mais, que parece que tem um pouco mais de força do que aqui no Brasil. O que você acha que faz com que isso seja diferente? Ou você acha que não é diferente?

Ary: Eu acho que rola sim uma diferença muito grande. Eu acho que, eu não sei na verdade, o que acontece. Acho que muitas das vezes o atleta começa talvez a gerar um peso, de que rola muito aqui também pra gente, de você acabar sendo, né, aquele atleta do “mimimi”, como o pessoal fala, né? E acho que muitos atletas tem medo de se queimar por essa questão, porque as redes sociais, principalmente, viraram um caos quando você começa a falar sobre assuntos diferentes, aí você vê comentário: ah, vai jogar futebol, você não tem que falar sobre isso e aquilo. Então acho que rola esse receio, muito por parte disso, sabe? De você não virar aquele atleta problema por você estar falando sobre outros assuntos. Então acho que isso acaba trazendo esse diferencial e acho que falta muito também apoio, né, dos clubes, talvez de pessoas acima, pra que outros atletas possam se comunicar. Acho que no feminino tem bastante meninas, né, que falam e tudo mais, mas no masculino você já não consegue ver tanto, sabe? Acho que realmente muito por esse receio de ser desse jeito, sabe? De você acabar virando o jogador problema que, infelizmente, é muito chato, como eu falei, porque a partir do momento que a gente entender esse peso

que os atletas têm sobre a vida das pessoas, as coisas com certeza seriam diferentes, sabe? Poderiam ser melhores, mas também é de se entender, né. O cara, a menina, o cara acho que têm medo de realmente de se queimar na sua profissão, como já aconteceu com vários jogadores, né. Então a gente fica chateado por, né, por não ter tantos nesse engajamento, né, nessas questões, mas também acaba entendendo em algumas partes, alguns.

Carolina: E você acha que muda de modalidade, entre as modalidades? Assim, por exemplo, a cobrança que tem pras meninas do futebol se posicionarem é diferente da cobrança que tem pras meninas do vôlei se posicionarem, por exemplo, sobre “n” questões. Você acha que muda assim, essa cobrança por posicionamento, mais a maneira como se posiciona e tudo mais?

Ary: Olha, eu até não vejo, né, eu não acompanho tanto outros esportes, né, mas realmente eu não vejo que tem muito essa cobrança sobre o vôlei, por exemplo. Mas eu acho que isso muito se dá porque as pessoas falam muito, né, que o futebol feminino, infelizmente, é um fardo que a gente carrega, de não ter dado nenhum título, né, de expressão. Então acho que infelizmente a gente sempre: ah vocês querem falar, mas, pô, nunca ganhou nada, sabe, para cobrar. E quando eu vejo em outras modalidades, as meninas já tem mais suporte, né, medalha olímpica, campeã mundial. Então acho que isso rola por essa diferença também, mas as pessoas também não entendem que a modalidade tá praticamente engatinhando aqui no país, né. O pessoal só quer o resultado, é essa que é a verdade, sabe? Então acho que rola essa diferença também, muito por causa disso, né. Do futebol feminino ainda não ter dado esse resultado porque acho que, talvez, quando tiver, vai ser diferente. Tipo, as meninas estão cobrando e elas já não tem nada e já deram resultado, imagina se elas tiverem condições boas de trabalho, o que pode ser diferente, sabe? Então eu acho que essa diferença pode acontecer por causa disso, sabe? É minha visão.

Carolina: Eu fiz essas perguntas mais pra contextualizar assim. Agora eu vou em algumas perguntas em relação ao blog, né, diretamente. É, tudo isso que a gente falou, elas acabam abordando bastante, né. O Dibradoras surgiu em 2015

e cada vez mais elas vêm se aproximando, né, das causas das mulheres atletas, especialmente do futebol feminino. Você vê alguma diferença no jornalismo que elas fazem, na cobertura que elas fazem de esportes femininos e na cobertura que as outras mídias fazem, as mídias maiores, por exemplo?

Ary: É, você tá falando da Dibradoras, né?

Carolina: Isso, isso. Não sei se cortou.

Ary: Olha, eu sou muito suspeita até de falar sobre elas porque acho que viraram realmente minhas amigas, a Renata, a Nina e a Angélica, mas assim elas fazem um trabalho fantástico, né. Não é à toa que eu acho que hoje é o maior meio de comunicação que fala sobre a modalidade, né. Conseguiu atingir muitas pessoas. Então assim, eu vejo delas realmente um trabalho muito importante que vem ajudado demais nessa questão de visibilidade pra gente, sempre tão cobrindo os jogos, né. Sempre tão trazendo informações, né, pra gente, que a gente realmente precisa. Conseguem atingir, como eu falei, pessoas diferentes do mundo do futebol feminino, né, com a visibilidade que hoje elas têm. E acho que, como eu falei, eu realmente admiro muito o trabalho delas, mas acho que também falta um pouquinho de mídias maiores, né, cobrir o futebol feminino. É algo que eu acho que tem muita diferença é, tipo, você... é muito comum você ligar a TV e tá todo dia nos programas de esporte falando sobre contratações do masculino, tal, não sei o quê... e no futebol feminino geralmente só passa quando é algo muito extraordinário e geralmente as reportagens duram dois, três minutos e, olhe lá, tô chutando muito alto. Então assim, é algo que eu acho que falta muito, sabe? De porquê, pô, tem muita gente que gosta de ligar a TV e gostaria de ver notícia do futebol feminino, né, as contratações ou as especulações do mercado, as transferências, os gols dos campeonatos, sabe? Então acho que isso sim faria bastante diferença, mas a gente também tem bons canais não só a Dibradoras, mas tem outros também que fazem uma cobertura muito bacana do futebol feminino. Mas que a gente torce pra que outros tenham engajamento melhor, maior, né, na verdade. E vejam o futebol feminino, como eu falei, como um produto, né, que aí pras pessoas ligarem a TV, cada vez mais as pessoas se interessarem pela modalidade.

Carolina: Nessa questão que você fala do produto, existem muitos comentários assim: ah, não tem, não tem, as pessoas não consomem, as pessoas não gostam, então a gente não, não, trata ali do futebol feminino em rede nacional, por exemplo. Mas aí fala: ah, mas se você não trata ali na rede nacional, se você não dá visibilidade, como que as pessoas podem gostar? Como que você vê isso assim, né? Porque parece aquele negócio do ovo e da galinha, né, o que nasceu primeiro.

Ary: Sim, é, então... fica nesse questionamento: como é que você vai saber se alguém gosta ou não, se você não coloca? É como eu falei, a Copa do Mundo veio agora, né, no ano passado e mostrou que: opa, pera aí... Aquela frase de que: ah ninguém gosta de futebol feminino tá errado, porque foi a maior audiência. Acho que ontem eu tava até no Twitter, se eu não me engano, e vi alguns dados, né, que a FIFA soltou sobre a modalidade, né. Que trouxe de renda pro país, né, lá pra França fez subir, fez subir não sei quantos por cento do PIB do país, sabe? Foi como eu falei, foi a mais vista no mundo inteiro, a Globo colocou o jogo do Brasil em rede nacional, muitas pessoas assistiram, milhões e milhões de pessoas assistiram. Então assim, entra nessa questão realmente, como você vai saber que: ah ninguém gosta, ninguém vê, se você não coloca, né, como que vai ser? Então acho que isso muito se vê, nessa questão de que fica um pouco até contraditório esse argumento das pessoas, né. É, porque realmente, como eu falei, as coisas tem mudado, né. A Band transmitindo os jogos, pô, é um dos horários que mais dá audiência pra emissora, sabe? Se eu não me engano, no passado também na final do Brasileiro superou a audiência até do Masterchef, se eu não me engano, que é o que mais dá audiência, né. Ano passado a final do Paulista 2019, a Arena lotou, a Arena do Corinthians, né. Então assim, dizer que não tem gente que não gosta de futebol feminino, a pessoa hoje, felizmente, ela tá errada porque as coisas têm mudado. Então assim, como eu falei, o futebol feminino, graças a Deus, tá virando um produto hoje que as pessoas estão começando, né, a fazer com que a modalidade cresça.

Carolina: Voltando pro Dibradoras, você falou que elas fazem um trabalho bacana ali. Eu queria saber se você, como mulher negra, mulher atleta, se você

se sente representada pelo tipo de jornalismo que elas fazem. E como você descreveria esse tipo de jornalismo que elas fazem, na sua opinião, o que seria.

Ary: Sim, eu me sinto sim representada, muito bem representada por elas. Acho que, como eu falei, elas fazem um trabalho fantástico. E como eu diria que me sinto representada... no jornalismo?

Carolina: É, como você descreveria o que elas fazem? Então a gente tem, por exemplo, um jornalismo esportivo mais normal ali da BAND, da Globo. Elas trazem um jornalismo diferente, né, sobre os esportes e sobre o que é tratado. Então, por exemplo, elas não ficam só em assuntos, né, mais na superfície, elas vão a fundo em alguns assuntos. Eu queria que você me dissesse como que você enxerga isso, como você descreveria esse tipo de jornalismo que elas fazem.

Ary: Entendi, agora eu entendi sua pergunta. Eu acho que eu gosto muito do tipo de jornalismo que elas fazem, me sinto representada muito, porque você falou, elas não ficam apenas só nessa parte de noticiar, né, sobre o futebol feminino. Não é só de falar sobre os gols, sobre, né, enfim... sobre o mundo. E acho que muito se entra naquela coisa que a gente perguntou, que elas começaram a falar sobre o futebol feminino, entenderam o peso que a modalidade te dá a partir do momento que você começa a falar sobre ela, de que você começa, né... você se vê como uma feminista, você, né, tá ali para lutar contra o machismo, contra outros preconceitos raciais que existem, não só no futebol...

Carolina: Desculpa o barulho, minha gata derrubou tudo... desculpa, te interrompi.

Ary: Tudo bem. Elas entendem muito isso, sabe? Então acho que... já tive até oportunidade de fazer entrevistas pra elas, não falando apenas sobre a Ary jogadora, mas também falando um pouco mais, né, do meu lado humano sobre essas questões, né, de preconceito. Então eu acho isso muito bacana delas porque, como eu falei, elas entendem o peso que a modalidade deu para elas, sabe? Elas conseguem, elas entenderam que o futebol não é só um esporte que tá legal se você

só noticiar os gols. É, as seleções, os campeões e tudo mais, sabe? É isso que eu mais admiro no trabalho delas. E sou muito suspeita, realmente, de falar porque são pessoas incríveis. E, como eu falei, entendem, elas sabem o que é o mundo do futebol feminino e não é à toa que são tão bem reconhecidas hoje dentro da modalidade.

Carolina: Você acha que elas funcionariam assim, né, em alguns momentos como um “canal de denúncia” assim, de diversos problemas relacionados ao futebol feminino? Porque existem muitas matérias que elas fazem...

Ary: Com certeza.

Carolina: ... Sobre questões de salários, né, as condições realmente do futebol feminino. Eu vejo um pouco como um canal de denúncia, eu queria saber sua opinião sobre isso.

Ary: Com certeza. E eu acho que as pessoas, né, as atletas, as pessoas que trabalham com o futebol feminino, quando tem esses casos, se sentem confortáveis de contar pra elas porque sabem, né, confiam no trabalho delas, né, sabem que, pô, elas conhecem a modalidade, né, vão à fundo no assunto, né. É algo que, pô, às vezes você fala: ah, deixa para lá. Elas não. Elas, como você falou, são realmente um canal de denúncia, elas dão visibilidade pra modalidade não apenas nas coisas boas que acontecem, mas também na hora de cobrar, sabe? E acho que muito disso se deve por essa credibilidade que elas têm, né. De como aconteceu nos últimos casos que tem enrolado com dinheiro que foi dado pros clubes, delas realmente indo lá, querendo entrevistar quem tinha que entrevistar, dando voz pra quem tinha que dar voz, sabe? Então nisso eu vejo elas com um papel muito importante, como eu falei, elas entendem realmente qual a necessidade da modalidade, entendem que não é apenas falar sobre dentro de campo, sabe? Então acho isso muito bacana da parte delas, sabe?

Carolina: Pra gente finalizar, não tomar muito o seu tempo... É, bom, eu queria saber o que você entende por empoderamento, a gente fala muito de empoderamento. E eu queria saber se você... a gente falou, né, do Dibradoras

como um canal de denúncia... A gente consegue considerar o Dibradoras como uma ferramenta de empoderamento pra mulheres, né, tanto mulheres já inseridas no futebol profissional ou qualquer tipo de esporte profissional, mas também pra meninas, né, que de repente leem ali as histórias, se interessam pela modalidade. Mesmo que não seja a curto prazo, mas a longo prazo, né. Então dá pra gente dizer que elas funcionam dentro desse contexto de empoderamento?

Ary: O empoderamento acho que entra muito, né, nessa parte da definição que eu dei sobre feminismo. É a mulher finalmente ter voz, se sentir, né, poderosa pra ir lá e falar o que pensa. Porque, como eu falei, a mulher hoje vive numa sociedade em que, né, durante muito tempo as pessoas, não só os homens, mas também as mulheres se sentiam inferiores aos homens, de que eu não posso falar nada, é sempre o meu marido que fala, toda mulher tem que casar e ter filhos, ser dona de casa. E hoje não, né, hoje a mulher ela que é a dona de casa, é ela que bota comida na mesa, ela não precisa ser a pessoa que tem que casar e ter filhos, ela pode fazer, enfim, o que ela quiser hoje. Mas essa questão do empoderamento é isso, é a mulher se sentir livre pra fazer o que ela quer, fazer o que ela pensa. Eu coloco sim o Dibradoras como uma ferramenta com isso, sabe? Como você falou, a partir do momento que elas dão vozes às mulheres, é isso. Elas são, né... E ela se deixam ser usadas, né? Elas deixam, né, que as pessoas venham a elas e falem o que tá acontecendo de errado, que tá acontecendo de certo. E mais ainda, né, pra nossa modalidade, né. Graças a Deus que a gente tem elas, essa é a verdade, porque como eu falei as pessoas hoje no mundo futebol feminino, as atletas, se sentem representadas e se sentem confiantes de usá-las, e confiam no trabalho delas, na verdade pra dar voz. E é legal porque são três mulheres, então fica muito mais fácil quando você tem essa relação. É difícil agora ver jornalistas, né, cobrindo futebol. Então acho que isso também faz muita diferença, né. É diferente quando você conversa de mulher para mulher, nada contra os homens, pelo amor de Deus, mas é diferente. O papo é diferente, sabe? Então acho que isso faz total diferença e por isso que elas são diferentes, né? De ver três mulheres trabalhando ali pra falar da modalidade, pra falar sobre a luta da mulher. Então acho que sim, as pessoas podem se sentir confiantes pra usá-las como uma ferramenta de empoderamento feminino.

Carolina: Ah legal, Ary. Muito obrigada, foi muito bom o nosso papo. Muito bom ver você falar, eu fico muito feliz assim de... eu me sinto representada por atletas como você assim e outras tantas que falam, se posicionam e eu acho muito legal. E é isso então, obrigada pela atenção, boa tarde pra você. Eu vou finalizar...

Ary: Eu que agradeço pelo seu interesse em falar comigo, fico muito feliz realmente. É, espero que fique legal, me manda se você puder. Eu não sei como que funciona tudo, mas você...

Carolina: Eu vou mandar o link pras pessoas depois, pode deixar.

Ary: Tudo bem, obrigado, realmente é um prazer. É super bacana você falar sobre o assunto, né, e abrir pras pessoas, né. Sobre um assunto que é muito importante pra gente, não só pras mulheres, mas ensinando a sociedade. Brigadão mesmo, qualquer coisa que precisar, tem lá o contato do Samuel, só mandar mensagem que a gente acerta tudo direitinho, tá? Beijão, boa tarde.

Fim da entrevista

Entrevista: Renata Mendonça

Referência: Dibradoras

Método: feita por Skype

Data:

Duração: 48 min

Renata: Quer dizer, até tinha, mas no dia seguinte tinha transmissão, sei lá, enfim hoje eu encarei como feriado, mas de manhã tinha sorteio da Olimpíada então foi meio caos. Foi bom que eu desmarquei também, por causa disso, porque foi meio caos. Aí quando acabou a loucura do sorteio, eu falei “ah, vou dar uma corrida”. Deixa só eu mudar, vou mudar minha conexão.

Carolina: Fica tranquila. Vou gravar pelo meu celular também.

Renata: Entrou? Está me ouvindo?

Carolina: Não, estava gravando, agora começou a gravar já pelo Skype. Deixa eu abrir aqui. Na verdade, são perguntas bem mais específicas porque eu estou numa etapa final e...

Renata: Quando foi a última vez que a gente conversou, Carol? Aquela vez... foi no bar, né?

Carolina: Foi 2019, né.

Renata: Foi depois da Copa né, de 2019.

Carolina: Isso. 2019. E aí lá eu ainda não tinha muitas coisas definidas em relação a corps, em relação ao que eu ia analisar de fato, tinha muita coisa que eu estava patinando ainda. Agora já está numa fase mais final, já era para eu ter defendido, na verdade, mas como a pandemia está aí, a gente ganhou uns meses, então a minha defesa vai ficar para julho. Isso foi bom também porque saúde mental zero. Complicado.

Renata: Nossa, a gente atendeu uns TCCs no ano passado que eu falei “gente” e TCC de faculdade, aí tipo assim, eu lembro que era um... projeto, eles estavam

fazendo sobre gritos de torcida, eles queriam falar sobre os gritos homofóbicos, uma linguagem bastante machista, misógina e tal e eram meninos até envolvidos no TCC e a ideia era fazer, não lembro se era de áudio ou de vídeo, mas eles iam gravar várias coisas dentro do estádio. Imagina esse TCC, o que aconteceu com ele.

Carolina: Que dó. É então, teve muita gente da minha sala que a pesquisa foi super afetada, teve que tomar outro caminho porque não tinha como e a gente acabou conseguindo.

Renata: É frustrante, é um negócio que você cria, você pensa, faz a estratégia, o planejamento, nossa.

Carolina: Sim. Mas enfim, eu estou analisando dentro da minha pesquisa o ano de 2018 de vocês que é o ano que vocês começaram ali na UOL, então foi o primeiro ano que vocês foram para lá e eu estou analisando o ano inteiro, fiz um recorte das matérias só de futebol para avaliar quais são os valores-notícias, estipular se tem alguma coisa diferente de outra cobertura esportiva ou não, enfim e chegar realmente nesses valores-notícias específicos da cobertura de vocês e num mapa cultural que vocês utilizam para falar sobre esporte feminino. Aí a gente tem umas etapas, então essa etapa que eu vou me aprofundar mais com você, a gente fala que são os tratamentos dos fatos, então como vocês tratam os fatos que vocês noticiam e aí isso tem a ver com a estrutura da produção, com as fontes, formatos dos textos, então é uma coisa um pouco mais técnica. Então tem alguns tópicos para você comentar, mas pensando em 2018, se você conseguir fazer isso pensando lá em 2018 quando vocês mudaram para a UOL e como era a produção de vocês naquele momento. Então primeiro seria: comentar a estrutura da produção. Então como que era a divisão das pautas, se vocês pensavam numa periodicidade, se vocês tinham cada uma, no caso você e a Renata, você e a Nina ali no caso para... tinha autonomia cada uma, cada uma tocava suas pautas ou tinha um diálogo, como era a troca de vocês que produziam os textos dentro desse período de 2018?

Renata: Então, em 2018 a gente começou em março lá no UOL e como não foi uma coisa planejada, porque na época, eu considero até 2018 o início do projeto, por que

isso? Porque a gente ainda, cada um tinha seu respectivo emprego e a gente ainda não ganhava dinheiro com o Dibradoras, tinha uma coisa ou outra pontual, evento de SESC, que a gente já tinha feito, mas nada considerável que a gente conseguisse pensar “pô, vou sair do meu emprego, vou levar isso daqui mais a sério”. Tanto é que em 2018, eu lembro que na minha cabeça, 2018 era o ano para eu decidir “isso aqui vai dar certo e eu vou conseguir levar a minha vida profissional com isso, então vou sair do meu trabalho” ou a resposta vai ser “isso aqui vai ser uma coisa que eu gosto de fazer, um hobby que eu vou fazer quando dá, mas não vou levar isso profissionalmente”. Eu trabalhava na BBC na época, você lembra como estava o Brasil em 2018, uma grande loucura, então não era muito simples conciliar e a Nina tinha outro emprego também, ela trabalhava na Samsung na época, ela era de assessoria de imprensa. Aí quando veio o UOL, a gente falou “bom, agora a gente tem que...”, a gente já antes do UOL tentava ter uma periodicidade, pelo menos umas três matérias por semana que era o que dava na loucura. Quando veio o UOL, o compromisso lá eram cinco matérias por semana, uma por dia útil, vamos dizer assim, obviamente que se a gente não postasse uma matéria na sexta, mas postasse no sábado, beleza. Era meio que um... e também a gente postava, às vezes, mais, às vezes tinha um amistoso da seleção no domingo e a gente postava uma a mais. O termômetro eram cinco matérias por dia de semana, então isso dava 22 matérias ao longo do mês, 20-22, mas em geral a gente postava um pouquinho mais. Como era a divisão: na maioria das vezes eu fazia, pelo fato de que eu, como sempre trabalhei com Jornalismo, com site, eu tinha muita agilidade para fazer, então eu conseguia fazer coisas mais rápidas e aí vinha, vamos supor, notícia de hoje foi sorteio da Olimpíada, cara, em 15 minutos eu consigo subir essa matéria no ar. Então eu fazia muito isso, às vezes durante o meu trabalho e a Nina fazia coisas mais... acho que se você olhar ali, na época tinha assinatura, né? Nome nas matérias.

Carolina: Tinha.

Renata: Acho que a maioria está com o meu nome.

Carolina: Aham.

Renata: Então a Nina ia fazendo coisas com mais tempo. Uma coisa legal que rolava em 2018 com relação a pautas é que quando... foi justamente quando a gente entrou, então a equipe do UOL que estava lá, os editores, o editor que nos convidou, era um cara muito comprado nessa ideia, ele queria transformar mesmo a forma que o UOL cobria esporte, então a gente tinha uma integração muito legal e aí a gente tinha um editor lá dentro, um editor principal que foi quem nos trouxe, mas um subeditor que estava em contato direto comigo, eu era o ponto de contato e que muitas vezes sugeria matérias, entendeu? “Pô, eu vi isso aqui, o que você acha da gente repercutir”, eu já não vou me lembrar aqui de cabeça das pautas de 2018, mas vira e mexe tinha uma coisa assim “fulano falou tal coisa”, sabe? Eu lembro, por exemplo, uma que marcou muito, porque o que aconteceu: 2018 teve a Copa, a masculina, e eu estive na Copa, eu fui de férias e fui pensando também em já fazer uma cobertura para os Dibradoras, só que antes de eu ir, eu fui no meio de junho, fim de junho, já tinha começado e aí logo no início teve aquela polêmica do vídeo dos brasileiros com a mulher russa. Aí, por exemplo, essa polêmica, foi até num sábado acho, foi num fim de semana antes do Brasil estreiar, acho que o Brasil estreava domingo e isso aconteceu sábado, foi um negócio assim, e aí o editor falou “cara, a gente queria que vocês falassem sobre isso” e aí eu lembro que na época a gente falou “puta cara, acho complexo”, a gente ficou naquela de “putz, mas vamos dar voz para esses babacas, vamos dar espaço para esses babacas” e aí foi um diálogo muito legal, “cara, mas é importante a gente falar”, daí a gente falou “vocês têm que parar de mostrar a cara da mulher, tem que borrar o rosto dela”. E aí teve até uma polêmica porque assim, em algumas matérias, eles colocavam fotos aleatórias para não botar a foto que expunha tanto ela como os caras, eles começaram a botar foto aleatória, só que isso fazia... aleatória tipo Getty, torcida brasileira, sabe? Só que isso é péssimo, porque se você tem um título “Brasileiros que assediaram russa” e a foto é pessoas aleatórias, as pessoas acham que essas pessoas aqui são as pessoas que estão referidas no título. Enfim, isso daí gerou polêmica, porque aí chega em quem? Em quem realmente está na foto, a pessoa fala “caralho, não sou eu, não tenho nada a ver com isso”, enfim, caos. Eu acho que, inclusive, esse episódio ensinou muito de Jornalismo para muita gente ali, porque faz a gente realmente entender o impacto das coisas que a gente faz. Cara, entendo de ter medo de talvez até expor os caras, apesar de que eles mesmos se expuseram dado que eles gravaram uma porra de

um vídeo, mas isso também pode gerar processo dos caras, o que é surreal, porque eles mesmos divulgaram, mas enfim buscando proteger esses caras, você acaba às vezes... “ah, mas está escrito na legenda”, meu filho, não interessa o que está escrito na legenda, está escrito no título, tem a primeira foto, a pessoa automaticamente pensa isso. Então essa matéria que a gente fez sobre o assédio, foi opinativa e tal, essa daí bombou para caralho, foi talvez uma das mais lidas da história que a gente já fez lá e foi um diálogo com os caras, com a editoria, então eu acho que isso era muito legal em 2018 que a gente tinha.

Carolina: Tinha sempre esse diálogo, essa ponte, o tempo inteiro entre vocês para decidir, sugerir, mas sempre quem tomava a decisão final, no caso, eram vocês.

Renata: Era a gente. A gente tinha toda liberdade de falar se a gente não quisesse fazer, assim como a gente sugeriu, eu lembro que eu fiz uma matéria também pensando nesse bagulho dos assédios, conversando com jornalistas mulheres que eu conhecia que estavam na Rússia para falar o que estava sendo de diferente, sabe? A gente até bateu umas fotos, quando eu cheguei lá, a primeira pauta que eu fiz lá foi viajando sozinha. Eu fui com meu namorado, só que no primeiro fim de semana, ele ficou em Moscou e eu viajei sozinha para ir a um jogo da Inglaterra em Misne, numa outra cidade e aí tipo, reservei um hostel, fiz tudo sozinha, fui sozinha, não conhecia ninguém, fui. E eu queria contar um pouco da experiência de viajar na Rússia no meio de uma Copa do Mundo sozinha. Aí foi uma matéria super legal também, fiz amizade, foi bem legal, ainda que sempre com os receios de ser uma mulher sozinha viajando e tal. Mas foi uma pauta que a gente sugeriu, porque quando eu ia para lá, eu conversei bastante com a Nina, com a Angélica, “o que a gente pode fazer, etc.” e algumas coisas foram surgindo lá também, de coisa que a torcida... a gente fez coisa com a torcida brasileira, tipo falar um pouquinho dos gritos, que foi a primeira vez que teve uma torcida entre aspas, organizada, apoiando a seleção, então a gente começou a fazer algumas coisas lá. Foi muito interessante porque acho que foi a primeira Copa que eu já tinha... 2014 eu cobri a Copa no Brasil, mas ainda não tinha esse nível de olhar para um evento como a Copa do Mundo, um olhar vamos dizer assim, feminista, no sentido, não que eu não fosse feminista na época,

mas é porque essa Copa de 2018, eu já tinha um olhar de, assim, esse é um evento que não é para a gente, entre aspas. E está acontecendo num país que definitivamente não quer que as mulheres estejam nesse lugar. E aí é muito louco como você começa a perceber umas coisas... a quantidade de homens, assim, porque eu estava sempre procurando mulheres, eu fiz vários stories, eu estava sempre procurando mulheres e era difícil achar. Era muito difícil. Isso era muito louco, o quanto que você estava num ambiente, parecia redação de Esportes, você olha e só tem homem, homem, homem, é só homem. E é um ambiente que acaba sendo realmente muito hostil, porque eram muitos homens bebendo e consumindo drogas, enfim. E quando você olha para a Copa Feminina, nossa, é absolutamente diferente. Eu lembro que a primeira noite que eu passei em Moscou, a gente foi naquela rua das luzinhas, onde estava todo mundo, onde todo mundo ia beber e ficava a noite inteira, e eu lembro que eu vi uma cena, achei assim, o retrato do homem hétero: eram uns brasileiros e aí era uma mulher russa e aí o cara caiu na... tipo assim, os caras estavam tentando... aquela coisa, um monte de homem com uma mulher, tentando pegar a mulher e aí o cara... ela falou alguma coisa assim... o cara estava com a camisa do Brasil, da Copa oficial, escrito Neymar atrás. Essa camiseta, eu sei porque eu comprei uma antes de ir para a Copa, fiz essa cagada, era 300 reais, tá ligado? Porque ele ainda escreveu 10 e Neymar, então isso aí era caro para botar também. Graças a Deus na minha eu botei Gabriel Jesus. Aí cara, a menina falou assim, “se você me der essa camiseta, eu te dou um beijo”. E estava meio frio à noite. O cara babaca deu a camiseta para a menina, a menina saiu fora. Eu falei “cara, isso é o retrato do homem imbecil”.

Carolina: Não, tem que ser brasileiro, aquelas, tem que ser brasileiro, gente.

Renata: Juro. Mas enfim, era isso, sobre a divisão: eu que fazia mais matérias, sobre pautas era bem menos organizado. Lógico, a gente planejava, Copa do Mundo, planejamos muita coisa, mas boa parte das coisas, principalmente de dia a dia...

Carolina: Era mais o que ia surgindo no dia a dia mesmo.

Renata: Exatamente.

Carolina: Você comentou sobre as fotos, eu percebi que várias matérias de vocês trazem fotos de arquivo pessoal, tem algumas fotos de vocês na arquibancada, de vocês crianças. Eu queria saber se você acha que esse tipo de abordagem, trazer essas fotos mais pessoais, de alguma forma, pode aproximar do público que está lendo ali, pode trazer uma certa... como se fala... criar uma identidade, criar uma conexão diferente e se é algo que vocês chegavam a pensar “ah, seria bacana trazer” ou era uma coisa que a pauta pedia e vocês estipulavam isso de alguma forma?

Renata: Eu acho que tem casos e casos, assim. Eu acho que para o nosso trabalho em geral e até para o trabalho que a gente começou a levar no UOL, envolvia muito uma percepção de que a gente mesmo estava descobrindo das coisas, eu acho que eu te falei da outra vez, a gente foi descobrindo, ao mesmo tempo que a gente trabalhava por isso, pelo espaço da mulher no esporte, a gente ao mesmo tempo foi meio que tirando a venda dos nossos olhos, que a sociedade coloca nos seus olhos para começar a enxergar o tanto de problemas que no esporte são vistos como natural. Tudo é natural. Então em muitas ocasiões, tanto no UOL quanto nas nossas redes sociais, a gente trazia as nossas experiências pessoais porque eu acho que as pessoas conseguem se identificar mais quando você traz uma experiência pessoal e eu acho que não dá para a gente ignorar que a gente foi criada assim, que a gente foi criada assim, que eu por 25, 26 anos da minha vida consumi esporte sem notar que não tinha mulher transmitindo, jogando, que eu não via mulheres nesse meio. Eu não notava isso. Então, para mim é importante, para o nosso trabalho é importante a gente trazer essas experiências porque isso faz com que as pessoas que estão vendo, elas tenham a mesma descoberta que a gente, sabe? Porque não adianta você ignorar, “não, acabou, o mundo tem que ser outro”, não, o mundo não vai mudar de um dia para o outro. Se você sempre aprendeu isso, viu isso, reproduziu isso, não é do dia para a noite que todo mundo vai acordar e falar assim “nossa, é verdade, tem que ter mulher no esporte”. Então a gente usava muito as nossas experiências pessoais para mostrar para as pessoas “você acha que faz sentido ligar a televisão e ver só homens?”. Tem um post que eu falo da minha história no futebol, do meu pai não ter me levado no estádio e tal, eu ponho uma foto, eu lembro que

tem uma foto de quando eu levei meus pais para o estádio e tal. Então assim, eu acho que com essa experiência pessoal as pessoas vão olhar e falar “caraca, verdade, talvez se eu tivesse uma filha também não teria levado ela para o estádio e agora eu estou percebendo”, então acho que ajuda. Essa coisa não é nem só pela conexão pessoal com a gente, acho que é conexão com a causa, entendeu? É meio que pela nossa experiência, fazer as pessoas se conectarem com a causa e falar assim “caramba, é verdade, não deveria ser assim”. Acho que é essa conexão que a gente tenta estabelecer.

Carolina: Tá. E pensando sobre as fontes, eu queria que você comentasse, como era em 2018 ali, como era o contato com as fontes que vocês traziam nos textos, então as atletas, jornalistas, como foi construída essa relação, se você vê a construção de uma relação mesmo de ajuda, eu falo, ali no início, principalmente pensando no futebol? Estou focando no futebol, então pensando nas fontes, nas personagens ali do futebol, mas não só, mas pensando como foi construída essa relação com as fontes e com as personagens que vocês traziam.

Renata: Então, eu acho isso muito, uma das partes mais legais do nosso trabalho porque aconteceu de uma maneira natural, mas o que ele rendeu é realmente admirável, porque o fato da gente trabalhar muito, falar muito tanto de futebol feminino quanto de jornalistas, e a gente trazer a questão de não ter mulheres na cobertura esportiva e etc., isso nos aproximou tanto de jogadoras, enfim, de quem trabalhava com o futebol, seja jogadora, técnica, quem estava no meio do futebol feminino quanto de jornalistas, né. Mulheres que a gente não conhecia, nunca tinha visto, falado, mas que via redes sociais, a gente se aproximava, porque a gente tipo, exaltava o trabalho de uma ou de outra, etc., e isso gerou conexões que a gente, sabe, tem até hoje. Por exemplo, não estou nem de 2018, estou falando lá de 2015, quando a gente começou o podcast, eu nem lembro como a Juliana Lisboa, é uma menina da Bahia, eu nem lembro, ela ouvia nosso podcast, não sei como ela entrou em contato, não sei se foi via comentário no podcast, não lembro, se foi Twitter, eu sei que ela se aproximou, daí ela fez algumas participações no podcast mandando áudio e falando sei lá o que do futebol feminino da Bahia. Nem lembro qual foi o

primeiro assunto, sei que durante o Pan, ela também tinha feito uma matéria, ela trabalhava num jornal à tarde, ela tinha feito uma matéria sobre sei lá o que, mandou um áudio para o podcast, enfim. Isso gerou uma aproximação... aí encontrei ela pessoalmente uma vez na minha vida, que foi em 2016, por acaso, porque ela estava na Olimpíada e eu fui fazer um bagulho do remo e ela estava lá e ela falou “Renata!” e eu falei “nossa” e assim, eu me considero muito próxima dela, a gente ficou muito próxima e ela colaborou para a gente em vários trabalhos e etc. E cara, uma loucura, nunca vi. Manuela Avena, que era narradora, fez processo da Fox de narração, fiz matéria com ela na época e tal. Isso foi em 2018, porque ela era das narradoras. Hoje, eu falo com ela no WhatsApp direto, assim, ela me ajuda bastante com material sobre o Bahia e tal. A Renata Silveira, quando ela começou no SporTV, eu me senti, assim, amiga de anos, porque eu falava com ela em 2018 e tudo isso é via internet. A Isabelly Moraes, a Isabelly Moraes, quando narrou a primeira vez foi em 2017, a gente se conheceu, pegou contato e tal. E essas mulheres, elas ficaram muito próximas e também ao mesmo tempo fortaleceram o nosso trabalho muito porque... talvez a gente nesse sentido, tenha sido um... não sei se dá para dizer pioneira, mas assim, por ter sido um dos primeiros veículos a olhar para as mulheres que estavam fazendo aquele trabalho e exaltar esses trabalhos, porque a gente vê homens exaltando o trabalho dos homens o tempo inteiro e a gente nunca vê ninguém referenciando o trabalho de mulheres, “ah o trabalho da fulana, o trabalho da cicrana”, “olha o trabalho da fulana” e a gente começou a fazer isso no Dibradoras, por parte do nosso trabalho porque a gente está aqui para contar, mostrar mesmo, “tem mulheres fazendo isso e aquilo”. Isso gerou uma relação muito legal com elas, porque eu acho até que mudou um pouco a forma como as mulheres se veem no meio, ajudou muitas delas a perceberem que se a gente não estiver juntas, a gente não vai a lugar nenhum. Então eu acho que isso foi essencial. Também não foi pensado, nada disso foi pensado, mas aconteceu e hoje eu, assim, poxa, eu vejo o quanto isso... isso é uma das coisas mais legais que eu tenho para a minha vida, assim, pessoal mesmo, porque eu até hoje tenho muitos contatos, muita gente. A Julia Guimarães que é repórter no SporTV, também nunca tinha visto na vida, narrou na Rússia, encontrei ela lá e ela tinha sofrido o assédio né, que viralizou o vídeo e a gente repercutiu isso e etc., isso chegou até ela, ela não sabia quem eu era. Eu encontrei ela na saída de um jogo, ela estava fazendo um ao vivo, eu esperei e falei

“Julia, sou Renata do Dibradoras”, ela “nossa, não sei o que”. E é muito louco, por que quem é você? Ela não sabe que sou eu, nunca viu na vida. Mas a gente estabelece essa conexão e aí é aquilo que eu falo do identificar, você identifica na outra uma igual e a partir do momento que você vê que a gente está junta, é onde a gente pode crescer junta. Então acho que nesse sentido, com as jogadoras a mesma coisa, porque poucas delas tinham qualquer atenção, né, qualquer, qualquer holofote, não tinha ninguém contando a história delas, querendo contar a história delas. Então a partir do momento que a gente surge para isso, elas ficam super lisonjeadas e aí a gente estabelece uma relação próxima, que também a gente não deixa atrapalhar na relação profissional, mas é muito legal, porque eu vou cobrir, fui cobrir treino de seleção que a Cris chegou e me deu oi, então assim, é lógico que é legal e que também profissionalmente te traz benefícios no sentido de que as pessoas vão falar com você. Zona mista, isso era claro, assim, zona mista da Copa, não tinha uma que não ia falar com a gente, entendeu? Então isso é legal, porque elas sabem que a gente está acompanhando há muito tempo, que a gente está fazendo um trabalho sério há muito tempo. Eu acho que isso a gente construiu ao longo do tempo, dos anos.

Carolina: E pensando em clubes menores, eu entrevistei algumas pessoas e eu lembro que eu entrevistei a Ari Borges e ela comentou, falou de uma matéria que saiu, eu acho que foi um time do Vitória que estava sem receber salário, foi mais recente e aí ela comentou que ela achava que Dibradoras também virou, como se fosse um canal de... um canal de denúncia, de algumas coisas que não são vistas na mídia. Eu queria saber se você tem essa opinião também, se vocês se veem como esse canal de denúncia no sentido do que você falou, de muitas coisas que passam despercebidas ou não chegam a ser noticiadas, sabe?

Renata: Ah, com certeza! Com certeza. Direto a gente recebe via rede social... por exemplo, no ano passado que teve o lance da pandemia e a CBF deu ajuda para os clubes, a gente foi o primeiro veículo a noticiar que um dos times não estava repassando o dinheiro. Isso foi porque atletas vieram procurar a gente. Então acho que tem muito isso, porque elas, primeiro confiam, veem um trabalho de um veículo

que leva o futebol feminino a sério e que não faz também o bagulho, tipo uma notícia a cada... sabe? Só para ser sensacionalista, “ah deixa eu fazer um barulho com isso aqui, 29 a zero”, sabe? Então eu acho que elas enxergam na gente um veículo que está sempre olhando para elas e aí gera também importância, porque de uma certa forma, a gente ganhou uma relevância que... o presidente da CBF atende a gente, ele está preocupado com o que a gente fala e isso é importante. É importante porque a gente incomoda, então quando sai num veículo como o Dibradoras, elas sabem que vai repercutir, que vai gerar um barulho que é o que precisa acontecer nesses momentos de caos e que a gente meio que vai estar sempre meio aberta a ouvir, que talvez quando “porra, vai chegar num veículo enorme”... porque a gente também sabe como é um veículo grande, você tem um milhão de coisas para fazer e você não está olhando só para isso.

Carolina: Sim. Pensando no público, queria saber, em 2018 vocês tinham, vocês escreviam para alguém, vocês tinham essa visão “para quem estamos escrevendo” ou foi algo que vocês também descobriram e vocês ainda continuam descobrindo, no caso? E queria saber se você tem, assim, que você falasse um pouco sobre feedback de público.

Renata: Do UOL ou de tudo?

Carolina: Pensando, a gente pode pensar no UOL.

Renata: Tá, porque o público do UOL é diferente do nosso público geral. Nas nossas redes sociais a gente fala, em geral, 65% para mulheres, 35% para homens. No UOL era bem diferente, mas por isso também a gente enxergava uma importância muito grande no trabalho que a gente fez lá a partir de 2018, porque não adianta, se você quer mudar alguma coisa, não adianta você falar com quem já concorda com você. Não que não seja necessário, você tem que falar para quem endosse sua voz, mas você precisa falar com quem discorda de você para que você tente fazer com que essas pessoas enxerguem essas coisas de outra forma, então eu acho que no UOL era interessante isso, assim, nos comentários às vezes a gente levava muita pedrada, mas a gente entendia o nosso papel ali. Era justamente, provavelmente a

maioria das pessoas que estavam lendo aquilo não... ou nunca tinham pensado sobre aquilo ou não concordavam, estavam entrando naquela matéria para escrever num comentário “futebol feminino é chato”, o que também tinha muito. Mas é também necessário, era importante para a gente naquele momento estar num veículo grande que a maioria do público ali não era quem queria ouvir o que a gente estava falando, porque às vezes você precisa falar para justamente quem não quer ouvir. Acho que era isso que a gente sentia lá, porque nas nossas outras redes, é outra recepção, era outra comunicação, engajamento, era outra coisa, mas também era importante, era bem importante. Até porque, imagina durante a Copa, então a gente... a Copa era um assunto que estava todo mundo falando e a gente trazia uma outra visão, que os caras que estavam dentro do UOL não iam consumir nas outras matérias, então acho que era importantíssimo isso, porque você estava falando com o público que estava ali lendo um monte de coisa que de repente não tinha parado para pensar naquilo. Então acho que foi importante nesse sentido.

Carolina: Aham. Agora a última pergunta, na verdade, último tópico, pensando em formatos dos textos, você comentou agora, falar para quem desconhece o assunto ou não concorda, para transformar essa ideia e nos textos existe muito posicionamento de vocês, então eu queria saber se era uma preocupação se posicionar, deixar claro ali o posicionamento em relação ao esporte feminino, às mulheres no esporte ou se vocês pensavam, assim, surgia na escrita, surgia na hora de conceber o texto, na hora de pensar a pauta ou vocês já iam com aquele posicionamento meio pronto e... acho que é isso.

Renata: Acho que tem pautas e pautas, mas o nosso blog ali, ele nasce com a premissa de uma opinião pela mulher no esporte. Até porque nenhum blog dentro do UOL está fazendo, é diferente o conteúdo que você vê nas notícias do UOL e nos blogs, então assim, já partia da premissa que ali tem opinião, tem opinião porque é um blog e a gente está ali no espaço para falar de mulher no esporte, isso não é noticiar. É noticiar também, mas a gente sempre ia ter... tanto é que tem vezes que, sei lá, a gente ia noticiar... o próprio bagulho das narradoras, “Fox faz concurso de narradoras”, sei lá, a gente sempre trazia dentro desse texto qual era a importância disso, porque a notícia você lê em qualquer lugar, mas no nosso blog, o que a gente

estava tentando fazer era mostrar a importância da participação da mulher no esporte e isso permeava todas as nossas pautas, absolutamente todas; desde as essencialmente opinativas com o por exemplo, se tinha alguma coisa, que nem a matéria do assédio na Copa, isso era essencialmente opinativo, a gente está dando opinião sobre o que aconteceu, essa é essencialmente opinativa, mas as que não eram essencialmente opinativas também sempre eram permeadas sobre esse conceito de que a gente aqui está defendendo a participação da mulher no esporte e uma preocupação que sim, a gente sempre teve, é sobre ser bastante e às vezes excessivamente didáticas. Porque aí vem naquilo que eu te falei no início, a gente tem que partir do pressuposto que as pessoas não concordam, não foram criadas assim e não pensam assim, como a gente não pensava e a gente não muda a cabeça das pessoas sendo... falando “você é um imbecil porque você pensa assim”. Eu sou uma pessoa muito favorável a diálogo, a argumentação, eu acho que sim é necessário, “ah cansa”, puta cansa. Nos primeiros textos, beleza, vamos opinar aqui sobre o fulano que disse merda, hoje eu já não aguento mais, eu não quero escrever sobre o cara que falou que lugar de mulher é na cozinha, puta, eu não aguento mais falar disso, só que por outro lado, eu acho que é importante. Eu acho que eu tenho que falar porque a frase do Renato Gaúcho da historinha da posse de bola é machista, porque não devia ser falada. Infelizmente eu vou ter que falar por muito tempo para que um dia alguma mulher, a minha tataraneta não precise falar, entendeu? Hoje eu preciso falar. Eu acho que a gente não pode abrir mão disso, infelizmente, senão a gente não muda nada. Se a gente quiser impor as coisas, não muda, não muda porque não é assim, as pessoas cresceram, a gente cresceu assim, a gente precisa... para mim, a gente ganha muito mais quando a gente traz as pessoas junto com a gente e eu sei que a gente não vai trazer todo mundo, eu sei que não vai ser 100% das pessoas que vão ser convencidas, mas eu acho que dá para convencer uns 80%. Aí fica mais fácil deixar os 20% falando sozinho, enquanto a gente não tiver 80% falando o contrário, a gente vai aonde, entendeu? Eu acho que às vezes a gente vê assim “puta, que saco”, concordo. Falo muito da questão... imagina para as pessoas negras, cara, que inferno que é essa vida, mas o que eles vão fazer, vão acabar com os brancos? Não dá. Você tem que dialogar, você não vai viver num mundo só com negros, nós mulheres não vamos viver num mundo só com mulheres, entendeu? E olha que tem um monte de mulher que pensa da mesma

maneira que os homens, porque a gente foi criada assim. Então essa preocupação nos nossos textos de ser didática, de tentar mostrar, “você sempre pensou assim, mas veja por esse outro lado”, foi uma coisa que a gente sempre teve, sempre teve.

Carolina: Em relação a palavras específicas, lógico que a gente tem esse cuidado com o pensamento no geral, mas vocês tinham alguns combinados, tem ainda, não sei, de tomar cuidado com algumas palavras que a gente às vezes costuma escrever, alguns termos, que vocês, de repente, demoraram para enxergar que eram machistas e hoje veem de outra forma? Ou é algo pessoal, do texto de cada uma.

Renata: Não entendi. Por exemplo? Você tem algum exemplo?

Carolina: Não. Estou pensando aqui. Mas assim, coisas que a gente está acostumada com termos de esporte, por exemplo, alguns termos em textos de esporte, mas que a gente pode trazer de outra... por exemplo, a gente usa muito para falar das mulheres, das jogadoras usa muito “menina”, vocês veem esse termo como algo que infantiliza, tem essa preocupação ou não?

Renata: Eu acho que algumas coisas sim, outras coisas menos. Sim, eu acho que tem um ponto, eu acho que o lance de meninas, às vezes a gente fala, a gente tenta evitar, mas eu não... tem algumas... por exemplo, isso, o lance de futebol feminino, tem muita gente que fala “não”... e eu concordo plenamente, acho que é futebol de mulheres, só que assim... tanto é que a gente, quando vai escrever Copa do Mundo, a gente não escreve Copa do Mundo de Futebol Feminino, a gente escreve Copa do Mundo Feminina. Algumas coisas, então Seleção Brasileira de Futebol Feminino não, Seleção Brasileira Feminina, então sim, algumas coisas a gente tem sim esse cuidado. Eu não acho que a nossa luta nesse momento, 21 de abril de 2021, deva ser para não se utilizar a palavra futebol feminino. Eu acho que tem outras coisas mais importantes do que isso, então eu entendo e concordo com as pessoas que defendem que não dá mais para usar esse termo, mas eu não acho que esse é o maior problema, entendeu? Então eventualmente você vai ver nos nossos textos, porque às vezes... eu acho que fica também maçante quando você... eu acho que

tem umas coisas... sabe aquelas palavras que viram... não é vício, sabe você olha para aquela palavra, tipo “a militante de não sei o que” e eu acho que as pessoas criam uma aversão a isso, entendeu? No fim eu não acho isso legal, porque isso limita a sua comunicação, porque aí a pessoa que olha para essa palavra, “putz, já não vou ler isso aqui”. E não estou criticando quem faz essas coisas, eu acho que tudo... só que eu acho que para uma comunicação mais efetiva, a gente sim precisa pensar na maneira como a gente vai se comunicar e eu não quero que as pessoas leiam o primeiro parágrafo e falem “puta, que saco esse discurso”, entendeu? Então eu acho que quando você fica lendo “futebol de mulheres”, às vezes você fica “ah, olha lá”, sabe? Então você pode ver nos textos que eventualmente falo futebol feminino, porque é isso, assim, cara é natural você fazer. Eu acho que muitas vezes a gente fala futebol masculino, por exemplo, porque a gente está diferenciando, você está mostrando, é o futebol feminino das Olimpíadas e é o futebol masculino das Olimpíadas. Mas eu não vejo isso como uma grande prioridade, acho que tem um monte de coisa que tem que vir na frente antes da gente defender o fim da palavra, expressão futebol feminino. E aí um outro cuidado que a gente tem às vezes com relação a vocabulário e a gente tinha especialmente no UOL era essas palavras... isso era uma prática que eu adotava dentro da BBC quando eu escrevia muita, muita pauta de mulheres na BBC e eu evitava colocar femininos no título, feminista no título, muito nessa lógica de que quantas pessoas vão deixar de ler por que tem essa palavra? E são normalmente as pessoas que mais precisam ler.

Carolina: Por mais que haja posicionamento, para você se posicionar, não precisa ser dessa forma para não causar essa rejeição.

Renata: Você pode escolher melhor as palavras, exatamente.

Carolina: Entendi. Por fim, eu queria que você me falasse um pouquinho, não é parte da entrevista aqui, mas é mais porque eu acho que vai ser legal trazer na conclusão da tese e tudo mais. Vocês estão vivendo um novo momento agora com o site e tudo mais, eu queria que você comentasse um pouco sobre mudanças, assim, que você percebeu em relação ao início, que você coloca como início 2018, o início do projeto e agora... seja de posicionamento, seja em

relação a produção, seja em relação aos projetos atuais e tudo mais, que mudanças você pode pontuar de importante?

Renata: Então, eu acho que a gente, a nossa participação dentro do UOL foi essencial para a gente conseguir falar para mais gente, para a gente estar num veículo relevante. Isso traz automaticamente relevância, não é qualquer um que está dentro do UOL... se bem que hoje em dia... brincadeira, mas o fato de estar dentro de um grande veículo, a pessoa olha e fala “nossa”, traz relevância. E isso ajudou a gente a se constituir, sei lá se essa é a palavra, mas como uma referência no assunto. Se não fosse o nosso trabalho dentro do UOL, a gente não seria visto como a gente é visto hoje, como referência na temática mulher no esporte, futebol feminino. Outro dia eu estava conversando com o Jader Rocha, narrador do SporTV, ele falou assim “para estudar para a Copa de 2019, tudo o que eu consumi veio de vocês. Tudo. Tudo o que eu precisava de informação, eu encontrei com vocês, no blog, nas redes sociais de vocês”. E como que ele descobriu a gente? Via UOL. Então isso foi essencial. O que a gente vive hoje, é que assim, a gente já está num patamar de ser referência, eu acho que as pessoas já olham para o nosso trabalho, tanto os colegas de imprensa quanto as pessoas como uma referência, falou em futebol feminino, Dibradoras; falou em mulher no esporte, o Dibradoras. Então a gente precisava, porque a gente não estava mais encontrando dentro do UOL esse espaço para reverberar o que a gente falava... porque antes, com a equipe que o UOL tinha quando nos trouxe, a gente tinha muito espaço, a gente tinha home, a gente estava falando para a gente; hoje a gente estava escondido, porque por uma série de fatores que eles mudaram, as pessoas, enfim a forma de enxergar o nosso conteúdo, a gente estava escondido. Então para a gente já não fazia mais sentido, porque se a gente já se transformou em referência, o que a gente precisava dentro do UOL era justamente a visibilidade e eles não estavam nos dando essa visibilidade. Aí era uma coisa que a gente já pensava há algum tempo, então a gente falou “poxa, hoje a gente já tem um tamanho para as pessoas olharem e falarem ‘caralho, elas estão com um site’”, entendeu? É muito diferente. A gente já teve um site, entre aspas, dentro do UOL a gente tinha um WordPress lá que também era um site. Só que primeiro que a gente encarava o negócio de uma outra forma, então a gente escrevia menos e as pessoas também não enxergavam a gente daquela maneira, da maneira

como enxergam hoje. Mas foi aquele pontapé inicial que fez alguns dos nossos textos viralizarem, chamou a atenção do UOL. Então tudo fez parte da construção para a gente chegar no momento de hoje. Hoje eu acho que a gente é referência no assunto, pelo que eu ouço das pessoas, então eu acho que as pessoas enxergam a gente como isso e aí ter um site onde as pessoas consigam encontrar absolutamente tudo o que a gente faz, onde as pessoas consigam digitar no Google “dibradoras”, elas entram no nosso site, “o que é isso”, elas conseguem ter resposta do que é e dentro do blog do UOL a gente não tinha, porque era um blog. Então você entrava lá, você tinha um texto, aí beleza, você ia ver os outros textos lá embaixo e tal, mas você não tinha... “o que é isso aqui”, tinha um resumo lá e tal. Hoje, no nosso site, você consegue descobrir tudo o que a gente faz. Não só as notícias, como você tem as redes sociais, tem tudo, obviamente tem o “sobre nós”, mas assim, você consegue entender muito melhor o que a gente faz. Eu acho que isso era o que a gente precisava para esse momento mais maduro do projeto.

Carolina: Tá, beleza. Obrigadão. Boa sorte aí. Adorei o site. Parabéns.

Fim da entrevista